
FRANK PERETTI
ESTE MUNDO
TENEBROSO
II
Vida

Frank Peretti

Este Mundo Tenebroso

Parte 2

Título original: Piercing the Darkness
Tradução: Wanda Assumpção
Editora Vida
3ª Impressão: Agosto/1992

Contracapa

Este Mundo Tenebroso – Parte 2 conta a história de uma das maiores batalhas espirituais já travadas pelos anjos de Deus contra os principados e potestades deste mundo tenebroso. O episódio tem seu início sob o céu e entre os habitantes da cidadezinha de Bascon, propagando-se em seguida por outros lugares.

Essa tremenda batalha, durante a qual o Reino da luz luta contra o Reino das trevas, envolve Sally Roe, jovem, solitária e fracassada, que subitamente torna-se vítima de uma trama maligna que tem como objetivo assassiná-la e fechar uma escola cristã.

No vasto panorama de ações emocionantes, as experiências vividas por Sally traçam um quadro real de nossa época, um reflexo dos nossos fracassos, e uma vívida proclamação do poder vitorioso e redentor da cruz.

Frank Peretti é o destacado autor de *Este Mundo Tenebroso* e *Tilly*, ambos publicados pela Editora Vida. Ele e sua esposa Bárbara residem nos Estados Unidos.

A Gene e Joyce,
papai e mamãe,
pela herança que me deram e
pelo constante encorajamento.

"A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela."

João 1:5

1

Poderia ter começado em qualquer cidade. Baskon não era nada especial, apenas uma dessas cidadezinhas rurais afastada da rodovia interestadual, nada mais do que um pontinho vazio no mapa rodoviário, com indicadores de saídas que ofereciam gasolina, nenhuma acomodação, talvez algum alimento se o lugar estivesse aberto, e pouca coisa mais.

Mas começou em Baskon.

Era uma noite normal de terça-feira. O dia de trabalho havia chegado ao fim, o jantar estava pronto na maioria das casas, as lojas fechavam-se, o botequim se enchia. Todos os empregados da Fábrica de Portas Bergen haviam batido o ponto de saída, e o guarda-noturno examinava as fechaduras. O filho do Sr. Myers recolhia na Casa Myers de Sementes e de Agricultura todos os cortadores de grama e as enxadas rotativas. As luzes piscavam pela última vez na mercearia local. Dois senhores aposentados, sentados em frente da barbearia, passavam suas horas ociosas.

Os campos e sítios bem em frente à estrada de Toe Springs-Claytonville tornavam-se mais quentes e verdes a cada dia, e agora a brisa vespertina trazia os odores próprios de meados de abril — flores de macieiras e cerejeiras, terra arada, um pouco de lama, algum gado, um pouco de estéreo.

Era uma noite normal de terça-feira. Ninguém esperava nada extraordinário. Ninguém viu ou ouviu coisa alguma. Nem poderia.

Mas o rebuliço começou atrás de uma sombria casinha de aluguel logo ao sul da sede do sítio de Fred Potter — um adejar, um alvoroço, uma confusão, e depois um brado, um guincho comprido, sinistro, um lamento ecoante, lacrimoso, que penetrou desabalado a floresta como um apito de trem percorre a cidade, alto, abafado, movendo-se por aqui e por ali através das árvores como um animal caçado; a seguir o brilho de uma luz, uma bola de fogo piscando e ardendo através da floresta, movendo-se com velocidade ofuscante, logo atrás daquela sirene, quase em cima dela.

Mais gritos e berros, mais luzes relampejantes! De súbito, a floresta se encheu delas.

A floresta findava abruptamente onde o Laticínio Amhurst começava. A caçada saiu a campo aberto.

O primeiro a sair foi um inseto, um morcego, uma coisa negra, olhos saltados, as asas escuras rodando, o hálito despejando para fora como uma longa fita amarela. Ele simplesmente não conseguia voar com rapidez suficiente, mas arranhava o ar com os braços fininhos e compridos, desesperado em busca de velocidade, e berrando em pânico total.

Logo atrás dele, muito perto, perigosamente perto, o próprio sol explodiu para fora da floresta, um cometa brilhante, com asas de fogo traçando uma trilha reluzente e uma espada de relâmpago estirada em maciças mãos de bronze.

A coisa negra e o cometa arremeteram ao céu sobre Baskon, ziguezagueando, atirando-se para cá e para lá como desenfreados fogos de artifício.

Então a floresta, como uma fila de canhões, vomitou mais das horrendas criaturas, pelo menos vinte, cada qual fugindo em puro pânico, com um vulto ofuscante e flamejante a persegui-las tenazmente, espalhando-se em todas as direções como louca chuva de meteoros em reverso.

O primeiro demônio chegava ao fim de seus truques e manobras; já podia sentir o calor da lâmina do guerreiro nos calcanhares.

Com violência, ele proferiu por sobre o ombro:

— Não, volte, já estou indo!

A lâmina chamejante cortou um arco através do ar. O demônio rebateu-a com a sua e o golpe o fez sair rodopiando. Ele corrigiu com as asas, voltou-se e enfrentou o atacante, berrando, xingando, aparando golpe após golpe, fitando os olhos ardentes de mais poder, mais glória, mais santidade que jamais havia temido antes. E podia ver naqueles olhos que o guerreiro jamais retrocederia. Jamais.

O demônio murchou antes mesmo que a lâmina desse o último golpe; deslizou da terra, do mundo da humanidade, para dentro das trevas exteriores, sumindo num tufo revoluteante de fumaça rubra.

O guerreiro voltou-se e ganhou maiores alturas, revolvendo sua longa espada acima da cabeça, traçando um círculo de luz. Ele ardia com o calor da batalha, o fervor da retidão.

O mesmo fervor consumia seus companheiros, que derrubavam demônios do céu como insetos pútridos, abatendo-os com fortes espadas, perseguindo-os obstinadamente, sem dar ouvidos a nenhum apelo.

À direita, um espírito comprido, coleante, lançou mais um golpe violento ao seu assaltante celestial antes de crispar-se fortemente em agonia e desaparecer.

À esquerda, um diabrete fanfarrão, gabola, maldizia e provocava seu oponente, enchendo o ar com blasfêmias. Era rápido e confiante, e começava a achar que poderia prevalecer. A cabeça rodopiante deixou-lhe o corpo enquanto a risada orgulhosa ainda lhe retorcia a cara, e então ele desapareceu.

Havia sobrado um. Esse rodopiava, revirando sobre uma asa boa.

— Irei embora, irei embora — rogou ele.

— Seu nome? — ordenou o anjo.

— Desespero.

O guerreiro mandou o demônio pelos ares com a parte chata de sua lâmina, e ele fugiu, se foi, porém ainda capaz de operar maldade.

E então terminou. Os demônios se haviam ido. Mas não cedo o bastante.

— Ela está bem? — perguntou Natã, o árabe, embainhando a espada.

Armoth, o africano, havia verificado. — Está viva, se é isso o que você quer saber.

O poderoso polinésio, Mota, acrescentou: — Ferida e assustada. Ela quer ir embora. Não esperara.

— E agora Desespero está livre para atormentá-la — disse Signa, o oriental.

Armoth replicou: — Então a coisa começou, e não haverá como detê-la.

***

Sally Roe, caída na grama, agarrava o pescoço, arquejante, inspirando longas, deliberadas golfadas de ar, tentando desanuviar a cabeça, tentando pensar. Uma esfoladura formava um vergão que se erguia em seu pescoço; a blusa xadrez se ia avermelhando como resultado de um ferimento no ombro. Ela não parava de olhar na direção do cercado das cabras, mas nada se movia lá. Não havia sinal de vida, nada sobrara para feri-la.

Tenho de ir embora. Tenho de ir embora. Não posso ficar aqui — não, nem mais um minuto.

Com esforço, ela se pôs de pé e imediatamente recostou-se contra a casa do sítio, seu mundo rodopiando. Ainda sentia náusea, embora já houvesse vomitado tudo duas vezes.

Não espere. Vá. Mexa-se.

Cambaleante, ela subiu os degraus da varanda dos fundos, tropeçou uma vez,

mas continuou em frente. Não levaria muita coisa consigo. Não podia. Não havia tempo.

Ed e Mose passavam muito bem, obrigado, simplesmente sentados lá na frente da Barbearia do Max na Rua da Frente, que é o nome que davam à estrada Toe-Springs-Claytonville quando esta atravessava a cidade. Ed tinha sessenta e oito anos, e Mose não contava a quem quer que fosse quantos anos tinha, de forma que ninguém lhe perguntava mais. Ambas as esposas já haviam partido a essa altura — que Deus as tivesse —, os dois homens tinham bons planos de aposentadoria, e a vida para eles se reduzira a um arrastar confortável.

— Não "tão" mordendo a isca, Ed.

— Você devia ter descido mais no rio, Mose. Mais abaixo. Eles ficam ranzinzas tendo de "nadá" até você. Precisa "pegá" eles de bom humor.

Mose ouviu a primeira parte, mas não a segunda. Mantinha os olhos fixos num carro verde que cruzava depressa a cidade, com duas crianças transtornadas no banco de trás.

— Ed, será que não conhecemos aquelas crianças?

— Onde?

— Ora, por que não olha para onde estou apontando?

Ed olhou, mas tudo o que pôde ver foi a traseira do carro e apenas a parte de cima de duas cabeças loiras.

— Bem — disse ele, protegendo os olhos — você me deixou intrigado.

— Oh, você nunca olha quando lhe digo. Sei quem eram. Eram os filhos daquele professor, aquele... uh... como é o nome dele...

***

Irene Bledsoe dirigia à toda pela estrada Toe Springs-Claytonville, trazendo uma carranca que acrescentava pelo menos dez anos ao seu rosto já enrugado. Mantinha as mãos fechadas com força em torno do volante, e o pé no acelerador, impulsionando o carro para diante, quer Rute e Josias Harris gostassem, quer não.

— Vocês dois, fiquem quietos agora! — berrou ela por sobre o ombro. — Podem crer que fazemos isto para o seu próprio bem!

As palavras da mulher não trouxeram o menor conforto a Rute, de seis anos, e Josias, de nove.

Rute continuou a chorar — Quero o papai!

Josias apenas se deixava sentar ali, entorpecido pelo choque.

Bledsoe pisou forte no acelerador. Ela apenas queria sair da cidade antes que houvesse mais encrenca, mais atenção.

Não gostava dessa incumbência. "As coisas que eu faço por essa gente!"

***

Sally saiu para a varanda dos fundos, ainda tremendo, olhando desconfiada ao redor. Ela havia trocado a blusa e vestia agora uma jaqueta azul. Uma das mãos agarrava a blusa xadrez ensanguentada, embolada, e a outra uma toalha de papel encharcada de óleo de cozinha.

Tudo era silêncio, como se nada tivesse acontecido. Sua velha caminhonete esperava. Mas ainda havia mais uma coisa a fazer.

Ela olhou na direção do cercado das cabras, o portão totalmente aberto e as cabras já bem longe dali. Respirou fundo diversas vezes para evitar que a náusea retornasse. Precisava entrar uma vez mais no cercadinho. Simplesmente precisava.

Não demorou. Com o coração disparado, as mãos agora vazias e os bolsos estufados, ela saiu de lá e correu para a caminhonete, entrando desajeitada na cabine. O motor deu uma volta, gemeu, pôs-se a funcionar, e com uma explosão de potência e uma chuvarada de pedriscos, o veículo saiu roncando estrada a fora, rumo à rodovia.

Irene Bledsoe vinha à toda, mas não havia nenhum guarda por perto. Os limites de velocidade eram inadequados de qualquer forma, simplesmente nada práticos.

Ela se aproximava de um cruzamento com sinal de pare nas duas direções, outra idéia idiota para um lugar como aquele, no fim do mundo. Ela tirou um pouco o pé do acelerador e achou que conseguiria atravessar sorrateiramente.

O que! De onde?

Ela meteu o pé no freio, as rodas travaram, os pneus guincharam, a traseira do carro derrapou. Uma idiota numa caminhonete azul atravessou a intersecção dando guinadas violentas para evitar atingi-la.

A pequenina Rute não usava o cinto de segurança; ela bateu com força a cabeça e pôs-se a berrar.

O carro verde derrapou até parar, quase de frente para a direção da qual tinha vindo.

— Fique quieta! — berrou Bledsoe para a garotinha. — Fique quieta agora.

Você está bem!

A essa altura Josias também chorava, morrendo de medo. Ele também não havia posto o cinto, e por isso revirou-se lá atrás.

— Vocês dois calem a boca! — berrou Bledsoe. — Tratem de calar a boca agora mesmo!

Josias pôde ver uma mulher sair da caminhonete. Tinha ela cabelo vermelho e um lenço xadrez na cabeça; parecia prestes a chorar, e segurava o ombro. Bledsoe enfiou a cabeça para fora da janela e soltou uma fieira de impropérios à moça. Esta não disse nada, mas Bledsoe devia tê-la assustado. A outra motorista entrou novamente no seu veículo e foi embora sem dizer palavra.

— A idiota! — disse Bledsoe. - Será que não me viu?

— Mas a senhora não parou - disse Josias.

— Não me venha dizer como dirigir, mocinho! E por que seu cinto de segurança não está preso?

Rute ainda berrava, segurando a cabeça. Quando viu sangue na mão, ficou histérica.

Quando a mulher viu aquilo, disse: — Oh, que ótimo! Oh, é mesmo formidável!

***

Cecília Potter, esposa de Fred, achava bom que uma daquelas cabras bobas usasse sininho. Pelo menos assim ela poderia ouvir algo e correr para o jardim antes que elas comessem todas as suas flores.

Os dois filhotinhos saltaram e correram de volta à casa alugada. Quanto à mãe, achava que era dona de qualquer coisa que crescesse, e não era nada tímida a esse respeito.

— Você aí, FORA! — berrou Cecília, agitando os braços fortes. — Longe dessas flores!

A cabra afastou-se só um pouquinho, mas a seguir baixou a cabeça, dando a Cecília uma boa visão de seus chifres.

— Oooh, você realmente me assusta! — exclamou Cecília. Ela correu até o animal, agarrou com punhos enraivecidos a coleira da cabra, e ergueu-lhe as pernas dianteiras do chão ao fazê-la voltear.

— Vai voltar para o lugar de onde veio, e agorinha mesmo, e não pense que

pode me assustar! — VAP! — E vamos abaixando esses chifres neste instante!

A cabrita foi com Cecília, grande parte do caminho nas quatro patas, mas em duas se se atrevesse a hesitar, e levou mais de duas orelhadas de sermão pelo caminho.

— Não sei como foi que escapou, mas se pensa que vai correr solta por aqui, está muito enganada! Sally vai ouvir sobre isto! Ela sabe o que precisa fazer! Estou realmente surpresa...

Ela atravessou o pasto entre as duas casas e então viu o cercado das cabras, o portão escancarado.

— Sally! — chamou.

Não houve resposta. Hmmm. A caminhonete não estava. Talvez Sally ainda não tivesse chegado em casa. Bem, então ela se atrasara. Sempre chegava em casa depois do trabalho antes dessa hora. Mas como foi que o portão se abriu?

Ela arrastou a cabrita ao seu lado e passou pelo portão.

— De volta ao seu lugar, mocinha. Nada mais desse negócio de querer comer minhas flores.

Ora... quem estaria no barracão?

— Sally?

A cabrita, subitamente livre, passou pelo portão ainda aberto. Cecília não a seguiu.

Ela olhava o corpo de uma mulher, jogado sobre a palha como uma boneca abandonada, flácido e branco.

A mulher estava morta.

***

Natã, Armoth e os outros guerreiros deram lenta rasante sobre a casa do sítio e viram uma Cecília agitada sair correndo do cercado das cabras. Natã acenou aos outros, e com explosivo impulso das asas eles arremeteram para diante, sulcando o céu vespertino com riscos de luz.

Os campos debaixo deles passavam com a velocidade do pensamento, e em seguida o dossel verde da floresta os engolia, as folhas e os galhos a açoitar por e sobre eles, à volta e através deles. Eles se atiravam através de sombras e eixos de luz evanescente, através de altos troncos e galhos grossos, emaranhados, até finalmente chegarem à clareira onde o capitão esperava.

Com as asas inflando-se de todo como pára-quedas que se abriam, eles estacaram e assentaram no chão da floresta com o silêncio de flocos de neve. No momento em que seus pés tocaram terra firme, o brilho coruscante de suas túnicas desbotou a um tom branco fosco, as espadas chamejantes se resfriaram a um tom de cobre, e suas asas se dobraram e desapareceram.

Tal, o poderoso Capitão do Exército, de cabelos dourados, esperava, os olhos chamejantes ardendo em expectativa, o rosto firme com a tensão do momento. Ao seu lado estava Guilo, a Força de Muitos, um espírito forte, corpulento, com braços grossos e poderosos, e coração que anelava por uma briga. Vestiam-se de branco fosco como os outros, e traziam tremendas espadas ao lado.

Natã foi gritando seu relatório mesmo enquanto Tal e Guilo se adiantavam para cumprimentá-los.

— Todos os demônios foram expulsos, exceto Desespero.

— Já serve — disse Tal. — Ele que avise os companheiros e depois continue seu trabalho. Há algum outro espírito do Vidoeiro Quebrado envolvido nisso?

— Diversos. Terríveis, mas derrotados por enquanto. Não vimos Destruidor em parte alguma. Ele enviou seus lacaios e ficou de fora.

— Claro. E que me diz de Sally?

— Sally Roe está fugindo. Sua caminhonete, a diversos quilômetros de distância, ruma para o sul na direção de Claytonville. Enviamos Chimon e Scion para segui-la.

— E a assassina? — perguntou Tal.

— Morta, por nossas mãos. Não tivemos escolha. Sally estava morrendo.

Guilo trovejou sua aprovação do ato.

— Como está Sally agora? - perguntou Tal. Armoth relatou:

— Um pequenino ferimento na garganta, um vergão no pescoço, um ferimento raso de faca no ombro. Nenhum perigo físico imediato.

Tal suspirou só um tantinho.

— Não, não imediato, pelo menos. E o que me dizem da quase-colisão com Irene Bledsoe?

Natã e Armoth olharam na direção de Signa e o ágil oriental sorriu.

— Escapou, mas por um triz. Rute Harris sofreu pequeno ferimento na testa,

mas Sally foi vista claramente por todos no carro, e ela os viu com igual clareza.

Armoth se incumbiu de continuar.

— E agora Cecília encontrou a assassina morta e está chamando a polícia.

Tal precisou de um momento apenas para menear a cabeça ante a imensidão de tudo aquilo.

— Só isso já é notícia o suficiente.

— Capitão — Guilo expressou sua ansiedade com uma risada áspera - nunca antes tivemos a esperança de ver tantas coisas darem certo... quando elas podem dar tão erradas!

Tal olhou para os Céus e sorriu um sorriso cauteloso.

— Podemos esperar que todas dêem certo enquanto os santos estiverem orando, e eles estão.

Houve murmúrios de aprovação por parte de todos. Eles podiam sentir isso.

— Assim — continuou Tal — se tudo der certo, desta vez *nós* avançamos, *nós* conquistamos, *nós* fazemos o inimigo retroceder... *Nós* conseguiremos pelo menos mais uma temporada de refreamento da ação deles.

— Mais uma temporada — todos ecoaram.

— Sally deve chegar a Claytonville em segurança tendo Chimon e Scion como acompanhantes. O demônio Terga tem muito por quê responder agora; garanto que enviará alguns espíritos atrás dela para acabar com ela. Mesmo assim, Chimon e Scion têm ordens de não interferir a menos que seja absolutamente necessário.

— *Mais* dor, capitão? *Mais* destruição? —explodiu Guilo com raiva. — A gente acaba pensando que esses espíritos desgraçados nunca conseguem infligir sofrimento o suficiente!

Tal olhou dentro daqueles olhos escuros, tão cheios do fogo da batalha, e contudo tão ternos para com os eleitos de Deus. —Bom amigo, todos sofremos por ela. Mas o sofrimento dela trará a realização do propósito de Deus, e você o verá.

— Que venha logo — disse Guilo, agarrando com força o cabo da espada. Ele olhou para Natã e incitou-o sarcasticamente: — Você tem notícias mais alegres?

— Sim — respondeu Natã. — De Tom Harris. Ele está na delegacia de polícia agora, tentando ter os filhos de volta, argumentando com o Sargento Mulligan.

À menção do nome de Mulligan, Guilo soltou uma risada retumbante,

malévola, e os outros fizeram cara de repugnância. Natã apenas acenou afirmativamente com a cabeça, resignado. Eles tinham razão.

— Portanto, agora chegou o momento de testar a confiança de Tom, a verdadeira prova da sua dedicação — disse Tal.

— *Eu* estarei observando os santos - disse Guilo. -Verei como eles enfrentam essa situação.

Tal tocou Guilo no ombro. — Essa será uma dessas coisas que esperamos dêem certo.

— Oh, que possa dar certo, que possa dar certo.

— Pelo bem de Tom — disse Natã.

— Pelo bem de *todos* — acrescentou Armoth.

— O que nos traz a Ben Cole — instigou Tal.

— Ele está prestes a entrar nessa história agora mesmo — respondeu Natã.

2

O agente Ben Cole encostou o carro de radiopatrulha no estacionamento atrás da delegacia e permaneceu sentado ao volante por um momento depois que o motor parou. Tinha sido um longo dia, e ele estava cansado. Baskon não gerava tanta atividade pesada assim, mas hoje o dia tinha sido um pouquinho mais difícil. O caminhoneiro que ele havia detido por excesso de velocidade dava dois dele e não gostou de ter de se haver com um policial tão jovem, muito menos um que era preto; Bill Schultz ainda não havia prendido aquele seu cão, e agora outra pessoa tinha sido mordida; ele havia apanhado o garoto Krantz com maconha de novo, e os pais do rapazinho ainda não queriam acreditar.

Era essa a dificuldade do trabalho policial - a gente sempre tinha de ver o lado mau das pessoas, quando elas estavam bravas, na defensiva, justificando a própria conduta, bêbadas, drogadas... *Oh, deixe disso, Ben. O dia terminou. Existem algumas pessoas boas no mundo, de verdade. Você simplesmente precisa ir para casa, jantar, ver Bev. Sim, isso botará tudo em ordem.*

Ele saiu do carro; escreveria uns relatórios rápidos e iria para casa assim que... *Ora, de quem são esses carros?* Dois carros estranhos ocupavam as vagas reservadas do estacionamento, e não era aquela a pequena perua de Tom Harris? A essa altura, a delegacia estava fechada; era tarde demais para visitas. Era melhor averiguar quando estivesse Ia dentro.

Ele entrou pela porta dos fundos e começou a percorrer o longo corredor que ligava os escritórios dos fundos e o bloco de celas com a área do escritório da frente.

Ih, credo, com quem o Mulligan está berrando agora?

Ele podia ouvir a voz do sargento Mulligan lá da outra ponta do corredor, trovejando através da porta aberta do escritório. Então, está bem, não precisa me contar nada! Pode mentir! Gente como você está sempre mentindo mesmo, e ficarei feliz em ouvir, porque assim poderei usar o que disser contra você!

— Sargento, não estou mentindo...

Ben deteve-se no corredor para ouvir. Aquela outra voz parecia conhecida.

— Então, diga-me a verdade, está bem? — pediu Mulligan. — Você tem feito uma verdadeira festa com aqueles garotinhos, não tem?

— Sargento, *repito,* não há nada de mais ocorrendo na escola, ou na minha

casa, ou em parte alguma! Esta coisa toda é um terrível engano!

É, *era* mesmo o carro de Tom Harris lá fora, e aqui estava Tom se sentindo por baixo na conversa com o sargento.

Ben teve de espiar. Essa conversa parecia cada vez pior. *Senhor, por* favor, não deixe que seja o que parece ser. Eu começava a me sentir melhor pensando nas pessoas boas do mundo.

Ele seguiu pelo corredor desguarnecido até a porta de Mulligan, e enfiou a cabeça por ela.

— Já voltei, Harold. — Nada de mais, estou simplesmente avisando que cheguei, apenas tentando descobrir o que está acontecendo.

Ben permaneceu ali, rígido, olhando o homem abalado, nervoso, sentado à frente da amassada escrivaninha de metal verde do grandalhão que era o sargento Mulligan.

Mulligan estava no auge de sua feiúra gorda, e realmente gostando daquilo. Ele sempre se divertia com todas as coisas erradas. — Ei, Cole, veja o que apanhei hoje! Outro cristão! Aposto que vocês dois se conhecem!

Ben parecia confuso.

— Ei, Tom. O que há?

— Abuso de crianças!

Mulligan estava orgulhoso do fato, orgulhoso do que apanhara. — Tenho um caso de verdade cozinhando aqui.

— Então o senhor sabe muito mais a respeito do que eu! — exclamou Tom. Com olhos avermelhados por lágrimas, ele ergueu o olhar para Ben. — O sargento aí simplesmente.... simplesmente postou-se ali enquanto uma assistente social veio e levou Rute e Josias, simplesmente os arrastou de casa, e... — a voz de Tom elevou-se com medo e raiva. — Quero saber onde eles estão.

Mulligan, insensível como uma pedra, deu uma risadinha desdenhosa para Ben.

— Espere até ouvir o que este nojento tem estado a fazer com algumas crianças da escola cristã.

Tom ergueu-se de sua cadeira.

— Não estive fazendo nadai Será que não consegue meter isso na cabeça?

— Trate de sentar-se, amigo! — Mulligan era muito maior do que Tom e fazia

tudo o que podia para mostrá-lo.

O coração de Ben se contorceu no peito. A escola cristã? Baskon só tinha uma — a Academia do Bom Pastor, um pequeno ministério com séries que iam da primeira à sexta, tocado pela...

— Eu diria que sua igreja está em grandes apuros! - avisou Mulligan a Ben.

Ben baixou o olhar a Tom Harris, um dos homens mais gentis, mais santos que ele já conhecera. Tom tinha uns trinta e tantos anos de idade, cabelos crespos e ondulados, e um rosto jovem. Ben sabia que o sujeito era mais do que apenas honesto — era positivamente vulnerável. De jeito nenhum, cara. Tom Harris não fez nada.

— Tom — disse Ben suavemente — você está ciente dos seus direitos?

— Ele não está preso! — falou Mulligan com aspereza. — Veio aqui por conta própria.

— E não vou embora enquanto não conseguir alguma cooperação! — ameaçou Tom.

— Ei, não venha com essa agora — defendeu-se Mulligan. — O pessoal estadual tem de averiguar tudo isso.

— Então vamos chamá-los! — sugeriu Ben.

— Vá caindo fora, Cole! Vocês dois são amigos e todo o mundo sabe disso. Você não vai chegar nem perto deste caso!

Tom exigiu em palavras lentas, bem enunciadas:

— Quero ver os meus filhos!

— Está falando com a pessoa errada. Tom apontou com o dedo.

— O senhor estava lá! Abusou de sua autoridade e deixou aquela... aquela tal de Bledsoe marchar para dentro da minha casa como se fosse algum tipo de... ataque da Gestapo! Ela aterrorizou meus filhos e invadiu minha propriedade particular bem debaixo do seu nariz!

Mulligan, ereto e alto em sua cadeira, advertiu firme e simplesmente:

— Cuidado com o que diz, Harris. A Sra. Bledsoe tem uma ordem "bona fide" do tribunal para levar os seus filhos por causa de uma queixa registrada contra você!

Tom ficou estupefato.

— *Que* queixa?

— Não sei. Pergunte à Bledsoe. Isso é departamento dela.

— Então o senhor deve saber como entrar em contato com ela.

— Eu descobrirei — prometeu Ben.

— O seu turno não terminou? — rugiu Mulligan.

— Sim, senhor.

— Então, dê o fora daqui!

Ben teve de obedecer. Ele disse a Tom: — Ligue para mim — e voltou-se para sair.

Naquele exato momento o rádio da polícia começou a transmitir. O som que vinha dele sempre paralisava o tempo na delegacia, pois todos se detinham para ouvir a mensagem. "Baskon, Baskon, possível caso de morte no sítio de Fred Potter, Rua 197 sudoeste, 12.947. Pessoal de socorro a caminho."

Mulligan pulou da cadeira, fazendo-a estrondejar para trás e bater de encontro à parede. — Onde está o Leonardo... ele já chegou? — E naquele momento o telefone tocou. — Arre! Desgraça pouca é bobagem. Vá atender!

Ben apressou-se na direção do balcão da entrada.

Um homem e uma mulher estavam sentados na área da recepção. Ben reconheceu o homem: John Ziegler, repórter do jornal *Estrela do Condado de Hampton*. Ele cobria as rondas da polícia local e estava sempre na delegacia. A mulher era obviamente uma fotógrafa. Ziegler tinha um bloco de anotações à mão, e aparentemente rabiscava tudo o que ouvia!

O telefone tocou de novo.

Ben continuou de olho nos caça-notícias enquanto agarrava o telefone.

— Departamento de Polícia. — A voz do outro lado estava frenética. — Acalme-se, senhora. Não consigo entender.

Era Cecília Potter. Já havia chamado o número de emergências; agora queria certificar-se de que a polícia estava a caminho. Ben sabia onde ficava o sítio deles.

— Acabamos de receber o chamado pelo rádio. Logo estaremos aí. — Nem adiantava pensar em ir para a casa.

A porta dos fundos se abriu.

— O Leonardo acabou de chegar — informou Ben.

O policial Leonardo Jackson chegava para a ronda noturna. Era o tipo do

sujeito calmo, esguio, sereno, de seus quarenta anos, quase um acessório permanente naquele lugar. Por pouco Mulligan não passou em cima dele ao explodir de seu gabinete.

— Vamos indo, Leonardo! Há um caso de suicídio no sítio dos Potters!

— No sítio dos Potters? — Leonardo achou difícil imaginar um dos Potters fazendo uma coisa dessas.

Ben sentia-se bastante abalado a respeito de outro assunto.

— O que faço com o John Ziegler lá fora?

Mulligan olhou para os jornalistas e começou a praguejar, olhando de um lado e de outro. — Harris, venha aqui fora! Tom saiu do gabinete, tentando cooperar. Mulligan empurrou-o na direção da entrada.

— Sente-se lá com aquela gente simpática... eles querem conversar com você! Leonardo, usaremos o seu carro-patrulha.

Tom olhou para Ben pedindo ajuda.

— Eles estiveram lá em casa hoje quando aquela senhora levou as crianças. Tiraram fotos do que aconteceu!

Ben sentiu sua irritação crescendo.

— Tom, você não precisa lhes dizer nada. Simplesmente passe por eles e vá para a casa!

Mulligan deve ter visto algo de que não gostou.

— Cole, venha você também!

Leonardo estava pronto para rodar. Mulligan agarrou seu chapéu e jaqueta. Os jornalistas, de pé, dirigiam-se a Tom.

— O Tom pode ir embora? — perguntou Ben. Mulligan revirou os olhos ante tal pergunta.

— Cole, ele veio aqui por conta própria... pode ir embora da mesma forma. Está ouvindo, Harris?

— Tom, dê o fora daqui — aconselhou Ben, baixinho. — Você não precisa falar com ninguém.

Mulligan rosnou para ele:

— Está pronto agora, Cole? Vamos, depressa!

Ben não gostava nada daquilo, mas ordens eram ordens. Ele se dirigiu novamente à porta dos fundos.

— Fiquem à vontade — disse Mulligan inclinando o chapéu para John Ziegler e para a mulher da câmara. — Estaremos de volta dentro de mais ou menos uma hora, e terei uma declaração para vocês.

— Ligarei para você — disse Ben a Tom, e acompanhou Mulligan e Leonardo.

— Não vou deixar você ali dentro com aquele seu amigo cristão, de forma alguma — resmungou Mulligan por sobre o ombro enquanto eles se dirigiam aos carros: — Se vai estar a serviço, vai trabalhar e vai fazer o que eu lhe disser sem chiar. Não precisamos de vocês dois fanáticos trocando idéias lá dentro, não senhor!

Tom voltou ao gabinete de Mulligan para apanhar o paletó e em seguida saiu para o corredor.

John Ziegler estava plantado bem à sua frente, bloqueando o caminho.

— Com licença — disse Tom, tentando passar por ele. John insistia em ter uma conversa.

— John Ziegler, do jornal Estrela do Condado de Hampton...

— Sim, eu o vi lá na minha casa — respondeu Tom secamente.

— Sr. Harris, qual é a sua resposta a essas alegações? — perguntou Ziegler.

— *Que* alegações? Nem sei porque isto está acontecendo comigo!

— O senhor acha que isso prejudicará a escola cristã?

— Não sei.

— O senhor nega quaisquer abusos às crianças na escola cristã?

Esta pergunta mexeu com Tom ao ponto de fazê-lo estacar abruptamente. E Ziegler havia percebido.

— O senhor nega as alegações?

— Não sei de nenhuma alegação — respondeu Tom, mal encontrando a voz. Ziegler anotou apressado.

— Houve alguma reação por parte da sua família?

— Além do fato de meus filhos ficarem apavorados? A mulher pôs-se a bater fotos dele.

— Ei, o que é isso, ora...

A câmara continuou estalando. Ziegler ergueu uma sobrancelha.

— Pelo que sei, o senhor é viúvo. Mora em casa sozinho com os filhos?

— Chega! — Tom indignou-se. — Estou indo. Boa noite.

Ziegler atirou perguntas às costas de Tom enquanto o seguia de perto na direção da porta da frente.

— O estado está considerando seus filhos também como possíveis vítimas?

Tom abriu a porta com um safanão e olhou-os furioso por um momento. A câmara registrou sua expressão de raiva. Ziegler estava satisfeito.

— Muito obrigado, Sr. Harris.

***

Logo do outro lado da rua, Desespero estava sentado no teto da Biblioteca e Loja de Presentes de Baskon, um lastimável monturo de sujeira melancólica, choramingando por causa dos ferimentos e observando os dois carros de patrulha saírem na disparada.

— Oh, lá vão eles, lá vão eles. E agora?

Diversos outros espíritos escuros faziam-lhe companhia, escondidos, resmungando, chiando, babando de agitação. Constituíam um bando heterogêneo de tentadores, perturbadores e enganadores, subitamente reduzidos à metade da força, metade do seu número, e cheios de angústia pela derrota, recente e terrível, de seus camaradas.

Desespero fazia jus ao seu nome. — Perdido, perdido, perdido, está tudo perdido! Os melhores de nós se foram, todos conquistados, menos eu!

Um forte tapa jogou-lhe a cabeça redonda contra o ombro.

— Pare com essa choramingação! Você me deixa doente!

— Terga, meu príncipe, o senhor não estava lá!

Terga, o príncipe de Baskon, mais parecia um sapo limboso com uma medonha peruca de arame preto e dois olhos amarelos, que rolavam de cá para lá. Ele, indignado, coçava a cabeça retorcida por pura coceira de frustração.

— Fracasso, isso é o que aconteceu. Uma demonstração abominável de incapacidade!

Homicídio foi pronto em objetar.

— Se a missão tivesse sido bem sucedida, sem dúvida o senhor teria sido o

primeiro a elogiá-la.

— Ela não foi, e eu não o faço!

Engano tentou avaliar objetivamente o desastre. — Nossas forças eram poderosas, e estou certo de que lutaram com valentia, mas... as orações dos santos são mais fortes. O Exercito Celestial é mais forte. Eles esperavam por nossos guerreiros e estavam prontos. Subestimamos seriamente o seu número e poderio. Apenas isso.

Terga voltou-se bruscamente e fixou um olhar enraivecido em Engano, detestando-lhe as palavras, mas sabendo que o astuto demônio tinha razão.

Ele caminhou de um lado para o outro, moveu-se irrequieto, esforçou-se por compreender o que ocorria.

— Atacamos Tom Harris e a escola! O Plano do Homem Forte desenrola-se neste exato momento. Cumpre-se agorinha mesmo! Mas aqui estão vocês, lamentando uma derrota fragorosa e dizendo-me que o Plano pode estar marchando precipitadamente rumo à destruição, e tudo por causa dessa... dessa... *mulher?*

Engano pensou a respeito da pergunta, e então confirmou com a cabeça.

— Essa seria uma avaliação justa.

Terga rolou os olhos na direção do céu e soltou um berro de medo e frustração.

— Destruidor tirará o nosso couro por causa disto! Os que não caíram nesta derrota certamente cairão debaixo da espada *dele!*

Ele contou os demônios à sua volta e concluiu com um número menor do que desejava.

— Onde está Ódio?

— Foi-se — responderam todos. — Um dos primeiros a cair. — E Violência?

— Acorrentado no Abismo, imagino — sugeriu Engano.

— Cobiça? Luxúria? Estupro?

Apenas recebeu olhares desanimados. Ele correu os olhos sobre a cidade, e sua cabeça apenas contorceu-se de um lado para outro. Não conseguia admitir o acontecido.

— Uma tarefa tão fácil... um simples assassinatozinho... Todos nós já fizemos isso antes...

— Quando o Homem Forte descobrir... — gemeu Desespero. VAPT! Terga jogou a cabeça de Desespero contra o outro ombro.

— Ele precisa saber! — salientou Adivinhação.

— Então diga-lhe! — respondeu Terga. — Vá você dizer-lhe! Adivinhação silenciou-se, esperando que algum outro demônio falasse.

Terga fechou a mão cheia do couro empapuçado de Desespero c segurou-o como um troféu.

— O nosso mensageiro!

Eles se puseram a dar vivas, as garras batendo seu aplauso.

— Não... não o Homem Forte! — choramingou Desespero. — Já não basta uma sova?

— Vá agora — ordenou Terga — ou a sova do Homem Forte será a *terceira* que levará hoje!

Desespero adejou loucamente no ar. Uma asa ainda estava contundida e torta.

— Vá! — continuou Terga. — E não demore!

Desespero saiu às pressas, choramingando e berrando ao ir.

— E quando tiver dado conta do recado - gritou Terga - volte para junto da mulher c continue a cumprir aquilo que é a sua obrigação!

Algumas risadinhas fizeram com que Terga rodopiasse. Alguns espíritos pequenos se encolheram, erguendo os olhos para ele —haviam sido apanhados.

— Ah — esbravejou Terga, e eles podiam ver o limbo no céu da sua boca. — Medo, Morte c Loucura, três dos bichinhos de estimação favoritos da mulher! Vocês parecem estar bem desocupados no momento.

Os três demônios se entreolharam estupidamente.

— De volta a seus postos! Sigam a mulher!

Eles adejaram no ar como pombas assustadas, arranhando para ganhar altura.

Terga não estava satisfeito. Depois de esbofetear diversos outros demônios, ele berrou:

— Vocês também! Todos vocês! Encontrem-na! Torturem-na! Aterrorizem-na! Querem que Destruidor pense que são os pelotes insignificantes que são? Corrijam a asneira que fizeram! Destruam a mulher!

O ar encheu-se de asas estrondejantes, esvoaçantes. Terga cobriu a cabeça, protegendo-a de alguma ponta de asa desgovernada. Eles desapareceram em segundos. Terga olhou para a rua, para a estrada que levaria os carros-patrulha ao sítio dos Potters.

— O nosso sargento não vai encontrar o que esperava —resmungou ele.

3

Já escurecia quando os dois carros-patrulha desceram rugindo pela entrada de pedriscos da casa dos Potters. O carro de socorro já se encontrava lá, as portas escancaradas, as luzes piscando. Fred e Cecília estavam fora na larga varanda da frente esperando a polícia, um agarrado ao outro. Eram pessoas fortes, vigorosas, mas essa noite se sentiam obviamente abaladas.

Mulligan travou as rodas e deslizou numa impressionante brecada, derrapando de leve para o lado nos pedriscos soltos, e então saltou do carro a tempo de emergir como um deus da nuvem de poeira que havia levantado. Leonardo esperou que a poeira assentasse antes de sair — não queria pó por todo o banco quando voltasse ao carro.

Ben encostou cuidadosamente atrás do primeiro carro e saiu de maneira calma, eficiente. Agia com extrema cautela, ciente de que suas emoções estavam à flor da pele.

Mulligan já falava com um dos paramédicos, obtendo os fatos. O paramédico havia acabado de chegar de uma casinha rural do outro lado do campo. Ben podia ver duas ou mais lanternas varrendo a escuridão lá. Fora isso, não havia outras luzes.

— Falecida — disse o paramédico. — Morta há pelo menos uma hora.

— Está bem — disse Mulligan, acendendo com um estalido sua grande lanterna prateada — vamos lá.

Ele dirigiu-se ao campo, cortando a grama alta com longas e poderosas passadas, o cassetete balançando no quadril, a barriga pulando acima da cinta. Leonardo e Ben o seguiram de perto.

— Deve ser aquela mulher Roe — disse Mulligan. — Sally Roe. Você sabe alguma coisa a respeito dela?

Leonardo deduziu que a pergunta lhe fora dirigida. — Muito pouco, Haroldo.

— Acho que é um desses tipos esquisitos, uma espécie de sobra dos *hippies,* uma derrotada. Acho que resolveu acabar com tudo.

Ben dava tratos à bola enquanto eles continuavam rumo à casa escura. Sally Roe. O nome não lhe dizia nada.

— Muito bem — disse Mulligan. — Ali está o cercado das cabras. Espalhem-

se um pouco, gente. Nada de se esconder atrás de mim.

Eles saíram do campo, cruzaram uma estradinha abandonada, coberta de mato, e chegaram ao cercado das cabras. A cerca era rústica e velha, feita de arame enferrujado pregado a mourões de dormentes partidos, com um portão rangedor pendurado torto por uma dobradiça boa e uma que estava solta. O portão ainda se encontrava aberto; todas as cabras estavam fechadas agora no sítio dos Potters. Dois técnicos de emergência médica estavam em pé do lado de fora do cercado, guardando seu equipamento.

— Ela é toda sua — disse um deles.

Ben correu os olhos à volta do cercado, iluminando aqui e ali com a sua luz, apenas verificando se havia algo incomum, não querendo mexer em nada. Seu olho percebeu um balde de ração das cabras caído perto da porta do barracão dos animais.

— Ei, verifique aquilo - disse ele, apontando com a sua luz. Mulligan ignorou-o e investiu através do cercado, entrando no barracão velho, coberto de zinco, deixando uma grande pegada de estéreo no meio da ração derramada. Então, ele estacou. Havia encontrado alguma coisa. Leonardo e Ben chegaram por trás dele e olharam para dentro pelo vão da porta.

Lá estava ela. A morta. Ben não conseguia ver-lhe o rosto; Mulligan estava na frente. Mas ela estava toda vestida de preto, e deitada de costas na palha, o corpo e membros retorcidos e flácidos como se alguém a tivesse embolado e atirado ali.

Ben correu sua luz pela parte de dentro do barraco. O facho luminoso recaiu sobre uma blusa xadrez ao lado do corpo. Aparentemente, Mulligan não a tinha visto. Ele estendeu a mão e apanhou-a. Estava manchada de sangue.

— Ei, Haroldo, veja isto.

Mulligan rodopiou como que rudemente surpreendido. — Cole! Volte aos Potters e obtenha uma declaração deles!

— Sim, senhor, mas dê uma olhada nisto.

Mulligan não a pegou — ele a agarrou. — Ande, vá até lá. Podemos cuidar das coisas por aqui.

Leonardo dirigia a sua luz ao rosto da mulher e Ben conseguiu vê-lo de relance pela primeira vez. Ela era jovem e bela, mas morta - violentamente morta. A expressão do rosto era vazia, os olhos secos e fixos, os cabelos negros que chegavam à altura dos ombros como uma sombra emaranhada sobre a palha.

Ben não sabia que olhava fixamente até que Mulligan berrou com ele.

— Cole! Viu o suficiente? Vá andando!

Ben saiu de lá e apressou-se a voltar pelo campo à casa dos Potters. Sua mente estava disparada. Ia ser um caso maior do que havia esperado. A aparência daquele corpo, a blusa ensanguentada, a ração derramada, a violência óbvia...

Não era nenhum suicídio.

O pessoal de socorro foi embora no seu veículo, seu trabalho terminara. Ben revestiu-se de uma aparência calma enquanto subia os degraus da varanda. Os Potters ouviram-no chegando e imediatamente vieram à porta.

— Alô. Sou o Agente Ben Cole.

Ben estendeu a mão e Fred a tomou.

Fred encarou Ben um pouquinho só. — Não nos vimos antes?

— Não, senhor. Faz pouco tempo que cheguei a Baskon. Estou aqui há mais ou menos quatro meses.

— Oh... bem, seja bem-vindo à vizinhança. As coisas geralmente não são assim tão emocionantes por aqui.

— Claro, senhor. Uh, com a sua permissão, gostaria de obter uma declaração.

Cecília abriu a porta. — Por favor, entre... Ben, não é?

— Sim, senhora. Obrigado.

Fred e Cecília tomaram seus lugares no sofá e ofereceram a Ben uma cadeira que ficava de frente para eles. Ele tirou seu bloco de anotações.

— Como estão passando? — perguntou o policial.

— Oh... mais ou menos — respondeu Fred.

Cecília apenas meneou a cabeça. — Pobre Sally. — Lágrimas retornaram aos seus olhos. — Isso é simplesmente horrível. É apavorante.

Ben falou gentilmente. — Eu... pelo que sei foi a senhora quem a viu primeiro?

Ela acenou que sim com a cabeça.

— A senhora a tocou ou mexeu com ela de alguma forma? Cecília sentiu-se repelida pela simples idéia. — Não. Não cheguei nem perto dela. Nem mesmo olhei o seu rosto.

— Cerca de que horas eram?

— Mais ou menos 6.

Ben rabiscou esses itens no papel. — Bem, por que simplesmente não me conta tudo o que aconteceu?

Ela pôs-se a contar-lhe a respeito das cabras terem escapado, e sobre a mãe-cabra ter tentado atacá-la, e depois procurou lembrar-se do que tinha feito para conseguir levar aquela cabra de volta ao cercado, e então uma forte opinião assumiu precedência sobre a narrativa e ela não se conteve:

— Acho que alguém a matou!

Fred ficou chocado com isso, naturalmente. — O quê? O que lhe dá essa idéia?

Ben tinha de controlar a situação. — Uh... trataremos disso quando chegar a hora. Mas agora a senhora precisa me contar o que viu... apenas o que viu.

Ela lhe disse, e não era muito diferente do que ele mesmo havia visto.

— Eu não queria vê-la daquela forma. Simplesmente não fiquei por lá.

— Tudo bem. A senhora pode dizer-me o nome completo da vítima?

— Sally Roe. Ela era um tipo muito quieto — disse Cecília, o rosto cheio de sofrimento e perplexidade. — Ela nunca falava muito, mantinha-se afastada. Gostávamos de tê-la como inquilina. Era limpa, responsável, nunca tivemos nenhum problema com ela. Por que haveria alguém de querer machucá-la?

— Então a senhora não consegue pensar em ninguém que pudesse... ter algum tipo de queixa ou rancor contra ela?

— Não. Ela era um tipo muito reservado. Não me lembro de jamais tê-la visto recebendo alguém ou com visitas.

—A senhora pode pensar em alguma outra coisa que possa ter parecido fora do normal?

— Você viu a ração derramada no chão?

— Sim, senhora.

— Alguém pode ter pulado e agarrado a Sally.

— Uh-huh. Alguma outra coisa?

— Vi um longo pedaço de corda na mão dela. Talvez fosse para amarrar as cabras, não sei.

Ben anotou aquilo.

Ouviram-se fortes pisadas na varanda. Era o sargento Mulligan. Ele abriu a porta e entrou, e tirou o chapéu.

— Bem, pessoal, foi uma noite e tanto. Vimos uma verdadeira tragédia aqui. Conseguiu uma declaração deles, Cole?

Ben ergueu-se e correu os olhos pelas anotações. — Apenas o que a Sra. Potter viu inicialmente. Suponho...

Mulligan tomou as notas da mão de Ben e correu os olhos por elas.

Ben terminou seu pensamento. — Suponho que assim que examinarmos a casa e dermos uma busca na área teremos mais com o que trabalhar.

Mulligan não pareceu ouvi-lo. — Umm. Está bem, farei com que elas sejam incluídas quando o relatório for datilografado. — Ele enfiou as notas de Ben no bolso e disse aos Potters: — Acho que ela se enforcou nos caibros do barraco, sabe lá porquê.

— Enforcou-se? — disse Cecília, surpresa.

— Há algum bilhete de suicídio? A senhora encontrou qualquer coisa parecida por aí?

Cecília ainda estava confusa. — Não... não, eu...

— Bem, a gente estará examinando toda a área esta noite e talvez descubra alguma coisa. — Ele se dirigiu à porta de novo. — Cole, pode ir e dar o dia por encerrado. Eu e o Leonardo examinaremos a área e esperaremos pelo médico legista.

— Está dizendo que foi *suicídio?* — perguntou Ben, seguindo-o porta afora.

— Nada mais, nada menos — respondeu Mulligan.

— Bem... talvez.

— O que você quer dizer com "talvez"? — retrucou Mulligan impaciente com esse tipo de resposta.

— Bem, o senhor viu como é que estavam as coisas lá dentro...

— É, eu vi tudo, e você não.

— Mas a Sra. Potter viu. O corpo não estava dependurado quando ela o encontrou, mas caído na palha do mesmo jeito em que o vimos quando chegamos lá.

— Vá para a casa, Cole — sugeriu Mulligan voltando-se para a casa alugada. — Não se preocupe com coisas que não são de sua responsabilidade.

Mulligan dirigiu-se ao outro lado do campo, dando por encerrada a conversa. Ben voltou ao seu carro e sentou-se dentro com a porta aberta, virando as folhas de seu bloco de anotações. Ele fez sair a ponta da caneta e pôs-se a rabiscar algumas notas para si mesmo, coisas de que desejava lembrar-se: "blusa xadrez com sangue... posição do corpo sugere violência... ração derramada... corda na mão, não em volta do pescoço... vítima não dependurada..."

***

Logo antes de chegar a Claytonville, Sally saiu da rodovia para uma estrada obscura, cheia de mato e sulcada por marcas de rodas que serpenteavam profundamente na floresta, curvando em torno de árvores e tocos, passando sob galhos baixos, afundando dentro de negros buracos de barro, e fazendo a velha caminhonete corcovear e balançar a cada novo buraco, sulco, ressalto e curva. Essa estrada — ou talvez fosse uma trilha — provavelmente fora usada por agrimensores e construtores, mas agora era utilizada apenas pela molecada em bicicletas sujas e talvez por um ou outro cavaleiro. Talvez nalgum canto ali dentro ela pudesse encontrar um bom lugar para abandonar a caminhonete.

Enfim encontrou ela o que parecia ser um retorno ou um beco sem saída, uma curta seção de uma área que já fora limpa e que os ciclistas das bicicletas sujas ainda não haviam descoberto, e que depressa estava sendo retomada pela espessa galharia. Ela virou o volante com força e deixou que a caminhonete continuasse em frente, fendendo a vegetação e achatando os matinhos que se erguiam à frente dos faróis dianteiros.

Já chegava. Desligou as luzes e o motor.

E então ficou sentada ali, os cotovelos no volante e a cabeça nas mãos. Precisava manter-se imóvel por apenas um minuto. Tinha de pensar, de avaliar a situação, de separar pensamento de sentimento. Não se moveu por um minuto, e depois outro, e depois outro. O único som era o de sua própria respiração — ela estava consciente de cada movimento respiratório — e o *tique, tique, tique* cada vez mais vagaroso do motor esfriando. Percebeu o quanto tudo permanecia imóvel nesse mato, e como estava escuro, e especialmente quanto o lugar era solitário. Estava sozinha na escuridão, e ninguém sabia.

Muito poético, pensou. Muito apropriado.

Mas quanto ao negócio à mão: Como vai ser, Sally? Você continua em frente ou desiste? Pode sempre chamá-los, ou mandar-lhes uma carta, e simplesmente contar-lhes onde está afim de que possam vire terminar o servicinho. Pelo menos então estará tudo terminado e você não terá de esperar tanto tempo para morrer.

Puxou um fôlego longo, cansado, e ergueu a cabeça do volante recostando-se para trás. *Que pensamentos, Sally, que pensamentos!*

Não, finalmente admitiu ela a si mesma, não — eu quero viver. Não sei porquê, mas quero. Não sei por quanto tempo mais, mas viverei. E é tudo o que sei por enquanto.

Isso é tudo o que sei. Mas gostaria de saber mais. Gostaria de saber como foi que me encontraram... e porque querem me matar.

Acendeu a luz do teto — seria apenas por um segundo — e enfiou a mão no bolso da jaqueta à procura de um objeto pequeno. Era um anel, enfeitado, provavelmente ouro puro. Ela olhou-o de perto e com cuidado, virando-o para todos os lados em seus dedos, tentando entender o estranho desenho na parte de cima. Não fazia nenhum sentido para ela, por mais que tentasse compreender o que poderia significar. No momento, sabia apenas uma coisa ao certo a respeito desse anel — já o havia visto antes, e as lembranças eram as piores que tinha.

Desligou a luz do teto. Já ficara sentada o suficiente. Colocou o anel de volta no bolso, tirou as chaves da ignição e abriu a porta. Nessa quietude profunda que a cercava, as dobradiças secas, sujas, pareciam gritar em vez de gemer. O som assustou-a.

A luz do teto acendeu-se de novo, mas a seguir piscou e se apagou quando ela fechou a porta tão silenciosamente quanto possível, o que ainda assim chegava a ser uma batida bem alta. Agora a única luz no meio daquela floresta densa, abandonada, se fora. Ela mal podia ver, mas estava determinada a sair daquele mato mesmo que tivesse de ir apalpando para achar o caminho. Tinha de mexer-se, chegar a algum lugar seguro. Ela continuou em frente, lutando contra a galharia que lhe agarrava as pernas, arranhava-a com espinhos, espetava-a do escuro. Em algum lugar adiante encontrava-se o antigo caminho onde o chão ainda estava limpo e passável. Precisava apenas encontrá-lo.

Debaixo de um tronco caído, bem no fundo de um bolsão escuro e podre, dois olhos amarelos a observavam, duas mãos guarnecidas de garras crispadas de ódio. A coisa deixou escapar uma risadinha de escárnio quando ela passou cambaleando.

No galho baixo e saliente de uma árvore, outro espírito se agachava como uma coruja grotesca, as asas negras caídas dos lados como longas cortinas pendentes, sua cabeça não mais do que uma maçaneta acima dos ombros. Os olhos amarelos acompanhavam cada movimento da mulher.

Eles estavam ali para satisfazer os desejos de Terga; esperavam aplacar Destruidor.

Ela conseguiu chegar ao velho caminho; podia sentir chão firme e limpo debaixo dos pés, e distinguir um tantinho mais de luz adiante de si. Apertou o passo. Começava de novo a se sentir como uma garotinha, com medo do escuro, com medo de horrores invisíveis, andando por alguma luz que espantasse todos os fantasmas.

Dois vultos negros pairando logo acima do caminho esperavam que ela passasse debaixo deles. Eles vagueavam em pequenas idas e vindas, flutuando em espectrais asas desfraldadas, os braços e pernas finos e compridos pendendo como pernas de aranha, cada membro arrematado por longas garras afiadas que se fechavam e crispavam em antecipação.

Sally estacou. A estrada fazia uma curva aqui? Vamos, garota, não se perca. Era só o que faltava.

Três outros espíritos, dos piores de Terga, velejaram adentro e através das árvores, como três urubus reunindo-se para um banquete. Eles vieram por trás dela, babando e cacarejando, empurrando uns aos outros para chegar mais perto.

Sally pensou ter visto o caminho de novo, seguindo à sua esquerda.

Tentou aquela direção. Sim, ela o havia encontrado. Mas suas pernas se enfraqueciam. O coração lhe batia contra as costelas como se quisesse sair. *São, por favor, não de novo, não mais…*

Mas era medo mesmo, daquele tipo antigo — o tipo de medo com o qual vivera por anos. Justo quando pensou haver-se livrado dele, escapado, esquecido, aqui estava, de volta, com a mesma ferocidade de sempre, afundando-se nela, confundindo-lhe os pensamentos, fazendo-a tremer, suar, cambalear.

Seus velhos amigos estavam de volta.

Ela passou debaixo dos dois demônios flutuantes.

— IAAAC! — berraram eles, envolvendo-a em enxofre.

Os espíritos seguindo atrás estapearam-lhe a alma com suas asas negras.

UPA! A moça caiu de rijo para a frente, atingindo o chão, um grito abafado na garganta. Ela lutou para fazer com que as pernas a sustentassem de novo, para continuar andando. Onde estava aquela estrada?

Os espíritos pousaram-lhe nas costas e enterraram as garras profundamente.

Ela tapou fortemente a boca com as mãos, tentando manter dentro de si um grito, tentando manter-se quieta. Não conseguia equilibrar-se. Havia algo perseguindo-a. Tinha de escapar. Ainda tentava erguer-se.

Os demônios deram-lhe uma espetadela e um pontapé, cacarejando e gritando de prazer, e então a soltaram.

Ela estava em pé novamente. Conseguindo ver o caminho, correu, os braços à frente do rosto a fim de bloquear os galhos da floresta que a feriam e agarravam. Começava a ouvir alguns veículos na rodovia. Quanto ainda faltava?

Os espíritos sombrios adejavam e se agitavam atrás dela, tagarelando e cuspindo. Era um jogo maravilhoso, cruel.

Mas havia guerreiros observando. Afundados na textura da floresta, aqui e ali no meio das árvores, dos troncos, da galharia espessa, havia profundos olhos dourados observando tudo, e braços fortes sobre espadas prontas.

***

A Igreja Comunitária do Bom Pastor tinha uma corrente de orações, um sistema simples de espalhar pedidos de oração por toda a igreja via telefone. Cada participante tinha uma lista de todos os demais participantes e os números de seus telefones. Quando alguém precisava de oração por algum motivo, ligava para a próxima pessoa na lista depois do seu nome, que por sua vez ligava para a próxima pessoa na lista, que então chamava a próxima, e assim por diante. A igreja toda podia estar orando por um pedido em questão de horas a qualquer dia da semana.

O pedido de oração de Tom fez as linhas zunirem com a novidade acerca de Rute e Josias, c a cada telefonema, mais santos punham-se a orar. No topo da lista encontrava-se Donna Hemphile, uma supervisora na Fábrica de Portas Bergen; a seguir, na lista, vinha a família Waring, depois os Jessups, seguidos por Lester Sutter e a esposa Dolly, depois os Farmers, depois os Ryans, depois a viúva Alice Buckmeier, depois os presbíteros no conselho da igreja — Jack Parmenter e seu filho Doug, Bob Heely e Vic Savan. E se continuava pela lista até que todos os números tivessem sido chamados.

Aquilo deu inicio a um alvoroço de preces, naturalmente, mas também a um alvoroço de telefonemas a Tom para saber mais notícias. Para grande tristeza sua, Tom nada mais tinha a lhes contar; e, para sua frustração, muitas das informações passadas através da corrente estavam erradas..

Ele tentou telefonar ao Departamento de Proteção à Criança, mas estava fechado.

Tentou encontrar o número do telefone da casa de Irene Bledsoe; não constava da lista telefônica.

Tentou o gabinete do Investigador Estadual. A mulher lá lhe disse que

chamasse o DPC ou que tentasse o Departamento de Serviços Sociais e Sanitários.

Ligou para o DSSS e eles lhe disseram para entrar em contato com o DPC pela manhã. Eles não tinham nenhum número para contato com Irene Bledsoe, mas também não estavam autorizados a fornecer os números nem que tivessem.

O pastor Mark Howard e Cathy, sua esposa, não estavam na cidade, mas estariam de volta a qualquer hora no dia seguinte.

Ben Cole cumpriu o que prometera e ligou, mas a essa altura nada havia que ele pudesse fazer até a manhã seguinte.

Após uma última ligação a um deputado estadual que não atendeu, Tom deixou o telefone cair no gancho e ocultou o rosto nas mãos. Ele tinha de parar, respirar, acalmar-se. Não podia ser tão horrível quanto parecia. Em algum lugar, em algum momento, ele tinha de encontrar Rute e Josias. Simplesmente não podia ser tão difícil.

O silêncio, o vazio de sua casinha era estranho, quase insultante. Nesse exato momento, ele deveria estar acomodando Rute e Josias para dormir. Mas ele estava sozinho, e muito cansado.

— Senhor Deus — orou ele — Senhor Deus, por favor, proteja os meus filhos. Traga-os de volta para mim. Por favor, faça terminar este pesadelo!

***

Manhã de quarta-feira.

A Escola de Primeiro Grau de Baskon fedia a demônios. Enquanto Natã e Armoth voavam bem alto acima dela, podiam senti-los, percebê-los, muitas vezes vê-los, zumbindo e rodopiando para dentro e para fora daquela novíssima estrutura de tijolos e concreto de que a comunidade tanto se orgulhava. O pátio do recreio fervilhava de crianças, cerca de duzentas, correndo, brincando, e gritando antes que o primeiro sinal indicasse o início das aulas. Então elas se reuniriam em todas aquelas classes onde os espíritos estariam ocupados, mais do que nunca.

Os dois guerreiros passaram sobre a escola, continuaram em frente por mais de um quilômetro, então inclinaram-se bruscamente e deslizaram de lado rumo à terra, caindo como pedras, rolando devagar até ficarem de frente para a direção de onde tinham vindo. A seguir, diminuindo a velocidade, voaram rente aos campos de feno e milho novo, através de estradas secundárias cobertas de pedregulhos, bem pelo meio de uns esguichos, chegando por fim ao velho galinheiro de um sítio próximo à escola.

Suas asas se abriram como pára-quedas, e eles passaram pelas velhas paredes

de ripas do galinheiro com os pés à frente do corpo. Ali dentro, um coro cacarejante de oitocentas galinhas brancas continuou soando, bicando a ração, soltando ovos, alheio à sua presença.

Eles se apressaram na direção de uma das pontas da longa construção, movendo-se através de penas brancas flutuantes, fina poeira marrom, e galinhas, galinhas por toda a parte.

Tal encontrava-se postado a uma janela, olhando rumo à escola.

Armoth gracejou: — A gente poderia questionar porque o senhor escolheu este lugar.

— Por causa da vista — disse Tal. Em seguida, ele olhou na direção da escola novamente. — Eles estão levando a efeito um projeto e tanto lá, bem estabelecido.

— Os santos estão alvoroçados com a notícia dos filhos de Tom. Estão orando — disse Natã.

— E o Senhor está respondendo, por isso estamos bem cobertos por enquanto. Mas o verdadeiro ataque ainda está por chegar hoje de manhã. Coloque uma guarda à volta de Tom. Já vai ser bastante duro para ele; não quero saber de maiores amolações contra ele enquanto estiver mal.

— Certo.

— Onde está Sally agora?

— Ela conseguiu chegar a Claytonville, e arrumou um quarto de hotel. Chimon e Scion a estão vigiando, mas os espíritos de Terga a estão atormentando na esperança de reaver a aprovação de Destruidor.

Tal encolerizou-se ao ouvi-lo.

— Que espíritos?

Armoth tinha uma lista mental:

— Medo, Morte, Loucura. Eles, e alguns outros a atormentaram na noite passada, e a seguiram hoje também, tentando abater seu estado de ânimo.

— E o que me diz de Desespero?

— Terga o enviou para informar o Homem Forte.

— Como é corajoso! — exclamou Tal, achando graça. Ele olhou na direção da escola novamente. — Quero que Signa e Mota abram caminho naquela escola, criem certa proteção, algumas distrações. Precisamos entrar e sair de lá sem que toda a

rede demoníaca descubra. Quanto a Cree e Si, eles terão de fazer a mesma coisa em Ômega, o que significa que precisarão do dobro de guerreiros apenas para fazer Sally entrar e sair de lá viva.

Armoth puxou um fôlego longo, profundo.

— Um negócio arriscado, capitão.

— E ficando cada vez mais arriscado a cada passo que damos. E o quarto no Hotel Schrader em Fairwood?

— Temos guerreiros lá agora, mantendo-o aberto — relatou Nathan. — E o antigo esconderijo do anel ainda está intacto.

Tal tirou um momento para pensar.

— Então essas frentes estão cobertas. Agora tudo o que podemos fazer é tocar o jogo para diante, uma jogada cuidadosa de cada vez. Então — ele sorriu divertido — suponho que o Homem Forte deva estar sendo informado por Desespero a qualquer momento agora.

— E quem está aquartelado lá?

— Guilo.

Natã e Armoth assentiram com a cabeça. Isso não era surpresa.

4

Guilo muitas vezes havia observado como a mais horrível, mais negra maldade parecia escolher os lugares mais belos para construir um ninho, e era o que acontecia novamente. As montanhas à sua volta eram altaneiras, escarpadas, os picos coroados de neve, pitorescas. O ar matutino era límpido, a visibilidade ilimitada, o vento constante e suave, o céu azul profundo. Altos exércitos de pinheiros postavam-se em posição de sentido a cada encosta, e ribeiros cristalinos vertiam, espadanavam e cascateavam do branco puro das geleiras. Abaixo dele, a cidadezinha de Summit aninhava-se pacificamente no vale verde, cheio de flores silvestres, cercada por um silêncio tranquilo, perceptível.

Ele assobiou quando pensou: todas aquelas pessoazinhas lá em baixo, cercadas por toda essa beleza, não podiam ver o horror que as cercava por todos os lados, a tempestade iminente que estava por engolfá-las, as trevas cancerosas que primeiro cegam, depois consomem.

Ele e cerca de uma dúzia de guerreiros evitavam ser vistos, mantendo-se rente aos pinheiros, sem mostrar nem um pouco da luz da glória. Ele não desejava ser detectado pelos poderes maléficos que apenas os espíritos podem ver — uma nuvem de demônios que enxameava e rodopiava como um tufão tão negro quanto fumaça na encosta da montanha, a menos de dois quilômetros da cidade. Abaixo do tufão que o guardava, quase Invisível no meio das árvores, havia gracioso vilarejo alpino, um campus pitoresco de prédios adornados, passagens imaculadas, trilhas fascinantes, belíssimos jardins. O lugar todo gritava convite, exalando agradável e envolvente senso de paz, beleza e fraternidade.

Era a casa do Homem Forte, seu posto avançado, o eixo de um mal que se alastrava cada vez mais. Os espíritos fuliginosos eram audaciosos e turbulentos, deleitando-se com uma lista cada vez mais longa de vitórias sobre almas humanas.

Guilo se deteve imóvel, observando-lhes os movimentos, avaliando lhes a força, calculando-lhes o número. Sim, era bom vê-los tão atrevidos; era sempre mais fácil apanhar desprevenidos os demônios nesse estado de espírito. Mas eles não estariam tão atrevidos assim por muito tempo — ele e seus guerreiros tinham visto a recente chegada de um demoniozinho choraminguento, um pequenino mensageiro de insignificante cidadezinha rural, e a notícia que o espírito trazia com certeza mudaria as coisas por todo aquele supostamente encantador vilarejo. Um ataque teria sido suficientemente difícil antes. Agora ia ser nada menos do que um verdadeiro pesadelo.

Um grito! Um berro agudo, um tremor perpassou o tufão. As fileiras de demônios começaram a comprimir-se, encolhendo-se cada vez mais, fechando-se, cada vez mais escuras, mais espessas.

— Oh... — exclamou Guilo. — Parece que o Homem Forte recebeu a notícia.

***

— RUUUUUGIIIIDOOOOOO!!

O disforme bulbozinho que era o corpo de Desespero espichou-se, retorceu-se e abaulou-se de um jeito e de outro, como uma grande bolha negra acabada de sair do canudo, enquanto ele explodia pelo chalé e em seguida caía ao chão, choramingando alto, seu corpo negro frouxo e chato como um soluçante e trêmulo tapete de pele de urso. Em toda a sua volta, os demônios príncipes e generais estavam em uma confusão explosiva, babosa, sulfurosa, berrando e soltando maldições e vapor amarelo tão denso quanto fumaça de charuto. O chalé se enchia de uma neblina pesada, pútrida que quase obscurecia seus vultos espectrais.

Eles também não apreciaram a notícia de Desespero.

Na ponta da sala de estar, o Homem Forte fitava furioso o demoniozinho desprezível, seus enormes e amarelos olhos de gato quase explodindo da cabeça, as narinas alargadas, o enxofre exalando delas em nuvens revoltas.

O imenso e volumoso espírito tentava decidir se se sentia melhor agora, ou se precisava de novo atirar Desespero ao outro lado do chalé.

Os príncipes e generais — quase um cento deles — começavam a voltar-se uns contra os outros, abanando os braços, atirando suas asas negras nas caras uns dos outros, gritando e chiando; alguns exigiam explicações, alguns começavam a passar adiante a culpa, alguns queriam saber o que fariam a seguir, e alguns simplesmente se deixavam ficar ali, praguejando.

O Homem Forte encheu a sua ponta do cômodo com as asas e estendeu os braços abertos.

— Silêncio! Fez-se silêncio.

Ele deu uma enorme passada rumo ao centro da sala, e todos os demônios recuaram um passo, curvando-se, fechando as asas. Ele deu mais alguns passos, e a sala ecoou com o som deles.

Então ele se dirigiu ao pequenino tapete no chão:

— Você tem mais alguma coisa para me contar?

— Não, meu Ba-al.

— Alguma outra perda?

— Não, meu Ba-al.

— Nenhuma outra asneira?

— Não, meu Ba-al.

O demônio senhor considerou o que ouvira por apenas um momento. Em seguida a ordem explodiu de sua boca escancarada como se de um canhão:

— Então dê o fora daqui!

A força do hálito do Homem Forte foi mais do que suficiente para fazer Desespero por-se a caminho. Ele estava fora do chalé e no céu mesmo antes de abrir as asas.

O Homem Forte caminhou de volta à sua ponta da sala e afundou em seu trono — o buraco da lareira — com uma profunda carranca. As fileiras demoníacas que o ladeavam aprumaram-se, mantendo-se empinadas e altas contra as paredes. A ordem voltou à sala cheia de trevas, sombras, fumaça amarela e um mau cheiro de morte.

— Ela está viva — cismou amargamente. — Estávamos livres dela, achamos que de vez, e então ela surgiu novamente. Tentamos matá-la, mas agora ela ainda está viva e... debaixo da proteção *deles*.

Os príncipes se postavam como estátuas, esperando silenciosamente sua próxima palavra.

— RRROOOOOOUUUULLLLLL!

As fileiras demoníacas tiveram de se aprumar em filas novamente.

— O Vidoeiro Quebrado... — continuou ele cismando. — Um bando de gente tão agradável, tão indômita e tão franca. Tão pronta a matar. Tão... tão DESAJEITADA! — Ele fervilhou, fez seus enormes dedos tamborilaram, olhou furioso a nada em particular. — Esses humanos... esses adoradores de nosso senhor são maravilhosamente maléficos, mas às vezes... às vezes eles tropeçam à *nossa* frente. Nenhuma sutileza, nenhuma cautela. Por isso, agora temos um erro crasso, e uma almazinha escorregadia escapou de nosso punho, uma ameaça para nós pior agora do que nunca!

Um príncipe adiantou-se e curvou-se. — O meu senhor pensará em abortar o Plano?

O Homem Forte aprumou-se, e seus punhos fechados ribombaram sobre as

pedras da lareira.

— NÃO!

O príncipe recuou até as fileiras sob os olhares condenatórios dos companheiros.

— Não — rosnou o Homem Forte — não este Plano. Há coisas demais em jogo, um excesso de coisas já foram estabelecidas e preparadas. Há coisas demais a serem ganhas para permitir que uma mulherzinha, uma almazinha miserável, estrague tudo.

O odioso espírito tentou descontrair-se, inclinando a cabeça para trás e deixando que sua língua cor de âmbar rolasse pelos beiços.

— A cidade era tão perfeita — cismou ele. — Os santos de Deus tão poucos, tão pobretões... e o *nosso* pessoal, oh, tão forte, tão numeroso, tão... tão pioneiro! Trabalhamos com tanto afinco para estabelecer a base que temos naquela cidade. Ah... quem sabe quanto tempo demorou...?

— Vinte e três anos, Ba-al — disse um auxiliar bem intencionado. O Homem Forte fitou-o furioso. — Obrigado. Eu sei.

O auxiliar curvou-se e recuou.

O Homem Forte continuou sua revisão mental. — E os insignificantes santinhos da cidade eram... obscuros, não percebem, longe de ajuda, longe dos principais recursos, isolados no meio de ondulantes lavouras... desconhecidos. Era o lugar perfeito para começarmos o processo. — A cara bestial ficou mais fechada e amarga. — Até que começaram a orar. Até que deixaram de estar tão confortáveis e puseram-se a chorar diante de Deus! Até que começaram a de novo reivindicar o poder da... — O Homem Forte selou os lábios.

— Da Cruz? — ofereceu o auxiliar.

— *IAAAAA!!* — A espada do Homem Forte zuniu através do ar e por uns centímetros não atingiu o auxiliar. Tanto fazia. Diversos príncipes agarraram aquele vassalo boca-suja e o expulsaram.

O Homem Forte acomodou-se na lareira com um baque. —Destruidor!

Os príncipes olharam para a outra ponta da sala. Um murmúrio percorreu-lhes as fileiras. Alguns recuaram.

Uma sombra adiantou-se, uma silhueta. Era alta, envolta em asas ondulantes. Ela se movia tão suavemente, tão silenciosamente, que parecia flutuar. Os outros demônios não se atreviam a tocá-la. Alguns se curvavam de leve.

A sombra atravessou a sala e então postou-se diante do Homem Forte, a cabeça abaixada em deferência. Ela permaneceu absolutamente imóvel.

O Homem Forte estudou aquela forma escura e silenciosa por um momento. — Você tem estado perceptivelmente quieto durante estas discussões.

A coisa ergueu a cabeça e fitou seu senhor com olhos estreitos, calculistas. A cara não era inteiramente odiosa; era quase humana. Mas era má; era fria e cheia de ódio.

— Fale, meu Ba-al — disse ele — e responderei.

Os olhos do Homem Forte se estreitaram. — Seus lacaios fracassaram, Destruidor. Ela está viva e livre. O que me diz disso?

A cara de Destruidor era pétrea, sua espinha aprumada. — Ela ainda é minha?

Havia um tom estranho, cortante na voz do Homem Forte. — Você ainda a merece, Destruidor?

O Homem Forte falou claramente, ameaçadoramente. — Quero que dê um sumiço nela, de modo que jamais reapareça de novo. — Havia uma leve sombra de dúvida na voz do Homem Forte ao perguntar —Você *consegue* dar conta disso?

A coisa não se moveu por um momento.

GOLPE CORTANTE! Relâmpago vermelho! Uma espada crepitante cortou o ar e dividiu o espaço em dois segmentos ardentes. Negras asas encheram o aposento como fumaça e ribombaram como trovão. Os príncipes caíram para trás de encontro às paredes; o Homem Forte chegou a se encolher.

A coisa postou-se ali, novamente imóvel, os olhos ardendo de ira, as asas negras acalmando-se lentamente, a candente espada vermelha firme em sua mão.

A voz, baixa e sinistra, fervilhava de ressentimento. — Dê-me alguns guerreiros de verdade, não Terga e seus desajeitados e choraminguentos diabretes de Baskon! Coloque seus melhores guerreiros sob meu comando e deixe que eles energizem o Vidoeiro Quebrado, e verá o que seu servo pode fazer!

O Homem Forte estudou a cara de Destruidor e sem o menor sorriso perguntou: — E o que me diz dos boatos que tenho ouvido?

Destruidor bufou uma risada escarninha através das narinas dilatadas. — São rumores espalhados por espíritos encolhidos de medo! *Se* o nosso oponente for esse Tal, tanto maior a emoção do desafio.

— Ele é poderoso.

Destruidor contrapôs: — Ele é *sabido*. Sua força não reside na própria espada, mas nos santos de Deus. Nossos exércitos transformaram numa lenda a sua vitória sobre nós em Ashton, mas prestam-lhe respeito em demasia. Foram as orações dos santos que nos derrotaram, não esse astuto Capitão dos Exércitos. — Destruidor abanou a espada lentamente pelo ar, admirando o ardente reflexo que seguia de perto o gume afiado. — £ assim aconteceu neste revés recente, insignificante. Mas agora ganhei uma vantagem, Ba-al: já provei a astúcia do inimigo, testei sua força e conheço a fonte do seu poder.

O Homem Forte ainda duvidava. — E como é que espera frustrá-lo se de novo não conseguiu?

— Procurarei os santos primeiro. Já existe mais do que suficiente em Baskon com o que eles se preocuparem, mais do que suficiente para dividi-los. Manterei aquelas pessoas ocupadas censurando e atacando-se mutuamente, e então seus corações estarão afastados da oração. — Ele segurou alto a espada; seu brilho vermelho iluminou a sala e os olhos amarelos refletiam o ardor em carmesim raiado de sangue. — Puxarei a força de Tal bem de baixo dele!

O Homem Forte parecia bem impressionado, pelo menos no momento. — Designarei meus melhores homens para acompanhá-lo. A sociedade do Vidoeiro Quebrado é desajeitada por vezes, mas nos é totalmente dedicada. Use-a a seu bel prazer. Agora, vá!

***

Ben encontrava-se sentado à sua pequena escrivaninha no escritório da frente da delegacia e tentava terminar de trabalhar nuns papéis antes de sair em patrulha. Era um escritoriozinho gostoso, com duas pequenas escrivaninhas, uma copiadora, alguns cartazes coloridos sobre segurança no transito e um gradil baixo que fazia o papel de divisória. Nesse exato momento, o sol matutino jorrava pelas grandes janelas, aquecendo o lugar. Em circunstâncias diferentes, ele sempre gostara de trabalhar ali.

Mas Ben não se sentia contente nessa manhã, e sua mente estava longe da sua papelada. Tinha visto o relatório final de Mulligan sobre o suposto suicídio, e considerava-o inacreditável. Ele não podia ter certeza, mas as fotografias do corpo e as condições que o cercavam simplesmente não correspondiam ao que se lembrava de ter visto. De repente havia uma corda em torno do pescoço da mulher — na noite anterior Ben não viu corda alguma em torno do pescoço, e até a Sra. Potter disse que a mulher tinha a corda na mão. A ração derramada havia sumido misteriosamente, e a palha à volta do corpo parecia intacta, de forma alguma da maneira bagunçada, pisoteada e remexida em que estivera na noite anterior.

Ben não queria pensar nisso, mas era óbvio que a cena — e as fotografias dela — tinham sido alteradas, como se Mulligan e Leonardo tivessem dado cabo de todas as provas antes de tirarem as fotos e redigirem o relatório.

Como se isso não fosse o suficiente para preocupá-lo, havia também a zombaria e a acusação que Milligan fizera a Tom Harris, e na frente dos jornalistas. E, afinal, por que cargas dágua a imprensa estava na delegacia? Uma porção de coisas estavam parecendo muito suspeitas a Ben naquele instante.

O *Estrela do Condado de Hampton* estava sobre o canto da escrivaninha. Ele teve de repassar o jornal inteiro antes de encontrar a mínima menção que fosse — e nada mais era do que isso — à morte no sítio dos Potters. O artigo era mais um preenchimento de espaço do que uma notícia de verdade, como se o repórter derrubasse todos os fatos em algum canto do chão e se esquecesse deles... ou propositadamente os abandonasse ali. A coisa toda dava a sensação de estar errada, tão errada que revirava o estômago de Ben.

Preciso dar o fora daqui, sair em patrulha. Não quero falar com o Mulligan, não quero nem olhar para ele.

Mas Mulligan era difícil de ser ignorado — ele gostava que fosse assim. Ele veio até a frente, arrotou bem alto, e sentou-se atrás da escrivaninha do outro lado do aposento como se fosse uma carga de cereais caindo num desembarcadouro. Trazia o relatório da investigação na mão, e pôs-se a virar as folhas para dar uma última olhada.

— Bem — disse, sua voz retumbante reduzindo nervos a estilhaços — é isso aí.

— Algum parente a quem devamos notificar? — perguntou Ben. Mulligan puxou um envelope de papel-manilha de uma gaveta. — Não existe nenhum. Roe era uma maria-ninguém, uma solitária. — Ele fez deslizar o relatório, juntamente com os esquemas e fotografias que o acompanhavam, para dentro do envelope e dobrou-lhe a aba. — Ela se desligou sozinha e agora é nosso trabalho plantá-la silenciosamente e continuar com a vida.

— Não suponho que vai haver um relatório do legista, vai?

Ben sabia que havia avançado demais. Mulligan começava a ferver. — Claro que vai haver. E daí?

Ben queria recuar, mas agora tinha de responder à pergunta de Mulligan.

— Bem... com todo o devido respeito... o legista poderia encontrar alguma evidência que sugira outra causa da morte.

Mulligan não tinha tempo para isso.

— Ouça, Cole, se apenas ser um tira comum, trabalhador, limpo, não chega para você... se simplesmente não acha que tem responsabilidade o bastante... tenho a certeza de que encontrarei alguns trabalhos mais importantes para você fazer, algo de que realmente possa se orgulhar. O lugar bem que está precisando de uma varrida, e sei que você seria muito meticuloso; meteria a vassoura em todos os cantos, limparia todas as teias de aranha, não?

Ben sabia que estava encarando Mulligan furiosamente, mas não fez o menor esforço para suavizar a expressão. E então lhe disse:

— Eu poderia ser muito meticuloso ao examinar se a investigação da noite passada foi ou não correta.

Mulligan abriu com força a gaveta do arquivo e jogou o envelope ali dentro.

— Concentre-se em fazer o seu serviço, Cole. Não lhe estou pagando para ser a minha consciência.

5

A agente do correio, Lucy Brandon, não conseguia concentrar-se no serviço. Debbie, a moça do balcão, já lhe havia feito três perguntas — uma acerca do carteiro da Rota 2, uma acerca das bandejas de correspondência rachadas, e uma acerca... ora, ela não conseguia lembrar-se da terceira pergunta. Não podia responder a nenhuma delas; não conseguia lembrar-se da informação; simplesmente não conseguia pensar.

— Ei — gritou Debbie, por fim — está-se sentindo bem?

Lucy tirou os óculos e esfregou os olhos. Era geralmente uma pessoa forte, suficientemente durona. Morena alta de trinta e tantos anos, ela já havia passado por número mais do que suficiente das provaçõezinhas da vida a essa altura: pobreza, a morte precoce dos pais, uma juventude desmiolada e rebelde, um casamento abalado, a tarefa de apanhar os pedaços após amargo divórcio e de criar uma filha pequena sozinha — no total, um pacote bem completo de apuros. Por isso, aprendera a enfrentar as lutas, de modo geral; a maioria das dificuldades nunca realmente a preocupava — contanto que não lhe tocasse a família.

Ela correu os olhos pelo pequeno Correio, e felizmente ele estava tranquilo nesse instante. A correria do meio do dia distava ainda algumas horas, todos os carteiros haviam saído para as suas rotas, e a pilha de serviço sobre sua escrivaninha aumentava, mas ela poderia dar conta.

Lucy estava determinada a responder a pelo menos uma pergunta. — Bem, não, não muito.

Debbie era jovem, bonita e compassiva. Talvez não tivesse vivido o bastante para criar um exterior duro. Ela tocou o ombro de Lucy ternamente.

— Alguma coisa que eu possa fazer?

— Bem... — Lucy examinou o relógio na parede. — Tenho um compromisso para daqui a apenas alguns minutos. Acha que você e Tim podem dar conta do recado até eu voltar?

— Oh, claro.

Um coruscar da luz do sol refletida dançou ao longo da parede. Um carro esportivo encostou do lado de fora.

— Oh, aí está a minha carona.

— Pode ir. Não se preocupe conosco.

***

A motorista do carro era Claire, uma amiga maravilhosa e conselheira não apenas para Lucy como também para muitas pessoas de todas as posições sociais na cidade. Era uma bela mulher, com cabelos loiros arranjados cuidadosamente em torno da cabeça e adornados com pentes e grampos que piscavam e brilhavam. Sua blusa e longa saia, ambas de fibras naturais lindamente tecidas, drapeavam à sua volta como vestes reais, e, aos olhos de Lucy, Claire *era* uma verdadeira rainha. Ela e seu amigo, arquiteto Jon, formavam o casal perfeito, crescendo constantemente em auto-realização e harmonia e tornando-se exemplo duradouro para todos os seus amigos.

Quando Lucy entrou, Claire inclinou-se e abraçou-a. — E como vai você, Lucy?

— Oh... levando — respondeu ela, procurando o cinto de segurança. Claire deixou o estacionamento do Correio e desceu a Rua da Frente.

— E como está Amber? — perguntou.

— Vai indo bem. Não lhe contei que iríamos hoje. Não queria causar nenhum alarme antes que fosse necessário.

— Bom, bom.

— Vou levá-la de volta à escola de primeiro grau na segunda-feira e ver se consigo encaixá-la novamente nas classes que tinha lá. A Srta. Brewer não acha que ela terá muita dificuldade em pôr em dia as matérias e apenas terminar o ano.

— Oh, não, não a Amber, e ela está muito perto do fim do ano de qualquer forma.

Elas atravessaram a cidade e depois viraram na rua 187, normalmente chamada Estrada da Lagoa, porque passava por uma lagoa grande e conhecida, cercada de juncos, uns três quilômetros a oeste. Junto com a placa da rua que indicava o nome da estrada havia outra placa apontando a direção da Igreja Comunitária do Bom Pastor e da Academia do Bom Pastor.

— Penso que John e Paula estarão lá hoje — disse Claire. — Espero que não se incomode.

— Acho que não. Nem os conheço ainda.

— Bem, verá que são pessoas maravilhosas. Alegro-me por trabalharmos com eles neste negócio. Os jornalistas geralmente não são tão bem educados quanto eles.

Lucy aquietou-se por um momento, apenas vendo as lavouras e bosques passarem. Finalmente, disse:

— Por que precisamos envolver a imprensa nisto?

— Oh, é muito simples. Num caso como este, a opinião pública é importante. É a mente do público que acaba criando as leis pelas quais todos temos de viver. Veja você, lutamos nossas batalhas em dois níveis: nos tribunais e na arena pública. Uma porção dos casos que vencemos hoje surgiram porque a opinião pública foi moldada muitos anos atrás. O que fazemos agora para moldar a opinião pública terá efeito positivo nos casos legais que surgirem no futuro. É um processo.

— Só não sei se Amber conseguirá passar por isso.

Claire sorriu confiante. — Oh, Amber é um soldadozinho forte. Ela consegue. Fiquei impressionada com a forma como ela se manifestou e contou tudo à nossa equipe, e ao Dr. Mandanhi, e até à Sra. Bledsoe.

Lucy parecia amargurada.

— *Amber?* Você quer dizer "Ametista", não é? Claire sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Sim, você tem razão. Mas isso não importa. Ainda é Amber, de verdade. Ametista é uma boa amiga para Amber porque ela carrega o peso do que aconteceu e fala livremente, algo que Amber jamais poderia fazer consigo mesma.

Lucy sorriu um sorriso nervoso. — Mas, sabe uma coisa... acho que não gosto de Ametista.

Claire riu.

Lucy riu também, esperando que a declaração não fosse levada tão a sério quanto era sua intenção. — Quero dizer... Ametista é tão impertinente e desrespeitosa... E acho que Amber se livra de muita coisa jogando a culpa em Ametista.

— Bem, precisamos dar um jeito de parar com isso, naturalmente.

— Mas está vendo o que me preocupa? Acho que eu confiaria em Amber para dizer a verdade... e eu saberia o que ela estava pensando e sentindo. Mas eu não saberia dizer isso a respeito de Ametista. Nunca sei o que ela vai acabar falando! — Lucy sacudiu a cabeça ao pensar que estava mesmo tendo uma conversa daquelas. — Preciso de umas rédeas para aquela bichinha!

Claire riu outra vez. — Oh, não tenha medo de Ametista. Os guias íntimos são sempre dignos de confiança, e Amber precisa desse apoio e comunhão para o que

vem aí.

— Oh, posso ver isso.

Mas Lucy não se sentia nada melhor, e Claire percebeu.

— O que mais? — perguntou Claire. — Já que falamos de Ametista...

— Sim?

— Você viu aquele outro artigo no jornal, acerca de Sally Roe? Claire sabia a respeito. — Lucy, você realmente não tem nada a ver com isso. Nem mesmo deveria pensar uma coisa dessas!

Lucy estava quase em lágrimas. — Mas como posso evitar?

Claire deu diversas olhadelas disfarçadas a Lucy enquanto dirigia. — Escute bem. Não é culpa de Amber. Pedi que alguns amigos meus fossem atrás de Sally Roe assim que você me contou o que aconteceu no Correio. Pelo que pude saber, Sally Roe era uma pessoa profundamente perturbada. Era atormentada por dúvidas a seu próprio respeito e culpa, e nunca conseguiu sair dessa... Era uma embrulhada cármica! Amber nada teve a ver com ela se matar. Era o que teria feito de qualquer forma.

Lucy sacudiu a cabeça e fixou os olhos fora da janela.

— Mas se você pudesse ter estado lá... se tivesse visto o rosto daquela mulher quando... quando *Ametista* simplesmente atacou-a. E eu não conseguia fazer com que ela parasse. Amber simplesmente não voltava a si.

— Esqueça isso — disse Claire batendo de leve na mão de Lucy. — Sally Roe se foi, cumprindo seu próprio caminho onde quer que ele a conduza. Você tem o seu, e Amber também. Precisa pensar a respeito disso.

Enfim, Lucy assentiu. Aproximavam-se da escola cristã, e ela se sentia nervosa.

— Só espero que todo esse negócio saia bem. Espero que a gente saiba o que está fazendo.

— Acho que é algo que precisamos fazer — respondeu Claire, firme. — Intolerância religiosa é inimiga de todos. Acho que nos estaríamos furtando à nossa responsabilidade se não fizéssemos nada.

Não havia tempo para dizer mais nada. Claire diminuía a velocidade e indicava que ia virar. Ali, à esquerda, estava a Igreja Comunitária do Bom Pastor, um prédio simples de tijolos com telhado de duas águas, janelas tradicionais em

arco, e uma torre de sino. Era um marco em Baskon, abrigando diversas congregações diferentes com o passar dos anos; algumas tinham-se extinguido, algumas tinham-se mudado e novos grupos haviam chegado, mas ela permanecia através disso tudo por quase um século, sólido monumento a um cristianismo tenaz. Essa última congregação parecia estabelecer novo recorde de permanência; estava ali há quase quinze anos, e o pastor atual a pastoreava pelo menos há oito.

Claire estacionou entre a igreja e a Academia do Bom Pastor, um prédio portátil simples, com teto de barracão, apoiado sobre estacas e pilastras. Havia quatro veículos estacionados naquele momento. Dois deviam pertencer ao pessoal da escola; a perua pertencia a John Ziegler e a Paula, a fotógrafa, e o grande furgão branco estava claramente marcado: "KBZT Noticiário do Canal Sete".

— Uma equipe de *televisão?* — perguntou Lucy surpresa.

— Oh, certo — disse Claire. — Não lhe contei acerca disso. O pessoal do Canal Sete achou que esta seria uma boa história para o noticiário.

Os dois homens do Canal Sete já estavam preparados para a chegada de Claire e Lucy, e pularam do furgão assim que o carro delas encostou. O operador da câmara colocou-a sobre o ombro, e começou a observar as notícias com um olho. O outro homem, jovem, tipo atlético com terno e gravata acima da cintura e calça de brim abaixo dela, adiantou-se e saudou Claire quando esta saiu do carro.

— Ei, bem na hora! — disse ele, apertando-lhe a mão.

— Oi, Chad. Prazer em vê-lo novamente.

— Este é o Roberto. —Oi.

Roberto devolveu-lhe o sorriso, olhando-a através da câmara. Lucy saiu do carro um tanto hesitante.

Claire apresentou-a. — Chad e Roberto, esta é Lucy Brandon, a mãe.

— Oi. Chad Davis. Este é Roberto Gutierrez.

— Vão me filmar?

— Você se importa? — perguntou Chad.

— Vai ficar tudo bem — assegurou-lhe Claire. Lucy simplesmente deu de ombros.

John Ziegler e Paula estavam lá, prontos para prosseguir. Claire cumprimentou-os, e Lucy apenas sorriu.

A porta da escola se abriu, e um homem olhou para fora. Ao avistar aquele

bando de gente reunido no estacionamento, seu rosto ficou pálido; ele pareceu doente.

Era, naturalmente, Tom Harris.

Claire, erguendo a mão em saudação, gritou:

— Oh, alô — e pôs-se a caminhar na direção da construção portátil, os outros seguindo-a de perto.

Não, Senhor, não...

Se eu pudesse fechar esta porta e nunca sair, pensou Tom. Se eu pudesse somente fazer cair fogo dos céus para limpar essa gente da minha vida, para fazê-los ir embora... Já não fizeram o bastante comigo?

Tom havia estado no telefone a maior parte da manhã, dando voltas no carrossel da burocracia governamental enquanto tentava dar as suas aulas, e ainda não havia encontrado os filhos. A última palavra que ele havia recebido era do DPC, e eles se recusavam terminantemente a contar-lhe onde as crianças se encontravam. O pastor Howard ainda não voltara, todos os outros trabalhavam, e nada acontecia com a necessária rapidez.

Senhor, apenas queria que essa gente se fosse. Gostaria que este dia chegasse ao fim.

Tom olhou de volta para o lado de dentro. Duas crianças, uma da terceira série e uma da quarta, se mostravam curiosas.

— Olhe... TV! — disse a garotinha.

Tom estava sendo filmado pela câmara naquele exato momento. Pelo menos dirigir-se à criança deu-lhe a oportunidade de voltar as costas.

— Sammie, vá sentar-se... isto nada tem a ver com você. Clay, você terminou? Bem, coloque-o sobre a minha mesa e comece a página seguinte. Examinarei o que fez logo depois do almoço, está bem?

— Sr. Harris? — disse Claire, subindo os degraus de madeira. —Sim?

— Meu nome é Claire Johanson. Sou assistente legal com a firma Ames, Jefferson e Morris. Estou aqui como representante da Sra. Lucy Brandon, a quem o senhor já conhece. Podemos conversar brevemente?

— Este está sendo um dia muito difícil para mim, Sra. Johanson...

— *Srta.* Johanson.

— Nada tenho a dizer a outros jornalistas. Para mim, já basta.

— Este é um problema legal, Sr. Harris.

Oh, formidável. O que mais podia dar errado? Tom sabia que não devia embarcar em qualquer conversa na presença de jornalistas orelhudos e uma câmara de televisão.

— Por que não entram? — Então, ele deixou claro. — A senhorita e a Sra. Brandon. Esses outros podem esperar aqui fora.

Ele se afastou para o lado para que as duas mulheres entrassem, depois fechou a porta na cara dos jornalistas.

Encontravam-se numa sala comum que servia de refeitório, guarda-agasalhos e biblioteca, entre duas salas de aula. Tom enfiou a cabeça dentro de sua sala de aula à direita. Uma classe de primeira e segunda séries de cerca de dez crianças trabalhava indolentemente numas mesinhas baixas, colorindo, colando e mantendo o nível de barulho apenas abaixo do limite estabelecido pelo professor.

— Sra. Fields?

Uma senhora gorduchinha de meia-idade saiu da sala de aula. Tinha as faces rosadas e os cabelos em permanente muito crespa. Seus olhos imediatamente demonstraram alarme ao darem com Lucy Brandon e aquela mulher de aparência intrometida ao seu lado.

— Temos umas visitas importantes — explicou Tom em voz baixa. — Pode ficar de olho na minha classe por alguns minutos?

— Certamente — disse a Sra. Fields, incapaz de tirar os olhos das duas mulheres.

— Eles fazem as lições de leitura agora, e devem terminar até às 10. Clay faz um projeto especial que lhe dei; apenas certifique-se de que ele o ponha sobre a minha mesa.

Ela assentiu com a cabeça e atravessou a sala para espiar a classe da terceira a sexta séries.

— Vamos ao meu escritório — disse Tom, e foi à frente até um diminuto cubículo na parte de trás do prédio, que continha uma escrivaninha, um computador, uma copiadora, e dois arquivos. Mal havia lugar para três pessoas se sentarem. Tom ofereceu às senhoras as únicas duas cadeiras e preferiu manter-se em pé, recostado contra os arquivos.

Claire não perdeu tempo:

— Sr. Harris, estamos aqui para tirar Amber da escola. Gostaríamos que nos desse todo o seu histórico escolar.

— Falarei com a nossa secretária e terei esses papéis preparados para a senhora — respondeu Tom mantendo-se calmo e sério. — A senhora compreende que todos os pagamentos mensais devem estar quitados antes que a papelada possa ser liberada.

Claire olhou para Lucy enquanto dizia:

— Todos os pagamentos serão efetuados. Gostaríamos de processar isso o mais cedo possível.

— Certamente — Tom olhava para Lucy. — Sinto muito não termos podido discutir isso...

Claire interpôs:

— Não há nada a discutir. — Dito isso, ela se ergueu e Lucy fez o mesmo. — Agora, se o senhor puder avisar Amber que estamos aqui. . .

As duas mulheres saíram para a sala comum e Tom seguiu-as. Ele simplesmente não estava satisfeito.

— Uh, isto nos pegou um tanto de surpresa. Pelo que entendo, não conseguimos resolver as coisas a contento para a senhora?

Claire começou a responder

— Não, Sr. Harris...

— A pergunta foi dirigida à Sra. Brandon — atalhou Tom educada mas firmemente. Ele olhou para Lucy. — Já faz um mês que tivemos aquele probleminha. Conversamos a respeito, e pensei que estivesse tudo resolvido. Se a senhora ainda tinha dúvidas ou receios, eu certamente teria de boa vontade feito outra reunião com a senhora.

— Quer fazer o favor de chamar Amber? — solicitou Claire.

Tom enfiou a cabeça dentro da porta da sala de aula e chamou baixinho:

— Amber? Sua mãe está aqui. É melhor apanhar seu casaco e suas coisas. Havia dezoito alunos da terceira a sexta séries na sala de aula, cada qual sentado numa pequena carteira, e todas as carteiras estavam colocadas em filas alinhadas. Cartazes de natureza, astronomia, do alfabeto e conselhos sobre higiene adornavam as paredes. Encostado numa parede, um grande aquário borbulhava, e ali perto encontrava-se um telescópio doado, posicionado para sondar os céus. Sobre uma

mesa havia vasinhos de ervilhas plantadas, todos enfileirados e rotulados, e, a seu lado, uma família de *hamsters* em grande gaiola movimentada.

Na antepenúltima carteira, quarta fileira, encontrava-se Amber Brandon, aluna da quarta série, vivaz, esperta, um tantinho travessa, com farta cabeleira de fios loiros muitas vezes desordenados, e grandes olhos azuis. Ela trazia um macacão roxo e tênis cor-de-rosa, e ao ombro, um brochinho de um cavalo de brinquedo.

A menina ficou surpresa ao saber que sua mãe havia vindo, mas também um tanto excitada. Ela fechou depressa o caderno, ajuntou seus livros e o estojo de lápis, e veio à porta.

Lucy abaixou-se e deu-lhe um abraço.

— Vá buscar seu casado, meu bem, e sua lancheira.

Aquelas foram as primeiras palavras que Tom ouviu da parte dela nesse dia.

Assim que Amber ficou pronta, Tom acompanhou-as à porta, escancarando-a para elas passarem. Os jornalistas ainda esperavam do lado de fora, claro, e Tom quase podia sentir o olhar fixo do olho único daquela câmara de televisão.

— Ei, escutem — disse ele aos jornalistas — vocês estão em propriedade particular, e acho que seria melhor se fossem embora, está bem?

— Oh, Sr. Harris — disse Claire, voltando e juntando-se a ele no vão da porta. A câmara pegou uma perfeita cena dupla. — Também estou aqui para entregar-lhe isto.

Ela tirou um envelope do bolso do casaco e colocou-o na mão dele. A lente Zoomar da câmara focalizou-o num *close-up*. A câmara de Paula deu um estalido e bateu diversas fotos.

— Vê-lo-ei no tribunal, senhor. Bom dia.

Ela desceu a escada e caminhou com Lucy e Amber de volta ao carro.

Tom ficou petrificado no lugar por um momento, o que Paula e Roberto acharam ótimo. Ele fitou o envelope, o estômago dando nó, o coração batendo tão forte que ele podia sentir. O envelope começava a tremer-lhe na mão. Olhou para o pessoal da imprensa. Eles tiraram mais alguns instantâneos.

— Por favor, vão embora — disse ele, a voz quase inaudível.

— Obrigado, Sr. Harris — disse John Ziegler.

Tom fechou a porta e então reclinou-se contra ela, completamente sozinho na sala comum. Sentiu que as pernas iriam dobrar debaixo de si e ele afundaria ao chão

a qualquer instante.

— Oh, Deus — orou ele num sussurro. — Oh, Deus, o que está acontecendo?

Das duas salas de aula, a quieta atividade e os estudos continuavam. Subitamente, esse som lhe foi muito precioso. Ele olhou à volta da sala comum e reconheceu os casacos e as lancheiras de todas as crianças, toda a sua querida tribozinha. Não demoraria muito e eles estariam fazendo uma oração e saindo para o recreio da manhã, enchendo os balanços e o pátio como sempre faziam. Essas preciosas rotinas diárias agora pareciam tão inestimáveis por causa do envelope em sua mão, esse invasor, esse câncer, esse inimigo rancoroso, importuno! Ele queria mui ardentemente picá-lo em um milhão de pedaços, mas sabia que não podia.

Agora tudo se encaixava. Agora as coisas começavam a fazer sentido. Seus olhos enuviaram-se com lágrimas.

Então foi por isso que eles levaram Rute e Josias!

***

Tal estava ali, a espada desembainhada, mantendo-se perto da construção, sem ser visto, observando o carro e o furgão do noticiário indo embora. Apenas alguns espíritos sombrios acompanhavam os visitantes, e não houve escaramuças, pelo menos por ora. O fato de Tom estar bem guardado por dois guerreiros muito altos ajudava a manter as coisas quietas, além do fato de Natã e Armoth estarem no topo da igreja bem à vista.

— Não quero que ele sofra outra hostilidade pelo resto do dia — instruiu Tal aos guardas. — Deixem-no sarar desta aqui primeiro.

Em seguida ele estendeu as asas e alcançou o teto da igreja num salto suave.

— Então, eles resolveram levar o negócio adiante! — comentou Natã.

— O Homem Forte pode ser inflexível — avisou Tal. — Acho que esta será uma luta até o fim. É ...

FUUUM! Uma explosão súbita de asas! Os três guerreiros formaram imediatamente um feixe apertado, cada qual olhando para fora, espada desembainhada, posicionada para a peleja.

— Lá! — berrou Tal, e todos voltaram-se para a velha torre do sino. Era Destruidor, ereto e imponente, as asas expandidas começando a acomodar-se, a fulgurante espada vermelha desembainhada. Uma dúzia de guerreiros o acompanhavam, seis de cada lado, quase tão monstruosos quanto ele. O quente vapor amarelo saindo das narinas de cada demônio formava uma fita contorcida que

flutuava sobre o estacionamento como uma serpente lenta, curiosa.

— Se não me engano, você é Tal, o Capitão dos Exércitos! — gritou o demônio.

Tal, Natã e Armoth analisavam aquele bando. Era melhor evitar uma luta.

— Sim, sou — disse Tal.

Os beiços negros, hirsutos, arreganharam para trás numa careta zombeteira, pondo à mostra longas presas cor-de-âmbar.

— Então os boatos nas fileiras eram verdadeiros!

— E quem seria você?

— Chame-me de Destruidor por enquanto. — A seguir, ele proclamou orgulhosamente: — Sou aquele que foi designado para a mulher!

Tal não se mexeu. Zombaria nunca o incomodava. Ele nunca lutava antes de estar pronto.

O demônio continuou, a espada de prontidão:

— Achei que antes que a batalha comece, os dois comandantes deveriam encontrar-se. *Eu* queria *conhecê-lo* para ver se toda a conversa arrogante que ouvi é verdadeira. — Destruidor observou Tal cuidadosamente. — Talvez não. — Ele brandiu a espada ao redor. — Mas, por favor, olhe para este lugar, esta escolinha! Será que é realmente um prêmio que valha todos os seus exércitos? Pode estar certo, não queremos ter mais problemas para tomá-la do que vocês desejam ter para salvá-la. Capitão dos Exércitos, poderíamos resolver essa questão mais cedo ao invés de mais tarde.

Tal respondeu:

— A escola é nossa. Os santos são nossos.

Destruidor abriu os braços com um floreio e fez um pronunciamento.

— O Homem Forte autorizou-me a dar-lhe as escolas cristãs de Westhaven, de Claytonville, de Toe Springs. Pode ficar com todas elas! Deixaremos aquelas escolas em paz!

Tal permaneceu completamente firme.

— Não.

Destruidor apenas riu.

— Oh, deve ser a mulher. Talvez você ainda esteja animado por sua recente

vitória em salvá-la. Considere isso um presente, capitão, nosso último erro. Sim, você a salvou, mas ela vive para nós. Sua alma nos pertence!

Tal nada disse.

— E não apenas a mulher, como também todo o poder, os recursos, as pessoas, as mentes, o dinheiro... *tudo* de que jamais precisaremos para calcar você e seu rebanhozinho heterogêneo de santos na poeira! Você chegou tarde demais, Capitão do Exército! O tempo já passou para você e seus santos. *Nós* temos o poder agora! Renda-se, corte suas perdas, e contente-se com isso!

— Veremos você na batalha — avisou Tal.

Destruidor olhou Tal por um longo momento, meneando a cabeça devagar, admirado da teimosia desse guerreiro angelical. Por fim, assentiu.

— Na batalha, então.

Com outra explosão de asas rápidas, secas, os demônios ergueram-se no céu, ululando e berrando, zombando e cuspindo até desaparecerem. Somente então Tal guardou a espada.

— Foi essa uma tentativa de nos amedrontar? — perguntou Armoth.

— Uma jogada estratégica — respondeu Tal. — Ele tentava roubar nossa coragem no inicio.

— E agora, que pensa das nossas probabilidades? — perguntou Natã.

— Iguais às deles — informou Tal. — Talvez somente iguais.

6

Chimon e Scion permaneciam escondidos em lados opostos do Quarto 12 no Hotel Repouso Tranquilo em Claytonville. Havia espíritos sombrios por perto, aparentemente os batedores de Destruidor — limbosos, covardes atormentadores, precipitando-se para baixo através das árvores e cabos de eletricidade, movendo-se animados de um lado para outro da rua, olhando dentro das casas, pelas janelas, chaminés abaixo, à procura da pobre e enlameada fugitiva. Os dois anjos davam duro a fim de manter uma barreira em torno da mulher, de ocultá-la da vista deles, e até então tinham conseguido manter o seu esconderijo em segredo de quaisquer espíritos enviados a atormentá-la .

Mas quatro espíritos ainda acompanhavam Sally Roe aonde quer que ela fosse, e tinham sido seus companheiros íntimos por tanto tempo que não podiam ser separados no presente. Chimon e Scion morriam de vontade de postar-se à sua frente, de despachar Desespero, Medo, Morte e Loucura a golpes cortantes para longe desde mundo, de amenizar a dor daquela alma amedrontada, castigada. Mas a vida dela era tal que eles tinham o direito de estar ali; além disso, a dor era necessária. Os dois guerreiros tinham de conter seu poder.

***

Sally deu boa esfregadela na cabeça com a toalha, e depois endireitou-se para uma olhada no espelho do banheiro. Os cabelos, que antes eram ruivos, agora cascateavam-lhe pelos ombros, descendo pelas costas em mechas molhadas, pretas. Bem, talvez funcionasse, se eles procurassem apenas cabelos ruivos. Mas seu rosto ainda era muito diferente; mesmo com o cabelo tingido de preto e todo preso, ela ainda parecia Sally Roe. Se pudesse esconder todas aquelas sardas talvez ajudasse. Talvez conseguisse disfarçar os olhos castanhos com um par de óculos, daqueles estilosos, de lentes coloridas. Talvez pudesse usar bastante pintura.

O coração afundou. Era tudo tão fútil, tão infantil! Ela sonhava, tateando à busca de esperança, e sabia disso. Se eles jamais a vissem, a reconheceriam. Ela estava acabada, liquidada, o mesmo que morta.

Apoiou-se à pia, deixou pender a cabeça, e ficou ali um tempo enorme, a mente deixando-a miseravelmente na mão; simplesmente não funcionava. Era uma mente cansada, esgotada, desanimada. Tudo o que podia fazer era ficar ali, inspirando um fôlego de cada vez. Pelo menos podia respirar; pelo menos *alguma coisa* ainda funcionava.

Mas por que isso a alegrava tanto? Aquilo a incomodava.

Sally, você está cansada demais para pensar a respeito. Deixe para lá.

Mas então sua mente se ligou, apenas um pouquinho, e novamente, pela milionésima vez, ela atacou a mesma pergunta exasperante: Se a vida era tão fora de propósito, tão fútil, tão sem sentido, tão vazia, por que ela fazia tanta força para não perdê-la? Por que desejava continuar em frente? Talvez tivesse algo a ver com a maneira pela qual a vida evoluía; nada poético ou elevado, com certeza, apenas aquele misterioso instinto inexplicável de autopreservação, o único motivo pelo qual nos mantínhamos vivos o tempo suficiente para vencer as dificuldades a fim de podermos caminhar eretos e matar uns aos outros...

Ela voltou a si. Era perda de tempo tentar compreender. Era um carrossel, um labirinto sem fim. Mantenha a coisa simples, Sally: alguém quer matar você, mas você quer continuar viva. Essas duas proposições bastam por enquanto.

Ela inclinou-se para a frente a fim de examinar o corte no ombro. Pelo menos, não havia infecção; isso era bom. No momento, havia cessado de sangrar e a ferida estava fechada, embora precariamente. Ela atou-a cuidadosamente com fita adesiva e gaze — simples tarefa manual, nada que puxasse pelo cérebro — e a seguir deslizou cuidadosamente dentro da camisa.

Ela saiu do banheiro, sentou-se na cama, e pôs-se a remexer no fecho de uma correntinha barata. Havia sido boa compra na loja local de armarinhos, contanto que não lhe manchasse de azul o pescoço, e lhe servisse.

Tinha ela feito compras aquela manha, tão rápida e silenciosamente quanto possível, esperando o tempo todo não ser vista por ninguém que pudesse saber quem ela era, ou que se importasse com isso. Mas precisava arrumar aquela fita adesiva e a gaze, a rinsagem para o cabelo, essa correntinha, algumas roupas limpas... e o Jornal matutino.

O jornal *Estrela do Condado de Hampton* ainda estava espalhado sobre a cama. Ela o havia folheado assim que voltara ao quarto. A primeira página trazia algumas histórias acerca de uma estação para tratamento de esgoto, um escândalo político local, e o trigésimo ano no cargo de um comissário municipal, mas nenhuma notícia de Baskon. As segunda e terceira páginas também nada diziam. Ela não encontrou o que procurava enquanto não chegou ao fim da última página da secção de notícias. Era um pequeno cabeçalho e menos de cinco centímetros de relato: MULHER LOCAL ENCONTRADA MORTA

Baskon — O corpo de uma mulher foi descoberto na noite de ontem em sua casa, aparentemente um suicídio. A vítima é identificada como Sally Beth Rough, 36, empregada da Fábrica de Portas Bergen.

Sua senhoria, a Sra. Fred Potter, de Baskon, descobriu o corpo após notar que algumas das cabras de Rough estavam soltas. — Uma verdadeira tragédia — comentou ela.

***

Era um espécime ridículo de reportagem. Uma galinha atropelada teria ocupado mais espaço, talvez até tivesse o nome escrito corretamente. Mas aquilo não aborrecia Sally. Não era esse o problema.

A história não apenas estava errada, mas estava incrivelmente, chocantemente errada.

Eles acham que a morta sou eu? A mulher que tentou matar-me? Eles acham que sou eu?

Tinha remoído a respeito daquilo durante todo o tempo em que estivera no chuveiro. Havia ficado tão amolada que tinha tido de ler as instruções no vidrinho da rinsagem três vezes.

A princípio, achou que podia ser uma boa notícia. *Eles pensarão que estou morta!*

Mas essa idéia logo se desvaneceu. Eles sabem que não estou. Eles têm de saber. Mentiram ao jornal, ou o jornal está mentindo.

Finalmente, conseguiu abrir o fecho da corrente e pendurou-a à volta do pescoço. A seguir, estendeu a mão ao criado-mudo e apanhou... aquele anel. Passou a corrente ao pescoço pelo anel, fechou-a, abotoou a blusa, e o anel ficou escondido.

Eles sabem quem era aquela mulher. Não querem que alguém mais saiba.

E ela sabia que não estava alucinando. O anel pendurado ao pescoço lhe dizia isso. Era uma sólida amostra de evidência que a ajudaria a agarrar-se à realidade, não importa quão bizarra essa realidade pudesse ser.

Sally apanhou a jaqueta e tirou outra sólida amostra de evidência dos bolsos... na realidade, muitas amostras.

Dinheiro. Ela já havia contado. Dez mil dólares, em três pacotes: um de notas de vinte, um de notas de cinquenta, e um de notas de cem. O pagamento da assassina, muito provavelmente. Sally encontrou todo aquele dinheiro nos bolsos do casaco da mulher e apossou-se dele. Por que a mulher trazia toda aquela quantia consigo era um mistério, a menos que carregasse o dinheiro pelo mesmo motivo que usava o anel de ouro.

Mas a pergunta ainda permanecia: Após todos esses anos, o que havia Sally

feito? Como se havia metido no caminho deles?

Tinha de ser o que havia acontecido no Correio. Era a única coisa em que Sally conseguia pensar, uma experiência assustadora e agora uma lembrança horrível. Era o mesmo que ser apanhada, encontrada, descoberta por um velho inimigo... inimigo *selvagem!*. Os olhos daquela garotinha! Aqueles olhos insultantes, abomináveis! Ela jamais poderia esquecer aquele breve momento no qual cada temor, cada pesadelo de todos os anos anteriores de sua vida retornaram numa onda torturante e impiedosa de lembrança.

Ela havia olhado dentro dos olhos de um diabo. Pôde reconhecê-lo; já havia visto aquele olhar antes, sentido o ódio mordaz, zombeteiro, ouvido a mesma mentira perversa.

Sally desabou sobre a cama. Não, ela não podia pensar sobre aquilo. Sentia-se simplesmente cansada demais, assustada. Seu cabelo parecia negro e esquisito, ela não conseguia pensar, era um animal acossado, e estava simplesmente cansada demais.

Sua esperança está perdida, sua criatura imprestável, disse uma voz dentro de sua cabeça.

É apenas questão de tempo; muito pouco tempo, disse outra.

— Amber... — A voz se parecia muito com a dela.

Agora você pode ver quanto somos grandes, e quanto você é pequena!

Você ê uma criatura morta, imprestável! Você é louca!

Sally saltou da cama e agarrou uma caneta da mesa. Encontrou algumas folhas de papel de carta numa gaveta, ao lado de uma Bíblia dos Gideões. Escreveria tudo, isso era o que faria! Talvez sua mente não ficasse tão confusa se confiasse tudo ao papel. Ela podia registrar seus pensamentos antes que eles se derretessem. Curvou-se sobre a mesa, a caneta posicionada sobre o papel.

Mas Desespero estava ferido, humilhado, indignado, e determinado a redimir-se. Ele se agarrou às costas da mulher como uma sanguessuga negra, sugando-lhe a vontade, sussurrando-lhe confusão à mente. Os outros três espíritos que estavam com ele rodeavam Sally, insultando-a, espetando-a com suas espadas.

Loucura atravessou-lhe repentinamente o cérebro com a espada.

Sally fixou os olhos no papel. Sem saber como, ela havia ido parar no chão. Nada surgia. O que era aquele pensamento? Ele havia acabado de passar-lhe pela cabeça, ela estava prestes a escrevê-lo, e agora desaparecera.

Desista. Entregue-se.

Ninguém acreditará em você. Você está louca.

Louca. Era uma palavra. Ela a colocou no papel.

Loucura, cacarejando sua risada maléfica, agarrou-lhe a mente entre as duas palmas hirsutas e enterrou nela as garras. Morte juntou-se ao ataque.

A mente de Sally ficou em branco. O papel começou a expandir-se numa tela branca que lhe encheu os olhos como uma neblina, uma nevasca esbranquiçada. Ela flutuava. Continuou escrevendo: "Meu nome é Sally Roe... Sally Roe..."

Conseguia ouvir vozes no quarto, insultando-a, e conseguia sentir garras afiadas agarrando-a. Essas coisas permaneciam invisíveis, escondendo-se dela, provocando, atormentando.

Então chegou Medo. Sally foi sufocada por um medo entorpecedor, paralisador. Sentia-se perdida e caindo, rodopiando, rolando pelo espaço. Não conseguia parar.

Ela se obrigou a pensar, a formar a palavra na mente. Sally. Sally. Sally.

Vamos, escreva. Tome a maldita caneta na mão e escreva!

Você é nossa agora. Jamais a soltaremos.

Sally. Ela conseguia sentir a caneta movendo-se.

A caneta correu sobre o papel em círculos, cobrinhas, linhas pontudas, entrecruzadas.

Eram rabiscos incoerentes. Tolice.

Ela continuou escrevendo. Tinha de capturar um pensamento, qualquer pensamento.

Chimon e Scion tinham visto o suficiente. Teria de ser algo rápido. Scion deslizou para fora a fim de examinar a redondeza. Chimon rastejou como sombra pelas paredes, aproximando-se.

Todos os quatro espíritos se agruparam em torno da cabeça de Sally, espatifando-lhe o consciente em miríade de fragmentos inanimados. Chimon recebeu um aceno afirmativo de Scion, este conseguiria servir de proteção contra os espíritos que estavam do lado de fora. Agora, quanto a esses insetos ali dentro, teria de ser o momento precisamente certo, apenas aquele único instante de oportunidade.

Agora. Eles não o veriam. Chimon moveu subitamente a espada num círculo

rápido, apertado, um disco brilhante de luz. *PAM!* A parte chata da lâmina golpeou os demônios, fazendo-os cair inertes, e destroçou seu apertado grupinho. Desespero saiu rolando de costas num rodopio borrado e foi parar no lado de fora do hotel; Medo, Morte e Loucura, entrelaçados, caíram juntos longe da mulher, braços, pernas e asas, um emaranhado rodopiante, fumegante, enraivecido.

Os dois guerreiros esconderam-se de novo dentro das paredes.

Desespero endireitou-se com um berro e um acesso de raiva, e somente então percebeu onde se encontrava. Com um adejar furioso de asas, ele se lançou de volta através da parede quarto adentro. Seus três comparsas começavam a recuperar-se. Os quatro lançaram-se à mente de Sally novamente.

Mas era tarde demais. Ela havia escorregado para fora de suas garras como um pássaro da armadilha. Seus pensamentos, embora lerdos, moviam-se numa sequência ordenada através do cérebro.

Sally foi subitamente capaz de ler as palavras na página. Havia somente seis palavras legíveis no topo: "Louca, meu nome é Sally Roe." O resto da página estava cheio de rabiscos a esmo, caóticos. Ela se ergueu do chão e sentou-se à mesa para tentar novamente. Tinha de continuar escrevendo, primeiro uma palavra, depois uma frase, depois outra palavra, qualquer coisa que captasse seus pensamentos disparados, fragmentados, antes que eles lhe escapassem.

"Morte e desespero e medo e loucura voltaram", escreveu ela, e em seguida outro pensamento: "Por que me matar? Eu morri anos atrás."

Sally continuava movendo a caneta, quer sua mente acompanhasse o instrumento, quer não. Ela ia vencer essa loucura. Precisava fazê-lo. Ia colocar os pensamentos no papel onde eles não poderiam escapar. Ela ia vencer.

***

Ben começava a se admirar de seu dom em saber a hora certa para as coisas. Ele acabara de sair em patrulha e por acaso passara pela delegacia a fim de apanhar mais algumas tochas para sinalização nas estradas. Assim que entrou pela porta dos fundos, pôde ouvir Mulligan em seu escritório, falando com alguém no telefone, e usando um tom de voz sussurrado que imediatamente chamou a atenção de Ben. Desde quando Mulligan ficava assim tão quieto?

Ben apanhou as tochas na sala de almoxarifado. Quanto mais cedo saísse dali, melhor.

Oh-oh! Lá ia a cadeira do Mulligan outra vez, rolando para trás e batendo na parede. Ben pulou para dentro do almoxarifado, esperando que Mulligan explodisse

porta afora.

Mas Mulligan deve ter dado um pulo de raiva. Ele permaneceu no escritório, berrando com quem quer que fosse que estivesse no telefone.

— Não, Parnell, digo-lhe, não havia nada em nenhuma das mãos! É o que estou dizendo, nada!

Hmm. Parnell. Era o médico legista.

Mulligan deu a Parnell tempo de dizer alguma coisa, e a seguir atacou-o novamente.

— Não, também não encontrei nada nos bolsos dela! Que tipo de idiota acha que sou? — Parnell conseguiu inserir mais um palpitezinho, e então Mulligan respondeu: — Ora, vai ter de voltar lá e examinar os arredores novamente! Faço o meu serviço, agora você faz o seu! — Outra pausa. — Ei, foi você quem pegou o corpo, não eu. Eu o entreguei do jeitinho que encontrei. Por que não perguntar aos paramédicos, se está com algum problema? É, Parnell, o problema é *seu,* e posso fazer com que fique bem maior, é só falar!

Ele bateu o telefone no gancho e praguejou.

Ben escapou para fora novamente tão depressa quanto conseguiu. Mesmo enquanto fechava a porta atrás de si, podia ouvir o sargento ainda chiando e praguejando baixinho.

7

James Bardine em um advogado jovem, bonitão, com cabelos pretos e ondulados mais longos na parte de trás e voz com uns grasnidos que haviam sobrevivido à adolescência. Normalmente, ele era duro e decisivo — seus companheiros usavam palavras como *beligerante* e *rude* para descrevê-lo por trás dele — e tinha o controle da situação. Ele era ambicioso, um verdadeiro vencedor de metas, e exibia seu Porsche vermelho em qualquer oportunidade. Seus ternos eram especialmente confeccionados para projetar uma imagem de poder. Havia aperfeiçoado seu próprio modo de andar para ser usado sempre que fosse ao tribunal: um passo veloz, intimidador, queixo alto, coluna ereta, e uma porção de blocos de papel amarelo para anotações jurídicas debaixo do braço. Ele sabia que iria longe. Tinha a têmpera para o seu trabalho. Era bom no que fazia.

Naquele exato momento, morria de medo. Sentado num sofá demasiadamente macio na recepção do escritório do chefe, o Sr. Santinelli, ele esperava ser chamado para uma conferência. A sala tinha paredes altas de quase quatro metros, um enfeite de mogno escurecido que dava a volta, passava por cima e por baixo de tudo, e um tapete macio no qual os pés da pessoa se afundavam. Tudo estava mortalmente quieto ali, exceto pelas batidas uniformes da secretária no teclado da máquina de escrever e o trinado eletrônico ocasional de algum telefone. Bardine precisava de um cigarro, mas o Sr. Santinelli proibia que fumassem no seu escritório. As revistas sobre a mesinha de centro eram velhas ou cacetes, mas não importava. De jeito algum ele conseguiria ler naquele momento.

Tentava compor uma defesa mental, algo persuasivo. Seguramente o Sr. Santinelli sabia que ele era um bom homem; seguramente não iria criar caso por um incidente tão pequeno. Seguramente consideraria o cadastro de bons serviços que Bardine havia acumulado nos últimos cinco anos.

A grande porta de mogno abriu-se como a vedação de uma cripta, e o Sr. Anthony saiu. Anthony era o assistente e braço direito do Sr. Santinelli, um tipo alto, magro, fantasmagórico, algo como um misto de mordomo e carrasco. Bardine ergueu-se depressa.

— Estamos prontos — avisou Anthony. — Vamos entrar?

Um convite tão amável a uma inquisição, pensou Bardine. Ele adiantou-se.

— São seus? — perguntou Anthony, apontando uns blocos de anotações amarelos sobre a mesinha de centro.

— Oh, sim, obrigado.

Bardine agarrou-os e acompanhou Anthony através da grande porta. Ela fechou-se após eles com um baque de finalidade.

Essa era a sala de conferências interna adjacente ao escritório do Sr. Santinelli. Os lustres enfeitados brilhavam muito, mas ainda assim a sala parecia sombria. O madeirame escuro e o mobiliário pareciam absorver a luz; as pesadas cortinas de veludo que iam do teto ao chão estavam fechadas sobre as janelas.

O Sr. Santinelli encontrava-se sentado na outra ponta de uma mesa oval de conferência, examinando alguns papéis à sua frente e parecendo não perceber quando Bardine entrou. Era um vulto impressionante, cuja simples presença intimidava. Vestia-se de roupas caras, era grisalho, mal-humorado e *mandava ali.* Estava flanqueado por dois de seus companheiros mais chegados e mais poderosos, o Sr. Evans, um advogado de rosto duro e punhos de ferro que não sorria havia anos, e o Sr. McCutcheon, um homem que tinha tanto dinheiro que o assunto o aborrecia. Perto desta ponta da mesa, sentava-se o Sr. Mahoney, o superior imediato de Bardine, um tipo nada impressionante. Havia outro homem presente à mesa, mas desconhecido.

— Sente-se, Sr. Bardine — disse Santinelli, ainda sem erguer o olhar. Anthony conduziu Bardine à cadeira na ponta mais próxima da mesa, e que ficava diretamente oposta a Santinelli. Essa seria uma reunião verdadeiramente cara a cara.

Bardine tomou seu lugar e arranjou bem certinho os blocos de anotações à sua frente.

— Bom dia, cavalheiros.

Alguns deles resmungaram, devolvendo-lhe o bom dia. Alguns apenas moveram a cabeça. Nenhum deles sorriu.

Santinelli finalmente terminou de examinar a papelada e ergueu os olhos.

— Sr. Bardine. deixe-me apresentá-lo aos cavalheiros sentados conosco. Ao Sr. Evans e, ao Sr. McCutcheon tenho a certeza de que já os conhece.

Bardine acenou com a cabeça aos dois homens, e eles fizeram o mesmo.

— O Sr. Mahoney também está aqui, e fazemos menção de sua presença. O outro cavalheiro é o Sr. Goring, de Summit, que veio a fim de nos oferecer sua ajuda e conhecimento.

Bardine acenou-lhe com a cabeça, mas eles não corresponderam ao gesto.

O Sr. Santinelli folheou os papéis à sua frente.

— Para revisarmos rapidamente nossa situação atual, descobrimos que uma... complicação... se desenvolveu, que a princípio não parecia tão nociva quanto agora parece. Ehmmmm...e a cada momento que se passa, a gravidade da complicação aumenta... - Então Santinelli olhou diretamente para Bardine e perguntou: — Sr. Bardine, reconhece o nome Sally Beth Roe?

Seta Número Um. Bardine pôde sentir a pergunta atravessando-o.

— Sim, senhor.

— E o nome Alicia Von Bauer?

Essa deu a impressão de diversas setas.

— Sim, senhor.

— Seria correto dizer, Sr. Bardine, que está *extremamente* familiarizado com o nome da Srta. Von Bauer?

— Bem... não estou certo do que o senhor quer dizer com isso...

— Voltaremos a isso mais tarde. — Santinelli pôs o papel de lado e examinou a próxima folha. — Com certeza já sabe a esta altura que a Srta. Von Bauer está morta?

— O Sr. Mahoney notificou-me a esse respeito hoje de manhã. Santinelli ajustou os óculos de leitura e estudou o papel à sua frente.

— Sally Beth Roe... Que interessante ela surgir de novo, e em Baskon, onde mais! — Santinelli olhou os homens que o flanqueavam. — Que estranho como uma coisa dessas acontece tantas vezes. A gente poderia pensar que existe uma mente inteligente por trás disso, a mão de qualquer deus que se deseje imaginar...

Não era uma piada, e ninguém riu.

— De qualquer forma — continuou Santinelli — acabamos de ser informados sobre um plano que foi levado a efeito para fazer com que Sally Roe fosse assassinada e, claro, fizesse a coisa parecer suicídio. Quem foi que teve essa idéia?

— O Sr. Bardine, senhor — disse Mahoney rápida e claramente. Bardine olhou horrorizado para o seu superior.

— O senhor parece estar tendo dificuldade com a resposta dele, Sr. Bardine — atacou Santinelli.

A voz de Bardine falhou quando respondeu:

— Uh, bem, sim...

— Cuidaremos disso mais tarde — propôs Santinelli, olhando de novo para o papel. — Continuando minha revisão, e por favor corrijam os erros que notarem, Alicia Von Bauer, membro da organização satânica chamada Vidoeiro Quebrado, foi contratada a fim de executar esse homicídio, e paga... — Santinelli encrespou ao ler a quantia — ...dez mil dólares de entrada, com outros dez mil prometidos para quando completasse com sucesso a missão. Estou certo até aqui?

Mahoney apenas olhou para Bardine. Bardine devolveu-lhe o olhar. Nenhum dos dois respondeu.

Santinelli continuou, mas de olho nos dois.

— Aparentemente, a Srta. Von Bauer fez uma tentativa na noite de terça-feira desta semana, mas descobriu que a Srta. Roe era mais forte do que ela. A Srta. Roe conseguiu vencer sua agressora e escapar, deixando para trás o corpo morto de sua assassina, onde, teoricamente, ela própria teria sido encontrada se o plano tivesse vingado. — Ele colocou o papel estendido sobre a mesa à sua frente, cruzou as mãos sobre ele, e olhou Mahoney e Bardine por cima dos óculos de leitura. — Em outras palavras, essa trama ambiciosa, excessivamente imaginosa, foi um fracasso lastimoso.

Mahoney olhou de novo para Bardine. Bardine devolveu-lhe um olhar enraivecido.

Santinelli fez escorregar aquele papel para o lado e apanhou o próximo.

— Para complicar ainda mais a questão, os planejadores dessa trama ampliaram o círculo de confidentes além dos principais envolvidos e incluíram um oficial da polícia local chamado... uh... Mulligan, bem como o médico legista local, tendo assumido, acho eu, que essas duas pessoas são firmemente leais à nossa causa, visto terem de fato sido avisadas com antecedência de que haveria um suicídio no sítio dos Potters e que dispusessem do caso tão depressa e silenciosamente quanto possível.

Santinelli deixou cair o papel sobre a mesa e reclinou-se, tirando os óculos.

— E isto, muito para crédito seu, eles fazem, ou pelo menos tentam fazer, a despeito do fato de a falecida que supostamente se matou ter morrido por meio de um óbvio ato de violência e é, naturalmente, a pessoa errada para começo de história. Como estão quietos, posso assumir que minha narrativa está certa até aqui?

Santinelli não precisava da resposta que não obteve. Ele simplesmente recolocou os óculos de leitura e pegou a próxima folha de papel.

— Agora vamos às complicações, as complicações *verdadeiras*. Antes de

tudo, a mais óbvia: Sally Beth Roe está viva... em algum lugar. Está viva, respirando, andando por aí, e estou certo de que totalmente ciente de que um cruel atentado foi praticado contra a sua vida. Se não sabe quem foi o responsável, estou certo de que tem uma idéia muito boa de quem poderia ter sido. E como estou tão certo? Deixem-me contar-lhe a próxima complicação.

— Segundo fonte de confiança que permanecerá incógnita, Alicia Von Bauer usava um anel quando cometeu, perdão, tentou cometer o homicídio. A pedido nosso, o legista examinou o corpo em busca daquele anel, e descobriu que havia sido removido do dedo anular da mão direita com a ajuda de óleo de cozinha..., vestígios de óleo ainda se encontravam no dedo. Enviamos algumas pessoas para examinar o local do homicídio e a casa, e o guarda civil e o médico legista reexaminaram todos os objetos de uso pessoal da assassina. O anel sumiu.

— E também há a questão dos dez mil dólares. Eles também sumiram, sem deixar vestígios. Von Bauer pode tê-los depositado numa conta secreta em algum lugar, mas isso é pouco provável, tendo em vista a natureza delicada de sua missão.

— Ah, senhor! — exclamou Bardine.

Santinelli ergueu os sobrolhos apenas o suficiente para dar a palavra a Bardine.

— Os... dez mil dólares *foram* lavados. Não podem tornar-se uma pista até nós.

Os sobrolhos ergueram-se novamente.

— Até *nós,* Sr. Bardine? Bardine gaguejou um pouco.

— Bem, a nós... a mim, e... e ...

— Eles *sumiram,* não é mesmo?

— Sumiram, senhor?

— A menos que você possa fazer um chamado ou dar uma volta, ir buscá-lo?

— Oh... — Bardine protelou, mas finalmente respondeu: — Sim, senhor, eu diria que esse dinheiro está agora fora do nosso alcance, irrecuperável.

— Mas... lavado.

— Oh, sim, senhor.

Santinelli continuou, referindo-se às suas anotações.

— A terceira complicação abrange as duas primeiras: Temos motivo mais do

que suficiente para presumir que Sally Roe está de posse tanto do anel quanto do dinheiro. Assim, ela representa a maior ameaça possível a nós e aos nossos planos. — Santinelli pausou a fim de enfatizar. — Uma ameaça maior, senhores, do que jamais poderia ter sido se ninguém mexesse com ela.

Santinelli colocou de lado suas anotações, tirou os óculos, e olhou diretamente a Mahoney e a Bardine.

— Agora, Sr. Mahoney e Sr. Bardine... voltemos a uma pergunta anterior. De quem, exatamente, foi a idéia desse plano de assassinato?

Mahoney falou primeiro.

— Sr. Santinelli, terei de assumir parte da responsabilidade. Quando ouvimos dizer que Sally Roe se encontrava em Baskon, sabíamos que isso poderia ser um sério impedimento. Pesamos muitas opções, e acho que ela se tornou uma prioridade alta demais em nossas mentes. Quando o Sr. Bardine apresentou-me a idéia de um assassinato, acho que simplesmente não fui firme o suficiente em desencorajá-lo. Mas de forma alguma autorizei esse ato, senhor.

Santinelli podia ver que Bardine estava muito agitado.

— Tem alguma coisa a acrescentar ao que foi dito?

Bardine olhou de Mahoney para Santinelli e outra vez para Mahoney.

— Senhor... eu... bem, entendi que esse empreendimento havia sido autorizado desde o topo. Acreditei que estivesse executando o plano com o pleno endosso e autorização dos meus superiores. — Bardine podia sentir o vento frio, gelado soprando em sua direção e vindo da fisionomia de Mahoney. Ele não conseguia encontrar palavras, pelos menos as palavras apropriadas. — A... uh... idéia de um suicídio, senhor. Não seria um assassinato, entende, mas um suicídio, para todos os efeitos práticos. Feito corretamente, Jamais seria interpretado como qualquer outra coisa. Sally Roe já era uma pessoa solitária e desgastada, com um passado terrível e nada pela frente. O suicídio parecia crível.

— Eu não o autorizei, senhor! — disse Mahoney. — Ele agiu sem minhas ordens diretas!

Santinelli nem tentou esconder o sorriso sarcástico em seu rosto.

— Trataremos disso mais tarde. Sr. Bardine, tenho algumas perguntas acerca da participação da falecida, Srta. Von Bauer. Como foi ela envolvida nisso?

— Ela ... ela... — Bardine sentiu-se como uma testemunha atormentada no banco das testemunhas. — Eu, estava conversando com ela acerca desse problema

específico, e ela... bem, ela propôs as providências.

— Ela propôs matar Sally Roe?

— Sim, senhor, pela soma de vinte mil dólares. — Bardine acrescentou depressa: — Como sabe, esse tipo de coisa *é* feito de vez em quando.

Os olhos de Santinelli se estreitaram. Ele estava se preparando para o golpe final.

— Você disse que conversava com ela a respeito desse problema específico?

— Bem, eu...

— Sr. Bardine, o senhor sempre discute assuntos tão altamente sensíveis com tipos tão questionáveis?

— Não, senhor, claro que não!

— O senhor discute livremente questões de alto nível com uma *satanista?*

— Não uma satanista, senhor — pelo menos não no sentido pejorativo. Ela pertence ao Vidoeiro Quebrado, sim, mas eles são muito respeitados, mesmo entre o nosso próprio pessoal.

— E onde foi que essa discussão teve lugar?

— Bem, suponho...

— Não foi na sua casa, Sr. Bardine? Mais especificamente, no seu quarto? Bardine ficou em silêncio. Sentia-se aturdido.

Santinelli explicou brevemente:

— Mantemo-nos a par das coisas, Sr. Bardine. — Em seguida, ele voltou à carga. — O senhor estava envolvido romanticamente com Alicia Von Bauer, não estava?

Bardine tentava formular uma resposta. Santinelli atacou-o de novo:

— O senhor já tinha tido muitos encontros clandestinos com Von Bauer antes disto; já lhe havia revelado diversos dos nossos segredos, e agora, no auge da paixão, quando tinha ela sua completa confiança, contou-lhe acerca deste problema, e os dois fizeram um pacto, não é verdade? Bardine resolveu tentar a honestidade.

— Eu... achei que seria seguro. Isto é, ela estava envolvida com um grupo bizarro, já tinha antecedentes criminais... Achei que se algo desse errado, sempre poderíamos nos desassociar dela, alegar desconhecimento de suas ações. Ela era... uma entidade descartável, puramente utilitária. Eu estava certo de que funcionaria.

Santinelli colocou as duas mãos firmemente sobre a mesa, como quem se segura logo antes de explodir.

— Suponho, Sr. Bardine, que jamais pensou o que poderia fazer não apenas à sua própria reputação, mas à desta organização, o fato de associar-se intimamente a uma criminosa condenada?

— Senhor... — Bardine tentou suavizar as coisas. — O nosso pessoal é visto na companhia desse tipo de gente o tempo todo...

— Não desse tipo, Sr. Bardine! Não satanistas! Não queremos nos associar a eles porque não queremos *ser* associados a eles pelo público, compreendeu? Esse seu relacionamento com Von Bauer foi extremamente imprudente! — Santinelli deteve-se, não satisfeito com a palavra. — *Imprudente?* Sr. Bardine, foi *censurável!*

Bardine só pôde permanecer sentado ali, silencioso e todo rebentado. Mas Santinelli não havia terminado.

— Nunca lhe ocorreu que ela podia ser uma espiã? Nunca lhe ocorreu que todas as informações confidenciais que passava a ela, sem dúvida para impressioná-la, seriam logo a seguir relatadas aos seus comparsas do Vidoeiro Quebrado? Ainda não aprendeu nada sobre a política do poder? Tem alguma idéia de quanto nos tornou vulneráveis a esses sanguessugas desprezíveis?

Santinelli estava quente e rodando; não havia como detê-lo.

— Eles querem poder, Sr. Bardine, da mesma forma que todos nós queremos! Não são uma exceção neste jogo! Todos nós o queremos, e todos fazemos nossas próprias maquinaçõezinhas e truquezinhos para obtê-lo. Mas de uma coisa esteja certo, Sr. Bardine: o poder, o verdadeiro poder, pertence a uns poucos escolhidos, e *nós* somos esses poucos escolhidos... compreende? — Ele não deu a Bardine tempo de responder. — Todos os outros, sejam ricos, sejam realeza, sejam ratazanas de esgoto como esses satanistas, apenas terão de acostumar-se com esse fato e viver com ele. Não permitiremos que quaisquer outros insignificantes caçadores de poder tentem competir conosco mediante alavancas, e (ele reforçou a sentença) não permitiremos que mais ninguém do nosso pessoal *lhas dê!*

A voz de Bardine era quase inaudível.

— Compreendo, senhor. Santinelli ignorou a réplica.

— O anel tirado do dedo de Alicia Von Bauer... era seu, não era? Bardine tentou explicar. — Ela... ela o roubou, senhor! Não lho dei!

Tinha de tê-lo roubado de cima do meu camiseiro!

— E isso foi, naturalmente, depois que o senhor fez o seu pacto com ela?

— Sim... suponho que sim.

— Então ela tirou seu anel, que trazia sua inscrição pessoal, e o colocou no dedo, caso... — Santinelli tirou um momento para respirar e fazer alguns buracos em Bardine com os olhos — caso alguma coisa desse errada, e tentássemos nos desassociar dela e alegar desconhecimento de suas ações e tratá-la como uma entidade descartável. Com seu anel personalizado, veja só, ela teria como recorrer contra nós, teria alguma prova de que fora um dos nossos próprios advogados de alto nível quem a tinha contratado e lhe havia pago aqueles dez mil dólares!

Bardine baixou o olhar à mesa.

Santinelli havia ventilado a maior parte de sua zanga. Agora sua voz suavizou-se.

— Sr. Bardine, não é minha responsabilidade pensar em todas essas coisas para o senhor; é sua responsabilidade fazer isso, e sempre manter os melhores interesses desta organização prioritários em sua mente.

— Sim, senhor. Sinto muito, senhor.

— É tarde demais para isso. O estrago está feito, e por outra complicação romântica! Espero que tenha aprendido — e foi da forma mais difícil — como isso pode ser perigoso.

— Sim, senhor, aprendi.

— É um bom homem, Bardine. Gosto de sua ficha de desempenho. Vamos manter isto em segredo, e espero que você também mantenha silêncio, para o seu bem e para o nosso também.

— Sim, senhor. Tem a minha palavra, senhor.

— Entrará em gozo de licença para... continuar seus estudos — e por favor, arranje algo convincente. Enquanto isso, simplesmente teremos de ver o que podemos fazer para endireitar essa embrulhada.

A essa altura, tal sentença era boa notícia.

— Sim, senhor. Obrigado por sua bondosa consideração... Santinelli pôs-se a ajuntar os papéis.

— No futuro, Sr. Bardine, mostrará por seu exemplo como ações tais como as que discutimos nunca são uma boa idéia para qualquer pessoa numa posição delicada como a sua.

— Sim, senhor — disse Bardine. — É o que farei, senhor! Santinelli apenas sorriu.

— Oh, estou certo disso.

8

Saqueado. O lugar estava um desastre, exatamente como a Sra. Potter tinha dito.

Ben deteve-se no umbral da porta da casinha de aluguel dos Potters e calculou que era melhor dar uma boa olhada dali antes de entrar. A pequenina sala de visitas estava parcamente mobiliada com um velho sofá, uma cadeira de balanço, um pequeno suporte de abajur com pernas fininhas, e um tapete cinza e marrom.

As almofadas do sofá estavam jogadas no chão, o tapete trançado enrolado para o lado e amontoado num canto. No meio do assoalho encontravam-se papéis, livros, caixinhas, e diversas peças de vestuário, aparentemente o conteúdo de algumas gavetas em algum lugar, trazido ali e despejado.

Ben examinou o relógio. Sim, tinha tempo de ficar mais um pouquinho. Esse desvio de volta à cena do suposto suicídio não era oficial, para dizer o mínimo, e ele realmente precisava dar mais algumas paradas. Mas havia algumas perguntas incômodas que o atraíam para o lugar, e ele esperava que uma resposta, não importa quão pequena, pudesse surgir. A Sra. Potter bem que ficou contente em vê-lo de novo, e lhe entregou a chave após prepará-lo para o que iria encontrar.

Ele entrou na casa e dirigiu-se à cozinha. Cada gaveta havia sido aberta e o conteúdo espalhado sobre a velha mesa de cavalete: algumas tigelas e pratos desemparceirados, velhos talheres de exército, alguns panos de prato bem gastos, algumas panelas e uma caixa de bolachas salgadas meio vazia. As latas de mantimento sobre o balcão estavam todas abertas. Alguém havia revirado a farinha de trigo, o chá e o açúcar, derramando boa parte deles. Ele examinou a geladeira. Também haviam passado por ali.

Ele encontrou o quarto. Estava o mais bagunçado de todos os cômodos, provavelmente por conter a maior parte dos parcos pertences de Sally Roe. Ben se deteve por um instante assim que cruzou o umbral da porta, notando o acolchoado complicado agora puxado da pequena cama, a bela escultura de cavalo sobre a penteadeira, os quadros agora pendendo tortos das paredes: gravuras de cenários bucólicos e serenos, cavalos pastando, lavradores trabalhando com afinco. Na mesa quadrada ao lado da cama encontrava-se um pequeno abajur de porcelana, rachado, mas enfeitado com flores pintadas à mão, e encimado por complicado quebra-luz de crochê. Certamente, esse era o cômodo favorito de Sally Roe, seu mundozinho particular. Era o que havia recebido a maior parte de sua atenção e criatividade.

O pequeno guarda-roupas havia sido revirado, mas a maioria das roupas ainda

estava pendurada nele. Ben notou as blusas, as saias, os vestidos, os lenços. Estavam todos limpos, passados, bem cuidados, conservados. O guarda-roupa recendia a lavanda.

O quarto estava inundado pela luz do sol que vinha através da janela que dava para o sul. Logo abaixo da janela encontrava-se a velha escrivaninha de nogueira de Sally, as gavetas todas abertas, o conteúdo espalhado por todos os lados. Mesmo assim, Ben conseguia visualizar com facilidade como as coisas eram antes; alguns livros, um dicionário comum e um de sinônimos em posição de sentido no lado esquerdo, um pequeno estojo de mesa contendo um suprimento de canetas e lápis no lado direito, e no meio... Bem, fosse o que fosse que Sally costumava ter ali, fosse o que fosse em que ela tivesse estado a trabalhar, encontrava-se agora no chão ou havia sido confiscado. Mas por um momento ele podia imaginá-la sentada naquela pesada cadeira de madeira da escrivaninha que tinha rodinhas nos pés, rolando de um lado e de outro, o sol aquecendo-a, toda aquela paisagem verde, florida, banhada de sol em contínua exposição através daquela janela.

Não era um pensamento longo, meticuloso, apenas uma impressão ligeira, uma simples conclusão: Mulligan não havia captado tudo o que Sally Roe era com descrições tais como "resto de *hippie"* e "perdedora".

Ben ouviu passos na varanda da frente e em seguida a voz da Sra. Potter chamando:

— Agente Cole?

— Sim, senhora, estou aqui.

Ele atravessou a casa ao encontro dela, e achou-a na sala de estar, os braços cruzados, meneando a cabeça ante a terrível bagunça.

— Olhe só para isto! Nunca fiquei tão revoltada! O próprio Ben estava atônito.

— Essa gente foi mandada pelo *nosso* departamento?

— Foi o que disseram. O Sargento Mulligan disse que eles viriam para procurar pistas e coisas assim e era para eu deixá-los entrar, por isso deixei; e quando se foram, o lugar ficou desse jeito! Acha que eu deveria dar queixa?

— Bem... quem eram eles? A senhora já os havia visto alguma vez?

— Não. Eles não eram destas redondezas.

— Disseram o que procuravam?

— Não, nem me lembrei de perguntar.

— Bem... — Ben olhou em toda a volta, sem saber ao certo o que dizer. — Eu, ... perguntarei ao sargento Mulligan a respeito. Não me preocuparia. Tenho certeza de que também assumirão a responsabilidade por limpar o lugar assim que tiverem terminado a investigação.

Ela meneou a cabeça e dirigiu-se lentamente à porta.

— Bem, acho que é melhor eles empacotarem tudo e doarem a alguma instituição de caridade ou algo parecido. Não sei o que mais fazer com todas as roupas e coisas agora que Sally está morta. E diga-me, o que devo fazer com sua... — Ela se deteve bruscamente, parada na varanda da frente, olhando de um lado para o outro à procura do carro. — Ora... é isso mesmo! Sua caminhonete! Ben saiu para juntar-se a ela.

— Algo errado?

Cecília ainda estava olhando à volta.

— Bem, eu estava por perguntar o que deveria fazer com a caminhonete dela agora que ela está morta, mas agora me lembro... nem mesmo está aqui.

Ben anotou aquilo.

— Isso.. isso é anormal?

— Bem, ela sempre dirigia a caminhonete quando ia trabalhar, e sempre voltava nela para casa todos os dias, e, se esteve em casa na outra noite, parece razoável que sua caminhonete tivesse estado aqui também. Ela a teria estacionado logo ali. Está vendo aquela grama? Era ali que ela sempre a deixava.

— Talvez já tenha sido apreendida. Averiguarei.

— Mas ela não estava ali na noite em que encontrei Sally. O rosto de Ben assumiu expressão curiosa.

— Isso é um tanto esquisito, não é?

— Oh... quem sabe o que está acontecendo a esta altura... — Cecília olhou através da porta, examinando a sala de estar de novo. — Mas acho que ela era terrivelmente solitária. Parecia que os animais eram seus únicos amigos. Calculei que ela fosse divorciada, ou separada, ou algo assim. Não posso entender como, se não fosse por isso, uma linda ruiva como ela pudesse estar tão sozinha e solteira.

Ben não achou que a pergunta fosse tão importante assim quando a fez.

— Ela era ruiva?

— Claro. Tinha os cabelos da cor da aurora.

Não. Aquilo não fazia sentido; não assentava bem.

— Umm... como *era* a aparência dela, Sra. Potter?

— Oh... era bonita, mas cansada, sabe? Tinha sardas, grandes olhos castanhos... mas muitas rugas, muitos cuidados no rosto.

— Quanto a senhora diria que ela tinha de altura?

— Mmmm... — Ela ergueu a mão, com a palma para baixo. — Mais ou menos isso.

— Um e sessenta e quatro, um e sessenta e seis... e a idade dela?

— Bem, ela disse trinta e quatro no contrato de aluguel, mas isso foi há dois anos, portanto eu diria cerca de trinta e seis; isso estaria mais ou menos certo.

Ben certificou-se:

— E cabelo ruivo?

Ela olhou para ele um tanto impaciente.

— O senhor não a viu na outra noite?

— Bem, sim...

Mas de repente ele não tinha tanta certeza.

***

O Porsche vermelho ia rodando a mais de cento e quarenta quilômetros por hora quando, não conseguindo fazer uma curva, voou pelo acostamento e mergulhou num aterro. Diversos carros pararam assim que o desastre ocorreu, e houve muitas testemunhas.

— É — disse um veranista aposentado — ele vinha bem lá atrás, passou meu veículo como se eu estivesse parado, e depois, zing! Voou do acostamento, sem mais nem menos!

— Ele ia depressa demais — disse a esposa — muito mais que depressa! O patrulheiro anotou tudo aquilo. Havia uma equipe adequada à mão: dois carros-patrulha, dois carros de socorros, e até mesmo um caminhão de bombeiro, acionando suas luzes, colocando tochas, e criando um espetáculo e tanto. Todos os motoristas que passavam espichavam o pescoço como de costume, e o tráfego na rodovia havia-se reduzido a passo de tartaruga.

O patrulheiro gritou:

— Ei, vamos mandar alguém lá para cuidar do tráfego! Fazer esses carros

andarem!

Seu companheiro subiu do aterro, dos destroços.

— Tenho uma identidade para você, Brent!

— Então, eu estava certo?

— Sim, é James Bardine, o advogadozinho metido a importante, seu favorito.

— Morto, aposto.

— Oh, sim. Metade do corpo atravessou o pára-brisa, e ele está amontoado sobre o capô. Vão ter de cortar o carro para tirá-lo de lá.

O patrulheiro anotou tudo com uns rabiscos apressados.

— Bem, agora já não poderemos brincar de pega-pega com ele. Que pena!

O companheiro baixou os olhos à ravina onde diversos homens estavam cortando e içando a parte da frente do carro para demoli-la, tentando desembaraçar o corpo.

— Puxa, o jeito que ele podia fazer as curvas naquela coisa! Nunca perdeu uma! Deve ter sido que um pneu explodiu ou algo assim.

— Provavelmente dormiu ao volante.

— No meio do dia? — O companheiro franziu o cenho. — Não ele. Era bom motorista. Estou meio surpreso.

— Ah, os outros caras acharão uma resposta, por isso não se preocupe. Vamos apenas fazer o nosso serviço e cair fora.

James Bardine estava tão amassado e espremido quanto o carro; seu sangue pingava no chão mesmo enquanto os paramédicos começavam a puxar o corpo para fora do metal retorcido. Era um trabalho cansativo, e eles estavam indo devagar.

Mas durante a sinistra tarefa, ninguém sentiu o cheiro de enxofre, ou viu os olhos amarelos espiando da parte de trás do carro; ninguém ouviu a risadinha demoníaca, ou o súbito adejar de asas pretas, secas, quando os espíritos saíram voando.

***

Lucy Brandon e a filha Amber chegaram em casa por volta das cinco da tarde, e ambas estavam cansadas, mal-humoradas e desorientadas. O dia de Lucy havia sido traumático o bastante com a requisição de uma ação judicial e tudo o que isso acarretava, e ela se apavorava ante a idéia de ver seu rosto na televisão aquela

noite. O dia de Amber tinha sido um desastre; ela havia passado a maior parte do tempo na casa de Claire em vez de na escola com as amigas, e ainda não sabia exatamente por quê.

Lucy encontrou um pouco de ensopado no congelador. Podia esquentá-lo no forno microondas e então fazer uma salada, e isso deveria resolver o problema do jantar por enquanto. Sentia-se demasiado cansada e preocupada para dedicar grandes esforços a uma refeição naquela noite.

Amber tirou o casaco e deixou-se cair no chão da sala de estar entre suas bonecas e brinquedos. Apanhou uma boneca, um bebê loiro com longo vestido cor-de-rosa, e abraçou-a, ninando-a suavemente.

— Mãezinha? — chamou ela.

— Sim, meu bem — respondeu Lucy.

— Não posso voltar à escola?

Lucy não gostou da pergunta. Tornava ainda mais difícil manter a decisão que havia tomado.

— Não, benzinho, não à escola cristã. Tentaremos colocar você de volta na classe da Srta. Brewer. Gostaria disso?

Amber ninou a boneca e baixou o olhar aos olhinhos pintados.

— Quero ir à escola cristã.

Lucy apertou os botões no forninho microondas, fazendo-o zumbir.

— Falaremos... bem, falaremos disso mais tarde, Amber. Foi um dia confuso.

Amber foi afundando cada vez mais numa disposição melancólica.

— Não quero voltar à classe da Srta. Brewer. Não quero mais fazer aquelas coisas.

Lucy retornou à sala de visitas.

— Amber, pendure o casaco, por favor.

A garotinha ignorou-a.

— Amber!

Ela permaneceu sentada ali, imóvel, os olhos azuis olhando fixamente para a frente, vazios. A boneca havia caído de seus braços. Lucy aproximou-se dela para dar mais ênfase à ordem.

— Amber, disse-lhe para pendurar o casaco!

— Aahhh! — a garotinha guinchou de alegria, o rosto abrindo-se num sorriso extasiado. Olhava para um carrinho de brinquedo sobre a mesinha de centro.

O medo paralisou Lucy onde ela se encontrava. Oh, não! Acontecera de novo.

Amber pôs-se de pé, deu um salto, e pôs-se a dar patadas no ar como se fosse um triunfante cavalo de espetáculo. Ela relinchou como um garanhão selvagem, os olhos azuis dançando; atirou para trás a cabeça, fazendo com que os cachos dourados se agitassem sobre os ombros.

— Verdade! Está tudo bem, Amber! Verdade, não tenha medo, pois seus amigos seguem à sua frente!

Lucy não sabia o que fazer. Simplesmente estava ficando muito cansada disso.

— Amber, chega! Não precisa ser Ametista! Não quero que você seja Ametista! Agora pendure o casaco!

Amber trotou até à mesinha de centro e agarrou o carrinho. "Varruuum!" Ela rodou-o à volta da mesinha, imitando o som de pneus cantando. Lucy estava zangada agora.

— Amber! Quer que eu lhe dê umas — ia dizer a palavra "palmadas", mas... agora essa palavra não parecia ter cabimento.

— Mais depressa — disse Ametista — mais depressa, mais depressa... até morrer, até morrer!

Então, com um cantar final de pneus e um poderoso impulso da mão, ela arremessou o carrinho pela ponta da mesa. Ele atravessou a sala voando e mergulhou no tapete, dando uma cambalhota.

— E agora você se foi, removido daquilo que é chamado de vida! — disse Ametista com uma risada rouca e outra relinchada. — Você era simplesmente muito inepto!

Lucy recuou enquanto a filha dançava e pulava à volta do carrinho revirado.

Ela apanhou o casaco de Amber e pendurou-o ela mesma.

9

— Você fez *o quê?* O advogado Wayne Corrigan havia estado a escutar pacientemente a história de Tom Harris até aquele ponto e mal dissera uma palavra. Essa era a sua primeira pergunta.

Tom tentou retroceder um pouco para explicar.

— Ela estava... bem, estava "canalizando" um espírito.

Corrigan descansou a fronte sobre as pontas dos dedos e fitou fixamente a escrivaninha, folheando a ação judicial apenas como um escape emocional. Olhar para baixo parecia mais seguro nesse momento do que fitar Tom Harris e o pastor Mark Howard de frente.

— Canalizando...

— Bem, sim. Costuma-se chamar isso de mediunidade; a pessoa permite que um espírito demoníaco fale através de si...

— Bem, sim, sei o que isso é, mas... — E então Corrigan não conseguiu pensar nas palavras certas para os seus sentimentos. Podia apenas sacudir a cabeça.

Esse era o último compromisso do dia, e agora seria provavelmente o pior. Ele tentava ser agradável, mas era duro. Oh, o que tantas pessoas esperavam dele! Ali estava ele, com quarenta e poucos anos de idade, um advogado de cidade pequena mal ganhando o suficiente para viver, um homem sensato com uma esposa querida, quatro filhos, pagamentos do empréstimo da casa própria, e uma vida de lutas e erros como qualquer outra pessoa. Contudo, mais uma vez, alguém com uma necessidade e sem dinheiro se sentava ali esperando que ele fizesse algum milagre e sugerisse respostas rápidas e simples para um caso que seria complexo e difícil. Simplesmente não era justo.

O pastor Mark decidiu entrar naquilo.

— Sr. Corrigan, posso garantir-lhe que Tom é um homem sensato e que fala a verdade. Creio no que ele está dizendo, e, além disso, a Sra. Fields pode confirmar. Ela estava lá; também viu o que aconteceu.

— Está bem, está bem.

Corrigan deteve-se a pensar por um momento. Deveria ouvir o resto daquilo? Quanto tempo mais devia deixar que aqueles dois prosseguissem antes de dizer não? Talvez apenas devesse contar-lhes quanto custaria defender um caso como esse, e

isso encerraria toda aquela conversa. Ele não conhecia Tom Harris muito bem, mas conhecia Mark Howard e gostava dele. Esse homem bondoso, genuíno, de seus cinquenta anos de idade tinha aquelas "cãs quando se acham no caminho da justiça" de que a Bíblia falava. Corrigan considerava-o um decente homem de Deus, e quase todos concordavam que a Igreja Comunitária do Bom Pastor fazia muito por seus membros e pela comunidade.

Corrigan sacudiu a cabeça. *Sempre acontece com gente boa,* pensou.

Ele se reclinou com um suspiro.

— Está bem, continue.

Tom não estava certo de querer fazê-lo.

— Ela... bem, ela veio para a nossa escola cerca de três meses atrás. A mãe a trouxe e registrou.

— A Sra. Brandon concordou com sua Declaração de Fé?

— Bem, sim. Ela assinou dizendo que a aceitava. Ela conhece nossa posição doutrinária.

— E o parágrafo no manual que fala de castigos corporais?

— Bem, assumi que ela o tinha lido.

— Muito bem, continue.

Tom reuniu seus pensamentos e apanhou o fio da história novamente.

— Amber deu-se bem com as outras crianças por algum tempo. Demorou cerca de um mês para se entrosar. Então, durante o recreio, ela começou a ensinar as crianças... a relaxarem.

— Técnicas de relaxamento?

Tom e Mark se entreolharam com um raio de esperança nos olhos. — Já ouviu falar disso? — perguntou Tom.

— Tivemos um caso há um ano envolvendo o ensino de ioga numa aula de educação física, e técnicas de relaxamento faziam parte dela. Alguns pais, pais cristãos, reclamaram que a escola ensinava religião oriental.

— E daí... — Mark estava curioso — o que aconteceu?

— Demos queixa junto ao distrito da escola, mas não conseguimos o resultado que desejávamos. A escola simplesmente mudou todos os termos e higienizou o programa de forma a não se parecer com religião, e continuou fazendo a mesma

coisa.

— Então ... — arriscou Tom — acho que o senhor perdeu esse caso.

— Perder, exatamente, não perdemos. Desistimos dele. Vamos ouvir o resto da sua história.

— Bem... vi o que Amber fazia e perguntei-lhe o que acontecia, e ela me disse que era o que havia aprendido na classe da Srta. Brewer, isso seria na Escola de Primeiro Grau de Baskon, e que era divertido porque ajudava a gente a sentir-se melhor e a encontrar amigos especiais, guias imaginários. Eu não sabia muito bem como enfrentar aquilo, por isso deixei passar. As outras crianças não pareciam interessadas de qualquer forma.

— Bem, então as crianças começaram a brincar de faz-de-conta; o senhor sabe como as crianças fazem. Faziam de conta que participavam de um espetáculo equestre, e algumas delas agiam como cavalos e faziam proezas enquanto as outras crianças eram os amestradores. As crianças brincam de faz-de-conta assim o tempo todo; não havia nada de estranho, realmente.

— Mas então... Amber tornou-se a líder do grupo, e seu cavalo, aquele que ela fingia ser, mostrava a todos os outros cavalos como empinar, fazer proezas, e como... bem, ser bons cavalos, acho. Até aí, tudo bem. Mas depois do recreio, ela não parou de fingir que era um cavalo. Entrava empinando na sala de aula e sentava-se à carteira por algum tempo, depois ia empinando até o apontador de lápis, e empinava de um lado para o outro nos corredores entre as carteiras sem nenhum motivo, e fazia sons de cavalo sempre que eu a chamava, e começamos a ter um verdadeiro problema disciplinar. Ela perturbava a classe e causava confusão de todo o lado.

Mark sugeriu:

— Conte-lhe o nome do cavalo. Tom lembrou-se dessa parte.

— Oh, sim, certo. Fui atrás dela uma vez. Disse: "Amber, sente-se agora e fique quieta" e ela (Tom fez os movimentos com as mãos) deu patadas no ar como um cavalo selvagem, e relinchou, e disse: "Não sou Amber. Meu nome é Ametista!" — Tom deu de ombros. — Isso já bastava. Tive de levá-la ao escritório com a Sra. Fields e fazer com que fosse surrada.

— Ah... — Corrigan olhou o documento sobre a escrivaninha. — Acho que esse é o segundo item na queixa aqui.

— Acho que sim. Seguimos o procedimento claramente estabelecido no manual e com o qual qualquer pai ou mãe que matricule o filho concorda. Usamos

uma régua de madeira quando a criança resolve forçar a sua vontade contra a vontade do professor e após consideramos cuidadosamente todas as circunstâncias. Ficamos a sós com o aluno, oramos com ele, e imediatamente tentamos entrar em contato com os pais —

— Conseguiram entrar em contato com a Sra. Brandon?

— Não. Tentamos encontrá-la em casa e no correio, mas ela simplesmente não estava disponível e a situação ficou bem intensa.

— Quem bateu em Amber?

— A Sra. Fields. É diretriz nossa que as meninas apanhem de uma mulher e os meninos de um homem.

— Oh, isso é bom. Tiveram alguma testemunha?

— Sim, a nossa professora de arte estava lá aquele dia, e serviu de testemunha. Fizemos um registro da coisa toda, e finalmente conseguimos entrar em contato com a Sra. Brandon aquela noite e contar o que havia acontecido.

— E daí, qual foi a reação dela?

— Essa parte é que é estranha. Ela concordou com a nossa ação. Não se opunha a que batêssemos em Amber se Amber precisasse disso.

Corrigan olhou a ação judicial novamente.

— Mm. Alguém mudou de idéia. Mas quando foi que você... Tom sabia o que Corrigan queria dizer.

— Há apenas um mês. Depois que castigamos Amber, as coisas correram muito bem por cerca de três dias, e então... — Tom parou para pensar. — Acho que deve ter começado novamente durante o recreio do meio-dia. Amber tornou-se um cavalo de novo, como antes, e voltou para a classe como... como "Ametista". Dessa vez eu não estava disposto a tolerar a coisa, e fui firme com ela, confrontei-a, e então...

Tom teve de parar. Parecia que ia chorar. Ele se esforçou para continuar.

— E então algo tomou conta da garotinha. Toda a sua personalidade mudou. Ela começou a blasfemar, e a xingar, e zombar do nome de Jesus, e... e tive de tirá-la dali. As outras crianças realmente ficaram perturbadas por causa daquilo. Tomei-a pelo braço e tive de arrastá-la fisicamente da classe — ela se agarrava às carteiras e às cadeiras e mesmo às outras crianças. A Sra. Fields ouviu o distúrbio lá do outro lado do corredor, e veio correndo ver o que acontecia. Foi preciso nós dois para levá-la à sala comum e segurá-la. Ela estava tendo um verdadeiro acesso de raiva...

não, pior que isso. Não era ela mesma. Não era Amber Brandon.

Tom parou. Nem Corrigan nem Mark disseram nada. Não havia perguntas. Ambos esperavam ouvir o resto.

Tom forçou-se a continuar, precipitando-se.

— Então, eu... discerni em meu espírito que Amber manifestava um demônio, e confrontei essa... Ametista no nome de Jesus; ordenei-lhe que ficasse quieta, e saísse de Amber.

Corrigan se afundou na cadeira e exalou um longo suspiro. Mark aparteou:

— Mas ela ficou bem depois disso, não ficou?

— Ela voltou a ser ela mesma, sim. Corrigan perguntou:

— Então você naturalmente concluiu que esse demônio havia deixado Amber, que você havia conseguido expulsá-lo?

Tom sentia-se obviamente sem graça.

— Sim. Acho que sim. Mas ela deve ter contado umas histórias bem exageradas quando chegou em casa. A Sra. Brandon veio para uma conferência no dia seguinte, e a essa altura ela estava fora de si, acusando-me de maus tratos físicos, de terror, de intimidação...

Corrigan olhou para a sua estante de livros, continuando a afundar cada vez mais na cadeira.

— Você tentou expulsar um demônio de uma criança de dez anos de idade...

Mark protestou:

— Sr. Corrigan, o senhor sabe o que a Bíblia diz acerca de atividade demoníaca. O senhor sabe que os demônios são reais, não sabe?

Corrigan deixou cair o braço sobre a escrivaninha e apontou-o para o rosto de Mark.

— O senhor acha que um júri vai aceitar essa, pastor? Vá em frente! Faça uma proeza dessas e depois tente convencer qualquer júri neste país de que seu comportamento foi apropriado! — Agora ele usou as duas mãos porque precisava de um gesto maior. — Uma *criança,* uma criança de dez anos, e você tentou expulsar um demônio dela!

— Bem, o que se *esperava* que eu fizesse?

Corrigan sentou-se ereto antes que deslizasse da cadeira. Ele se inclinou sobre

a escrivaninha e folheou a queixa à sua frente.

— Bem, para começo de história, não devia ter agido sozinho e não devia ter levado adiante esse... esse ato... sem ter-se aconselhado com alguém, sem ter obtido *conselho judicial.*

Mark disse:

— Ele sabe isso agora. Então Tom protestou:

— Mas conselho judicial? Como eu poderia saber a respeito disso? Desde quando Paulo e Silas foram atrás de conselho judicial antes de...

— Eles acabaram indo parar na cadeia, está lembrado? — interrompeu Corrigan bruscamente, e para ele usar uma voz que estivesse mesmo um *pouquinho* alta tinha de significar que estava transtornado. — Eles foram surrados e jogados na cadeia por expulsar um demônio, e você enfrenta a versão civil da mesma coisa. Uma ação civil não vai fazer com que seja jogado na cadeia, mas ainda assim você vai precisar de algum tipo de terremoto filipense para tirá-lo dessa. A Associação dos Cidadãos Americanos pela Liberdade tem sua impressão digital por toda esta coisa... Suponho que sabe isso.

Mark e Tom se entreolharam. A ACAL, aquela infame associação, poder-se-ia dizer conspiração de técnicos judiciais profissionais, caiados, virtuosos, e tudo-pela-liberdade por fora, era morbidamente liberal e anticristã em seus motivos e atividades. Atualmente ficava difícil achar qualquer ação judicial movida contra cristãos, igrejas ou organizações paraeclesiásticas que não tivesse a ACAL e suas numerosas filiais em todo o país por trás.

Mark disse:

— Achamos que talvez fosse esse o caso... Corrigan bateu no fim da primeira folha da queixa.

— Ames, Jefferson e Morris são membros da ACAL; eles mandam na sede local e têm sido os valentões liberais, judiciais nestas vizinhanças por anos. Por que outro motivo acha que a imprensa saberia a respeito dos seus filhos serem levados e estar bem ali a fim de amolar você em sua casa e na delegacia de polícia? Por que acha que estava bem lá para filmar quando você foi intimado? Para criar um escândalo e sujá-lo na imprensa, por isso. Por que acha que seus dois garotos foram levados em primeiro lugar? Assim que a ACAL soube deste caso, vazou a informação — provavelmente bem enfeitada — ao pessoal da Proteção à Criança e os trouxe para dentro do caso. Eles querem esse tipo de notícia picante. Agora você está marcado como quem maltrata crianças, Tom, antes mesmo de chegar ao

tribunal. A ACAL joga sujo.

— Bem, veja apenas a queixa aqui contra.... o pastor, o diretor, a igreja, e o conselho da igreja: "Comportamento Religioso Chocante Contra uma Criança" — a expulsão do demônio, naturalmente, "Mau Trato Físico por Espancamento, Instrução Religiosa Excessiva e Prejudicial à Criança, Perseguição, Discriminação e Doutrinação Religiosa Usando Fundos Federais."

— Essa coisa toda é dinamite; vai dificultar o caso porque a ACAL usará todas essas questões quentes para conseguir a atenção do público e causar alvoroço.

— E vocês viram essas grandes palavras-chave, *fundos do governo federal?* Isso vai levá-los através da porta dos tribunais federais: "violando os direitos civis da mãe ao ensinar religião usando fundos do governo federal — uma violação do Decreto Munson-Ross de Direitos Civis e do Decreto Federal de Assistência Escolar a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau."

— Fundos do governo federal? — perguntou Tom.

— Lucy Brandon trabalha no Correio, certo? É funcionária do governo federal, e sob esse Decreto Federal de Creches ela recebe um subsídio para ajudar a pagar a mensalidade de Amber. Não sabia isso?

Tom estava obviamente surpreso.

— É novidade para mim. Ela nada disse sobre isso.

— Interessante. Talvez ela não quisesse que você soubesse. De qualquer forma, se você está recebendo fundos federais, quer dizer que não pode discriminar ou impor religião ou bater ou causar angústia mental ao sugerir que a criança está possuída por demônio, ou qualquer outra coisa que a ACAL queira alegar num tribunal judicial. Esse e todo o motivo dessa coisa: eles descobrem uma lei vaga e então arranjam casos judiciais como este aqui a fim de esticar a lei tanto quanto puderem nos tribunais. Esse Decreto Federal de Assistência Escolar a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau é uma nuvem de fumaça grande, vaga, vale-tudo, uma medida esperta por parte do Congresso de que a maioria das pessoas jamais ouviu falar. Agora a ACAL está pronta a fazer com que o Decreto seja definido por meio de uma lei estabelecida por decisão judicial, precedentes legais, talvez uma decisão do Supremo Tribunal.

— É por isso que eles estão apelando para o federal com isto, citando lei federal. Olhe aqui: "V.S. está intimado a comparecer às nove horas da manhã, dentro de duas semanas, no departamento da Juíza Emily R. Fletcher do Tribunal *Federal* Regional, Distrito Ocidental, Sala 412, Tribunal *Federal,* blá, blá, blá." Este é um

caso federal, meus chapas.

— Então, o que fazemos? — perguntou Tom. Corrigan tornou-se silencioso e depois tateou na gaveta.

— Bem... eu diria que você precisa de um advogado, com certeza, mas... não sei bem quem deveria consultar a respeito desse tipo de coisa.

— Quer dizer que não aceitará este caso? — perguntou Mark.

Corrigan deu uma risadinha nervosa e abanou a cabeça.

— Bem... não. Não, não posso. — Ele soltou abruptamente: — Agora antes que digam qualquer coisa ou perguntem por que não...

Então ele parou. Oh, vida, aqui vou eu novamente, tendo de explicar isto a outro bando de mártires ingênuos.

— Escutem, não quero ofendê-los, por favor, compreendam. Isto e, posso avaliar a sua posição... — Corrigan empurrou a cadeira da escrivaninha para trás, acenou com as mãos por ali um pouquinho, e olhou para a sua estante enquanto tentava encontrar as palavras. — Mas acabei de estabelecer uma nova regra neste escritório de não mais defender cristãos que não me podem pagar por meus serviços.

Mark achou a declaração um tanto estranha.

— Mas... não pensamos que o senhor faria isso de graça.

Não era um escape suficientemente bom para Corrigan baixar o olhar à escrivaninha. Agora ele olhava para o tapete.

— Pastor Howard, o senhor é a última pessoa sobre a terra a quem eu jamais desejaria recusar, mas... Bem, deixem-me apenas partilhar uma informação deprimente com vocês.

— Muito bem, sou cristão e todo mundo sabe disso; a polícia sabe, os juizes locais sabem, o promotor municipal sabe... O pior e que todos os cristãos deste município sabem. Isso quer dizer que, quando os cristãos se metem em dificuldades judiciais, chamam-me, porque sou um "irmão no Senhor".

— Mas, então, por serem... cristãos... eles entram na coisa com algumas convicções sobre como meus serviços vão ser pagos, se é que vão ser pagos; eles sentam-se em meu escritório e me falam da fê e da provisão de Deus, e geralmente inserem alguma coisa sobre Deus me recompensar por todo o meu tempo e sacrifício; mas, nesse meio de tempo, a minha carreira entra pelo cano por causa de dívidas não saldadas.

— Mas, por favor, não me entendam mal. Não estou culpando os cristãos. É apenas o modo como o sistema funciona. O povinho — os cristãos — mete-se em complicações legais porque o estado, ou a ACAL, ou alguma outra organização secularista fanática, papa-cristão, resolve persegui-los, e essa gente sempre tem todo o poder, as conexões e o dinheiro de que precisam para ganhar qualquer batalha que desejem num tribunal. Não é o que se dá com os cristãos. Eles precisam promover jantares e operações lava-carro e maratonas apenas para contratar algum advogado pobre de segunda como eu, que supostamente tem tanto amor por causas justas que não se importa com o dinheiro.

Corrigan viu que Mark e Tom ouviam sem nenhum sinal de animosidade, pelo menos não por enquanto; assim, ele continuou.

— Ora, essa é uma metade do problema. A outra metade e que com demasiada frequência os cristãos simplesmente não são verossímeis. Sabe, eu já cheguei mesmo a instruir alguns clientes a não testemunharem no tribunal que são cristãos porque em muitos casos essa informação diminuiria a sua credibilidade! O mundo aí de fora... o sistema... acha que nos entende. Ele nos identificou, categorizou, definiu. Acreditamos em Deus; acreditamos em absolutos. Portanto, talvez não sejamos dignos de crédito! — Ele deu uma risada irônica. — Quando eu estava na faculdade de direito a coisa era o contrário. A percepção era a de que as pessoas não tinham credibilidade se não acreditassem em Deus. Como as coisas mudaram, não?

— Assim, de qualquer forma, defrontamo-nos com duas opções: Posso ser contratado pelos cristãos e descobrir mais tarde que eles não podem pagar pelos meus serviços, ou posso aceitar seu caso de graça ou por preço reduzido — geralmente um preço drasticamente reduzido. Nesse caso aqui, haveria em torno de zero possibilidade de qualquer recuperação contingente. Eu poderia apenas esperar receber parte do acordo, mas mesmo assim o sistema já está tão pré-arranjado contra mim que não tenho a mínima possibilidade justa de ganhar, e portanto nenhuma chance de receber dessa forma também.

— Estou deixando isto bem claro para vocês? Simplificando mais, não posso dar-me a *esse* luxo, pelo bem das minhas finanças e da minha reputação. Já cheguei perto demais da falência demasiadas vezes para aceitar outro caso como este. Acho que vocês precisam de um visionário bisonho, um cavalo novo em folha que ainda tenha disposição para correr alguns quilômetros, alguém que possa fatigar-se por quase nada.

Corrigan deteve-se.

Ele se sentia desafogado agora, embora também um tanto envergonhado. Olhou

para a parede onde seus olhos incidiram sobre o diploma que lhe permitia exercer a advocacia, e concluiu com:

— Por vezes, quase admito a mim mesmo quanto odeio este trabalho. Vejam o que ele faz comigo... leva-me a despejar todos os meus sentimentos sobre gente boa como vocês.

Mark olhou o torpedo judicial sobre a escrivaninha de Corrigan e suspirou.

— Então, aonde isso nos leva? Os filhos de Tom lhe foram tirados, e ele ainda não sabe onde se encontram. Agora a escola é atacada com uma ação judicial... Bem, parece que nossas próprias liberdades estão sendo ameaçadas. Não existem advogados em Baskon; poderíamos ter ido a outro lugar, mas viemos a Claytonville para vê-lo porque — e não me envergonho de dizê-lo — sabíamos que era cristão. Sabíamos que teria a perspectiva certa.

Corrigan olhou o ministro com apenas um bocadinho de acanhamento.

— Bem, acho que acabei de vez com essa idéia sua.

— Mas, e Tom? Ele poderia estar amargurado neste momento. Perdeu a esposa num desastre de carro há apenas três anos, seu salário é uma miséria, mas ele permaneceu aqui com os dois filhos e vem servindo como diretor de nossa escola cristã por quatro anos agora, fazendo um trabalho excelente. E que recompensa recebe? Seus filhos lhe são tirados e uma ação judicial contra a escola que pode colocar em risco tudo o que ele e o resto de nós preza. Não é justo. Mesmo assim, ele permaneceu fiel ao seu chamado. É um homem justo, um homem de princípios e convicção...

— Daí o salário miserável. Desculpe-me, continue. Mark ficava aborrecido.

— Já acabei.

Corrigan sentou-se em silêncio, apoiou o queixo nas juntas dos dedos, pensou por um momento, então moveu a cabeça concordando com os próprios pensamentos.

— E pensar que tudo começou em Baskon! Acho que tinha de acontecer em algum lugar. — Ele sentou-se ereto e cruzou as mãos sobre a escrivaninha. Pela primeira vez em diversos minutos, olhou diretamente para Tom e Mark. — Pastor, a ACAL não está atrás de sua escolinha; Tom, não estão realmente interessados em você também; quanto a essa criança que alegam ter sido traumatizada, não se importam nem um pouco com ela. Não, o que realmente querem é um precedente legal, algo que vai atingir não apenas vocês, mas todos. Eles têm todo o dinheiro e habilidade de que precisam para fazer essa coisa dar certo, e sabem que vocês não têm, e é com isso que estão contando. É por isso que escolheram um lugarzinho

como Baskon e uma igrejinha paupérrima como a sua.

— E acho que me conseguiram colocar bem onde me queriam. Posso ver aqueles advogados da ACAL sentados em seu escritório lá na firma Ames, Jefferson e Morris dizendo: "É, ataquem Baskon. Aquele Wayne Corrigan é um pavio queimado, jamais aceitará o caso." Ora, não seria uma beleza para eles?

Olhou novamente os papéis sobre a escrivaninha.

— Muito bem, digo-lhes o que farei: Voltarei atrás. . . mais ou menos. Aceitarei o caso, mas aceitarei o mínimo possível. Isso quer dizer que vocês fazem o trabalho, fazem as andanças, fazem a pesquisa, constroem o caso. Eu lhes direi o que fazer, redigirei os depoimentos, tomarei nota das declarações, defenderei o caso e apresentarei os argumentos, aconselharei vocês; mas qualquer informação relacionada a este caso é sua responsabilidade. Sugiro que arrumem um investigador particular para ajudar. No que diz respeito ao meu envolvimento, receberão aquilo que pagarem, e... — Ele engoliu em seco, chegou a uma decisão relutante, e acrescentou: — Reduzirei meus honorários pela metade, mas vocês têm de concordar em conseguir a outra metade.

Tom e Mark trocaram um rápido olhar e concordaram depressa.

— Está certo.

— E daí, o que vem primeiro? — perguntou Mark. Corrigan folheou os papéis.

— Número Um, vocês têm uma injunção temporária aqui que os impede de fazer quase tudo que foi mencionado na queixa. Uh... acho que vai resumir-se ao fato de que você terá de desistir de vez de castigos físicos e de qualquer outro "comportamento religioso chocante". Acho que isso significa que não pode expulsar nenhum outro demônio até à audiência no tribunal em duas semanas.

— O que acontece em duas semanas? — perguntou Tom.

— Temos que comparecer ao tribunal... "para demonstrar motivo, se você tiver algum, pelo qual você e todas as pessoas que o representam ou representam a escola não devam ser imediatamente impedidas de bater, espancar, ou de alguma outra forma ter contato físico com as crianças da escola por qualquer motivo que seja, e porque você e todas as pessoas que o representam e estão de comum acordo consigo não devam ser imediatamente impedidas de qualquer outro comportamento religioso que possa comprovadamente ser nocivo ao bem-estar mental, emocional ou social da criança, ou qualquer instrução religiosa excessiva, direta ou indireta, de qualquer tipo, na escola ou na creche, que possa ser comprovadamente nociva... " E a injunção continua e fala a respeito de todas essas outras coisas.

— O que exatamente querem dizer com "instrução religiosa excessiva"? — perguntou Tom.

— Isso ainda vai ser definido.

— O que devemos fazer? — perguntou Mark.

— Tentem ficar bem comportados nas próximas duas semanas. Não sejam chocantes, seja lá o que for que isso signifique. Enquanto isso, precisam dar-me bons argumentos que justifiquem continuarem as atividades acima mencionadas. Então protocolarei os resumos e os depoimentos junto ao tribunal, e então iremos lá para ver se podemos livrar vocês dessa injunção. Essa é a primeira coisa.

— E depois? — perguntou Mark.

Corrigan subitamente pareceu preocupado e desgastado.

— Um bocado de cada vez, pastor. O senhor vai estar ocupado por muito, muito tempo.

— E o que me diz de Rute e Josias? — perguntou Tom.

— Não existem respostas fáceis aí. Vai ser uma embrulhada daquelas, e poderia ser ate pior, dependendo de com quem você estiver lidando no sistema. Acho que você tem direito a uma audiência dentro de setenta e duas horas a fim de determinar se a remoção das crianças tem mérito, mas essa é geralmente uma sessão predeterminada na qual o juiz aprova a remoção das crianças baseado no testemunho da assistente social. Você pode ser chamado a comparecer, pode ser barrado totalmente da audiência. Depende de quem estiver cuidando do caso. Darei uma olhada.

— Mas... não vou reaver os meus filhos? Corrigan hesitou antes de responder à pergunta.

— Provavelmente terá de passar por um julgamento primeiro, e isso poderia significar uma espera de seis meses ou mais.

Nem Tom nem Mark estavam preparados para uma resposta como essa.

— Isso não pode ser tudo a respeito! — disse Mark. — Tem de haver outras opções, algo que possamos fazer!

— Podem orar — respondeu Corrigan. — Especificamente, orem pedindo alguns amigos nos lugares certos. Têm uma luta diante de si.

10

Sally ficaria no Repouso Tranquilo mais uma noite. Tinha ela todos os dez mil dólares para gastar nesse único quarto se quisesse, se nenhuma idéia melhor lhe ocorresse. Naquele momento, ela não tinha nenhuma idéia melhor.

Gastara a tarde e todos os papéis de carta do quarto apenas rabiscando pensamentos à medida que lhe ocorriam. Agora, quando o dia fora das Janelas ia dando lugar à noite, ela sentou-se à mesa e folheou página após página, o trabalho do dia.

A primeira página não era nenhuma obra prima: "Louca meu nome é Sally Roe", seguida por toda uma página cheia de linhas errantes e cobrinhas. Aparentemente, ela não conseguira captar seus pensamentos. Mas aquilo era deprimente. Talvez *fosse* um registro correto dos seus pensamentos. Nem mesmo se lembrava de ter feito aqueles rabiscos.

A página seguinte tinha algumas palavras rabiscadas que davam a impressão de que poderiam ser "Morte" e "Loucura", mas não podia ter certeza. Depois disso, sua escrita se desfez em rabiscos caóticos de novo, e então, no fim da página, havia escrito o nome diversas vezes, circunscrito por umas garatujas estranhas, sombrias. Ela se lembrava de tê-las feito no abismo da depressão quando não tinha vontade de pensar ou escrever qualquer coisa. Apenas era gostoso rabiscar, despejar seus sentimentos na página sem usar nenhuma linguagem.

A terceira página havia parecido muito notável quando a escrevera: "Eu sou eu: Penso, existo, mas nada sei a respeito da apreensão da essência de tudo o que está debaixo e acima das atitudes abismais que tanto destroçam nossa percepção nos últimos outonos de violência sobre a terra..." Agora, nem mesmo ela conseguia decodificar tudo aquilo. Aparentemente seu cérebro havia estado funcionando enquanto a mente estava desligada.

Mas ela sentiu-se encorajada, não porque o projeto que lhe tomara a tarde houvesse produzido tanta idiotice, mas porque conseguia sentar-se tranquilamente agora que a mente estava desanuviada e *perceber* que era idiotice. Ela havia acabado de atravessar algum tipo de tempestade espiritual, uma batalha furiosa, torturante. *Exatamente como antigamente,* pensou. Muitas das impressões, das alucinações, das perambulações irracionais lhe eram familiares. Sua mente não havia divagado dessa forma em quase dez anos.

Sem dúvida era esse novo e misterioso terror que havia trazido tudo de volta. Ela se havia interposto no caminho de um antigo Mal, e o reconhecia bem demais.

Ele também deve tê-la reconhecido, e era por isso que a perseguia agora. Com apenas um pouquinho de imaginação ela podia senti-lo ainda de emboscada fora das paredes do quarto do hotel, pronto a cair sobre ela novamente se ela chegasse um dia a descansar.

Mas... o que fazer, o que fazer? Qual era o próximo passo? Como podia libertar-se?

Apanhou o exemplar daquele dia do jornal *Estrela do Condado de Hamptom.* Nada havia de novo a respeito de sua morte, e ela calculou que nunca haveria. Aquela história, sua vida, seu nome, estavam agora enterrados, guardados em boa ordem em arquivos a serem esquecidos.

Voltou à primeira página e estudou uma grande foto. Uma senhora loura entregava a um sujeito o que parecia ser uma intimação. Bem, havia mais notícias de Baskon, um escândalo na escola cristã. Tom Harris, diretor da Escola Cristã do Bom Pastor... acusado de abusar de crianças. . .acusações feitas pela agente local do correio...

Os olhos de Sally se fixaram naquelas últimas palavras. A agente local do correio? Ela leu o parágrafo novamente.

...a mãe da criança, agente local do correio, primeiro desconfiou quando a filha de dez anos brincava de faz-de-conta e começou a relatar comportamento questionável por parte de seu professor da escola...

Sally olhou para o relógio. Passava um pouco das cinco. Talvez houvesse alguma coisa na televisão. Ela ligou o aparelho.

Bem... não havia muita coisa, apenas a venda de um time profissional de futebol a algum milionário desconhecido, a limpeza de lixo perigoso em uma cidadezinha do Meio Oeste, nova pintura para um prédio histórico na capital do estado...

Deixou a televisão falando sozinha enquanto terminava a leitura do jornal.

Segundo fontes fidedignas, os dois filhinhos de Tom Harris foram levados de sua casa por assistentes sociais infantis na tarde de ontem... O DPC tinha o que considerava motivo adequado para remover as crianças de casa... "Se temos de errar, temos de errar em favor da criança", disse a fonte... O DPC está iniciando uma investigação dos abusos alegados contra as crianças da escola... A chefe do correio Lucy Brandon e os advogados da ACAL moveram uma ação contra a escola, acusando-a de comportamento religioso chocante contra uma criança, abusos físicos por espancamento, excessiva instrução religiosa nociva à criança, perseguição,

discriminação e doutrinação religiosa mediante uso de fundos federais. A garotinha contou que Harris tentou expulsar um demônio dela. . .

Oh! Lá estava na televisão! Sally aumentou o volume no exato momento em que a filmagem no local começou a rodar. Lá estava a escolinha, e lá estava Tom Harris, o diretor, em pé no umbral da porta. Sim, lá estava a senhora loura, entregando-lhe a intimação.

Chad Davis, repórter do Noticiário do Canal Sete, sobrepunha a cena com sua voz. "A ação judicial em favor da Sra. Brandon levanta mais uma vez a questão de quanto a liberdade religiosa é excessiva, especialmente no que diz respeito a crianças pequenas, e exige que se limite práticas fundamentalistas extremas que transgridem as leis do estado."

Outra cena: Lucy Brandon, a agente do correio, e... Amber! Nenhuma das duas disse coisa alguma. Apenas se dirigiram ao seu carro e entraram nele. Davis narrou: "O caso pode ter implicações a nível federal pelo fato de fundos federais estarem envolvidos na educação da criança na escola. A ACAL argumenta que as práticas e ensinamentos da escola são extremos, nocivos, e transgridem claramente as leis referentes à separação entre a igreja e o estado."

Uma senhora loura apareceu na tela. Seu nome apareceu abaixo do rosto: Claire Johanson, ACAL.

— Estamos preocupados com o bem-estar de nossas crianças — disse ela — e desejamos protegê-las de quaisquer outros abusos cruéis e indesculpáveis que lhes forem infligidos sob a permissão da religião.

A seguir veio uma rápida entrevista com uma senhora do Departamento de Proteção à Criança, Irene Bledsoe.

— Sempre investigamos quaisquer comunicações que cheguem até nós — dizia ela — e estamos examinando este caso.

Davis impôs uma pergunta de fora da câmara.

— As crianças do Sr. Harris foram removidas de sua casa?

— Sim, mas isso é tudo o que posso dizer.

"Enquanto isso", Davis continuou a sua narrativa, "o Tribunal Federal Regional emitiu uma injunção temporária contra a escola, proibindo qualquer outro castigo, ensinamento religioso que possa ser nocivo as crianças, ou comportamento religioso chocante, até à audiência que ocorrerá em duas semanas."

Apareceu outra vez o repórter principal, fitando solenemente a câmara.

— Obrigado, Chad, por essa reportagem. Estaremos definitivamente acompanhando esse caso e lhes traremos mais acontecimentos à medida que forem ocorrendo. Falando de coisas menos sérias...

Propaganda. Uma rapaziada correndo e gritando e abrindo garrafas de cerveja.

Ela desligou a televisão e sentou-se sobre a cama, atônita. Irene Bledsoe... aquela mesma mulher com os cabelos castanhos despenteados e rosto de lua cheia enrugado. Aquela mesma carranca!

A mulher da quase-colisão. Era *ela?* Aquelas eram as crianças de *Tom Harris?*

Lucy Brandon. Amber. Oh, e justo quando minha mente se desanuviava!

Pensamentos começaram a encher a mente de Sally com o ritmo explosivo de pipocas, carregando-a numa enchente desordenada, impelindo-a para a frente como um automóvel descontrolado sem ninguém ao volante; a correnteza corria e lançava-se em guinadas de um pensamento para outro, pulando por cima de lembranças e colidindo com cenas repetidas, prendendo e arrastando situações através de seu consciente mais depressa do que ela conseguia vê-las, fazendo surgir conversas, fatos e faces.

Com as mãos, ela apertou com força os lados da cabeça como se estivesse sendo atacada por uma horda de ruídos. *Por favor, um de cada vez! Não os posso ouvir quando estão todos berrando ao mesmo tempo! Mais devagar!*

Olhou novamente a fotografia de Tom Harris que o jornal trazia, em pé no umbral da porta da escolinha, recebendo o grande envelope branco da senhora loura.

Então ele também havia ficado conhecendo a pequena Amber!

A mão de Sally dirigiu-se ao anel pendurado debaixo da blusa. Parecia que coisas ruins aconteciam as pessoas que se chocavam com Amber Brandon.

Ela dirigiu-se à mesa e encontrou o primeiro pedaço de papel que rabiscara aquele dia. Era tudo o que tinha; talvez alguma mensagem legível aparecesse depois de toda aquela tolice.

A menos que somente escrevesse mais tolices. Ia ser uma luta, mas ela tentaria de novo. Tentaria toda a noite se fosse preciso. Sua cabeça fervia com pensamentos soltos, incontroláveis, e mais cedo ou mais tarde teriam de jorrar para fora de alguma forma clara.

***

Então, de repente, em toda a volta do hotel, uma tal legião inesperada de

demônios atormentadores começou a chover que Chimon e Scion já não puderam esconder-se e tiveram de jogar toda sutileza pelos ares. Encontraram-se em plena glória, brilhantes e visíveis, espancando e retalhando os demônios que enxameavam ao seu redor como abelhas desprezíveis, penetrantes. A intensidade do ataque furioso era chocante, surpreendentemente forte. Parecia que cada espírito era destruído apenas para ser substituído por dois outros, e o ar encheu-se deles. Eram audaciosos, atrevidos, afoitos, atacando com berros e guinchos, chegando mesmo a rir zombeteiramente.

— Pelo Destruidor! — berravam eles com seu brado de guerra. — Pelo Destruidor!

Então era isso! O comandante demoníaco tentava nova tática agora, e essa dificuldade podia apenas ter sido causada por uma coisa: algo havia acontecido à cobertura de oração.

***

— Bem — disse Judy Waring — nunca se sabe com relação às pessoas. Sempre tive minhas dúvidas sobre ele. Votamos por recomendação sua, não nos opusemos, e agora, o que vamos fazer?

Mark tentava encerrar essa conversa telefônica e voltar à reunião. O telefone da casa pastoral tocara o dia todo, e ele estava prestes a arrancar o fio da parede.

— Ouça, Judy — disse ele — estamos para ter uma reunião de emergência do conselho a respeito disso agora mesmo, por isso tenho de desligar. Mas deixe-me garantir-lhe que Tom está tratando essa coisa toda muito bem, de maneira realmente aberta e franca. Acho que podemos confiar nele.

— Bem... Fiquei sabendo uma porção de coisas...

— Certo... Deixe-me dizer algo a respeito disso antes de desligar. Não quero mais fofocas por aí a respeito de Tom ou da escola ou de nenhum desses assuntos. Se existe alguma coisa a ser resolvida, será resolvida nesta reunião, com Tom presente e capaz de defender-se. Agora, por favor...

— Você *ouviu* o que o noticiário disse esta noite?

— Judy! Agora escute o que digo! Você não precisa obter sua informação do noticiário, não quando tudo isto está acontecendo *conosco,* em nossa própria igreja. Agora fique sentadinha aí e não dê ouvidos a quaisquer outros boatos, e por favor, não espalhe nenhum, está certo?

— Bem, está certo, mas não sei se posso manter o Charlie matriculado na escola com isso acontecendo...

— Faremos a nossa reunião esta noite, e então cuidaremos das suas preocupações. Apenas tenha paciência.

Judy estava para dizer mais outra coisa. Era sempre ela quem tinha a última palavra em qualquer conversa. Quieta e cortesmente, Mark desligou antes que ela pudesse se pôr a falar de novo.

Cathy Howard estava por perto, fazendo café para os homens reunidos na sala de jantar, e ouvindo o lado de Mark do que era no mínimo a vigésima conversa. Mark disse-lhe baixinho:

— Talvez você possa tirar esta coisa da parede ou deixar fora do gancho.

Ela fez um ar inquisitivo.

— Ou atender às chamadas?

— Vá lá e faça a sua reunião — disse ela com uma risada. — Selecionarei as chamadas para você.

Essa merecia um beijo. Cathy, uma loura atraente com finos traços nórdicos, era extraordinariamente serena. Ela manteria a sua calma durante essa época difícil, e Mark sentia-se grato pela esposa, mais do que poderia dizer. Naturalmente, ela não gostava de tributação — quem gostava? — mas naquele exato momento, quando força e resistência a mais se faziam necessárias, ela as supria, e isso dava a Mark a tranquila certeza de que venceriam a crise.

Ele passou pela porta da cozinha e entrou na sala de jantar. Os quatro presbíteros da igreja estavam reunidos em torno da mesa, ouvindo Tom contar o que havia acontecido até aquele momento.

— E o que foi que esse espírito disse? — perguntou Jack Parmenter, um sitiante de cabelos prateados, trabalhador e estável. Tom não gostava de lembrar-se. — Oh... ele disse que somos todos uns tolos de adorar Jesus, que Ele era apenas um mentiroso, e não Deus de forma alguma, mas somente um filho ilegítimo — uh, o espírito usou outra palavra, é claro — e então prosseguiu acusando Jesus de perversões sexuais... em termos bem descritivos.

— Tudo isso saindo de uma criança de dez anos — disse Bob Heely revoltado. Bob era veterano do Vietnã, um mecânico de equipamentos diesel que mantinha todo o maquinário agrícola à volta de Baskon funcionando. Suas mãos eram ásperas e enegrecidas por graxa.

— Está-me parecendo bem esquisito — disse Doug Parmenter, filho de Jack e a cara do pai. — O que acha, Mark? Nunca vi uma pessoa possuída por demônios

antes.

Mark tomou seu lugar à ponta da mesa.

— Eu já, e acho que as impressões de Tom estavam certas.

Vic Savan, que cuidava do sítio vizinho do de Parmenter, concordou com aquilo.

— Ora, o que essa garotinha — ou esse demônio — tinha a dizer se encaixa com tudo o mais que o Diabo está dizendo estes dias acerca dos cristãos e acerca de Cristo. Olhem só toda a difamação que ele tem estado a espalhar nos jornais e na televisão, e não estou falando apenas da nossa situação. Parece que são sempre os direitos civis e as liberdades de alguma outra pessoa que importam, mas quando chega a vez dos cristãos, o pessoal — e acho que os demônios — pode falar o que bem entender.

— Bem — disse Mark — como Wayne Corrigan disse, uma ação judicial, um teste da liberdade cristã, tinha de acontecer em algum lugar. Parece que esse lugar é aqui em Baskon, e em nossa escola.

— Mas não é bem típico de Satanás usar uma criança? — disse Jack. — Quero dizer, é um golpe bem baixo.

— Bem, de pode usar o próprio povo de Deus também. Quantos de vocês ouviram algum tipo de conversa destrutiva acerca disto ante de virem à reunião esta noite?

Todos os homens levantaram a mão. Vic relatou:

— Encontrei os Jessups no posto de gasolina, e eles se perguntavam quantas outras crianças teriam sido abusadas.

Tom encolheu-se ao ouvir isso.

— Abusadas? E o que eles queriam dizer com isso?

— Você preenche os espaços em branco com o que quiser, Tom.

— Bem, esse é o favor que o jornal e o Canal Sete nos fizeram — disse Jack. — Eles têm estado a usar essa palavra por aí como se fosse um fato.

— E é a isso que estou-me referindo — disse Mark. — Somos os presbíteros desta igreja, e temos de manter essa coisa sob controle. Haverá perguntas atiradas por aí e uma porção de acusações e fofoca, e é melhor começarmos a pensar em como vamos enfrentar isso.

Vic ergueu o sobrolho, encolheu um ombro, e disse:

— Bem, no que diz respeito aos Jessups, eles estão tirando os dois filhos da escola. Não querem ter nada a ver com o negócio.

— Os Wingers também não — disse Doug.

— E eles disseram que eu era um idiota de deixar os meus três lá — disse Bob.

O telefone na cozinha tocou de novo. Eles podiam ouvir Cathy atendendo.

Mark comentou:

— Provavelmente é outra família preocupada com as mesmas coisas. — Ele olhou para Tom. — Bem, Tom, vamos cuidar do primeiro item e depois podemos continuar dali.

Cathy avisou à Mark:

— É Ted Walroth no telefone. Ele viu o noticiário desta noite e quer saber se vamos ter uma assembléia da congregação.

— Diga-lhe que ligarei de volta — disse Mark. Cathy foi dar o recado, e Mark voltou sua atenção a Tom.

— Você quer contar-lhes? Tom não hesitou.

— Estou-me demitindo como diretor da escola; vou tirar uma licença até esta coisa toda ser esclarecida.

Jack estava pronto para contestar essa medida.

— A escola está em apuros por minha causa. Se quisermos salvá-la de alguma forma, tenho de sair de cena.

Ele tinha razão. Todos os homens à mesa detestavam ter de admitir, mas ele tinha razão. Fez-se silêncio longo, inquieto. Todos eles olharam para a mesa ou fora da janela ou à volta da sala, e apenas ocasionalmente um ao outro.

Mark resolveu quebrar o silêncio.

— Tom e eu conversamos e oramos a respeito disso, e concordamos que todos temos de enfrentar os fatos como eles são: a confusão está em torno dele; ele e o centro da controvérsia. Ora, sei que estamos todos ao lado dele, mas a questão de inocência é secundária. A maior e mais importante preocupação neste instante é a confiança dos pais e da comunidade. Essa confiança está começando a levar uma verdadeira surra agorinha mesmo, e vai ser difícil reavê-la se mantivermos Tom em seu cargo.

Jack remexeu-se, olhou para um lado e para outro, e depois deu um murro na mesa.

— Mas, Mark, não podemos fazer isso! Seria o mesmo que admitir que Tom é culpado!

Doug interveio.

— Mas, Papai, algumas pessoas já estão achando isso! Conversei hoje mesmo com gente que está disposta a desistir de tudo, retirar seus filhos da escola e deixar que ela morra. Caíram de costas com essa coisa.

Mark interrompeu.

— Mas isso faz parte da guerra, minha gente. Satanás organizou essa coisa toda de modo a poder enfraquecer-nos com fofocas e difamação. Precisamos fazer tudo o que pudermos a fim de nos proteger disso, ou pelo menos não jogarmos gasolina no fogo.

Tom explicou:

— Se eu permanecer na escola, não conseguiremos convencer ninguém de que estamos realmente preocupados com tudo isto. *Eu estou* preocupado. Estou disposto a deixar o cargo até conseguirmos resolver toda essa dificuldade.

— Faremos tudo o que pudermos para manter a academia aberta. A Sra. Fields permanecerá e lecionará às crianças que ficarem em suas classes. Eu cuidarei do restante das séries mais adiantadas. Tom, que número de matrículas esperava?

Tom rabiscou uma possível lista.

— Acho que deveríamos pensar no pior dos casos... o que significaria que Judy Waring tirará o filho Charlie... e depois vêm os Jessups e os dois deles... e depois os Wingers com seus três...

— E os Walroths? — perguntou Jack. Mark respondeu:

— Ligarei para ele. Acho que posso convencê-lo a aguentar um pouco mais.

— Então, deixamos os dois filhos dele na lista?

— Por enquanto.

Tom os colocou de volta na lista.

— Muito bem. Isso significa que saíram cinco crianças da classe da Sra. Fields. A classe dela caiu para a metade. A minha classe perdeu um. Não está tão ruim.

— Então por enquanto conseguiremos sobreviver — disse Mark. — Mas esta noite teremos de falar a respeito do salário de Tom enquanto ele está fora, além de um pouco mais de trabalho voluntário para manter as coisas funcionando — não terei tempo de fazer toda a contabilidade e administração. Depois, teremos de mudar a rota do ônibus escolar, agora que os Wingers saíram, e conseguir outra pessoa para organizar os almoços, agora que os Warings saíram.

— Donna Hemphile ligou hoje — lembrou-se Tom. — Ela apóia muito a escola, e está disposta a doar quanto tempo tiver disponível quando não estiver ocupada na fabrica de portas.

— Quem? — perguntou Doug.

— Donna Hemphile — disse Mark. — É a supervisora da Fábrica de Portas Bergen, uma mulher solteira.

— É, ela é simpática.

— De qualquer jeito — disse Tom — ela diz que cuidará dos almoços, provavelmente dois dias por semana.

— Já serve. — Mark incluiu aquilo em suas próprias notas. — Muito bem, outras coisas que temos de discutir esta noite: precisamos falar-lhes a respeito do que Wayne Corrigan nos disse, e o que temos de fazer para lutar contra essa coisa no tribunal. — Mark olhou para Tom. — E temos também o último relatório a respeito de seus filhos.

Tom parecia cansado. Ela já havia passado por enorme batalha sobre esse assunto.

— Wayne Corrigan ligou hoje à tarde. Ele finalmente conseguiu falar com alguém do Tribunal Regional em Claytonville. Tiveram uma audiência hoje, no tribunal do Juiz Benson. Levou cerca de dez minutos, pelo que fiquei sabendo. Acho que não perdi nada; eles teriam barrado a minha entrada na sala do tribunal de qualquer jeito. O juiz aprovou a remoção das crianças e marcou a data do julgamento para outubro.

— Outubro? — exclamou Jack. — E o que acontece enquanto isso?

— Devo obter aconselhamento, mas com um conselheiro nomeado pelo tribunal. Poderei visitar as crianças, não sei exatamente quando, e a visita será controlada; uma assistente social terá de estar presente... — Tom não pôde continuar.

— Bem, teremos de lutar contra essa coisa — disse Jack. —Os outros que fujam e se escondam. Se ser cristão é difícil demais para eles, bem, não podem dizer

que Jesus não avisou. Mas vamos lutar contra isso! Vamos cair de joelhos, e rogar ao Senhor que nos mostre uma saída. O nosso Deus é maior do que qualquer ação judicial ou qualquer bando de burocratas da assistência social! Ele se postará ao nosso lado, e essa é... bem, é a última coisa que vou dizer sobre o assunto! Mark olhou à volta da mesa.

— Então, o que o resto de vocês acha? Quero saber o que pensam agora, antes de darmos qualquer outro passo.

— Vamos topar a briga — disse Doug.

— Estamos nisto pelo Senhor — disse Bob. — Ele nos ajudará. Vic ergueu a mão para ser contado.

— Ei, se tinha de acontecer conosco, então é porque tinha de acontecer conosco. Parece que estamos na frente da fila, minha gente. Se cairmos, todas as outras escolas cristãs cairão a seguir. É melhor oferecermos uma boa briga, com a ajuda do Senhor.

Mark sentiu a mão de Deus sobre aqueles homens. Seus olhos encontraram-se com os de Tom, e através das lágrimas deste ele viu uma tranquila confiança.

— Então, vamos à oração — disse ele — e que nosso acordo nesta noite seja estabelecido nos Céus.

Eles se deram as mãos à volta da mesa, fazendo sua aliança uns com os outros e com Deus.

***

Muito acima da cidade, planando entre os Céus e a Terra, com suas asas como um dossel macio, indistinto, o Capitão Tal ouviu a transação. Os santos tinham-se unido em oração de acordo com a vontade de Deus; o Todo-Poderoso Senhor havia recebido sua petição. Houve acordo e esse acordo estava agora selado.

— Bom — disse Tal — já basta!

***

Em Claytonville, os demônios subitamente deram por encerrado o seu dia de trabalho. O último deles deu uma passada baixa, cuspiu alguns insultos, e depois chispou pelos ares noite adentro como uma andorinha enlouquecida, deixando Chimon e Scion sozinhos no telhado do hotel. O silêncio repentino era dissonante.

— Bem — disse Chimon — conseguimos uma oração?

— É o que parece — disse Scion.

Eles se sentaram no telhado, as espadas descansando sobre as telhas, os olhos varrendo o céu. Em baixo deles, Sally Roe se deitava para dormir. Talvez agora todos tivessem uma noite um pouco sossegada.

11

A Fábrica de Portas Bergen era um lugar barulhento, empoeirado, que empregava cerca de cem pessoas, a única indústria de verdade a ser encontrada em Baskon. Era manhã de sexta-feira, e durante o turno normal de trabalho as plainas, as lixas, as serras e as furadeiras produziam um alarido tão ensurdecedor que era preciso usar protetores nos ouvidos e também ler bastante os lábios.

Ben usava protetores nos ouvidos — pequenos tampões feitos de espuma de borracha — e também óculos de segurança ao atravessar a fabrica. Ele nunca havia estado ali antes, e achou o lugar fascinante, com o cheiro de pó-de-serra enchendo o ar, e portas, portas, portas por todos os cantos, algumas empilhadas, algumas em pé, algumas sendo transportadas pela empilhadeira rumo à plataforma de embarque; portas pequenas, portas grandes, portas baratas, portas requintadas.

Ele percebia algumas olhadelas dos empregados ao passar por eles. A visão de um agente policial uniformizado frequentemente despertava curiosidade, como se "alguma coisa" estivesse acontecendo. Ele apenas sorriu cordialmente às mulheres avantajadas, aos homens empoeirados, aos estudantes de tempo parcial, às mães solteiras. Reconheceu muitos deles, inclusive Donna Hemphile, ocupada supervisionando um grande projeto de classificação de materiais. Ela o reconheceu e acenou com a mão.

— Ei, Ben, o que está fazendo aqui? — berrou.

— Oh, apenas um negociozinho — respondeu ele, provavelmente não alto o bastante para que ela ouvisse. Hesitava em falar sobre o assunto.

Um pouco adiante, no centro de todo aquele rebuliço, estava o espaço fechado para escritório da supervisora de linha, Abby Grayson. Ela o viu através da janela do escritório e fez-lhe um aceno. A recepção já havia ligado, e ela esperava.

— Saia desse barulhão e entre aqui — disse ela, escancarando a porta. Ele entrou no pequeno cubículo e ela fechou a porta atrás dele, interceptando o ruído.

— Sente-se — disse ela. — Você deve ser o novo tira. Acho que não nos conhecemos, e talvez seja uma boa coisa, sabe?

Entregaram-se a apresentações amistosas. Abby era uma senhora quarentona, feia mas bem-apessoada; ela e o marido eram pessoas que haviam realmente feito carreira naquele lugar. Ela acabara de receber o distintivo de vinte anos de serviço, e ele o de vinte e cinco.

— Bem — disse ela — estamos todos muito chocados. Sally era uma boa operária. Pena que ela não se abria um pouco mais. Achamos que podia ter problemas sérios, mas... Olhe, *tentamos* fazer amizade; o que posso dizer?

— Diversas pessoas me disseram que ela se isolava — disse Ben.

— Sim, era quase uma eremita. Nós a convidamos para a festa de Natal do ano passado, e acho que ela quase veio, mas então arrumou uma desculpa e ficou em casa. Ela não saía muito, pelo que qualquer um de nós sabia.

— Você não teria algumas fotos dela, teria?

— Engraçado você ter mencionado isso. Acho que ela detestava ser fotografada. Todos nós íamos posar para uma foto da companhia... Quando foi isso? Acho que perto do começo de setembro, e lembro-me de que ela simplesmente se escondia atrás das pessoas ou virava o rosto. É, algumas pessoas são assim.

— E daí, que tipo de pessoa ela era realmente? Quais foram algumas de suas impressões?

Abby tirou um momento para considerar a pergunta.

— Ela era esperta e inteligente, boa com as mãos, e aprendeu a fazer o serviço imediatamente, muito fácil de treinar. Mas sempre houve algo meio esquisito a respeito dela. —Abby sorriu a um pensamento que lhe ocorreu. — Bem, acho que agora posso dizer. Sabe... acho que ela escondia alguma coisa. Uma porção de gente aqui pensava isso.

— Escondendo alguma coisa? Abby abanou a cabeça e riu.

— Oh, arrumamos todo o tipo de idéias bobas, falando de talvez ela ser uma fugitiva da lei, ou uma ex-presa, ou uma bruxa, ou uma prostituta, ou uma lésbica... Era muita tolice, mas quando as pessoas são tão reservadas assim, tão quietas, a gente fica pensando sobre elas um pouco. É apenas natural.

— E daí?

— Daí o quê?

— Ficou sabendo se ela era alguma dessas coisas? A mulher riu.

— Não. Era conversa, nada além de conversa.

— Mas mesmo assim você acha que ela escondia alguma coisa...

— Não sei. É que ela agia como se estivesse escondendo, acho eu. Ben riu a fim de manter a atmosfera descontraída.

— Bem, que tal uma descrição? Que aparência tinha?

— Oh... — Os olhos de Abby vaguearam pela sala enquanto ela reconstruía uma imagem de Sally Roe na cabeça. — Mais ou menos da minha altura, e tenho um metro e sessenta e sete. Cabelos ruivos... longos... eu a vi escovando-os certa vez; chegavam até quase o meio das costas. Mas ela os mantinha presos num lenço xadrez quando trabalhava aqui, por isso a gente nunca via muita coisa.

— Cor dos olhos?

— Cor dos olhos... Puxa, nunca pensei muito sobre isso. Parece-me que eram castanhos.

— Que idade tinha ela?

— Trinta e tantos. Talvez um pouco mais velha.

— E que me diz do peso?

— Muito bom — e com esse comentário Abby riu. — Não sei, ela me parecia bem, pelo menos o suficiente para despertar ciúmes.

Ben havia ouvido o bastante por enquanto. Pôs-se de pé.

— Olhe, muito obrigado. Se eu tiver mais alguma pergunta darei uma telefonada. Oh... — Ele rabiscou o número do seu telefone num pedaço de papel. — Se se lembrar de alguma outra coisa que acha que eu gostaria de saber, pode me ligar lá em casa. Não tem problema.

— Claro. — Ela ergueu-se e apertou-lhe a mão. — Bem, foi um verdadeiro choque, uma noticia realmente dura.

Ele assentiu com a cabeça.

— E então essa notícia hoje de manhã a respeito da escola cristã e o que aquele professor fazia. Que mundo, hein? Nunca se sabe com relação às pessoas... É meio apavorante.

***

Ango não era nada importante, nada a que se curvar, adorar, venerar ou temer. Era pequeno, fininho como uma aranha, e feio. Oh, ele sabia. Vivia com aquilo. Ele aguentava os insultos dos outros espíritos que se faziam de donos dele, dando-lhe todo o tipo de ordem, tomando-lhe a glória, e dando-lhe a sua culpa. Ah, era tudo parte da guerra, tudo parte do plano do seu senhor para a terra, e cada espírito tinha o seu próprio papel, sua própria posição, seu próprio nível de poder. Ele sabia que a sua posição era baixa. Para o restante do reino demoníaco, o que era a Escola de

Primeiro Grau de Baskon? Que importância tinha ao lado de todas as escolas do mundo?

Seus beiços se espicharam, abrindo-se, e os dentes pontiagudos bateram e rangeram quando ele sibilou uma risadinha. Oh, este lugar *importava* sim, agora! Os outros espíritos haviam rido e censurado, mas em certo lugar, sentado altaneiro no pico do poder, o próprio Homem Forte havia escolhido aquele lugar para começar o Plano. Ele havia falado o nome de Ango como o espírito que seria colocado no comando! Agora o pequenino e feio Ango tinha o favor do Homem Forte — e a inveja dos outros espíritos!

Mas por que não? Ele merecia. Levou anos para conseguir controlar essa escola — para expulsar os que resistiam, implantar os simpatizantes, cegar os pais ao que acontecia a seus filhos. Não foi trabalho fácil.

Mas aconteceu, e tudo por causa de Ango! Os outros espíritos que o chamassem de pequeno e feio. Nessa escola, ele era *Ba-al* Ango, o belo e poderoso. Todos os enganadores que esvoaçavam, chispavam e sobrevoavam aquele lugar estavam sob o seu comando, e através deles muitos dos professores, bem como o diretor e o vice-diretor. Esse poder era precioso, uma titilação constante, uma recompensa maravilhosa por todos esses anos e todo esse trabalho. Sentado sobre os calcanhares na vasta cobertura de piche do teto, ele permitiu-se o prazer de umas risadas secas, sulfurosas.

Pensava em todas aquelas crianças pequenas, impressionáveis, sentadas em todas aquelas salas de aula lá embaixo, e o que deviam estar aprendendo naquele exato momento. Como de costume, a maioria de seus subalternos demoníacos se ocupava com a tarefa. Eram os melhores que havia, e ele se deleitava com o fato de que, nos últimos anos, desde que as leis haviam sido mudadas, seu trabalho tinha-se tornado muito mais fácil. Oh, com que facilidade os homens podiam aceitar as mentiras mais chocantes uma vez que a Verdade fosse tirada de consideração!

Sim, mas havia ainda uns santos de Deus corajosos escondidos por ali como teimosas ervas-daninhas nesse jardim outrora florescente, criando caso com seus protestos, conferências de pais e professores, tagarelices ao telefone, e bilhetes, bilhetes, e mais bilhetes aos professores, mas...

Ango resfolegou outra risada sulfurosa e rolou como um cãozinho brincalhão no piche preto. Não tinha importância. Eles perdiam. Que protestassem. *Ele* tinha todo o poder ali.

***

Mota, alto, forte, cor de bronze escuro, ficou com a espada na mão, seus olhos

penetrantes na Escola de Primeiro Grau de Baskon, os pés submersos em mais de vinte centímetros de esterco de galinha. Seu amigo oriental e companheiro de armas, Signa, estava ao lado, afundado tanto quanto ele na mesma categoria. Não fossem eles espíritos angelicais, e teria sido muito desagradável. Por serem, não se perturbavam com seus arredores, e as oitocentas galinhas brancas cacarejantes não percebiam a sua presença naquele velho galinheiro.

Era sexta-feira, e quase a hora do almoço e do recreio do meio-dia.

— Ela está a caminho — avisou Signa.

— Agora — disse Mota. Eles sumiram.

***

A sineta tocou para o almoço. Ango podia ouvir as portas de todas as salas de aula se abrindo e as turbas de crianças enchendo os corredores. O recreio seria uma ocasião agradável, como sempre. A corrupção que os professores não conseguiam espalhar na sala de aula, as crianças podiam espalhar entre si no pátio do recreio.

— Salve! — soou uma voz retumbante atrás dele.

— Ahhhc! — A espada de Ango foi parar imediatamente em sua mão quando ele se voltou para enfrentar o guerreiro celestial. Oh, era um gigante! Um polinésio maciço, brilhante como relâmpago, com asas que espalhavam o fogo do sol Sua espada estava desembainhada, e refulgia com uma luz viva, mas ele a segurava abaixada, a ponta descansando sobre o teto.

— Tropas! — berrou Ango, e cinquenta demônios surgiram através do teto como ratazanas assustadas dando grasnados e pios de surpresa e raiva. Eles circundaram o grande guerreiro.

— O que o traz aqui? — exigiu Ango.

Mas Mota queria um pouco mais de espaço. Ergueu a espada, segurou-a estirada à frente na altura da cintura, e pôs-se a brandi-la num amplo arco circular à sua volta. Os agitados e sibilantes espíritos recuaram quando a pontinha da espada passou debaixo de seus narizes resfolegantes.

Agora ele se sentia mais confortável, e falou.

— Procurava uma lagartixazinha insignificante chamada... Anco... Inco...

— Está procurando Ango!

Mota sorriu e ergueu o indicador.

— Sim! Ingo, é isso mesmo!

— Ango! — corrigiu o demônio.

***

Dois guardas estavam em seus postos ao lado da porta principal quando Signa mergulhou do céu como uma bola de relâmpago e lançou-os por terra apenas pela sua presença.

— Tropas! — berraram eles, esforçando-se para colocar-se em pé, agarrando as espadas. Vinte demônios se apresentaram imediatamente, espadas desembainhadas, olhos pasmados fitando aquele visitante.

Um espírito explodiu da escola em pressa descuidada, não querendo perder nada, a espada balançando, as asas farfalhando. Ele chegou perto demais do guerreiro.

Uuuuch! A espada moveu-se tão depressa que parecia um disco de luz. Partículas esfrangalhadas do espírito se agitaram e flutuaram em todas as direções, deixando uma trilha de fumaça vermelha dissolvendo-se até desaparecer. A ponta da espada estava agora posicionada e pronta para o próximo atacante atrevido.

Ninguém se sentia tão atrevido assim. Eles permaneceram como estátuas, os olhos naquele guerreiro. Ele também permaneceu imóvel, observando-os com os olhos ardentes.

***

Sally Roe ergueu a mão e puxou o cordão da campainha. A pequena campainha na frente do ônibus fez *ding,* e o motorista diminuiu para a próxima parada ao longo da Rodovia Toe Springs-Claytonville. Ela podia ver a Escola de Primeiro Grau de Claytonville logo adiante. Nunca tinha estado lá dentro, mas teria de dar um jeito de chegar onde queria sem ser vista por muitas pessoas. Havia feito o máximo que podia para parecer diferente de Sally Roe; penteara os cabelos — agora pretos — numa trança e prendera atrás da cabeça; havia encontrado uns óculos de sol que podiam passar por óculos normais escurecidos, embora a incomodassem; sabia que suas velhas roupas de trabalho na fábrica não seriam uma boa idéia, por isso dera um jeito de comprar umas roupas esportivas — calças, blusa, mocassins. Fora isso, ela podia apenas esperar que ninguém nessa escolinha a tivesse visto antes alguma vez ou soubesse quem ela era.

O ônibus encostou no ponto, e ela desceu bem na frente da escola.

***

Mota ainda parecia incerto.

— Não... não pode ser Ango. Não vejo ninguém aqui que corresponda ao que ouvi falar dele. Procuro Ango, o pequeno, fraco e miserável.

Ango podia sentir os olhares fixos de seus subordinados. Naturalmente queriam ver o que ele faria. Ele ergueu a espada, e todos eles fizeram o mesmo. — O Ango que procura é poderoso! Ele é o Ba-al deste lugar!

— Ba-al? — inquiriu Mota. — Um espírito com apenas metade de coração e menos cérebro ainda?

— Gaaaa!! — gritou Ango, elevando a espada acima da cabeça. — *Eu* sou Ango!

Ele fez baixar a espada num borrão vermelho, ardente. A enorme espada do guerreiro surgiu no mesmo instante e aparou o golpe.

Mota surpreendeu-se. O demoniozinho podia golpear duro, com força muito maior do que havia esperado. Ele escondeu a sua preocupação, contudo, e apenas agiu como se finalmente percebesse a quem se dirigia.

— Ooohhhh...

— Tropas! — berrou Ango.

Mota enfiou a espada bem debaixo do nariz de Ango.

— Antes que você ataque... — Ango engoliu a ordem. — Gostaria de declarar o que me fez procurá-lo.

***

Signa tinha a atenção dos guardas na frente da escola e de pelo menos metade dos demônios de dentro dela.

— E agora — disse ele — gostaríamos de dar uma olhada dentro desta escola.

Os guardas cuspiram enxofre nele, e por um momento ele ficou cego. Ergueu a espada para defender-se e tentou limpar os olhos, cambaleando de costas sobre o gramado da escola. Os guardas seguiram-no, empurrando-o para trás, abanando as espadas. Os outros espíritos sentiram nova coragem, e se achegaram mais, sibilando, cuspindo, erguendo alto as suas espadas.

Não vigiavam a porta.

***

A passos enérgicos, Sally subiu a entrada da frente e passou pela porta. O relógio no corredor principal mostrava que ela chegara na hora; eram 11:50, hora do

intervalo do almoço. Agora era achar a classe da Srta. Brewer, a Sala 105. Era ou à direita ou à esquerda, mas primeiro ela teria de passar pelo escritório da escola. Havia uma recepcionista em pé atrás do balcão, e diversos funcionários do escritório trabalhando em escrivaninhas atrás dela. *Bem,* pensou ela, *se eu simplesmente der a impressão de saber o que estou fazendo, talvez eles não se ofereçam para ajudar-me.*

Ela dirigiu-se ao corredor, passando pelo balcão de recepção, olhando para a frente, não diminuindo a marcha, não parecendo desnorteada. *Vamos lá, Sally, mostre-se convincente.*

***

— Não se movam! — disse o demônio atrás do balcão. — Não cheguem perto de mim nem mais um passo!

Chimon e Scion haviam entrado com Sally, e estavam agora em pé diante do balcão, as asas desfraldadas, bloqueando totalmente qualquer visão do corredor. Suas espadas estavam desembainhadas, mas ao seu lado. Eles não falaram, mas apenas olharam para aquela criatura limbosa berrando com eles.

— Como foi que entraram aqui? — exigiu o demônio. — Guardas! Subitamente a lamina ardente de Scion descansou bem entre as presas amarelas do demônio. Este achou melhor não pronunciar nenhuma outra palavra.

***

A recepcionista olhou o relógio. Hmmm. A Srta. Brewer esperava uma visita aquele dia; a recepcionista pensou ter ouvido alguém entrar, mas não havia ninguém no corredor. *Bem, a visita deve estar um pouco atrasada.*

***

Sally virou à esquerda no fim do corredor, desaparecendo ao contornar o canto. Tinha de ser um milagre a mulher atrás do balcão não tê-la visto. Oh, muito bem. Agora era encontrar a Sala 105.

Ótimo! Ali estava a Sala 103, e agora a Sala 104, e bingo! Sala 105!

Ela se colocou no vão da porta aberta e bateu no batente.

A Srta. Brewer, a jovem e bonita professora da quarta série, ergueu-se da escrivaninha com um sorriso de boas vindas e estendeu a mão.

— Alô! Deve ser a Sra. Jenson!

Sally tomou-lhe a mão e respondeu agradavelmente:

— E você deve ser a Srta. Brewer.

— Por favor, entre.

Não posso acreditar que estou fazendo isto, pensou Sally. Ela imediatamente parou de pensar esse tipo de coisa — poderia estragar sua encenação.

A Srta. Brewer indicou a Sally uma cadeira ao lado da escrivaninha e em seguida encaminhou-se à estante que ficava atrás.

— E então, como estão as coisas na Associação? Sally sentou-se e manteve os olhos na Srta. Brewer.

— Ora, simplesmente maravilhosas até agora. Estou realmente contente por estar trabalhando para eles agora.

— Bem — disse a Srta. Brewer, puxando uma pasta de folhas soltas da prateleira — nós certamente gostamos deste currículo, e a criançada se deu muito bem com ele. A maior parte dos nossos pais está muito satisfeita.

Ela colocou a pasta sobre a escrivaninha na frente de Sally, e Sally sorriu ao apanhá-la. Na capa encontravam-se as palavras: "Compreensão Sexual e Vida em Família, Quarta Série." No fim da capa encontrava-se o nome da editora, Associação Educacional Homem Livre. Ela se pôs a folhear as páginas.

— Será que posso ajudá-la a encontrar o que está procurando?

— Oh, não perca o seu horário de almoço para ajudar-me. Tenho toda uma lista de revisões... Deixe-me ver, esta é a última edição, não é? Muito bem, isso deve facilitar, não muita coisa para verificar de novo.

— Exatamente qual foi o problema? Sally havia ensaiado bem a sua história.

— Bem, as citações são razoavelmente corretas, mas as fontes não acharam que as atribuições haviam sido especificadas com suficiente clareza, portanto agora tenho de preparar uma resposta e... imagine só, deixei minha cópia na última cidade. Bem, faz parte dos riscos de se viajar de cidade em cidade.

— Entretanto, deve ser emocionante prestar assistência a tantas escolas em todo o estado. O currículo tem sido bem recebido nos outros distritos escolares?

— Na maioria, sim.

A Srta. Brewer parou para pensar, depois deu uma risada, sentando-se na beirada da escrivaninha.

— Tendo problemas com os fundamentalistas da direita? Sally devolveu a risada e acenou que sim com a cabeça.

— Essa é uma das razões pelas quais tenho de revisar todas as atribuições, para ter certeza de que todas estejam cobertas legalmente.

— Oh, que mundo! Sally arriscou.

— Falando de problemas fundamentalistas, parece que Amber Brandon estava na sua classe?

A Srta. Brewer sorriu curiosa.

— Ora, como ficou sabendo?

— Bem, a sua é a única classe de quarta série, e o jornal disse que a criança envolvida na ação judicial estava na quarta série, e fiquei sabendo em algum lugar que a criança era Amber, por isso...

A ex-professora de Amber assentiu com tristeza.

— Que coisa horrível, não? Estou contente por eles estarem levando essa coisa à justiça. Temos de pôr um paradeiro em todo esse assédio e censura. Já passou da conta.

— Ouça, não vá perder o seu almoço por minha causa! A Srta. Brewer caminhou até à porta.

— Posso trazer-lhe alguma coisa?

— Oh, não, não se preocupe comigo. Não me demorarei, de qualquer jeito.

— Tudo bem. Não se apresse.

E dizendo isso, ela saiu e seguiu pelo corredor.

Sally esperou apenas um momento, depois fechou a pasta e a colocou na prateleira de onde havia saído. Em seguida, olhou entre as outras pastas, livros e materiais para achar o título que procurava. A garotada da classe havia desenhado figuras de faces estranhas, animais esquisitos, deuses, e bizarros personagens de desenhos animados, e os desenhos ainda estavam em exibição nas paredes, juntamente com diversos padrões hipnotizantes e complexos de estudo. O currículo tinha de estar ali.

Ela o encontrou.

***

Ango pôs-se a maldizer Mota enquanto seus guerreiros demoníacos se tornavam cada vez mais corajosos.

— Fora! Caia fora, você! Este território é nosso, e você nada tem a fazer aqui!

Mota resolveu provocar um pouquinho aquele demônio.

— Oh, é isso o que você pensa?

Ele fez um movimento na direção do telhado, pronto a passar através dele e invadir o quartel general dos demônios.

— Atacar! — berrou Ango, e todos os demônios se adiantaram com ímpeto, lâminas vermelhas rebrilhando. — liquidem-no!

Mota arremeteu rumo ao céu, atraindo uma horda de espíritos atrás de si. Ele estacou, deu um salto mortal, enfrentou-os. Sua espada tornou-se uma fita ininterrupta de luz.

O primeiro demônio tornou-se duas metades que passaram pelos dois lados de Mota e a seguir mergulharam no esquecimento. O segundo e o terceiro ele espalhou a pancadas. Chutou e fez sair rolando um grupinho de oito. Mas eles simplesmente continuavam chegando, mais e mais depressa, golpeando e retalhando com mais e mais força. Mota havia planejado fazer uma encenação para mantê-los no seu encalço, mas de repente descobriu que já não simulava. Essa luta era real.

A próxima leva de espíritos jorrou para cima. Ele recuou, suas asas estendendo-se mais e mais alto. Não podia permitir que a coisa acabasse cedo demais, mas começava a desejar que pudesse.

A oeste, ele viu Signa envolvido no mesmo tipo de escaramuça, levando uns ataques sérios, brandindo rapidamente a espada e atraindo os guardas para longe da escola. Ele recuava, prestes a ser cercado.

Chimon e Scion podiam ouvir o rebuliço por toda a parte do lado de fora da escola. Os demônios pareciam bem exultantes.

— IAAA! — Subitamente quatro enormes rufiões explodiram através das paredes em todos os lados, os dentes à mostra, as garras prontas a lacerar.

Chimon e Scion arremeteram através do telhado da escola como dois foguetes, batendo em retirada, totalmente surpresos e danados da vida.

— De onde foi que eles vieram?

Scion estava demasiadamente ocupado para responder. Ele se defendia das espadas e dos dentes afiados dos atacantes. Era como escapar para cima de uma árvore enorme acuado por matilha espumejante de cães rápidos.

Eles foram recuando, cada vez mais alto, tentando manter-se longe daquelas lâminas vermelhas a zunir. Em que horrível situação haviam-se metido?

***

As mãos de Sally tremiam e ela estava com medo de abrir o fichário de três argolas agora em seu colo. O título parecia suficientemente inofensivo: *Descobrindo o Verdadeiro Eu — Estudos em Auto-Estima e Realização Pessoal para Alunos da Quarta Série.*

Ela voltou a capa, abrindo o fichário, e examinou rapidamente o frontispício. Não reconheceu o nome do autor, mas o nome da editora imediatamente revirou-lhe o estômago: Centro Ômega de Estudos Educacionais. Com grande esforço, folheou diversas outras páginas, correndo os olhos pelo conteúdo. Encontrou uma certa lingueta de índice e pulou adiante para um capítulo posterior.

O coração batia com força como se ela tivesse subido um monte correndo, e as mãos ficassem escorregadias de suor. Estavam tremendo.

Os velhos tormentos! Sua mente começava a disparar novamente. Ela podia ouvir as vozes chamando, zombando, xingando. Havia espíritos na sala!

Ela tinha de sair dali.

Carregou o fichário à prateleira e tentou colocá-lo de volta. Um grande atlas caiu, tapando o buraco. Quase choramingou alto enquanto os dedos se enterravam no atlas caído, tentando agarrá-lo. Ela o ergueu, ele escorregou dos seus dedos, ela ergueu-o de novo, tentou segurá-lo no lugar enquanto enfiava o fichário ali O fichário ficou preso a um gordo envelope amarelo e não entrava; ela empurrou o envelope de lado com a palma da mão.

O fichário escorregou no lugar. Assim que seus dedos o largaram, a náusea que sentia começou a melhorar.

Tenho de sair daqui. Agora mesmo!

Disparou para o corredor e depois correu rumo à entrada norte, saindo com fúria como se estivesse fugindo de um incêndio.

***

Acima e à volta de toda a escola, os demônios acabavam de voltar de gloriosa debandada. Haviam enfim expulsado aqueles irritantes guerreiros dos Céus, e agora o território do glorioso Ango estava seguro novamente.

Bem alto acima da escola, a uma distância segura, Mota, Signa, Chimon e Scion se reuniram para atualização mútua.

— O que aconteceu lá em baixo? — quis saber Chimon.

— Ango e seus demônios nunca foram tão fortes assim! — disse Signa, ainda esfregando os olhos para livrá-los do enxofre ardido.

Scion examinava um corte de bom tamanho na perna enquanto disse:

— Fizemos todos papel de bobos ao nos meter nessa pensando apenas em criar uma distração. Eles não brincavam!

Lá embaixo, parecendo tão pequenina quanto um inseto no vasto terreno verde, Sally corria de volta à Rodovia Toe Springs — Claytonville. Provavelmente correria até o ponto seguinte do ônibus ao invés de esperar em frente da escola onde poderia ser vista. Pelo menos cinco espíritos insultantes, torturadores, a seguiam, zumbindo em torno de sua cabeça como marimbondos zangados.

— Eles a seguirão até seu próximo destino — disse Signa.

— Quando estiverem longe deste lugar, daremos um jeito neles — disse Mota. — Não podemos lutar com eles aqui.

— Cree e Si já estão em Ômega. Não têm a menor idéia do que os aguarda! Todos eles sabiam qual era o problema sem que ninguém tivesse de dizer. Por fim, Mota disse.

— A cobertura de oração. Estamos perdendo-a!

***

Tom Harris empurrou seu carrinho de supermercado para cima e para baixo dos comedores no supermercado Bom Preço, fazendo suas rondas semanais. Havia certa dificuldade com sua lista de compras; com Rute e Josias longe, ele não tinha certeza sobre quais itens precisaria repor e quais deveria esquecer por enquanto. Ele riscou o cereal para o café da manhã — ainda havia bastante em casa. O leite na geladeira já azedava. Resolveu jogá-lo na pia e apenas comprar um litro hoje ao invés dos quatro litros de sempre.

— Ei, Sr.Harris!

Oh! Era Jody Jessup, uma alunazinha da quinta série. Era estranho vê-la no supermercado durante o horário das aulas, mas Tom normalmente também não ia lá durante o horário de aulas. De qualquer forma, ele ficou contente em ver o sorriso alegre da garotinha de novo.

— Oi, Jody! Como vai?

Ela veio correndo pelo corredor, passando pelos flocos de milho e de aveia, os longos cabelos castanhos voando.

— Estou com minha mãe. Vim ajudar a fazer as compras.

Ela recostou-se contra o lado dele, e ele deu-lhe um aperto em torno dos ombros.

— Bem, é ótimo ver você.

— Parece esquisito o senhor não estar mais na escola. Tom concordou.

— É, parece mesmo.

Então veio uma voz alarmada da outra ponta do corredor.

— Jody! Venha cá!

Era Andrea Jessup, mãe de Jody, empurrando seu carrinho de compras, com o irmão mais novo de Jody, Brian, ao seu lado. Tom ficou chocado e incrédulo ante a frieza em seus olhos.

Ele acenou.

— Oi, Andrea. Prazer em vê-la. Oi, Brian! Andrea ignorou-o.

— Jody! Venha cá agora mesmo! Não quero vê-la falando com o Sr. Harris! — Jody apressou-se em voltar para junto da mãe. Andrea inclinou-se e ganiu a ordem diretamente no rosto da menina. — Você fica comigo agora e não fala com estranhos!

Jody começou a protestar:

— Mas é o Sr. Harris!

— Não discuta comigo!

E então desapareceram à volta do canto; Tom podia ouvir sua conversa percorrendo o outro corredor.

— Fique longe daquele homem — dizia a mãe. — Não chegue nem perto dele! E isso vale para você também, Brian!

Brian começou a fazer perguntas, mas Andrea silenciou as duas crianças e continuou pelo corredor.

A vida de Tom estacou, bem ali ao lado dos cereais para o café matutino.

Os Jessups costumavam ser tão bons amigos, e apoiavam-no tanto! Ele havia jantado com eles em diversas ocasiões, brincado com seus filhos, ido Junto com eles em excursões de toda a escola. Jody e Brian eram — costumavam ser — dois de seus melhores alunos.

Acabou. Tudo havia mudado. Tom tentou pensar em um bom motivo, mas não conseguiu. Tentou pensar no que comprar a seguir, mas não conseguiu pensar nisso também.

Senhor, orou ele em silêncio finalmente, não fiz nada! Por que Andrea me tratou desse jeito?

Então ele pôs-se a imaginar quantos outros de seus próprios irmãos e irmãs no Senhor sentiam-se da mesma forma com relação a ele.

Andrea continuou empurrando o seu carrinho, agarrando picles e condimentos das prateleiras, mal olhando o que pegava, e continuando em frente. Ela queria sair desse lugar antes que visse aquele homem novamente, antes que seus filhos o vissem. Ela jamais havia ficado tão aborrecida com alguém em toda a sua vida. Que cara de pau!

Um espiritozinho, Contenda, seguia Andrea. Tinha asas nervosas, agitadas, que nunca paravam de tremer, e uma boca clangorejante que mais do que compensava o tamanho. Ele correu pelas tampas dos vidros e caixas, transpondo os biscoitos água e sal e saltando por cima das toalhas de papel.

Ele mentiu a você o tempo todo! gritou ele à mulher. E sabe, o Pastor Mark está mentindo também, tentando protegê-lo! Você não sabe metade do que acontecia naquela escola!

Do outro lado do corredor, correndo através da farinha de trigo e do açúcar e dando saltos mortais por cima do óleo de cozinha, Mexerico preenchia todas as pausas de Contenda. *Sexual! Ele tem problema com sexo! Tem de ser sexual! É melhor você perguntar por aí para descobrir se alguém sabe alguma coisa! Nunca se sabe a respeito dessa gente! Fale com Judy Waring! Ela poderia saber!*

Andrea foi ficando mais enraivecida, quanto mais pensava em todo esse escândalo da escola cristã. *Aquele Tom Harris precisa de oração,* pensou ela.

Mas ela não tinha estado orando muito.

***

As orelhas de Mulligan estavam tão vermelhas que quase resplandeciam.

— Cole! desta forma você corre o risco de ser despedido!

Mulligan se alteava sobre a escrivaninha de Ben como uma árvore podre prestes a desabar, e Ben sentia que devia erguer-se a fim de evitar ser esmagado, exceto que Mulligan poderia interpretar esse movimento como sendo agressivo.

Mulligan apontou o dedo — este também parecia um tanto vermelho — bem

ao rosto de Ben.

— Você esteve lá no sítio dos Potters outro dia?

— Quarta-feira à tarde, senhor — replicou Ben, notando que havia chamado Haroldo de "senhor". *Puxa,* devo *estar amedrontado.*

— E quem foi que lhe disse para ir lá?

— A visita foi voluntária, senhor. Eu tinha um certo tempo livre, por isso...

— Por isso achou que xeretaria por lá sem autorização, não é verdade? Ben inspirou e depois expirou lentamente antes de dizer outra palavra.

Ele tinha de tomar cuidado porque estava transtornado.

— Não era do meu conhecimento, senhor, que a residência dos Potters fosse terreno proibido para um agente da lei, especialmente quando sua presença ali ocorreu com o pleno convite e boas vindas da própria Sra. Potter.

— Então o que me diz daquela visitinha à fabrica de portas? Que me diz dela?

— Eles não acharam ruim de eu ter ido lá.

— E eu digo que abusou do seu distintivo. Agora Ben colocou-se de pé, alto e ereto.

— O senhor talvez se interessasse em saber o que descobri, Sargento Mulligan, *senhor.*

— Se for a respeito de Sally Roe, pode esquecer! Esse caso está encerrado porque eu disse que estava!

— As descrições de Sally Roe que obtive da Sra. Potter e de Abby Grayson na Fábrica de Portas Bergen foram coerentes. Sally Roe tinha trinta e tantos anos de idade, cerca de um metro e sessenta e sete, com longos cabelos ruivos.

— E daí?

— A mulher que encontramos no barracão das cabras era mais jovem, e tinha cabelos pretos, provavelmente até os ombros, não mais compridos que isso.

Mulligan sorriu um sorriso de piedade. Ele colocou sua grande mão no ombro de Ben e falou em tom condescendente.

— Cole... deixe disso. Estava escuro lá dentro. Você viu o corpo por apenas um segundo. Não sei que bicho o picou.

— Haroldo... por que a casa foi saqueada? Você autorizou aquilo?

— Claro que sim. Eles procuravam evidência.

— Evidência do quê? Você disse que foi suicídio.

— Procedimento padrão. Seu turno já não está terminando?

— Eu tenho uma mensagem para você da Sra. Potter. Ela gostaria que quem fez aquela bagunça desse um jeito nela.

— Já cuidei disso... Sua cabecinha não precisa preocupar-se.

— E o que aconteceu com a caminhonete de Sally Roe? Mulligan olhou para ele de maneira apenas um tantinho esquisito.

— Que caminhonete?

— Sally Roe sempre dirigia uma caminhonete azul, ano 65. Deixei a Sra. Potter repassar nosso álbum de identificação de veículos ontem, e ela indicou a marca e modelo para mim. A caminhonete não está em parte alguma da propriedade. Roe deve tê-la dirigido do trabalho para a casa na noite em que supostamente se matou. Acho que a mesma gente que saqueou a casa pode ter dado um sumiço na caminhonete.

Mulligan ficou um pouco preocupado.

— Não sei coisa alguma a respeito.

— E já que estamos falando nisso, ainda estou pensando naquela blusa suja de sangue que encontramos. O legista chegou a verificar o tipo do sangue? A cena estava cheia de sinais de violência. E o corpo... Aquela mulher não se enforcou!

Mulligan voltou as costas a Ben, dirigiu-se pisando duro até seu escritório, e voltou com alguns papéis na mão. Ele deu com os papéis na escrivaninha de Ben.

— Aí! está o relatório do legista municipal sobre a morte de Sally Roe! Leia você mesmo! Morte por asfixia de enforcamento. Nada de homicídio, nada de uma luta, nada de nada! Agora, se não concorda com o legista, por que não descobre outro corpo para ele examinar?

— Pode ser que haja mesmo.

Mulligan chegou a agarrar a camisa de Ben em seus punhos. Seus olhos estavam desvairados, e ele sibilou as palavras através do queixo travado de raiva.

— Pare aí mesmo! Nem mais uma palavra! — Ben nada disse, mas também não voltou atrás. Mulligan não gostou nem um pouco. — Seu turno terminou por hoje, agente Cole, e se eu ouvir mais uma palavra sobre isto de sua parte, seu *emprego* vai terminar, entendeu bem?

Mulligan soltou o uniforme de Ben com um empurrãozinho agressivo. Ben fez o que pôde para tirar as rugas.

— Estarei de olho em você, cara, e quero dizer realmente de olho. Desista desse negócio da Sally Roe, ouviu? Mais um passo em falso que dê e vou ter um prazer imenso em arrancar esse distintivo do seu peito!

12

Bem, acho que esses sujeitos não estão brincando.

Wayne Corrigan estava sentado à escrivaninha após o expediente, bebendo uma última xícara de café da garrafa térmica e examinando diversas páginas de notas que Mark Howard, Tom Harris e o conselho da igreja haviam compilado em resposta à injunção temporária contra a escola.

Todos os argumentos de sempre em favor de castigo corporal estavam claramente delineados — os versículos bíblicos de Provérbios acerca da vara, claro, e um procedimento definitivo para aplicação do castigo claramente descrito no *Manual para Alunos e Pais*. A assinatura de Lucy Brandon no acordo de matrícula constituía seu acordo com o manual, de forma que aquilo não seria difícil de argumentar. Era óbvio que o conselho da igreja havia feito sua lição de casa muito além do necessário nessa área.

Quanto ao argumento contra qualquer restrição em relação a "outro tipo de comportamento religioso que possa vir a ser nocivo ao bem-estar mental, emocional ou social da criança, ou qualquer instrução religiosa excessiva que possa vir a ser prejudicial", eles também haviam feito um bom estudo da questão, com versículo após versículo declarando a existência, propósito, comportamento, e "expulsão de demônios", bem como uma apologética geral da mensagem básica do evangelho. Essa era definitivamente uma questão de crença religiosa, supostamente protegida pela Constituição, com certeza...

Mas um exorcismo perpetrado sobre uma criança de dez anos? Uma menor de idade, sem o consentimento dos pais? Onde se encontrava essa cláusula no manual? Quando a Sra. Brandon consentiu com esse tipo de tratamento para a filha?

Ele estacou bruscamente. Esse caso era grande demais e o que estava em jogo era alto demais. Era mais do que ele podia dar conta.

É. Aqueles caras da ACAL encontraram exatamente o que procuravam; do jeito como iriam cuidar desse caso, a Constituição seria apenas um pedaço de papel higiênico quando tratasse de crianças.

Bem, Corrigan, você conseguiu de novo: disse que sim com muita facilidade. Agora tem audiência em doze dias. É melhor fazer alguma coisa.

— Senhor Deus — orou ele — estou com água pelo pescoço novamente. Preciso da sua ajuda para me tirar desta... para tirar *todos nós* desta.

Ele pôs-se a rabiscar um sumário para o tribunal, tentando cobrir os itens da queixa. Mau uso de fundos federais era fácil de refutar, e Discriminação e Perseguição eram basicamente um passeio no parque, mas então vinha a parte capciosa, e ele pôs-se a orar fervorosamente enquanto escrevia cada linha.

***

Na manhã de segunda-feira, uma semana após Rute e Josias terem sido arrastados de sua casa, Tom recebeu um chamado de uma senhora não identificada do Departamento de Proteção à Criança. Sem consultá-lo, e sem qualquer notificação anterior a esse chamado, um horário havia sido marcado para ele visitar os filhos por uma hora sob a supervisão de um conselheiro da assistência à criança. O horário era às 11 da manhã, no tribunal de Claytonville.

Ele mal conseguiu chegar a tempo, encostando numa vaga do estacionamento dos visitantes às 10:52. Reexaminou sua aparência no espelho do quebra-sol, endireitando a gravata, assentando o cabelo, as mãos tremendo e o estômago enjoado pela expectativa. Ele agarrou um saco de papel pardo de coisas para as crianças, trancou o carro, e subiu aos pulos os degraus de concreto do velho prédio de pedras.

O saguão interno era de frio mármore, alto, cinzento, imponente. Cada passo ecoava como um anúncio público, e ele se sentia nu nesse lugar. Advogados, escreventes, e outras pessoas apenas comuns passavam por todos os lados, e ele achava difícil fitá-las nos olhos. E se tivessem visto seu rosto no jornal ou na televisão? Provavelmente não iriam querer o seu autógrafo.

A moça no balcão de informações anotou seu nome e disse-lhe que podia sentar-se num banco duro de madeira que ficava junto à parede.

— Avisarei que o senhor está aqui — disse ela.

Ele sentou-se lá e coçou lentamente o queixo, olhando o piso de mármore. Sentia-se zangado, mas sabia que não podia deixar isso transparecer, não podia dar vazão à zanga, ou apenas pioraria as coisas.

Ele orou repetidamente: Oh, Senhor, o que posso fazer? Nem mesmo sei o que dizer...

Naturalmente, ele pensou em Cindy, que já havia partido havia três anos. Horas difíceis como essas relembravam-lhe quanto ele havia sempre precisado dela, e quanto havia perdido. Ele se tinha recuperado da dor inicial, sim, mas às vezes, quando a vida estava mais escura e a luta mais árdua, por hábito ele procurava por ela, pensava nela, ensaiava as palavras para compartilhar a sua dor. Mas então vinha a mesma persistente lembrança, a conscientização de que ela se fora, substituída por

uma sombra de dor que o seguia de perto.

Cindy, pensou ele, você simplesmente não acreditaria no que está acontecendo cá em baixo. Acho que é a perseguição de que Jesus e os apóstolos nos advertiram. Acho que sempre pareceu algo bem distante, talvez na Rússia Soviética, ou durante os tempos de Roma, mas não aqui, não agora. Jamais pensei que aconteceria justo comigo, e com certeza não achei que aconteceria às crianças.

Ele tirou o lenço do bolso para enxugar as lágrimas. Não podia deixar que as crianças o vissem desse jeito — e o que o pessoal do governo pensaria?

— Sr. Harris?

Ele respirou com força e imediatamente, até desesperadamente, tentou compor-se. Tom, seja o que for que faça, seja cordial! Não lhe dê nada para usar contra você!

Ele fitava nada menos do que Irene Bledsoe.

— Estou certa de que se lembra de mim — disse ela, sentando-se perto dele no banco.

— Sim. — Ele calculou que isso seria seguro.

— Antes de eu levá-lo lá em cima para ver as crianças, preciso lembrar-lhe de que estas visitas são um privilegio que pode ser revogado a qualquer momento. Esperamos que o senhor se comporte da melhor maneira possível e que siga as minhas instruções o tempo todo. O senhor não deve tocar as crianças, mas permanecer do seu próprio lado da mesa de conferência. Não pode perguntar-lhes coisa alguma acerca de onde estão. Quaisquer perguntas que eu possa considerar impróprias serão proibidas e o encontro pode ser terminado a qualquer hora que eu achar necessário. Isso tudo ficou claro para o senhor?

— Mas... Sra. Bledsoe, vamos ter oportunidade de conversar a respeito dessa coisa? Quero esclarecer toda essa embrulhada e levar meus filhos comigo para a nossa casa, que é o lugar deles.

— Isso não será possível no momento; a nossa investigação ainda está em processo.

— Que investigação? Ninguém me disse nada, e nem consegui falar com a senhora.

— Temos uma lista de casos muito extensa, Sr. Harris. Simplesmente terá de ser paciente.

Tom sentiu uma raiva, uma fome de vingança mesmo invadindo-o, algo

totalmente não cristão, ele sabia, mas irreprimível. Ele simplesmente não conseguiu pensar em quaisquer palavras que fossem corteses.

Irene Bledsoe fitou-o novamente, com mais firmeza:

— Tudo o que eu disse ficou claro para o senhor? Tudo o que ele podia fazer era dar-lhe a resposta certa. —Sim.

— O que é esse pacote? Tom abriu-o para ela ver.

— Trouxe algumas coisas das crianças. Eles estão sem suas Bíblias, por isso eu as trouxe, e algumas canetas e papéis de carta.

— Muito bem. — Ela pegou o saco de papel. — Venha comigo.

Ela saiu a passos apressados, eficientes, o *póc, póc, póc* dos saltos avisando a todos no andar que ela passava por ali. Tom apenas tentou andar sem fazer barulho; desse tipo de atenção ele não precisava.

Ela levou-o ao segundo andar por uma escadaria de mármore em caracol, ao longo da sacada que dava para a entrada da frente, e através de uma porta pesada, hostil, com grandes dobradiças de latão e uma maçaneta que tinha de pesar quase dez quilos. Eles passaram por uma antecâmara fria e nua com uma única janela alta que deixava entrar a luz acinzentada. Um guarda de segurança postava-se numa passagem em arco à direita, parecendo apenas um pouco entediado, mas guarnecendo seu posto.

Tom, acompanhando a Sra. Bledsoe, passou pelo guarda e atravessou o arco.

O coração de Tom saltou-lhe à garganta, e lágrimas inundaram-lhe os olhos.

Ali, sentados do outro lado de uma grande mesa, estavam Rute e Josias. Num instante, eles se encontravam de pé ao vê-lo, gritando "Papai", as vozes esganiçadas de excitação. Os dois correram para ele.

Irene Bledsoe plantou-se em seu caminho e os bloqueou com os braços.

— Sentem-se! Sentem-se à mesa!

— Quero ver o meu pai! — bradou Josias.

— Papai! — foi tudo o que Rute conseguiu dizer, as mãos estiradas. Ele não podia tomá-los nos braços. Não podia tocá-los. Tudo o que podia fazer era chorar.

— Sentem-se agora. Façam o que a Sra. Bledsoe manda. Rute pôs-se a soluçar, quase gritando.

— Papai...

— Eu a amo, Rute! O Papai ama você. Vá. Sente-se. Vai dar tudo certo. Irene Bledsoe encorajou as crianças a sentarem-se com uma mão firme em seus braços.

— Sr. Harris, o senhor pode sentar-se nesta cadeira de frente para seus filhos. Deixe-me relembrá-lo daquilo que discutimos lá embaixo.

Não "discutimos" nada, pensou Tom. A senhora deu as ordens, e eu fiquei lá sentado, ouvindo.

Ele puxou lentamente a cadeira para trás e sentou-se. Não podia desperdiçar essa hora chorando. Tentou dominar-se, e tirou o lenço para enxugar os olhos outra vez.

— Como vocês dois estão passando?

— Quero ir para a casa, Papai — disse Rute, ainda soluçando.

Josias tentava portar-se corajosamente, e enxugou os olhos como o pai.

— Sentimos saudades de você.

— A Sra. Bledsoe está cuidando bem de vocês? A Sra. Bledsoe respondeu a essa pergunta.

— Seus filhos estão em ótimas mãos, Sr. Harris, e acho que essa deve ser a última pergunta desse tipo.

Tom olhou-a furioso. Não conseguia esconder sua raiva.

— Então eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas mais tarde. Ela sorriu agradavelmente na presença das crianças.

— Podemos discutir isso mais tarde.

Tom notou o galo na testa de Rute assim que a viu. Agora estava pronto a perguntar-lhe acerca dele.

— O que aconteceu na sua cabeça, Rute?

A Sra. Bledsoe interveio diretamente nessa pergunta, chegando mesmo a erguer-se um pouco da cadeira.

— Não podemos discutir isso! Tenho a certeza de que compreende!

— Bati a cabeça no carro — disse Rute.

— Rute, não fale a respeito disso ou a levarei embora! Ela começou a chorar de raiva agora.

— Por que?

— Tudo bem, Rute — disse Tom. — Não precisamos falar nisso. — Ele voltou-se para Josias. — E então... o que vocês têm feito?

Josias se sentia infeliz e não fez nenhuma tentativa de esconder o fato.

— Nada. Ficamos sentados por lá assistindo televisão. Tom não gostou de ouvir isso, mas não demonstrou.

— Oh, a Sra. Bledsoe os deixa assistir televisão?

— Não, e a Sra. Henley que deixa... Irene Bledsoe pegou aquilo no ar.

— Josias, não podemos falar a respeito de quem nossos pais temporários são. É segredo.

Tom tentou levar a conversa de volta a um terreno seguro. —E... o que me dizem de livros? Leram algum livro bom?

— Não — disse Rute.

— Eles têm uns jogos de vídeo — informou Josias. — Esses até que são divertidos.

— E... há outras crianças com que possam brincar? — Tom encolheu-se enquanto fazia a pergunta, mas Irene Bledsoe deixou aquela passar.

— Sim. Tem um menino chamado Teddy e outro menino chamado Luke. Mas não gosto deles.

— Oh...

— São maiores do que nós e implicam com a gente.

— Implicam com vocês?

— É, ficam provocando a gente e usam palavras feias. Não são cristãos. Rute fez beicinho e disse: — Luke me chama de nomes feios.

— Oh, Rute, que pena. Você já tentou fazer amizade com ele? Ela fitou-o e seus olhos se encheram de lágrimas outra vez.

— Quero ir embora para a casa!

— Eu também quero que vocês venham para a casa.

Tique, tique, tique. Irene Bledsoe batia na mesa com as unhas e olhava furiosa para Tom.

Josias deve ter captado aquele sinal. Ele era um menino de nove anos muito esperto.

— Rute bateu a cabeça dentro do carro.

— Agora já basta! — disse a Sra. Bledsoe.

Tom fitou Irene Bledsoe e tentou manter o rosto calmo.

— Que carro, Sra. Bledsoe?

A Sra. Bledsoe olhou para ele com as sobrancelhas erguidas e a cabeça inclinada para a frente, com enorme condescendência.

— Sr. Harris, aprendemos que as crianças geralmente inventam histórias para proteger seus pais.

Tom entendeu o que ela queria dizer. Ele precisou escolher — escolher seriamente, *diligentemente* — permanecer calmo e cordial.

— E que história foi que Rute e Josias inventaram, Sra. Bledsoe? Ela ergueu o queixo e pareceu olhar para ele de cima para baixo.

— Sr. Harris, posso entender como o senhor ficaria preocupado com o machucado na cabeça de Rute. Mas, como deve saber, nós também estamos. Tenho a certeza de que, quando tiverem tido tempo de vencer seus temores e condicionamento anterior, seus filhos estarão prontos a contar-nos a verdade. Por agora, acho que esta visita está concluída. — Ela ergueu-se da cadeira. — Crianças, despeçam-se do seu pai.

— Acabamos de chegar! — disse Josias.

— Não quero ir! — gritou Rute, o rosto enchendo-se de medo.

— Crianças, estamos indo! — disse a Sra. Bledsoe.

— Um momentinho só! — disse Tom. O encontro já terminara, de qualquer forma. Ele aproveitou a oportunidade. — Josias, pode falar. Conte-me como Rute fez aquele galo na testa.

— Quase tivemos um desastre... — John! — berrou a Sra. Bledsoe.

O guarda da segurança entrou no aposento e apenas deixou que sua presença constasse. Tom não queria encrencas; ele não se mexeu. A Sra. Bledsoe agarrou as duas crianças pelos braços.

— Sr. Harris, avisei-o para que se controlasse, e pode estar certo de que seu comportamento será registrado no meu relatório!

— De que parte a senhora não gostou? Quando mordi a perna da cadeira ou quando quebrei todas as janelas?

Ela pôs-se a arrastar as duas crianças em direção à porta. Tom ergueu-se, pronto a fazer alguma coisa. O guarda postou-se à sua frente — da mesma forma que Mulligan havia-se postado à sua frente há uma semana. Acontecia tudo de novo, bem diante dos olhos de Tom. A Sra. Bledsoe puxava Rute e Josias pelos braços, levando-os a berrar. Ela chegou à passagem. Ele queria ficar na frente dela; queria estender os braços e detê-la.

Não podia. Tudo o que podia fazer era presenciar o que acontecia.

— Que desastre, Josias? — perguntou ele.

— Crianças, vamos! — gritou Bledsoe, puxando-os na antecâmara.

— Bati a cabeça — repetiu Rute. — Ela parou muito depressa e bati minha cabeça.

Josias deu a última cartada.

— Ela atravessou um sinal de pare e quase bateu numa caminhonete azul! Rute bateu a cabeça na porta do carro!

— Ela? Você quer dizer a Sra. Bledsoe?

Irene Bledsoe havia feito Rute passar pela porta e puxou Josias com um safanão antes que ele pudesse completar a resposta. Mas o garoto acenava que sim com a cabeça ao desaparecer.

— Meninos, estou orgulhoso de vocês! Muito orgulhoso de vocês. Eu os amo!

Eles desapareceram.

— Dê-lhes uns minutos — disse o guarda, não permitindo que Tom os seguisse.

Tom sentou-se à mesa novamente. O guarda foi à porta para certificar-se de que a Sra. Bledsoe se fora.

Tom percebeu o saco de papel pardo no chão. Irene Bledsoe havia deixado o pacote para trás, e os meninos não haviam recebido suas Bíblias ou papéis de carta. Também dessa forma ele não podia tocá-los.

— Tudo bem — disse o guarda — pode ir agora.

Seu serviço terminado, o guarda saiu pela porta e foi cuidar de outras tarefas, deixando Tom sozinho no aposento frio, vazio.

— Ó Senhor...

Tom interrompeu-se. As lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Mas não eram apenas lágrimas de tristeza, e certamente não eram lágrimas de desespero. Ele tinha visto seus filhos, e eles lhe haviam contado algo, a despeito de Irene Bledsoe, a despeito do guarda. Ele sabia que suas almas se haviam tocado, que seus corações ainda estavam juntos. Claro que não era suficiente vê-los por apenas aqueles poucos minutos. Uma visita tão fria e regimentada jamais poderia ser suficiente. Mas por agora, saber que eles o amavam era o suficiente. Eles amavam seu papai. Queriam estar com ele.

Agora suas dúvidas se dissiparam. No meio de toda a dor e desafio, da lama e da sujeira que lhe haviam jogado sobre o nome, ele se descobrira questionando qual sua verdadeira posição. Havia vozes em sua mente dizendo-lhe coisas horríveis que jamais pensara a seu próprio respeito. Ele tentou não dar lugar a essas mentiras; contudo, por as vozes serem tão implacáveis, ele tinha questionado se havia algo de errado com a sua pessoa, algo a que havia estado cego. Talvez, as vozes diziam, ele merecesse o que lhe acontecia.

Mas agora ele sabia. Ainda tinha a sua integridade, e diante de Deus ainda tinha o coração dos seus filhos. No momento, era maravilhoso ter certeza disso.

***

Ben e Leonardo entraram depressa no Restaurante do Don, tentando aparentar despreocupação, embora estivessem plenamente uniformizados, carregassem cassetetes, portassem armas, e trouxessem os rádios portáteis na cinta, chiando e grasnando. Todos os olhos no local foram atraídos instantaneamente em sua direção.

Era uma batida! Era algo para todo o mundo ver e depois contar a respeito em casa. Os construtores sentados ao balcão e os caminhoneiros sentados às mesas ergueram os olhos do seu almoço e moveram as mandíbulas hirsutas apenas o suficiente para terminar o último bocado de sopa e sanduíche. Alguns continuaram falando só para aparentarem naturalidade, mas observavam, sem dúvida.

O nome foi resmungado pelo aposento por diversos, e elevou-se acima da confusão geral:

— Krantz. Sim, o rapazinho Krantz. Ele ainda está aprontando.

Na ponta do balcão, Kyle Krantz estava sentado debaixo do olhar vigilante do calvo e gorducho Don Murphy, o proprietário, e de dois rapazes vestidos de brim, os filhos de sitiantes de constituição desenvolvida para jogar feno, lidar com o gado e apreender ladrões de lojas.

— Ei, Kyle — disse Ben. — O que você andou aprontando agora?

— Peguei-o com a mão na caixa registradora — disse Don. — Depois ele se

mandou para a porta tentando escapar. Bub e Jack entravam e o seguraram até vocês chegarem aqui.

— Quanto ele tirou? — perguntou Leonardo.

— Oitenta e cinco dólares — disse Don, indicando o pacote de notas sobre o balcão.

Leonardo correu cuidadosamente os olhos por Kyle. O rapaz tinha apenas quinze anos, era magricela como um trilho, com cabelo preto desgrenhado e sujo, e espinhas. O rosto era apático e sem expressão, e os olhos vermelhos e lacrimejantes.

— Sabe, filho — disse Leonardo — acho que tenho motivo para pensar que você poderia estar carregando algo ilegal. Gostaria que esvaziasse seus bolsos para mim.

Kyle hesitou.

— Você ouviu o que o homem disse — falou Jack, empurrando o chapéu para a frente a fim de enfatizar sua inclinação na direção do rapaz.

— Podemos ajudá-lo se você não conseguir — disse Bub.

Kyle começou a esvaziar os bolsos. Primeiro colocou uns trocados sobre o balcão, depois alguns papéis de cigarro.

— Os bolsos da jaqueta — instruiu Leonardo.

Kyle hesitou, depois murchou, vencido, rebuscou o bolso da jaqueta e retirou um saco de plástico cheio de folhas verdes moídas. A porta da frente abriu-se.

— Eh... — disse Don, penalizado de precisar perder o resto daquilo. — Freguês.

Ben relanceou os olhos pelo homem que havia entrado. Era de meia-idade, boa aparência, bem vestido. Ben reconheceu-o: Joey Parnell, o médico legista do município.

Leonardo cuidava direitinho do garoto. Ben disse num sussurro:

— Ei... você está controlando a situação; talvez eu vá dar uma palavrinha ao Parnell lá...

Leonardo deu de ombros. —Pode ir.

Ben caminhou até a outra ponta do balcão onde Parnell havia ocupado um banquinho e examinava o menu simples.

— Com licença — disse Ben. — Joey Parnell? Parnell ergueu os olhos e

sorriu.

— Sim.

Ben apresentou-se.

— Pode me dar um minutinho do seu tempo?

Parnell concordou. Ben ocupou o banquinho vizinho ao dele e tentou pensar por onde começar.

— Apenas por mim, sem ter nada de oficial...— começou ele, e sentiu-se um tanto acanhado mesmo dizendo isso. — Gostaria de perguntar-lhe o que descobriu naquele caso de suicídio de Sally Roe.

Parnell olhou outra vez o menu, um sinal claro de que não estava interessado em falar sobre o assunto.

— Mexo com uma porção de casos, agente Cole. O que exatamente quer saber?

— Bem... sei que pode parecer meio estranho, mas... o senhor conseguiu fazer uma identificação positiva do corpo?

Parnell fitou Ben como se este estivesse brincando.

— Ora, espero que sim. Eu não seria um legista muito bom se nem mesmo pudesse determinar a quem pertenciam os restos mortais que examinava.

Ben sabia que parecia bobo, mas tentou continuar.

— Bem, e que me diz daquela blusa xadrez suja de sangue? O senhor a recebeu?

Parnell não respondeu imediatamente. Parecia estar tendo dificuldade em se lembrar.

— Uh... é, acho que a recebi.

— Os tipos de sangue eram os mesmos?

— O que você quer dizer, os tipos de sangue eram os mesmos?

— Ora, o sangue na blusa era do mesmo tipo que o da falecida? Parnell abriu-se num sorriso e correu os olhos pelo menu outra vez.

— Bem, não sei. Acho que nunca examinei isso. Por que deveria?

— Havia algum ferimento na falecida que pudesse explicar de onde tinha vindo o sangue da blusa?

— Eu... não me lembro se havia ou não.

— E qual foi a causa da morte? Acho que o senhor disse asfixia por enforcamento no seu relatório?

— Isso mesmo. Dessa parte eu me lembro.

— Eu estive lá na cena, Dr. Parnell, e o que vi indicava uma morte violenta, de forma alguma o que se esperaria num suicídio. Além disso... o corpo não estava pendurado, mas atirado violentamente no chão, e não havia nenhuma corda em torno do pescoço.

Parnell apenas ficou olhando-o, ouvindo, sem nada dizer. Ben continuou mais um pouco.

— Poderia fazer-me... apenas para eu saber com certeza... uma descrição da falecida?

Don chegou pelo lado de dentro do balcão, e Parnell pediu um sanduíche de bife e uma sopa. Parnell demorou, e parecia gostar de não ter de conversar com esse jovem e inquiridor policial.

Ben esperou pacientemente. Finalmente Parnell voltou-se para ele e com um sorriso irônico, falou:

— Não, agente Cole, não poderia. Aquilo não soou certo a Ben.

— É... informação confidencial?

— Isso mesmo.

— Bem, que me diz da cor do cabelo? Lembro-me de ter visto uma mulher de cabelos pretos, de vinte e poucos anos, altura média...

— Que tal perguntar-me outra coisa?

Ben se deteve, pensou, e depois perguntou outra coisa.

— De acordo com o que vi lá na delegacia, e depois na casa de aluguel dos Potters, alguma coisa está faltando, talvez algo que pertencesse à falecida. O senhor tem alguma idéia do que todo mundo está procurando?

Parnell claramente se impacientava.

— Ora, essa pergunta eu não tenho condições de responder mesmo.

— Bem, o Sargento Mulligan enviou alguém à casa para dar uma busca, e sei que ele lhe perguntou acerca de alguma coisa.

— Sem comentários, senhor! — Ele estava visivelmente aborrecido. Ben

achou melhor afastar-se desse tipo de pergunta. Mas e agora?

— Uh... bem, só mais uma pergunta.

Parnell foi enfático.

— Só uma.

— Ainda é possível ver o corpo? Parnell deu uma risada ao ouvir aquilo.

— Sinto muito. Já foi cremado. Agora, será que isso o satisfaz? Ben sorriu.

— Claro. Muito obrigado, Dr. Parnell. Desculpe tê-lo amolado.

— Tudo bem.

Parnell desdobrou um exemplar do *Estrela do Condado de Hampton* e devotou-lhe toda a atenção. Ben reuniu-se a Leonardo, que agora tinha Kyle Krantz sob guarda, e eles saíram para o carro-patrulha.

13

Sally Roe estava longe de Baskon, sentada sobre um banco duro na estação rodoviária de outra cidade, vestida bem de acordo com o papel de nômade instável, que viajava de carona, com suas velhas calças de brim e sua jaqueta azul, o cabelo tinto trançado e enfiado debaixo de um gorro de lã, as roupas mais finas escondidas na grande mochila ao seu lado no banco. Ela estava alheia aos viajantes que passavam com suas crianças choraminguentas, as páginas de jornais já lidos espalhadas pelos bancos, os papéis de goma de mascar no chão coberto de linóleo, e os anúncios ocasionais das saídas e das chegadas sendo grasnados pelo sistema de alto-falantes. Seu ônibus estaria saindo em uma hora. Ela passaria aquela hora escrevendo no caderno de espiral em seu colo. Seria uma carta, a sua primeira, para Tom Harris.

Caro Sr. Harris:

Ela se deteve. Como começo isto? Ele nem me conhece. Acho que eu poderia dizer isso.

Não sei como começar esta carta; afinal, o senhor nem sabe quem sou. Mas deixe-me apresentar-me e explicar-me, não apenas nesta carta, mas espero que em muitas outras que se seguirão. Talvez quando eu tiver escrito minha última carta ao senhor, tudo esteja claro para nós dois.

Meu nome é Sally Roe, uma ex-plainadora-lixadora na Fábrica de Portas Bergen. O senhor pode ter lido a recente notícia sobre a minha morte por suicídio. Afianço-lhe que sou a Sally Roe de quem a notícia falava, e, obviamente, estou viva.

Deixe-me contar-lhe o que realmente aconteceu...

Sally podia ver tudo acontecendo de novo, mesmo enquanto procurava as palavras que descrevessem o ocorrido.

O dia havia sido perfeitamente normal e positivamente maçante. Trabalhar na fabrica era sempre maçante, especialmente trabalhar no departamento de lixação, operando lixadeiras elétricas que zumbiam, sibilavam e vibravam até parecer que o cérebro da gente havia caído num liquidificador. Após um dia inteiro e uma quota de vinte e cinco portas, ela finalmente dirigiu a caminhonete azul pela entrada de carro coberta de pedriscos de sua casa. Estava cansada, com gosto de pó de serra na boca, e não tinha outros planos além de tomar uma chuveirada, comer qualquer coisa e ir deitar-se.

Mas, então, havia as cabras, Betty, a mãe, e os dois filhotes, Buff e Bart.

Bichinhos de estimação, em grande parte. Sally havia herdado um macho e uma fêmea de uma senhora na fabrica que não tinha condições financeiras de ficar com eles. Sally vendeu o macho, ficou com a fêmea, fê-la acasalar-se, e agora tinha a mãe e dois filhotinhos que eram as coisinhas mais graciosas do mundo inteiro e boa companhia, sempre contentes de vê-la chegar em casa.

Sally estacionou o veículo e dirigiu-se ao cercado das cabras. Primeiro, saudaria os bichinhos, daria um pouco de ração, teria a conversa normalmente unilateral com eles acerca do seu dia, e depois iria para dentro e desmoronaria.

As cabras estavam excitadas, mas não de felicidade. Pareciam contentes em vê-la novamente, e ansiosas por vê-la, mas em grande parte porque algo as perturbava.

— Ei... acalmem-se... a mamãe chegou...

Ela encheu um balde com ração trilhada no depósito ao lado da casa e atravessou o portão para entrar no cercado. Betty rodeou-a, feliz mas perturbada. Os filhotes continuaram a balir e pular para diante a para trás ao lado da cerca.

Sally sacudiu o balde para captar-lhes a atenção.

— Venham, venham buscar umas guloseimas!

Ela dirigiu-se ao barracão, esperando que os animais simplesmente a seguissem e se acalmassem. O cachorro do vizinho devia ter estado por lá. Ele frequentemente se divertia aterrorizando as cabras.

Sally entrou no barracão.

— Ora, podem vir, está tudo bem.

Choque! Uma corda passou-lhe pela cabeça, vinda de trás, e começou a esmagar sua traquéia antes mesmo que ela soubesse o que era! O balde de ração caiu e a ração se espalhou pelo chão. Com força incrível, um atacante invisível puxava o laço de corda, safaneando-lhe o corpo para trás, erguendo-lhe os pés do chão. Ela chutou, tentou agarrar a corda. Faltava ar.

Seus pés encontraram a parede, e ela empurrou. Sally e o atacante caíram de costas contra o cevador que partiu-se. A corda bambeou e ela, retorcendo-se, escapuliu, caindo no chão, rolando sobre o capim, aspirando fortemente o ar.

Uma mulher vestida de preto, olhos selvagens de ódio, uma faca! A assassina deu um bote como um leopardo, Sally desviou-se para um lado, a faca apanhou Sally no ombro com dor ardente.

Ela tentou contorcer-se e saiu do canto onde se via encurralada, chutando e

agarrando capim e pó. O joelho da mulher ergueu-se até o peito e segurou-a ali. A corda caiu em torno do seu pescoço outra vez. Sally chutou a mulher com a perna livre.

UUMP! Com essa velocidade, parecendo uma boneca de pano, a mulher chocou-se de encontro à parede oposta do barracão, a cabeça e os membros batendo contra as tábuas, como se um gigante a tivesse agarrado e atirado ali. Sally mal a havia tocado com o chute e sentiu certo assombro, mas pelo menos a mulher havia saído de cima dela. Sally apressou-se a sair do canto, os olhos na atacante. A assassina escorregou da parede em pé e caiu para a frente, os olhos vazios e esgazeados, o queixo caído.

UUF!! Algo atingiu a mulher com tamanha força que ergueu-a acima do chão. Ela desmoronou sobre o capim, os braços frouxos e voando, a cabeça torta, o corpo sem vida, a corda ainda em sua mão.

Não parei para olhar. Apenas saí de lá, ainda tentando respirar, minha única preocupação sendo a de continuar viva. Lembro-me de ter passado pelo portão e depois caído ao chão, com ânsia de vômito. Não culpo Betty e os filhotes por terem fugido. Talvez fosse bom eles terem feito isso.

Sally reclinou-se para trás, afastando-se do que escrevia, batendo distraída com a caneta no caderno, apenas pensando. Era um jeito bizarro de começar uma carta. Talvez se ela apenas continuasse escrevendo, pareceria mais crível à medida que sua história progredisse. Bem, tudo o que podia fazer era tentar.

O que posso dizer, Tom? Como posso qualificar-me como testemunha confiável? Se você me perguntasse quem sou, teria de responder que não sei. Por anos, tenho-me feito a mesma pergunta e agora gostaria de saber se, escrevendo estas cartas, eu poderia estar tentando conseguir uma resposta.

Sabe, Tom, quero ajudá-lo. De minha própria maneira, e a partir de minha própria experiência, posso entender a sua situação e saber como deve sentir-se. Como uma entidade perdida sem fonte e sem destino num universo que afinal não tem significado, não posso dizer-lhe de onde foi que meu conceito de "errado" veio. Pode chamar de sentimento, pode chamar de "o modo como fui criada", pense que estou apenas fazendo uma tentativa desesperada através de moralidade antiquada, ainda assim sinto isto — o que está acontecendo com você é errado, e sinto-me penalizada pela sua dor.

Ela olhou o grande relógio acima da porta da rodoviária. Seu ônibus devia partir em meia hora. Logo o sistema de alto-falantes estaria grasnindo o aviso.

Se me permitir, gostaria de pelo menos agir como se alguma coisa importasse.

Gostaria de fazer o que é "certo". Eu posso estar inventando meu próprio conceito de "boas obras" num esforço de fugir ao desespero, de me convencer de que a vida não é fútil afinal de contas, mas nada tenho a perder. Se o desespero é a verdade final que todos enfrentamos, então deixe-me esconder dele, pelo menos esta vez. Se a esperança é mera ficção que nós mesmos engendramos, então deixe-me viver numa fantasia. Quem sabe? Talvez haja algum significado nisso em alguma parte, algum propósito, alguma recompensa.

De qualquer forma, vou reconstituir umas antigas pegadas e descobrir algumas coisas, por você e por mim. Espero partilhar alguma informação útil com você brevemente — informação suficiente para tirá-lo de apuros e, mais importante, trazer seus filhos de volta a você.

Por favor, guarde esta carta mesmo que lhe pareça estranha, mesmo que não acredite nela. Escreverei novamente em breve.

Atenciosamente,

Sally assinou o nome completo, "Sally Beth Roe", tirou cuidadosamente as páginas do caderno espiral, e dobrou-as. Tinha uma caixa de envelopes na bolsa de viagem. Enquanto estava em Baskon, ela havia procurado o endereço da casa de Tom e o havia escrito na frente do caderno. Agora, copiou o endereço no envelope e enfiou a carta dentro. Não o selou por enquanto, mas ergueu-se do banco e caminhou até à pequena lanchonete da rodoviária a fim de trocar algum dinheiro. Se se apressasse, poderia enviar essa carta antes de partir para a próxima cidade.

Chimon e Scion caminharam ao seu lado, asas desfraldadas, espadas desembainhadas. Por enquanto, os demônios se mantinham escondidos.

Chimon olhou a carta na mão de Sally.

— A palavra de seu testemunho — disse ele.

— É uma — disse Scion.

***

Terga, Príncipe de Baskon, alegrou-se com umas boas notícias, e estava pronto a partilhar um raro sorriso com Ango, o pequeno Príncipe da Escola de Primeiro Grau de Baskon.

— Expulsou-os, hein? — disse Terga, andando empertigado para cima e para baixo no teto de piche da escola com Ango ao seu lado.

Ango mostrava-se extasiado com essa grande honra. Pensar que todos os seus subordinados o viam agora na companhia do Príncipe de Baskon! Antes disto, Terga

nem mesmo havia sabido seu nome.

Ango se mostrava à altura da ocasião e dava seu relatório como um verdadeiro comandante-de-campo.

— Foi um ataque atrevido, meu Ba-al. Um guerreiro celestial incrivelmente grande desafiou-me no telhado, e outro desafiou os meus guardas na porta da frente. Dois guerreiros foram apanhados lá dentro, mas foram imediatamente expulsos.

— Mas você venceu a todos eles?

— Não sem uma luta mortal. Estou muito orgulhoso dos meus guerreiros, que se mostraram corajosos, fogosos e ousados!

— E estou orgulhoso de você, Ango, por provar-me que Baskon ainda e segura para as nossas operações.

— Obrigado, Ba-al.

— Com os meus louvores a você e aos seus guerreiros, deixo-o agora... Terga se deteve no meio da sentença. Os dois demônios ouviram um som conhecido, e puseram-se a esquadrinhar o horizonte ocidental. De algum lugar além dos topos das árvores, um ronco baixo, uma zoada, chegou-lhes aos ouvidos, cada vez mais alto, cada vez mais perto.

— Ora, quem poderia ser? — quis saber Ango.

Os enganadores e os guardas dentro e em volta da escola ouviram o som também e pausaram em seus deveres, zunindo e saindo esvoaçando para o pátio da escola para uma olhada, ou pipocando pelo teto para ver melhor.

As asas de Terga se inflaram e ergueram-no do teto. Ele puxou a espada enquanto espiava na direção do ocidente. Então, contraiu-se somente um pouquinho e gritou para Ango e suas tropas:

— São nossos!

— Mas quem?

Terga pareceu sombrio e abanou a cabeça consternado.

— Creio que é Destruidor, com tropas adicionais do Homem Forte. Aquela palavra trouxe um murmúrio de medo de toda a tropa lá embaixo.

Então os visitantes surgiram, ainda a quase dois quilômetros de distância, aproximando-se como um esquadrão de bombardeiros voando a baixa altura. Havia pelo menos uma centena, voando em formação de ponta de flecha e chegando mais perto, mais perto, mais perto. Agora o brilho rubro de suas espadas aparecia contra

os escuros borrões sombreados de suas asas.

Terga pousou no telhado outra vez.

— Ango, prepare suas tropas para saudar hóspedes ilustres!

— Tropas! — berrou Ango. Guerreiros adejaram até ele saindo da escola e do pátio. Ango ordenou-lhes que se organizassem em filas retas no gramado da frente. Eles formaram as filas imediatamente, um bando heterogêneo e desleixado de cerca de trezentos — diminutos espíritos de raiva, ódio, rebelião; enormes, vultosos gigantes de violência, vandalismo, destruição; enganadores espertos com seus modos astuciosos e olhos evasivos. Eles pareciam ativos, todos posicionados em filas ordeiras, os mais altos atrás, os mais baixos na frente, e cada demônio segurava a espada atravessada sobre o peito.

O esquadrão de Destruidor chegou em cima da cidade, lançando uma sombra espiritual sobre todo o comprimento da Rua Fronte e causando uma friagem no ar que os seres humanos lá embaixo puderam sentir. A sombra passou por cima da estação dos bombeiros e em seguida ao longo de uma fileira de casas por todo o Círculo Strawberry, e cães por toda a vizinhança puseram-se a uivar.

Terga, Ango e toda a assembléia de demônios podia ver agora o líder do esquadrão bem à frente, na ponta da formação. Podiam ver o brilho amarelo dos seus olhos e o fulgor vermelho de sua espada. Todos fizeram profunda mesura.

Destruidor e um aterrorizante batalhão dos melhores guerreiros cuidadosamente selecionados pelo Homem Forte desceram sobre a escola como uma nuvem de gafanhotos gigantes, suas asas produzindo um rugido que podia ser sentido, e levantando um vento tal que os demônios menores no gramado da frente foram soprados e rolaram como folhas pela grama.

Destruidor pousou no telhado da escola com doze capitães hediondos ao seu redor. O resto do batalhão tomou posições por todo o perímetro da propriedade da escola. As asas se aquietaram, o rugido diminuiu. Agora Terga e Ango encontravam-se na presença de um espírito tão mau que nenhum dos dois conseguia erguer os olhos de puro medo.

Destruidor tirou um momento para olhar à volta toda. Ele fitou com olhos ardentes, espreitando as tropas reunidas sobre o gramado. Não ficou bem impressionado. Andou devagar em direção aos dois príncipes curvados daquele lugar, seus artelhos pousando sobre o piche, suas garras enterrando-se profundamente a cada passo. Ele plantou-se diante deles, seus capitães em pé dos dois lados como troncos de árvores.

— Então, Terga — perguntou ele numa voz tão fria quanto gelo — parece que você tem motivo para estar aturdido?

Endireitando-se, Terga disse:

— Tenho, sim, meu Ba-al — e em seguida curvou-se novamente. Entorpecido de medo, Terga sentiu de repente o corte quente da lamina do Ba-al sob seu queixo. Ele seguiu o impulso da lâmina e ergueu a cabeça.

— Quem é esse ao seu lado?

— É Ango, o príncipe desta escola, um líder corajoso. A espada ardente ergueu o queixo de Ango.

— Você é o príncipe deste lugar?

Ango tentou falar com voz forte, mas não pôde impedi-la de tremer.

— Sim, meu Ba-al.

Destruidor inclinou-se perto da cara de Ango.

— Fui informado de que você teve uma confrontação aqui com o Exército Celestial.

Ango sorriu de leve.

— Foi meu dever e júbilo agradar gente como o senhor, e expulsar os guerreiros celestiais.

— Quantos guerreiros celestiais?

— Quatro, meu Ba-al. Um atacou-me no telhado, um atacou nossos guardas na frente, e dois lançaram um ataque de dentro. Expulsamo-los imediatamente.

Destruidor ponderou aquilo por apenas um momento. Não teve elogios imediatos às ações de Ango.

— O que mais aconteceu nesse dia?

Ango não estava preparado para a pergunta de forma alguma.

— O que mais?

— Tiveram alguma visita humana inesperada na escola? Destruidor o encarava fixamente, esperando uma resposta, e agora

Ango podia sentir que Terga o encarava. Mas ele não conseguia pensar numa resposta.

— Eu... não sei de nenhuma.

— Pode me dar alguma boa razão pela qual quatro — apenas quatro — dos exércitos inimigos apareceriam aqui de repente, apenas para se permitirem ser expulsos por espíritos insignificantes e fracos como vocês?

Ango estremeceu. Essa conversa se tornava desagradável.

— Eles... eles vieram nos espionar, invadir a escola...

— Essa é a sua explicação?

— É a... Sim, e o que sei.

Destruidor embainhou a espada, e todos respiraram um tanto aliviados.

— Volte aos seus deveres, Ango, o Terrível, você e seus guerreiros. Faça o pior que puder com essas criancinhas. Terga, quero uma palavra com você.

Terga seguiu Destruidor à outra ponta do telhado, enquanto Ango debandava seus demônios para retornarem aos seus deveres. Quando Destruidor se deteve, satisfeito com o lugar, os doze capitães circundaram-no e a Terga como o muro de um castelo.

Terga estava preocupado.

Destruidor fitou-o furioso — enraivecido, mas propositadamente controlado.

— Ela esteve aqui.

Terga, naturalmente, não queria acreditar.

— Como sabe, meu Ba-al?

— Aonde ela foi ao sair do hotel em Claytonville?

— Eu...

— Seus desordeiros insignificantes a seguiram? Eles a tinham debaixo de cuidadosa vigilância o tempo todo?

Terga sentiu que derreteria através do telhado.

— O... o Exército Celestial... Ficamos confusos... Eles nos atrapalharam... Já não podíamos vê-la...

— Vocês a perderam de vista. Ela lhes escapou.

Terga sabia muito bem que os saqueadores do próprio Destruidor também a seguiam, mas aquele não parecia o momento apropriado para lembrar-lhe isso.

— Uh... sim. Mas... ela não voltaria *aqui,* o lugar de maior perigo.

— Perigo? — A voz de Destruidor era tão cortante quanto sua lâmina. — Que perigo, quando você e esse tal Ango são responsáveis pelo lugar?

— Mas por que ela viria aqui?

Terga nem chegou a ver a enorme mão de Destruidor antes que ela o atingisse, jogando-o no telhado. Terga não fez movimento algum retaliatório; nunca teve mesmo a intenção de fazê-lo, e além disso, doze enormes espadas encontravam-se a apenas poucos centímetros de sua garganta. Tudo o que podia fazer era erguer o olhar à cara furiosa de Destruidor enquanto o espírito maléfico descarregava seu veneno.

— Seu idiota! — berrou Destruidor. — Por que ela não viria aqui? Foi aqui que nosso Plano começou, ou não se lembra de todos os nossos anos de desenvolvimento, nossa infiltração deste lugar? Você estava aqui, fez parte dele. Acha que fizemos tudo isso sem ter um objetivo em mente?

— Sinto muito, meu Ba-al.

O pé de Destruidor atingiu Terga debaixo das costelas e chutou-o mais de metro para o ar. O corpo de Terga chocou-se contra o peito impassível de um dos capitães e então revirou para o telhado outra vez.

— Sente muito... — resmungou Destruidor zombeteiro. — Você lhe permite escaparem Claytonville, permite-lhe entrar sorrateiramente nesta escola bem debaixo do seu nariz, deixa-a escapar novamente, para desaparecer até rebentar de novo para fazer maior estrago, para desvendar mais o nosso Plano, não sabemos onde, e tudo o que você tem a dizer é: "Sinto muito"!

Terga queria desculpar-se outra vez, mas sabia que a desculpa não seria aceita. Agora ele não tinha mais nada a dizer.

— Vá! — disse Destruidor. — Cuide de sua cidadezinha. Deixe Sally Roe por minha conta.

Um dos capitães, com a compleição de um touro, tomou Terga por uma asa e arremessou-o ao céu. Terga revirou e adejou rumo ao céu até poder recobrar o controle das asas, e em seguida disparou envergonhado para longe.

Destruidor observou até Terga ter sumido, então falou em tons baixos aos doze demônios que estavam com ele.

— O Homem Forte tem todos os seus jogadores nos lugares e uma forte rede pronta para ser usada, mas vimos por nós mesmos quanto o Plano pode ser vulnerável, especialmente com o Exército Celestial interessado em nosso empreendimento, e com toda a certeza interessado em Sally Roe. Eles tentam erigir

uma cerca em torno dela, escondê-la dos nossos olhos, acompanhá-la. Eles também têm um plano.

Um espírito volumoso lembrou a Destruidor — Mas o Homem Forte não abandonará seu Plano; está comprometido com ele.

— Uma posição fácil para ele assumir — sibilou Destruidor rancorosamente, acariciando o cabo de sua espada. — Se o Plano falhar, não e a cabeça dele que rolará, mas sim as nossas. Ele tratará disso. Precisamos ser bem sucedidos.

Ele se deteve para pensar um momento, as garras pretas, como ganchos, repuxando os pelos duros do pescoço.

— Estou aprendendo cada vez mais a respeito desse Tal; ele é bom estrategista, um mestre da sutileza. Até aqui, o Exército Celestial foi eficaz e contudo largamente invisível. Tal está esperando, manobrando. Ele é um colocador de armadilhas, um armador de ciladas.

Outro espírito, grotesco e cheio de cicatrizes, grunhiu:

— Eu estava em Ashton. Vi a emboscada.

Destruidor cuspiu enxofre e deixou que sua raiva se elevasse.

— Então você sabe como Tal esperou até nossas tropas não poderem mais esperar e voarem de cabeça em sua paciente armadilha, impetuosas e desavisadas. Nós tínhamos apenas a nossa confiança, mas Tal estava *pronto*. Não cometeremos o mesmo erro novamente.

Destruidor esquadrinhou a cidade do seu poleiro no telhado.

— Se Tal é tão sutil, seremos até mais do que ele. Se depende das orações do povo de Deus, então trabalharemos com mais afinco para evitar que o povo de Deus ore. — Ele deu uma risada sulfurosa. — Vocês não sabem a respeito dos diabretes que requisitei do Homem Forte: Contenda, Divisão, Mexerico e uma hoste de outros que estão inundando esta cidade neste exato momento! Esses seres humanos são apenas feitos de carne, de barro, e sugiro que existe um poder mais forte que seu zelo por Deus: sua própria virtude! Faremos com que se transformem em juizes uns dos outros, orgulhosos, puros aos próprios olhos, vingativos, injustos, e causaremos tamanho barulho entre eles que nem a mais simples oração será pronunciada!

Os guerreiros ficaram impressionados e murmuraram seu espanto e aprovação.

— Enquanto isso — continuou Destruidor — não nos esqueçamos de que o *nosso* povo também está orando, dedicando muito tempo e adoração ao nosso senhor, e ele está respondendo com grande favor para conosco, enviando mais e mais

tropas para reforçar as nossas fileiras e confundir os nossos inimigos! O Tempo está do nosso lado! — Ele se deteve e sorriu. — Assim, se Tal é um mestre da espera, faremos o mesmo! Embora Tal abane Sally Roe como uma cenoura adiante dos nossos narizes, não a atacaremos cedo demais. Não voaremos em outra emboscada. — Os olhos de Destruidor estreitaram-se com astúcia. — Esperaremos, da mesma maneira que Tal. Observaremos, seguiremos, até o momento certo para nós, até esse poderoso Capitão do Exército já não estar tão poderoso, mas confuso, destituído de seu poder pelos próprios santos de Deus!

— E então em algum momento, em algum lugar, Sally Roe terá o seu Getsêmani. Ela estará sozinha. Seus acompanhantes estarão desavisados, despreparados, pequenos em números. O momento será nosso para tomá-la.

— Mas como saberemos? — perguntou um quarto demônio.

— Saberemos, como antes, porque um Judas nos contará. Tudo o que precisamos fazer é encontrá-lo. — Destruidor deu uma risada hedionda. — Uma coisa tão maravilhosa, a traição!

14

Ben estaria deixando a delegacia para sair em patrulha um pouco mais cedo nessa manhã. Ele tinha planos de sentar-se atrás das árvores na ponta oeste da Ponte do Rio Snyder e flagrar motoristas em excesso de velocidade por algum tempo, talvez elevar um pouco a sua quota de multas.

Mas primeiro... se pudesse fazê-lo silenciosamente o bastante, ele pensou em usar o teletipo da polícia a fim de pedir uma averiguação criminal de Sally Roe. Podia ser que surgisse alguma coisa.

— Cole...

Era Mulligan, e havia algo estranho na sua voz.

— Sim, senhor.

Mulligan saiu de seu escritório e foi à escrivaninha de Ben. Ele inclinou-se sobre ela com seu grande punho e trespassou Ben com os olhos. Ben estava pronto para conversar, mas não para ser encarado assim.

— Alguma coisa errada, Haroldo? Mulligan quase sorria.

— Você esteve bisbilhotando por aí de novo?

— Bisbilhotando?

— Leonardo me contou que você esteve amolando o Joey Parnell, o legista.

Ben ficou um tanto espantado ao saber que um relato desses havia partido justamente de Leonardo.

— Se Leonardo lhe disse que eu *amolava* Parnell, eu tenho de discordar do termo. Não acho que amolei o Dr. Parnell nem um pouco. Sentei-me ao lado dele no restaurante do Don e apenas fiz algumas perguntas. Foi tudo muito casual.

— Já não lhe disse para largar esse negócio da Sally Roe? O que há de errado com a sua memória, Cole?

Ben havia sido um fraco por tempo suficiente. Ele postou-se de pé e enfrentou Mulligan olho a olho.

— Não há nada de errado com a minha memória, Haroldo, Sr. Sargento, senhor! Jamais consegui esquecer o que vi relacionado a este caso e a forma como tem sido tratado. Fiquei um pouco amolado com isso, perdi sono por causa disso, e com toda a franqueza, fiquei muito desapontado com a incompetência que vi da

parte de alguns funcionários públicos devidamente eleitos que deveriam conhecer sua obrigação. Se precisamos discutir memórias, descobri que a do Dr. Parnell não é melhor do que a sua visão no que diz respeito à morta que encontramos e sua verdadeira identidade. Perdoe-me por falar tão abertamente, senhor.

Mulligan inclinou-se para Ben de modo que seus rostos ficaram a apenas uns dois centímetros de distância.

— Pensei que era para você e Leonardo darem uma batida à procura de drogas no restaurante do Don. Não vejo nenhum contrabando, Cole. Onde está ele?

— Leonardo cuidou disso, senhor. Mulligan chamou:

— Leonardo?

Leonardo fazia algo lá nos fundos.

— O que e?

— Você trouxe algum contrabando dessa batida de drogas?

— Sim. Uns duzentos e cinquenta gramas de maconha. Ben cuidou disso. Ben fez uma careta e sorriu um pouco da confusão.

— Leonardo, você cuidou de todo o caso, lembra-se? Eu conversava com ParnelL

Leonardo entrou na sala, o rosto cheio de assombro.

— Ben, você perdeu um parafuso? Eu lhe dei aquela erva para você arquivar como prova.

Ben parecia incrédulo.

— De jeito nenhum!

Mulligan olhava de um homem para o outro.

— Caras, tem maconha faltando aqui. Vamos, onde está ela?

— Dei a Ben para arquivar como prova — respondeu Leonardo.

— Não! — acrescentou Ben.

— Absolutamente!

Mulligan sorriu astuciosamente.

— E se a gente der uma olhada no seu armário, Cole? —Claro.

Mas mesmo enquanto Ben dizia isso, passou-lhe pela cabeça o que poderia

estar acontecendo. Enquanto caminhavam pelo corredor até o local dos armários, ele sabia que não ficaria surpreso se...

Mulligan escancarou a porta do armário. O saco plástico de maconha caiu para fora e foi parar no chão.

Mulligan ergueu uma sobrancelha. Não era segredo que ele se divertia com aquilo.

— Parece que você arquivou no lugar errado, Cole.

Ben fez que sim com a cabeça plenamente consciente do que acontecia.

— É, certo, certo.

Olhou para Leonardo e disse:

— Da próxima vez terei de pôr um cadeado no meu armário ao invés de confiar nas pessoas com quem trabalho.

Leonardo revidou prontamente:

— Cuidado com o que diz, Ben. Isso pode ser sério.

— Sério? Caras, isto é *deplorável!* Ben estendeu a mão ao peito.

— Ei, que tal, hein, Haroldo? Aposto que você já está com um relatório picante todo escrito. Não se preocupe. Não vai precisar dele. Caras, o jogo pára aqui. Não estou brincando.

Ele removeu seu distintivo e estendeu-o para Mulligan pegar. Mulligan pegou.

— Devolva o seu uniforme até amanhã.

— Pode contar com isso.

Ben dirigiu-se silenciosamente à sua escrivaninha, removeu seu revólver, rádio e outros equipamentos, e colocou-os sobre ela. Abriu a gaveta, tirou um Novo Testamento e outros objetos pessoais, e depois fechou-a.

Enquanto colocava sua jaqueta, percebeu que tinha sentimentos mistos sobre o que havia acontecido. Sentia tristeza e ansiedade por perder o emprego, mas ao mesmo tempo sentia-se eufórico e aliviado. Pelo menos, perdia o emprego pelos motivos certos. Esperava que o Senhor o abençoasse por isso.

Mulligan e Leonardo estavam juntos no corredor, vendo-o partir. Ele examinou seus rostos por apenas um momento, e depois saiu porta afora.

***

As duas semanas se haviam esgotado. A audiência teve lugar no dia marcado, às nove horas da manhã, no departamento da Meritíssima Emily R. Fletcher, do Tribunal Federal Regional, sala 412, no prédio do Tribunal Federal, na cidade de Westhaven, uns cem quilômetros ao sul de Baskon.

Tom e Ben foram de carro com Mark e Cathy. Eles desafiaram a auto-estrada, esperaram os sinais de trânsito, fizeram as curvas certas e chegaram a Westhaven apenas com tempo suficiente para deixar o carro num estacionamento de diversos andares, pegar o cartão do estacionamento, atravessar correndo a rua até o prédio do tribunal, e tomar um elevador apinhado até o quarto andar onde finalmente encontraram a Sala 412.

Imediatamente, perceberam que a experiência toda ia ser grandiosa, estranha, atemorizante e inescrutável. Já era suficientemente ruim o fato de ocorrer nesse vasto prédio com paredes de mármore pesado que pareciam fechar-se sobre eles. Pior ainda era saber quase nada acerca do que ia acontecer e como o destino de Ben ia ser decidido por todos aqueles profissionais de terno e colete que ele jamais havia visto antes. E pior ainda que isso era descobrir que nada menos do que umas cem pessoas se aglomeravam no saguão ao lado de fora da sala do tribunal, tentando entrar. Quem *eram* elas, afinal?

Tom encolheu-se. Muitos eram jornalistas. Não lhes era permitido levar suas câmaras, louvado fosse o Senhor, mas certamente fitavam-no embasbacados e resmungando, trocando informações, rabiscando em seus blocos de anotações. Alguns artistas encontravam-se ali, cavalete e giz prontos para desenhar um retrato rápido desses estranhos cristãos de uma cidadezinha obscura.

Onde estava Wayne Corrigan? Ele tinha dito que os encontraria ali. Oh, lá estava a mão dele, acenando no ar acima de um círculo fechado de jornalistas. Ele foi dando cotoveladas até sair do círculo e apressou-se ao seu encontro, os jornalistas seguindo-o como se ligados ao seu corpo por barbantes.

— Vamos lá para dentro — disse ele, um tom desesperado na voz. — Isto aqui mais parece um zoológico.

Eles foram forçando passagem por entre a multidão, e, de alguma forma, um passo de cada vez, conseguiram chegar às grandes portas de madeira e atravessá-las.

Agora encontravam-se numa cavernosa sala de tribunal, com lambris de madeira profundamente escurecida, um espesso tapete verde, janelas altas, vedadas por cortinas, e uma bancada que se erguia como uma fonte na frente. A galeria estava quase cheia.

Corrigan conduziu Tom e Mark à mesa dos acusados; Ben sentou-se com

Cathy na primeira fileira da galeria. A Sra. Fields já se encontrava sentada lá e bordava um trabalho de ponto-cruz. Três membros do conselho, Jack e Doug Parmenter e Bob Heely, também estavam prontos a dar seu testemunho.

Corrigan falou com Tom e Mark em tons abafados.

— O juiz pode não aceitar nenhum testemunho oral, mas é bom estar preparado caso ele resolva o contrário. É um verdadeiro circo, fiquem sabendo. A ACAL está aqui em peso, e a imprensa, e acho que algumas pessoas da liga Nacional sobre Educação. Nossa posição é difícil. É... Lucy Brandon entrou na sala do tribunal, trajando um vestido azul e parecendo muito formal Estava ladeada pela loura Claire Johanson e um homem alto, de aparência jovem, obviamente seu advogado. — Aquele é Gordon Jefferson, o advogado da Brandon. Ele é da ACAL.

Um advogado mais velho vinha entrando, o queixo alto, segurando uma pasta preta na frente do estômago.

— Wendell Ames, o outro advogado da Brandon, sócio majoritário da firma Ames, Jefferson e Morris. Seu pai havia sido o fundador da ACAL no Estado lá pelos anos trinta.

Os quatro sentaram-se à mesa reservada aos acusadores sem olhar para o lado deles.

— *Dois* advogados? — questionou Tom.

— Eles estão dispostos a ganhar. O que posso dizer? Fiz o melhor que pude com o sumário. Ele deu apenas doze páginas. Os depoimentos, as declarações juramentadas de vocês e da Sra. Fields, parecem suficientemente eficazes, mas nossos argumentos bíblicos vão ter dificuldade em aguentar-se em pé contra os relatórios psicológicos. Eles contrataram um especialista em cuca, sabem, um psicólogo infantil chamado Mandanhi. É aquele sujeito sentado na segunda fileira lá adiante.

Eles olharam para o homem de cabelos escasseando e pele escura, aparentando ser originário da índia.

— O que ele teve a dizer? — perguntou Mark.

— O que o senhor acha? Diagnosticou Amber como uma meninazinha doente e traumatizada, e tudo por sua culpa, naturalmente.

— Naturalmente — resmungou Tom.

— Veremos como nos sairemos, minha gente. Lembrem-se apenas de que esta e a primeira batalha, não a guerra inteira.

A porta à esquerda da bancada escancarou-se. A meirinha colocou-se de pé e declarou:

— Levantem-se todos. Os trabalhos do tribunal estão agora abertos, presididos pela Meritíssima Emily Fletcher.

A juíza Emily Fletcher era mulher grave de seus cinquenta anos, com cabelos loiros curtos e expressão facial agradável. Ela ocupou seu lugar atrás da bancada e disse com voz clara.

— Obrigada. Podem sentar-se. Todos se sentaram.

— O caso é *Brandon X Academia Bom Pastor*. O que temos hoje é a audiência sobre uma in junção temporária emitida por este tribunal há duas semanas restringindo a Academia Bom Pastor de...

Ela encarapitou os óculos de leitura sobre o nariz e examinou os documentos diante de si.

— "Chocante Comportamento Religioso Contra uma Criança, Abuso Físico por Espancamento, Instrução Religiosa Excessiva Prejudicial à Criança, Perseguição, Discriminação e Doutrinação Religiosa Mediante Uso de Fundos Federais". Estão os advogados prontos para prosseguir?

Ela olhou na direção de Lucy Brandem e seus dois advogados. Ames pôs-se de pé.

— Sim, Meritíssima.

Ela olhou na direção de Tom, Mark e Wayne Corrigan.

— E os acusados... estão prontos?

Corrigan ergueu-se e respondeu afirmativamente.

Ela olhou por cima dos óculos de leitura para a sala lotada.

— Este caso e obviamente de grande importância pública e intenso interesse público. Se não houver objeções por parte dos advogados, o tribunal está preparado para permitir o uso de câmaras e equipamento de gravação pela imprensa.

Gordon Jefferson ergueu-se imediatamente.

— Não temos objeções, Meritíssima.

Corrigan percebeu o pronto meneio de cabeça de Tom e Mark. Ele se ergueu.

— Meritíssima, os acusados pediriam que não fosse permitida a presença de nenhuma câmara.

Jefferson se opôs:

— Meritíssima, como a senhora observou, este caso reflete deveras questões de grande interesse público. Acho que o público estaria bem servido através da informação de primeira mão que a televisão pode fornecer.

Corrigan sussurrou para Tom:

— A ACAL adora que certos casos sejam julgados através da imprensa. É o que querem agora.

A juíza Fletcher não demorou muito para ponderar o assunto.

— Sr. Corrigan, o tribunal não vê prejuízo em tal cobertura pelas câmaras, certamente não tanto prejuízo que a importância da conscientização do público não pese mais. As câmaras serão permitidas.

Diversos jornalistas voaram da sala a fim de apanhar seu equipamento. A juíza virou a página para chegar à página seguinte que tinha diante de si.

— Li os sumários e os depoimentos apresentados por ambas as partes neste caso. Bem feitos, excelentes dos dois lados, e, como seria de esperar, em acirrada disputa. Tendo em vista o curto prazo, e a bem da conveniência, evitaremos testemunhos orais se os advogados concordarem, e ouviremos este caso com base em depoimentos e argumentos orais por parte dos advogados.

Wayne Corrigan sussurrou para Tom:

— Tudo bem. É vantagem para nós. Eles terão de satisfazer um padrão mais alto de prova se não houver testemunho oral.

— Em seguida falou á juíza:

— Não temos objeções, Meritíssima.

Ames e Jefferson ainda sussurravam um ao outro. Não pareciam muito contentes com a sugestão do tribunal Finalmente Ames respondeu:

— Umm... não temos objeções, Meritíssima.

A juíza pareceu satisfeita com o progresso que todos faziam.

— Bem então... se os advogados estiverem prontos, Sr. Ames e Sr. Jefferson, os senhores podem apresentar o seu argumento.

Jefferson ergueu-se, abotoando o paletó.

— Obrigado, Meritíssima.

Ele se adiantou e começou a formar o seu argumento, andando para a frente e

para trás, estudando o carpete, abanando uma das mãos no ar como se estivesse regendo um coro.

— Meritíssima, este caso não é difícil; como o tribunal já viu no sumário e nos depoimentos, as queixas contra a Academia do Bom Pastor são bem fundadas. Acreditamos na liberdade religiosa, naturalmente, e longe esteja de nós supor que podemos infringir esse direito sagrado. Mas como, Meritíssima, tem uma criança de dez anos o poder de decidir livremente em questões como essa quando cercada por um ambiente coercivo e repressivo tal como encontramos na Academia do Bom Pastor?

Tom ouviu embevecido o discurso de Jefferson. O sujeito se mostrava difamatório, pensou ele, mas vendendo muito bem tudo aquilo. A imprensa com certeza engoliria tudo.

— A senhora viu o relatório do Dr. Mandanhi, ilustre psicólogo bem familiarizado com traumas emocionais nas crianças. Ele declarou com clareza que a jovem Amber foi severamente traumatizada pelo comportamento religioso chocante dessa gente, e demonstrou que sintomas tais como doenças, dores de cabeça, perda de apetite, e molhar a cama, para nem falarmos em severas fantasias religiosas e até mesmo... distúrbios de personalidade podem ser atribuídos ao currículo ensinado e ao exemplo dado pela liderança da Academia do Bom Pastor. Preciso também informar o tribunal que o Sr. Harris está sob investigação pelo DPC por possível abuso contra crianças, e que seus próprios filhos foram tirados de sua casa até a conclusão dessa investigação.

Corrigan saltou da cadeira.

— Protesto!

— Apoiado — disse a juíza. — Sr. Jefferson, questões do Departamento de Proteção à Criança são estritamente confidenciais e não devem ser discutidas em sessão do tribunal aberta ao público. O senhor evitará qualquer outra referência a isso.

— E em vista de táticas como essa — propôs Corrigan — posso solicitar novamente que as câmaras e equipamento de gravação sejam retirados do tribunal?

— Solicitação negada — afirmou a juíza, que em seguida olhou para os membros da imprensa. — Mas a imprensa tem ordem de não publicar nada sobre essa revelação.

— Obrigado, Meritíssima — disse Corrigan, sentando-se. Ele sussurrou a Tom:

— Jefferson sabia o que fazia. Jefferson continuou, sereno.

— Quanto ao "comportamento religioso chocante", os detalhes são claros no arquivo do tribunal, naturalmente, e mal preciso comentar sobre o comportamento descrito, a tentativa de expulsar um demônio de Amber, e mesmo sugerir a uma criança impressionável que ela está possuída por um espírito. Meritíssima, essa é uma tendência totalmente diferente, uma forma nova e obviamente bizarra de abusar de crianças; isso deve ficar fora da proteção da liberdade religiosa, e pedimos que o tribunal decida em favor disso.

— O abuso físico por espancamento também é igualmente claro — prosseguiu Jefferson — e mesmo os acusados admitem que o espancamento ocorreu. Como é do conhecimento do tribunal, essa prática já é proibida pelo estado em qualquer lar temporário e nas escolas públicas, e gostaríamos de lembrar que os precedentes na lei e na sociedade são claros nessa questão. Esse não é um comportamento apropriado para com uma criança, mas outra forma de abuso, e deveria também ser retirado de sob a proteção da liberdade religiosa.

Tom e Mark podiam ver o caso formando-se; aquele advogado esperto reduzia gradualmente algo que ele chamava repetidas vezes de "proteção da liberdade religiosa". Estava claro para eles que proteção pouco tinha a ver com aquilo. A própria liberdade religiosa era o objeto dos seus ataques. Mas Jefferson era bom no que fazia, eles tinham de admitir isso. Sua oratória era vigorosa, bem coreografada e persuasiva. O pensamento inquietante agora era: *Será que o Corrigan vai ser capaz de sair-se melhor?*

— Quanto à instrução religiosa excessiva — continuou Jefferson — quem pode opor-se ao ensinamento de virtudes como honestidade, auto-estima, a Regra de Ouro? Nossa dificuldade é a idéia fundamentalista penetrante de que todos somos pecadores fracos, desprezíveis, insignificantes, incapazes de qualquer bem em nós mesmos, mas dependentes de um "salvador" externo para nos erguer de nosso atoleiro moral, e sem quem não temos a mínima esperança... uma idéia que, temos de admitir, é destrutiva à saúde e ao bem-estar mental de qualquer criança, e o relatório do Dr. Mandanhi reflete isso.

— Para encerrar rapidamente a questão e não tomar mais tempo do tribunal — continuou Jefferson — as ofensas mencionadas acima constituem necessariamente uma forma de perseguição e discriminação porque nenhuma idéia que se oponha a essas crenças fundamentais e permitida; isso, naturalmente, é intolerância e terreno fértil para a semente do fanatismo.

— Mas, naturalmente, uma questão legal maior ainda aqui e o fato de que esses ensinamentos e doutrinações são sustentados por fundos federais, visto que a

Sra. Brandon é funcionária federal e recebe subsídio para sustento da filha sob o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau, parte do qual ela usou para pagar as mensalidades da filha.

A juíza Fletcher interrompeu.

— Senhor advogado, é a impressão do tribunal que Amber foi agora tirada da escola.

— Sim, Meritíssima, para o seu próprio bem, naturalmente. Mas submetemos que a questão da separação entre a igreja e o estado ainda é viável, visto que fundos federais foram usados na doutrinação religiosa de Amber enquanto frequentava a escola, o que faria com que a escola incorresse em responsabilidade para com o estado. Isso é coberto detalhadamente em nosso sumário sobre a aplicabilidade do Decreto de Direitos Civis Munson-Ross e o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Particulares de Primeiro Grau. Conquanto o Congresso tencionasse prestar assistência aos pais que trabalham fora no cuidado aos filhos, ninguém em seu juízo perfeito argumentaria que fundos federais devessem ser usados para instrução religiosa. Nosso sumário mostra como a história legislativa e a lei de antecedentes legais tornam isso abundantemente claro.

— Finalmente, solicitaríamos que o tribunal considerasse não apenas Amber, que teve a sorte de ser removida da escola e portanto salva de maiores prejuízos; solicitaríamos que o tribunal considerasse também as crianças que ainda estão lá, ainda sujeitas a esse comportamento e instrução excessivos, ainda muito sujeitas a serem prejudicadas. Não sabemos quem são as outras crianças na escola, e se fundos federais estão ou não sendo usados para também suplementar sua mensalidade. É por isso que solicitamos ao tribunal que exija que os acusados apresentem o nome de cada criança e qualquer informação financeira relacionada à matrícula da criança na escola, além de continuar as restrições.

— Sua decisão hoje afetará o futuro bem-estar de outras crianças também — concluiu Jefferson — e por isso estamos certos de que o tribunal decidirá em seu favor.

Jefferson sentou-se enquanto cada câmara de televisão na sala seguiu-o ao seu lugar e as máquinas fotográficas relampejavam seus flashes.

Tom e Mark olharam para Corrigan. Ele relia rapidamente suas notas rabiscadas, parecendo esperar uma inspiração. Essa inspiração não lhe parecia estar vindo.

— Sr. Corrigan? — anunciou a juíza.

Tom deu a Corrigan um tapinha encorajador no ombro.

— Vá com Deus, irmão.

Corrigan pôs-se de pé. Aquele era o seu momento. Abotoou o paletó também, não para mostrar sua determinação de batalhar, mas porque suas mãos nervosas precisavam de algo para fazer. Isso também lhe deu um momento para orar.

— Meritíssima, o advogado da acusadora envidou grandes esforços para pintar um quadro triste e horroroso da Academia do Bom Pastor. Podemos assegurar-lhe que as coisas na escola são muito diferentes daquilo que tentaram fazer parecer que eram. Em primeiro lugar, não tivemos oportunidade de nos reunir com o Dr. Mandanhi e discutir seu parecer, e portanto não podemos estar certos de que os problemas de Amber são inteiramente devidos ao fato de ela frequentar a escola. Conforme tentamos mostrar nos depoimentos, ela já veio para a Academia do Bom Pastor com alguns problemas, e sugiro não ser justo nem correto atribuir todos os seus problemas ao ambiente da escola. Deveríamos ter a oportunidade de fazer com que nosso próprio perito examinasse Amber, pois tenho a certeza de que outro perito poderia equilibrar o relatório do Dr. Mandanhi.

— Quanto a castigos corporais — prosseguiu Corrigan — certamente não são o anacronismo que a acusadora tenta dizer que são, e não vamos resolver a questão neste caso. Castigo físico, quando administrado por pais amorosos, ou pelo diretor de uma escola cristã seguindo procedimento aceito, não é abuso de forma alguma, mas disciplina apropriada, e conforme demonstramos em nossa ficha do tribunal, é questão de doutrina bíblica, questão de profunda convicção religiosa. Além disso, gostaria de relembrar ao tribunal que as diretrizes para disciplina corporal estão estabelecidas claramente no manual da Academia, e que a Sra. Brandon assinou uma carta concordando com essas diretrizes. Os dois itens estão incluídos em nosso sumário e falam por si.

— Por isso, acho que a questão da surra não está resolvida de forma alguma, especialmente quando não pode haver dúvida de que o castigo de Amber foi administrado de forma apropriada e amorosa. Não seria justo nem correto rotulá-lo de abuso infantil. Fazer isso seria invadir a privaticidade e convicções de milhões de pais em todo o país que ainda acreditam em castigo físico. Além do mais, existe a questão de convicção religiosa e liberdade religiosa. Elas devem ser protegidas, e não infringidas.

— Precisamos também protestar contra a acusação da acusadora de ter havido "instrução religiosa excessiva". A acusadora refere-se a algo que é parte fundamental do evangelho, mas preciso relembrar ao tribunal que o evangelho é Boas Novas e não Más Novas. A mensagem do evangelho não nos deixa todos

condenados... ou como o advogado da acusadora declarou, como "pecadores fracos, desprezíveis". Cremos... isto é, a posição doutrinária da Academia do Bom Pastor é... a de que, sim, o homem é pecador. Está separado de Deus porque transgrediu a lei justa de Deus, e, em si mesmo, não tem salvação. Mas essa mensagem nunca é forçada ou imposta a qualquer criança sem o lado positivo da mensagem, de que Deus enviou seu Filho a pagar o preço dos nossos pecados com sua própria vida, e portanto salvar-nos e reconciliar-nos com Deus.

— Ora, percebo que posso estar parecendo um pregador aqui, mas esse é, afinal de contas, um ponto de disputa levantado pela acusadora, e preciso responder a ele.

Corrigan se animou um pouco quando um pensamento lhe ocorreu.

— Mas talvez seja apropriado eu demonstrar neste exato ponto que esta é claramente uma questão religiosa. Meritíssima, estamos discutindo *doutrina* religiosa, e num tribunal judicial! Sim, Meritíssima, de fato, contestamos a alegação da acusadora de ter havido qualquer instrução religiosa excessiva que fosse prejudicial a Amber. Mas também relembramos ao tribunal que através dessa queixa a acusadora pediu que o estado legisle sobre a correção de uma crença religiosa específica, e isso é algo que o estado é constitucionalmente proibido de fazer.

Você os pegou aí, pensou Tom.

— Também negamos qualquer perseguição ou discriminação, e como o arquivo do tribunal mostra, embora a acusadora tenha obtido o parecer profissional do Dr. Mandanhi relacionado a suposto trauma da criança, a acusadora deixou de provar quaisquer alegações específicas de comportamento excessivo ou chocante.

A juíza ergueu os olhos de suas notas com uma expressão inquisitiva.

— Senhor advogado, seu sumário incluiu pelo menos uma referência superficial ao suposto "comportamento religioso chocante" citado pela acusadora. O senhor nega agora a alegação da acusadora de que o Sr. Harris tentou expulsar um demônio da criança?

Tom e Mark sabiam que Corrigan ficaria encurralado por essa pergunta, mas ele não pareceu querer evitá-la. Aparentemente, ele havia pensado muito sobre ela.

— A alegação pode ser contestada, Meritíssima, visto que poderia haver muitas interpretações diferentes, muitas definições diferentes da palavra "demônio".

A juíza debruçou-se, abaixando o seu queixo até ficar a apenas alguns centímetros da bancada.

— Seria justo supor uma interpretação judaico-cristã ou bíblica da palavra

"demônio" neste caso?

Tom podia sentir seu coração batendo com força e seu estômago dando nó.

Corrigan respirou fundo e ofereceu sua resposta.

— Suponho que seria, Meritíssima, mas então, mesmo dentro dos parâmetros de uma interpretação bíblica, seria necessário decidir entre... uh seria uma interpretação liberal, alegórica da palavra, ou a interpretação mais fundamentalista, literal...

A juíza sorriu um pouco. Alguém na sala do tribunal deu uma risadinha abafada.

— Suponho que poderíamos repisar esse ponto, senhor advogado, e realmente entrar numa argumentação teológica. Por favor, continue.

Tom olhou para Mark. Era um bom ou um mau sinal? Não podiam deixar de tentar adivinhar o que a juíza pensava. Corrigan tentou coroar seu argumento.

— Estamos aqui hoje, Meritíssima, para mostrar justa causa pela qual não devamos ser impedidos de certas atividades. Bem, antes de tudo, eu argumentaria que essas alegações de atividades são espúrias e sem base, na melhor das hipóteses, e que a acusadora neste caso ficou tristemente aquém de provar a veracidade de cada uma delas. Sendo esse o caso, uma ordem restritiva contra a escola é simplesmente desnecessária, e eu sugeriria que acarreta uma violação da separação entre a igreja e o estado, por o estado se intrometer no livre exercício da religião por parte da Academia do Bom Pastor ao colocar-se numa posição de decidir pela Academia o que é religião aceitável e o que não é. Espero que não encontremos esse tipo de situação ocorrendo aqui, e que essa ordem restritiva seja revogada. É apropriado aqui que o tribunal revogue a restrição porque a acusadora já não é mais afetada pelas políticas da escola, e nenhum outro aluno se apresenta aqui como acusador e, portanto, este caso é irrelevante.

Dito isso, Corrigan sentou-se.

— Muito obrigada, Sr. Corrigan — disse a juíza Fletcher.

Então veio a longa espera, de segundo a segundo. A juíza Emily R. Fletcher folheou suas notas, rabiscou algumas notas ao lado das suas notas, e em seguida fitou fixamente as notas enquanto um silêncio tenso caía sobre o grande aposento.

15

Por fim, a juíza Fletcher pousou a caneta e falou, olhando alternadamente através dos óculos de leitura para os papéis à sua frente e em seguida, por cima deles, para os advogados, litigantes, observadores e câmaras de televisão.

— Duvido que qualquer um dos lados fique inteiramente satisfeito com a minha decisão, mas contrário à afirmativa inicial do Sr. Jefferson, este *é* um caso difícil, e me coloca numa posição mais difícil ainda, na qual sou chamada a equilibrar, por assim dizer, a Constituição e os melhores interesses de uma criança de dez anos. Ao tentar conseguir esse tipo de equilíbrio, é inevitável que ambas as partes nesta disputa percam alguma coisa e descubram que seus respectivos desejos não foram totalmente satisfeitos.

— Li os autos e ouvi os argumentos dos senhores advogados. Creio ser este um caso onde alguma reparação injuntiva se faz necessária. Entretanto, existem argumentos fortes e fracos nos dois lados, e algumas questões que me parecem, pelo menos nesta altura, indebatíveis. Tratarei das queixas separadas uma a uma.

— Repassando a lista... com relação ao 'Comportamento Religioso Chocante Contra uma Criança', concordo com a Constituição de que existe um lugar para persuasão e práticas religiosas individuais. Mas afirmo que certamente existe um lugar para restrição apropriada, e nenhum lugar para qualquer violação das leis do estado. A queixa da acusadora é clara e direta, de que Amber foi perseguida e efetivamente rotulada como alguém possuída por um espírito, um demônio, qualquer que seja a definição dessa palavra. Acredito que a correção desse comportamento deva ser questionado; acho que essa proteção deve permanecer. Portanto, a ordem restritiva contra esse tipo de comportamento deve permanecer até a questão ser resolvida em julgamento.

— Direi o mesmo quanto a qualquer outro castigo físico de qualquer criança na Academia. O estado tem interesse em proteger as suas crianças, e têm havido muitos casos onde o castigo corporal foi considerado impróprio. Conquanto a convicção religiosa tenha seu lugar legítimo em nossa sociedade, a possibilidade de abusos a crianças ainda existe, e, portanto, acho apropriado que uma ordem restritiva seja dada seguindo o teor do pedido da Sra. Brandon, e que essa questão seja levada a julgamento.

— Quanto às três queixas seguintes, 'Instrução Religiosa Excessiva Prejudicial à Criança', 'Perseguição' e 'Discriminação', eu concordaria com o Sr. Corrigan que essas queixas são um tanto vagas, que não foram estabelecidas para satisfação do

tribunal como sendo prejudiciais a crianças. O tribunal concorda que essas são questões religiosas, e está claro que a posição religiosa da Academia foi bem anunciada e claramente declarada, de forma que a Sra. Brandon estava ciente da natureza religiosa da Academia antes de matricular a filha. Se a acusadora argumenta que essas crenças e ensinamento são impróprios para qualquer criança, então que seu advogado edifique um caso e o apresente no julgamento.

— Quanto à queixa final: 'Doutrinação Religiosa Mediante Uso de Fundos Federais', a Sra. Brandon removeu a filha da escola, e enquanto nenhum outro pagamento for feito à escola saindo do salário da Sra. Brandon, não existe, na minha opinião, nenhuma outra violação da lei, e nenhum prejuízo causado até que essa questão possa ser resolvida em julgamento. A restrição é irrelevante, e portanto, fica revogada.

— Assinarei a ordem escrita apropriada quando completada pelo senhor advogado. Os senhores advogados devem discutir a fiança apropriada a ser colocada na ordem. Se não conseguirem chegar a um acordo, chamem meu escrevente.

— Estou retendo uma decisão neste momento sobre a ordem de apresentação que a acusadora requisitou. Estou preocupada com isso. Outros argumentos podem ser necessários, ou pode ser irrelevante, mas e uma questão importante.

— Com esta ordem, não estou dizendo que as alegações da acusadora são infundadas, apenas que toda a restrição solicitada até haver o julgamento é injustificada. A questão toda prosseguirá a julgamento no devido tempo."

Ela apanhou o martelo e bateu-o com força. "Este tribunal está em recesso."

"Levantem-se todos", disse a meirinha. Todos se ergueram, e os murmúrios e resmungos começaram enquanto a juíza Fletcher saía da sala.

— E agora? — perguntou Tom.

— Agora escapamos aos jornalistas e damos o fora daqui — disse Corrigan.

— Como nos saímos? — perguntou Mark enquanto Cathy lhe tomava o braço e escutava.

— Bem, ainda temos uma longa batalha adiante de nós. Revisando, sua escola pode permanecer aberta e vocês podem continuar ensinando seu currículo normal, mas castigos físicos estão proibidos e expulsar demônios é tabu. A juíza diz que vocês não têm de apresentar os nomes e relação financeira de qualquer outra criança, por isso essa é uma amolação que evitamos. Eu diria que nos saímos bem, considerando como poderia ter sido. Vamos dar o fora daqui.

A Sra. Fields e os Parmenters também estavam cheios de perguntas.

— A escola pode permanecer aberta? — perguntou a Sra. Fields.

— Sim, isso ficou certo — disse Tom. Cathy deu um abraço na professora e disse:

— Vamos ter uma reunião com todos e explicar tudo isso. Jack Parmenter ainda estava doido por uma briga.

— Precisamos pegar aquele... aquele bandido do Jefferson. Não precisamos aguentar esse tipo de conversa!

— Vamos falar a respeito de tudo isso em outro lugar — disse Corrigan. Ele saiu na frente, e os outros o seguiram em fila indiana através das portas da sala do tribunal.

As luzes das câmaras eram ofuscantes; era como se fosse dia no corredor ao lado de fora.

— Sr. Harris! — veio o primeiro jornalista. — Qual é a sua reação à decisão da juíza?

— Nada a dizer — disse Wayne Corrigan.

— E os seus filhos? — perguntou outro Jornalista. — Quanto tempo faz que foram levados de sua casa?

Quanto vale a ordem da juíza, pensou Tom.

— É verdade que tentou exorcizar um demônio da criança? — perguntou uma senhora, empurrando um microfone no rosto de Tom.

Corrigan agarrou o microfone.

— Tencionamos levar nosso caso a julgamento num tribunal da lei, não na imprensa. Obrigado.

Mais perguntas.

— Vamos embora — disse Corrigan a Tom e aos outros.

Eles continuaram andando, escapulindo sorrateiros através da multidão.

Passaram por um grupo de jornalistas e câmaras amontoados em torno de Lucy Brandon e seus dois advogados. Jefferson discursava com um comentário extenso para a imprensa:

— ... A decisão da juíza foi exatamente o que esperávamos. Embora não possamos crer que qualquer pessoa permitisse que seus filhos fossem submetidos a esse tipo de currículo e ao tratamento severo que ele requer, posso compreender por

que a juíza relutava em decidir com base na evidência abreviada que se pode produzir para uma audiência a curto prazo como esta. Estamos, contudo, satisfeitos por a juíza ter escolhido proteger as crianças de Baskon de outros abusos físicos às mãos de Tom Harris e sua equipe... esses fundamentalistas.

Tom ouviu tudo aquilo e voltou-se. Tinha de dizer alguma coisa. Ele não podia deixar que aquilo fosse parar na imprensa.

— Venha, vamos embora — disse Corrigan, puxando-o pelo braço. Eles se apressaram a sair do tribunal.

***

A reunião de oração da noite de quarta-feira na casa de Mark e Cathy estava lotada. A frequência não era tão ruim em qualquer noite normal de quarta-feira, mas essa noite não era normal de jeito nenhum, e não havia cadeiras suficientes para todos.

Todos os membros do conselho compareceram, juntamente com as esposas, bem como algumas pessoas da corrente de oração: Donna Hemphile, Lester e Dolly Sutter, Tim e Becky Farmer, Brent e Amy Ryan, e a viúva Alice Buckmeier. Ben Cole estava presente com a esposa, Bev; a Sra. Fields estava lá, embora ela frequentasse regularmente a igreja batista local nas noites de quarta-feira. Wayne Corrigan também se encontrava lá e provavelmente constituiria o centro das atenções.

A única pessoa perceptivelmente ausente era Tom Harris. Ele havia tirado uma licença, e sentiu-se compelido a ficar de longe. Além disso, Mark achara que a discussão daquela noite seria mais livre e quaisquer reclamações poderiam ser expressadas mais facilmente se ele não estivesse presente, e Tom havia concordado com isso.

Outras ausências perturbavam um tanto Mark, que, sendo o pastor, estava mais apto a notá-las. Andrea e Wes Jessup, que geralmente compareciam à reunião do meio da semana, estavam ausentes, bem como os Wingers. Mark sabia o motivo da sua ausência. Ainda havia alguns descontentes por lá que precisavam que seus temores e falsas informações fossem esclarecidos, e, naturalmente, sendo os que mais precisavam estar presentes, não estavam. Lidar com eles ia ser um projeto penoso e desagradável.

No total, a casa tinha de estar contendo não menos do que cinquenta pessoas. De fato, esta devia ser uma crise.

Mas a casa estava cheia também de outros visitantes, não menos do que

cinquenta, quase igualando a frequência. Tal estava presente, juntamente com Guilo, recém-chegado de sua inspeção perto da cidade montanhosa de Summit; Nathan e Armoth estavam prontos ao lado de Tal, e tinham a seu comando uma tremenda tropa de guerreiros. Mota e Signa, tendo completado sua tarefa na escola primária, estavam presentes e supervisionando a barreira de guardas que ora cercava a casa. Esta seria uma reunião que não iria ser invadida por quaisquer espíritos saqueadores.

— Os mensageiros estão prontos — relatou Nathan. — Tudo o de que precisam é uma ordem sua.

Tal correu os olhos à volta da sala e conseguiu dar um sorriso desagradável.

— Talvez obtenhamos uma idéia melhor de onde está a dificuldade, e onde a nossa cobertura de oração foi parar. Talvez o Senhor conceda ao seu povo uma porção especial da sua sabedoria esta noite. — Ele deu mais uma olhadela à volta da sala e então disse:

— Os mensageiros esperarão pela minha ordem.

— Feito. —E Sally Roe? Chimon adiantou-se.

— Scion e eu acabamos de entregá-la aos cuidados de Cree e Si. Eles a estão acompanhando ao Centro Ômega.

— Bom. Dirijam-se imediatamente a Bentmore e preparem o caminho para ela ali.

— Feito.

Chimon e Scion desapareceram rumo ao seu próximo encargo. Wayne Corrigan ergueu-se a fim de dirigir-se ao grupo e rebater suas perguntas.

— Eu diria que foi uma vitória de cinquenta por cento — falou ele — que é uma forma positiva de olhar a coisa. A Academia vai poder funcionar tranquilamente sem número excessivo de interrupções.

— Até algumas daquelas crianças descobrirem que vocês não podem surrá-las — disse Tim Farmer, que era um sitiante, mostrava a falta de um dente sempre que ria, e cujo filho estava na quinta série da Academia. — Seja o que for que fizerem, não contem essa parte ao Jesse!

Todos riram. Ficaram contentes por ter sido o pai do Jesse quem falou isso.

— Vocês terão uma desvantagem, certamente — disse Corrigan. — Terão de arranjar outras formas de resolver problemas de disciplina.

Judy Waring, sempre que ouvia e transmitia más noticias, quase explodia de vontade de dizer o que pensava.

— Bem, quero saber o que nos meteu neste apuro, para começo de história. O que, exatamente, está o Tom Harris fazendo com as nossas crianças?

— Judy! — interrompeu Mark. — Estamos aqui para discutir isso até todo mundo ficar satisfeito, não se preocupe. Amy Ryan fez uma pergunta simples.

— Mark, será que podíamos ouvir isso de sua parte? Tom tentou expulsar um demônio dessa garotinha Brandon?

Mark sabia que teria problemas assim que deu a resposta.

— Sim, tentou. Ela estava...

— Ora, isso é que foi uma jogada besta — manifestou-se Brent, o marido de Amy. Ele era um musculoso construtor que considerava suas áreas de competência como sendo gás natural, a Palavra de Deus, e jogadas bestas.

— Como é que ele sabia se era um demônio ou não?

Judy Waring estava mais do que pronta a vergastar aquele cavalo.

— Ele não tinha a menor idéia do que fazia, e agora meteu a nossa escola numa embrulhada da qual ela jamais sairá!

Mark tentou restaurar a ordem, e teve de falar em tom firme.

— Muito bem, pessoal. Agora, antes que todos disparemos em uma centena de direções diferentes, vamos apenas ficar quietos e primeiro ouvir o que Wayne tem a dizer. Dirijam suas perguntas a ele, uma de cada vez!

— Fizemos alguma coisa errada — insistiu Judy. — Não estaríamos no tribunal se não tivéssemos feito algo errado.

— Judy!

Ela fechou os lábios, mas com uma expressão desafiante.

— Vamos lá, santos — disse Tal — vocês podem sair-se melhor do que isso!

Guilo murmurou:

— O senhor queria saber onde a nossa cobertura de oração tinha ido parar?

Wayne Corrigan tentou começar outra vez.

— Quero dar-lhes um quadro correto, mas também não quero parecer negativo. *Estamos* no meio de uma ação judicial, mas isso não é o fim do mundo... ou da

escola. É possível que consigamos atravessar essa coisa e sair ilesos com a ajuda do Senhor e de todos os que puderem dar uma mãozinha. Por ora, a escola está debaixo de uma ordem restritiva que proíbe o uso de castigo físico ou de qualquer comportamento religioso que possa ser considerado prejudicial às crianças.

— Expulsar demônios... — sussurrou Bret baixinho. Todos ouviram.

— Não, deixem-me comentar a respeito disso agora mesmo. Vocês têm de entender como o sistema funciona, e como a ACAL funciona. Expulsar demônios não ê o ponto final de tudo isso. É apenas a questão que fica sendo impelida para a frente porque é de natureza sensacional e principalmente porque envolve uma criança. A ACAL sabe disso e eles estão tirando o máximo proveito, fazendo da questão o ponto de aglutinação.

— Mas seria melhor acompanhar e observar a frase: "comportamento religioso chocante". Sabem, o que poderia acontecer neste caso e que os tribunais — para o bem das crianças — tenham de determinar que tipo de ação particular de um grupo religioso constitui comportamento religioso chocante; uma vez que o precedente legal esteja estabelecido, pode ser usado em casos futuros a fim de ampliar a definição original de exatamente que tipo de comportamento religioso é afrontoso e pode ser desafiado legalmente, quer uma criança esteja envolvida, quer não. Teríamos finalmente aberto a porta para os tribunais estabelecerem qual tipo de crença religiosa é aceitável e qual não é, para falar francamente.

— Mas, e a liberdade religiosa? — perguntou Lester Sutter, um dos cidadãos mais velhos da congregação. — Desde quando o governo nos diz como viver nossas vidas e como educar os nossos filhos?

— Exatamente. Essa e a verdadeira questão aqui, e quero que todos vocês entendam isso. Essa ação judiciária não é a respeito de surras ou demônios ou qualquer outra coisa. A ACAL está por trás dessa coisa toda, e podem estar certos de que ela está trabalhando a fim de estabelecer alguns precedentes legais que darão ao governo federal o poder de controlar a religião e as escolas religiosas.

— Eles não podem fazer isso! — exclamou Amy Ryan.

— Estão fazendo — respondeu Brent.

— Mas, e a Constituição? Brent deu de ombros.

— O que tem? Corrigan interveio.

— Brent percebeu o que quero mostrar. A idéia popular hoje em dia é a de que a Constituição é um "documento vivo" que pode ser reinterpretado pelos tribunais à medida que a sociedade continua a evoluir moralmente.

— Ou *apodrecer* moralmente — disse Jack Parmenter.

— Ou *espiritualmente* — disse Mark. — Escute, minha gente, esta não é apenas algum tipo de batalha legal. É uma batalha espiritual, não se esqueçam disso.

— É — disse Brent, mostrando uma leve viravolta em sua atitude. — E se *fosse* mesmo um demônio? Logo, logo, vai ser contra a lei expulsar um deles.

— Mas quem foi que disse que temos de fazer o que o governo diz? — perguntou Tim Farmer. — E os apóstolos? Eles não obedeceram aos governantes judeus quando receberam ordens de não pregar a respeito de Jesus.

Corrigan replicou:

— Esse e um ponto importante, e algo que vocês precisam considerar seriamente: podem escolher a desobediência civil como os apóstolos fizeram, e obedecer antes a lei de Deus do que a dos homens...

— Vamos fazer isso! — disse Frank Parmenter.

— Mas — acrescentou Corrigan depressa — lembrem-se de que os apóstolos foram para a prisão, foram açoitados, torturados e martirizados por causa da sua posição. E como já disse antes, Paulo e Silas expulsaram um demônio em Filipos e acabaram na prisão por causa disso. A desobediência civil não vem sem um preço. — Agora a sala estava em silêncio. Corrigan continuou:

— E esse preço poderia também significar extremo dano para a sua credibilidade nesta ação judicial. Seus argumentos num apelo serão mais difíceis de sustentar. Agora, é claro que precisam seguir a sua consciência diante de Deus, e existe um precedente bíblico para a desobediência civil — as parteiras hebréias que violaram as ordens de Faraó de matar os meninos hebreus, Raabe que escondeu os espias, os apóstolos que pregaram em nome de Jesus quando receberam ordens de não fazê-lo. Mas meu conselho para vocês é o de trabalharem através do sistema primeiro, o velho jeito de Romanos 13. Será melhor para vocês no julgamento!

— E se perdermos? — perguntou Brent.

— Então... — Corrigan hesitou e considerou sua resposta. — Então simplesmente terão de fazer o que tiverem de fazer. — E acrescentou apressadamente:

— Mas, por favor, lembrem-se, o processo legal demora. Precisam ser pacientes e não fazer nada impensado que possa prejudicar suas chances de vencer no tribunal. Lembrem-se de que a ACAL pretende levar este caso a âmbito nacional, tão longe quanto conseguir, com atenção da imprensa nacional e tanta publicidade negativa quanto possa gerar. Eles estão usando o Decreto das Creches para entrar

nos tribunais federais também, de modo que este caso poderia facilmente ter precedentes danosos que poderiam afetar todas as outras igrejas, todas as outras escolas cristãs no país. Vocês não estão apenas fazendo escolhas para si mesmos esta noite, mas para os seus irmãos e irmãs em toda a parte. São a primeira pedra do dominó. Lembrem-se disso.

— A primeira pedra do dominó — disse Brent baixinho, e depois sacudiu a cabeça ao pensar nisso. — Parece que a perseguição começou, minha gente.

Mark interveio.

— E então, o que vem a seguir, Wayne?

— A parte mais difícil de todas, acho eu. Teremos de enviar interrogatórios ao outro lado, tomar depoimentos deles, e construir uma defesa. Para aqueles de vocês que não sabem o que essas palavras significam, um interrogatório é apenas uma lista de perguntas, coisas que queremos descobrir da parte deles. Queremos saber quais são as suas queixas e o que sabem, de modo que possamos rebater seja lá qual for o seu argumento. Os depoimentos são parecidos. Faremos uma reunião com as testemunhas que estarão depondo contra nós, e elas responderão às nossas perguntas sob juramento, com um taquígrafo do tribunal para fazer um registro verbal do que elas disserem. O outro lado vai fazer o mesmo com as nossas testemunhas, e supostamente os dois lados saberão que testemunho e evidência serão apresentados de modo que possam preparar seus argumentos para o julgamento.

— Então, o que podemos fazer para ajudar? — perguntou Jack Parmenter, e todos os rostos na sala concordaram com a pergunta.

— Bem... — Corrigan olhou para o teto em busca de uma resposta. — Qualquer advogado é apenas tão bom quanto a informação que tem, e como já discuti com seu pastor e com Tom Harris, estou apurado no que toca ao tempo que tenho disponível para fazer toda a lição de casa. Eu... — Ele não sabia ao certo se devia expressar seu próximo pensamento

— Bem, com certa reserva, deixem-me dizer apenas isto: obviamente, estamos enfrentando umas pessoas agressivas, muito organizadas, altamente motivadas, com contatos e assistência em todo o país tão à mão quanto seu telefone. Eles não estão brincando, querem ganhar, e seus métodos nem sempre são limpos...

— São um bando de vigaristas, em outras palavras — disse Brent.

— Bem... — Corrigan ergueu as mãos no ar. — Acho que não debaterei essa opinião. O que estou tentando dizer é que vocês precisam de um investigador; alguém que possa desenterrar os fatos que nossos oponentes tentarão ao máximo

esconder. Já enfrentei a ACAL antes, e eles não cooperam quando se trata de fornecer qualquer informação em resposta aos interrogatórios. São dissimulados, maquinadores, fraudulentos e implacáveis. Dentro do que e condizente com o Cristianismo, naturalmente, necessitam de alguém tão implacável que descubra o que necessitam saber mesmo que a ACAL tente escondê-lo. Isso requer tempo, habilidade e experiência; precisam de alguém que possa ajudá-los a fazer isso.

— Então a quem chamamos? — perguntou Jack Parmenter.

— Não sei de ninguém aqui por perto que faça o trabalho por um preço que vocês possam pagar.

De repente Ben Cole falou.

— Bem, talvez eu possa trabalhar nisso aí. Estou sem emprego no momento; tenho o tempo, pelos menos por um pouco.

Amy Ryan inclinou-se para a frente a fim de ver Ben além de diversas outras cabeças.

— Ben, não sabia que você estava sem emprego. O que aconteceu? Ben deu de ombros.

— É uma história comprida.

Bev olho-o por apenas um momento.

— Você vai contar a eles?

Ben hesitou, por isso Bev mergulhou no assunto.

— Se querem falar de negócios sujos acontecendo, acho que Ben foi pego enfiando o nariz onde certas pessoas não queriam. Ele descobria alguma coisa, eu sei.

Ben desculpou-se.

— Ora, isso nada tem a ver com o assunto.

Mas Bev não desistiu. Alta, esguia e atlética, não era nenhuma fracota e podia ser muito persistente quando tinha de lutar pela verdade.

— Pode estar bem dentro do assunto. Sabem aquele suicídio que aconteceu há umas duas semanas?

Alguns sabiam, alguns não. Poucos podiam ver o que tinha a ver com qualquer coisa.

— Ben acha que foi assassinato, mas os tiras escondem a coisa. Acho que ele

chegou muito perto de descobrir e foi por isso que o despediram.

Ben levantou a mão e sorriu desculpando-se.

— Olhem, é uma ótima história. Contarei a todos vocês mais tarde. Mark disse sinceramente:

— Ben, oraremos a respeito disso esta noite. Ben assentiu com a cabeça.

— Obrigado. De qualquer jeito, tudo o que eu queria dizer era que ficarei feliz de fazer o que puder. Farei uma parte das andanças; apenas digam-me o que fazer.

Mark agradeceu a Wayne Corrigan e então foi até o centro da sala.

— Vamos orar. Acho que vamos ter uma verdadeira montanha de coisas para fazer, e todos os tipos de batalhas para lutar no nível natural; estaremos lutando contra intrigas dos homens, contra todas as jogadas de surpresa ocultas nos tribunais, contra o desafio financeiro que isto vai ser. Mas nenhuma parte da batalha vai ser vencida se não lutarmos em primeiro lugar onde a verdadeira batalha está ocorrendo, e isso é no reino espiritual.

— Pastor — disse Donna Hemphile — posso apenas dizer uma coisa?

— Pode falar.

Dona Hemphile colocou-se em pé e dirigiu-se ao grupo.

— Sinto um verdadeiro espírito de derrota no grupo esta noite, e apenas quero que todos nós saibamos que não precisamos aceitar nada disto! Deus é a nossa Vitória, e ele já venceu por nós! Tudo o que temos a fazer e nos adiantar e apanhar essa vitória, somente apanhá-la como fruta madura!

— É isso aí — disse alguém.

— Amém — disse Jack Parmenter.

Donna continuou falando nesses termos. Um discurso dela à congregação geralmente demorava mais do que o necessário, mas suas palavras eram sempre encorajadoras, e por isso todos aprenderam a tolerá-las com paciência.

Tal podia sentir o Espírito de Deus falando, e percebeu Cathy Howard ouvindo a voz suave do Senhor.

Cathy inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Mark:

— Meu bem, sinto um impedimento. Não confio nela.

Ele apertou-lhe a mão em sinal de que recebera a mensagem. Donna continuava.

— Temos o direito de falar o que quisermos e ver isso acontecer. Precisamos buscar em nossos próprios corações a força que é nossa!

Muito bem, já bastava. Mark rapidamente, com muito boas maneiras, tomou a palavra de Donna e continuou:

— Vamos todos clamar ao Senhor esta noite, e pedir-lhe que nos ajude e nos guie através desta coisa. Como disse Jônatas, o Senhor não é constrangido a vencer por muitos ou por poucos. Se Deus estiver do nosso lado, ele fará as coisas acontecerem exatamente da forma que ele as deseja. Oremos.

Os santos uniram-se em prece, um genuíno concerto de louvor e petição. Concordaram de coração, e como um corpo, eram um no propósito. Pediram a direção especial de Deus para Wayne Corrigan enquanto este trabalhava no caso, e clamaram ao Senhor em favor da escola. Jack Parmenter orou pelas crianças que ainda permaneciam na escola, para que sua educação e treinamento espiritual continuasse com força e clareza; a Sra. Fields orou por Tom, para que o Senhor lhe desse força e o reunisse aos filhos; Brent Ryan orou por Lucy Brandon e os outros que moviam a ação contra eles; Mark orou por Ben e seu problema de emprego.

Tal podia sentir um bom concerto de oração aqui — mas também se perturbava por uma presença má no grupo. Em algum lugar, de alguma forma, Destruidor havia plantado uma infecção invisível, insidiosa, e Tal podia senti-la crescendo. Destruidor havia trabalhado bem; na superfície, a infecção era quase impossível de se notar; seria difícil desmascará-la, e mesmo que o Exército Celestial pudesse revelá-la, os corações das próprias pessoas envolvidas teria de mudar antes que o germe pudesse ser exposto.

Mas da maneira comum, inconscientes das tendências ocultas, os santos continuaram a orar, e por enquanto bastava.

Ben orou pedindo ajuda, qualquer ajuda, que o Senhor pudesse lhes dar — alguém que soubesse o que fazer, onde olhar, como lutar.

E Tal recebeu sua ordem do Céu.

— Vá!—disse ele.

Nathan transmitiu a ordem aos dois mensageiros que esperavam logo do lado de fora da casa:

— Vão!

Os dois mensageiros explodiram instantaneamente em brilhantes vultos de luz e arremeteram ao céu com um ruflar de asas adornadas de pedrarias. Eles alçaram cada vez mais as alturas, a cidade de Baskon encolhendo-se até virar um aglomerado

de pequeninas luzes abaixo deles, perdida no centro de um vasto planalto de quadradinhos de plantações. Em seguida, eles dispararam como um raio rumo ao leste, passando sobre morros verdes e montanhas cobertas de florestas como se num salto instantâneo, os rios sinuosos, as estradas rurais e as auto-estradas cinzentas aparecessem à frente e sumissem atrás num piscar de olhos.

E então chegaram ao seu destino, outro aglomerado de luzes, embora muito maior do que Baskon, no meio de fazendinhas e de uma área rural. Eles mergulharam de cabeça naquele aglomerado que cresceu diante deles, tornando-se uma grade discernível de ruas, vicias, bairros, um novo centro de compras e o gracioso campus de uma faculdade. Ainda havia automóveis movendo-se continuamente para cima e para baixo na rua principal, besourinhos escuros com luzes vermelhas nas caudas e faróis dianteiros perscrutando as poças de luz que formavam na rua à sua frente. As luzes dos postes ardiam num âmbar cálido, agradável. Subindo o morro que ficava acima da rua principal, as luzes das varandas brilhavam em todas as casas onde as famílias estavam acomodadas para a noite com as lições de casa, arrumação da cozinha após o jantar, talvez um jogo de futebol na televisão.

Os dois mensageiros saíram do mergulho e dispararam pela rua principal, sulcando duas trilhas brilhantes entre as luzes dos postes. A seguir, diminuíram a velocidade até flutuarem acima de um pequeno escritório num prédio comercial, entre a nova padaria e uma loja de bicicletas. Deixaram-se cair através do telhado e pousaram na área do escritório da frente.

O lugar estava deserto; não era horário de expediente. Eles detiveram-se um momento a fim de olhar por ali. Esse humilde e pequenino lar do jornal da cidade não havia mudado muito desde a última vez em que haviam estado lá. As três escrivaninhas velhas ainda se encontravam ali, mas agora uma das duas máquinas de escrever havia sido substituída por um processador de textos, e o sistema de telefones havia sido promovido de uma linha para duas.

O escritório do editor, fechado por vidro, ainda era o mesmo — ainda não se encaixava nesse prédio entulhado, apertado, e ainda um tanto bagunçado. Na parede acima da escrivaninha encontrava-se um pequeno calendário indicando todos os jogos do próximo campeonato do time de futebol favorito do editor, e sobre a escrivaninha, num canto especial isolado de qualquer papel, galé, foto ou nota rabiscada, estavam fotografias emolduradas de uma bonita ruiva e alguém que tinha de ser sua filha, também bonita e também ruiva.

Logo atrás da divisória estava a sala do teletipo. Os mensageiros examinaram as notícias recentes emitidas. Encontraram a que queriam, separaram-na com cuidado das outras matérias para publicação, em seguida levaram-na ao escritório do

editor e colocaram-na bem no centro da sua escrivaninha.

Então, esperaram. Ele a veria. Estavam ali para garantir que ele a visse.

***

Precisamente às oito horas, uma chave virou na fechadura da porta da frente, a porta se abriu, um sininho em cima da porta *dingue-dongou,* e o editor entrou, acendendo as luzes, aumentando o termostato, dependurando o casaco e dirigindo-se à cafeteira. Ele despejou o pó ali dentro, encheu-a de água, e ligou-a na tomada, depois entrou no escritório.

Os dois mensageiros estavam lá, observando cada movimento que ele fazia. O homem ainda não olhava para a escrivaninha, mas em vez disso pôs-se a remexer em umas notas rabiscadas fixadas no quadro de avisos acima dos fichários, resmungando algumas palavras ininteligíveis de frustração contra alguém que não havia feito o que devia ter feito quando disse que faria. Ele derrubou alguns dos pinos do quadro de aviso, por isso teve de apanhá-los; e então, tendo removido alguns dos itens do quadro de avisos, descobriu que finalmente tinha pinos o bastante para prender cada item lá sem reuni-los, e isso o deixou satisfeito.

Então ele se dirigiu ao telefone sobre a sua escrivaninha e apanhou o aparelho. Seus olhos deram com a cópia do teletipo que os mensageiros haviam colocado ali, mas ele não lhe prestou muita atenção.

O Senhor falou.

Os mensageiros ouviram a sua voz claramente e se perguntaram se o sujeito grandalhão, ruivo, também ouvira. Ele ainda não discava o telefone, mas segurava o aparelho perto da cabeça sem se mover. Ficou daquele jeito por apenas um momento.

Ele sacudiu um pouco a cabeça — seu modo de dar de ombros que era menos que um dar de ombros — e depois começou a discar um número no telefone.

O Senhor falou novamente.

Ele estacou no meio da discagem e desligou o telefone. Os mensageiros chegaram mais perto a fim de ver melhor.

Sim, ele estava lendo a notícia. Ela dizia respeito à recente audiência na cidade de Westhaven, e falava do escândalo numa escola crista que abalava uma obscura cidadezinha rural chamada Baskon.

O Senhor falou. O homenzarrão sentou-se à escrivaninha e ouviu, segurando a notícia na mão, lendo-a novamente devagar.

Por fim, com voz baixa, grave, de quem acordou há pouco, ele disse:

— Bem, Senhor... o que deseja que eu faça?

16

Próximo do litoral Leste, no topo dos verdes montes acima de um rio pitoresco, gente do mundo inteiro havia encontrado um lugar especial para se reunir; com devoção, visão e suor eles haviam trabalhado para transformar um antigo acampamento da Associação Cristã de Moços num campus especial, um centro de aprendizado, enriquecimento pessoal e comunidade. O Centro Ômega para Estudos Educacionais estava agora em seu décimo quarto ano de existência e crescendo continuamente a cada ano, sustentado e elevado por professores, profissionais, estudiosos, artistas, intelectuais e peregrinos espirituais de todas as esferas de ação e de muitos países do mundo. O espírito que os ligava, que os motivava: uma visão e esperança de paz e comunidade mundiais; união com os ritmos da natureza e a eterna expansibilidade do Universo; a aceitação do impulso para mudar; o desafio do desconhecido.

Entre seus vizinhos, o Centro Ômega era descrito em termos de várias tonalidades, desde rótulos como "uma verdadeira vanguarda no potencial humano" até acusações como "uma seita satânica". As pessoas que trabalhavam, moravam e estudavam no Centro não se deixavam perturbar por isso. Sabiam que nem todos entenderiam sua missão e propósito imediatamente, mas agarravam-se ao sonho de que, com o passar do tempo, a união de todos os homens se manifestaria. Dedicavam-se a fazer com que isso acontecesse.

Era cedo numa manhã de sexta-feira. Cree, as asas desfraldadas e imóveis como as asas de uma gaivota, deixou-se cair sobre os topos dos bordos que cercavam a propriedade e deslizou acima da superfície lisa como vidro do Lago Pauline, passando silencioso os pequenos chalés de veraneio, balsas de mergulho, desembarcadouros flutuantes e canoas abicadas na praia. Ele subiria atrás do Centro, na esperança de evitar quaisquer espíritos que pudessem estar de sentinela perto do principal prédio da administração.

Ele diminuiu a velocidade, ergueu-se do lago e deixou-se ir perdendo altura até pousar na praia. A areia estava molhada de orvalho, e uma neblina subia do lago. Barcos a remos repousavam de barriga para cima sobre cavaletes; a área de natação, isolada por uma corda, refletia o desembarcadouro dos barcos como um espelho perfeito. De um lado, nos fundos, entre árvores, encontrava-se o barraco de equipamento. Cree atravessou-lhe sorrateiramente as paredes e se escondeu entre os remos das canoas, as bolas de vôlei e as raquetes de tênis.

Então ele se pôs à escuta. Não havia som algum. A hora estava certa. O

Centro parecia quase deserto agora. Era um breve período entre dois retiros educacionais. O grupo da semana havia terminado, feito as malas e partido quinta-feira à noite; o grupo de fim-de-semana deveria chegar naquela noite.

E mais importante ainda, o príncipe desse lugar estava ausente, sentindo-se descansado e confiante durante a calmaria, provavelmente em alguma missão de diabruras junto com o grosso das hordas demoníacas. As preces daqueles poucos santos fiéis na distante Baskon surtiam efeito; a cobertura de oração era leve, ainda em decadência, mas suficiente no momento, contanto que Cree e seus guerreiros escolhessem a hora exata.

As tropas celestiais estavam ali a fim de encontrar certo membro residente do corpo docente, uma senhora que vivia no alojamento dos professores.

Cree, com a aparência de um índio norte-americano de poderosos braços bronzeados e cabelos cor-de-ébano até os ombros, tinha toda a dissimulação e astúcia de um caçador habilidoso. Seus olhos penetrantes espiaram pela janela e até o outro lado do lago. Ele desembainhou a espada e permitiu que apenas a ponta brilhasse através da janela.

Das árvores próximas, dos barcos no lago, dos chalés e das casas de barcos, da espessa mata do outro lado do lago, pequeninos pontos de luz responderam, as pontas de centenas de lâminas angelicais.

Todos os guerreiros estavam nos lugares, prontos.

Cree acenou um sinalzinho rápido com sua lâmina. Um guerreiro apareceu de trás de um barco a remos, deslizou pela água mal roçando a superfície, ziguezagueou entre as árvores, e reuniu-se a Cree no barracão. Outro guerreiro surgiu de uma casa de barcos, disparou pela água, escondeu-se atrás do cais de natação, depois deu um jeito de chegar ao barracão também. Dois outros, arremetendo de árvore em árvore e voando baixo, completaram o número que Cree desejava. Eles permaneceram por um momento no barracão, colados às paredes, ouvindo, observando.

— Ela estará acordando logo — informou Cree. — Terá quatro guardando-a. Eles não são fortes, mas têm umas bocas daquelas. Não os deixem gritar.

Eles puxaram as espadas e puseram-se a atravessar o campus, negociando seu caminho de prédio em prédio, árvore em árvore, suavemente, sub-repticiamente.

***

— Claro, né, os zangões não prestam para grande coisa depois que terminam o vôo com a rainha, por isso são simplesmente atirados fora da colméia com o lixo. Eh! Conheço uma porção de homens que são assim mesmo, apenas bons para comer

e acasalar.

Pomeroy, jovial senhor aposentado de calças rancheiras, camisa de flanela e botas pesadas, falava sobre abelhas, seu passatempo e obsessão, e Sally apenas deixava-o falar, quanto mais ele falasse, menos ela teria de falar, e tanto menos perguntas teria de responder sobre si mesma.

Eles estavam na velha caminhonete Chevrolet de Pomeroy, com a grade sobre a parte de trás e o lado direito amassado; ele passara por cima de um toco ao tentar arrancar outro e contou-lhe sobre isso. Estava mesmo a caminho da casa de um colega apicultor a fim de examinar-lhe as colméias quando divisou essa moça solitária e errante na estrada, vestida de calças rancheiras e velha jaqueta azul, um gorro de meia azul na cabeça e grande mochila passada pelo ombro. Ele era o tipo amigável e não gostava de ver uma mulher sozinha pedindo carona; por isso, encostou, apanhou-a e fez-lhe pequena preleção sobre os perigos de pedir carona, e depois perguntou-lhe aonde ia.

— Ao Centro Ômega — respondeu ela.

Ela quase esperava uma reação negativa por parte desse pensador local, tradicional, mas aparentemente ele se havia acostumado com o Centro na vizinhança e não tinha ressentimentos, apenas curiosidade.

— Lá em cima deve ser interessante — observou ele.

— Não sei. Faz anos que não vou lá.

— Bem... estamos todos buscando, não estamos?

Sally não queria meter-se em nenhuma discussão profunda, mas respondeu mesmo assim.

— É, estamos mesmo.

— Sabe, eu descobri que o Deus da Bíblia é resposta espetacular as minhas perguntas. Já pensou sobre isso alguma vez?

Sally notou o chapéu de apicultura e o véu atrás do banco e usou isso para mudar de assunto.

— Ei, você cuida de abelhas?

E foi isso que levou o Sr. Pomeroy a começar a falar de trabalhadoras, zangões, rainhas, colméias, mel, extratores, e daí por diante. Sally achou bom. Tirava-os dos assuntos incômodos e dava-lhe uma desculpa para não ter de falar.

— Aquele Centro fica só uns poucos quilômetros mais adiante nesta estrada.

Posso deixá-la bem no portão da frente... Que tal?

O alojamento dos professores era um prédio novo, de dois andares, com vinte unidades. O revestimento externo das paredes de madeira compensada chanfrada de cor escura e o telhado de ripas combinava com a decoração geral do campus, rústico, silvestre, mas funcional. Cree e seus guerreiros encontraram abundância de lugares onde se esconder no espesso matagal logo abaixo das janelas dos fundos.

Numa das pontas do prédio, um braço escuro, de couro liso, caia através da folha fechada de uma janela e balançava do lado de fora, as garras prateadas andando distraídas, divertidas, de um lado para outro pela parede. Sim, havia espíritos inimigos por ali. Aquele devia pertencer a outro membro residente do corpo docente. Era esse o seu quarto.

A ponta oposta do prédio era uma parede lisa, sem janelas e flanqueada por grandes árvores. Cree nomeou uma sentinela, e então, enquanto a sentinela vigiava dos arbustos, os outros quatro guerreiros esconderam-se atrás daquela ponta do prédio, flutuaram parede acima e desapareceram no local do sótão. Então a sentinela seguiu-os.

Eles agacharam-se bem debaixo dos caibros, os pés na manta de fibra de vidro cor-de-rosa. Agora eles podiam ouvir um som leve, queixoso, não muito diferente do de um violino nas mãos de um principiante. Vinha de um dos cômodos não muito distante deles. Eles se adiantaram, o suporte do teto atravessando-lhes os peitos enquanto caminhavam. Agora eles se encontravam em cima do som.

Cree lançou-se para a frente, mergulhando lentamente através da fibra de vidro e das vigas do teto até poder olhar dentro do quarto.

Sim. Haviam encontrado o quarto de Sybill Denning, antiga educadora, bondosa e matronal, cochilando em sua cama, não completamente acordada. Aparentemente, ela se deliciava com alguns fragmentos de sonhos que ainda brincavam na sua cabeça, e não estava pronta ainda para abrir os olhos.

Sentado ao seu lado na cama, um espírito brincalhão, pequenino, revolvia-lhe o cérebro com o dedo como se estivesse mexendo numa tigela de sopa, cantando baixinho para si mesmo, dando risadinhas entre suas frases monótonas, ásperas, enquanto lhe pintava quadros na mente.

— Você vai gostar deste aqui — provocou ele soando como um corvo. — Vamos... deixe seu corpo e toque a lua...

Havia três outros espíritos no quarto, um pendurado na parede como um morcego, um de costas sobre o tapete com os pés cheios de garras no ar, e um

deitado numa ponta da cama como que dormindo. Eles lembravam a Cree jovens delinquentes escondidos em algum antro proibido, alegremente cometendo pecado em segredo.

— Oh, não lhe dê *esse* aí outra vez — disse o espírito pendurado na parede.

— Por que não? — perguntou o pintor de sonhos. — Ela sempre acredita.

— Posso fazer um melhor.

— Hoje à noite e a sua vez.

Cree ergueu os olhos aos guerreiros. Eles estavam prontos. Os olhos amarelos do pintor de sonhos dançavam de prazer ante sua própria esperteza.

— Ôôôô, lembra-se deste lugar? Você já esteve aqui antes. É parte de você!

Um clarão ofuscante! Quatro anjos, quatro demônios! Espadas rutilantes, fumaça vermelha!

A Sra. Denning acordou assustada.

Oh! Era de manhã. O que havia estado sonhando? Andando sobre a lua, tocando-a, conhecendo-a como se a tivesse feito. Sim. Que lindo! Talvez fosse verdade, apenas enterrada por trás de um véu de esquecimento. Algum dia precisava analisar o que poderia significar.

Ela sentou-se. Sentia-se descansada mas não cheia de energia. Por algum motivo, sua inspiração normal não estava presente. Talvez o trabalho da semana anterior lhe tivesse esgotado o poder.

Cree e seus guerreiros se reagruparam no sótão a fim de vigiá-la. O quarto estava vazio agora, exceto por ela.

Ela levantou-se, vestiu-se, e desceu as escadas. Talvez uma breve caminhada nessa manhã fresca e clara despertasse outra vez seu potencial intimo e botasse os humores criativos em circulação. Sempre havia funcionado antes.

***

— Isso mesmo, aqui está — disse o Sr. Pomeroy, encostando perto de uma larga entrada de pedriscos que se curvava para dentro do bosque. Logo ao lado da estrada havia uma bonita placa tratada com jatos de areia: CENTRO ÔMEGA PARA ESTUDOS EDUCACIONAIS.

Sally empurrou a porta e pulou fora.

— Muito obrigada.

— Que Deus lhe abençoe — disse o bondoso homem. *Mais pensamentos tradicionais,* pensou Sally.

— Claro. Cuide-se.

Ele acenou com a cabeça e sorriu. Ela fechou a porta da cabine e tirou a mochila da carroceria da caminhonete. Deu com a mão e ele se foi, aparentemente com abelhas e colméias na cabeça.

O som da velha caminhonete se esvaneceu, e então ficou apenas o silêncio dessa manhã montanhosa. Sally se postou imóvel por um momento, apenas olhando para aquela placa. Achou que eles provavelmente a haviam repintado em alguma ocasião, mas fora isso, ainda era a mesma. A entrada de pedriscos também era a mesma. Quantos anos se haviam passado? Pelo menos dez.

Ela temia, mas tinha de arriscar-se. Começou a subir a entrada de pedrisco, vigiando cuidadosamente todos os lados. Tentou lembrar-se como era, onde estava tudo. Tinha a esperança de que nada lhe escapasse à observação e a surpreendesse.

***

A velha caminhonete do Sr. Pomeroy subiu roncando pela estrada montanhosa e fez uma longa e constante curva. Quando a estrada passou por trás de um fechado bosque, o som da caminhonete sumiu depressa, substituído pelo farfalhar murmurante de asas sedosas.

Quando a estrada reapareceu, Si, o escuro indiano, estava no ar, as asas desfraldadas e a espada na mão. Com uma explosão de energia, ele ganhou altura em linha quase reta e circulou de volta na direção do Centro.

***

A Sra. Denning sentiu-se melhor ao ar fresco, andando pelo caminho liso de asfalto que ficava entre as salas de aula e os salões de reuniões. Logo o campus estaria cheio de gente outra vez e essa solidão repousante terminaria. Certamente estava agradável a essa hora; lá ia um esquilinho subindo aquela árvore, e como os pássaros tagarelavam!

Oh, o que era aquilo? alguém chegando antes da hora? Pouco adiante do campo de esportes, uma jovem subia a estrada principal que levava ao conjunto. Seus olhos se encontraram.

Cree tocou os olhos da Sra. Denning. *Calma lá... não enxergue muito bem.* Então ele disparou para dentro das árvores e fora de vista. Em algum lugar, os outros guerreiros estavam presentes, prontos e invisíveis.

Sally olhou cuidadosamente aquela mulher de quem se aproximava. Ela não tinha certeza de quem pudesse ser. Tinha medo que pudessem ter-se conhecido antes.Continuou andando.

Enfim, as duas mulheres encontraram-se face a face na frente do pitoresco Café Cabana de Toras.

— Alô - disse a Sra. Denning. — E quem seria você?

Sally sorriu, mas sua mente estava instantaneamente distante, a mais de dezoito anos de distância.

Conheço esta mulher.

A mulher diante dela, trajando calças cinza e um moletom esportivo do Centro Ômega, era dezoito anos mais velha, mais grisalha, o rosto mais enrugado. Mas os olhos cinza ainda tinham o mesmo brilho, e a cabeça ainda tinha a mesma inclinação brincalhona quando ela falava. Era Sybil Denning!

Sally encontrou a língua e o nome que havia resolvido usar.

— Umm... Sou Bethany Farrell. Apenas passava por esta área, e alguém me disse que eu poderia encontrar um lugar para ficar aqui em cima.

A Sra. Denning sorriu.

— Oh, até pode ser que sim. Temos lugar onde se pode acampar para passar a noite aqui, e alguns bons chalés. Estamos esperando gente que chegará para um retiro de fim-de-semana esta tarde, mas é um grupo pequeno. Estou certa de que ainda teremos alguns quartos desocupados. O que tinha em mente?

— Oh... apenas um lugar quente abrigado da chuva, alguns cobertores, talvez um colchão.

A Sra. Denning riu.

— Oh, podemos oferecer um pouquinho mais do que isso! Escute, o escritório ainda demora algumas horas para abrir. Acho que os Galvins já estão de pé agora; talvez abram o restaurante e a gente possa tomar uma xícara de café, está bem?

—Está.

A Sra. Denning voltou-se rumo ao Café Cabana de Toras, e Sally a seguiu.

— A propósito, sou Sybil Denning.

— Prazer em conhecê-la.

— Desculpe. Como é mesmo o seu nome?

— Bethany Farrell.

A Sra. Denning se deteve no grande pátio à frente do restaurante.

— Bethany Farrell... — Ela fitou Sally fixamente por um instante. — Não sei por que tenho a impressão de conhecê-la. Como se escreve seu último nome?

— F-a-r-r-e-l-l.

A Sra. Denning sacudiu a cabeça um pouco.

— Não... não parece familiar. Diga-me, já nos encontramos antes?

***

O sargento Mulligan dirigiu-se ao Correio assim que recebeu o chamado. Estacionou o carro silenciosamente, subiu as escadas silenciosamente, e silenciosamente encontrou a agente do Correio Lucy Brandon, e então quase estourou uma veia tentando conter-se.

— Oi, Lucy — disse, provavelmente alto demais.

— Oh, oi, Haroldo — respondeu ela de trás do balcão. Ajudava uma freguesa a resolver se mandava algo de primeira ou quarta classe, e a pequena senhora não parecia conseguir decidir-se. Lucy voltou-se para Debbie, que acabava de entregar uma caixa de pintinhos a uma ginasiana atordoada.

— Debbie, você poderia terminar de servir a Sra. Barcino?

Debbie foi até lá e começou a verificar o peso do pacote na balança.

— Quarta classe?

A Sra. Barcino ainda não estava satisfeita.

— Bem, não sei... Assim é meio lento, não é?

Lucy apressou-se ate a sala dos fundos e abriu a porta marcada Reservada Aos Funcionários para Mulligan. Ele entrou, a mão no quadril, os pés arrastando-se nervosamente. Lucy nada disse, mas entrou depressa atrás de uma divisória para ficar isolada. Mulligan seguiu-a e quando ambos estavam resguardados de algum olhar vigilante, ela mostrou-lhe uma carta, ainda no envelope fechado.

Ele a tomou em seus grandes dedos, leu o endereço e o endereço do remetente, na realidade, apenas um nome, e nada disse. Não podia pensar em nada para dizer.

Era uma carta endereçada a Tom Harris. O nome no canto esquerdo superior era Sally Roe.

— Quando foi que isto chegou? — perguntou Mulligan.

— Hoje. E olhe a data do carimbo: de três dias atrás apenas. Mais uma vez Mulligan não podia pensar em nada para dizer. Lucy estava muito preocupada.

— Não entendo. Acho que poderia ter ficado perdida em algum canto, ou ter sido reenviada, não sei, mas... existe apenas um carimbo, e a... meio país de distância.

Mulligan murmurou:

— Alguém está sendo bem mórbido. É uma piada.

— Bem, não tem endereço para o qual a possamos devolver. Não sei...

— Podemos abrir esta coisa?

— Não, não podemos mexer com a correspondência...

— Mmm.

— Mas é meio apavorante. A data é posterior ao suicídio de Sally Roe. E se Sally Roe ainda estiver viva em algum canto?

Mulligan não respondeu muito bem a pergunta.

— Não está! Isso é loucura!

Ela levou o dedo ao lábio a fim de fazê-lo aquietar-se.

A atenção de Debbie, contudo, foi chamada por aquela explosão. Ela havia terminado de atender à Sra. Barcino e podia ver só um pouquinho do que ocorria por trás da divisória.

Ele esforçou-se para encontrar uma resposta.

— Bem... ouça, não sei o que é tudo isto, mas deixe-me levar a carta comigo e averiguar o que está acontecendo.

— Mas ... é correspondência! Ele ergueu a mão.

— Ei, estamos apenas atrasando-a, só isso. Precisamos averiguar o que está acontecendo.

— Mas...

— Se Tom Harris algum dia receber esta carta... Nunca se sabe, poderia atrapalhar a sua ação judicial.

Lucy hesitou quando ele disse isso.

— Mas estou preocupada com a lei...

— Não se preocupe com isso. Protegeremos você. Apenas farei alguns amigos examinarem isto aqui, e devolveremos a você.

— Você não vai abri-la ...

— Não se preocupe. Simplesmente não se preocupe.

Ele colocou a carta no bolso e saiu de lá, deixando Lucy perturbada, curiosa, nervosa e, sim, preocupada.

Quando ele colocou a carta no bolso, Debbie viu o que ele fez. Ela não sabia o que tudo aquilo significava; apenas achou que podia ser algo de que valesse a pena lembrar-se.

Debbie não foi a única que viu aquilo. Dois espiritozinhos seguiam Mulligan, adejando sobre seus ombros como enormes mosquitos, cuidadosamente de olho na carta, fungando e sibilando numa frenética conversa secreta.

Mulligan entrou no carro e ligou o motor. Teria de dar alguns telefonemas quando voltasse à delegacia.

Os espíritos tinham visto o suficiente.

— Destruidor! — sibilou um deles.

— Ele nos recompensará por isto! — babou o outro.

Eles dispararam pela rua, inclinando-se sobre as capotas dos caminhões e carros, desviando-se dos postes, voando por aqui e por ali entre as lojas e negócios e através deles. Destruidor ainda devia estar por perto; eles o encontrariam.

Logo abaixo deles, despercebido, um grande carro marrom desceu a rua Fronte. O homenzarrão que o dirigia passava calmamente pela cidade, apenas procurando ter uma impressão do lugar. Não era grande coisa, esse lugar. De um lado ficava o único posto de gasolina da cidade, que se gabava de oferecer preços módicos e consertar de graça pneus para as senhoras. Ao seu lado estava a Mercearia Baskon, um armazém veterano de muitas épocas difíceis, da mesma forma que o velho trator enferrujado estacionado ao seu lado em grama da altura dos eixos.

Do outro lado da rua ficava a Casa Agrícola de Ração Myers. O lugar parecia estar indo bem nos negócios, havia uma porção de gastas caminhonetes estacionadas à sua volta e diversos chapéus de tratoristas por ali. Então vinham os elevadores de grãos, as elevadas sentinelas que eram visíveis por muitos quilômetros e traziam o nome da cidade para qualquer pessoa que pudesse estar-se perguntando o que todas essas pequenas construções faziam no fim do mundo. O supermercado Bom Preço parecia fora de lugar, precisava de outras lojas a seu redor para parecer certo.

— Então, aonde vamos agora? — perguntou o homem grandalhão à esposa.

Ela estava sentada ao seu lado, pelo menos tão radiante na vida real quanto naquela fotografia que ele sempre mantinha em sua escrivaninha.

— O que era aquela igreja que passamos lá atrás?

— Metodista, acho.

— Oh, aqui está uma luterana.

— É. Muito atraente.

— Então, onde podemos encontrar uma Igreja Comunitária?

— Estamos saindo fora da comunidade, Kate. Teremos de voltar.

— Acho que é melhor perguntar a alguém.

Ele encostou na frente da Barbearia do Max, muito no interesse dos dois sossegados cavalheiros aposentados que ocupavam suas cadeiras de madeira na varanda da frente.

— Alô — cumprimentou ele, e os dois se puseram de pé e chegaram mais perto.

— Ora, olá — respondeu Ed.

— Que desejam? — perguntou Mose.

— Estou à procura da Igreja Comunitária do Bom Pastor.

Os dois homens grisalhos se entreolharam e trocaram uma piada silenciosa e intima com os olhos.

Ed reclinou-se contra o carro e quase botou a cabeça para dentro através da janela.

— É outro repórter?

— Bem... de certa forma, sim. Uh, não exatamente.

Mose postou-se atrás de Ed para fazer a sua pergunta, enquanto Ed permanecia ali, o nariz quase atravessando a janela, dando uma olhada naquele sujeito grandalhão.

— Acho que ninguém está na igreja agora. Mas a escola está aberta, e talvez o pastor esteja lá, mas ele e aquela outra senhora...

— A Sra. Fields — disse Ed.

— Isso. Eles devem estar muito atarefados com as crianças no momento. Mas Tom Harris é o quente nessa história. Se você quiser ver *o homem* ...

O homem olhou para a esposa. Ela já estava com uma sobrancelha erguida. A coisa *era* notícia importante nesta cidadezinha. Ele se voltou para Mose... e Ed, o que era inevitável.

— Está bem. Onde posso encontrar Tom Harris?

— Está quase lá. Suba até o banco, vire à direita. Aquela é a Estrada do Lago. Continue por uns oitocentos metros, e verá primeiro a igreja, à esquerda, e então a casa do Tom Harris fica logo do outro lado do lago, à direita, uma casinha branca com um terraço de vidro na banda sul.

— De onde você é? — perguntou Ed.

— Você nunca ouviu falar do lugar.

— Só estava perguntando.

Ed afastou-se do carro e deu um pequeno aceno quando o cairão partiu. Mose apenas ficou olhando com um sorriso no rosto. Ed moveu a cabeça com grande convicção.

— Ele é repórter, Mose. Sei que é.

***

Tom repassava algumas notas que ele havia feito para alguns dos interrogatórios que teriam em breve. Wayne Corrigan havia dito que a ACAL provavelmente tentaria evitar responder à maioria delas, mas ele ia perguntar de qualquer forma. Tinha uma porção de perguntas a fazer àqueles tipos, e ia começar ali mesmo.

Alguém bateu à porta. Ele fechou a pasta e a enfiou na prateleira.

Então abriu a porta. Seu primeiro pensamento foi o de que se defrontava com outro grupo de jornalistas, mas esses dois eram provavelmente casados, pelo modo como ficavam perto um do outro. O homem era alto e aparentemente forte, cerca de meia-idade, vestido esportivamente. A esposa era atraente, também em trajes esportivos, mas irradiando tranquila dignidade.

— Tom Harris? — perguntou o homenzarrão.

— Sim — respondeu ele, sem fazer nenhum esforço para esconder seu aborrecimento com os dois estranhos. — E quem são vocês?

— Meu nome é Marshall Hogan, e esta é a minha esposa, Kate. Viemos de

muito longe e gostaríamos de conversar com você.

17

Tom fez da ocasião um almoço. Convidou Mark e Cathy, Ben e Bev, e Wayne Corrigan. Corrigan estava no tribunal e não pôde ir, mas os outros foram correndo. Juntaram seus sanduíches, batatinhas fritas, saladas e refrigerantes e se reuniram com os dois de fora no quintal de Tom para um encontro das mentes, uma séria averiguação daquele Marshall Hogan. Claro, ele era cristão, e claro, ele próprio havia passado por interessante batalha espiritual, mas também era membro da imprensa, e a essa altura a imprensa não era considerada amistosa ou confiável.

Eles se sentaram num círculo de cadeiras no quintal, mastigando sanduíches e falando seriamente. Marshall contou em estilo conciso, jornalístico, a aventura que havia tido na cidade de Ashton. Eles ficaram pasmados. Naturalmente, a conspiração de base ocultista para controlar Ashton e o desmantelamento daquela conspiração não foi reportado na imprensa nacional. Ninguém dos que se sentavam no quintal aquele dia havia jamais ouvido falar do lugar e do que havia acontecido lá.

— E eu também jamais teria ouvido falar de vocês — disse ele — se a coisa toda não tivesse tanto potencial para escândalo. Olhem, este tipo de coisa a imprensa chama de notícia. Vende jornais, e foi assim que chegou a mim, via teletipo. Pelo que vi no material para publicação, lendo nas entrelinhas, naturalmente, vocês enfrentam a mesma coisa que nós enfrentamos, só que pior.

Mark perguntou:

— Então você não se decepcionou com os relatos de nosso "comportamento religioso chocante"?

— Talvez vocês sejam chocantes. Talvez sejam como tantos cristãos que vêm um demônio debaixo de cada toalhinha de crochê. Talvez mereçam a ação judicial e a publicidade que têm. — Marshall fitou cada um deles nos olhos ao falar. — Ou talvez toda essa coisa seja legitima. Se for, então eu poderia ficar por aqui e fazer o que puder para ajudá-los. Tenho uma moça que pode cuidar do jornal enquanto eu estiver fora; posso cuidar das minhas próprias despesas até certo ponto. Sou bom em bisbilhotice, sei como desenterrar coisas, e sei brigar. Se esta coisa for o que parece ser, então estou disposto a colocar-me à sua disposição, e Kate também.

Poderia ser essa uma resposta à oração? Mark se dispunha a explorar isso um pouco mais, e os outros concordaram. Resolveram contar a Marshall os detalhes da ação judicial e o estranho incidente com Amber Brandon que deu início a tudo. Marshall ouviu atentamente a história toda, e pareceu acreditar nela.

Então, Marshall perguntou:

— E daí, a Ametista apareceu alguma vez novamente? Tom pensou a respeito da pergunta.

— Não da mesma forma. Amber ficou quieta, mas andava realmente muito estranha... deprimida, nervosa, desatenta. Ela não conseguia parar durante as nossas devoções matutinas e não podia suportar ouvir a Palavra de Deus. Agora sabemos por quê. Ametista não podia mais manifestar-se na escola, mas nunca foi embora de vez.

— Um caso mais difícil do que você imaginou, talvez? Tom voltou-se para Cathy Howard.

— Por que não conta a ele o que Alice Buckmeier lhe disse?

— Alice Buckmeier é uma viúva que frequenta a nossa igreja. É um amor — explicou Cathy. — Não faz muito tempo, quase na mesma época em que esta ação começou, Alice estava no Correio enviando um pacote quando ouviu uma grande comoção e viu Amber berrando com uma freguesa. Lucy Brandon, a agente, saiu da sala dos fundos e tentou aquietar Amber, mas a menina continuava berrando, e Alice disse que Amber empinava como um cavalo, correndo em círculos em torno da mulher e berrando com ela e quase matando-a de susto. A mulher saiu correndo realmente apavorada, e Alice ficou apenas... ela apenas ficou parada ali, realmente abismada.

— Quem era a mulher? Cathy deu de ombros.

— Alice não sabia; nunca a tinha visto antes. De qualquer forma, Lucy Brandon correu atrás de Amber pelo saguão do Correio por muito tempo, e acho que finalmente Amber se acalmou e agiu como se nada tivesse acontecido, como uma mudança total de personalidade. Ora, isso parece... bem...

Marshall deu um assobio ao ouvir a história.

— Isso parece cada vez mais convincente. Tom, triste, apenas meneou a cabeça.

— Tente só convencer o resto do mundo.

— Certo. — Marshall tirou alguns recortes de notícias de sua pasta. — O jornal *Estrela do Condado de Hampton* parece saber tudo a respeito de vocês.

— E a maioria dos jornais grandes também — acrescentou Mark. — Foi transmitido via UPI e AP. Imagino que o país inteiro fale disso agora.

— Oh, claro. Vejo que eles exploram o ângulo de abuso infantil: "Crianças

Vítimas de Comportamento Fundamentalista Bizarro." Bom. Ou que tal este aqui do litoral Leste: "Religião como Abuso: Por Trás das Portas de uma Escola Particular." Oh, eu ia perguntar-lhes a respeito deste aqui: "Escola Cristã Responde à Intimação do Tribunal." Diz aqui que vocês ainda não haviam resolvido se obedeceriam ou não à ordem do tribunal. Onde está aquela citação? Aqui. "Precisamos obedecer antes às leis de Deus do que às dos homens", disse o Pastor Mark Howard.

Mark assentiu com a cabeça e teve de dar uma risada.

— Sim, eu disse essas palavras, mas acho que minha declaração toda foi a de que havíamos ouvido gente dos dois lados da questão, e que alguns haviam dito que deveríamos obedecer às autoridades estabelecidas por Deus, e alguns haviam dito que deveríamos obedecer antes às leis de Deus do que às leis dos homens. Acho que eles pegaram a última parte da minha declaração, mas não a primeira.

— E então, o que resolveram?

— Por enquanto, nos submeteremos à ordem do tribunal. Achamos que seria melhor para nós até que essa ação seja resolvida. Depois então teremos apenas de examinar a questão novamente.

Bev falou:

— Isso só vem mostrar como as pessoas que têm o poder podem decidir o que sabemos e o que não sabemos. É a mesma coisa que aconteceu com o Ben.

— Isso não é nada... — começou Ben a dizer. Bev ficou furiosa.

— Nada? Deixou você sem emprego, e não chamo isso de nada! Cathy defendia Bev.

— Tem alguma trapaça acontecendo lá no Departamento de Polícia. Uma senhora foi morta algumas semanas atrás, e eles dizem que foi suicídio, mas Ben acha que foi assassinato, e agora eles escondem a coisa toda.

— E a *Estrela* também esconde — explicou Bev. — Você viu aquele artigozinho de nada dizendo que a coisa toda era suicídio? — Marshall apenas começou a menear a cabeça. — Aí, está vendo? Você também não o viu. Eles não queriam que ninguém visse.

Marshall conseguiu inserir uma pergunta.

— Ben, o que aconteceu com o seu emprego?

— Eles o puseram na rua — adiantou-se Bev. — Ele sabia demais. Ben riu e colocou o braço em torno da esposa.

— É como eu vejo a coisa, sim. Marshall considerou aquilo.

— Está bem. Talvez tenhamos de conversar mais a respeito disso depois. Mas voltemos agora ao cerne do problema, que é Amber. Tom, você mencionou algo a respeito de ela alegar ter aprendido todo esse negócio na classe da escola primária...

— Certo. A classe da Srta. Brewer. Posso acreditar nisso. As escolas têm experimentado uma porção de currículos novos. Pode ser que algum tipo de ocultismo mal disfarçado tenha vindo junto.

— O que você sabe a respeito da Srta. Brewer?

— Nada de nada. Acho que ela é nova este ano. Cathy confirmou.

— Sim, ela é nova. Tenho umas amigas que a conhecem.

— Muito bem, teremos de conversar com elas e ver o que sabem. A própria Srta. Brewer pode ter trazido um currículo ou talvez o conselho escolar esteja experimentando algo novo. De qualquer jeito, seria bom saber como Amber tornou-se no que é, e conseguir prová-lo. Que tal, Kate? Não está com vontade de fazer uma visitinha à Srta. Brewer?

Ela ergueu os olhos das suas anotações e sorriu ao pensar na aventura.

— Morrendo de vontade.

— Agora... pessoas de interesses parecidos tendem a agrupar-se, da mesma forma que fazemos agora, e isso é chamado de entrelaçamento. Uma vez entrelaçadas, as pessoas começam a trabalhar juntas, e isso lhes dá um poder que não tinham antes. Gostaria de saber o quanto esta cidade está interligada por quaisquer grupos de ocultismo ou do tipo cósmico. Eles podem já estar nas escolas. Talvez também se tenham infiltrado noutras áreas de poder.

— Temos o CírculoVital — informou Mark.

— Algum tipo de comunidade ocultista?

— Oh, sim, a gente ouve falar muito deles pela cidade, e eles vendem ervas e literatura mística, holística, lá na Mercearia. Eles se dizem algo como "um círculo de apoio de amigos devotados ao crescimento e evolução pessoais".

— Quem pertence a esse bando?

Todos.eles começaram a se entreolhar. Ninguém sabia ao certo quem estava envolvido naquilo.

— Não sei de ninguém assim de pronto — explicou Mark. — Eles não funcionam muito em público; não ficam muito visíveis.

— E a Srta. Brewer? Ninguém sabia.

— E Lucy Brandon? Não houve resposta.

— Bem, é melhor descobrirmos então. Não podemos ver nada ainda, e pode não ser exatamente esse grupo Círculo Vital, mas o que procuramos é algum tipo de conexão, algum tipo de ligação entre esses sujeitos da ACAL, Claire Johanson, Lucy Brandon, a Srta. Brewer e, finalmente, Amber. Temos de conhecer o inimigo antes que possamos enfrentá-lo. — Marshall terminou com as últimas gotas do seu refrigerante. — E acho que vocês sabem que esta é uma batalha espiritual. Como andam as coisas nesse departamento? Vocês têm bons guerreiros de oração?

A reação não foi imediatamente afirmativa. Havia dúvida à volta toda, em cada rosto.

Mark tentou explicar.

— Tem sido duro por causa da ação judicial, por causa das acusações atiradas contra Tom. As pessoas aqui presentes hoje estão todas orando, mas a igreja está de fato tendo dificuldades com a coisa toda, e temos muitas pessoas aborrecidas. Ainda tento dar um jeito de controlar toda a conversa que tem saído por aí.

— Então, o pessoal conversa e não ora? Mark assentiu com a cabeça.

— É mais ou menos isso.

Marshall pensou sobre aquilo e moveu a cabeça afirmativamente.

— Parece uma estratégia de Satanás. Sc ele puder dividir a igreja e separar vocês em campos, seu trabalho será um piquenique.

— Bem — propôs Mark — podemos certamente orar agora, só nós. Sei que *nós estamos* juntos neste negócio.

— É, vamos fazer isso — concordou Ben.

Eles oraram, e demoraram bastante tempo fazendo-o. Marshall e Kate se uniram a eles, e isso significou muito para todos. Havia definitivamente uma união ali, uma unidade de espírito. Aquele homenzarrão vindo de tão longe e a esposa não pareciam estranhos de forma alguma, mas companheiros de combate. Isso era a mão de Deus.

Não muito depois de Mark ter dito o último "Amém", Marshall fez a pergunta final.

— E então, o que lhes parece? Querem deixar a gente entrar nessa, e ver o que acontece?

Agora eles estavam prontos. Mark estendeu a mão e ele e Marshall selaram o acordo com um aperto.

— Temos comunhão, irmão.

— Muito bem, então. Já tenho alguns projetos em mente. Cathy, veja o que as suas amigas podem nos dizer acerca da Srta. Brewer, e depois Kate irá fazer-lhe uma visita em pessoa. Bev, precisaremos conversar com Alice Buckmeier a respeito daquele incidente no Correio, e, se possível, obter mais detalhes com ela; talvez então possamos descobrir onde foi que Amber conseguiu esse amigo cavalinho e com que realmente estamos tratando. Verei se consigo averiguar esse Círculo Vital e descobrir quem está envolvido.

Pareceu muito bem a todos.

O grupo começou a se desfazer. Cathy e Bev puseram-se a tirar os pratos da mesa de piquenique. Mark e Tom a dobrar as cadeiras.

— Oh, Ben... — chamou Marshal, e Ben reuniu-se a ele junto da cerca dos fundos. Marshall recostou-se na cerca e correu os olhos por um pasto verde, largo, que dava para o quintal de Tom. — Você era um tira, não era?

— Sim. *Era.* Eles me mandaram embora há duas semanas.

— Por que chegou perto demais de algo que eles tentavam esconder? Ben sorriu, desculpando-se.

— Bem... em retrospecto, não sei ao certo. É só que a coisa me parecia suspeita.

— Digamos que você *descobriu* alguma coisa. Conte-me o que foi. Ben olhou umas vacas malhadas pastando preguiçosamente à distância.

— Não tenho a menor idéia, Marshall. Era simplesmente que a falecida, uma mulher chamada Sally Roe, foi morta de forma bem violenta — pelo menos foi assim que a evidência me pareceu. Havia sinais de luta, uma blusa manchada de sangue, um pouco de ração de cabras derramada. O corpo, encontrado num cercado de cabras, jazia no chão como se uma luta violenta tivesse ocorrido. O médico legista atribuiu a morte a asfixia por enforcamento, o mesmo que a conclusão inicial do sargento Mulligan, mas não acho que essa conclusão se encaixe na situação encontrada na cena. Quando a senhoria, dona Potter, encontrou o corpo, ele não estava dependurado dos caibros; não estava com uma corda em torno do pescoço, nem havia corda alguma amarrada aos caibros. A falecida tinha uma corda na mão. E o corpo jazia no capim, do mesmo jeito que o encontramos. Também me perturba o fato de que quando recebemos o chamado, o sargento Mulligan se referiu a ele

como suicídio antes mesmo de ter ido lá, e eu sei que não lhe dei nenhuma informação na ocasião que dissesse isso.

Ben continuou:

— Acrescente a isso algo inquietante que descobri ao conversar com gente que conhecia a Roe antes que esta morresse: a descrição que me deram de Sally Roe não se encaixa com a descrição da mulher que encontramos no cercado das cabras, o que faz surgir algumas implicações assustadoras. A coisa toda não faz sentido algum, e ainda estou perturbado por isso.

— Vejo que vocês têm toupeiras nesta parte do país também — disse Marshall, apontando alguns montinhos novos no quintal.

Ben ficou um tanto desapontado. Aparentemente as suas preocupações não eram importantes para esse homem que se dizia tão interessado nos problemas que ele e seus amigos enfrentavam.

— Bem... sim. É difícil ficar livre delas. Quando surgem no meu quintal, fico só tirando os montinhos para que não matem a grama. Não há muito que a gente possa fazer.

Puxa, pensou Ben, que conversa idiota isto está virando.

— Parece que os vizinhos também têm o mesmo problema. — Marshall apontou diversos montinhos no pasto.

— É, elas dão suas voltas — explicou Ben, pronto para pôr um fim naquela conversa desapontadora, pondo-se a olhar em volta.

— Duas propriedades diferentes aqui — disse Marshall, olhando para cima e para baixo da cerca. — Tom tem uma toupeira, e aquele sitiante tem uma toupeira. — Então Marshall olhou para Ben um momento, esperando pela atenção total deste. — Quanto você quer apostar que *os* montinhos deste quintal e os montinhos daquele pasto foram feitos pela mesma toupeira?

Ben reteve todos os outros pensamentos e prestou atenção. Esse sujeito queria dizer alguma coisa que parecia interessante. Marshall enfatizou seu ponto.

— Ben, daqui de cima do chão, pensamos em termo de limites de propriedades, de domínios separados. Tom tem o seu quintal, o sitiante tem o seu pasto, e as duas propriedades se dividem por esta cerca. Mas e aquela toupeira? A cerca não a detém; ela apenas vai onde quer que queira ir e faz subir seus montinhos de terra, e, no que lhe diz respeito, é tudo apenas um grande pedaço de chão.

— Continue — pediu Ben.

Marshall sorriu, os olhos fechando-se um pouquinho por causa do sol, a brisa soprando seu cabelo ruivo.

— A Academia do Bom Pastor tem um problema e você tem um problema. A Academia tem uma toupeira, e você tem uma toupeira. Estou sugerindo que poderia ser a mesma toupeira. Falamos de guerra espiritual aqui; os espíritos não querem nem saber de quem é o quintal, ou onde as nossas cercas possam estar.

— E então, o que diz você?

— Digo que me sentirei muito melhor se você e eu conseguirmos descobrir tudo o que for possível a respeito dessa tal Sally Roe.

Ben sentiu-se melhor.

— Sabe, eu esperava que alguém visse a coisa dessa maneira.

— Acho que Bev já viu.

Ben considerou isso com cuidado.

— Viu mesmo. — Então ele desencavou uma idéia enterrada. — Eu ia fazer uma averiguação criminal da Roe antes de ser despedido. Acho que ainda poderia fazer uma averiguação; tenho um amigo na polícia de Westhaven que poderia fazer isso para mim.

Marshall examinou de novo os montinhos de terra.

— Mal posso esperar para ver.

18

Sybil Denning era uma pessoa bondosa e dada, e jamais parecia esgotar seu estoque de palavras ou tópicos. Ela e Sally passaram a maior parte da manhã perambulando pela propriedade do Centro Ômega para Estudos Educacionais enquanto a Sra. Denning indicava todos os prédios, para que serviam, e que novos projetos estavam correntemente sendo efetuados.

— Esta praça deve estar pronta em algumas semanas — disse ela, apontando um grande pátio do tamanho de uma campo de bola ao cesto, mas sem nenhuma das marcas e limitada por cercas vivas recém-plantadas. — O programa Tai Chi Chuan ficou tão popular que achamos apropriado criar um espaço eficaz para ele.

Elas caminharam mais adiante.

— Este é o teatro de espetáculos. Tem quatrocentos lugares, e é a nossa vitrina para todas as modalidades de arte tais como música, movimento, dança, poesia, drama e assim por diante. Oh, e aqui em baixo... — Elas chegaram a uma grande estrutura de pedras e vidro. — Este é o nosso centro das artes terapêuticas. Tivemos nossas várias oficinas de trabalho em classes por todo o campus, mas desde o ano passado tentamos consolidar a pesquisa em um único prédio. Estamos tentando novos enfoques holís-ticos do sistema de imunização, bem como terapia nutricional, e depois homeopatia, cristais, terapia vibracional, e até medicina tibetana. Esse é um curso que pretendo fazer enquanto estou aqui. Escute, está com fome? Está quase na hora do almoço, e estou certa de que os Galvins terão alguma coisa pronta.

— Vamos lá — disse Sally, vulgo Bethany Farrel.

***

Elas sentaram-se para um gostoso almoço vegetariano. Sally pediu arroz com legumes levemente fritos; a Sra. Denning pediu uma grande salada de verduras.

— Obviamente — continuou a Sra. Denning, sem sair do ritmo da preleção da manha inteira — o alvo da educação, da verdadeira educação, não é simplesmente o de ensinar a geração após geração a mesma quantidade de conteúdo acadêmico como preparação para a vida, apenas os mesmos velhos princípios básicos, como dizem. A raça humana está evoluindo depressa demais para isso. Na educação, estamos mais preocupados com facilitar as mudanças. Precisamos mudar as gerações futuras a fim de prepará-las para uma comunidade global. Isso significa que uma porção de idéias velhas sobre a realidade vão ter de ser jogadas fora;

noções tais como nacionalismo, ter de prestar contas a um Ser Supremo, e até mesmo o antigo dogma judaico-cristão de moralidade absoluta. Em lugar disso, propomo-nos implantar uma nova visão do mundo, um plano global da realidade no qual nossos filhos percebam que toda a terra, toda a natureza, todas as forças, todo o consciente, constituem uma unidade enorme, interligada e interdependente. E já não estamos sozinhos nesse alvo; até a Liga Nacional de Educação assumiu a nossa causa.

Ela continuou mastigando a salada como um coelho feliz.

— Assim, trazemos todas as sabedorias do mundo a este lugar, todos os sistemas de crença, todas as tradições místicas, e não excluímos quase nada. Através de tudo isso, a verdade pode ser encontrada por cada pessoa onde ela a encontrar.

— O potencial humano — disse Sally.

— Oh, sim, isso, e a perfeição espiritual, a consciência universal, tudo o que foi dito acima! — A Sra. Denning riu com prazer. — Tem sido um tempo tão compensador para mim... bem, por muitos anos de minha vida, na realidade. Eu ensinava inglês no colegial até seis anos atrás, quando vim trabalhar com a equipe aqui.

Sally sabia isso. Embora sua lembrança da Sra. Denning, a professora de inglês, voltasse a dezenove anos trás, ela podia vê-la como se tivesse sido ontem. Uma cena começou a ter lugar em sua mente. Lá estava uma Sra. Denning muito mais moça, com mais cabelos castanhos do que brancos, fazendo-lhe uma carranca, brava por ter sido interrompida. Sally também era muito mais jovem, uma aluna do terceiro colegial com uma malha verde desbotada, uma saia que lhe subia muito acima dos joelhos, e cabelo ruivo longo, liso, que lhe chegava à cintura.

— Quem é você e por quê? — exigiu a Sra. Denning. Era uma pergunta de rotina que ela sempre usava; devia ter achado que era inteligente. Sally achou que era rude.

Obviamente, a Sra. Denning não se sentia bem naquele momento. Ela tentava conduzir um grupo de reforço de leitura, e a maioria dos alunos era do tipo desgrenhado que usava drogas e cuspia no chão, que não conseguia ler nem ligava se nunca conseguisse. A Sra. Denning definitivamente não se sentia à vontade, e muito menos possuía a melhor das disposições.

Sally também não se sentia bem. A mãe, a quem não via havia quase doze anos, acabara de morrer, uma miserável alcoólatra. Sally não sentia piedade, mas o acontecimento fez aprofundar algumas atitudes que ela vinha desenvolvendo naquele

colégio, atitudes de fatalismo, cinismo e melancolia.

Agora Sally, fazendo seu trabalho como assistente da secretaria durante o período da quarta aula, tentava levar à Sra. Denning uma folha numa prancheta para que fosse assinada, uma lista típica de participantes num futuro seja-lá-o-que-fosse voluntário. Não pedia para levar bronca. A pergunta da Sra. Denning atingiu uma porção de nervos expostos.

Quem sou eu e por quê? Boa pergunta.

Ela baixou o olhar à professora que a encarava carrancuda e respondeu muito diretamente:

— Não sei, e vocês professores me convenceram de que jamais saberei. Bem, naturalmente a Sra. Denning ficou danada.

— Mocinha, não gosto da sua atitude!

Naquele ponto de sua vida, Sally nem ligava para o que a Sra. Denning gostava ou não gostava.

— Sra. Denning, vim a esta sala porque a Sra. Bakke gostaria de ter a sua assinatura nesta folha. Apenas faço o meu serviço e não mereço ser tratada rudemente.

A Sra. Denning pôs-se de pé, pronta a aceitar o desafio.

— Qual é o seu nome?

— Roe. Sally Roe. É R-o-... Tem um lápis? A Sra. Denning tinha um lápis.

— R-o-e. Tenho a certeza de que se lembrará dele.

— Estou surpresa por deixarem você trabalhar na secretaria. A Sra. Bakker vai ouvir a respeito disto!

Sally estendeu a prancheta.

— A Sra. Bakker poderá contar com a senhora como voluntária? A Sra. Denning agarrou a prancheta e assinou às pressas.

— Agora saia daqui!

— Obrigada pelo seu tempo.

Sally já estava quase na porta quando a Sra. Denning disse-lhe umas palavras de despedida.

— Isto *será* contado contra você, mocinha!

Ela se deteve, voltou o olhar para essa professora, essa representante de autoridade.

— Bem, a senhora é a professora; a senhora tem o poder. O certo e o errado dependem da situação e a lei se deriva do poder, portanto acho que isso faz a senhora estar certa. — Então Sally achou melhor acrescentar uma nota de rodapé aos seus comentários. — Sr. Davis, Estudos Humanos 101, sexto período.

A Sra. Denning tinha a intenção de denunciar o comportamento de Sally, mas nunca o fez. Algo a respeito daquele breve encontro ficou com ela, e não, ela não se esqueceu do nome de Sally Roe.

A mente de Sally retornou ao presente e ela perseguiu um cogumelo pelo prato enquanto a Sra. Denning continuava a tagarelar. Sally teve de sorrir ao pensar quanto sua conversa de hoje diferia da primeira.

— Naturalmente eu estava envolvida com isto aqui antes de vir trabalhar com a equipe. Eu passei aqui quase todos os verões, trabalhando para aumentar os meus créditos em educação e ajudando com o programa de Potencial Jovem. — Sally esteve prestes a perguntar, mas não precisou; a Sra. Denning prosseguiu a fim de explicar o que era. — Diversos professores familiarizados com o Ômega tomavam parte regularmente em um programa para recrutar jovens de diversos colégios que nós representávamos em todo o país, jovens que demonstrassem verdadeiro potencial para futura liderança, que mostrassem capacidade especial. Eu mesma recrutei diversos jovens do colegial onde eu lecionava. Esses Potenciais Jovens, como os chamávamos, tomariam parte em nosso programa de verão aqui no Centro, e diversos deles voltariam em busca de treinamento intensivo por diversos verões, mesmo depois de terem começado a faculdade.

Sally sorriu. Ela podia lembrar-se da Sra. Denning de dezenove anos atrás, sentada à sua escrivaninha na sala de aula vazia durante o recreio do almoço, estranhamente agradável.

Sally, ainda a arrogante magrela de rosto de pedra, havia-se detido no lado de fora da classe a fim de fortalecer bem os nervos antes de entrar. Quando a Sra. Denning sorriu e ofereceu-lhe uma cadeira, ela ficou muito surpresa e um tanto desconfiada.

— Como já deve ter percebido — disse a professora — não denunciei aquela confrontação que tivemos há algumas semanas.

Sally nada disse. Estava ali porque a Sra. Denning havia-lhe pedido que viesse; que a Sra. Denning sustentasse a conversa.

A professora descansou os cotovelos sobre a escrivaninha e cruzou as mãos logo abaixo do queixo.

— Peço desculpas por ter sido tão rabugenta. Pensei sobre o que disse, e, sim, acho que fui rude com você.

Sally ainda não sentia vontade de falar.

— Está bem.

— Sally, falei com o Sr. Davis, e também com a Sra. Bakker e o Sr. Pangborn, e todos concordamos que você promete muito; venceu alguns verdadeiros obstáculos em sua vida e saiu-se excepcionalmente bem nos aspectos acadêmicos e intelectuais. Agora os outros professores me dizem que você faz perguntas incisivas e examina o material muito mais do que o curso exige.

— Quero que seja *acerca* de alguma coisa — disse Sally.

A Sra. Denning ficou impressionada e assentiu com a cabeça, sorrindo.

— Sim. O significado por trás de tudo, não é mesmo? Sally não estava disposta a desperdiçar palavras.

— Saí-me excepcionalmente bem. Aprendi. Mantive uma média constante da nota mais alta. Mas se nada mais sou do que um acidente cósmico, então não vejo vantagem alguma em tudo o que fiz, e, para falar a verdade, estou ficando bem entediada com isso.

A Sra. Denning estendeu a mão para apanhar um folheto e entregou-o a Sally.

— Pode ser que isto a interesse. Sally o examinou enquanto ouvia.

— É um programa especial de verão para alunos excepcionais. Estive envolvida como conselheira de verão por diversos anos até hoje, e sempre procuro novos Potenciais Jovens. Acho que você preencheria as qualificações.

— O que eu aprenderia?

A Sra. Denning ficou encantada em responder.

— O significado por trás de tudo.

O significado por trás de tudo. Agora, dezenove anos depois, Sally não podia reter um sorriso amargo. Felizmente, a Sra. Denning não percebeu.

— Quer um pouco mais de chá? — perguntou a professora.

— Sim, por favor.

A Sra. Denning despejou o preparado herbáceo verde na xícara de Sally. Esta

perguntou:

— Então, como todos esses Potenciais Jovens se saíram?

— Maravilhosamente! Tivemos uma relação impressionante, com os nossos Potenciais Jovens chegando a tornar-se educadores, psicólogos, médicos, mesmo estadistas. Veja, a força do Ômega está nas gerações futuras que educamos. Quando as moldamos na sua juventude, elas então amadurecem para tornar-se os futuros agentes de transformações em nossa cultura, trazendo todas as massas mais e mais perto da meta final da comunidade mundial. Começa na sala de aula.

— E é isso que é tão emocionante com relação às mudanças que ocorreram nos últimos anos. Nosso material e currículos obtêm aceitação muito mais ampla agora. Educadores e escolas de todo o país frequentam os nossos seminários e se matriculam nos nossos programas. Acho que um fator seria a dissolução do velho modo tradicional de ver o mundo, o fator cristão, que tem sido tamanho obstáculo por tantos anos. As pessoas começam a despertar para si mesmas e para a necessidade da comunidade global. É a única maneira pela qual a nossa raça pode sobreviver, naturalmente. Agora que educamos novas gerações totalmente livres dos velhos resquícios da intolerância judaico-cristã, nosso sucesso se eleva exponencialmente.

***

Cree ouvia tudo, escondido no sótão do pequeno restaurante. Mas ele ficava nervoso; o tempo passava mais e mais, e não demoraria muito para que outras pessoas começassem a aparecer, mais professores, mais líderes, mais gurus e xamãs, e, com eles, mais demônios do que ele e seus guerreiros queriam enfrentar. Pior de tudo, o príncipe desse lugar também estaria de volta, e se aborreceria muito ao encontrar esses sabotadores escondidos por ali.

Ouviu um assobio especial. Era Si, indicando problema. Ele disparou pelo comprimento do sótão, saiu pela ponta do prédio e adentrou os galhos dissimuladores de uma grande árvore.

Havia um minúsculo brilho de luz vindo das árvores perto do portão da frente, o sinal de Si. Ele alertava todos os guerreiros.

E lá estava o problema! Os demônios apareceram primeiro, rodopiando e pairando em um bando de pelo menos cem, seguindo cerca de mais de seis metros acima de um veículo invisível. Não eram grandes demais, provavelmente não os combatentes da linha de frente, mas, não obstante, mortais. Cree teve de encolher-se só de olhar aquelas presas rebrilhando e o bater daquelas garras afiadas. Era melhor evitar atacar um bando daqueles.

Então o veículo apareceu, um grande furgão, dirigindo-se pesadamente rumo ao campus, remexendo a poeira. Estava cheio de hóspedes de fim-de-semana, e cheio de guerreiros demoníacos também.

A janela da oportunidade se fechava rapidamente. Eles tinham de tirar Sally de lá!

***

— Diga-me — disse Sally, como se acabasse de lembrar-se de algo — seria o Centro Ômega que publicou aquele currículo que vi... *Encontrando a Mim*...?

Os olhos da Sra. Denning brilharam.

— *Encontrando o Verdadeiro Eu!* Sim, esse é um currículo popular para as séries 1 - 6; temos programas diferentes para cada série, mas a implementação mais fácil até agora tem sido com os alunos da quarta série. Sabe, tivemos esse currículo disponível por cerca de dez anos, mas ele nunca entrou nas escolas há até poucos anos, os velhos obstáculos cristãos de novo. Agora, contudo, estamos tendo grande sucesso com ele. E ele ainda funciona, o que diz muita coisa a respeito da equipe que o criou.

***

Si assobiou novamente, e Cree recebeu o sinal. Outros veículos vinham subindo pela estrada: um ônibus de cinquenta passageiros, cheio de colegiais, diversos carros, outro furgão.

O primeiro furgão estava encostando na frente da secretaria, a nuvem de demônios que o acompanhava começando a dispersar-se, todos cacarejando e tagarelando, alguns empoleirando-se nas árvores, alguns pousando em cima do furgão, alguns apenas adejando pela área à cata de diabrura.

Não! Cree ainda não tinha visto aqueles dois. De dentro do furgão, como enormes, vultosos dinossauros, dois demônios guerreiros surgiram e postaram guarda, as espadas de prontidão ao seu lado, os olhos amarelos movendo-se rápidos com grande cautela. Rebuscavam a área, as árvores, todos os possíveis esconderijos, procurando algum intruso.

Em seguida, um homem saiu do furgão e espichou-se um pouco. Trajava um agasalho de correr azul-marinho e usava óculos escuros. Era de meia-idade, mas obviamente um verdadeiro entusiasta da saúde. Seu rosto tinha uma expressão estranha, pétrea; os músculos pareciam rígidos.

Cree reconheceu-o imediatamente.

Steele. O misterioso Sr. Steele, supervisor do Centro Ômega! Não era de admirar a presença de tais monstruosos guardas demoníacos!

Quatro outros homens saíram do furgão, cada qual com pelo menos quatro demônios acompanhantes grudados em si. Esses tipos eram verdadeiramente ferozes. Havia algo acerca dos quatro; Cree podia sentir que eram algo até mais insidioso e maléfico do que o Sr. Steele.

O Sr. Steele se deteve na secretaria para trocar umas palavrinhas com alguns velhos amigos que haviam acabado de chegar no ônibus escolar. Acenou a todos os colegiais ainda esperando para desembarcar.

Cree já não podia fazer sinal para ninguém sem ser visto. Ele e seus guerreiros estariam brevemente cercados.

***

As duas mulheres haviam terminado seu almoço e agora tomavam o chá, relaxando.

Sally calculou que era hora de fazer a próxima pergunta. Ela começou a tirar a correntinha de dentro da camisa.

— Diga-me... em todas as suas viagens, eu pensava... já viu alguma vez um anel como este?

Ela tirou o anel para fora e deixou que a Sra. Denning desse uma boa olhada.

A Sra. Denning colocou os óculos de leitura para olhar melhor.

— Hehhh... o que e este símbolo aqui?

— É o que sempre quis saber.

— Onde arrumou isto?

— Um amigo.

A Sra. Denning virou o anel de um lado e de outro, a estudá-lo.

— Bem... esta face poderia ser a de um gárgula, mas tão triangular... como se fosse uma combinação de uma face vampiresca e um triângulo... Fascinante.

— Mas a senhora nunca viu nada parecido antes?

— Oh, não, não que eu saiba.

***

Steele se dirigia ao restaurante. Cree olhou até o outro lado da área. Seus

guerreiros se escondiam bem, tão bem que mesmo Cree não os podia ver. Não tinha certeza de onde eles se encontravam, ou se estavam mesmo por lá.

Oh, não! Adiante do lago, logo acima dos topos das árvores, grande destacamento de demônios se aproximava como um enxame de morcegos, parecendo uma mancha longa e fina de carvão através do céu. O Príncipe de Ômega estava de volta, pronto para outras maldades. Logo ele e sua horda estariam sobre o lago.

Cree enfiou-se de volta no sótão do restaurante para verificar o que acontecia com Sally.

***

O Sr. Steele entrou no Restaurante Cabana de Toras e imediatamente cumprimentou o Sr. Galvin, que estava em pé atrás do balcão polindo com toalha branca e macia uma longa fileira de copos colocados ao longo da prateleira de trás.

— Eh, Sr. Steele, já está de volta!

O Sr. Steele não tirou os óculos escuros, mas permitiu que um sorriso cruzasse seus lábios apertados.

— Queria estar aqui para o fim-de-semana, Joel.

— O que vai tomar?

— Café, por favor!

— Está fresquinho.

A Sra. Denning ouviu a voz do Sr. Steele e voltou-se na sua cadeira.

— Oh, Sr. Steele! Que surpresa! Ele sorriu-lhe e dirigiu-se a elas.

Sally olhou imediatamente para a mesa, tentando tirar a expressão horrorizada do rosto. Seu coração ainda batia? Por um momento ela pensou que ele tivesse parado.

— E então, como foi a semana, Sybil? — indagou o Sr. Steele.

— Sr. Steele, quero apresentar-lhe uma visitante que temos hoje. Esta é Bethany Farrell, uma viajante de Los Angeles à procura de uma mudança, um pouquinho de desafio.

O Sr. Steele removeu os óculos escuros. Sally ergueu os olhos para ele. Seus olhos se encontraram. Eles se conheciam.

***

Crew puxou a espada, tentando engendrar um plano. Com Sally encurralada no

restaurante ele poderia ter de convocar um assalto total. De qualquer forma, eles tinham apenas minutos de reserva agora. As forças demoníacas se reuniam em todos os cantos. E Si...

RRUGIRRR! Cree abaixou-se depressa enquanto a espada flamejante retalhou o ar logo acima de sua cabeça! Dentes! Olhos amarelos! Bocarra escancarada!

As asas de Cree explodiram cm mancha brilhante. Ele se atirou pelo sótão na direção da ponta da cumeeira, a espada do demônio como uma serra guinchando logo atrás dele.

IAAUU! O outro guarda demoníaco apareceu à sua frente como a explosão de uma bomba, os dentes amarelos arreganhados. Cree não podia deter-se em tempo; brandiu a espada num arco chamejante.

A cabeça do demônio e Cree saíram voando pela ponta do prédio; a cabeça se dissolveu, e Cree arremeteu ao céu, soltando um berro desesperado que ecoou sobre o campus e alcançou o outro lado do lago.

O outro guarda demoníaco, monstro horripilante, tentou agarrar os pés de Cree. Cree disparou para cima com outra explosão de velocidade. Outro demônio, vindo de cima, caiu sobre ele como um gavião e investiu com a espada. Cree bloqueou-o e mandou o demônio para longe, revirando loucamente.

A lâmina do guarda veio com toda a força na direção do meio do seu tronco. As espadas se chocaram numa explosão de fagulhas incandescentes, e Cree foi atirado nas árvores.

***

Os lábios do Sr. Steele estavam até mais apertados agora, e seus olhos eram penetrantes. Ele estendeu a mão, cumprimentando.

— Muito prazer em conhecê-la... Bethany.

Sally tomou-lhe a mão, e ele a apertou tanto que machucou. Por um tempo que parecia não ter fim, ele não a soltou, mas segurou-lhe a mão e ficou de olho nela.

— Muito prazer em conhecê-lo — respondeu ela assim que conseguiu encontrar a voz.

Ele não mudou nada! Ainda parece o mesmo!

A Sra. Denning ainda parecia a pessoa jovial de sempre.

— O Sr. Steele é o diretor do Centro Ômega. É um homem formidável. — Então ela contou ao Sr. Steele. — Estive mostrando o Centro a ela, apenas

familiarizando-a com o nosso propósito... — E ela continuou falando sem parar.

Oh, Sra. Denning, por favor, cale-se. A senhora vai fazer com que me matem.

— Então, você viu tudo, não é? — perguntou o Sr. Steele.

— Bem, *tudo* não... — Ele lhe machucava a mão.

Ele era assim mesmo quando lecionava as classes de verão aqui no Centro anos atrás. Sally tinha medo dele então. Ela estava com medo dele agora. Havia um poder sinistro, uma presença cm torno do homem. Ele podia hipnotizar com aqueles seus olhos.

***

Si arremeteu de entre as árvores naquela ponta do campus juntamente com cerca de cinquenta guerreiros, pegando os demônios de surpresa. Um aglomerado deles acabava de chegar à área em outro automóvel cheio de hóspedes de fim-de-semana. Os guerreiros celestiais jorraram sobre eles antes que os demônios soubessem o que acontecia, e removeram imediatamente aquela complicação.

Em resposta ao grito de Cree, a remanescente centena de guerreiros varreu o lago como um lençol chamejante, dividido em muitas correntes, e jorrou pelo campus como uma enchente. Demônios rodopiavam, e depois arremetiam das árvores, prédios e veículos com gritos agudos e berros cruéis. Espadas se entrechocavam, asas rugiam, fagulhas voavam. Os anjos concentravam toda a atenção dos demônios, pelejando ferozmente contra dois, três, seis demônios de cada vez, mas não prevaleciam. Os espíritos malignos se mantinham firmes.

Cree disparou e ziguezagueou entre as árvores, por aqui, por ali, dentro, fora, para cima, para baixo, negaceando, movendo-se velozmente.

CRAAACH! O guarda veio por cima dele, e suas espadas se cruzaram de novo. Ele não conseguia livrar-se daquele demônio!

A vasta nuvem de espíritos além do lago ouviu os gritos e viu a batalha. Na frente, as presas projetando-se além do queixo e a cabeça eriçada de ferrões, Barquit, o Príncipe de Ômega, rugiu uma ordem e desembainhou a espada. Com um floreio ecoante, sonoro de rubras lâminas ardentes, os guerreiros que retornavam mergulharam no campus.

***

A Sra. Denning não se detinha enquanto não contasse tudo ao Sr. Steele.

— Oh, sabe uma coisa? Ela tem um anel esquisito que deveria mostrar-lhe.

O Sr. Steele soltou a mão de Sally. E inclinou-se mais perto. Ela pensou sentir o calor do rosto do homem.

— Um anel?

Sally meneou a cabeça e tentou sorrir, dispor da coisa toda com uma risada.

— Oh, não é nada.

Ele ainda estava inclinado muito próximo.

— Oh, sim. Gostaria muito de vê-lo.

***

O guarda desceu do alto das árvores como um meteoro. Cree atirou-se de lado e mal conseguiu evitar ser cortado ao meio. Ele deu outro impulso poderoso às suas asas e dirigiu-se para o céu.

O guarda retinha seu calcanhar! Cree puxou com as asas, mas o bruto sacudiu-o para baixo!

ZZUUUCH! Si! Deus o abençoe!

UFA! O calcanhar de Cree estava livre.

Em longa trilha de luz, Si caiu do céu e chocou-se com toda a força contra o guarda. Ambos reviraram numa bola de fogo, engalfinhados, rosnando. Cree deu uma cambalhota e caiu novamente na direção do chão, a espada pronta.

O guarda tinha Si pela garganta, a grande espada erguida.

Cree atirou a espada, e ela atravessou o dorso do guarda como um míssil. Si escapou contorcendo-se e cortou o bicho em dois. Ele se dissolveu numa nuvem sufocante de fumaça vermelha.

Cree apanhou novamente a espada. Podia ver o Príncipe de Ômega descendo sobre eles como uma tempestade.

— Vamos tirá-la daqui!

***

Sally deixou cair a cabeça.

— Algo errado? — perguntou a Sra. Denning.

— Acho que vou passar mal do estômago. — Não mentia. O Sr. Steele agarrou-lhe o pulso.

— Deixe-me ajudá-la a chegar ao banheiro. Ele a ergueu de onde estava

sentada.

— Não, deixe que eu vou sozinha...

A Sra. Denning parecia um tanto surpresa com o comportamento atrevido do Sr. Steele.

— Sr. Steele, talvez ela possa ir sozinha...

Ele não pareceu ouvi-la. Fazia sinais através da janela aos quatro homens que haviam vindo consigo no furgão. Eles observavam. Viram o aceno de sua mão e puseram-se a caminho do restaurante.

Cree e Si haviam criado sua oportunidade.

— Nenhum guarda — gritou Cree. — Ele está exposto!

Barquit e seus demônios mergulhavam através do lago, dirigindo-se ao campus, espadas de prontidão.

Sally podia ver os quatro homens apressando-se rumo ao restaurante. Eles podiam vê-la pela janela, e o que viam apressava seus passos. O Sr. Steele não fazia força alguma para chegar ao banheiro. E não a soltava.

Aquilo não era um homem. Era... algo diferente.

— Vou vomitar! — ameaçou Sally.

Cree inclinou-se bruscamente, fez uma curva fechada, e caiu como um míssil na direção da ponta do restaurante, as asas rugindo. A parede do restaurante encheu-lhe a vista, passou em cheio para trás. Ele estava dentro, adernando sobre as mesas, ao longo do balcão, a espada estendida.

Joel Galvin abaixou-se, os braços sobre a cabeça, e a Sra. Denning soltou um grito estridente quando toda a fileira de copos despedaçou-se de uma ponta a outra.

O Sr. Steele também se abaixou, puxando Sally para baixo consigo.

Cree saiu pela outra ponta do restaurante, arremetendo rumo ao céu no exato momento em que Si atirou-se como uma bala através da frente do restaurante e atravessou Steele.

— Ahhh!! — A mão do Sr. Steele foi aos seus olhos.

— Sr. Steele! — gritou Galvin.

Sally estava livre. Ela correu para a porta.

A espada de Si havia estado lá. Os quatro homens não a viram, nem tampouco a viram os espíritos que vinham grudados neles. Os espíritos adejavam por ali,

procurando seu atacante; os quatro homens postaram-se ali com os olhos semicerrados, sombreando os olhos, tentando perceber de que direção vinha o sol.

O Príncipe de Ômega e suas hordas desceram sobre o campus, espantando do seu esconderijo uma nevasca de guerreiros brilhantes que se espalharam em todas as direções, fugindo como pássaros assustados. Os demônios soltaram berros estridentes e perseguiram-nos. Era por esse tipo de esporte que esperavam. Barquit procurava o líder dessa hoste saqueadora, mas não o via.

Bater em retirada! Bater em retirada! Os anjos fugiram, levando as hordas demoníacas cada vez mais longe no céu, cada vez mais longe do campus, cada vez mais longe do apuro lá no chão.

— Muito bom! — disse Cree, seguindo Sally.

Sally descia correndo a estrada de pedriscos, passando por outros carros que chegavam com mais gente.

— Ei — gritou alguém — onde fica a secretaria?

— Continue em frente — respondeu ela. — Você a encontrará. Eles prosseguiram. E ela também.

O Príncipe de Ômega e seus demônios davam vivas e berravam enquanto perseguiam inúmeros guerreiros angelicais pelo céu. Eles tinham o poder e tinham a quantidade. Limpariam seu território desses desordeiros brilhantes, e pronto.

Cree e Si apenas se mantinham perto de Sally, tentando forçá-la para baixo de árvores e fora da vista. Ela parecia saber o que fazer, aonde correr, como se esconder. Os dois voavam de cabeça logo acima dela, as espadas desembainhadas, rolando continuamente a fim de ver o céu, a terra, o céu...

Eles não sabiam quantos haviam perdido nessa batalha. Mas ainda tinham Sally Roe... por enquanto.

Bom. Corra, moça, apenas corra.

19

Steele estava parado, mas as mãos ainda lhe cobriam os olhos. Galvin e Sra. Denning apressaram-se a socorrê-lo.

— Ei, calma agora! Entrou vidro no seu olho? — perguntou Galvin.

— Deve ser, deve ser.

Os quatro homens entraram às pressas, ainda vendo manchas à frente dos olhos. Um ficou à porta. Outro examinou a porta dos fundos. O terceiro segurou o braço da Sra. Denning. Ela protestou:

— Ai, ai! Faça o favor!

— Essa é a Sra. Denning! — disse bruscamente o Sr. Steele. O homem a soltou.

— O que aconteceu?

O quarto homem ajudou Steele a erguer-se.

— Puxa, veja que bagunça!

— Sr. Steele, o senhor está bem? — perguntou Galvin. Seus olhos clarearam. Galvin olhou-os atentamente.

— Não vejo nada, Sr. Steele. Está sentindo alguma coisa? Steele preocupava-se com outra coisa.

— Vocês a viram?

O quarto homem respondeu:

— Não claramente, apenas pela janela.

— Vocês a viram *sair?* — exigiu ele. —Não.

— Não vimos coisa alguma — respondeu o terceiro homem. — O sol estava bem nos nossos olhos.

Steele sentou-se enraivecido e desgostoso.

— O sol...!

Galvin estava curioso.

— Quem era aquela mulher, Sr. Steele?

Steele sorriu repentinamente como se ela fosse um assunto agradável.

— Uma velha amiga, Joel. Eu não a via há anos.

As sobrancelhas da Sra. Denning ergueram-se bruscamente em sinal de surpresa.

— O senhor *conhece* a Bethany Farrell?

Ele olhou muito atrapalhado para a Sra. Denning e não respondeu.

— Como estão os seus olhos? — perguntou ela.

— Estão bem, obrigado.

Galvin apanhou uma vassoura a fim de varrer os cacos de vidro. Steele ergueu-se e com um gesto indicou aos quatro homens que saíssem. Assim que saíram para a varanda, Steele avisou seus homens:

— Ninguém fica sabendo o que aconteceu.

— Certo — responderam ele — pode contar com isso. Ele falou depressa e baixinho.

— Ela está com uma tintura agora, o cabelo está preto, e usa óculos de lentes coloridas. Está com o anel, sim.

— Ela não pode ir muito longe — disse o primeiro homem. Steele sussurrou para o quarto homem.

— Posso dar-lhe um serviço agora mesmo, se quiser.

O quarto homem compreendeu. Ele sussurrou algumas ordens rápidas aos outros três.

— Examinem a estrada para cima e para baixo imediatamente, e depois examinem os arredores de Fairwood.

Steele sugeriu:

— Eles poderiam verificar o Hotel Schrader em Fairwood. Ela costumava hospedar-se lá.

O quarto homem assentiu com a cabeça e deu uma ordem final.

— Se a encontrarem, cuidem dela de forma limpa e quieta. Os outros três homens puseram-se imediatamente cm ação. Steele voltou os olhos na direção do restaurante.

— A Sra. Denning terá de ser entrevistada. Goring estará vindo do Summit na segunda-feira, e Santinelli disse que estaria aqui até segunda à noite. Conversaremos com a Sra. Denning assim que Goring chegar. Acho que você também deveria estar

presente durante a entrevista.

O quarto homem fez que sim com a cabeça. Ele era moreno e esbelto, todo vestido de preto, com um nariz bem definido, profundos olhos castanhos, e sobrancelhas esquisitas, pontudas.

— Parece que as suas energias chocaram-se contra uma massa crítica lá dentro — disse ele. — Foi um tumulto e tanto.

— Talvez. — Steele não estava disposto a admiti-lo. — Roe poderia ter entrado em algum tipo novo de poder... *Poderia* ter. — Então, sua voz adquiriu um tom estranho, sinistro. — Mas agora ela está lutando contra nós por isso não durará para sempre. O poder verdadeiro é nosso, e vai continuar sendo assim!

— Não — disse Ted Walroth, começando a erguer a voz. — June e eu conversamos sobre o assunto, oramos a esse respeito, e simplesmente não podemos continuar com isso. Ouça, Mark, desviamo-nos da vontade do Senhor ao ter esta escola. Foi o que sempre pensei, e agora estamos descobrindo isso do jeito mais difícil. O Senhor simplesmente não está abençoando esta coisa!

Mark e Ted encontravam-se na pequenina secretaria da escola; Mark havia reunido todos os papéis dos dois filhos de Walroth, Mary e Jonathan, e os tinha prontos para entregar a Ted, mas ainda tinha uma esperança infundada de poder convencer Ted a manter os filhos na escola.

— Mas, Ted... se você for honesto consigo mesmo, com June, com Mary e Jonathan, terá de admitir que a escola lhes fez muito bem. Suas notas subiram, eles estão perto do Senhor, sua auto-estima é ótima, eles estão felizes...

— Oh, estão, é? — desafiou Ted. — Por quanto tempo? Quanto tempo demorará, Mark, para que alguma coisa lhes aconteça também?

Mark já tinha ouvido aquele tipo de conversa muitas vezes antes, e se cansava dele.

— Ted, não sei com quem você tem estado conversando, mas existe uma porção de mentiras descaradas circulando por aí, e espero...

— Não me importo com as mentiras e as fofocas, conheço todas essas bobagens. Mas acredito que por trás de toda a conversa e o medo existe um elemento definido de risco.

— Não existe nenhum elemento de risco!

Agora Ted se mostrava abertamente zangado. Ele apontou o dedo a Mark e seu olhar acompanhou o dedo com frios olhos azuis.

— Ora, isso aí mesmo é um problema em si! Você perdeu a sua objetividade neste negócio, Mark, total e completamente! Sc houvesse um problema, mesmo que fosse um problema sério, não acho que você admitiria! Você ficou do lado do Tom nesta coisa, e acho isso inaceitável para um pastor! Você não sabe que tipo de pessoa o Tom é quando você não está por perto! Ninguém de nós sabe! E se você vai defendê-lo nesta questão, então não acho que posso confiar em você também, e não acho que possamos ficar debaixo do seu pastorado!

Mark esperou um momento para aquietar-se e quebrar o ímpeto dessa confrontação que se armava. Ele falou baixinho.

— Ted... Satanás está trabalhando ativamente no nosso meio, tentando separar-nos, tentando causar divisão...

Ted concordou.

— Eu que o diga! Você já não pode ver a vontade do Senhor, Mark, mesmo quando está tão clara quanto o dia, bem à sua frente! Esta escola é um erro colossal, um passo errado que jamais deveríamos ter dado, e agora estamos pagando por ele, e você simplesmente se recusa a ver isso. Mark tentou esclarecer o que havia querido dizer.

— Eu quis dizer...

— Sei o que você quis dizer! E estou dizendo que você está errado, completamente errado. Tem sido teimoso, tem sido cego, tem-se metido a defender um homem em quem simplesmente não podemos confiar, e agora estamos todos debaixo de uma ação judicial e a briga ficou prá valer. June e eu não queremos ter nada a ver com ela, e certamente não queremos que nossos filhos sejam arrastados no meio disso. — Ele agarrou a maçaneta e abriu a porta. — Tenho de ir.

Mark entregou-lhe a papelada.

— Obrigado.

Ted caminhou às pressas, zangado, para a porta principal.

— Até domingo? — perguntou Mark.

— Não — replicou Ted, sem se voltar. — Não espere isso. Não acho que o Senhor esteja feliz com essa igreja no momento.

E com isso, ele se foi.

***

Tal, Natã e Armoth se postaram logo do lado de fora, vendo-o partir.

— Está-se espalhando — disse Natã. — Primeiro na escola, e agora na igreja. Eles se atracam.

Tal deixou-se cair para trás e reclinou-se contra o prédio da escola.

— Destruidor! Se não houver mudança de direção, os santos aqui não terão uma escola para defender.

— E nós não teremos o amparo da oração para sermos bem sucedidos... *cm nada!*

— Mas e os espíritos responsáveis por isso? — exigiu Armoth. — Com certeza, podemos exterminá-los!

— Não — disse Tal, e parecia muito zangado e frustrado. — Eles têm o direito de estar lá. Foram convidados. Os santos se entregaram a essa briga, e enquanto não se quebrantarem, enquanto não se arrependerem, esse câncer jamais diminuirá a velocidade com que se espalha.

— E então, o que acontece agora? — perguntou Natã.

— Mota e Signa trabalham para encontrar uma brecha nas fileiras do inimigo, algum ponto fraco no plano de Destruidor que possamos expor a fim de que os santos o encontrem. Enquanto isso, tudo o que podemos fazer é manter o núcleo orando, lutando. O Senhor se moverá segundo os seus propósitos. Ele...

Eles desembainharam as espadas.

Não, não era nenhum exército demoníaco, nem mesmo um espírito terrível, apenas um pequeno, feio mensageiro, atrevido o bastante para voar bem acima de suas cabeças, abanando as mãos vazias a fim de mostrar que não era um agressor.

— Ah aaaah!!! — chamou ele. — É o capitão Tal?

— Sou.

— Destruidor tem uma mensagem para você! — O diabrete pairou bem acima deles, gritando sua mensagem numa voz aguda, irritante. — Ele diz: "Eu o abati, grande capitão! Ômega é meu, e sempre será, e seu exército foi exterminado e espalhado! Mande outros! Meus guerreiros estão famintos!"

O diabrete disparou dali como um mosquitinho. Tal não sorriu quando disse:

— Sally Roe está a salvo. Se eles a tivessem destruído, teria sido essa a mensagem de Destruidor. — Ele embainhou a espada. — Vamos encontrar Cree e Si e nos assegurar de que eles estão bem. Enviei Guilo à frente para ajudar Chimon e Scion e Bentmore. Nós três tomaremos conta da próxima parada de Sally.

Precisamos mantê-la viva.

— Estamos enfraquecidos, capitão — disse Natã. Tal assentiu com a cabeça.

— Reúna todas as tropas de que puder dispor, Natã. Faremos o melhor que pudermos.

***

Sally lembrou-se de uma estrada secundária quando deu com ela, mas não conseguia lembrar-se exatamente para onde levava. Ela tomou-a de qualquer jeito, só para sair da estrada principal. Havia uma casa vermelha de sítio não muito longe à direita, com uma ravina na frente e um típico celeiro vermelho. Aquilo registrava. Ela a havia visto antes, talvez quando tivesse estado a andar de bicicleta. Essa estrada deveria acabar levando-a de volta a Fairwood.

Ouviu um veículo aproximando-se e escondeu-se no mato. Era somente um camponês na sua caminhonete.

Ela resolveu esperar só um pouquinho mais. Tirou seu caderno espiral e acrescentou algumas anotações rápidas para outra carta, primeiro contando como acabara de escapar por um triz, depois tentando resumir suas lembranças perturbadoras, revoluteantes.

Estou-me lembrando, Tom, pouco a pouco. O Centro Ômega cresceu bastante e dobrou em tamanho do que era na última vez em que estive lá. Mas as forças espirituais são as mesmas, assim como as filosofias e as metas daquela gente.

Tudo parecia tão utópico dezoito anos atrás! Posso lembrar-me das aulas de filosofia oriental e as longas sessões nos prados, sentada por horas em meditação, sentindo imensa unidade com o todo da vida, com tudo o que existe. Que contentamento havia! Posso lembrar-me de uns espíritos-guias especiais que vieram até mim durante o meu último verão. Eles me abriram o consciente para eu poder perceber minha própria divindade, e revelaram mundos de experiência e percepção que eu jamais conhecera antes. Foi como um passeio excitante e sem fim através de um mundo de segredos sedutores, e meus guias prometeram ficar comigo para sempre.

Mas o gozo daqueles dias terminou por azedar como leite morno, velho. O contentamento da meditação tornou-se mais e mais uma forma de loucura e escape; os espíritos-guias não permaneceram comigo como haviam prometido, mas se deterioraram, transformando-se em ilusões, imagens fantasmagóricas, atormentadores. Eu havia ido ao Ômega afim de encontrar, como diz a Sra. Denning, "o significado por trás de tudo", mas, em vez disso, encontrei um mundo

de credulidade irracional e anelos infundados, uma instável e vaga busca de experiência em lugar de racionalidade. Significado? Não, apenas auto-engrandecimento. E quer a pessoa seja um pequeno acidente cósmico, quer seja um deus que preencha tudo o que existe, essa pessoa ainda está sozinha.

Assim, era fútil Posso ver isso agora, mas, naturalmente, "agora" é tarde demais. Estou muito mais velha, e muitos anos infrutíferos se passaram. Olhando para trás, acho muito triste contar os anos que dediquei àquele lugar e o que ele representa. Acho mais triste ainda pensar que ele ainda está lá, ainda atraindo mais e mais Sally Roes às suas redes. Pergunto-me, será que algum dia esses adolescentes otimistas de olhos brilhantes olharão para trás através dos anos e encontrarão a futilidade que encontro agora? De uma posição mais vantajosa, será que eles avaliarão suas vidas e encontrarão tão pouco valor quanto eu?

Aqueles foram, como eu já disse, dias de loucura. Mas eu preciso RECORDAR, não importa o que seja necessário fazer. Ainda existe mais coisa na história, e preciso lembrar-me de quem são essas pessoas, onde se encontram, e o que pretendem fazer. Preciso lembrar-me de quem sou, e o que sou, ou era, para eles.

Continuarei escrevendo sempre que puder.

***

— É, e o sol vai esfriar antes que eu acredite nisso! Você ouviu o que eu disse!

Wayne Corrigan bateu o telefone com força e disse furioso:

— Eles não respondem aos meus interrogatórios! Estão protelando, fazendo joguinhos!

— Mas isso não é surpresa — disse Marshall.

Corrigan, Marshall, Ben e Tom estavam sentados no escritório de Corrigan comparando notas e repassando o caso.

— Quantos interrogatórios você enviou? — perguntou Marshal, sentado do outro lado da escrivaninha de Corrigan, examinando uma pilha de papeis.

— Apenas os preliminares, os básicos — disse Corrigan. — Mas nem mesmo esses eles respondem, não me telefonam de volta quando ligo para eles, e mesmo que consiga falar com alguém, eles fazem obstrução. Você pode ter percebido a reação que consegui agorinha mesmo do advogado da Brandon, aquele tal de Jefferson.

— Percebi a reação que ele conseguiu de *você*.

— Bem, eu estava aborrecido.

Ben reclinava contra o peitoril da janela, apenas ouvindo a conversa.

— Você se saiu muito bem. Eles mereceram. Marshall concordou.

— Eles estão apenas se protegendo. Não faria mal apertá-los um pouquinho, mantê-los cm desequilíbrio.

Corrigan tentou explicar a sua frustração.

— Mas eles ficam dizendo que seus registros são demasiadamente pessoais e confidenciais, e então o Jefferson me disse que eles ainda nem reuniram seu material de descoberta, e acho que isso é conversa fiada. Além de tudo, acho que estão adiando a tomada de depoimentos do nosso pessoal. Querem que a gente faça isso primeiro para poderem ter mais munição. Eu não posso adiar desse jeito; simplesmente não temos tempo.

— Parece que eles não vão lhe dar nada sem uma ordem do tribunal.

— É, conte-me outra novidade.

— Ei, escute. Kate tem perguntado por aí a respeito dessa Srta. Brewer da escola primária, e já marcou uma hora para ir visitar a classe na segunda-feira. Talvez quando voltar ela tenha alguma prova que envolva essa Srta. Brewer, que você pode usar em alguns depoimentos.

— Bem, é disso que preciso: mais pistas, mais jogadores nesta coisa. Até agora estou no escuro quanto ao que o outro lado está aprontando.

Marshall atirou os interrogatórios de volta sobre a escrivaninha de Corrigan.

— Bem, a coisa é maior do que parece, sei disso.

— Toupeiras — disse Ben.

— Como? — disse Tom.

— Faça o Marshall explicar-lhe isso algum dia. É um ótimo paralelo. Corrigan estava pronto para outro tópico. — E os seus garotos, Tom?

Vai poder vê-los de novo?

Tom não se mostrava satisfeito com a resposta.

— Logo, mas não sei quando ao certo. Está tudo por conta dessa tal senhora Irene Bledsoe, e ela é... bem, é muito implacável. Tento não pensar muito a esse respeito.

Corrigan meneou a cabeça e recostou-se na cadeira, fazendo as molas rangerem. Para ele, recostar-se e examinar o teto era uma expressão típica de frustração.

— Ela está dando uma de importante, se entende o que quero dizer. Tom, se você fosse rico e poderoso, provavelmente já teria os garotos de volta a esta altura. Mas a Bledsoe sabe que tem todo o poder de que precisa, e sem bastante pressão de gente em lugares importantes, ela pode fazer o que bem entender. As leis são vagas o bastante para permitir bastante flexibilidade de caso para caso.

— Mas ela é tão exagerada! — gemeu Tom. — Está guardando os meninos como... como se estivesse com medo de perdê-los de vista, como se quisesse controlá-los.

— Ela quer e está — disse Marshall.

— Mas você ouviu contar do galo na cabeça de Rute, não ouviu? Marshall estava sentado numa cadeira giratória. Com um simples chute ele girou de frente para Tom.

— Não. Conte-me.

— Na última vez que visitei as crianças, Rute estava com um enorme galo na cabeça, e ambos disseram que ela ficou assim quando a Bledsoe quase causou um desastre quando os levava de casa! A Bledsoe está tentando pôr a culpa pelo galo em mim, sugerindo que fui *eu* que o causei!

Pelo que tudo indicava, Marshall ouvia uma notícia chocante.

— Quase causou um desastre?

— É. Você precisava ver como a Sra. Bledsoe tentou impedir que os meninos dissessem *qualquer coisa* a respeito, mas Josias me contou mesmo assim. Ele disse que ela não respeitou um sinal de pare e quase bateu numa caminhonete azul. Ela parou muito de repente, as crianças deviam estar sem o cinto, e Rute...

Ben interrompeu:

— Espere um minuto! Você falou uma caminhonete azul?

— Sim, foi o que Josias disse.

— Quando foi isso? — Ben começou a relembrar.

— Não estou certo... — Agora Tom pôs-se a lembrar. — Evidentemente foi na noite em que ela veio e levou as crianças...

O rosto de Ben iluminou-se com a lembrança.

— Aquela mesma noite em que fomos averiguar o suposto "suicídio" no sítio dos Potters! Escutem: Cecília Potter me contou que Sally Roe guiava uma caminhonete azul — uma Chevrolet 65, para ser exato — e quando estive lá examinando o local mais tarde, a caminhonete havia desaparecido. Não sabíamos o que havia acontecido.

— A caminhonete não estava lá? — perguntou Marshall.

Ben estava começando a ficar inquieto.

— Não. Agora ouça. Segundo a Sra. Potter, a Roe sempre dirigia aquela caminhonete para o trabalho e nela voltava para a casa todos os dias. Portanto, se Sally Roe de fato suicidou-se como Mulligan e o médico legista disseram, quem levou a caminhonete dela embora?

— A pessoa com quem a Sra. Bledsoe quase trombou, isso sim! — disse Tom.

Marshall estava sentado ereto na cadeira.

— Os seus garotos viram quem dirigia a caminhonete?

— Não sei. Acho que... de certa forma... eu podia perguntar-lhes. Marshall olhou para Ben.

— Você pediu aquela averiguação criminal, certo?

— Consegui que o Chuck Molsby dê uma olhada nisso. É aquele amigo meu da policia de Westhaven.

— Espero que consigamos uma foto da policia ou algo assim.

— Espero que ela seja uma criminosa — disse Tom.

— É — disse Marshall — existe esse pequeno detalhe. Mas se conseguirmos uma foto dela, e se pudermos passá-la aos garotos e conseguir com que a identifiquem...

— A vaca iria para o brejo! — disse Ben. — Isso provaria que Sally Roe ainda está viva, que não era o seu suicídio que descobrimos!

Marshall colocou-se de pé.

— Toupeiras.

— Aí está essa palavra novamente — disse Tom.

Corrigan endireitou-se na cadeira e debruçou sobre a escrivaninha.

— Ei, pessoal, quando quiserem me explicar tudo isso, terei prazer em ouvir.

Pelo que estou sabendo, *eu é que sou* o seu advogado.

Marshall apanhou um pedaço de papel de anotações da escrivaninha de Corrigan.

— É exatamente como uma toupeira no seu quintal e no quintal de outra pessoa... bem, na realidade, em três quintais. Três montinhos de terra, mas todos da mesma toupeira. — Ele tirou a caneta e desenhou um pequeno circulo. — Aqui está o primeiro montinho: a ação judicial contra a escola cristã, Lucy Brandon, a ACAL, o negócio todo. — Ele desenhou outro círculo. — Aqui está o segundo montinho: A ACAL usa a linha direta para denúncias contra abuso de crianças a fim de denunciar Tom e colocar o DPC nisso. Irene Bledsoe consegue a ordem para apanhar as crianças e as leva embora. Isso liga os dois montinhos... mais ou menos. — Ele desenhou uma linha de ligação entre os dois círculos.

— Talvez — disse Corrigan. — Isto é, você sabe disso e eu sei disso, mas provar a coisa é outra história.

— Essa parte vem mais tarde — disse Marshall. — Mas agora... — Ele desenhou um terceiro círculo. — Aqui está o terceiro montinho: a misteriosa morte de Sally Roe... ou alguma outra pessoa. De alguma forma, possivelmente, a verdadeira Sally Roe viva cruzou o caminho de Irene Bledsoe logo depois da hora em que ela supostamente estava morta. — Ele desenhou outra linha de ligação entre o segundo e o terceiro círculos. — Agora vocês têm dois garotos que poderiam — *poderiam* — ser testemunhas disso, e assim... possivelmente... Irene Bledsoe os está retendo, escondendo, deliberadamente retardando as coisas tanto quanto pode, a fim de mantê-los quietos. Ora, ela poderia estar somente protegendo sua própria posição, esperando o galo de Rute sarar, ou as duas crianças esquecerem o que aconteceu. Ou...

Ben tomou a própria caneta e ligou o terceiro círculo ao primeiro, formando um triângulo fechado.

— Ou ela está ajudando a encobrir seja lá o que for que tenha acontecido no sítio dos Potters, o que significa que essa coisa da Sally Roe poderia de algum modo estar ligada com o ataque à escola cristã, que sabemos estar ligado ao fato de tirarem as crianças de Tom.

— Nada disso vocês podem provar — relembrou-lhes novamente Corrigan.

— Isso vem mais tarde — disse Marshall novamente. Ele sorriu. Sentia-se bem. — Mas é isso o que está acontecendo. Temos toupeiras — poderes espirituais e seus equivalentes humanos — por baixo de tudo isso, e eles abriram uma saída na superfície nessas três áreas.

Tom fixou os olhos nos três círculos.

— Se vocês querem falar de atividade espiritual subterrânea... que tal a quilometragem que Satanás conseguiu com todo esse negócio do DPC? Eles me fizeram ficar marcado como um tipo que abusa de crianças, e a igreja toda está-se desmantelando por causa disso. Não podemos ganhar nenhuma luta de qualquer tipo que seja do jeito em que estamos.

Marshall fez que sim com a cabeça.

— Exatamente. Agora você está começando a perceber. Tom queria acreditar naquilo.

— Mas... não vejo nenhuma ligação *direta* entre o que aconteceu a Sally Roe e o que está acontecendo na escola. Não há nada aí.

— Há, sim — disse Marshall.

— Não há! — disse Corrigan. — Você não pode provar nem um tiquinho disto!

— Provaremos. Podem me chamar de fanático, mas acho que Deus nos está mostrando isto. Ele nos está dando um esboço; tudo o que temos de fazer é preenchê-lo.

Ben ficou agitado.

— Você topou com algo, Marshall!

— Mas nada que *eu* possa usar! — disse Corrigan.

Marshall colocou a caneta de volta no bolso e apenas olhou o pequeno diagrama.

— Conseguiremos algo para você, Wayne. Não sei o quê, mas conseguiremos.

***

A música era suave, contínua, irresistível, de ritmo e tom relaxantes. A Srta. Brewer, uma Jovem e bonita professora com um sorriso afável, lia de um roteiro numa voz branda, quase hipnótica.

— Sintam a brisa vagueando pelos cabelos, sintam o sol cálido na pele, a terra firme e acolhedora debaixo do corpo. Vocês são apenas uma boneca de pano, totalmente frouxa, cheia de pó de serra...

Kate Hogan, sentada em silêncio nos fundos da sala de aula, tentava rabiscar subrepticiamente umas notas enquanto observava os vinte e três alunos da quarta

série fazer o exercício. As carteiras estavam arranjadas de modo a permitir espaço livre no chão para uma área de atividade em uma das pontas da sala, e agora ali as crianças estavam deitadas de costas sobre cobertores, travesseiros ou casacos, os olhos fechados, a respiração lenta e profunda, os braços frouxos aos seus lados.

— Primeiro o pó de serra se escoa da sua cabeça... depois do pescoço... depois do peito... Vocês começam a simplesmente a afundar, afundar, afundar na direção do chão...

Kate olhou para o relógio na parede. Até então, elas haviam estado deitadas no chão por dez minutos.

A música continuava tocando. A Srta. Brewer chegou ao fim do seu monólogo brando, cadenciado. Ela parou, olhou pelo chão a cada criança, e depois prosseguiu com algumas instruções ditas baixinho.

— Estão ouvindo uma tagarelice? — Então ela sussurrou: — Ouçam! Estão escutando? — Ela esperou um momento para que as crianças escutassem. — Está chegando mais perto agora, não está? É o seu novo amigo, a sua pessoa sábia; ela veio conversar com você. Deixe seu amigo aparecer na sua tela mental. Qual é o nome do seu amigo?

Kate rabiscou apenas algumas palavras para orientar a sua lembrança. A maioria dos detalhes do que agora testemunhava já lhe eram familiares.

— Selecione um lugar para o seu amigo; arrume um lugar na sua mente para ser a casa do seu novo amigo. Faça com que seja algo bem certo para ele. Agora converse com o seu amigo, a pessoa sábia que é só sua. Lembre-se, o seu amigo sabe tudo a seu respeito... como você se sente... do que gosta... do que não gosta... todos os seus problemas e tristezas...

O exercício durou outros quinze minutos mais ou menos, e o silêncio na sala era impressionante para um grupo daquela idade. Enfim, depois de um tempo predeterminado, a Srta. Brewer contou lentamente até cinco e depois estalou os dedos. As crianças pareceram acordar de um transe, e sentaram-se.

— Muito bem! Agora vamos todos sentar-nos e os monitores passarão papel. Desenharemos os nossos novos amigos.

As crianças dobraram os cobertores, guardaram os travesseiros, dependuraram os casacos, e em seguida voltaram às suas carteiras. Uma criança de cada fileira passou papel de desenho às outras. Debaixo da orientação firme mas bondosa da Srta. Brewer, as crianças tiraram seus *crayons* e puseram-se a desenhar retratos.

A Srta. Brewer andava para cima e para baixo das fileiras, examinando o

progresso de cada criança.

— Oh, que amigo bonito! O que é isso na cabeça dele? Estrelas? Ele deve ser uma criatura maravilhosa!

Kate também deu uma voltinha. As crianças desenhavam pôneis, dragões, príncipes e princesas, e também alguns monstros bem apavorantes. Todos receberam elogios e os parabéns de Brewer.

Um garotinho mostrou sua figura a Kate.

— Este aqui é o Pé Grande — apontou ele. — Vou guardá-lo no meu porão mental.

O desenho era arte típica de criança da quarta série, mas reconhecível como um vulto gigante, pesadão, com grandes pés.

— Olhe que pés enormes ele tem — brincou Kate. — O que ele faz com esses pés tão grandes?

— Ele pisoteia minha mãe, meu pai e todos os meninos grandes.

— Nossa.

Uma garotinha voltou-se para tomar parte na conversa, segurando o seu desenho para Kate ver.

— Está vendo o meu amigo? É um dragão mas não solta fogo pelo nariz. Ele cospe balas duras!

— Oh, e você o viu hoje?

Ela meneou a cabeça um tanto triste.

— Não. Ele já mora na minha cabeça; faz tempo que ele mora ali e somos amigos. Eu não consegui ver meu novo amigo hoje. Ouvi-o mas não consegui vê-lo.

— Olhe a minha figura! — disse outra meninazinha.

Kate dirigiu-se até ela para olhar. Então deu uma olhada mais prolongada.

A criança havia desenhado um pônei de grandes olhos e bochechas redondas. O desenho era excepcional.

— Este é Ponderey — disse ela. — É o meu guia íntimo.

— Um pônei... — disse Kate assombrada. Ela sorriu. — É uma figura maravilhosa, querida. Você desenha muito bem.

— O Ponderey me ajuda. Ele adora desenhar.

Kate sentou-se no fundo da sala novamente e rabiscou mais algumas notas, embora sua mão estivesse um pouco trêmula. Ela parecia tão transtornada que temia perder seu modo quieto, profissional.

Não demorou muito e chegou a hora do recreio. As crianças saíram numa fila ordeira até chegarem à porta do pátio, e então abandonaram o prédio como marinheiros abandonariam um navio afundando.

A Srta. Brewer afundou-se na cadeira à escrivaninha e suspirou com grande sorriso.

— Bem, essa parte do dia terminou!

Kate aproximou-se dela e encontrou uma cadeira por perto.

— Formam um grupo maravilhoso.

— Não é mesmo? Este é um ótimo ano para mim; as crianças desta cidade são realmente especiais!

— O exercício cm criatividade foi algo especial também; provocou uma porção de reações.

Brewer riu de prazer e orgulho.

— É uma aventura todas as vezes. As crianças podem ser muito criativas, e existe muita sabedoria e percepção trancada dentro de cada uma delas. Nunca se sabe o que elas vão revelar.

— E como você chama isso? Não é parecido com Aprendizado de Todo o Cérebro?

— Claro. É parte disso. Mas a maioria dos conceitos e exercícios vêm do currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu.* É um programa experimentado e testado, e inclui as melhores teorias provadas que estão sendo usadas agora. É muito abrangente.

— Bem, qual é o princípio subjacente a tudo isso? A Srta. Brewer sorriu.

— Você não é uma das mães, é?

— Não, apenas cidadã curiosa. Como disse no telefone, ouvi muito a respeito do que você faz aqui, e achei que seria interessante assistir.

— Claro. Bem, naturalmente a nossa perspectiva é a de que cada criança deveria ser livre para atingir seu mais alto potencial, e isso requer uma certa quantidade de liberdade criativa e intuitiva. Com muita frequência o educador pode sufocar esse potencial ao impor uma regra de comportamento ou verdade

particulares sobre o aluno quando o aluno deveria experimentar suas próprias realidades, criando seu próprio conceito do mundo.

— Descobrimos que os exercícios de relaxamento e visualização são a verdadeira chave para soltar cada criança, libertando-a para começar seu próprio processo de realização. O consciente humano, mesmo numa criança, leva uma incrível riqueza de conhecimento que nenhuma classe tradicional poderia jamais cobrir mesmo durante uma vida inteira. Esse conhecimento está à disposição de cada criança cm sua própria sabedoria intima. Não ensinamos à criança como sentir ou como perceber a verdade. Tudo o que temos de fazer é mostrar-lhe como destrancar sua própria sabedoria e intuição intimas, e o resto simplesmente acontece.

— E era isso o que fazia hoje?

— Ora, claro, exatamente. Usamos apenas cerca de dois por cento do nosso cérebro de qualquer forma. Quando ensinamos às crianças a atingir os vastos recursos escondidos no resto do seu cérebro, o céu é o limite.

— Então, onde é que esses "guias íntimos" e "pessoas sábias" entram nisso tudo?

A Srta. Brewer deixou que seus olhos perscrutassem o céu enquanto formulava uma resposta.

— Simplificando, existe um vasto depósito de conhecimento trancado em nosso próprio subconsciente, e uma das maneiras de chegar a ele é personificá-lo, vesti-lo como se fosse uma pessoa, um personagem que nos seja familiar. Por isso, vamos dizer que eu seja uma garotinha com medo de gente grande, adultos, talvez meus próprios pais. Na realidade, já tenho dentro de mim todo o conhecimento de que preciso para enfrentar qualquer situação que encontre. Preciso apenas aprender isso comigo mesma. Assim, para facilitar, eu relaxo, deixo minha mente solta, e imagino — visualizo — uma imagem favorita, um personagem, um amigo. Você notou as figuras que as crianças desenharam? Cada um desses desenhos era como as crianças expressavam um amigo intimo, um guia intimo, uma personificação de sua própria sabedoria com a qual sentem-se livres, desimpedidas e à vontade. Uma vez que tenham criado essa imagem, ela assume vida própria, e pode conversar com elas e dar-lhes o conselho e instruções de que precisam para seja lá o que for que estejam tendo de enfrentar. Em suma, estão aprendendo de si mesmas, de seus próprios conscientes enterrados.

— E tudo isso está contido nesse currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu?*

— Está tudo lá dentro, todo organizado, categorizado e classificado. Torna a tarefa toda bem mais simples.

— Mas — se eu puder fazer o papel de advogado do Diabo por um momento — o que estão realmente aprendendo com tudo isto? Existe algum progresso acadêmico relacionado ao tempo que você gasta para fazer esses exercícios?

A Srta. Brewer se deteve a fim de formular uma resposta. — Acho que aquilo a que está se referindo é o tipo de argumento que ouvimos bastante, que não estamos realmente ensinando nada às crianças, mas as estamos programando, ou usando-as como cobaias. Mas, na verdade, o que é a educação? É treinar e equipar as crianças para viverem suas vidas, sobreviverem neste mundo, terem as atitudes e habilidades de vida certas a fim de adaptarem-se a um ambiente social que está mudando rapidamente.

— E... pelo que estou entendendo, naturalmente, leitura, escrita, matemática, estudos sociais, matérias como essas têm seu lugar nessa definição abrangente de educação?

A Srta. Brewer fez uma cara esquisita.

— Bem... treinamento básico acadêmico é uma coisa, mas não fará acontecer a mudança necessária...

— Mudança?

— Bem, leitura, linguagem, aritmética, e essas outras matérias estão em uma categoria diferente. Não podem ser aplicadas num sentido afetivo, clínico...

Kate hesitou. Essa mocinha era entusiasta com relação ao seu trabalho e estilo de lecionar, mas também vaga em suas respostas.

— Muito bem...— disse ela, correndo os olhos por suas anotações. — Você usou a palavra "clínica". Então, vê o seu papel como sendo mais do que uma professora? Vê a si mesma também como algum tipo de terapeuta?

A Srta. Brewer sorriu e assentiu com a cabeça.

— É uma maneira justa de colocar a coisa, acho eu. Não é uma educação completa apenas encher-lhes as cabeças com as mesmas velhas idéias que foram ensinadas aos pais. Precisamos equipá-las para se elevarem acima de qualquer conhecimento anterior, e procurarem sua própria verdade e valores pessoais.

Kate estava cansada de generalidades.

— Mesmo que isso signifique treinar criancinhas em xamanismo e meditação oriental?

A Srta. Brewer riu como se tivesse ouvido uma piada.

— Você faz parecer que existe algum tipo de religião ocorrendo aqui. Essa é uma objeção comum que ouvimos o tempo inteiro. Existem alguns pais que me procuraram com esse conceito, mas a coisa foi resolvida. Isto não é religião; é puramente científico.

— Pelo que entendi, esses mesmos pais tiraram os filhos desta escola porque se convenciam de que você ensinava religião aqui, algo contrário às suas próprias crenças.

A Srta. Brewer assentiu. Ela se lembrava.

— Acho que foi assim que resolvemos a coisa. Parece que já conversou com eles.

Kate também assentiu.

— Sim.

A Srta. Brewer ainda mostrava-se agradável e tanto mais confiante.

— Bem, eu não tenho dúvidas sobre o que fazemos aqui. Acho que o conselho escolar e todos os professores que eles contratam estão mais do que qualificados para julgar o que é útil e construtivo para as crianças. E os tribunais têm apoiado a comunidade educacional nesse aspecto. Se os pais não acham que podem confiar cm profissionais altamente treinados, então acho que tirar os filhos é a sua única verdadeira opção. Não estamos aqui para servir a uns elementos marginais que insistem em viver no passado.

— Você se referiu ao conselho escolar. Depreendo que eles selecionaram e autorizaram o currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu?*

— Sim, unanimemente. Você precisava conhecê-los antes de tirar as conclusões finais. Eles são um grupo maravilhoso de pessoas. Orgulho-me de trabalhar com eles.

— Bem, estou certa de que são. Mas diga-me... — Kate estava pronta para fazer a pergunta mas não sabia se a Srta. Brewer estava pronta para a resposta. — Amber Brandon não estava na sua classe este ano?

A Srta. Brewer recebeu aquela pergunta como uma revelação. Fechou os olhos e sorriu um longo, ostentoso sorriso, como que a dizer *Aha!*

— Então... é esse o motivo desta visita?

Kate decidiu usar ela mesma um pouco de retórica educacional.

— Bem, vamos apenas nos lembrar de que todos acreditamos na liberdade de

pensamento, liberdade de informação, e acima de tudo isenção de censura para aqueles que têm o direito de saber. — Depois, ela experimentou uma resposta direta. — Precisa saber que sou amiga de Tom Harris, e faço um pouco de pesquisa para ele.

A Srta. Brewer era pessoa verdadeiramente admirável. Ela permaneceu forte e sentou-se ereta.

— Não me importo. Não tenho de pedir desculpas ou esconder nada do que faço nesta classe. Respondendo à sua pergunta, sim, Amber Brandon esteve na minha classe, e para falar a verdade, está de volta de novo para terminar o ano.

— Ela estava aqui hoje? Acho que não a vi.

— Não, e é compreensível. Devido ao trauma pelo qual passa, ela simplesmente já não está disposta a assistir a esta parte da aula. Ela fica esse tempo na biblioteca, e então volta às aulas depois do almoço.

— Então você pode me contar a respeito de Ametista, o pônei?

A Srta. Brewer ergueu-se da escrivaninha e apontou uma figura feita com *crayon* colocada bem acima do quadro-negro.

— Aqui está, bem aqui.

Kate aproximou-se para ver melhor.

Foi uma experiência sinistra, como dar pela primeira vez com os olhos num ladrão que ataca de noite, ou ver pela primeira vez o rosto de um estuprador.

Então essa era Ametista!

Era um pequeno pônei roxo com brilhante crina e cauda cor-de-rosa; os olhos eram grandes e cintilantes, e ele tinha uma estrela de cinco pontas na bochecha, pequenas asas brancas que lhe saíam do ombro. O animalzinho se postava ereto e alerta debaixo da curvatura de um arco-íris. Era lindo, um desenho admirável paia uma criança de dez anos. No canto direito inferior, Amber havia cuidadosamente escrito o nome em letra de forma e com lápis escuro.

— Ela desenhou isto cerca de um mês antes de se transferir para a escola cristã — explicou a Srta. Brewer. — Ela estava tendo experiências extraordinárias durante as nossas sessões de exercícios. Nunca vi tanto progresso numa criança.

Kate engoliu. Sua boca estava subitamente seca.

— E você... — começou ela, mas teve de limpar a garganta. — Você afirma que esta... esta imagem... é uma...

— Uma visualização da própria sabedoria íntima de Amber.

— Entendo. — Kate esperou um momento para formular a próxima pergunta. — Então... como provavelmente sabe, o caso atual contra Tom Harris adveio de uma confrontação entre ele e... e Amber como Ametista.

A Srta. Brewer sorriu.

— Bem... tudo o que posso dar é a minha opinião.

— Por favor.

— Sempre que uma criança é metida numa situação intolerável, tal como num caso de abuso, não é incomum que ela enterre a lembrança do acontecido ou qualquer pensamento a respeito a fim de evitar a dor e o trauma do evento. Muitos conselheiros que tratam com abusos infantis descobriram que uma forma de fazer com que as coisas sejam expostas é permitir que a criança projete a lembrança sobre um objeto neutro, tal como uma figura ou uma boneca ou um fantoche.

— No caso de Amber, temos um pequenino pônei que é sagaz, confiante e puro, e que tem a força para enfrentar tais problemas quando Amber não tem. Quando se trata do que realmente aconteceu na escola cristã, Amber não consegue falar a respeito, mas cm vez disso deixa que Ametista se projete e fale em seu lugar.

Kate digeriu aquilo por um momento.

— Mas isso explicaria porque Ametista apareceu e causou uma agitação mesmo antes que Tom Harris a confrontasse?

— Bem, não sabemos tudo o que aconteceu, sabemos? Poderia ter havido algum abuso antes dos acontecimentos que Tom Harris lhe contou.

— E se Amber tivesse ido à escola já se manifestando como Ametista? Será que isso sugeriria ter havido algum tipo de abuso antes de Amber ter conhecido Tom Harris ou jamais passado um dia na Academia do Bom Pastor?

A Srta. Brewer meneou a cabeça.

— Duvido. Amber vem de um lar muito amoroso. Kate assentiu.

— Está bem. Diga, você teria uma cópia desse currículo à mão? Gostaria de dar uma olhada nele.

— Certamente.

A Srta. Brewer dirigiu-se as prateleiras atrás de sua escrivaninha e examinou todos os títulos.

— Bem... não, hummm... — Ela se endireitou e voltou-se. — Bem, não está aqui.. — Então ela se lembrou. — Oh, é isso mesmo, desculpe. O diretor, o Sr. Woodard, pediu-o emprestado. Ele devia tê-lo trazido de volta, mas obviamente ainda não o fez. Mas se quiser, sempre posso pedir um exemplar na editora.

Aquela idéia despertou o interesse de Kate.

— E que editora seria essa?

— O Centro Ômega para Estudos Educacionais. Acho que tenho o endereço deles aqui nalgum canto.

A Srta. Brewer procurou em algumas pastas sobre a sua escrivaninha. Kate tinha outra pergunta, um tiro no escuro.

— Não existe um grupo de apoio de algum tipo em Baskon? Um grupo chamado Círculo Vital?

A Srta. Brewer ergueu os olhos da sua busca.

— Oh, sim. É um grupo maravilhoso de pessoas.

— O que e esse grupo exatamente?

— Oh, apenas uma comunidade não muito estruturada de pessoas com os mesmos interesses — as artes, religião, filosofia, ecologia, paz, esse tipo de coisa.

— Você é desse grupo?

— Sim, sou.

— Então deve conhecer Lucy Brandon pessoalmente.

— Uh-huh. — Ela se conteve e sorriu. — Isso mesmo; você talvez esteja descobrindo tudo sobre ela.

Kate sorriu e deu de ombros.

— Claro.

— Oh, aqui está o endereço. — Ela o rabiscou num pedaço de papel.

— Então, aquela outra mulher, a assistente legal para a firma Ames e Jefferson...?

— Claire Johanson. — Sim.

— Ela também deve estar envolvida nisso.

— Oh, sim. É uma das líderes. Mais uma porção de gente faz parte do grupo.

— Quem, por exemplo?

A Srta. Brewer parou, bateu com o dedo no queixo enquanto pensava por um momento, e então respondeu:

— Talvez devesse perguntar *às próprias pessoas*.

20

Barquit ficou firme, as narinas expelindo ruidosamente enxofre cm linha reta sobre seu peito avantajado e os olhos amarelos inabaláveis, resolutos. Ele era o poderoso Príncipe de Ômega, e tinha causado mais danos e conquistado mais vitórias para seu senhor do que esse novato pomposo, pretensioso que agora se postava diante dele, vomitando ameaças e abusos.

Destruidor não estava disposto a ser ignorado. Desembainhou a espada e a brandiu no ar, pronto para um teste entre os dois.

— Seu indolente cego, desastrado! Reverencie-me agora, ou desafie! Aceitarei qualquer um dos dois rumos!

Eles pairavam bem alto sobre o Prédio da Administração no campus do Centro Ômega, cercado pelos respectivos guardas, acompanhantes e assistentes.

Os acompanhantes dos dois lados de Barquit puseram-se a implorar-lhe:

— Não, não o ataque, Ba-al. Ele é enviado pelo Homem Forte!

— Ele me chama de indolente! — sibilou Barquit através de dentes apertados.

— *E* desastrado! — disse Destruidor. — Você estava longe do seu posto, e permitiu que aquela mulher passeasse por aí à vontade e soubesse o que quisesse!

Barquit desembainhou a espada tão depressa que ela assobiou. Ele a estendeu para reforçar a sua resposta.

— E onde estava o aviso que nunca recebi, de que essa miserável estaria entrando em meu domínio? Se você está tão disposto a capturá-la, por que nunca me disseram? — Ele continuou com maior aspereza: — E como é que ela ainda está viva, e livre para nos amolar? Não devia ter sido destruída em Baskon?

As duas espadas quase se tocaram.

Naquele exato momento, uma voz humana irrompeu.

— Senhores, se quiserem fazer o favor de sentar-se...

Os espíritos no ar se enrijeceram. Os negócios chamavam. Os humanos abaixo deles estavam dando início à sua reunião. Barquit embainhou a espada.

— As tropas celestiais foram expulsas, e ainda somos donos do nosso território. Colocarei isso atrás de nós.

O Destruidor também embainhou sua espada.

— Deixarei os erros passados de lado... por enquanto.

Eles se deixaram cair pelo telhado do prédio a fim de juntar-se à reunião que estava tendo lugar numa pequena sala de conferências. O Sr. Steele estava à cabeceira da mesa; à sua direita sentava-se o homem moreno todo vestido de preto; à sua esquerda sentavam-se dois outros homens. À outra ponta da mesa, parecendo nervosa, estava sentada a Sra. Denning. O Sr. Steele dirigiu o processo.

— Sybil, gostaríamos de agradecer-lhe por ter vindo. Deixe-me apresentar-lhe todos os presentes. Obviamente, você conhece o Sr. Tisen. Senhores, este é Gary Tisen, o presidente do corpo docente aqui em Ômega. — Tisen era um homem de barba, com seus trinta e tantos anos, um tipo agradável de pessoa. — Este cavalheiro aqui à minha direita é o Sr. Kholl, um jornalista e fotógrafo autônomo. À minha direita imediata está o Sr. Goring, do Instituto Summit. — Goring era um homem idoso com olhos penetrantes, cabelos brancos penteados meticulosamente e uma barba bem aparada. Ele usada diversos colares de contas à volta do pescoço. — Senhores, esta, naturalmente, é Sybil Denning, membro de nosso corpo docente já há diversos anos.

Todos cumprimentaram todos os outros com um movimento da cabeça. A Sra. Denning sorriu um bocadinho, achando que aquela reunião não podia ser tão séria quanto ela havia pensado.

O Sr. Steele manteve um sorriso, mas havia um quê de cortante cm seus olhos. — Agora, Sybil, temos algumas perguntas a respeito dessa mulher que veio ao Centro na sexta-feira passada. Como foi que ela disse que se chamava?

Sybil foi pega um tanto de surpresa pela pergunta.

— Ora, Sr. Steele, aquela era Bethany Farrel, da área de Los Angeles, lembra-se? O senhor disse que a conhecia.

O Sr. Steele deu uma risada encabulada, e então mentiu.

— Pensei que era outra pessoa. O que estamos tentando descobrir agora é quem ela realmente era. Ela lhe deu alguma outra identificação, qualquer outra prova de quem pudesse ser?

— Bem... não.

O Sr. Steele fez uma pausa ao ouvir aquela resposta.

— Então... Sybil, está percebendo o que aconteceu? Uma pessoa totalmente desconhecida entrou no nosso campus, deu-lhe nada mais do que o nome e a declaração de que era de Los Angeles, e isso foi tudo o que teve de fazer para conseguir carta branca para uma excursão pelo Centro. — A Sra. Denning não sabia

o que dizer. O Sr. Steele apenas sorriu. — Bem, Sybil, foi isso o que sempre gostei em você: você gosta de pessoas, confia nelas, vai buscá-las, e é essa a finalidade do Ômega, não é?

Ela animou-se um tantinho.

— Ora, e claro.

— Ela disse alguma outra coisa a seu próprio respeito?— A Sra. Denning tentou lembrar-se. — Por exemplo, ela é casada?

— Não, é divorciada. Ela disse que estava andando pelo país de carona, tentando encontrar-se. Estava procurando um lugar para ficar, pelo que me lembro.

— E por isso você a levou por uma excursão no campus.

— Sim. Levei-a para uma caminhada e falei a respeito do Centro e do que fazemos aqui, e quais são os nossos objetivos.

O Sr. Steele e o Sr. Goring individualmente puxaram o fôlego e o seguraram por um momento. Então o Sr. Steele falou.

— Umm... Sybil, era a esse tipo de coisa que eu me estava referindo. Simplificando, você não deveria ter feito isso. Não sabemos quem era aquela mulher, ou quais eram as suas intenções, e estou certo de que percebe que existem muitos interesses lá fora que nos são hostis. Nossos objetivos podem correr sério risco se não tivermos cuidado em escolher a quem damos informação. Que objetivos você discutiu com ela?

Ela vasculhou a memória, e era doloroso ter de admitir qualquer coisa que descobrisse.

— Nossos objetivos de mudança através da educação...

Isso provocou um suspiro audível, e o Sr. Tisen chegou mesmo a tamborilar a mesa com os dedos.

— O que mais, Sybil?

— Nossos programas, nossos currículos, nosso trabalho de entrar no sistema educacional público... — As emoções dela começaram a se manifestar. — Sinto muito. Eu não sabia...

— O que mais?

— Humm... Sei que falamos a respeito do programa dos Potenciais Jovens... e de nossa busca de uma comunidade global... e de nosso enfoque clínico da educação...

O Sr. Goring fez uma breve pergunta.

— Falaram a respeito do currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu?*

A Sra. Denning ficou um tanto surpresa por Goring saber acerca disso.

— Ora... sim, falamos. Mas acho que foi por já estarmos conversando a respeito de fazer com que o nosso currículo fosse adotado pelas escolas públicas, e aparentemente ela o havia visto em algum lugar, e queria saber se de fato éramos nós que o havíamos publicado.

— Mm. Agora, fiquei sabendo que ela lhe mostrou um anel?

— Sim. Ela o tinha numa corrente à volta do pescoço. Queria saber se eu já havia visto um anel como aquele antes.

— E tinha? — Não.

— Como era o anel?

— Oh... — Ela tentou desenhar pequenas imagens com as mãos enquanto o descrevia. — Era meio grande, como um anel de turma... Era de ouro... Tinha em cima um rosto estranho, que parecia mitológico, como o de um gárgula, mas triangular.

Os homens estavam mantendo uma expressão inescrutável, com óbvio esforço.

O Sr. Steele perguntou:

— Tem certeza de nunca tê-la visto antes? Aquela pergunta sugeriu a possibilidade.

— Hum, bem, não sei. Será que eu deveria tê-la conhecido? Goring interveio.

— Não, claro que não.

Mas a Sra. Denning pensou a respeito daquele rosto novamente, e aquele primeiro encontro, e a mulher soletrando o nome:

— F-a-r-r...

Goring achou que já haviam perguntado o suficiente.

— Não se preocupe com isso, Sra. Denning. Obviamente não houve prejuízo. Sabemos que tomará cuidado no futuro.

Uma lembrança estava emergindo. Soletrar um nome. Quem era aquela mocinha que fez isso? Ela tinha sido realmente insolente ao fazê-lo. O Sr. Steele também tentou dar por encerrada a conversa.

— Você fez um trabalho maravilhoso aqui, Sybil, e estamos contentes por tê-la no conselho. Obrigado pelo seu tempo.

Mas a Sra. Denning continuava a lembrar-se. Ela viu o rosto; sardento, duro como pedra, longos cabelos ruivos.

— R-o-e... — havia dito a garota.

Os olhos da Sra. Denning se escancararam, bem como a sua boca.

— Roe! Era Sally Roe!

O Sr. Goring não pareceu ouvi-la.

— Muito obrigado, Sra. Denning. Senhores, estou pronto para um café. A Sra. Denning estava pasmada, a mente inundada pela lembrança.

— Ela foi aluna minha anos atrás! Ela esteve aqui no Centro no programa de Potenciais Jovens! *Agora* me lembro dela!

O Sr. Steele interrompeu.

— Sybil...

— Mas o que ela *estava fazendo* aqui? Por que não me disse quem era?

— Sybil!

Ela deu-lhe sua atenção silenciosa. O Sr. Steele parecia sinistro.

— Guarde sua excitação. Posso assegurar-lhe, não era Sally Roe. Ora, para ela essa foi difícil de engolir.

— Não era?

— Sally Roe está morta. Ela suicidou-se há poucas semanas. Isso a silenciou. Ela estava chocada, confusa, sem fala.

O Sr. Steele a dispensou.

— Obrigado. Acho que, se se apressar, pode chegar à sua primeira aula bem na hora.

Ela ergueu-se e saiu da sala sem dizer uma palavra.

***

Destruidor estava cuspindo enxofre, tentando alcançar e agarrar Steele enquanto Barquit tentava detê-lo. *Idiota! Já não atrapalhou o suficiente? Cortarei fora a sua língua!*

***

Goring olhou furioso para Steele.

— Não foi exatamente um tipo prudente de perguntas. O Sr. Steele tentou não parecer embaraçado.

— Sr. Goring, podemos repassar as nossas escorregadelas ou podemos falar sobre o que vamos fazer.

Goring continuou, mas infeliz.

— A Sra. Denning agora e um risco. Eu e você sabemos que ela suspeita que Sally Roe ainda está viva — e ambos sabemos por quê.

— Não — disse Tisen — eu não me preocuparia com isso. Ela tem uma lealdade maravilhosa e profunda para com a liderança aqui.

O Sr. Steele mudou de assunto.

— Ela não constitui problema. O que gostaria de saber é onde Sally Roe aparecerá a seguir, e se há alguém que devêssemos avisar com antecedência antes que ela possa chegar até a pessoa e extrair informação como fez com a Sra. Denning.

***

Destruidor deu um passo para trás e olhou furioso o Sr. Steele. *Desastrado! Tolo! Idiota!*

***

O Sr. Goring rolou os olhos.

— Você está de fato propondo que avisemos todo o mundo para ficar à procura de uma mulher supostamente morta? Até que nível a informação deveria descer? Não seja um tolo, Steele! Uma vez que essa informação deixe esta sala, estará fora do nosso controle. Além disso, a quem contaríamos? Como decidimos em que direção a Roe irá? Não sabemos o que ela está pensando, e obviamente você não tinha a menor idéia de que ela apareceria aqui!

***

Barquit postou-se entre o Sr. Steele e Destruidor antes que o zangado predador fizesse alguma coisa impensada.

— Lembro-lhe, grande guerreiro, de que não recebemos nenhum aviso! Você poderia ter previsto que ela estaria aqui, e nós teríamos sido poupados dessa dificuldade e embaraço!

Destruidor acalmou-se um pouco.

— Está bem. Concordo. Por uns tempos, o Exército Celestial escondeu-a de nós, em resposta às orações dos santos de Deus. Os santos de Baskon têm grande interesse nesta batalha. Mas suas preces se enfraquecem agora. Eles se preocupam com outras coisas. — Esse simples pensamento alegrou Destruidor, que se tornou mais agradável. — Descobriremos a Sally, Barquit, mas na calada e por astúcia em vez de força. — Destruidor podia ver alguém aproximar-se da sala. — Ah! Vejam isto! Acabamos de obter outra vantagem que o Exército Celestial nem pensou em conter.

— Uma vantagem?

Destruidor apenas deu um sorriso amarelo e olhou na direção da porta.

***

Ouviu-se uma batida.

— Quem poderia ser? — quis saber o Sr. Steele.

— As ordens eram para que não fôssemos perturbados.

— Quem é? — exigiu o Sr. Steele.

A porta abriu-se um bocadinho, e um jovem assistente estudante enfiou a cabeça dentro da sala.

— Desculpe, Sr. Steele. Tenho um item especial para o Sr. Goring.

— Pode entregar — disse Goring.

O rapaz entrou na sala com um envelope de papel manilha.

***

Dois espíritos também entraram, muito contentes, tentando não cacarejar muito alto. Destruidor ordenou-lhes que se postassem atrás dele. Eles obedeceram no mesmo instante.

— Muito pontuais — disse ele aos espíritos.

Eles deram uma risadinha abafada e cacarejaram sua alegria por tal elogio.

Enquanto Destruidor e Barquit observavam o rapaz entregar o envelope ao Sr. Goring, Destruidor explicou:

— Estes dois mensageiros descobriram por acaso algo interessante lá no Correio de Baskon. Resolvi recompensá-los e garantir seus futuros serviços.

***

O rapaz saiu. O Sr. Goring abriu o envelope e tirou para fora o conteúdo com uma expressão perplexa. Um envelope pequeno de carta e uma carta explicativa de três páginas caíram sobre a mesa.

Quase ao mesmo tempo, os quatro homens viram o nome no canto superior esquerdo do envelope: Sally Beth Roe.

Goring leu a carta explicativa.

— Veio de Summit. Esta carta de Sally Roe chegou a semana passada ao Correio de Baskon. Lucy Brandon descobriu-a e a mostrou ao agente de polícia Mulligan. Ele consultou Círculo Vital e Ames e Jefferson, os advogados do caso. Eles a enviaram ao Summit. O pessoal do Summit abriu-a e achou que eu devia vê-la imediatamente.

Goring apanhou a mui-viajada carta de Sally Roe, dirigida a Tom Harris. Os quatro homens olharam-na com choque, pasmo, e com um júbilo cada vez maior.

Goring falou primeiro.

— Então... Sally Roe está escrevendo cartas!

O Sr. Steele estava quase sorrindo abertamente.

— Para... para *Tom Harris?*

Goring estava passando os olhos rapidamente pela carta vinda do Alto Comando.

— Brandon está razoavelmente certa de que esta é a primeira carta. — Ele tirou a carta de Sally do envelope já aberto; era um documento escrito a mão em papel de fichário espiral triplo. Ele a examinou depressa. — Sim. Esta parece ser a primeira carta. Ela se está apresentando... Oh, não! Está descrevendo o seu encontro com a Von Bauer!

Ao ouvirem isso, todos se reuniram para espiar por cima do ombro de Goring.

O Sr. Steele leu o relato, interessando-se muito pela forma como Von Bauer havia morrido subitamente. Então ele lembrou-se do que havia acontecido no Restaurante Cabana de Toras. Ele olhou para Kholl.

— Ela *está metida* em algum tipo de poder psíquico tremendo. *Alguma coisa* a está protegendo!

Goring não estava inteiramente impressionado.

— E contudo ela ainda parece perdida, confusa. Veja-a aqui, falando sem parar sobre moralidade, significado, desespero. A mulher e um caos!

O Sr. Steele leu adiante.

— Mm. "Vou reconstituir umas antigas pegadas e descobrir algumas coisas." Foi por isso que ela esteve aqui Está à caça de informação.

— E encontrou — disse Goring desgostoso. Outro pensamento foi sombrio.

— Se Tom Harris tivesse de fato recebido esta carta... Goring ergueu o olhar.

— Claro. Poderia ter significado o fim de tudo, inclusive da ação judicial da Brandon. — Mas o estado de espírito de Goring começou a clarear. — Mas como as coisas estão agora... Sally Roe virtualmente traiu-se para nós. Estão vendo aqui? Ela planeja escrever mais cartas dessas, e essa poderia ser a chave para encontrá-la, predizer onde ela estará, descobrir o que ela sabe, e exatamente o que planejou!

Os quatro homens se entreolharam. Podia ser exatamente assim.

— Se pudermos continuar interceptando essas cartas, observar os carimbos do correio, derivar pistas dos conteúdos, eu diria que teríamos uma extraordinária vantagem — resumiu Goring.

— Mas podemos confiar na Brandon para interceptar as cartas? — perguntou o Sr. Steele. — Será que ela não cederá à pressão das legalidades?

Goring sorriu.

— Não, não a Brandon. Ela tem muito a perder se não cooperar, agora que a ação judicial está em andamento. Além disso, se pudermos persuadi-la de que seria mais interessante para ela cooperar conosco, então... tanto mais influência teremos sobre ela a cada carta com que mexer.

Os homens trocaram olhares e assentiram com a cabeça. Parecia um plano viável.

Goring concluiu:

— Teremos de consultar Santinelli quando ele chegar. Se ele concordar, avisaremos o Círculo Vital a persuadir a Brandon a continuar interceptando as cartas e mandando-as ao Summit. Eventualmente, quase garantidamente, Sally Roe nos dirá onde se encontra, e... o senhor, Sr. Kholl, nos será muito valioso.

Kholl sorriu, saboreando a idéia.

Os dois mensageiros atrás de Destruidor cacarejaram e babaram de gozo.

— Um Judas — disse Destruidor. — Alguém que entregará Sally Roe em nossas mãos: a própria Sally Roe!

***

Claire Johanson e o namorado Jon Schmidt, que morava com ela, partilhavam um casarão branco na orla da cidade. A casa já fora a sede de uma grande fazenda, mas a fazenda tinha sido dividida em diversos sítios, e agora a casa permanecia como uma propriedade confortável e viável para os propósitos de Claire e Jon. Ela era, naturalmente, uma assistente legal para a firma de Ames, Jefferson e Morris; Jon era arquiteto e pintor.

Mas acima de tudo, eles eram os fundadores e facilitadores de um movimento, uma comunidade, um agrupamento conhecido para os membros como Círculo Vital.

Hoje havia uma reunião do Círculo Vital, uma ocasião não muito formal, mais uma hora para compartilhar, combinar interesses, discutir novas descobertas e percepções. Havia carros de sobra estacionados dos dois lados da estrada que passava na frente da casa, e a casa estava cheia de gente, não apenas da área imediata de Baskon como também de outras comunidades.

Na sala de estar, os entusiastas das artes apreciavam um mini-concerto de música para expandir a mente, executada por um trio instrumental popular que consistia de uma flauta, guitarra e baixo de cordas. O presidente da granja local estava ali, num estranho torpor enquanto escutava; o Sr. Woodard, o diretor da escola primária, também se encontrava ali com a esposa, relaxando aos sons cadenciados. Alguns jovens sitiantes também se encontravam presentes, alguns apreciando a música, e outros pensando em prosseguir para outra atividade em algum outro local da área.

Em cima, num quarto que estava totalmente vazio a não ser por almofadas por toda a parte no chão, rapazes e moças participavam de uma sessão de ioga, zumbindo e zoando como uma colméia, sentados na posição de lótus. Eram gente comum, um rancheiro, um carpinteiro, o motorista de um furgão de entregas, uma professora de crianças com "necessidades especiais", um casal que dirigia uma creche, e a Srta. Brewer que lecionava a quarta série da Escola de Primeiro Grau de Baskon.

Do lado de fora da porta dos fundos, sentado em cadeiras confortáveis debaixo de uma vasta parreira, um grupo de cerca de uma dúzia de pessoas compartilhava idéias e ouvia as opiniões de um autor visitante com relação à aplicação do Zen à agricultura.

Num canto do quintal, não muito longe de um conjunto de balanços, diversas

crianças pequenas pinoteavam pela grama, fingindo ser pôneis. À frente de todas elas encontrava-se Ametista, pulando, empinando, e emitindo palavras de sabedoria.

— O que vocês virem, isso é o que existe — dizia ela. — Se vocês se virem como um cavalo preto, é o que são. Se virem diante de si um prado aberto, isso é o que são. Criem seu próprio mundo, e corram à vontade por ele!

Assim, a meninada criava seu próprio mundo e corria à vontade por ele, pelo menos até a cerca dos fundos.

No escritório de Claire no andar principal, por trás de portas fechadas, uma reunião de grande importância estava em progresso. Claire estava sentada regiamente atrás de sua escrivaninha; Gordon Jefferson, o advogado da ACAL, sentava-se a uma ponta da escrivaninha, sua pasta ao lado; oposta a eles encontrava-se sentada Lucy Brandon. Perto da porta, numa posição neutra, sentava-se Jon, o companheiro de Claire. Ele era loiro e bonitão, como um garoto-propaganda de sapatos de corrida, e tinha um ar tranquilo, confiante.

Havia outra mulher presente, uma advogada esguia, de cabelos curtos, vinda de Sacramento, que tinha trazido um sumário de outro caso que a ACAL havia encerrado lá.

— Encontrarão uma porção de paralelos úteis neste caso — disse ela, entregando-o a Jefferson. — Se tiverem alguma pergunta, o Sr. James terá prazer cm oferecer-lhes seu tempo e préstimos.

— Esplêndido! — replicou Jefferson, pegando o material. — Pelo que fiquei sabendo, o Sr. James foi capaz de desenterrar um precedente legal convincente neste caso aqui.

— E também pode ser usado pelo senhor. Claire sorriu agradecida.

— Obrigada, Lenore. Acho que sabe que o pessoal de Chicago está observando este caso?

A mulher chamada Lenore sorriu.

— Oh, claro. Por isso, se descobrirem que precisam de qualquer coisa, estamos prontos e esperando para mandar mais gente, mais documentos, qualquer coisa.

Jon deu uma risada e bateu palmas.

— A corrida já começou!

— E isso me faz lembrar — disse Claire — que temos estado meio baixos em itens para o noticiário; John Ziegler e o pessoal da KBZT estão sempre abertos para

mais notícias se conseguirmos encontrá-las.

Jefferson retrucou:

— Bem... o caso fica quase totalmente sem divulgação até o julgamento.

Jon perguntou:

— E os problemas de Harris com o pessoal de assistência à criança? Claire sacudiu a cabeça.

— Não podemos nem chegar perto disso agora, pelo menos por enquanto. A juíza deu ordens à imprensa para que se mantivesse afastada, e se eles tentarem desenterrar alguma coisa, vai parecer muito uma violação da ordem.

— Bem — pensou Jefferson em voz alta — se pudéssemos encontrar alguma coisa que ficasse fora dessa ordem, ajudaria. Precisamos manter os cristãos correndo, mantê-los escondidos.

Jon brincou:

— Talvez pudéssemos usar essa linha direta para denúncias de abuso infantil de novo e meter Harris em apuros com os filhos de *outra* pessoa.

— Não... — disse Claire, embora soubesse que Jon não falava a sério. — Não queremos começar a parecer óbvios, e Irene Bledsoe está sob pressão suficiente do modo como as coisas estão.

— Bem, tenham paciência — disse Lenore. — É um processo gradual, um caso de cada vez. A consolação é a de que uma vez que tenhamos conquistado o terreno, jamais o perderemos novamente.

— Então, o tempo está a nosso favor — disse Jon.

A conversa perdeu o embalo. Todos os olhos começaram a voltar-se na direção de Lucy Brandon, que estava silenciosa, ouvindo o que todos diziam.

Ela devolveu-lhes o olhar e sorriu nervosamente.

— Estão-me pedindo muito. Claire deu uma risada apaziguadora.

— Oh, não é tão sério assim.

Jon deu umas palmadinhas na mão de Lucy.— Não se preocupe. Há muito poder representado aqui para que você esteja correndo qualquer risco real. Não e verdade, Gordon?

Gordon Jefferson entrou na conversa com tudo.

— Claro. Ouça, Lucy: essas cartas não são correspondência legítima. São de

algum maníaco, um doente mental que vem acompanhando o caso pela imprensa. Acontece o tempo todo. Cartas como essa não deveriam ser entregues de qualquer forma.

Claire acrescentou:

— Mas enquanto isso, nunca se sabe o que ou quem poderia estar por trás delas, e não podemos nos dar ao luxo de correr nenhum risco.

— É isso mesmo — disse Jefferson. — Não sabemos o que as cartas contêm, mas podemos estar certos de que o seu caso não melhoraria de forma alguma se Tom Harris chegasse um dia a recebê-las.

Lucy permaneceu sentada ali, pensando sobre aquilo, mas ainda não parecia convencida.

— Bem — perguntou Claire — quantas chegaram até agora?

— A segunda veio ontem mesmo.

— O que você fez com ela?

— Ainda está "retida". Eu queria falar com vocês primeiro.

— Fez bem. Jefferson concordou.

— Fez muito bem. Sabe, Lucy, pode ser que estejamos enfrentando gente bem malandra neste caso. Nunca se sabe que tipo de proeza podem tentar. — Depois ele acrescentou em voz um pouquinho mais baixa. — Considere também os interesses em jogo. Se vencer este caso, haveria um bom pacote de dinheiro para você receber.

— Mas deixando o dinheiro de lado — acrescentou Claire — pense em todas as crianças que este caso poderia atingir no futuro. Se vamos algum dia construir um futuro de paz e comunidade mundial, precisamos enfrentar os cristãos; precisamos tirar sua influência das gerações futuras. É para o seu próprio bem, para o bem da humanidade.

— Mas, e Amber? — perguntou Lucy. Jefferson foi pronto em responder.

— Sabe, Lucy, acho que você nem precisa preocupar-se com isso. O Dr. Mandanhi pode apresentar relatórios e testemunho em favor de Amber, e ela nunca precisará chegar perto do tribunal. Seremos capazes de isolá-la totalmente deste caso.

— Isso seria bom.

— Bem, levaremos a coisa dessa maneira. Claire falou com grande sinceridade na voz.

— De fato, se achássemos que o caso seria prejudicial a Amber, não o levaríamos adiante. Afinal, e com as crianças que estamos preocupados.

— Certo, absolutamente — disse Jon.Afinal Lucy sorriu e aquiesceu com a cabeça.

— Está bem. Eu apenas queria ter certeza, só isso.

— Nenhum problema — disse Claire.

— Entendemos — disse Jon. Jefferson averiguou mais uma vez.

— Você tem o endereço de para onde mandar as cartas? Lucy achou que se lembrava.

— O Instituto Summit, certo? — Certo.

— Tenho o endereço no meu arquivo particular. Enviarei as cartas assim que as receber.

Todos demonstraram sua aprovação inclinando a cabeça.

— Excelente, excelente.

***

A música ainda tocava, as discussões continuavam, a zoada e a cantilena faziam as janelas zumbirem. No total, o Circulo Vital estava tendo um dia produtivo.

Marshall Hogan também. Não havia demorado muito para passar devagarinho de carro pela casa e por todos aqueles carros estacionados, matraqueando num gravadorzinho em sua mão.

— GHJ 445, HEF 992, BBS 980, CJW 302...

Com apenas duas passadas pelo local, ele pegou o número das placas de todos.

21

Caro Tom,

Quero ter certeza a respeito de algo. No momento, não tenho.

Pode culpar o orgulho. Quando entrei para o colegial, deliciei-me com o que me ensinaram: que eu era a autoridade definitiva em minha vida, a arbitradora final de toda a verdade, a única a decidir quais os meus valores, e que nenhuma tradição, idéias acerca de Deus, ou sistemas de valor anteriores tinham qualquer autoridade sobre a minha vontade, meu espírito, meu comportamento. "Autonomia máxima'* era como chamavam a isso. Tais idéias podem ser muito convidativas.

Mas havia uma dificuldade em toda essa liberdade: Eu tinha de aceitar a idéia de ser um acidente, a mera soma de tempo mais chance, e não apenas eu, mas tudo o que existe. Uma vez que eu aceitei essa idéia, era impossível acreditar que alguma coisa realmente importasse, pois fosse o que fosse que eu pudesse fazer, ou criar, ou mudar, ou melhorar, não seria menos um acidente do que eu. Então, onde estava o valor de qualquer coisa? Que valor tinha a minha própria vida?

Então toda aquela "autonomia máxima" não era a grande liberação e o gozo que julguei que fosse. Sentia-me como criança solta a brincar num quintal infinitamente enorme, e comecei a desejar que houvesse uma cerca em algum lugar. Pelo menos então eu saberia onde estava. Poderia correr até ela e dizer a mim mesma: "Estou no quintal", e sentir que era o certo. Ou poderia passar por cima da cerca, e dizer a mim mesma: "Ô, ô, estou fora do quintal", e sentir que era errado. Certa ou errada, e com infinita liberdade para correr e brincar, eu sei que ainda ficaria perto da cerca.

Pelo menos então eu saberia onde estava. Saberia alguma coisa com certeza.

***

Sally estava na cidade de Fairwood, um cidadela ao longo de um rio importante, um porto de compras razoavelmente movimentado para aquela parte do estado. Mesmo distando o Centro Ômega apenas uma serpeante volta de carro de meia hora das montanhas que ficavam acima da cidade, Sally havia permanecido no lugar, escondendo-se ali pelo fim-de-semana, a fim de percorrer o lugar novamente, andar pelas ruas de dia e passar as noites frescas no bosque perto do rio.

A cidade não tinha mudado muito em dez anos. Havia um novo centro de compras na ponta norte da principal via pública, mas toda cidade tem de ter um centro mais cedo ou mais tarde. Quanto ao centro da cidade, todas as lojas

permaneciam as mesmas, e até a Lanchonete Fique um Pouco ainda estava lá, com o mesmo toca-discos automático e o feio balcão coberto de fórmica azul. Os menus eram novos, mas apenas os preços eram diferentes; cada página ainda trazia o mesmo logotipo e as mesmas refeições.

Ela se lembrava de coisas. Ela fazia tudo voltar. O parque no centro da cidade era exatamente como ela se lembrava. A piscininha rasa estava vazia e seca, esperando tempo mais quente, mas havia crianças brincando nos balanços e nos escorregadores, e Sally considerou como o parquinho era o mesmo, mas a criançada era diferente; não demoraria muito para que as crianças que haviam estado ali dez anos atrás estivessem mandando *seus* filhos ao mesmo parquinho para brincar nesses mesmos balanços.

A cidade realmente não é má. Não posso culpá-la pelos sentimentos que evoca em mim, os estranhos conflitos que sinto. Neste lugar estão escondidas as minhas lembranças mais felizes e as mais amargas, lado a lado. Ambas estão enterradas há tanto tempo, obliteradas por drogas, por ilusões, por estados alterados do consciente, que forcei-me a permanecer aqui afim de revivê-las. Preciso recordar.Ela estava sendo seguida por amigos. Do topo do prédio do Primeiro Banco Nacional no outro lado da rua, Tal, Natã e Armoth mantinham-na sob vigilância enquanto ela, sentada num banco do parque, escrevia outra carta.

— Ela ainda não encontrou — disse Natã. — Acho que não quer encontrar. Ela já passou por todas as ruas, menos a rua certa.

— Ela quer encontrar, mas ao mesmo tempo não quer, e não a culpo — disse Tal. — Mas teremos de ajudá-la. Com as nossas táticas atuais, apenas podemos manter aquele quarto de hotel aberto por hoje.

— Ela está-se movendo de novo — comentou Armoth.

Sally colocava seu caderno de volta na mochila e se preparava para ir adiante.

Natã observou os céus acima da cidade.

— Os batedores de Destruidor ainda estão por aí. Devem saber que estamos aqui.

Tal concordou.

— Eles simplesmente não estão com medo de nós. Mas considero isso uma vantagem. Preferiria vê-los muito confiantes. — Então ele viu Sally virando à direita na Avenida Schrader. — Opa! Não, Sally, não por aí.

Eles desenrolaram as asas e pularam do prédio, descendo a flutuar sobre as capotas dos carros que passavam, inclinando-se silenciosamente ao redor da

esquina, e pousando na calçada nos dois lados dessa viajante singular, cansada. Ela parecia um tanto perplexa, sem saber em que direção seguir.

Natã falou com ela: Não, Sally, você já passou por aqui. Vire.

Ela parou. Oh, puxa, já passei por esta rua antes e foi uma chatice.

Ela voltou-se e seguiu a avenida na outra direção, cruzando diversas ruas, passando por outros pedestres, sempre olhando por cima do ombro.

Os três guerreiros andavam com ela, mantendo-se perto.

Sally olhava à volta enquanto caminhava. Não, ela não tinha passado por ali ainda. Algumas das fachadas das lojas pareciam familiares. *Oh! Aquela floricultura! Lembro-me dela!*

Então, finalmente seus olhos se depararam com um quadro que ela não via, ou que não tinha querido ver, em dez anos. Lá à frente, no seu lado da rua, estava uma grande placa retangular, SCHRADER HOTEL, e abaixo dela, uma placa menor, COZINHAS, TAXAS DIÁRIAS, SEMANAIS, MENSAIS. Ela estacou subitamente e ficou fitando boquiaberta aquela placa, fascinada.

Isso não havia mudado. O hotel ainda estava lá!

Tal chegou-se por trás dela. *Calma, Sally. Não fuja.*

Ela queria fugir, mas não conseguia. Não queria enfrentar essa recordação, mas ainda assim sabia que precisava fazê-lo.*Se quiser saber a verdade,* disse Tal, *precisa enfrentá-la mesmo que seja dolorosa. Você já fugiu o bastante.*

Ela ficou parada no meio da calçada como se seus sapatos estivessem colados ao cimento. Começava a lembrar-se de mais e mais coisas relacionadas a esse lugar. Já havia andado por essa calçada antes, muitas, muitas vezes. Havia visitado aquela floricultura. Havia uma loja de ferragens na esquina, mas agora se lembrava de que era antes uma loja de miudezas.

Ela pôs-se a caminhar de novo, devagar, absorvendo cada quadro. Essas jardineiras eram novas; antigamente havia apenas a calçada nua aqui. O estacionamento do outro lado da rua estava sob nova direção, mas ainda era um estacionamento.

O Hotel Schrader era o mesmo grande hotel de sessenta unidades e três andares, em forma de L, com um estacionamento na frente e na parte dos fundos. Não era um lugar careiro, nada tinha de extravagante, não tinha piscina. O prédio podia ter sido pintado; ela não tinha certeza. A entrada para a recepção parecia ser a mesma de que ela se lembrava, e ainda havia uma grande cobertura projetando-se

para fora da entrada.

Ela ergueu os olhos para o terceiro andar, e perscrutou todas as portas azuis que davam para a sacada fechada por grade de ferro. Podia ver o Quarto 302 perto do fim.

Tinha sido o seu lar por quase dez meses. Um período tão curto, e tanto tempo atrás!

Mesmo enquanto passava sob a cobertura e chegava à porta da recepção, ela se sentia um tanto irracional. A que propósito uma ação dessas serviria? Por que desenterrar o passado? Nada disto era necessário.

Iria em frente. Tinha de ver tudo aquilo novamente; não havia prestado atenção da primeira vez.

Abriu a porta.

Estava destinado a acontecer, veio uma lembrança de alguma parte de sua mente. Era sua própria voz. Agora ela se lembrava de ter dito aquilo. *Meu eu superior o ordenou.*

— Alô — disse a simpática senhora atrás *do* balcão. — Em que posso servi-la?

Sally ainda podia ouvir sua própria voz ecoando do passado: *Afinal de contas, a morte não existe; a única coisa que existe é mudança.* Ela sabia que lhe haviam feito uma pergunta.

— Uh... sim. Gostaria de saber se a senhora tem uma unidade com cozinha disponível.

A senhora verificou o registro.

— Hm. Está com sorte. Sim, aquele sujeito saiu bem neste fim-de-semana. Fica no terceiro andar... Está bem?

— Está. Umm... por acaso seria o 302?

As sobrancelhas da senhora se ergueram.— Ora, sim, isso mesmo. Você já ficou nesse quarto antes?

Sally examinava cuidadosamente aquela senhora. Não, nunca se haviam visto antes, tinha certeza. Ela deveria ser uma nova proprietária, ou funcionária, ou algo assim.

— De vez em quando.

A senhora fez a ficha deslizar através do balcão até a cliente, e Sally a preencheu. Ela deu o nome de "Maria Bissell", colocou um endereço totalmente fictício em Hawthorne, Califórnia, e então alegou estar dirigindo um Ford Mustang 79 com placa da Califórnia, inventando também um número para a placa. Tudo o que podia esperar era que essa senhora apreciasse receber em dinheiro e não questionasse suas credenciais.

A senhora realmente apreciou ser paga dessa forma, recebendo uma semana de aluguel e um depósito para danos em dinheiro. Ela entregou a chave a Sally.

A escada tinha novo tapete verde agora. Sally podia lembrar-se do gasto tapete marrom que a recobria antes.

Chegou ao terceiro andar e caminhou ao longo da sacada de onde se podia ver o estacionamento, e, além dele, a Tipografia e Encadernadora Nelson, ainda lá, as impressoras de *offset* ainda roncando lá dentro.

Ela colocou a mão sobre a grade e percebeu que seu pulso estava livre. A última vez que vira essa grade ela estava algemada, e não era livre.

Da memória enterrada veio a imagem de carros-patrulha encostados no estacionamento abaixo, as luzes piscando. Então, lembrou-se de outros locatários observando das janelas, espiando através das cortinas, curiosos e anônimos. Ela podia sentir a dor de mãos grandes segurando-lhe os braços, impelindo-a ao longo dessa sacada.

Havia um carro de socorro lá embaixo também, e uns paramédicos correndo por ali. Mal podia lembrar-se deles.

Chegou à porta. Com a respiração presa e uma volta da chave, ela a abriu. A corrente da trava estava consertada agora, e aparentemente a maçaneta havia sido trocada.

Algumas coisas estavam diferentes. O sofá era novo, mas ainda ficava no mesmo lugar. O quadro na parede logo acima dele costumava ser de um barco a vela, e agora era de um vaso de flores surrealista. Ela gostava mais do barco a vela.

A cozinha parecia a mesma, e os armários não haviam mudado nada. A pia ainda tinha aquela rachadura marrom. As panelas estavam no mesmo guarda-louça bem do lado esquerdo da pia.

Através de uma arcada no fundo do cômodo estava o quarto. Ela sabia onde a cama estaria, e sabia que o quarto tinha um grande guarda-roupa. Não se deu ao trabalho de ir lá olhar.Ao lado do quarto ficava o banheiro. Ela não queria ir lá de jeito nenhum.

***

Ben estava quase fora de si quando Marshall veio encostando na entrada de carros. Foi correndo ao seu encontro.

— Cara, onde foi que você esteve? Marshall se sentia muito bem.

— Consegui os números de umas placas dos carros que pertencem aos membros locais do Círculo Vital. Isso dará ao seu amigo em Westhaven algo mais para fazer, procurar algumas fichas do Departamento de Veículos.

— Chuck já fez *muita coisa* — exclamou Ben, movendo-se irrequieto na calçada. — Venha para dentro!

Marshall apressou-se a entrar e seguiu Ben até a sala de jantar. Bev estava lá, os olhos aparvalhados, estudando uns documentos espalhados pela mesa.

— *Oh, Senhor...* — disse ela.

Ben não perdeu tempo, mas apontou para uma foto policial granulada, em preto e branco, de frente e de perfil esquerdo.

— Essa é a mulher. Essa e Sally Roe!

Marshall apanhou a foto e estudou-a cuidadosamente.

— Puxa, ela está desgastada!

E de fato estava. A mulher cansada, emaciada e aturdida nas fotografias dava a perfeita impressão de uma vagabunda meio bêbada ou meio drogada. Fotos policiais nunca eram muito lisonjeiras, mas mesmo assim...

Ben agarrou o ombro de Marshall na excitação e pôs-se a fincar o dedo nas fotos.

— Marshall, esta *não* e a mulher que encontramos morta no sítio dos Potters! Mas é Sally Roe, isso sim! Já estive nos Potters e na fabrica Bergen para falar com Abby Grayson. Eles confirmaram que esta é Roe.

— Não devem ter ficado muito felizes...

— Ficaram chocados. Sim, muito chocados. — Ben prosseguiu explicando. — Chuck pediu uma verificação de fichas do Centro Nacional de Informação Criminal e da Seção Estadual de Informação. Sally Roe foi presa apenas uma vez, há dez anos. Ele conseguiu o relatório dessa prisão, depois acompanhou-o até a polícia local na cidade onde a prisão ocorreu.

— Fairwood, Massachusetts...

— Certo. Eles forneceram as fotos. Marshall hesitou. Alguma coisa o incomodava.

— Fairwood, Massachusetts... Fairwood... É melhor eu averiguar isso com Kate. — Ele deu mais uma olhada nas fotos. — E é melhor fazermos umas cópias desses retratos.Bev falou:

— Vou fazer isso agora mesmo; vou descer para usar a copiadora da igreja.

— Ótimo. Kate vai precisar de uma, eu sei. — Ele examinou os outros documentos. — Muito bem, agora o que foi que ela fez?

Ben apontou o registro criminal. Marshall estacou. Virou o papel na sua direção, a fim de poder lê-lo melhor.

— Não é um negócio? — perguntou Ben.

— Esta coisa está ficando cada vez mais suculenta! Algum detalhe? Ben mostrou um breve comunicado policial.

— É bizarro; nada como eu esperava.

Marshall leu o comunicado enquanto seu rosto se enchia de horror e descrença. Tudo o que ele pôde dizer foi:

— Por quê? Isto é uma loucura.

— Precisamos descobrir mais, Marshall. Marshall fitou a fotografia novamente.

— Tenho um amigo em Nova York, chamado Al Lemley. O sujeito é um amigo de verdade, e pode produzir. Talvez ele nos consiga mais alguma coisa sobre isto.

Ben teve uma idéia.

— Você pode querer dar uma passada pelo Serviço de Secretaria da Judy. Fica naquela pequena fachada na intersecção que tem quatro sinais de pare. Ela tem uma máquina fax e você poderia receber as coisas imediatamente.

— É. Garantido. — Marshall olhou a ficha criminal novamente e abanou a cabeça. — Homicídio culposo!

***

— Vocês nada mais são do que assassinos sanguinários, no que me diz respeito — disse Santinelli, aquecendo-se na frente do fogo nas acomodações particulares de Steele. Ele havia colocado sua agenda cheia e agitada em compasso

de espera e apanhado o vôo da tarde saído de Chicago para chegar ali. Agora sentia-se cansado e irritado, e nada contente com parte da companhia em que tinha de estar.

Sua afirmativa foi dirigida ao moreno e misterioso Kholl, que se sentava confortavelmente no sofá, girando um preparado de gin e tônica no copo, fazendo os cubos de gelo tinir. Kholl não ficou nem um pouquinho perturbado pela declaração grosseira de Santinelli.

— Somos todos assim, Sr. Santinelli — se não em ato, pelo menos no coração. Afinal, o senhor me contratou.

Goring, relaxando em uma cadeira estofada diante do fogo, gracejou:

— Uma decisão da qual todos nos arrependemos, Sr. Kholl.Santinelli tirou uma baforada indignada de seu charuto. Ele não gostou do tom do comentário de Goring.

— Gostaria de relembrar-lhe, como estou certo que o Sr. Kholl estará feliz em gabar-se de que já tem um interesse controlador em nossa organização, graças às aventuras românticas do homem que ele acabou eliminando, nosso noviço juvenil, o Sr. James Bardine.

— James Bardine... — Kholl parecia ter tido um lapso de memória. Então ele se lembrou. — Oh, sim! Ele morreu num trágico acidente automobilístico! Creio que dormiu na direção...

— É o que todos acreditam — disse Santinelli. - Meus parabéns.

— Obrigado. Tentamos ser cuidadosos.

Santinelli sentou-se numa cadeira oposta a Kholl, não fazendo o menor esforço para esconder o seu desdém.

— Todos vocês satanistas são cuidadosos, com certeza. Vocês adoram enquanto fogem, não é verdade, sempre olhando por cima do ombro?

Kholl inclinou-se para a frente, a bebida nas mãos, a cabeça caída entre os ombros, os olhos penetrantes.

— Não. Na realidade, ainda não fomos perseguidos.

Steele, ouvindo tudo aquilo de sua própria cadeira diretamente na frente do fogo, interveio.

— Cavalheiros, e Sr. Kholl, sabemos como nos sentimos uns a respeito dos outros, por isso essa questão está resolvida. Não confiamos uns nos outros, e é assim que desejamos que seja.

Santinelli acrescentou:

— O que também está resolvido é que uma dificuldade foi removida, a saber, Alicia Von Bauer e James Bardine e seu ninhozinho amoroso. Relacionamentos como esse podem ser um extremo embaraço, e deste ponto em diante espero que tenhamos deixado um exemplo claro o suficiente aos nossos subordinados de que quaisquer outros relacionamentos com essa gente do Vidoeiro Quebrado não será tolerado.

Kholl tirou um golinho da bebida e reclinou-se de encontro ao sofá macio.

— Especialmente aqueles que sabem tanto quanto o Sr. Bardine sabia. Santinelli disse furioso:

— Tanto, estou certo, quanto vocês sabem agora, graças à devassa Srta. Von Bauer!

Kholl riu.

— É essa a política do poder. Goring respondeu:

— E o motivo pelo qual chega a ter permissão para estar em nossa companhia!

Steele ansiava terminar seu detestável negócio.

— Muito bem, quer gostemos, quer não, o Vidoeiro Quebrado agora faz parte do Plano. Vamos fazer o balanço do livro-caixa a fim de que o Sr. Kholl possa ir embora satisfeito e cuidar dos seus negócios. Santinelli preencheu um cheque e entregou-o a Kholl.

— Pronto. Enquanto empregada por nós, e admitimos que devido a negligencia nossa, a Srta. Von Bauer foi morta. Demos ao senhor a liberdade de matar o Sr. Bardine, e aqui está a sua indenização como o senhor exigiu.

Kholl examinou a quantia do cheque e moveu a cabeça em aprovação. Ele o dobrou e fê-lo deslizar para dentro do bolso.

— Isso esta resolvido.

— Muito bem — disse Steele. — Agora consiga aquele anel de volta. Kholl novamente tirou um golinho da bebida.

— Seu credito conosco é bom, naturalmente, mas... Dessa vez foi o Sr. Goring quem preencheu um cheque.

— Conforme discutimos, aqui está a sua primeira metade para começar o serviço. A segunda metade será paga quando o anel tiver sido recuperado e Sally Roe eliminada.

Kholl tomou esse cheque e embolsou-o.

— Como sabem, essa Roe tem sido muito esquiva.

— E estamos lhe pagando para fazê-la desaparecer completamente. Kholl fez girar os cubos de gelo.

— E, naturalmente, o sangue dela estaria em *nossas* mãos. Que conveniente para vocês!

Steele objetou:

— Suas mãos já estão sujas de sangue.

— E as suas não? — riu deles Kholl. — Ah, não se preocupem. Compreendo. Nós matamos regularmente, como forma de culto; é um sacramento para nós. Se vocês matam... bem, é apenas através de gente contratada como nós. Isso mantém limpas as suas mãos. Vocês não enterram a faca, por isso não sentem a pontada da consciência. — Ele riu de novo. — Talvez ainda sejam cristãos demais!

Santinelli detestava o sarcasmo desse homem.

— Se posso relembrar-lhe, Sr. Kholl, o senhor serve igualmente aos seus próprios interesses, talvez mais do que a nós. Se Sally Roe for algum dia descoberta viva, se ela chegar a contar a sua história, o senhor e seus seguidores poderão facilmente ser implicados em assassinato. E ao contrário dos sacrifícios humanos que somem sem deixar rastro, essa vítima está viva, andando e falando. Pelo menos a cobertura da nossa história de suicídio deu mais tempo a todos nós. Eu diria que o senhor nos deve algo por isso.

Kholl se mostrou apenas levemente impressionado.

— Sim, os dois temos algo a perder se ela continuar viva. Mas quanto temos a perder depende de quanto já investimos, não é verdade? O que é o Vidoeiro Quebrado comparado com o seu Plano?

— Não muito — disse Steele, supostamente admitindo algo, mas na realidade usando a resposta como um insulto.

Kholl arriscou um sorriso escarninho.

— Vocês não são melhores. Algum dia perceberão isso. O que somos agora, vocês estão depressa se tornando. Se nos detestam tanto, talvez seja por se enxergarem em nós!

Santinelli vociferou:

— *Eu* acompanharei *o senhor* até a *porta!*

***

Alice Buckmeier era uma anfitriã maravilhosa, naturalmente, e adorava receber visitas. Por isso, o que Kate havia planejado como uma breve entrevista acabou sendo uma deliciosa visita em que foram servidos chá e guloseimas na sala de jantar da viúva, cercada por badulaques, toalhinhas de crochê, cristal e fotografias de filhos, filhas e netos.

— A senhora deve ser a avó de todo o mundo — comentou Kate. Alice riu.

— Um título que uso com orgulho. Não tenho apenas os meus próprios netos, sabe, mas sou a Vovó Alice de toda a criançada da igreja também!

— Isso é maravilhoso.

— Gosto muito de crianças, de verdade. Às vezes é difícil entender como as pessoas tratam seus filhos. Sei que isso quebra o coração do Senhor. — Ela despejou mais chá quente na xícara de Kate e continuou: — Estive pensando sobre aquela pequena Amber desde que vi o que vi no Correio. O que ela deve estar passando em casa?

Kate deixou o caderno de notas de prontidão.

— Bev Cole diz que a senhora tem uma história e tanto.

— Oh, sim. Foi muito inquietante. Eu mandava um pacote para o meu filho — bem, na verdade, para o meu neto, Jeff. Tricotei uma malha para ele, e tentava mandar em tempo para o seu aniversário. Bem, eu estava simplesmente em pé ali à frente do balcão, e aquela outra mocinha, Debbie, pesava o meu pacote e o carimbava, e tudo o mais...

***

Judy Balcom enfiou a cabeça no Restaurante do Don e chamou:

-- Sr. Hogan! Al Lemley no telefone!

Marshall levantou-se do balcão, pagou seu café e dirigiu-se apressado ao prédio vizinho.

Judy Balcom dirigia um pequeno e bem montado serviço de secretaria, datilografando cartas, fazendo e respondendo chamados, tirando cópias, processando textos, e transmitindo mensagens, para mencionar apenas algumas tarefas, para muitos dos negócios locais espalhados pela cidade. Por uma taxa razoável, ela permitiu que Marshall chamasse Al Lemley em Nova York, e agora Lemley, bem de acordo com seu estilo, não havia perdido tempo em encontrar aquilo de que Marshall precisava.

— Alô de Nova York — veio aquela mesma voz da Costa Leste.

— Al, você vai-me deixar contente?

— Não, amigão. Vou deixar você doente. Está com o fax pronto? Judy estava pronta.

Marshall deu a Al o vá-em-frente.

***

Alice continuou sua história.

— Ora, nem percebi quem estava lá no saguão onde se encontram todas as caixas postais. Nunca presto atenção a isso a menos que seja algum conhecido. Mas de repente ouvi aquela comoção lá como se alguma criança estivesse fazendo desordem — sabe, comportando-se mal, e lembro-me de ter pensado: Ora, onde estão os pais dessa criança? Eles não deveriam deixá-la agir dessa forma!

— Bem, Debbie havia terminado de cuidar do meu pacote, por isso saí para o saguão, e então pude ver a coisa toda. Ali estava aquela mulher, simplesmente parada lá no meio do saguão... Tinha umas cartas na mão, por isso achei que ela tinha ido buscar sua correspondência... E então, ali estava aquela menininha, aquela Amber, simplesmente berrando e gritando e... empinando como se fosse um cavalinho, e aquela pobre mulher estava apavorada!

***

A máquina fax pôs-se a zumbir e deitar para fora alguns documentos. Marshall apanhava cada página à medida que ela caía na bandeja. Havia relatórios policiais semelhantes aos que ele já tinha lido, e depois vieram alguns artigos noticiosos de jornais locais. Um artigo trazia outra foto de Sally Roe, dessa vez algemada, sob a guarda de dois policiais uniformizados.

***

— E o que aquela criança disse! — exclamou Alice.

— O que ela disse? — perguntou Kate.

— Ela empinou, em seguida bateu na mulher, e berrou, e simplesmente continuou batendo na mulher, e dizia: "Eu sei quem você é! Você matou o seu nenê! Você matou o seu nenê!" A pobre mulher ficou apavorada; parecia que estava sendo atacada por um cão raivoso ou algo assim.

— Bem, por fim a mulher conseguiu se livrar e saiu correndo pela porta como um coelho assustado. Amber correu atrás dela até a porta, ainda gritando-lhe: "Você

matou o seu nenê! Conheço você! Você matou o seu nenê!" Então a Sra. Brandon saiu da sala dos fundos e agarrou a filha e tentou puxá-la de volta para dentro, mas ela não foi com a mãe, não foi de jeito nenhum, e então elas tiveram um pega-pega daqueles bem ali no saguão, bem na minha frente, e a Sra. Brandon gritava: "Pare com isso, Amber! Pare agora mesmo! Não quero saber mais disso!"

Kate perguntou:

— A Sra. Brandon chegou a usar o nome Ametista? Uma lâmpada se acendeu na cabeça de Alice.

— Ora, sim! Lembro-me bem disso! Ela chamava Amber de Amber um minuto, e Ametista no próximo. Dizia: "Ametista, Ametista, pare com isso agora! Pare de berrar e acalme-se!" Não entendi o que ela queria dizer; achei que era apenas um apelido ou coisa assim.

***

Outro artigo noticioso caiu da máquina de fax. Marshall correu os olhos rapidamente por ele. Sally Roe havia sido presa após a policia ter derrubado a porta do seu quarto de hotel em Fairwood. Dentro, encontraram Roe no banheiro em estado de estupor aparentemente causado por drogas, e a filhinha de menos de dois meses de idade afogada na banheira. Roe foi subsequentemente acusada de homicídio culposo pela morte por afoga-mento da filha.

***

Kate mal podia esperar para fazer a próxima pergunta. O incidente no Correio podia ter sido uma coincidência, mas numa cidadezinha como aquela, era pouco provável. Ela enfiou a mão na pasta e tirou as fotos policiais de Sally Roe, colocando-as diante de Alice.

— Esta é a mulher que a senhora viu aquele dia?

Os olhos de Alice se arregalaram, e então ela fez um gesto de cabeça afirmativo, lento e pasmado.

— Ela está com uma cara horrível nesta foto... mas é ela, Sally Roe, hein?

— Isso mesmo.

— Ela é uma criminosa? — Sim.

— O que ela fez?

— Bem... ela de fato matou alguém.

***

Marshall dirigiu-se lentamente ao seu carro, sentou-se atrás do volante, e então apenas deixou-se ficar ali por muito tempo, lendo os artigos noticiosos e os relatórios policiais que Al Lemley havia mandado. Era um negócio fascinante, cheio de pistas prováveis, mas também muito, muito trágico.— Vagabunda — a promotoria a havia chamado. — Feiticeira diabólica, egoísta, voltada para si mesma, desprezível, assassina de crianças.

O relatório policial dizia que Sally Roe estava ensopada quando foi encontrada no chão do banheiro. A água caía pela borda da banheira. A criança estava na banheira, morta. Sally disse à polícia na hora que ela havia matado o nenê, mas quando questionada mais tarde, alegou não ter a menor lembrança do que havia acontecido.

Durante o julgamento, e isso Marshall achou interessante, Sally parecia remota e sem remorso. "Estava destinado a acontecer", disse ela. "Meu ser superior ordenou que isso acontecesse. O ser superior de Raquel desejava morrer nessa ocasião, e Jonas estava lá para fazer com que acontecesse. Todos nós determinamos nosso próprio destino, nossa porção na vida, quando devemos morrer, e em que situação nasceremos da próxima vez. Não existe morte; apenas mudança."

Jonas. Um espírito guia, segundo Sally. Ela admitiu ter afogado a filha a princípio, mas mais tarde pareceu ter mudado seu depoimento, culpando o seu espírito guia.

— Ele assumiu o controle — disse ela — e conduziu o afogamento.

O júri não engoliu essa. Ela foi declarada culpada, e mais tarde sentenciada a trinta anos de prisão.

Quanto ao pai da criança, ele nunca se apresentou e nunca foi encontrado. Sally nunca o identificou. Ela foi simplesmente retratada como uma vagabunda e sua filha como ilegítima.

Tudo acontecera dez anos atrás.

22

Pingo. Pingo. Pingo.

A torneira parecia delimitar segmentos de tempo, anunciando a passagem de um momento, e outro momento, e outro momento, e outro momento, como um relógio, nunca parando, nunca diminuindo a marcha, num pingar constante, momentos passando.

O tráfego fluía do lado de fora da janela do banheiro, mas Sally não o ouvia. Uma sirene silvou uma vez, mas ela não se mexeu ou percebeu. Não tinha força, nem disposição para levantar-se do lugar onde se encontrava ali no chão do banheiro, as costas contra a parede azul-claro, as mãos frouxas sobre o colo, a cabeça descansando contra o reboco duro, mas nem tentando se afastar do desconforto.

Ela simplesmente permanecia ali, os olhos vazios fixos naquela banheira, ouvindo a torneira pingando, vendo cada gota crescer na ponta do cano e depois, espichando-se com o peso, soltar-se e desaparecer.

Pingo. Pingo. Pingo.— Srta. Roe, achou que não havia lei superior à sua própria pessoa?

— Não existe realidade superior, senhor, à que eu mesma criei. *Pingo. Pingo. Pingo.*

— Você honestamente não se lembra de ter apanhado a sua filha e segurado-a debaixo da água, afogando-a?

— Já lhe disse antes, eu não estava lá; foi Jonas.

— Mas você admitiu ter afogado a sua filha!

— Jonas executou o ato. Meu ser superior o quis, ele executou... *Pingo. Pingo. Pingo.*

— Encontramos a acusada no banheiro... Ela parecia atordoada...

— E que foi que ela lhe disse?

— Disse: "Oh, não! Matei o meu nenê." *Pingo. Pingo. Pingo.*

—... senhoras e senhores jurados, ouviram um relato do inconcebível... Esta vil criatura, destituída de consciência, sem remorso...

Destituída de consciência, sem remorso. Destituída de consciência, sem

remorso. Destituída de consciência, sem remorso.

Uma criança num quintal infinito sem cerca. A criadora e arbitradora de toda a realidade. O centro de seu próprio universo. Nada certo, nada errado. Apenas o próprio eu. O *eu* é tudo o que importa.

Pelo menos, era assim que costumava ser.

Sally moveu-se só um tantinho. O chão duro de linóleo fazia-lhe lembrar onde se encontrava: seu glorioso universo. Um banheiro pequeno, frio, ecoante, com a torneira de uma banheira a pingar, habitado por uma assassina, uma vadia, uma vagabunda, um fracasso, um vidro vazio drenado constantemente por dez anos de existência sem sentido, sem rumo, um pedaço de carne descartado que ninguém queria.

Agora ela estava sentada no linóleo, a cabeça contra a parede, o cotovelo descansando sobre o vaso sanitário, ao lado da banheira na qual ela havia tirado a vida da filha.

Seu universo. Seu destino. Sua verdade.

Ela não tinha lágrimas. Estava vazia demais para chorar, não havia alma dentro de si. Continuava a respirar, mas não porque o desejasse. Apenas acontecia. A vida apenas acontecia. Ela apenas acontecia, e não sabia por quê.

Os espíritos a encontraram: Desespero, Morte, Loucura, e agora Suicídio. Eles atacaram-na, sussurraram-lhe, arranharam-lhe a alma, uma camada de cada vez. *Assassina,* disseram. *Assassina imprestável, culpada!Jamais conseguirá fazer o bem! Não há nada de bom em você! Não pode ajudar ninguém! Por que não desiste de tudo?*

É solitário neste universo, pensou ela. Supostamente é minha criação, mas agora estou perdida nele. Gostaria de ter certeza a respeito de alguma coisa. Gostaria de poder encontrar uma cerca no fim deste quintal.

Ah, mas é tarde demais para isso agora.

A mão caiu-lhe do colo e bateu de leve contra o lado da banheira.

Uma cerca.

Não, não era um grande pensamento; não era uma idéia emocionante, e não causou a menor mudança na sua respiração ou no seu pulso. Era apenas uma noção, uma sugestão vaga de possibilidade, uma simples proposição para debater um pouco: essa banheira podia ser uma cerca.

Ela olhou a banheira; tocou a porcelana fria, de um azul-esverdeado. Eu podia

fazer de conta, pensou ela. Só para fins de discussão, eu podia fingir que isto é uma cerca, um limite, uma fronteira.

Uma fronteira que atravessei, e que não devia ter atravessado.

Ela permitiu que seus pensamentos continuassem por conta própria e apenas deu-se o prazer de ouvi-los agrupando-se e conferenciando em sua cabeça.

E se o que aconteceu aqui foi errado?

Ah, vamos, de acordo com quem? Não existem absolutos; não se pode saber nada com certeza.

E se existirem, e se eu puder?

Mas como?

Mais tarde, mais tarde. Apenas responda à primeira pergunta.

E se foi errado?

Sim.

Então sou culpada. Fiz uma escolha errada, pulei a fronteira, fiz algo errado.

Mas pensei que fronteiras existissem apenas na própria mente!

Fiz algo errado. Quero pensar isso, pelo menos uma vez.

Por quê?

Porque preciso de uma cerca. Mesmo que esteja no lado errado dela, preciso de uma cerca. Preciso estar errada. Preciso ser culpada.

Por quê?

Porque...

Sally movimentou-se. Ela pressionou a mão firmemente contra o lado da banheira onde sua filha havia morrido. Moveu os lábios enunciando sem som as palavras, em seguida sussurrou-as, depois as disse em voz alta:

— Porque pelo menos então eu saberia onde estou! Aparentemente ela acordara uma emoção adormecida; a dor engolfou-a subitamente, uma dor no fundo da alma, e com dentes cerrados e um gemido sufocado, ela bateu com força no lado da banheira: *Oh, Deus!*

Descansou contra a parede de reboco duro novamente, ofegante de dor, raiva e desespero.

— Oh, Deus, ajude-me!Desespero escorregou e caiu. Suas garras haviam

perdido o controle.

Pronto. Ela havia dito aquilo. Seguira a proposição até a conclusão, tinha todo o seu acessozinho, e agora havia terminado. Não sabia dizer se se sentia melhor. Sentia-se um tanto tola por falar em voz alta consigo mesma, ou com Deus, qualquer que fosse o caso. Não importava.

Por algum motivo, sentiu um peso em torno do pescoço, contra o peito. Sua mão dirigiu-se ao anel pendurado ali. Ela o tirou para fora e olhou-o novamente. O pequenino e feio gárgula arreganhou os dentes para ela.

E então uma lembrança a atingiu. Atingiu-a com tanta força e tão repentinamente que ela ficou abismada por ter ficado escondida tanto tempo.

— O anel! O anel de *Owen!*

***

Irene Bledsoe estava visivelmente constrangida.

— Sr. Harris, seus amigos terão de permanecer aqui.

Naquelas circunstancias, Tom jamais se sentira melhor. Estava sentado no mesmo banco duro de madeira no mesmo saguão frio e ecoante de mármore no tribunal de Claytonville; viera ali para outra visita pré-arranjada com os filhos, e mais uma vez Irene Bledsoe comandava tudo.

Mas dessa vez ele estava ladeado por...

— Sra. Bledsoe, este é o meu pastor, Mark Howard, e o meu advogado, Wayne Corrigan.

Os dois homens ofereceram as mãos, e ela as apertou por necessidade, mas sem se mostrar inteiramente cordial.

— Alô. Como disse, o Sr. Harris somente terá permissão para ver os filhos sozinho.

Corrigan estava em plena forma.

— Estamos aqui a convite do Sr. Harris, e o acompanharemos durante a visita. Se a senhora se recusar a permitir, terá de comparecer ao tribunal para demonstrar justa causa. — Após dizer isto, sorriu.

A Bledsoe estava indignada e precisou até procurar suas palavras.

— O senhor... Este é... este é um encontro particular! O Sr. Harris precisa ver os filhos sozinho!

— Então tenho a certeza de que a senhora ficará feliz em permanecer aqui conosco enquanto ele o faz?

— Não foi isso o que eu quis dizer e o senhor sabe! A visita tem de ser entre o Sr. Harris e seus filhos com uma assistente social presente.

— Isso quer dizer a senhora?

— Naturalmente!

Corrigan tirou seu bloco de anotações.

— Por ordem de quem?

Ela procurou ganhar tempo.— Eu... eu teria de averiguar.

— Se não se importa — disse Tom — gostaria de ver os meus filhos. Eles estão esperando por mim, não estão?

— Um momento — disse ela, erguendo a mão. — O senhor trouxe os questionários que lhe mandei?

Corrigan tinha algo a dizer a respeito disso também.

— Em vista da ação judicial pendente, aconselhei o meu cliente a adiar o preenchimento de quaisquer levantamentos psicológicos ou outros testes por enquanto.

A resposta dela foi fria a ameaçadora.

— O senhor compreende, naturalmente, que isto atrasará a hora de devolvermos as crianças à guarda do Sr. Harris?

— De acordo com as fichas do DPC, vocês nunca devolveram criança alguma aos pais sem primeiro ter tido um julgamento mesmo, de forma que no momento estamos resignados a isso. Agora, se pudermos prosseguir com a visita...

Ela cedeu.

— Muito bem. Não querem me acompanhar?

Ela pôs-se a caminhar rumo à grande escadaria de mármore novamente, o póque, póque, póque dos saltos ecoando pelo saguão como que a anunciar a sua autoridade, e talvez a expressar também a sua afronta. Eles chegaram ao segundo andar, passaram pela grande e repulsiva porta e entraram na antecâmara onde John, o guarda, estava postado de novo. Ele pareceu um tanto surpreso ao ver três homens em vez de apenas um, mas como eles vieram com a Bledsoe, achou que devia estar bem.

— Oi, meninos!

Com gritos de alegria, Rute e Josias correram para o pai. Tom caiu sobre um joelho a fim de abraçá-los e por algum motivo Irene Bledsoe não se interpôs entre eles. Josias estava realmente encantado em ver o pai novamente; Rute apenas começou a chorar e não largava dele. Todos os abraços continuaram por bom tempo.

— Pobres crianças maltratadas — sussurrou Corrigan para Mark.

A Bledsoe tomou seu lugar à ponta da mesa e ofereceu cadeiras a Mark e a Corrigan. Eles sentaram-se em silêncio no lado da mesa reservado para Tom.

— Muito bem, meninos — disse Tom finalmente. — Vão sentar-se. Eles se dirigiram às suas cadeiras do outro lado da mesa, e só então notaram Mark.

— Oi, Pastor Howard.

— Oi. Como estão vocês?

— Bem.

— Temos quarenta minutos — disse a Bledsoe, mais para fazer todo o mundo lembrar-se de que ela ainda mandava ali.Pelos próximos trinta minutos Tom conversou com as crianças, pondo em dia as coisas triviais. As crianças estavam tentando ler mais, e pareciam estar se dando melhor com as outras crianças no lar temporário, embora Tom não pudesse estar certo de que era o mesmo lar temporário que o da última vez. Não estavam estudando nada, contudo, o que significava que teriam que repor as lições durante o verão, se isso chegasse a acontecer alguma dia. O galo de Rute havia sarado bem e mal aparecia.

Mas à medida que o tempo foi passando, havia uma coisa que Tom sabia que precisava fazer antes de sair, enquanto ainda tinha a oportunidade. Acima de tudo, ele sabia que precisava orar com as crianças.

— Olhem, o Papai vai ter de ir embora logo, por isso vamos orar juntos. Ele estendeu a mão ao outro lado da mesa e tomou as deles. Eram uma família novamente, só por aquele momento, e ele era o cabeça espiritual, o líder e exemplo que deveria ser.

— Querido Senhor, somente oro agora por meus filhos, e peço-te que coloques uma cerca de proteção em torno deles. Protege seus corações e mentes, e que jamais possam duvidar de que tu os ama e de que estão nas tuas mãos. Ajuda-os a serem sempre bons meninos e viver da maneira como desejas que vivam. Peço-te, Pai, que possamos estar todos juntos novamente.

Mark e Corrigan uniram-se a eles na oração, e ouviram enquanto a pequenina

Rute orava pelo pai e pelo irmão, e até pela Sra. Bledsoe. Então Josias orou, declarando seu amor por Jesus e seu desejo de ser um bom filho de Deus.

Nada disso aconteceu por acaso. Eles estavam travando uma batalha nessa sala, pois embora o estado pudesse erigir muros intransponíveis de burocracia em torno dessas crianças, a oração de cada uma delas, oferecida em fé simples, seria suficiente para derrubar os muros. Era aqui que a vitória começaria. Eles todos o sabiam, e enquanto as crianças oravam, podiam senti-lo.

— Amém — disse Josias.

— Amém — disseram todos. Todos, exceto Irene Bledsoe.

Estava quase na hora de irem embora. Tom abriu um saco de papel.

— Aqui. Era para eu ter dado isto a vocês na última vez.

— Ei, que bom! - disse Josias, recebendo a sua Bíblia.

— Obrigada, Papai! — disse Rute apertando a sua contra o peito. Tom também lhes trouxe alguns dos seus livros favoritos e o papel de carta que não haviam recebido da última vez. Ele podia ver Irene Bledsoe de olho em tudo que ele tirava do saco, mas continuou devagar e abertamente, nada tendo a esconder.

Bem, quase nada. Josias estava folheando seu novo livro sobre baleias quando encontrou umas fotos inseridas entre as páginas. Tom, Mark e Corrigan tentaram não olhar muito diretamente ao garoto, para não atraírem a atenção da Bledsoe.

— Gosta do seu livro, Rute? — disse Tom, estendendo a mão ao outro lado da mesa para ajudá-la a encontrar seu bilhetinho para ela na primeira página. Esse gesto físico ajudou; a Bledsoe observou-o atentamente. — Viu o que escrevi? Diz: "À minha querida filha Rute. Jesus acha que você é preciosa e eu também acho!"

— Ei! — disse Josias. Ele estava olhando as fotos. — A mulher da caminhonete!

Isso atraiu a atenção da Bledsoe imediatamente. Ela viu Josias segurando as fotos, estudando-as com olhos escancarados de reconhecimento. O rosto da mulher empalideceu visivelmente.

Corrigan perguntou:

— O que quer dizer, filho? Você já viu essa mulher antes? A Bledsoe pôs-se de pé num salto.

— Sr. Harris!

Tom respondeu calmamente. — Hum?

— Como se atreve! Como se *atreve!* Corrigan pressionou Josias para responder.

— Você a reconhece?

— Claro — disse Josias. — É a mulher que estava dirigindo aquela caminhonete em que quase batemos. Ela sempre parece meio doente, não parece?

A Bledsoe, pisando duro, dirigiu-se aonde Josias se encontrava e agarrando as fotos, tomou-as dele. Ela tirou apenas um momento para olhá-las enraivecida, e depois, em desafio, rasgou-as em dois, em quatro, em oito, e depois as amassou e atirou na cesta de lixo.

Então postou-se ali, tremendo, olhando furiosa para Tom.

— O que o senhor está exatamente tentando provar aqui? Mark falou suavemente.

— Sra. Bledsoe, a senhora está inquietando as crianças.

Ele apontou o dedo ao rosto de Tom, e sua voz tremia de fúria.

— O senhor cometeu uma ofensa séria! Posso tornar as coisas muito difíceis para o senhor! Não pense que não posso fazer com que seus filhos lhe sejam tomados permanentemente!

Tom replicou calmamente, mais para beneficio das crianças.

— Então do que a senhora está com tanto medo? Ela reagiu.

— Oh, não estou com medo, Sr. Harris. O senhor não me assusta! Tom fez-lhe uma declaração que já havia ensaiado mentalmente por um bom tempo.

— Sra. Bledsoe, tem ficado bem claro para mim que a senhora não está tão preocupada com os interesses dos meus filhos tanto quanto com os seus próprios interesses. De qualquer forma, acho que está abusando do seu poder, e dos meus filhos e de mim, e tenciono descobrir exatamente quem é que a senhora está tentando proteger.

Ela tentou manter baixa a voz; afinal, gritar era pouco profissional.

— Ora, seu...! — Com grande esforço, ela descontraiu-se, assumiu uma pose profissional, e anunciou: — Esta visita terminou. Acho que a sua traição da minha confiança foi deplorável, e me lembrarei disso quando considerar a data para a nossa próxima reunião.

— Será mais cedo do que pensa — disse Corrigan. Ele deu a volta à mesa, tomou a mão da mulher e forçou-a a pegar uma ultimação. — Tente não rasgar isto

aqui. Tenha um bom dia.

***

Caro Tom:

Sinto-me diferente hoje, e não sei se posso explicá-lo. Indubitavelmente deriva de minha proposição imaginária da manhã, a possibilidade de minha culpa. Ser culpada, ou mesmo sentir-me culpada, não é agradável, claro, mas a simples sugestão disso parece ter enfraquecido meu outro companheiro emocional aborrecido: o desespero. Faz-me pensar em um palhaço batendo no polegar com um martelo para esquecer-se da dor de cabeça: agora que me sinto culpada, não sinto tanto desespero.

Mas, e isto é puramente para fins de discussão, poderia ser dito que as razões vão mais fundo do que isso. Como eu disse antes, um mergulho pleno no humanismo e sua total falta de absolutos pode deixá-lo tateando à procura de cercas, perguntando-se quem é, desejando que pudesse ter certeza a respeito de alguma coisa. Ora, isso é desespero.

Então, subitamente, a culpa, ou melhor, a possibilidade de culpa, entra em cena, e encontro-me brincando com o pensamento de que poderia estar numa posição errada, o que significa que eu poderia ter violado um padrão em alguma parte, o que significa que poderia existir algum padrão a ser violado, o que significa que existe algo lá em alguma parte a respeito do qual posso ter certeza.

Portanto, acho que disse tudo isso para dizer isto: Se realmente posso ser culpada, se realmente sou culpada, então pelo menos sei onde estou. Subitamente, depois de todo este tempo, encontrei uma cerca, uma fronteira, e apenas pensar isso dispersa aquela antiga nuvem de desespero, tanto que notei.

Pense apenas, Tom, em tudo quanto fiz em toda a minha vida para subjugar o desespero. O programa de Potenciais Jovens do Centro Ômega apresentava um possível escape; mergulhei em tudo o que eles ofereceram: ioga, meditação transcendental, regime, remédios caseiros, estados alterados, drogas, e uma porção de excursões mentais acerca de minha própria divindade e capacidade de criar a minha realidade. Foi uma longa excursão dentro da loucura, admito. O que adiantou construir a minha própria verdade? Eu estava perdida e vagando quando comecei, e qualquer realidade nascida em minha cabeça não poderia estar em melhor situação. Eu e o universo que criei estávamos perdidos e vagando juntos.

E então havia Jonas, meu "amigo consumado". Ele era um vendedor maravilhoso com bastante lábia, extraordinariamente capaz de lisonja. Demos muitas longas caminhadas juntos durante meus transes em ioga, e palavra que ele me

convenceu de que toda a realidade, inclusive a morte, era uma ilusão a ser manipulada, e que eu, sendo deus, poderia formar a realidade para ser qualquer coisa que desejasse.

E por um período crucial de tempo acreditei nisso. Acreditei que eu tinha formado uma realidade que me servia e supria o que eu quisesse, e acreditei ter formado um homem que me dava prazer sem culpa. Acreditei ter formado uma criança que me pedia que a mandasse para a sua próxima vida, deixando-me livre para continuar o que havia sido interrompido.

Mas formei as grades da prisão também? Eu estava falando a respeito de cercas, não estava?

Vivi atrás daquela cerca por sete anos, e Jonas nunca veio visitar-me. Fiquei de fato ressentida. De fato culpei-o pela morte de Raquel. Havia sido, em meu pensamento, idéia dele. Foi ele quem assumiu o controle do meu corpo e apagou a vida dela. Ele cometeu o ato. A culpa era dele.

Mas não é o que penso agora. Mudei de idéia em algum ponto; talvez fosse hoje de manhã.

"Ametista" tinha razão; eu matei o meu nenê.

Sally pôs de lado o caderno e saiu, a mente cheia de pensamentos, revirando coisas, separando coisas. Ela sentia uma mudança chegando, embora não tivesse idéia do que poderia ser ou em que direção iria. Mas essa caminhada naquele exato momento iria ser parte da mudança; ela ia descobrir o rasto de uma lembrança e encontrar outra parte que faltava do quebra-cabeças de sua vida.

Tanto quando podia lembrar-se, era um velho prédio de tijolos vermelhos não muito longe do hotel, e havia uma vicia, uma velha vicia de paralelepípedos com um riachinho a lhe correr pelo centro e uma grade sobre um bueiro. Oh, onde era?

Tal seguia bem atrás dela. Natã e Armoth pairavam logo acima, espadas desembainhadas, olhos examinando cautelosamente os arredores. Destruidor estava chegando perto. Havia pouco tempo. *Continue em frente, Sally,* disse Tal. *Você está quase encontrando.*

Deu meia volta e entrou numa rua lateral. Essa calçada parecia conhecida; aqueles olmos plantados em jardineiras pareciam corresponder a uma lembrança, embora estivessem muito maiores agora.

Um barulhento caminhão de lixo roncou e saiu rugindo da viela atrás de uma velha cervejaria, enfiou-se no tráfego, e então, rosnando de uma marcha para outra,

dirigiu-se rua abaixo.

Sally dirigiu-se à viela.

Tinha de ser essa! A mesma estreita viela de paralelepípedos, os mesmos altos muros de tijolos vermelhos da velha cervejaria! Ela estava caminhando no passado. O bueiro ainda se encontrava ali, o musgo nas paredes de tijolo ainda era o mesmo, o cheiro de lixo era exatamente como se lembrava. Ela apressou o passo. Era em alguma parte por ali, um tijolo solto no peitoril de uma janela... Ela se estava lembrando mais e mais ao correr por ali, olhando cuidadosamente cada janela, esperando algum detalhe que lhe despertasse uma lembrança.

Tal podia ver as sentinelas angelicais adiante, guardando o lugar. Havia quatro, audaciosos e brilhantes, todos implacáveis em sua dedicação, as espadas prontas. Haviam estado nesse posto, observando-o, preservando-o por dez anos. Ao avistarem Sally Roe se aproximando, eles ergueram as espadas e soltaram um viva cauteloso, abafado.

Ela aproximou-se do canto dos fundos do prédio. Tinha de estar ali nalgum lugar; parecia lembrar-se de que era perto do canto.

Havia uma última janela, e o peitoril de tijolo encontrava-se a nível do olho. Ela se deteve e olhou em volta. Estava sozinha na viela. Tocou o peitoril, correu os dedos ao longo dele. Tinha de ser o mesmo. Aquele tijolo solto estava no lado direito ou no esquerdo? Ela colocou o polegar debaixo do tijolo na ponta esquerda e pressionou suavemente para cima.

Ele moveu-se. Pela primeira vez em dez anos, moveu-se. A luz do dia inundou a cavidade em baixo dele.

O coração de Sally saltou. Ela podia ver um leve cintilar de ouro. Empurrou o tijolo um pouco mais.

Ali estava o anel. Era como um milagre. As emoções de Sally se elevaram a tal ponto que um grito sufocado escapou-lhe. Ela enfiou a mão no nicho e agarrou o anel entre o polegar e o indicador. Tirou-o para a luz, e deixou que o tijolo afundasse de volta no lugar.

Dez anos depois, o anel ainda estava extraordinariamente limpo, exceto por umas teias de aranha cinzentas. Ela o esfregou contra a fralda da blusa e o brilho retornou. Tirou o primeiro anel para fora da blusa e segurou os dois juntos.

Sim, eram os mesmos. Agora havia dois pequeninos gárgulas, arreganhando os dentes para ela com expressões idênticas.

Tal dispensou as sentinelas. Sally recostou-se contra a parede de tijolos e pensou no dia em que havia colocado o anel nesse esconderijo. Estava desesperada, com medo de ser traída. Talvez fosse um ato furtivo, conspiratório roubar o anel daquele homem e escondê-lo ali, mas como acabou mesmo acontecendo, ela *foi* traída, e agora, dez anos depois, esse anel podia ser a chave que reabriria o seu passado, para vê-lo em seu todo novamente, para descobrir o que havia dado errado.

Ela pensou em Tom Harris e naqueles cristãos da escolinha de Baskon.

Será que agi erradamente? Se agi, então permitam-me fazer algo certo, pelo menos desta vez,

Ela abriu o fecho da corrente que trazia em torno do pescoço e colocou o segundo anel ao lado do primeiro.

***

Lá no Hotel Schrader, a porta da frente se abriu; o olho elétrico emitiu um bipe avisando que alguém havia entrado. A senhora atrás do balcão ergueu os olhos.

— Alô. Em que posso servi-lo?

O Sr. Kholl sorriu amavelmente.

— Bom dia. Estou procurando minha esposa. Ela disse que havia alugado um quarto aqui... número 302?

— Oh! — Ela tirou o livro de registro. — É o Sr. Rogers? Kholl abriu-se num largo sorriso.

— Sim, sim! Muito bem, finalmente encontrei-a! Ela estava curiosa.

— Bem, como sabia onde procurar?

— Oh, já alugamos o quarto antes. Gostamos muito. Ficamos aqui todas as vezes em que passamos por este lugar. Eu fiquei detido em casa por alguns dias, mas ela me ligou e disse que conseguiu o mesmo quarto. Eu estava com esperança de que fosse o que eu pensava que fosse.

— Bem... — Ela encontrou um problema. — Umm, ela alugou-o apenas para uma pessoa. Acho que compreendeu mal.

Kholl tirou a carteira.

— É, isso é um erro. Deixe-me completar o que falta. Ela está lá em cima agora? Acho que poderia surpreendê-la.

— Bem, não, acho que saiu. Mas posso lhe dar uma chave.

— Ótimo.

— Por que não preenche outro formulário aqui para eu poder manter certos os meus registros?

— Claro.

Ele preencheu outro formulário e deu seus nomes: Sr. e Sra. Jack Rogers. Ele tinha também um pacote de notas de bom tamanho, e pagou-lhe o saldo devido.Ela olhou para o endereço que ele deu.

— Então, como estão as coisas em Las Vegas? O lugar é tão maluco quanto dizem?

— Não... — Ele riu. — Bem, em certos lugares, sim, suponho. Mas não é um lugar ruim para a gente morar.

— Bem, aqui está a sua chave... Oh, que coisa, acho que ela está com a única duplicata. Bem, venha comigo, subirei lá e abrirei a porta para o senhor entrar.

— Obrigado. Ei, não lhe diga que estou aqui. Ela não me está esperando senão amanhã!

***

Do outro lado da rua, agachados em cima da loja de ferragens, e do outro lado do estacionamento do hotel, escondidos no telhado da Impressora e Encadernadora Nelson, pelotões de guerreiros imundos resfolegaram uma nuvem de enxofre quando viram Kholl acompanhar a senhora até o Quarto 302.

Destruidor observava de seu ponto vantajoso acima da floricultura.

— Eles aceitaram — sibilou ele. — Ela está aqui!

23

— Deus seja louvado! — exclamou Tom, tão excitado que não conseguia ficar parado. — Nem posso acreditar! Progresso!

— Bem, talvez uma centena de pedaços diferentes — disse Marshall. — Mas dê-lhe tempo; tudo isso se encaixará.

Tom, Marshall, Kate e Ben tinham outra confabulação com Wayne Corrigan no escritório deste, não muito tempo depois daquele encontro um tanto explosivo com Irene Bledsoe.

Ben havia-se refeito da excitação. Agora estava pensativo, sondando.

— Ela vive.. Sally Roe está viva, e Mulligan sabe disso.

— E Parnell também — acrescentou Marshall. — Coloquei-o na minha lista.

— Mas o que tentam fazer, e por quê? — perguntou Kate.

— É isso que ainda espero ouvir - disse Corrigan. — Gosto demais de todo esse negócio, caras, realmente me divirto, mas mais cedo ou mais tarde, e esperemos que seja mais cedo, tem de resultar em alguma coisa. Precisamos de um caso que possamos apresentar ao tribunal, e até agora não vejo nada que se aplique diretamente à ação judicial.

— Certo — disse Marshall, passando os olhos por algumas notas. — Até agora, o negócio todo é indireto, periférico. Mas chegamos mais perto. Aqui estão os nomes das pessoas que consegui do Relatório do Departamento de Veículos sobre as placas. As seguintes pessoas estão possivelmente envolvidas nessa organização Círculo Vital, e algumas delas se encaixam direitinho nisto: o Sr. Bruce Woodard, diretor da escola primária, e, sem nenhuma surpresa, a nossa destemida Srta. Brewer. Kate inseriu:

— E no que diz respeito ao Sr. Bruce Woodard, conversei de novo com ele pelo telefone hoje, e ele ainda garante que encontrará o currículo para eu poder ver. Mas, se querem saber, ele tenta ganhar tempo.

— Se ele continuar agindo assim, tente estes nomes: Jerry Mason, Betty Hanover e John Kendall, três membros do conselho de educação de Baskon, todos os três provavelmente ligados ao Círculo Vital.

— Daí o currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu* estar na escola primária — explicou Tom. — Encaixa-se direitinho com o seu modo de ver o mundo.

— E sua pauta de atividades — disse Marshall. — Essa gente é tão evangelística com respeito à sua religião quanto nós, e não perde tempo. — Ele ergueu uma sobrancelha ao ver o próximo conjunto de nomes. — Jon Schmidt e Claire Johanson. Schmidt ainda não me impressiona, mas Johanson é coisa importante, um ligação direta com a ACAL. Oh, e quem era aquele outro sujeito? Oh, sim. Gordon Jefferson estava lá também, de forma que agora temos uma ligação garantida com a ACAL, sem nem falar... — Ele correu os olhos até o fim da página. — Lenore Hofspring, da Califórnia. Verifique a lista de membros da ACAL na Califórnia, Kate. Aposto que o nome dela está na lista. Eles trazem artilharia pesada de fora do estado.

— Não é justo! — exclamou Tom.

— Tenha fé. Já apanhamos tantos peixes hoje que as nossas redes se arrebentam. E aqui temos outro peixe... Que surpresa! Lucy Brandon. Que receita! Tome uma mãe envolvida neste grupo cósmico místico, acrescente o grupo cósmico místico controlando o conselho local de educação e implantando currículos cósmicos místicos na escola local, depois tome uma professora bem intencionada, idealista que acabou de sair de... qual era aquela faculdade?

Kate respondeu:

— Bentmore.

— Certo, uma das melhores do país, dizem. A Srta. Brewer aprendeu tudo o que sabe com eles, e agora empanturra as crianças com isso. Essa gente costurou o sistema todinho de alto a baixo.

— De qualquer forma, jogue tudo na panela, misture bem, e qual o resultado? Uma garotinha canalizando um espírito, da mesma forma como fazem todas as mamães e papais e titios e titias lá no casarão branco.

— Falamos numa porção de toupeiras, numa porção de demônios ligando esta coisa toda: Lucy Brandon, o Círculo Vital, o conselho de educação, a escola, a ACAL, e até uma garotinha.Ben estava perplexo.

— Mas... você diz que eles propositadamente matricularam Amber na nossa escola a fim de forçar uma confrontação?

Marshall colocou as anotações sobre a escrivaninha e pensou sobre o assunto.

— Não. Talvez Lucy Brandon realmente desejasse algo melhor para a filha. Talvez o problema que surgiu tenha sido algo que os outros, o Círculo Vital, a ACAL, viram como uma oportunidade. O que acha, Tom?

A idéia deixou Tom intrigado.

— Quando ela matriculou Amber, parecia preocupada com as mudanças por que Amber tinha passado desde que entrou para a classe da Srta. Brewer. Na ocasião, achei honestamente que Lucy Brandon queria uma educação mais básica, "tradicional" para a filha.

— Essa é a impressão que tenho — afirmou Marshall. — Será interessante conversar com ela e descobrir o que realmente pensa, e se chega a pensar por conta própria.

Kate relatou:

— Alice Buckmeier contou-me sobre Debbie, a garota que trabalha com Lucy no Correio. Debbie estava presente aquele dia e viu a confrontação entre Amber e Sally Roe. Ela poderia ser capaz de dizer-nos algo mais a respeito de Lucy.

— Parece bom. E agora... — Marshall espalhou algumas folhas de papel sobre a escrivaninha de Corrigan enquanto o advogado olhava. — Aqui está a melhor parte, acho. Poderia fazer este caso ir além dos limites de Baskon... ou poderia acabar com ele. Não sabemos ainda.

Os outros se reuniram em torno da escrivaninha.

— O endereço me preocupava, a localização do Centro Ômega que publicou aquele currículo. Era Fairwood, Massachusetts, certo?

Kate tinha essa informação.

— Certo. Consegui o endereço com a Srta. Brewer.

— Ben, onde conseguiu aquela ficha de prisão, a que incluía as fotos policiais de Sally Roe?

Ben ficou pasmado ao verificar novamente o documento.

— Fairwood, Massachusetts!

— Então... uma senhora vai presa por homicídio lá do outro lado do país, mas depois aparece neste lugarzinho sem nenhum motivo aparente. Enquanto isso, um currículo sai publicado na mesma cidade onde ela foi presa e acaba chegando aqui... Talvez apenas uma coincidência, exceto por alguns outros montinhos de toupeiras: uma garotinha que fica endemoninhada, muito provavelmente por causa do currículo, depois confronto a Roe no Correio, e a toupeirazinha tira a cabeça fora do chão e diz: "Eu conheço você, você matou o seu nenê!" Marshall sorriu e meneou a cabeça à sua própria conclusão. — Aquele demônio esteve em Fairwood; sabia a respeito de Sally Roe.

— E então... — disse Ben, que começava a entender tudo. Marshall confirmou seu pensamento.

— Então aparece alguém e tenta matar Sally Roe...

— No mesmo dia em que levaram os meus filhos! — exclamou Tom.

— *E* na véspera do dia em que você recebeu a intimação.

— Estou gostando — disse Corrigan. — Mas o que realmente significa? Marshall examinou todas as anotações mais uma vez e respondeu:

— Não sei. Temos montinhos de terra feitos por toupeiras por tudo quanto é lado, e demônios cavando túneis por toda a parte, talvez até o outro lado do país, mas... — Ele suspirou. — Nenhum caso. Podemos teorizar que o suposto suicídio de Sally Roe tem algo a ver com a ação judicial contra a escola, mas... o quê? E daí, se tiver? Simplesmente não existe uma conexão visível, por enquanto.

Ben voltou as costas, frustrado.

— Temos de descobrir quem era aquela mulher, a que encontramos morta no cercado das cabras!

— É com o Parnell que precisamos falar.

— Ora, ele não falou comigo! Ele e Mulligan estão nisto juntos, isso é óbvio, e se protegem mutuamente.

— E eu diria que alguém mais acima os observa atentamente, se entende o que quero dizer.

Corrigan se intrometeu.

— Não entendo o que quer dizer.

— Seja indulgente com um velho repórter — pediu Marshall. — Tenho um palpite de que ambos pertencem a algum tipo de grupo secreto, talvez uma sociedade dessas, talvez algo oculto, quem sabe, algo como o Círculo Vital, algo ligado intimamente a ele, talvez mesmo parte dele, mas não tão requintado. Escondido. Poderoso. Algo que de fato traz aqueles dois no mesmo barco.

— Mas é apenas um palpite — disse Corrigan.

— Continue o seu palpite — disse Tom. — Seu palpite vai bem. Marshall correu os dedos pelos cabelos.

— Estou do seu lado, Wayne; um palpite é bom apenas se acabar acertando. Temos de encontrar algumas alavancas para usar, alguma maneira de dar um aperto

nessa gente. Oh, Kate, por falar em alavancas, esqueça essa de esperar que Woodard lhe arranje o currículo. Procure o conselho de educação, aquelas três pessoas... — Ele examinou sua lista novamente. — Umm... Jerry Mason, Betty Hanover e John Kendall. Veja apenas o que dizem, mas também não espere por eles. Se tentarem ganhar tempo, 'escreva ao Ômega pedindo um. Quero ver esse currículo.Corrigan descansou o queixo sobre os nós dos dedos e fixou os olhos nas anotações.

— Puxa, onde está Sally Roe? Marshall disse sombriamente:

— Imagino que outras pessoas também queiram saber.

***

Um farfalhar perpassou as tropas demoníacas que cercavam o hotel; asas negras puseram-se a tremer, e ardentes lâminas vermelhas surgiram.

Sally Roe retornava ao hotel, andando animadamente pela rua, sozinha e desprotegida.

— Permaneçam em seus lugares — ordenou Destruidor. — Não se mexam.

Imediatamente houve um sibilar e uma agitação entre as tropas. Os oficiais dos dois lados de Destruidor ficaram inquietos.

— Ela é nossa! — disse um deles.

— Só nossa! — acrescentou outro.

— Permaneçam em seus lugares — ordenou Destruidor.

***

Sally não sentia ansiedade, nem medo. Se sentia alguma coisa, era um novo tipo de euforia. Ainda não conseguia acreditar na incrível recuperação daquele segundo anel. Considerava-se extremamente feliz, ou afortunada... Não estava pronta para dizer "abençoada".

Ela contornou o canto, passou debaixo da cobertura, e pôs-se a subir as escadas rumo ao Quarto 302.

***

— Deveríamos saturar o prédio! — exclamou o monstro à direita de Destruidor. — Kholl e seus homens precisam do nosso poder!

— Precisamos reforçar os demônios do Vidoeiro Quebrado! — sugeriu o bruto à esquerda de Destruidor.

Destruidor observava, ainda silencioso, enquanto seus guerreiros se

alvoroçavam e sibilavam à sua volta, loucos de vontade de participar da matança.

***

Sally atingiu o segundo patamar e começava a subir o segundo lance de escadas.

Kholl estava no quarto, esperando. Um de seus homens, vestido de técnico, permanecia perto da maquina de refrigerantes na outra escada, pronto para bloquear qualquer escape por ali. Outro homem, parecendo um veranista à vontade, assumiu seu posto ao pé da escada pela qual Sally havia acabado de subir.Um terceiro homem, vestindo roupas escuras e fumando um cigarro, pôs-se a subir as escadas após ela, silenciosamente, sub-repticiamente.

***

Sally havia atingido apenas o segundo lance de escadas quando não se sentiu bem com relação a alguma coisa.

Tal estava ao lado dela. *Pare,* disse ele. *Espere.*

Ela parou. Havia visto aquele homem parado perto da porta da recepção quando virou o canto e agora sabia que ele subia o lance de escada abaixo dela. Quando ela parou, ele hesitou. Fazia agora um silêncio agourento.

Tal permaneceu ao lado dela; Natã estava no topo da escada, Armoth ao pé da escada. Eles se faziam claramente visíveis.

Tal puxou lentamente a espada e deixou que seu brilho se refletisse contra a parede do prédio para todos verem. Natã e Armoth fizeram o mesmo. Agora podiam ver a reação demoníaca: dos telhados que cercavam o hotel, o céu iluminou-se com o brilho vermelho das espadas inimigas, e o ar encheu-se com o alarido e o farfalhar de asas negras.

Havia um empate.

Uma mão arrematada em garras agarrou o braço de Destruidor.

— O senhor não vai atacar? Há somente três a guardá-la! — exclamou o guerreiro. Os demônios à volta grasnaram seu entusiasta acordo.

— Somente três? — replicou Destruidor. — Você quer dizer que *vê* somente três. — Ele apontou um dedo torto ao guerreiro que o havia agarrado, e depois a outro murmurador, e depois a um mais abertamente ansioso para lutar. — Muito bem. Você, você e você, ataquem! Façam o pior que puderem!

Eles ganiram, ergueram as espadas e arremeteram pelo telhado como foguetes,

precipitando-se na direção do hotel. Dariam ao Vidoeiro Quebrado todo o poder de que precisava, e Sally Roe podia considerar-se morta!

Tal arremeteu da escada numa explosão reluzente de asas, e encontrou os três atacantes sobre o estacionamento. Dois foram instantaneamente despedaçados; o terceiro saiu adernando e adejando sobre a tipografia, o que sobrava dele deixando uma trilha de fumaça vermelha. Lá nas escadas, Natã e Armoth chegaram mais perto de Sally Roe, as asas estendidas, as espadas prontas.

CAVUUUM! Explodindo instantaneamente do esconderijo, pelo menos uma dúzia de guerreiros apareceu em toda a volta do hotel, suas asas estendendo-se a fim de formar uma parede impenetrável.

***

— Oh, Sra. Bissel!

Era a senhora da recepção. Sally ficou aliviada ao ouvir a voz dela.— Sim, estou aqui em cima!

— Será que eu poderia vê-la por um minuto?

O homem no lance inferior deixou cair seu cigarro e esmagou-o com a ponta do pé. Em seguida desceu novamente apressado e saiu correndo pelo estacionamento. Sally dirigiu-se à grade da sacada e viu-o dobrando a esquina.

***

— Hmm — disse Destruidor. — Quantos guerreiros mais vocês acham que ele escondeu lá dentro?

Nenhum demônio se aventurou a adivinhar.

— Talvez nenhum... talvez milhares! Alguém gostaria de descobrir?

***

A senhora da recepção tirou a sacola de viagem de Sally de trás do balcão.

— Espero que não me ache muito atrevida por ter feito isto — disse ela, mas antes que suba ao seu quarto, é bom que saiba que tem um homem lá esperando pela senhora. Ele disse que era seu marido.

Sally ficou horrorizada.

— O quê?

— É ou não?

Sally retrocedeu na direção da porta.

— Não tenho marido.

— Não saia lá fora, não ainda. Sally se deteve.

— E aquele outro homem, o que a seguia escada acima? Sally estava pasmada. Ela olhou pelas janelas.

— Ele... eu o vi sair correndo. — Então ela se afastou da janela, com medo de ser vista.

— Não sei quem a senhora é, ou quem ele é, mas descobri que não existe esse tal Mustang 79 com a placa que a senhora deu, e nem um Buick Regal com a placa que ele deu. Talvez duas pessoas possam ser casadas e ter sobrenomes diferentes, mas quando a senhora diz que veio de Hawthorne, na Califórnia, e ele diz que os dois são de Las Vegas, simplesmente não gosto da aparência das coisas.

Sally não sabia o que dizer.

— Sinto muito.

— Tirei sua sacola do quarto quando o abri para ele; disse-lhe que o inquilino anterior a havia deixado lá. Existe algum tipo de problema? Não quero nada esquisito acontecendo no meu hotel.

Sally apanhou a sacola.

— Obrigada.— Devo chamar a policia?

— Umm, não. Não, irei embora. Fique com o dinheiro do aluguel — está certo.

— E o "Sr. Rogers" lá em cima?

Sally se afastava na direção da porta. Ela olhou pela janela a fim de certificar-se de que o homem não estava escondido por ali.

— Umm... sim, chame a polícia.

***

Destruidor e seu exército podiam ver Sally deslizar às pressas pela porta da frente e correr rua abaixo, completamente cercada pelos guardas angelicais.

Um demônio sibilou e apontou. Lá ia Kholl, saindo sorrateiro do quarto 302, descendo depressa as escadas dos fundos com o "técnico". O veranista casual também havia desaparecido. De alguma forma, eles sabiam que a festa se acabara. Talvez tivesse sido aquela interrupção oportuna por parte da senhora da recepção; talvez eles tivessem percebido no lugar o grande "poder psíquico" de Sally Roe no

lugar. Talvez pudessem sentir seus acompanhantes demoníacos sendo bloqueados pela guarda angelical. Fosse o que fosse, as coisas não pareciam estar certas, e eles desistiram.

Destruidor soprou um jato de enxofre pelas narinas.

— Lembrem-se — disse ele aos seus guerreiros — este Tal é um colocador de armadilhas, um. armador de ciladas. Nenhum pequeno ser humano tão perigoso para nós quanto Sally Roe vai andar pela rua descoberta e sozinha. Ele estava lá. Seus guerreiros estavam prontos. — Ele riu. — Mas isso mudará.

Ele olhou pela rua em tempo de ver Sally Roe desaparecer à volta de uma esquina, ainda fortemente guardada.

— Não, Capitão do Exército! Não desta vez. Você ainda é forte demais, mas o tempo está do meu lado! Tenho os seus santos nas *minhas* mãos. Este jogo será *nosso*. *Nós* estabeleceremos as regras, *nós* escolheremos a hora.

***

Judy Waring não gastava tanto tempo em casa ensinando seu filho Charlie quanto havia prometido a si mesma e a todo o mundo que o faria. No momento, o resoluto aluninho da terceira série fazia o que queria lá no quintal enquanto ela cuidava de alguns assuntos urgentes no telefone.

— Bem, foi o que ouvi — dizia. — Ele tem tido problemas sexuais desde que Cindy faleceu, e acho até que eles têm dificuldades no casamento por causa disso. Você percebeu como ele sempre ficava grudado em Cathy Howard? Talvez ela seja a próxima em sua lista, não sei.

Então a outra pessoa falou por algum tempo, e Judy manteve-se ocupada recortando cupons de descontos do caderno de compras do jornal.

A vez de Judy chegou novamente.

— Bem, também acho isso. Quero dizer, como se pode saber ao certo o que acontecia naquela sala de aula? A Sra. Fields fica ocupada demais com toda a criançada da sua classe; não pode de jeito nenhum ficar vigiando Tom o tempo todo.

Mexerico estava sentado nos ombros de Judy, balançando seus dedos fininhos no cérebro dela enquanto Contenda, sentado sobre a mesa, olhava.

— Uma idéia maravilhosa! — exclamou Contenda.

— Sabe — afirmou Mexerico — esta mulher acreditará em qualquer coisa!

24

— Ele foi severo, agressivo e assustou as crianças em muitas ocasiões — disse Irene Bledsoe, o rosto desafiador, a espinha reta como um pedaço de pau.

Ela estava ladeada por dois advogados da ACAL, Jefferson e Ames, sentados numa sala de conferências adjacente ao escritório de Wayne Corrigan. Do outro lado da mesa de conferência, à sua frente, sentavam-se Wayne Corrigan, Tom Harris e Mark Howard. Na ponta da mesa estava o taquígrafo do tribunal, anotando tudo o que era dito.

Wayne Corrigan passou os olhos por suas anotações. Essa mulher era uma tigresa, com certeza, e ele estava desejando ter mais com que prosseguir. Com a pouca informação de que dispunha até então, ia ter um depoimento breve.

— Mas isso é baseado exclusivamente na palavra de Amber Brandon, não é? — perguntou ele por fim.

— Sim, e ela é uma garotinha inteligente, confiável e responsável.

— Mas a senhora mesma nunca viu o Sr. Harris comportando-se dessa forma, viu?

Certamente que vi: a primeira vez em que ele veio visitar os filhos. Ele violou as regras com as quais havíamos concordado, foi rude e agressivo.

— Agressivo. A senhora usou essa palavra duas vezes. Agora, é uma palavra sua ou de Amber?

Jefferson interveio.

— Que espécie de pergunta e essa? Corrigan não precisava dizer-lhe, mas disse.

— Estou tentando chegar ao que Amber Brandon falou e contornar qualquer ornamentação da parte da Sra. Bledsoe. — Ele prosseguiu à próxima pergunta. — E o que me diz do testemunho de Amber para a senhora? O que especificamente ela disse que o Sr. Harris fazia?

Bledsoe inclinou-se só um pouquinho para a frente, mas manteve a espinha reta.

— Amber me disse que o Sr. Harris e as outras crianças caçoavam dela, perseguiam-na, e tentavam impor-lhe seus conceitos religiosos.

— A senhora poderia ser mais especifica? Como e que caçoavam dela?

Bledsoe hesitou.

— Bem, elas...

— Elas a chamavam de nomes feios?

— Acho que sim.

— Bem, chamavam ou não?

— Amber não citou nenhum nome específico, mas estou certa de que se lhe perguntássemos, poderia dizer exatamente quais.

— Está bem, é o que faremos. — Corrigan prosseguiu. — Agora, e a perseguição? Como o Sr. Harris perseguia Amber?

Bledsoe riu ao ouvir a pergunta.

— Oh, como, deveras! Suponho que considere normal uma criança ser taxada de endemoninhada, ser proibida de brincar com as outras crianças...

— O Sr. Harris proibiu Amber de brincar com as outras crianças?

— Oh, sim. Ela foi forçada a ficar na classe durante o recreio e copiar uma página da Bíblia.

Corrigan anotou aquilo.

— E Amber disse qual foi o motivo disso? Bledsoe deu levemente de ombros.

— Oh, aparentemente o Sr. Harris não estava satisfeito com o ponto de vista de Amber numa questão em particular, e por isso resolveu que ela precisava de doutrinação mais intensa.

— São essas as palavras que Amber usou?

— Não...

— Essa é apenas a sua interpretação?

— Bem, sim.

— Exatamente o que Amber disse?

— Ela disse que o Sr. Harris não lhe permitiu sair para o recreio, mas fê-la ficar dentro e copiar da Bíblia.

— Ela sugeriu que estava sendo castigada por ter quebrado os regulamentos da escola?

— Não inferi isso do que ela disse.

— Aconteceu uma vez, por um recreio, ou era uma prática constante, diária?

— Não tenho certeza.

— E mais uma vez, a senhora não foi testemunha direta de nada disso?

— Não, claro que não.— Alguém foi?

— Bem, o Sr. Harris, mas...

Mm-hm. — Corrigan voltou outra página de suas anotações. — Vamos falar de Ametista, o pônei. É o nome correto para esse... outro ego?

— Não sei. Ela de fato se identifica como Ametista, e pelo que sei é um pônei, um personagem mitológico.

— Então a senhora mesma já ficou conhecendo Ametista? Ames interveio bruscamente nessa hora.

— Desculpe-me, Sr. Corrigan ... não acho que essa pergunta esteja muito clara.

Corrigan perguntou à mulher

— A pergunta está clara para a senhora? — Não.

— A senhora alguma vez já lidou com a Amber quando ela estava agindo como Ametista?

Ela deu de ombros, tranquila.

— Claro.

— E a senhora não estranhou nada?

— Não, claro que não. É sabido que as crianças se desassociam em personalidades alternativas, ou inventam amigos imaginários ao enfrentarem sério trauma. É muito comum.

— E de que trauma sério estamos falando?

A Sra. Bledsoe tentou compor uma resposta clara.

— Houve sério trauma em toda a experiência por que Amber passou na escola cristã: perseguição, discriminação, tensão, a imposição do dogma cristão... Tudo isso levou Amber a recorrer a uma falsa personalidade para poder enfrentar o problema. O Sr. Harris podia ter reagido de maneira apropriada e tratado da verdadeira fonte dos problemas de Amber, mas em vez disso complicou o trauma ao taxar Amber de endemoninhada, o que acho simplesmente horrendo.

A senhora não foi testemunha direta de nada disso? — Não.

— Tudo isto é segundo o que a senhora ficou sabendo através de Amber? — Sim.

Corrigan rabiscou algumas anotações e prosseguiu a uma nova página.

— Vamos falar acerca dos filhos do Sr. Harris. Qual foi a primeira coisa que trouxe a situação na casa deles à sua atenção?

Ela hesitou.

— Creio que... recebemos uma queixa.

— Quer dizer uma queixa através do telefone de emergência para queixas?

—Sim.— Então a senhora não sabe quem ligou? — Não.

— Não foi um dos advogados da Sra. Brandon? Jefferson pulou para não deixar essa passar. — Protesto!

Corrigan apontou o dedo a Jefferson.

— Isto aqui não é um tribunal, e o senhor não é o juiz, Sr. Jefferson.

— Essa pergunta me ofende!

— O *senhor* quer respondê-la?

— Não seja atrevido!

Corrigan voltou-se para a Sra. Bledsoe.

— Sra. Bledsoe, por tudo o que a senhora sabe, recebeu a queixa de alguém ligado a esta ação judicial?

— De jeito nenhum! — disse ela com grande indignação.

— Nem de nenhum dos advogados da Sra. Brandon? — Não!

— Ou da própria Sra. Brandon? — Não!

— Muito bem. Agora, estou certo de que já teve abundante oportunidade de conversar com Rute e Josias?

— Oh, sim.

— Eles relataram algum tipo de abuso por parte do pai?

— Sim, relataram.

Tom ergueu os olhos ao ouvir tal observação. Corrigan pressionou.

— Muito bem. Que abuso?

— Surras frequentes com uma colher de pau.

— Pelo que posso depreender, a senhora teve razão para crer que essas surras não foram administradas de forma amorosa e controlada?

— Elas foram administradas, Sr. Corrigan, e isso para mim é abuso.

— Muito bem. Algum outro abuso para com as crianças?

— Ele não lhes permite assistir televisão.

O rosto de Corrigan continuou sem expressão, e ele anotou aquilo.

— Era do seu conhecimento que o Sr. Harris nem mesmo possui um aparelho de televisão?

— Sim. Seus filhos me contaram.

— Eles estavam reclamando a respeito?

Acho que sim. Foi o que depreendi. Eles ficam encantados com os programas mais simples como se jamais tivessem visto algo parecido antes. Eles conhecem muito pouco do que está acontecendo em nossa cultura. Suas vidas estão protegidas demais para um desenvolvimento social apropriado.

— E essa é a sua opinião profissional?— Sim, naturalmente.

— E que me diz de evidência direta de qualquer abuso físico? Alguém viu alguma machucadura nas crianças, algum sinal de que alguma coisa estava errada?

— Sim, claro! Ruth tinha um grande galo na cabeça!

— Tom mal conseguiu manter-se quieto. Corrigan perguntou:

— Depreendo que o queixoso anônimo que usou o telefone de emergência reportou esse galo?

— Naturalmente.

— Rute chegou a dizer como foi que ficou com esse galo?

A Sra. Bledsoe assumiu uma postura mais rígida ainda e respondeu:

— Ainda estamos investigando, e até que a investigação seja completada, a questão é estritamente confidencial.

— Eu acharia que o galo é uma questão de conhecimento público — disse

Corrigan. — A senhora tem ciência, naturalmente, de que as crianças disseram ao pai, na sua presença, de onde aquele galo veio.

— Mas lembre-se, Sr. Corrigan, de que era com o pai que elas estavam falando. Por medo, a criança pode inventar uma história a fim de evitar maiores abusos.

Corrigan permitiu-se um breve suspiro de frustração.

— Sra. Bledsoe, por que tenho a impressão de que a senhora realmente não tem um motivo concreto para manter essas crianças sob guarda numa casa e num ambiente estranho, longe de seu próprio lar e do seu pai?

A Sra. Bledsoe fez um esforço visível para manter a calma.

— Temos suspeitas, Sr. Corrigan, e suspeitas são razão suficiente. Ainda estamos trabalhando com as crianças. Temos meios de acabar fazendo com que revelem a verdade. As crianças de fato querem nos contar tudo, mas muitas vezes estão com medo.

— Então a senhora acredita que Rute e Josias querem dizer a verdade? — Sim.

— Então por que a senhora não aceita o relato de Rute e Josias da quase colisão que a senhora teve com uma caminhonete azul, e alegação que fazem de que foi nesse quase-desastre que Rute sofreu o galo na cabeça?

Ela fez uma careta de desgosto ante a pergunta.

— Essa é uma questão inteiramente diferente! Não se pode depender de crianças para serem testemunhas confiáveis em coisas dessas.

— Então elas são testemunhas confiáveis somente quando seu testemunho confirma suas suspeitas anteriores? — Jefferson ameaçou encrespar. Corrigan falou primeiro. — Não precisa responder.

Corrigan tirou uma fotografia e a colocou na frente da Sra. Bledsoe.

— A senhora já viu esta mulher alguma vez?Bledsoe olhou a fotografia de Sally Roe e fez o melhor que pode para permanecer impassível.

— Não, acho que não.

Alguma possibilidade de que fosse ela quem estivesse dirigindo aquela caminhonete?

Protesto! — disse Ames. — O senhor nem mesmo estabeleceu que havia uma caminhonete.

— Sra. Bledsoe, a senhora teve uma quase colisão com uma caminhonete azul quando levava os filhos do Sr. Harris da casa dele?

— Não, não tive!

— Com qualquer veículo de qualquer cor? — Não!

Corrigan apontou ao retrato de Sally Roe.

— A senhora disse que nunca viu esta mulher antes. Já viu esta fotografia antes?

Ela hesitou.

— Pode ser.

— Onde?

— Não me lembro.

— A senhora se lembra de ter rasgado algumas fotografias que estavam com Josias Harris durante a última visita das crianças com o pai?

Ela estava claramente pouco à vontade.

— Oh... eu rasguei alguma coisa, não tenho certeza do que era. Corrigan pegou a foto de volta.

— Vamos falar a respeito da sua ficha de motorista. Alguma infração de tráfego nos últimos três anos?

Agora ela hesitou.

— O que quer dizer?

— Multas de tráfego. Intimações.

— Acho que sim.

— De acordo com o Departamento de Veículos Motorizados, a senhora teve cinco multas por excesso de velocidade nos últimos três anos. É verdade?

— Se é isso o que eles dizem...

— A senhora também foi intimada duas vezes por deixar de parar num sinal de pare, certo?

— Não vejo o que isso tem a ver com coisa alguma! Corrigan insistiu:

— Certo? Ela suspirou. — Sim.

— A senhora teve de mudar três vezes de seguradora?

— Não sei.Jefferson falou abruptamente:

— Acho que está atormentando a testemunha, Sr. Corrigan.

— Terminei com esta testemunha, Sr. Jefferson. — Corrigan dobrou as anotações, descontraiu-se e sorriu. — Muito obrigado por ter vindo, Sra. Bledsoe. Obrigado a todos.

Bledsoe e os dois advogados não sentiram necessidade de ficar por ali socialmente, e o taquígrafo do tribunal tinha outro compromisso. Não demorou nada para que Corrigan, Mark e Tom ficassem sozinhos na sala de conferência.

— Que tal? — perguntou Tom.

Corrigan queria certificar-se de que a mulher e os outros tinham partido. Inclinou-se para olhar pela porta. Não havia ninguém. Ele sentou-se e pensou por um momento, correndo os olhos pelas anotações.

— Bem, ela está mentindo, e não deve ser muito difícil apanhá-la numa armadilha quando estiver depondo no tribunal.

Mark perguntou:

— E o que diz da teoria de Marshall? Ela está ligada a essa coisa toda, não está? Está trabalhando para eles.

Corrigan pensou sobre isso por um momento, e depois assentiu com a cabeça.

— A evidência ainda é circunstancial, mas existe uma ligação, isso existe, e ela está dando duro para escondê-la. Esse é um dos motivos pelos quais ela está sendo tão teimosa com relação aos seus filhos, Tom. Eles são testemunhas. Se quiserem ouvir minha mais recente teoria, eu diria que ela foi trazida nisso somente para desacreditá-lo, mas então cruzou o caminho de Sally Roe com as crianças como testemunhas, o que complicou tudo. Agora ela não apenas tem de manter as crianças quietas a respeito de terem visto Sally Roe, como também tem de mantê-las quietas acerca de ter tido aquele quase-acidente em primeiro lugar, e o galo de Rute não vai facilitar a coisa.

— Meus filhos estão como reféns! — disse Tom enraivecido. Mark também estava furioso.

— Ela está ligada ao Mulligan, então; está ajudando-o a proteger toda essa história de suicídio.

Corrigan folheou suas anotações.

— Quanto mais entrarmos nisso, acho que mais vamos descobrir que todo o

mundo está ligado a todos os outros. E não se esqueçam de Parnell, o legista. Para poder fazer a coisa toda ser descartada como suicídio, ele teria de estar participando também.

Mark olhou o relógio.

— É melhor orarmos por Marshall e Ben. Eles estão conversando com ele neste minuto.

***

Joey Parnell não ficou nada contente ao abrir a porta da frente e encontrar Marshall Hogan e o recentemente desempregado Ben Cole de pé ali.

Oi — disse Marshall. — Desculpe incomodá-lo em casa. Parece que se esqueceu da nossa entrevista.

Ele estava com dificuldade para olhá-los nos olhos.

— Sinto muito. Minha secretária devia ter ligado para você. Estou doente hoje.

— Ela nos disse isso — disse Ben — mas apenas depois que ficamos sentados lá esperando meia hora.

— Oh, sinto muito. Bem, talvez em outra ocasião...

— É melhor fazer sua secretária ligar para a Associação Médica de Westhaven também — disse Marshall. — Vi o anúncio no jornal, e acabei de falar com eles. Ainda estão esperando você para falar em sua conferência dentro de uma hora.

— É por isso que está usando sapatos e calças finos? — perguntou Ben. Parece que está se vestindo para ir a algum lugar.

Parnell ficou bravo.

— Que direito têm vocês de xeretar em minhas atividades diárias? Marshall enfiou a mão num envelope amarelo.

— Isto poderia ajudar a responder.

Ele tirou uma fotografia e a mostrou a Parnell.

— Dr. Parnell, por tudo o que sabe e conhece, esta é a mulher que cometeu suicídio no sítio dos Potters há diversas semanas?

Ele não queria olhar a foto.

Escutem, caras, tenho outras coisas a fazer e preciso me aprontar. Agora, se me derem licença...

Marshall mostrou-lhe o retrato novamente.

— Dê uma boa olhada. Averiguamos por aí com diversas testemunhas que a identificaram; temos impressões digitais, uma ficha criminal, a coisa toda. Esta é Sally Roe?

Ele olhou a fotografia por um minuto.

— É, claro que é. Lembro-me dela. Morte por estrangulamento. Ela se enforcou.

— Apenas verificando — disse Marshall. Parnell afastou-se da porta.

— Agora, se isso é tudo...

— Dr. Parnell — disse Marshall — aquele era um retrato da minha irmã. O rosto de Parnell ficou desconcertado e subitamente pálido. Suas mãos começaram a tremer. Marshall continuou:

— Achei que já que mora aqui em Westhaven provavelmente não saberia que cara teria a verdadeira Sally Roe, e agora esta óbvio que nunca a viu morta também.

— Parnell estava sem fala. Ele ficou olhando para baixo, depois para a porta, depois para dentro da casa, e depois a Marshall e Ben. O pobre sujeito estava agindo como um animal encurralado.

Ben perguntou:

— Pode nos dizer quem de fato era a morta?

— Não posso dizer nada! — explodiu ele por fim. — Apenas vão embora — dêem o fora daqui!

Ele bateu a porta.

Marshall e Ben caminharam de volta ao carro.

— Você viu isso? — perguntou Marshall.

— Aquele sujeito está *apavorado!* — disse Ben.

***

A tarde de Kate tinha sido, de certa forma, informativa; pelo menos, ela estava sendo informada da maneira mais frustradora possível quanto era difícil chegar a ver um exemplar fidedigno do currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu* para a quarta série.

Ela passou pela secretaria da escola primária a fim de encontrar-se com o Sr. Woodard, o diretor, e dar uma olhada no currículo. O Sr. Woodard não se

encontrava. Ela o encontrou mais adiante no corredor, quando ele subitamente lembrou-se da hora que havia marcado para ela.

Então o currículo não se encontrava em parte alguma e ele não conseguia entender o que podia ter acontecido com o material. Ele lhe disse que falasse com a Srta. Brewer. A Srta. Brewer estava com a classe e não podia ser incomodada, mas a chamaria. A Srta. Brewer não chamou.

Então Kate ligou para Jerry Mason, um membro do conselho de educação e muito provavelmente membro do Círculo Vital.

— Ora, acho que a professora deveria ter um exemplar — disse ele.

Kate estava ficando cansada de ouvir isso.

— Não, ela não tem. Já verifiquei com ela e ela me mandou falar com o Sr. Woodard, que me mandou de volta para falar com a Srta. Brewer.

— Bem, eu não tenho um exemplar.

— Eu estava apenas pensando se por acaso não teria, já que o senhor aprovou o currículo para as séries de primeiro grau.

— Mas a senhora tem algum filho fazendo esse currículo?

— Não, estou apenas tentando ver um exemplar dele.

— Bem, não há muitos deles por aí, e não acho que alguém que deseje possa simplesmente aparecer a qualquer hora para vê-lo. Preferimos trabalhar apenas com os pais. A senhora provavelmente devia marcar uma hora.Kate deu mais umas voltas na ciranda com Jerry Mason, e depois ligou para Betty Hanover, outro membro do conselho de educação.

— Ei, olhe — disse Betty — já passamos por tudo isso antes com ... os marginais religiosos. A cidade resolveu que gosta do currículo, e preferiríamos ter um pouco de sossego agora, está bem?

John Kendall não foi melhor.

— Perguntou à Srta. Brewer? São os professores que supostamente são responsáveis por ele. Eles deveriam poder ajudá-la.

Kate desligou o telefone e riscou outro nome. Então, ela soltou um berro simulado.

Se não houvesse outro motivo, esse currículo tinha de merecer ser visto apenas porque tantas pessoas estavam fazendo tanta força para mantê-lo escondido.

***

Outra carta! Era igualzinha às outras — o mesmo envelope, a mesma letra, a mesma espessa carta dentro em papel pautado de caderno! Lucy agarrou-a da pilha de correspondência que chegava e fê-la deslizar depressa para dentro de seu bolso. De onde estavam vindo todas essas cartas? Se isso era uma piada, era certamente uma piada duradoura e nada engraçada.

Se não fosse uma piada, e essas cartas realmente fossem de Sally Roe...

Ela não queria pensar a respeito; era mais fácil nem considerar a possibilidade, e continuar confiando em todas as pessoas em quem agora confiava.

Debbie estava por perto, separando a correspondência de outra sacola. Ela havia parado de trabalhar, e parecia estar olhando atentamente a etiqueta de endereço de uma revista, mas... Para Lucy, parecia que Debbie a estava observando, mas tentando fingir que não.

— Algo errado? — perguntou Lucy.

— Oh, não... nada — respondeu Debbie, voltando-se e enfiando a revista numa das caixas postais.

Elas continuaram separando a correspondência, e nada mais foi dito. Mas Debbie tinha visto tudo.

25

Wayne Corrigan havia lido o relatório detalhado do Dr. Mandanhi a respeito da condição de Amber Brandon. A maior parte era tão técnica que seria necessário outro perito para refutá-lo, se fosse refutável. Uma coisa ficava clara mesmo para um leitor leigo do documento: Mandanhi responsabilizava a Academia do Bom Pastor pelos problemas de Amber, e tinha uma baixa opinião do cristianismo. Essa deposição não seria fácil.Entretanto, Mandanhi era um homem manso, e não desagradável de trato. Tinha uns quarenta e poucos anos de idade, era originário do Leste Indiano, bem vestido, educado, profissional. Os advogados Ames e Jefferson sentavam-se um de cada lado dele, como haviam feito com Irene Bledsoe, mas não pareciam tão nervosos com relação a ele quanto a Bledsoe. Aparentemente estavam seguros de que Mandanhi podia cuidar de si mesmo.

Corrigan começou com alguns pontos básicos.

— Então, o senhor poderia, para que fique registrado, revisar os sintomas básicos de trauma de Amber?

Mandanhi trouxe algumas notas, mas não parecia precisar delas.

— O comportamento de Amber e típico de qualquer criança da mesma idade que tenha passado por extenso trauma emocional: molhar a cama, rabugice, náusea ocasional, e frequentes escapes fantasiosos... uma perda da realidade, paranóia, o medo de inimigos invisíveis — assombração, bicho-papão, esse tipo de coisa.

— E o senhor atribui tudo isso ao ambiente da escola cristã? Ele sorriu.

— Não inteiramente. Poderia haver outros fatores, mas as difusas implicações religiosas do currículo da escola seriam, em minha opinião, suficientes para exacerbar os distúrbios emocionais pré-existentes em Amber. As doutrinas cristãs de pecado e de um Deus de ira e julgamento, bem como a imposição cristã de culpa e responsabilidade, se assimilariam imediatamente na estrutura de identidade pré-estabelecida da criança, produzindo todo um novo conjunto de razões para ela ficar insegura e com medo do seu mundo.

— O senhor discutiu qualquer parte disto com o pastor da Igreja do Bom Pastor, ou com o diretor da escola?

— Não, senhor, não discuti.

— Então como sabe com certeza de que a escola estava impondo algum tipo de culpa ou temor sobre a criança?

— Examinei a menina, e sei que ela foi à escola. Não é difícil inferir uma conexão clara.

Corrigan fez algumas marcas na margem de sua cópia do relatório de Mandanhi.

— Agora... falando da tal Ametista, o poneizinho em que Amber se transforma... Qual foi o termo que o senhor usou?

— Desordem dissociativa, ou neurose histérica, do tipo dissociativo.

— Umm... certo. Poderia explicar exatamente o que é?

— Basicamente, e um distúrbio ou alteração nas funções normalmente integrativas da identidade, da memória ou do consciente.

— Vou precisar disso em termos mais simples, doutor.

Ele sorriu, pensou por um momento, e em seguida tentou novamente.— O que Amber está exibindo é o que chamamos de Desordem de personalidade Múltipla; é uma condição na qual duas ou mais personalidades distintas existem dentro de uma só pessoa. Essa desordem é quase sempre causada por algum tipo de violência, geralmente sexual, ou severo trauma emocional O início ocorre quase invariavelmente durante a infância, mas muitas vezes não é descoberto até mais tarde na vida. Estatisticamente, ocorre de três a nove vezes com mais frequência no sexo feminino do que no masculino.

— Poderia descrever-nos algumas destas complicações que o senhor enumerou?

Mandanhi consultou sua própria cópia do relatório.

— Sim. Complicações, dificuldades que podem surgir quando esta desordem se manifesta.

Corrigan examinou a lista.

— Violência externa?

— Sim. Um afastamento total das normas sociais de comportamento, das inibições sociais. Fúria cega, danos a outras pessoas...

— E berreiro, chutes, resistência à autoridade?

— Oh, sim.

— Tentativas de suicídio?

— Muito comuns.

— E Amber?

Mandanhi pensou por um momento, depois meneou a cabeça.

— O caso dela parece bem moderado nessa área. Corrigan encontrou outra palavra.

— O que é coprolalia?

— Linguagem violenta, obscena, geralmente involuntária. Corrigan parou nessa aí.

— Involuntária?

— A vítima não tem o menor controle sobre o que diz; a expressão é espontânea e pode incluir ruídos de animais, grunhidos, latidos, sibilos e assim por diante.

— Umm... e blasfêmias? — Corrigan sentiu uma necessidade de explicar. — Umm... vituperações, obscenidades, declarações caluniosas contra uma divindade?

— Sim. Muito frequente.

— E então existem... estados alterados de consciência?

— Sim, transes.

— E de acordo com a sua experiência, esse tipo de coisa é geralmente — ou quase sempre — causado por severo trauma emocional ou abuso sexual?

— Correto.— E é isso o que o senhor está assumindo com relação à Academia do Bom Pastor?

— É.

— Mas o senhor não conversou com o pessoal da escola a esse respeito. — Não.

— Entendo. — Corrigan rabiscou algumas anotações e leu mais algumas notas. — A imprensa parece ter opiniões firmes acerca do que acontecia na escola, e disse algumas coisas bem duras a respeito de Tom Harris. Os jornalistas conseguiram algumas das informações de que dispõem com o senhor, doutor?

— Não falei com eles pessoalmente, não. Corrigan ergueu uma sobrancelha.

— Mas é razoável pensar que suas opiniões, de uma forma ou de outra, tenham ido parar nas mãos da imprensa?

Ele não pareceu muito contente ao ter de responder.

— Creio que sim.

— E o Departamento de Proteção à Criança?

Mandanhi olhou para os advogados. Eles não pareciam muito angustiados.

— O DPC recebeu uma cópia completa do meu relatório, e tenho conferenciado com eles regularmente.

Para Corrigan, isso não foi uma surpresa completa, mas mesmo assim ele sentiu um toque de raiva.

— Então... devem pensar que a Academia é um lugar bem perigoso para crianças.

— O senhor teria de perguntar a eles.

A voz de Corrigan elevou-se apenas um tantinho.

— O que lhes disse?

Mandanhi refugou diante da pergunta.

— O que eu lhes disse?

— O senhor conferenciou regularmente com eles. Deu-lhes a entender que a escola é um lugar perigoso para crianças?

— Não lhe posso dizer o que eles acreditam. Corrigan abandonou a pergunta.

— Então, suponho que, pelo mesmo motivo, o senhor não pode explicar por que não houve uma ampla devassa da escola e do seu pessoal, e de todos os pais que têm filhos matriculados lá?

Mandanhi deu de ombros.

— Não é minha responsabilidade saber. Não tomo decisões.

— Por acaso a representante do DPC com a qual o senhor conferenciou frequentemente seria Irene Bledsoe?

— Sim.

Corrigan nada disse em resposta a isso; apenas anotou.— O senhor já ouviu falar de uma Senhorita Nancy Brewer, professora da quarta série na Escola de Primeiro Grau de Baskon?

— Não, senhor.

— Já ouviu falar do currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu* que a Srta. Brewer ensina à sua classe de quarta-série?

— Não, senhor.

— Então o senhor não tem conhecimento, doutor, de que a Srta. Brewer ensina regularmente as crianças a relaxarem, atingirem estados susceptíveis de consciência, e entrarem em contato com guias íntimos?

A pergunta prendeu o interesse de Mandanhi, mas ele ainda teve de replicar.

— Não.

— O senhor sabia que, antes de Amber ser matriculada na escola cristã, ela era aluna da classe da Srta. Brewer e cursou esse currículo?

Isso prendeu mais ainda o interesse de Mandanhi. Sua expressão tornou-se um tanto sombria.

— Eu não tinha conhecimento disso.

— O senhor está familiarizado com uma organização local chamada Círculo Vital?

— Sim.

— O senhor sabe que eles praticam regularmente técnicas de alteração do consciente tais como ioga, meditação e... — Corrigan pausou e então atingiu o termo com ênfase — ... canalização por transe?

— Tenho conhecimento disso.

— Tem conhecimento de que Lucy Brandon e sua filha Amber estão intimamente envolvidas com esse grupo e suas práticas?

— Sim.

Corrigan não estava esperando todas essas respostas afirmativas; estava um tanto chocado.

— Então, o senhor pode por favor explicar exatamente como pode estar tão certo de que apenas a Academia do Bom Pastor deve ser culpada pelo comportamento anormal de Amber?

Ele sorriu.

— Não culpo a Academia pelo comportamento de Amber; culpo-a pelo trauma que precipitou o comportamento.

Corrigan teve de se controlar. Aquele homem estava começando a incomodá-lo.

— Mas tendo em vista o que está acontecendo na escola primária e no Círculo

Vital, o senhor pode concordar que um comportamento como o de Amber pode ser ensinado e condicionado em uma criança pequena *sem* trauma severo?

Mandanhi riu.

— Já que me está perguntando, direi que não reconheço a validade de qualquer coisa que possa estar acontecendo na escola primária ou no Círculo Vital. Vejo essas coisas como altamente subjetivas, até mesmo como questões religiosas, algo que prefiro não tratar clinicamente.

— Portanto o comportamento de Amber, em sua opinião, deve indicar severo trauma emocional como sua única causa?

— Foi o que escrevi, e é essa a minha opinião.

Corrigan deteve-se por um momento. Ele estava frustrado, mas tentou não demonstrá-lo. Voltou a outras notas que havia rabiscado no relatório.

— Então, doutor, entre os cristãos, o pessoal do Círculo Vital, a Srta. Brewer, e mesmo Amber, parece que temos uma porção de opiniões diferentes sobre o que essa Ametista realmente é.

— Não sou responsável por nenhuma opinião além da minha — interpôs o doutor.

— O senhor concordaria que Amber é capaz de comunicar-se com esse... seja o que for?

— Isso não é atípico para um dissociador. As diversas personalidades geralmente têm consciência umas das outras, muitas vezes conversarão, e às vezes chegarão a discordar e discutir.

— E é normal para Amber desligar-se e não se lembrar do tempo passado quando Ametista está-se manifestando?

— É muito típico.

— E que diz de conhecimento especial? É possível Ametista conhecer informação que Amber não poderia possivelmente conhecer ou ter tido oportunidade prévia de ficar sabendo?

Mandanhi hesitou.

— Não estou certo de poder responder isso. A desordem de fato apresenta uma porção de questões por vezes...

— Tais como?

— Oh... Meus colegas e eu temos sempre ficado mistificados por essa característica que o senhor mencionou, conhecimento especial — alguns chamariam de clarividência ou percepção extra-sensorial. Mas outro fenômeno que sempre encontramos nessa desordem é uma mudança fisiológica real na pessoa afetada. A personalidade normal pode não precisar de óculos de forma alguma, enquanto a personalidade alternativa sim; ou ambas podem usar óculos, mas o grau ser bem diferente. As pressões sanguíneas podem diferir, ou a reação a certos medicamentos; os índices de sangramento e coagulação podem ser diferentes, e chegamos mesmo a observar uma clara e mensurável mudança na composição do sangue.

Corrigan tomou nota de tudo aquilo.

— Alguma explicação, doutor? Mandanhi sacudiu a cabeça e sorriu.

— Existe muito ainda que não conhecemos sobre nós mesmos, Sr. Corrigan.Corrigan havia ouvido o suficiente. Estava pronto para sua próxima testemunha.

— Como se sentiria o senhor se eu conversasse com Amber sobre isto? Ela estaria disposta a conversar sobre o assunto?

Mandanhi considerou a pergunta.

— Não vejo como pudesse causar algum dano, contanto que o senhor se limitasse a perguntas e comportamento razoáveis para com a criança.

— Bem, estava pensando que gostaria que nosso próprio psicólogo também examinasse Amber.

Subitamente Jefferson saltou sobre o assunto.

— Não, Corrigan. Esqueça. Isso não vai acontecer.

Corrigan viu que tinha tocado num nervo exposto em algum lugar.

— Ei, o que é isso? O Dr. Mandanhi não parece pensar que será prejudicial.

Ames foi deveras veemente.

— Você não vai chegar nem perto daquela criança! Ela já sofreu o suficiente!

Corrigan voltou-se para o Dr. Mandanhi.

— Que me diz, doutor? Acha que não haveria problema? Mandanhi olhou para os advogados e percebeu o que seus olhos queriam dizer.

— Bem... suponho que não, Sr. Corrigan. Suponho que seria prejudicial.

— O senhor supõe?

— *Seria* prejudicial.

— Esqueça! — disse Jefferson.

Pode esperar sentado, pensou Corrigan.

26

Antes que Sally percebesse, escrevia à luz da lâmpada acima do seu banco, e não à luz do dia que entrava pela janela.

Entardecia. O rubro e difuso crepúsculo desaparecia no cinza cada vez mais escuro da noite, e agora os sítios e campos que passavam apressados no lado de fora começavam a esconder-se atrás do reflexo de seu próprio rosto. O balançar ritmado do vagão do trem e o clique-claque dos trilhos tinham um efeito calmante, um efeito entorpecente, e ela começou a sentir-se sonolenta.

Demoraria mais ou menos um dia até chegar ao seu destino e visitar de novo a velha Universidade Bentmore. Seu estômago contorcia-se de medo toda a vez em que pensava sobre isso. Essas seriam pessoas poderosas, as influentes, as que moldavam a educação e os educadores. Se o pessoal do Ômega se lembrava dela, indubitavelmente se lembrariam dela em Bentmore. Mas mesmo assim tinha de ir. Tinha de ver aquele lugar novamente.

Assim, minha estada no Quarto 302 em Fairwood terminou de repente, e estou na estrada, estrada de ferro, na realidade, mais uma vez, e apenas com a minha mochila e a minha vida como bens. Não tenho a intenção de parecer petulante, mas fugir para salvar a vida é uma experiência totalmente nova para mim. Antes de tudo, nunca fiz isso antes, e, em segundo lugar, jamais pensei que fugiria das pessoas em quem uma vez confiei e admirei tão profundamente. Uma das lições mais difíceis que tive de aprender é que o sonho utópico de uma nova ordem mundial não deixa de ter seu lado escuro, seus fomentadores de poder, maquinadores, manipuladores e assassinos. Por trás de todas as pessoas como a Sra. Dennings e a Srta. Brewer que sonham em refinar e guiar a humanidade, existe gente como o Sr. Steele que sonha em subjugar e controlar a humanidade. As Dennings e as Brewers trabalham arduamente para preparar toda a humanidade para uma comunidade global; os Steeles esperam com ansiedade a hora de dominá-la.

E existem também as Sally Roes que são apanhadas no meio, desilusionadas com os sonhos idílicos das Dennings e das Brewers e tentando permanecer fora do alcance da bota esmagadora dos Steeles. Talvez elas sejam as que os Steeles mais temam; conhecem todos os dogmas, mas não mais acreditam na fé. Podem atrapalhar mais eficazmente do que ninguém.

Ela pausou, e olhou o seu reflexo na janela, um rosto cansado, com o negror da noite atrás de si, e ocorreu-lhe que tipos de alegorias ela teria tirado de tal quadro

apenas uns dias atrás, ou mesmo ontem. Poderia ter escrito acerca do negror em sua alma, ou do grande vazio que ficava além da Sally Roe visível, ou a efemeridade de sua vida, nada mais do que um reflexo passageiro num fino painel de vidro — ali durante a noite, e desaparecido pela manhã.

Oh, eram coisas ótimas, mas, por algum motivo, ela simplesmente não se sentia assim. Algo muito profundo em seu íntimo mudava, como um desanuviar gradual e contínuo do tempo.

Tom, lembra-se de minha última carta, quando falei a respeito de culpa? Não me esqueci de nenhum daqueles pensamentos; de fato, eles ainda rodopiam em minha cabeça, e não sei aonde terminarão por conduzir-me.

Desde a última vez em que escrevi, produzi uma proposição desafiadora a respeito da culpa: a de que ela pode ser um fato, e não apenas um sentimento.

Estou certa de que você sabe quanto o resto de nos despreza esse aspecto do cristianismo: a clássica "viagem de culpa". Se me lembro corretamente do jargão, todos somos "pecadores", todos somos culpados. A religião sempre foi, em minha percepção, uma grande viagem de culpa, e ninguém quer sentir-se culpado. É por isso que meus amigos e eu gastamos tanto tempo e energia inventando um universo no qual o certo e o errado não existiam — e se não existe certo ou errado, não há necessidade de se sentir culpado acerca de coisa alguma.

Agora, quanto à coisa que fez a coisa toda emperrar pela primeira vez hoje de manhã: a possibilidade da culpa como um fato e não apenas um sentimento... Se, e enfatizo a palavra se, existir um padrão fixo de certo e errado, uma cerca, como já disse, então é possível a pessoa ser culpada de uma ofensa, independente de todos os sentimentos de culpa. Posso estar no lado errado da cerca e estar errada independente de como me sinta a respeito.

Por favor, tenha paciência se eu declarar o óbvio; tenho o distinto medo de que você tenha tido tudo isto claro em sua própria mente quando criança e que esteja ficando entediado, mas por favor, tenha paciência comigo. Tenho de pensar a respeito até entender, e ajuda se eu o fizer no papel

Digamos que eu roube um banco. Isso me torna culpada de roubo. Digamos que eu não me sinta culpada a respeito. Se um roubo puder ser estabelecido como errado, então ainda sou culpada de roubo, independente de como me sinta.

O sentimento — ou falta de sentimento — não altera o fato.

Então, refletindo sobre o que aprendi através dos anos nos campos humanistas

e místicos, vejo que muito disso era uma tentativa de escapar à culpa por meio de filosofia, meditação, drogas, etc., etc. Mas agora tenho de perguntar, de que exatamente tenho tentado escapar: dos sentimentos ou do fato? Fui capaz de escapar dos sentimentos — por uns tempos. Os sentimentos a gente pode enterrar, suprimir, negar, ou convencer a si mesma de que não existem.

Mas o que pode mudar ou apagar o fato? Até agora não pensei em nada.

***

Wayne Corrigan estava confuso quanto ao depoimento de quinta-feira; sentia-se preparado em alguns aspectos, e em outros aspectos sabia que ele e sua equipe voluntária de investigadores ainda não haviam nem arranhado a superfície do que realmente impulsionava Lucy Brandon e sua ação judicial. Mas ali estava ela, a própria autora da queixa, vestindo um terninho cinzento, ladeada por Ames e Jefferson, pronta para arengar e parecendo nervosa.Mark e Tom estavam presentes de novo, e Corrigan tinha notas mais do que suficientes às quais referir-se.

Eles cobriram informações antigas primeiro, repisando as ofensas contra Amber na escola cristã. Lucy parecia ter uma compreensão muito melhor dos detalhes do que Irene Bledsoe demonstrara.

— Ele muitas vezes agarrava Amber pelos ombros e a sacudia até ela produzir a resposta que ele queria — disse ela.

— Pode dar um exemplo? — perguntou Corrigan.

— Bem... ela me contou uma vez que o Sr. Harris tentou fazer com que Amber "fosse salva", e que ele foi bem insistente a respeito, sacudindo-a, insistindo em que ela dissesse que Jesus era o seu Salvador. Ela queria dizer apenas que ele era o seu exemplo, ou amigo, ou guia, mas isso não era suficientemente bom para ele. Ele a sacudiu, gritou com ela, e realmente transtornou-a. Então ele a fez ficar na sala durante o recreio até que ela mudasse de atitude. Foi horrível; ela chorou por causa disso toda aquela noite. Foi com muita dificuldade que consegui fazê-la voltar à escola no dia seguinte.

Tom rabiscou uma nota para si mesmo. Esse testemunho era uma mentira deslavada, mas não era surpreendente. Ela já ouvira Amber usar o mesmo método de distorcer a verdade toda a vez em que fofocava.

— Isso, naturalmente, é o que Amber contou? — perguntou Corrigan.

— Sim, é o que ela me contou.

— E a senhora não foi testemunha disso?

— Não, mas acredito em minha filha.

— Alguma vez discutiu o assunto com o Sr. Harris?

— Não, não discuti.

— Por que não?

Ela teve de procurar por uma resposta.

— Oh, acho que minha mente estava em outras coisas, e não pareceu importante na ocasião.

— Mas agora parece importante?

— Ora, parece.

Corrigan mostrou-lhe um documento.

— Esta é a sua assinatura neste Formulário de Consentimento dos Pais, certo?

Ela olhou o papel. — Sim.

— E se a senhora notar o parágrafo nove neste formulário, ele declara que a senhora leu o Manual do Aluno e dos Pais e concorda com tudo o que ele contém. A senhora leu o manual, e concordou com tudo o que ele continha?

Lucy estava bem relutante em responder. — Sim.Corrigan examinou uns assentamentos.

— É verdade que Amber apanhou no dia... 25 de março e que o Sr. Harris informou-a a respeito por telefone naquela noite?

— Sim.

— E é verdade que naquela ocasião a senhora aprovou o fato de ela ter apanhado?

— Sim.

— De acordo com tudo o que sabe, Amber apanhou mais alguma vez desde então?

— Não.

— Então, só para ter a certeza de que entendo corretamente, a senhora move uma ação contra a escola por violência física na forma de surra, mas tanto quanto pode saber houve apenas um incidente de surra, e a senhora o aprovou de antemão quando assinou o Consentimento dos Pais, e também na ocasião em que a surra foi ministrada? Entendi certo?

Ela não gostava, mas respondeu a verdade:

— Sim, está certo.

— A senhora tomou conhecimento da infração pela qual Amber apanhou?

Lucy pensou por um momento. — Acho que ela atrapalhava a aula. Corrigan não queria entrar no próximo assunto, mas precisava fazê-lo.

— A senhora se lembra do que ela fazia para atrapalhar? Lembra-se de como o Sr. Harris descreveu para a senhora?

Lucy gaguejou com uma resposta.

— Ela estava... fazendo barulho... brincando na carteira... Corrigan mergulhou no assunto.

— Bem, vamos simplesmente prosseguir e falar a respeito de Ametista. Lucy iluminou-se com a lembrança.

— Oh...

— A senhora se lembra agora de que Amber apanhou porque fazia o papel de Ametista na classe e atrapalhava a aula, não prestando atenção às ordens do Sr. Harris de parar com aquele comportamento?

— Sim.

— Sra. Brandon, ouvimos uma porção de opiniões a respeito de quem ou o que Ametista realmente é. Quem ou o que Ametista é em sua opinião?

Lucy baixou os olhos à mesa, pensou sobre a pergunta, chegou mesmo a dar uma risadinha, e depois meneou a cabeça.

— Não tenho certeza. Acho que e apenas um personagem que Amber inventou, mas... Bem, o Dr. Mandanhi diz que possivelmente é uma personalidade alternativa, mas eu não sei...

— A senhora está associada de alguma forma com um grupo de confraternização em Baskon chamado Círculo Vital?

— Umm... sim.— Não e verdade que esse grupo acredita em canalização e em espíritos guias?

Ela riu, mas foi uma risada nervosa.

— Bem, abraçamos uma porção de crenças diferentes; todos nós temos as nossas opiniões acerca de canalização. Acho que, em última analise, não a questionamos, apenas experimentamos.

— A senhora diria que Amber canalizava Ametista?

— Oh, ela poderia canalizar, ou poderia fingir que canalizava, ou... não sei. Existem muitas opiniões diferentes. É realmente algo a ser experimentado pelo bem que pode ser derivado dele; não e para ser questionado.

— Já lhe passou pela cabeça que Ametista poderia ser um espírito? O termo pareceu chocá-la.

— Um espírito?

— Sim, um espírito guia, ou um senhor ascendido, ou um espírito desincorporado do plano astral. Esse termos são familiares para a senhora, não são?

Ela sorriu, impressionada.

— O senhor conhece muito a respeito desse tipo de coisa, não? Corrigan devolveu-lhe o sorriso, prazenteiro.

— Bem, tento manter-me bem informado. Mas a senhora acha que Ametista poderia ser um espírito guia? Isso é possível?

Ela enrugou a testa e baixou os olhos à mesa, lutando com essa idéia.

— Alguns acreditam isso. Eu ainda não sei o que pensar. Corrigan rabiscou em seu bloco de anotações.

— De qualquer forma, no dia 28 de março, o Sr. Harris e Ametista tiveram uma confrontação. A senhora se lembra de ter ouvido a respeito?

— Sim. O Sr. Harris ligou-me no Correio. Parecia ser sério, por isso fui até lá.

— Ele lhe contou o que havia acontecido?

— Sim. Ele disse que Amber tinha sido... Oh, não consigo lembrar-me como foi que ele se expressou, mas basicamente ele disse que eles achavam que ela tinha um demônio e tentaram expulsá-lo dela. Fiquei chocada. Jamais ouvi falar de uma coisa dessas.

— A senhora nunca ouviu falar da expulsão de demônios? Ela respondeu amargamente.

— Essa é uma idéia estritamente cristã, uma invenção da religião organizada, e fico indignada com o fato de ter sido imposta à minha filha! Canalizar é um dom, uma capacidade especial; não tem nada a ver com religião!

— Mas a senhora entende que o que a Bíblia ensina é diferente? Lucy ficou zangada e magoada.

— Sr. Corrigan, ela é apenas uma *criança,* uma criança com um dom especial! Ela não tem de explicar-me seu dom, ou defender o que experimente. Jamais a isolei ou atormentei; apenas a amei, aceitei, e deixei que tivesse o seu dom por qualquer bem que possa fazer a ela e a nós outros. Ela e apenas uma criança, não uma teóloga ou uma estudiosa ou uma ministra ou advogada, e que poder tem uma criança de dez anos para postar-se contra — ela hesitou, mas então despejou as palavras — contra adultos religiosos, teimosos e preconceituosos naquela escola que abusam do seu poder e do seu tamanho, que não têm tolerância nem compreensão, que apenas... atacam-na, pulam sobre ela, berram com ela, e a acusam de estar possuída...

Ela enterrou o rosto nas mãos por um momento. Corrigan estava prestes a anunciar um intervalo, mas então ela se recuperou e terminou a declaração.

— Eles simplesmente não tinham o direito de tratar a minha filha daquela forma, de isolá-la e persegui-la apenas por ser diferente.

Corrigan percebeu que estava na hora de prosseguir à próxima pergunte.

— Quando a senhora chegou à escola, o que encontrou? Como estava Amber?

Lucy pensou por um momento, relembrando.

— Ela estava... estava sentada na secretaria da escola, e tinha uma aparência horrível. Muito cansada. Lembro-me de que estava molhada de suor e o cabelo todo despenteado. Parecia transtornada... mal-humorada. Quando a levei para casa, descobri que o corpo dela estava machucado em diversos lugares como se ela tivesse estado numa terrível luta. Fiquei simplesmente em estado de choque.

As emoções de Lucy começaram a elevar-se.

— Eu não podia acreditar que uma coisa dessas pudesse acontecer com a minha filha, e numa escola cristã onde... Bem, já houve uma época em que achei que, se havia um lugar bom para Amber, um lugar seguro, esse lugar seria uma escola cristã. Não achei que os cristãos se rebaixassem a um comportamento desses. Mas foi o que fizeram.

Corrigan falou-lhe suavemente.

— Sra. Brandon, foi Amber como Amber quem se lembrou do incidente? Ela conseguiu contar-lhe o que aconteceu?

Lucy ainda se compunha.

— Não acho que ela jamais tenha sido capaz de falar diretamente comigo a respeito disso. Ela tem de ser Ametista para falar no assunto.

— Então foi Ametista quem lhe contou o que aconteceu?

— Amber fingindo ser Ametista, ou canalizando Ametista, sim. Corrigan pensou por um momento.

— Sra. Brandon, toda a vez em que Amber se torna Ametista, depois que deixa de ser Ametista, ela se lembra de alguma coisa que Ametista disse ou fez? Lucy sorriu um tanto encabulada.

— Bem... ela diz que não.

— Muito bem. De qualquer forma, esse incidente ocorreu em 28 de março, mas a senhora não tirou Amber da escola até o dia 20 de abril. Pode explicar por que, após um incidente tão chocante, e um comportamento tão seletivo e prejudicial com relação a Amber, a senhora ainda manteve a sua filha matriculada na escola?

— Eu...

— Obviamente a senhora consultou um advogado durante esse ínterim? — Sim.

Corrigan apresentou a fotocópia de um documento escrito a mão.

— Parte do material de revelação foi esta fotocópia de um diário que a senhora mantinha. Reconhece-o?

— Sim.

— Então, entre 28 de março e 20 de abril, a senhora manteve detalhados apontamentos sobre a escola... — Corrigan folheou as muitas páginas copiadas. — A senhora anotou todas as lições, os versículos bíblicos para cada dia, os problemas de disciplina, os projetos bíblicos... um relatório bem detalhado.

— Sim.

— Não *é* verdade que a senhora continuou registrando tudo esse tempo todo, com Amber ainda matriculada, porque a senhora tinha toda a intenção de mover essa ação judicial contra a escola?

Jefferson pulou sobre essa pergunta.

— Protesto, senhor. É uma questão de especulação e conjetura; existe total ausência de base.

— Então vamos estabelecer uma base. Sra. Brandon, algum tempo depois de 28 de março, a senhora não consultou uma amiga do Círculo Vital a fim de obter conselho judicial com relação a esses problemas?

Lucy chegou mesmo a dar levemente de ombros. — Sim.

— Foi Claire Johanson, assistente legal do Sr. Ames e do Sr. Jefferson? — Sim.

— E qual foi o resultado dessa conversa?

— O resultado?

— A senhora não resolveu naquela ocasião mover uma ação judicial contra a escola?

— Acho que sim.

— Acha que sim?

— Bem, sim, resolvi.

— E em preparação para a ação judicial, a senhora começou a manter esses apontamentos detalhados de tudo o que acontecia na escola, correto?Lucy ficou mortificada. — Sim.

— Muito bem. Agora, estabelecido isso, deixe-me fazer-lhe esta pergunta: Visto que a senhora manteve Amber matriculada na escola apesar do comportamento chocante demonstrado contra ela, é possível que obter mais material para a sua ação judicial fosse mais importante para a senhora do que o bem-estar de sua própria filha?

— Definitivamente protesto contra isso! — disse Jefferson.

— E eu desistirei da pergunta — disse Corrigan, impassível. Ele olhou as suas notas. — Amber ainda se torna Ametista de vez em quando?

Lucy sorriu enquanto admitia relutante.

— Sim, ainda o faz.

— Ela exibia esse tipo de comportamento mesmo antes de ser matriculada na escola cristã?

— Sim.

— É verdade que ela aprendeu a... criar ou visualizar Ametista na classe da quarta séria da Escola de Primeiro Grau de Baskon, uma classe cuja professora é uma Srta. Brewer?

— Sim. A Srta. Brewer é uma professora maravilhosa. Corrigan pausou.

— Então por que a senhora transferiu Amber para a escola cristã? Lucy pareceu um tanto encabulada.

— Oh... achei na ocasião que a escola de primeiro grau havia cumprido a sua

finalidade. Amber realizava o seu potencial, e descobrindo-se, sim, mas... não aprendia muito mais.

— Um tanto fraca nas outras matérias?

— Um tanto. Achei que um pouco que equilíbrio seria bom para ela; uma área mais ampla de experiência.

— Compreendo. — Corrigan passou a outro assunto. — A senhora se recorda de um incidente no Correio diversas semanas atrás quando Amber, como Ametista, teve uma confrontação com uma freguesa no saguão?

Lucy ficou visivelmente perturbada por essa pergunta.

— Como foi que descobriu a respeito disso?

— A senhora se recorda? — Sim.

— E Amber se recorda?

— Não. Ela era... Bem, era Ametista na ocasião, e agora não se lembra de nada do que aconteceu.

— Ela não se lembra? — Não.

— É verdade que Amber, como Ametista, tornou-se muito agressiva para com a freguesa?

Lucy sentiu-se nauseada pela lembrança, e talvez pela pergunta.— Sim.

— Ela deu a volta em torno da freguesa, bateu-lhe diversas vezes?

— Eu... eu realmente a vi bater na senhora, sim.

— E Amber, como Ametista, fez acusações altas, berradas, contra a mulher?

— Sim.

— A senhora diria que o comportamento de Amber foi violento, descontrolado?

Ela não queria admitir. — Sim.

— Tão violento que aquela senhora foi forçada a fugir do saguão? Lucy se perturbava; a recordação era ferida dolorosa, desconcertante.

— Foi o que aconteceu. Eu não conseguia fazer Amber parar. Fiquei muito envergonhada.

— Amber conhecia essa mulher?

— Não. Não sei como poderia conhecê-la.

— Pelo que a senhora sabe, a mulher nada fez para provocar o ataque? — Não.

— A senhora se lembra do que Amber berrava?

Os olhos de Lucy caíram sobre a mesa; ela descansou a testa nos dedos.

— Ela dizia... algo sobre o nenê da mulher... dizia: "Você matou o seu nenê".

— A senhora sabe quem era a mulher?

— Não sei... acho que sim.

Corrigan tirou uma fotografia e mostrou-lhe.

— É esta a mulher? Jefferson interveio depressa.

— Realmente, não vejo o que isto tenha a ver com coisa alguma! Corrigan apenas lançou-lhe um olhar repreensivo e ele permaneceu quieto.

— Esta é a mulher?

Lucy fitou a fotografia granulada. Seu rosto respondeu à pergunta antes que ela falasse. — Sim.

— A senhora sabe quem é esta mulher? Ela pareceu desistir.

— O nome dela é Sally Roe. Ela era freguesa do Correio. Mas isso é tudo que sei a seu respeito.

— E ela se suicidou há apenas poucas semanas, não é verdade? Lucy revidou com fúria:

— Não foi por culpa de Amber!

Corrigan pausou apenas um pouquinho ante a explosão, depois disse:— Não dizemos que foi. Agora, a senhora ouviu Ametista — Amber, seja lá quem for — acusar Sally Roe de ter matado o seu nenê, certo?

— A pergunta foi feita e respondida — disse Jefferson.

— Apenas tentando certificar-me — disse Corrigan.

— Sim, ouvi — disse Lucy.

— A senhora sabia que Sally Roe tinha antecedentes criminais? Obviamente, isso era novidade para Lucy Brandon. — Não. Corrigan mostrou alguns documentos.

— Esta é uma cópia da ficha criminal de Sally Roe, e aqui estão alguns

recortes noticiosos. A senhora perceberá as áreas destacadas: ela foi condenada por homicídio culposo há dez anos. Como pode ver aqui, e nesta notícia aqui, ela foi declarada culpada da morte por afogamento da sua filhinha.

Ele esperou até tudo aquilo penetrar, e observou o sangue fugir do rosto de Lucy Brandon.

— Obviamente sua filha, como Ametista, estava certa nas acusações que fez contra Sally Roe no saguão do Correio. Pelo que a senhora sabe, havia alguma forma pela qual Amber poderia ter sabido a respeito do passado de Sally Roe?

Lucy mal podia falar.

— Não. Nem *eu* sabia disso.

— A senhora pode explicar, então, *como Ametista* sabia a respeito? Lucy demorou para responder apenas por ser difícil.

— Não. — Ela tentou dar uma resposta melhor. — Habilidade psíquica, talvez.

— Da parte de quem, de Amber ou de Ametista? Lucy sacudiu a cabeça, muito atrapalhada.

— Não sei Não compreendo essas coisas. Mas pode acontecer em canalização.

— Então Amber canalizava?

— Sim, acho que sim.

— E aparentemente esse dom especial dela tem um lado um tanto violento?

— Não sei...

— A senhora teve uma luta daquelas com Ametista, não teve? Demorou diversos minutos para poder controlar a sua filha?

— Sim.

— E quando o incidente enfim terminou, a senhora diria que a sua filha estava molhada de suor, provavelmente descabelada, cansada, mal-humorada, talvez até um tantinho machucada?

Lucy mostrou-se relutante em responder. Corrigan pressionou.

— Não era esse o seu estado geral?— Suponho que sim.

— E durante o tumulto, a senhora não se referiu à sua filha como Ametista?

Ela pareceu confusa. Corrigan reformulou a pergunta.

— A senhora não lutou com a sua filha, e disse palavras mais ou menos como: "Ametista, pare com isto... Ametista, acalme-se"? A voz de Lucy era quase inaudível.

— Suponho que disse.

— E exatamente com quem a senhora falava? Lucy não gostou da pergunta.

— Com minha filha!

— Qual delas? — Lucy hesitou, e por isso Corrigan alongou a pergunta. — A senhora já declarou que Amber não tem a menor recordação do incidente, e normalmente não se lembra de nada que Ametista diz ou faz. A senhora admitiu que Amber canalizava. Seria correto dizer que era Ametista, e não Amber, que exibia todo aquele comportamento agressivo?

— Mas era a minha filha...

— Mas uma personalidade diferente e separada, certo?

Lucy fitou-o fixamente. Ela pensava a respeito. Corrigan podia sentir que Ames e Jefferson ficavam cada vez mais tensos.

— Certo? — perguntou Corrigan novamente.

— Sim — disse ela por fim. — Acho que está certo.

— Então... se alguém — mesmo a senhora — chegasse a confrontar Ametista algum dia, estaria de fato confrontando uma personalidade que não era a sua filha?

— Acho que sim. Talvez.

Ames e Jefferson não gostaram dessa resposta. Sem dúvida teriam uma conversa dura com Lucy Brandon quando o interrogatório tivesse terminado.

Corrigan achou que era hora para uma provocante bênção de encerramento.

— Então, parece-lhe tão estranho agora que o Sr. Harris também tenha tido um encontro parecido, não com a sua filha Amber, mas com Ametista, uma personalidade separada: uma contenda violenta, uma luta livre, uma confrontação demonstrativa? A senhora pode imaginar como deve ter sido para ele ter Ametista comportando-se na classe como ela se comportou no Correio, berrando, batendo, e produzindo informação que Amber, como Amber, não podia possivelmente saber? A senhora pode compreender agora a que conclusão um cristão que segue a Bíblia chegaria quando confrontado com uma personalidade alternativa violenta e incontrolável numa criança pequena, inocente?Ele não precisava de uma resposta e

não esperou por uma. — Obrigado, Sra. Brandon. Sei que isto foi difícil para a senhora. É só, por enquanto.

27

A universidade Bentmore aninhava-se, quase se escondia, dentro da apertada rede de tijolos vermelhos de uma grande metrópole. Em todas as direções, bastava apenas atravessar a rua para se encontrar barulho, lixo, tráfego e problemas de crescimento da cidade. Ela havia sobrevivido à ascensão e à queda de um conjunto habitacional de baixo nível no seu flanco norte; no lado oeste, as padarias, alfaiatarias e tinturarias estavam agora nas mãos das terceiras gerações; ao leste, os rebocadores ainda puxavam as balsas para cima e para baixo no rio turvo, o ronco de seus motores audível através do campus quando o vento soprava na direção certa; ao sul, diversos novos apartamentos haviam-se tornado a única coisa que se podia ver naquela direção, e agora as ruas daquele lado estavam cheias de grandes carros velhos dirigidos por gente aposentada que dirigia devagarinho.

No centro de tudo aquilo, Bentmore sobrevivia, firme e sólida em tijolos vermelhos e pedras brancas, seus salões, dormitórios, bibliotecas e laboratórios espalhados por igual sobre o terreno coberto de grama, suas calçadas de tijolos que formavam desenhos irradiando a cada ponto do campus como raios que partiam de cada entrada, cruzamento e ligação como se fossem rotas comerciais.

Ao olho humano, Bentmore parecia um oásis de paz, reflexão e aprendizado no meio do rebuliço que a cercava; na esfera espiritual, o verdadeiro problema existia dentro de suas fronteiras, não fora delas.

Guilo encontrou-se com Tal e seus mais importantes guerreiros no telhado da velha Companhia de Latas Norte-Americana, localizada bem na frente do campus do outro lado do rio. Abaixo de seus pés, latas de sopa, latas de suco, latas de frutas e latas de sardinhas tomavam formato e passavam com alarido pelas janelas, num desfile rolante sem fim; do outro lado do rio, ainda velada pela neblina matutina, a velha Bentmore estava envolta num silencio agourento.

Guilo postou-se ao lado de Tal para dar o seu relatório. Ele estava nervoso, agitado, pronto para uma briga, a mão descansando no cabo da espada.

— Alguns dos seus melhores guerreiros estão ali. Os grandes enganadores, os grandes construtores do reino vindouro do Inimigo, todos supervisionados por um animal gigantesco que se dá o nome de Corruptor.— Já ouvi falar nele — disse Tal. — Ele tem poder e grande capacidade de enganar, mas não muita velocidade ou esperteza na batalha.

— Uma vantagem, isso é certo. Mas se trabalharmos às escondidas, há muito que podemos fazer antes que ele perceba.

Natã espiou através da neblina e achou ter visto alguns espíritos vultosos deslizando ocasionalmente entre as estruturas, mas a maioria deles estava invisível.

— Eles ficam escondidos, enfiados dentro dos prédios.

— Muito ocupados — disse Armoth. — As aulas estão em andamento.

— Corruptor está um tanto confortável no momento, e desatento — disse Guilo — mas Destruidor vai ser outro problema. Está vindo para cá agora, com todas as suas tropas. Então, a velha Bentmore vai ficar como uma colméia de marimbondos descansando. É só sacudir uma árvore, e....

— Eles nos dominarão — disse Tal. — Os encrenqueiros de Destruidor em Baskon estão se saindo bem no momento; a nossa cobertura de oração está mais fraca do que nunca, e ficamos com as forças seriamente depauperadas. Confrontações diretas serão arriscadas. Teremos de depender bastante de ação furtiva e estratégia...

Guilo permitiu-se uma risada rápida, abafada, enquanto fitava o campus.

— Quero relembrar a todos: eles poderiam comer-nos vivos.

***

Os bancos por aqui e por ali no campus ainda estavam molhados de orvalho e neblina, mas Sally encontrou uma escrivaninha confortável escondida nas estantes da Biblioteca de Pesquisa. Até então ela não tinha visto ninguém do pessoal da biblioteca que reconhecesse, e isso a havia deixado um pouco mais à vontade. Graças a uma pequena tinturaria no lado oeste do campus, suas roupas melhores, como calças, blusa e jaqueta fina, estavam limpas e passadas; ela havia trocado seu conjunto de viandante desconhecida por um conjunto mais apresentável, e guardado sua mochila, substituindo-a por uma sacola menos indiscreta. Ela conseguia lembrar-se da aparência elegante e profissional que tinha doze anos atrás, com conjuntos cuidadosamente combinados e os cabelos muito bem presos. Hoje, o melhor que podia com a sua aparência era o ar casual e doze anos mais velho, com óculos de lentes coloridas e cabelos tingidos de preto presos da melhor maneira que conseguiu. Tinha apenas de esperar que parecesse suficientemente diferente da Sally Roe de quem as pessoas se lembrariam.

Oh, eu devia estar tão orgulhosa da minha vocação de educadora! Enquanto sento-me aqui e observo os estudantes de pós-graduação passando neste lugar, trabalhando para conseguir seus mestrados da mesma forma que fiz, posso ver o mesmo orgulho em seus rostos, posso sentir a mesma conduta pseudo-intelectual

Para falar a verdade, vejo a mim mesma como era então. A velha forma de Bentmore não foi quebrada. Posso adivinhar o que estão pensando: são os conquistadores do mundo, missionários de uma mensagem audaz de mudança global

E eu diria que estão certos. Bentmore ainda está produzindo grandes educadores, grandes agentes de mudança. Eles serão os professores, os administradores, os diretores, os autores, os que tentarão influenciar os legisladores. Uma nação os seguirá; eles reestruturarão toda uma cultura.

Sally olhou o relógio. Já passava das nove da manhã; alguém deveria estar na sala do Professor Lynch a essa altura, ou a secretária ou o próprio Lynch. Esse seria o maior de todos os riscos, mas ela precisava entrar em contato com ele. Dentre todas as pessoas, ele deveria ter algumas das respostas de que ela precisava.

Ela averiguou o nome e o número dele no catálogo do campus, e por mais surpreendente que fosse, após doze anos Samuel W. Lynch ainda era o diretor da Faculdade de Educação. Tanto quanto podia se lembrar, ele era definitivamente perfeito para o posto, sempre um homem imponente de grande conhecimento, estatura e força.

Um estudante de graduação alto e atlético havia acabado de usar o telefone público que ficava na parede atrás dela. Ela aproveitou a oportunidade. Tentaria marcar uma entrevista com Lynch, talvez durante as horas normais de expediente. Tudo o que podia esperar era que o homem não fosse tão brilhante quanto se recordava; talvez ele não se lembrasse de quem ela era.

***

Wayne Corrigan e Gordon Jefferson, o advogado da ACAL, jamais seriam bons amigos, isso era fácil de ver.

— Sr. Jefferson, estou simplesmente dizendo que temos o direito de confrontar a pessoa que nos acusa! — Corrigan estava-se sentindo muito vigoroso, e tinha a boca tão perto do bocal do telefone que Jefferson ouvia um rugido toda a vez em que Corrigan pronunciava um *s* ou um *f*.

Jefferson revidou com igual firmeza, e até um tanto depreciativamente.

— Quem o acusa, Sr. Corrigan, é Lucy Brandon, não Amber, e o senhor já tomou o depoimento da Sra. Brandon de forma tão dura que lhe causou terrível perturbação! Não nos passaria pela cabeça colocar Amber na mesma situação.

— Não queremos causar nenhum sofrimento a Amber — de forma alguma! Trabalharemos com restrições, seremos delicados. Mas até agora tudo o que ouvimos, todos os testemunhos, todas as queixas, vieram através de Lucy Brandon

ou do Dr. Mandanhi. A verdadeira queixosa neste caso não é nenhuma dessas pessoas, mas a própria Amber.

— Amber não vai testemunhar ou ser forçada a passar por um depoimento. Lutaremos contra isso, senhor!

— Precisamos ter o testemunho direto de Amber com relação às queixas apresentadas contra os meus clientes.

— Seria traumático demais para ela. Ela já está tão profundamente ferida por esses acontecimentos infelizes que simplesmente não podemos permitir que seja traumatizada mais ainda por ser forçada a passar pela tensão e dor de um depoimento e um julgamento.

— Então queremos que o nosso psicólogo a examine. Pelo menos então teríamos nosso próprio laudo perito para equilibrar o testemunho do Dr. Mandanhi

— De jeito nenhum! Amber não deve ser envolvida neste caso de forma alguma. Precisa ser mantida isolada dele; precisa ser protegida de qualquer outro abuso e intimidação!

Corrigan suspirou e olhou ao outro lado da escrivaninha para Marshall, que estava ouvindo e observando atentamente o lado de Corrigan da conversa. Marshall fez um gesto de torcer as mãos como se tivesse torcendo um braço invisível e sussurrou:

— Dê-lhe duro!

— Temo não poder desistir nessa questão — disse Corrigan a Jefferson. — Se o senhor não mudar de idéia, então teremos de pedir ao tribunal que obrigue-a a ficar disponível e a testemunhar.

— Estamos preparados para isso — disse Jefferson.

— Muito bem, então.

Corrigan desligou, e depois pensou por um momento.

— Talvez eu tenha sido muito duro com Lucy Brandon. Agora eles estão escondendo Amber debaixo de sete chaves.

Marshall assentiu enfaticamente com a cabeça.

— Claro. Irene Bledsoe, e Lucy Brandon, e esse tal de Dr. Mandanhi podem dizer tudo o que quiserem, mas Amber é a chave em toda esta coisa. Enquanto Ametista estiver fazendo das suas, Amber vai constituir um risco real.

— Claro, mas se apenas pudermos colocá-la naquele banco de testemunhas,

ou fazer com que o nosso próprio perito a examine... Isto é, se pudéssemos apenas fazer com que Ametista se manifestasse uma vez, poderíamos levantar o argumento de que o comportamento de Tom ao confrontar Ametista foi justificado. — Ele sorriu. — Não seria ótimo se conseguíssemos que Ametista destruísse o tribunal? Poderíamos *ganhar* este caso.

— Eles sabem disso.

— Bem, *nós* sabemos o que aconteceu no Correio, e isso os assusta.Precisamos reforçar essa defesa; temos o testemunho ocular de Alice Buckmeier, mas outra testemunha seria melhor ainda, especialmente se Lucy decidir de alguma forma guardar para si parte do que disse no depoimento.

Marshall respondeu:

— Bem, ainda temos aquela outra moça, Debbie, que trabalha no Correio com Brandon. Alice diz que ela estava presente, mas não sei dizer a quem ela seria leal.

— O jeito é intimá-la e descobrir.

— E também temos a vítima do ataque de Ametista. Corrigan fez que sim com a cabeça.

— Nosso maior mistério por resolver. Ela é como um fantasma, sabe? Temos retratos dela, testemunhos oculares sobre ela, fatos e informação a respeito dela, mas no que tange ao que ela tem a ver com este caso, é como uma miragem, simplesmente não está ali.

— Então force esse negócio da Amber. Vá em frente e peça uma audiência. A ACAL bem que poderia tomar uma dose do próprio remédio. Mesmo que não faça nada mais por nós, nos dará tempo. Nunca se sabe quando algo grande vai estourar.

Corrigan estava atraído pela idéia.

— Amber, temos de colocá-la no banco das testemunhas!

***

Claire Johanson falou com o Dr. Mandanhi por telefone apenas minutos após Jefferson ter encerrado a ligação com Wayne Corrigan.

— Doutor, o seu relatório está muito fraco.

O Dr. Mandanhi ficou perplexo, e também um tanto impaciente. — Ora... que relatório é esse, o primeiro ou o segundo, ou a segunda versão do primeiro?

Claire fez uma careta de desagrado só porque o Dr. Mandanhi não a veria pelo telefone.

— A primeira versão do segundo relatório, a que estabeleceu que Amber está numa condição mental delicada demais para prestar depoimento ou testemunhar.

— E do que está falando ao dizer que está muito fraco?

— Ele não tem persuasão suficiente; seria muito fácil a defesa diminuir-lhe a importância. Corrigan vai pedir uma audiência que decidirá se Amber deveria ou não ser forçada a depor, e precisamos de algo mais forte para apresentar ao tribunal.

Mandanhi pausou por um momento. Ele estava claramente descontente. — Srta. Johanson, já passamos por esse caminho antes. A senhorita não achou que o meu primeiro relatório também estivesse suficientemente forte!— Bem, é assim que são as coisas.

— Srta. Johanson, quando a senhorita me envolveu nisto, dei a minha opinião mais justa, mais objetiva no tocante à condição de Amber. Concordei com a senhorita e com a mãe da menina que a criança havia sido prejudicada. Por que isso não bastou?

Claire estava sentindo a pressão de cima e agora do doutor abaixo dela.

— Porque, Dr. Mandanhi, num tribunal judicial o argumento tem de ser vigoroso, precisa ter poder esmagador de persuasão. Sua primeira versão foi muito... muito...

— Muito factual? — sugeriu Mandanhi. — A senhorita preferiria que eu mentisse e inventasse trauma adicional somente para obter uma decisão favorável do tribunal?

— Inventar, não, doutor. Exagerar talvez, apenas tornar a sua opinião mais vigorosa.

— Bem, acho que foi o que fiz com o meu primeiro relatório. Dei-lhe o que a senhorita queria, e acho que mais do que os fatos justificavam. Agora quer que eu faça isso de novo?

Claire hesitou. Então disse bruscamente:

— Com os fatos que temos em mão, seu segundo relatório podia ser exagerado. Torne-o mais forte, torne-o persuasivo! Não deveria ser muito difícil mostrar como a tensão sobre Amber poderia causar-lhe dano psicológico permanente.

— Está me pedindo para mentir?

— Estou pedindo que use os fatos, seja um defensor, e proteja Amber. Ela não deve depor!

***

Sally conseguiu marcar uma hora com o Professor Samuel W. Lynch, e conseguiu chegar à sua sala na hora, às 6 da tarde. Era um horário estranho, mas ele geralmente ficava em sua sala até essa hora de qualquer forma, e estaria feliz em vê-la.

Ele tinha uma nova sala agora, no segundo andar *do* Prédio Whitcombe, o principal eixo na Faculdade de Educação Bentmore. O Prédio Whitcombe era uma estrutura mais nova de aço, mármore e vidro que se erguia dez andares acima do restante do campus. Aparentemente Bentmore se orgulhava das contribuições que fazia para a educação e desejava exibir esse orgulho de forma grandiosa.

A Sala 210 era mais do que apenas uma sala; era toda a ponta norte do andar, separada por uma parede de vidro com magníficas portas duplas. A secretária também estava trabalhando depois do expediente, e podia olhar por aquela parede de vidro de onde se sentava e enxergar qualquer pessoa que estivesse vindo pelo corredor. Ela viu Sally assim que esta saiu do elevador, mas não pareceu demorar-se demais naquela olhada. Isso era animador.

Sally passou pelas portas e tentou dirigir-se à secretária de certa distância.

— April Freeman para falar com o Professor Lynch.

A senhora sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim, a moça do *Register?*

— Essa mesma.

— Muito bem, ótimo. — Ela apanhou seu telefone e apertou um botão. — A senhora do *Register* está aqui para vê-lo. — Ela olhou para Sally. — Ele a atenderá num minuto. Pode sentar-se.

Sally ficou em pé perto do sofá na área de espera, mas não se sentou nele. Estava desconfortável demais para sentar-se, e pronta a correr. A mentira a respeito de ser uma repórter do jornal universitário estava funcionando por enquanto, mas se alguém pensasse em ligar para o escritório do *Bentmore Register* a fim de averiguar qualquer coisa, seu disfarce seria coisa do passado. Além disso, já havia um homem sentado ali, e ela o tinha pego olhando-a uma vez, embora supostamente estivesse lendo uma revista. Talvez ele estivesse lendo aquela revista, mas talvez não estivesse. O que estava fazendo ali às seis horas da tarde? Do jeito como ela se sentia naquele momento, cada pessoa naquele lugar era um assassino em potencial.

Seu coração estava batendo violentamente; se as mãos tremessem muito mais, daria para ver. Tentou respirar fundo algumas vezes a fim de controlar-se.

— Srta. Freeman!

Aquela voz! Após doze anos, ainda se lembrava. Ela voltou-se.

Ali estava o Professor Samuel W. Lynch. Oh! Aquele tremor estava tão grande que tinha de ser perceptível! Ela enrijeceu o corpo para manter-se firme, forçou um sorriso e estendeu a mão.

— Alô.

Ele tomou-lhe a mão.

— Um prazer. Venha por aqui.

Ele voltou-se, e ela o acompanhou de volta ao escritório.

Isso não estava certo. Não era doze anos depois. Tinha de ser doze anos *antes*. Ele não havia mudado. Ainda era o mesmo cavalheiro gordo e distinto de cabelos grisalhos, o mesmo pedagogo eloquente que ela havia admirado. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar.

Será que ela lhe era familiar? Centenas de estudantes deviam ter passado pela vida dele desde a última vez em que ela estivera ali; com certeza seu rosto estaria perdido atrás de todos os outros.

Ele a conduziu para dentro do seu escritório e ofereceu-lhe uma confortável cadeira estofada. Ela sentou-se imediatamente e descobriu-se olhando para todas as coisas. As paredes forradas de livros nesse cômodo erguiam-se a tão grande altura que ela sentiu-se como se estivesse sentada no fundo de um poço profundo. O cômodo estava num silêncio mortal, como uma cripta.

Lynch assentou-se atrás da escrivaninha e relaxou por um momento, estudando o rosto dela, as mãos cruzadas na frente do peito.

Ela devolveu-lhe o olhar e tentou sorrir. Estava começando a sentir o silêncio. Isso não estava certo. Alguém devia estar dizendo alguma coisa a essa altura.

— Então você trabalha com o *Register*? — perguntou ele, ainda descontraído, reclinando-se na cadeira.

— Sim, comecei este trimestre.

— E qual é a sua área de estudos?

— Hum... economia. Ele sorriu.

— Muito bom. O que acha de Parker?

Ô. Seria um teste? Quem era Parker? Era homem ou mulher? Será que Parker

era alguém vivo? Sally tateou.

— Oh... ainda confundo os mestres. Acabei de transferir-me... Ele riu.

— Não tem importância. Ficará conhecendo-os, e estou certo de que eles a ficarão conhecendo. Descobrirá que somos uma instituição cordial, uma grande família. De onde você e?

Ela estava fingindo um sotaque.

— Oh, Knoxville, no Tennessee.

Ela abriu o caderno apenas para ter algo que fazer, algo que preenchesse o tempo incômodo, vazio. Sua mente se apagara subitamente como se uma nuvem escura a tivesse penetrado. Num momento ela sabia o que ia dizer, e no momento seguinte sentiu que parte de seu cérebro havia morrido.

E o Professor Lynch mantinha-se apenas sentado ali, sem dizer coisa alguma. O silêncio encheu a sala como água profunda; o ar quente, abafado pressionava de todos os lados.

— Umm... Apenas queria fazer-lhe algumas perguntas... — disse Sally, tirando um caderno de sua sacola e folheando-o. Onde estavam as perguntas? Ela as havia escrito ali, mas agora... — Estou apenas tentando achar as minhas perguntas; estavam aqui, em algum lugar.

— Não fique nervosa — disse Lynch. — Não vou mordê-la. Ela riu. Então ele havia percebido!

— Obrigada. Ainda sou um pouco caloura neste tipo de coisa. — Ela encontrou as perguntas. — Oh! Cá estamos. Achei que seria interessante investigar uma história de sucesso de Bentmore e escrever um artigo sobre Owen Bennett.

Ele sorriu.

— Ahhh... Daria uma história interessante. Owen Bennett é um homem fascinante.

— Ele foi catedrático aqui por muitos anos, pelo que fiquei sabendo.

— Oh, sim! Mas, escute, poderia dar-me licença por apenas um minuto?

— Certamente.

Ele ergueu-se da cadeira e saiu apressado da sala, deixando-a sozinha no fundo desse poço escuro, opressivo.

O silêncio fechou-se em torno dela novamente, mais pesado do que nunca.

Tinha dificuldade em respirar, como se seu peito estivesse sendo esmagado, como se o ar fosse espesso demais para ser aspirado. Tinha de ser sua imaginação, a tensão, o nervosismo.

Ela fechou os olhos e abriu-os de novo. A sala ainda parecia escura. Talvez mais escura.

No alto acima dela, as paredes contendo centenas de livros em todas aquelas prateleiras pareciam estar inclinando-se mais e mais na direção do centro do aposento. Era de admirar que todos os livros — e alguns deles eram volumosos — não estivessem escorregando das prateleiras e caindo estrondosamente sobre ela. Ao mesmo tempo, o teto, distante que era, parecia estar-se afastando cada vez mais, tornando esse poço, esse abismo, essa armadilha mais funda ainda.

Sally fechou os olhos. Não queria acreditar que seus velhos atormentadores estivessem escondidos por ali. Ela não podia aceitar que talvez estivesse presa nesse abismo com eles, sem escape, indefesa, sem escolha, a não ser esperar o primeiro estrépito de suas mandíbulas invisíveis.

Mas por mais que tentasse, não podia livrar-se dessa... *dessa presença.* Não, não era que as paredes e os livros estivessem se fechando sobre ela. Essas ilusões apenas nasciam de um terror íntimo, devorador. Havia alguma outra coisa penetrando nesse aposento, algo de seus pesadelos infantis — aquela *coisa* de terror, firme, inexorável que avançava lentamente, aquele bicho papão, aquele monstro, aquele inimigo invisível, voraz, imbatível, do qual, por mais depressa que corresse, não conseguia escapar. Ele estava ali, em algum lugar, escondido atrás dos livros, talvez contorcendo-se para passar através deles, fitando-a fixamente, vendo-a afundar na cadeira, vendo-a tremer e suar.

Suas palmas estavam deixando marcas molhadas nos braços da poltrona. Sua pele estava formigando.

Ela tinha de sair dali. Havia cometido um erro; entrara numa armadilha mortal. Esse aposento estava vivo com maldade, prestes a esmagá-la.

Ela viu! Um grito escapou-lhe da garganta antes que pudesse detê-lo. Logo atrás da escrivaninha, diretamente à frente de onde ela estava sentada, uma fileira de olhos enraivecidos, dourados, fitavam-na furiosamente da prateleira. Seus próprios olhos piscaram, fechando-se. Ela pensou melhor sobre aquilo, e abriu-os novamente.

Eles ainda estavam lá, imóveis. Mas... não. Não eram olhos. Ela exalou devagar e tentou com todas as forças controlar suas emoções e seus pensamentos. Fitou-os deliberadamente; olhou-os fixamente, chegando mesmo a desafiá-los.

Eram quatro símbolos dourados nas lombadas de quatro volumes de encadernação ornamentada. Ainda pareciam estar fitando-a fixamente. Ela tentou subjugar a imaginação. Tinha de ser objetiva a respeito daquilo.

Inclinou-se na direção deles. Eram caras. Caras medonhas, triangulares, todas olhando fixamente, todas aparentemente rosnando para ela. Pequenos gárgulas. Olhos profundos, vazios, quase como cavidades. Dentes à mostra. Testas altas, brilhando.

Seu coração começou a disparar. O queixo caiu, e ela, paralisada, fixou neles os olhos. Com dedos amortecidos e desajeitados, ela puxou uma corrente que estava à volta do pescoço. Os dois anéis surgiram do esconderijo e ela os segurou lado a lado em frente do rosto, olhando-os e depois além deles, olhando as caras nos quatro volumes.

Idênticos.

28

Quando Lynch voltou à sala, encontrou sua hóspede parecendo muito murcha e perceptivelmente branca.

— Está-se sentindo bem? — perguntou ele. Ela sorriu fracamente.

— Oh, para falar a verdade, acho que estou lutando com um pouco de gripe ou algo parecido.

— Oh, sinto muito. Vamos continuar esta entrevista o mais rápido possível, então.

Ela não se sentia disposta a continuar, mas continuou. Tirou a caneta, e se preparou para fazer algumas anotações.

Lynch pôs-se a falar sem que nenhuma pergunta fosse feita.

— Como deve saber, Owen Bennett foi professor de direito aqui por diversos anos, e um bom amigo de todos nós. Era aventureiro, inovador, inteligente...

Esse comovente tributo a Owen Bennett continuou por diversos minutos. Sally anotou tudo tão bem quanto pôde, esperando desesperadamente encontrar algum ponto onde pudesse interromper, agradecer ao Professor Lynch e dar o fora dali.

O Professor Lynch havia estado sentado em sua cadeira, voltado leve-mente para longe de Sally, olhando os livros na parede e falando em sentenças fluídas, os dedos espalhados e as mãos batendo uma contra a outra, as pontas dos dedos unidas. Agora, sem quase fazer uma pausa, mas com uma estranha e agourenta mudança de tom, ele voltou a cadeira para Sally e continuou seus comentários.

— Ora, foi naquele ano em particular que Owen, tendo completado a estruturação inicial do Conselho Legal de Consulta e tendo entregue sua administração a gente capaz, assumiu outro desafio, mais pioneiro ainda, de servir na diretoria consultiva de um novo esforço visionário: O Centro Ômega para Estudos Educacionais, localizado em Fairwood, estado de Massachusetts.

Sally anotou aquilo. Percebeu que ele parou a fim de vê-la anotar.

— Isso veio como surpresa para algumas pessoas. Perguntaram elas: "Que interesse você poderia ter num lugar como aquele?" Para um homem da estatura profissional de Owen, tal papel no conselho consultivo de uma obscura instituição metafísica parecia uma condescendência.

— Mas essas pessoas não conheciam Owen como seus amigos mais íntimos

conheciam. Aqueles que o conheciam bem sabiam que era um mestre na política do poder, ele compreendia que o poder pode ser um bem a ser negociado em troca de favores e mais poder, um suborno que pode ser passado às pessoas certas a fim de realizar certas coisas que precisam ser feitas, ou mesmo uma alavanca para controlar a vontade e o propósito de subalternos ou inimigos profissionais. Ele já era bem recebido na companhia de legisladores e juizes, executivos de companhias e políticos, todas as pessoas *certas* que poderiam fazer as coisas certas acontecerem nos lugares certos para qualquer pessoa que tivesse influência o suficiente com a qual negociar. Owen tinha influência, mas aceitar essa posição lhe trouxe mais influência ainda.

— O Centro Ômega, você compreende, é um centro para facilitar a mudança em nossa sociedade. Como o homem pensa, assim é. Mude-se o seu modo de pensar, e se mudará o homem. Mude-se o modo de pensar de uma sociedade, e se mudará a sociedade. O Centro Ômega dedica-se a mudar o modo de pensar da nossa sociedade, e portanto mudar a nossa sociedade, começando com seu segmento mais vulnerável e moldável: as suas crianças.

— Esse, Srta. Freeman, era o tipo de coisa que poderia atrair Owen como o mel atrai abelhas. Se uma instituição tal como o Centro Ômega puder verdadeiramente ter um papel no controle do que nossa sociedade se tornará, então seria um benefício muito grande ser uma das pessoas que controlam o Centro Ômega. Owen Bennett tornou-se um desses controladores, o controlador de um controlador! Agora ele tinha algo que outras pessoas desejariam ter.Lynch virou a cadeira de modo que ficou diretamente de frente para Sally.

— Mas, naturalmente, você sabe tudo isso. É um dos mais simples princípios de sobrevivência neste mundo: se se quiser progredir, tenha-se amigos em posições elevadas. — Seus olhos se estreitaram, e um sorriso — parecia malicioso — espalhou-se devagar por seu rosto. — Como exemplo, lembro-me de uma aluna que tive algum tempo atrás, uma moça extremamente inteligente que havia de fato passado diversos verões no Centro Ômega antes de começar seus estudos aqui em Bentmore. Ela veio aqui altamente recomendada pelo Centro Ômega, e ficamos felizes em dar-lhe atenção especial. Ela permaneceu aqui até tirar seu mestrado em educação, e então, como era fácil prever, desejou retornar ao Centro Ômega e fazer parte daquele sonho.

— Felizmente, ela e Owen Bennett eram amigos muito íntimos, e nessa ocasião, ele estava no conselho consultivo do Ômega, por isso a posição dela com o Centro Ômega tornou-se uma realidade instantânea. — Ele riu e reclinou-se sobre os cotovelos. — Por isso, como vê, assim como ensinei aos meus alunos, é útil ter

amigos que podem oferecer influência, especialmente num campo onde se pode estar mudando a sociedade contra a vontade desta.

Sally sorriu e rabiscou algumas notas. Ele apenas se manteve olhando-a fixamente.

Ela terminara. *Completamente.* Tudo o que queria era sair dali.

— Muito obrigada por suas percepções. Eu gostaria de levar isto para casa agora e organizá-lo. Talvez possa conversar com o senhor novamente?

— Oh, apenas uma outra coisa! — insistiu ele, indicando-lhe com um gesto que permanecesse sentada. — Sim, amigos nos lugares certos *são* importantes, e o poder é definitivamente uma ferramenta, mas a pessoa precisa lembrar-se de nunca chegar perto demais dos amigos, porque qualquer arma, qualquer alavanca que se possa usar para obter poder sobre outros, pode também ser usada para outros obterem poder sobre *a própria pessoa,* a menos que ela tome as precauções necessárias. Fiquei sabendo a respeito de um homem, um jovem advogado habilidoso e promissor, que permitiu a uma amiga de antecedentes questionáveis ficar conhecendo-o um pouco bem demais, e mais tarde a amiga tentou usar esse conhecimento como uma alavanca contra ele. Isso criou uma situação muito sensível! Compreende?

Ela estava na ponta do assento, pronta a colocar-se em pé e sair dali.

— Bem, sim, como chantagem, suponho. Ele iluminou-se ante a resposta correta dela.

— Sim, exatamente! Ao se obter poder sobre outros, nunca se deseja descartar a chantagem como um alavanca para se obter o que se deseja ou para proteger-se a si mesmo! — Subitamente, ele enfiou a mão no bolso e tirou uma caixinha de jóia. — Isto foi o que me levou a sair da sala por uns instantes. Eu sabia que você estaria interessada.

Ele abriu a caixinha com um piparote e mostrou-lhe o conteúdo.

Era um anel de ouro. O mesmo gárgula.

A voz do Professor Lynch tornou-se mais baixa e sombria.

— Esse jovem advogado contratou a sua amiga para matar alguém. Sim, isso mesmo, *matar* alguém, e pagou-lhe uma grande quantia de dinheiro para fazer isso. Mas ela era sutil e esperta; roubou-lhe um item muito pessoal, o seu anel sagrado, sabendo que para sempre depois ela poderia, se precisasse, provar que tinha uma aliança com ele. Ela trazia o anel em seu corpo quando tentou executar o ato medonho, e temos bons motivos para acreditar que ela levava o dinheiro consigo

também, de modo que, se alguma coisa desse errado, ela seria encontrada com ele e uma conexão poderia ser feita com a pessoa que a havia contratado. De qualquer forma, o anel era idêntico a este e, com o dinheiro, era uma alavanca perfeita para chantageá-lo e manipulá-lo.

Ele lhe permitiu ver o anel por apenas um momento, e depois abandonou toda a cordialidade quando perguntou:

— Você está de posse do anel, não está?

Ela colocou-se de pé mas cambaleou, sentindo-se desmaiar, tonta de terror. As palavras não vinham. Não havia nenhuma palavra.

— Eu... Obrigada, senhor — disse ela, engolfada por náusea. — Preciso ir-me agora.

Ela dirigiu-se apressada à porta e escancarou-a.

O homem da sala de espera! Ele já não estava lendo uma revista — preenchia agora o umbral da porta, bloqueando o seu escape! Lynch falou cordialmente.

— Este é o Sr. Kholl, um indivíduo altamente motivado que está agora trabalhando para nós. Sabíamos que havia uma possibilidade de você vir aqui a seguir, e por isso convidamos o Sr. Kholl para ficar por perto caso isso acontecesse. Por que não se senta novamente a fim de podermos completar esta entrevista... Sally Beth Roe?

Kholl inclinou-se na direção dela. Ela afastou-se até dar de encontro com a poltrona da qual saíra, e então afundar-se nela.

Lynch sentou-se e fitou-a furioso por diversos momentos.

— Então, o que Jonas lhe tem dito estes dias? — perguntou ele por fim. Ela encarou-o pela primeira vez desde que se sentara. Não parecia haver

motivo para continuar fingindo. O sotaque do Tennessee desapareceu.

— Ele se foi. Não mais o canalizei desde que fui para a prisão. Lynch sorriu.

— Imagino que ele achou haver pessoas mais respeitáveis com quem trabalhar, não vis, miseráveis assassinas de nenês.Ela olhou para baixo envergonhada e derrotada. Já não sabia como defender-se.

— A sua história é lamentável — disse Lynch. — Eu tinha tantas esperanças para você! Eu a treinei, eu mesmo a refinei, fi-la o que é... desculpe, *foi*. Você nasceu para ser líder, Sally. Contávamos com você. Owen estava contando com você. Um potencial tão maravilhoso, conexões espirituais tão incríveis! — Ele

pausou apenas para olhar o vulto lastimável da mulher. — Mas oh, como você ruiu! Oh, como você caiu!

Talvez fosse o ódio que deu a Sally força para dizer.

— Acho que não caí suficientemente baixo. Aquela mulher de quem o senhor estava falando, que roubou o anel do homem — pelo que entendi foi ela quem tentou me matar?

Ele não se perturbou nada com aquilo.

— Foi o que ouvi dizer. Mas isso nos traz de volta à minha pergunta original: O que você fez com o anel que tirou do dedo de sua atacante?

Ela não pôde pensar em uma mentira suficientemente boa, por isso não falou nada.

Ele assentiu com a cabeça ante essa reação.

— Claro. Você não vai me contar. Como já discutimos, você o pegou como seguro, como... — Ele não pôde deixar de rir. — Como alavanca! Oh, Sally, como seu professor, sinto-me condenado! — Ele estendeu a mão e apanhou a caixinha de jóias, olhando o anel dentro dela. — Bom, bom. Não precisa contar-me. Agora que temos você, o anel não importa. Mas, realmente... — Ele fitou-a e riu como se tivesse ouvido uma piada. — Por que você quer ajudar aquele miserável professorzinho de Baskon? Que bem você poderia possivelmente fazer?

Agora ele deu a volta à escrivaninha e postou-se acima dela, fazendo-a sentir-se menor ainda.

— Talvez sente-se culpada? Ora, isso seria muito fora de caráter para você, Sally. — Sua voz abaixou de tom, e cada palavra cortava como uma faca. — Desde quando a culpa significa alguma coisa para você, uma prostituta assassina destituída de consciência? Quanto a Tom Harris, jamais se encontrará uma nulidade mais insignificante! Ele é lixo, como você! E que pode o lixo oferecer ao lixo? Quem acreditaria numa palavra que você dissesse? Quem lhe daria crédito por coisa alguma? — Ele riu, genuinamente divertido. — Mas posso compreender sua paixãozinha pelo homem; vocês dois constituem um par perfeito: uma assassina de crianças e um pedófilo!

Ele estava tentando rebaixá-la, e mesmo através de sua fraqueza e tormento, ela estava começando a ressentir-se disso.

— O que acontecerá agora? — perguntou Sally.

Ele deu a volta de novo até a sua poltrona e sentou-se, deixando que ela

esperasse por uma resposta.— Primeiro, um conselho que provavelmente será ignorado, mas talvez não. Sugiro enfaticamente, Sally, que abandone esta sua aventura, quaisquer que sejam as suas intenções. Encontre algum outro sitiozinho em algum canto perto de outro obscuro vilarejo rural, e desapareça — para sempre.

Ele parecia muito descontraído. Um momento se passou, e nada aconteceu. Nada foi dito.

Sally olhou para ele, depois ao sinistro Kholl, e depois de volta a Lynch de novo. Ela sentia-se fraca demais para sair da poltrona; estava impotente com relação à resposta à pergunta que fez.

— Vão me matar? Ele sorriu.

— Você é mesmo um bichinho apavorado. Bem, será bom para você. Fornecerá o incentivo para que considere seriamente suas opções. Existem apenas duas: Encontre um buraco bem, bem fundo nalgum canto, Sally, e desapareça dentro dele. Não nos deixe ver o seu rosto de novo nesta vida. Ou, considere a sua vida terminada totalmente, talvez hoje, talvez amanhã, mas com toda a certeza.

Ele fez um movimento afirmativo de cabeça para Kholl, que se afastou da porta. Com um olhar furtivo de volta a Sally, ele a soltou para partir.

Ela abaixou a mão e apanhou a sacola. Então, empurrou-se para fora da poltrona, encontrou força para o primeiro passo, depois o seguinte, depois força suficiente para chegar à porta.

— Sally! — chamou Lynch.

Ela não estava disposta a parar. Kholl assegurou-se de que ela o fizesse.

— Nunca culpe Jonas pelo que aconteceu. Foi *você* quem fez aquilo, Sally. A culpa é *sua*!

— Sei disso, senhor — replicou ela.

— Desapareça, Sally. Desapareça!

Ela atravessou a porta, e então encontrou novas forças para apressar os passos pelo corredor até as grandes portas de vidro. Ela as atravessou.

Então correu. Lágrimas começavam a inundar-lhe os olhos. Com a renovação das forças, ela percebeu o quanto estava aterrorizada. Jamais poderia esperar o elevador. Desceu as escadas.

***

Tal tinha alguns guerreiros especiais ocupados em uma granja distante. Ele

precisava sacudir as coisas numa casa perto do campus de Bentmore.

Marv e Cláudia Simpson estavam apenas começando a gozar aquela curta estada com a filha e o genro quando o telefone tocou.

— É o Mack, na granja — disse Jessica, a filha do casal. Marv franziu as sobrancelhas e tomou o aparelho.

— Muito bem, Mack, conte-me a coisa suavemente.— Marv — disse Mack — é melhor você voltar. Lizzy está pronta para dar cria agora!

— Agora? Mas ainda falta uma semana!

— E deu pane na ordenhadora automática também. Não sei o que aconteceu com ela!

Marv fez uma careta.

— Oh, que ótimo!

— E o idiota daquele trator não dá partida por nada deste mundo!

— Caramba! Ed e eu estávamos planejando ir assistir ao jogo esta noite!

— Bem, a granja é sua. Faça como quiser.

— Oh, certo, claro, que bela escolha eu tenho! — Ele olhou para Cláudia, que apenas meneou a cabeça em triste resignação. — Está bem, estamos a caminho, mas teremos de dirigir a noite toda.

— Bem, tentaremos defender o forte até você chegar aqui. Desculpe interromper a sua visita.

— É...

Marv desligou, perguntando-se porque Deus permitia coisas assim acontecerem em horas tão inoportunas.

Mota estava ali no aposento, certificando-se de que as coisas acontecessem. *Vamos, Marv, depressa com isso!*

***

Kholl tirou um momento para relaxar na mesma poltrona onde Sally havia sentado, e ouvir o lado do Professor Lynch de uma conversa interurbana.

— Sr. Goring, fiquei desapontado. Ela dificilmente era o inimigo terrível que parece ser nas cartas. Uma brisa a teria derrubado. Isso mesmo, — Ele ouviu por um momento, depois endereçou uma pergunta a Kholl. — Quantos homens você colocou para segui-la?

Kholl respondeu depressa.

— Cinco ao redor do prédio, cinco outros nas passagens principais do campus.

Lynch levou de volta uma resposta.

— Bem coberta. Depois de hoje, a saga de Sally Roe estará terminada. Sim. Avisarei assim que souber. Oh, e vai querer o anel de volta? — Ele deu uma risada. — Acho que posso sempre jogá-lo na bacia e dar descarga. Então Bardine e seu anel estarão juntos! — Ele tirou algum tempo para rir desse gracejo, e aparentemente Goring também estava rindo.

Kholl riu por cerca da metade do tempo, depois parou abruptamente. Lynch começou a despedir-se.

— Muito bem, então. Alegro-me por poder ser-lhe útil. Sim. Dê lembranças minhas a todos no Summit. Sim, vê-lo-ei na conferência. Está bem. Até logo.Desligou o telefone e reclinou-se na cadeira.

— Oh, um negócio tão sujo! — Olhou para Kholl. — Mas suponho que vocês satanistas não se incomodam muito com isso.

— No fundo, somos *todos* assassinos, Professor Lynch.

— Bem, espero apenas que faça-o depressa, e poupe-me dos detalhes!

— Que pena tê-la deixado ir.

— Não seja tolo. Não quero que nada aconteça aqui por perto. Não posso permitir que ninguém neste gabinete suspeite que tive algo a ver com a coisa.

— Bem, talvez tenha pensado que ela era fraca e indefesa, mas parece que ainda era esperta o bastante para passar-lhe a perna.

Lynch olhou na direção de Kholl, depois acompanhou o olhar deste à prateleira que ficava atrás da escrivaninha.

Kholl anunciou ao mesmo tempo em que Lynch percebeu:

— Parece que ela levou as suas listas.

Os quatro volumes que traziam o estranho símbolo dos gárgulas arreganhados haviam sumido, deixando um buraco lastimoso.

***

— Destruidor! — disse Tal, e todos os guerreiros olharam. Sim, lá estava ele, precipitando-se sobre o campus qual enorme gavião preto. — Desta vez, ele a apanhará!

Guilo apontou com sua espada um enorme vulto preto que se elevava do Prédio da Administração.

— Corruptor! Ele é lerdo, mas vê bem!

— Mantenha-o ocupado e longe do nosso negócio! — Então, Tal pôs-se a bradar ordens enquanto guerreiros arremetiam aos céus em todas as direções. — Scion, chamariscos! Chimon, fique com ela. Signa, apóie-o! Nathan, Armoth, bloqueiem o ponto de ônibus! Cree e Si, coloquem proteção!

***

Lynch agarrou o braço de Kholl. Estava desesperado.

— Kholl, certifique-se de que seus homens se saiam bem! Eles precisam ser bem-sucedidos!

Kholl olhou para Lynch, depois para o buraco na prateleira, e deu um sorriso maldoso.

— Humm. O senhor deve estar bem apavorado.

***

Destruidor podia ver um vulto diminuto e assustado saindo à toda do Prédio Whitcombe.— Hmm. Então, que tal a sua força agora, Capitão Tal? Faremos com que nos mostre. — Ele gritou aos seus capitães: — Peguem-na!

— Lá está ela! — disse um homem ao seu companheiro. Ele havia visto Sally sair correndo do Prédio Whitcombe, dirigindo-se ao sul, rumo ao ponto de ônibus mais próximo. Estava escuro. Eles a podiam apanhar em qualquer dos jardins, travessas ou arvoredos e matá-la instantaneamente.

Eram homens grandes, corpulentos, fortemente tatuados; um tinha uma cicatriz profunda na face esquerda; ambos usavam um grande brinco numa das orelhas. Debaixo de seus casacos escuros de couro, carregavam as brilhantes ferramentas prateadas da morte ritual.

O segundo levou um rádio portátil ao queixo e resmungou:

— Ela está...

Estava prestes a dizer em que direção ela se dirigia, mas de repente Sally desapareceu.

Os dois homens pularam de seu esconderijo e se postaram no meio da passagem. Sally Roe havia sumido.

***

Cree e Si estavam diretamente à frente deles, asas estendidas. Por trás deles, Sally continuava a correr rumo ao sul.

Um guincho veio do céu! Os dois guerreiros lançaram um olhar rápido ao sul. Sally estava-se precipitando por uns degraus, desaparecendo de vista. Acima deles, quatro demônios guerreiros caíram como falcões. Cree e Si pularam, um deste lado, o outro daquele, desaparecendo num traço de luz nos prédios dos dois lados da passagem. Os demônios os perseguiram.

— A mulher! — berrou Destruidor do céu. — Peguem a mulher!

Os demônios voltearam em círculos apertados, suas lâminas vermelhas deixando riscas de fogo, e chutaram os dois homens nas costas. *Mexam-se! Por aqui!* Então arremeteram pelo campus, as paredes, as janelas e as passagens um borrão de cada lado deles, as asas negras guinchando.

Os dois bandidos correram atrás deles.

— Ela estava rumando para o sul — bradou o homem pelo rádio.

***

Corruptor elevou-se acima do campus com a agilidade de um balão de ar quente, observando o incrível espetáculo por todos os lados. Ele viu Sally e apontou.

— Lá! Lá — vocês a estão vendo?

Um raio de luz surgiu do nada, atingindo-o com tanta força na cabeça que ele revirou para trás, dando cambalhotas, como um bola de praia a rodopiar impotente, lastimando-se e uivando.Guilo sabia que ele estaria afastado por algum tempo. Arremeteu dali com outras coisas a fazer.

Sally necessitou apenas de poucos segundos para pular no meio de uns arbustos e apanhar a mochila escondida. Enfiou a sacola dentro dela e continuou correndo.

Virou uma esquina perto da Biblioteca de Psicologia, viu o ponto de ônibus iluminado pela luz âmbar de um poste, arremeteu naquela direção, escorregou e tropeçou parando, e arremeteu de volta na outra direção.

O ponto de ônibus estava sob vigilância. De alguma forma, ela sabia quem eram aqueles dois homens.

Corra! disse Natã. Na outra direção!

Armoth aparou os socos dos demônios que guardavam o ponto de ônibus apenas o tempo suficiente para fazer com que se demorassem um pouco. Eles não o queriam — queriam Sally Roe.

***

Dois outros assassinos de aparência normal estavam a postos perto da Fonte Memorial. Um enxergou através dos diversos jatos verticais de água e detectou a mulher correndo rumo ao norte na direção do Jardim das Esculturas.

— Rumando ao norte! — bradou ele no seu rádio. — O Jardim das Esculturas!

***

Sally estava rumando a oeste — não ao norte — na direção do Prédio de Ciências Físicas quando se enfiou atrás de uma árvore a fim de se esconder dos quatro personagens de aparência selvagem que corriam para o norte na direção do Jardim das Esculturas. Assim que eles passaram, ela dirigiu-se a oeste novamente.

***

— Aonde ela foi? — perguntou um assassino, olhando deste e daquele lado.

O Jardim das Esculturas continha um número abundante de esculturas esquisitas de pedra e aço, mas nenhuma fugitiva.

***

Scion, reassumindo sua própria aparência, alçou vôo e arremeteu do Jardim das Esculturas com quatro morcegos negros encarniçados no seu encalço. Assim que ele passou da altura dos telhados, ainda deixando uma trilha de luz, Si cruzou aquela trilha com sua própria trilha incandescente e atraiu para um lado dois dos demônios. Pelo menos esses urubus estariam ocupados por algum tempo.Correndo, Sally passou pelo Prédio de Ciências Físicas, atravessou uma praça e desceu um longo lance de escada de concreto até a movimentada rua que ficava lá embaixo. Um táxi se aproximava. Ela acenou furiosamente.

— Táxi! Táxi!

Dois homens, parecendo quaisquer outros estudantes universitários, enxergaram-na e puseram-se a rumar em sua direção.

O motorista do táxi achou que viu alguém tentando chamá-lo.

Dois demônios caíram pela capota e unharam o seu cérebro.

Huh? Eh, ela não está ali... Agora, aonde era mesmo que eu estava indo?

O táxi passou, desviando-se de uma faixa para outra, sem diminuir a velocidade. Sally se atirou para dentro de um beco.

Era um beco sem saída — apenas paredes de concreto sem escape.

Os dois homens foram-se aproximando por trás dela, silenciosos, habilidosos. Se se movessem com rapidez suficiente, poderiam liquidá-la antes que ela tivesse oportunidade de gritar. Um tinha um longo lenço nas mãos, o outro segurava uma faca faiscante.

Espíritos imundos também se achavam presentes, dando vivas e espumando, pulando das paredes como bolas de golfe correndo pela sarjeta. Chegara a hora!

***

Mota rodava na capota da perua rústica de Marv Simpson enquanto ela deslanchava preguiçosamente pela Avenida Hannan na ponta sul do campus de Bentmore. Quando chegou numa esquina, as asas de Mota explodiram para diante como fogos de artifício e quando Marv percebeu, estava numa faixa em que só podia dobrar à direita e teve de dobrar à direita, dirigindo-se rumo ao lado oeste do campus.

— Que droga — resmungou ele.

— Não era para termos ido na outra direção? — perguntou Cláudia. Mas ele estava olhando de um lado para outro, tentando mudar de faixa,

ficando cada vez mais frustrado.

— Agora, como é que saímos *daqui*?

***

Sally retrocedeu até dar de encontro com o concreto puro, liso do fim do beco. Não tinha para onde fugir. Então, o jeito era lutar. Ela ergueu a mochila a fim de proteger-se.

Nenhum som, apenas sombras borradas à luz dos postes. O lenço atingiu-lhe o rosto, sua cabeça bateu contra a parede, um olho ficou coberto, ela não podia ver.

Uma faca rebrilhou!Chimon estava ali e aparou o golpe.

A foca desviou-se e enterrou-se na mochila.

Um golpe no pescoço dela! Ela caiu para a frente, agarrando o homem da faca. Ele retirou a lâmina e mergulhou-a contra ela de novo.

A faca rasgou-lhe o casaco. Seu grito foi abafado dentro do lenço.

Uma lamina incandescente abriu o ombro de Chimon. Dois demônios foram pegos pelo golpe oblíquo de sua espada e se dissolveram.

A faca abriu um talho no casaco de Sally, mas não lhe atingiu o corpo.

Scion chegou baixo, desviou-se por baixo de um agrupamento de espíritos que atacava violentamente com golpes cortantes, e rolou entre as pernas do homem da faca. Este caiu para trás. A faca retiniu no concreto. Scion havia rolado no meio de uma armadilha mortal. Retorcendo-se e revolvendo-se, ele conseguiu defender-se da maioria dos golpes dos demônios, mas uma lâmina violenta pegou-lhe a perna, cortando-a profundamente.

Chimon agarrava pelo pé um demônio que berrava, se debatia atabalhoadamente e babava. Ele rebateu os atacantes de Scion com um golpe poderoso, depois arremessou por cima da cabeça o corpo agitado e atingiu o rosto do homem do lenço.

O lenço escorregou. Sally pôde ver novamente. Ela atirou-se para a frente e se livrou.

O homem da faca agarrou-lhe a manga do casaco.

Signa caiu do céu, traçando um ponto de exclamação luminoso. Sua espada atingiu a costura do ombro de Sally e a manga soltou-se.

Ela correu. Viva!

O homem da faca estava procurando sua faca. O homem do lenço não podia dizer onde se encontrava no escuro.

Chimon, Scion e Signa estavam cortados, feridos e mancando, mas agarraram Sally e tiraram-na daquele beco.

Destruidor viu tudo, e berrou por suas hordas. Os espíritos ajuntaram-se de todos os cantos do campus, espadas ardendo, asas rugindo, prontas para uma matança. Com Destruidor na frente de uma maciça formação em forma de ponta de flecha, eles mergulharam rumo à rua.

***

Em Baskon, Lucy entrou correndo no quarto de Amber esperando sangue, machucados, um acidente, alguma coisa terrível.

— Amber, o que há? — bradou a mãe, tentando abraçá-la.

Ela volteou como um animal selvagem e postou-se longe da mãe, os dedos

curvados como garras, o olhar violento e furioso, arremetendo pelo quarto como se observasse acontecimentos distantes.

— Cortem essa mulher! Agarrem, apanhem, cortem-na!Lucy encostou-se na parede e permaneceu ali, muda. Não havia como fazer Ametista parar quando estava assim. Lucy havia tentado antes.

***

Destruidor e suas hordas estavam berrando seu brado de guerra, os hálitos sulfurosos formando serpentinas amarelas que sulcavam o céu como os dentes de um pente.

***

Marv Simpson procurava um lugar para fazer um retorno e estava cada vez mais frustrado. Mal notou aquela mulher que saiu correndo de um beco.

— Minha nossa — disse Cláudia — o que está acontecendo aqui?

Tal caiu pela capota e encheu todo o banco traseiro com seu vulto possante. *Pare e pegue-a!*

Marv viu-a de novo. Na verdade, ela corria para a rua.

— Oh — exclamou Cláudia — ela está vindo na nossa direção!

— Ora, bolas, uma doida varrida! Temos de sair daqui.

Tal agarrou a cabeça de Marv em suas duas mãos enormes e forçou-o a olhar na direção da mulher. *PEGUE-A!*

— Vamos apanhá-la — disse Cláudia. Ele encostou.

***

Guilo atirou-se ao céu, flanqueado por Natã, Armoth, Cree e Si. Eles interceptaram Destruidor e seus capangas como um reboar de trovão sobre o campus. Os demônios eram como uma parede irresistível, e os guerreiros angélicos foram revirando e girando para o lado. Destruidor e sua horda prosseguiram em seu curso, caindo sobre a caminhonete de Marv; os cinco guerreiros se recuperaram, deram uma volta, e mergulharam sobre as costas dos demônios como falcões. Os vis espíritos os combateram, mas perderam um tempo precioso para fazerem-no.

***

— Precisa de carona?

Sally abriu a porta e jogou-se com dificuldade no banco traseiro.

— Por favor. Tirem-me daqui!

Quatro homens apareceram na calçada, dois com rádios. Eles a viram entrar no carro e desapareceram rapidamente. Marv ainda estava perdido.

— Como faço para sair daqui?

— À esquerda, lá na esquina — disse Sally — e depois passe por dentro do túnel.

— Túnel?

***

Destruidor e seus guerreiros passaram raspando sobre o topo do Prédio de Ciências Físicas e deixaram-se cair na direção da rua, aproximando-se da caminhonete. Tal e Mota agarravam-se à capota do veículo, espadas prontas, asas cobrindo os passageiros que iam dentro. Então Guilo disparou de uma rua lateral, Natã e Armoth contornaram à toda o prédio de um banco, Scion deixou-se cair de um viaduto, Chimon e Signa ziguezaguearam entre os carros a apenas centímetros acima do asfalto, Si surgiu de um bueiro, e todos eles jogaram-se sobre o carro, cobrindo cada centímetro, as espadas desembainhadas fazendo-o parecer um brilhante porco-espinho.

Era isso, uma batalha direta, força-por-força!

Mas de súbito, surpreendentemente, Destruidor saiu de um vôo rasante e os acompanhou a uns seis metros acima deles, passando por sinaleiros de trânsito, cabos telefônicos, e placas de ruas, mantendo-os sob vigilância, avaliando a sua força. A visão do pequeno bando de guerreiros agarrados ao veículo, espadas desembainhadas para um último ataque, fê-lo rir. Fez seus capangas rirem.

Finalmente ele berrou-lhes:

— Pode chamar a isso de vitória, capitão. *Eu* chamo de progresso! Você está mais fraco do que nunca agora, e a próxima vez será nossa. A fruta estará madura, e a apanharemos com facilidade! E não se preocupe em escondê-la. Sempre saberemos onde ela se encontra!

Eles se elevaram para dentro do céu noturno e estavam desaparecendo na escuridão quando o carro entrou no túnel.

— E agora? — perguntou Chimon, segurando o ombro ferido.

— É só dizer, capitão — disse Scion, segurando a perna imprestável. — Nós o faremos.

— Estamos esgotados — disse Tal. — Mesmo que tenhamos confundido os homens de Kholl, Destruidor nos poderia ter vencido, e é apenas pela mão do Senhor que ele não sabia disso. Está na hora de escondermos Sally em Ashton.

— E deixar que ouça a respeito da Cruz! — disse Natã.

— Faremos com que ela chegue lá e deixaremos que o Espírito lhe fale. — Ele acrescentou com raiva incontida: — Enquanto voltamos a Baskon e eliminamos esse bloqueio das orações de uma vez por todas!

***

— Umm — perguntou Marv — para onde está indo? Sally, arquejante, tentava respirar, doente de terror, e suando em bicas. Não estava inteiramente racional.

— Não importa. Qualquer lugar. Qualquer lugar longe daqui.Cláudia olhou por cima do ombro à miserável criatura caída sobre o banco traseiro, chorando, arquejando, suando muito.

— Coitada!

Marv olhou-a através do espelho retrovisor e pôde ver o medo em seus olhos. O Senhor falou-lhe ao coração. É, não era por acaso que a havia apanhado.

— Bem, acalme-se e tente descansar. Vamos levá-la bem longe daqui. Conheço o lugar certinho.

29

Lucy Brandon se sentia fraca e adoentada, mas tentava não demonstrá-lo, mesmo enquanto rabiscava o novo endereço em ainda outra carta de Sally Roe e a fazia deslizar para dentro do malote de correspondência que saía. Não queria fazê-lo, mas não podia ver outra alternativa. Seus advogados continuavam pressionando-a, seus amigos no Círculo Vital sorriam e encorajavam-na, o sargento Mulligan a vigiava, a ação judicial adiantava-se à toda velocidade, e o ímpeto era irresistível, levando-a adiante como um trem disparado.

Mas depois de nada menos do que vinte dessas cartas, ela tinha visto o bastante. Temia, era ignorante da estratégia legal, e talvez fosse um tantinho confiante e crédula demais, mas não era burra. Não havia dúvida em sua mente de que Sally Roe vivia.

Quanto mais pensava a respeito, mais devastadora a coisa se tornava. Gradualmente, apenas um pequena idéia de cada vez, ela se permitiu pensar o impensável: algo mais do que uma ação judicial estava em progresso e alguém lhe mentia, talvez todos mentissem. Se lhe mentiam, ela provavelmente infringia a lei por todos os seus amigos e não por si mesma. Se tudo isso fosse verdade, então — ela havia tentado enterrar esse pensamento por semanas — estava sendo usada.

Ela não tinha dúvida de que sua filha Amber estava sendo usada, se não por essas águias legais, então certamente por aquele pônei que fora um dia engraçadinho e com que Amber havia travado amizade na classe de quarta série da Srta. Brewer. O riso, o divertimento e as brincadeiras, o charme do tipo desenho animado, eram tudo coisa do passado. Ametista não era nenhum tipo de amigo.

Mas agora que Lucy havia-se enterrado tanto, como poderia sair dessa? Para que direção podia voltar-se? Como...

A sineta tocou no balcão da frente. Debbie estava no horário de folga, por isso Lucy apressou-se à frente do aposento.

Aquele homenzarrão parecia familiar. Ela o havia visto pela cidade, mas ele não era destas partes. Imediatamente, ela sentiu-se desconfortável.— Em que posso servi-lo?

— Oi. Sou Marshall Hogan. Sou amigo de Tom Harris, e acabei de receber uma carta do Centro Ômega para Estudos Educacionais em Fairwood, Massachusetts...

Ele agia como se lhe desse uma pista, mas ela não entendeu qual fosse.

— Sim? Algum problema?

— Bem... suponho que saiba quem são os editores do currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu* que a Srta. Brewer usa na escola primaria?

— Ainda não sei aonde quer chegar.

— Bem, escrevi ao Centro Ômega pedindo um exemplar do currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu,* e eles me dizem aqui nesta carta que apenas oferecem o currículo às instituições educacionais e não ao público em geral. A senhora não acha isto um tanto estranho?

Lucy sabia que não desejava conversar a respeito disso.

— Não sou o Centro Ômega, senhor, e não sou responsável por suas diretrizes. Agora a menos que tenha alguma coisa a tratar com o Correio...

Marshall olhou atrás de si. Não havia ninguém em fila.

— Não demorarei nada. Vamos falar de um grupo local, ... o Círculo Vital. Soube que o Círculo Vital é uma grande influência na educação por estas bandas: três pessoas do conselho escolar pertencem a ele, o diretor da escola de primeiro grau, o Sr. Woodard, pertence a ele, a Srta. Brewer pertence a ele, e a senhora pertence a ele. O conselho escolar adotou o currículo do Centro Ômega, o Sr. Woodard implementou-o, a Srta. Brewer o ensina, e sua filha entrou em contato com seu guia íntimo, Ametista, por causa dele.

Apenas uma semana antes, Lucy teria se sentido invadida, e muito zangada. Hoje era diferente.

— E daí? — Realmente queria saber.

Ela tentava parecer forte e inabalável, mas Marshall percebeu a curiosidade em seus olhos.

— Deixe-me perguntar-lhe isto: Por que a senhora supõe que a Srta. Brewer não pôde apresentar o currículo quando lhe pedimos que nos mostrasse, nem tampouco o conseguiu o Sr. Woodard, nem tampouco o conseguiu o conselho escolar, e agora o próprio Centro Ômega não me permite comprar um exemplar dele? Quando penso em como todos vocês estão ligados, fico certamente a pensar se a sua ação judicial contra a Academia do Bom Pastor poderia ter algo a ver com isso. A senhora acha que existe alguma coisa naquele currículo que seus amigos não desejam que vejamos?

Lucy não respondeu por longo momento. Jamais havia pensado a respeito dessa questão antes. Ela mesma queria uma resposta.

— Não sei, Sr...

— Hogan. Marshall Hogan.— O que o senhor é, um investigador ou algo assim?

— Claro, algo parecido. Mais do que tudo, apenas um amigo dos seus oponentes na ação judicial.

— Bem, obviamente não posso falar a respeito de nada disso.

— Compreendo. Muito obrigado pelo seu tempo.

— De nada.

Ele deixou o prédio, e Lucy retornou ao trabalho, ou pelo menos tentou fazê-lo. Se Lucy se sentia pensativa e preocupada antes da visita desse Sr. Hogan, agora parecia totalmente perturbada. O que mais sabia aquele homem e por que ela não o sabia?

Marshall voltou à casa de Ben e Bev, e fez um chamado interurbano.

Lá em seu jornal, uma moça morena, bonita, de óculos, atendeu ao telefone de dentro do escritório fechado a vidro.

— *O Clarim de Ashton,* fala Bernice Krueger.

— Ei, Bernice, aqui é Marshall.

— Ora, ora! — Ela fechou a porta do escritório contra a barulheira de fora e deixou-se cair sobre a escrivaninha, pronta para as últimas. — Pode alguma boa notícia sair de Baskon?

— Bem... as muralhas do forte estão ficando finas, mas não houve nenhuma brecha ainda.

— Continue cavando.

— Foi por isso que liguei. Lembra-se de que lhe falei daquele currículo da escola primária?

— Certo. A criançada está entrando naquela de controle alfa da mente e espíritos guias. Você chegou a receber um exemplar dele?

— Nada feito. Eles obstruem a coisa, até o topo da escada no próprio Ômega. Você ainda se comunica com aquele sujeito em Washington, como-se-chama...?

— Cliff Bingham. Claro. Ele me conseguiu umas coisas confidenciais na última eleição.

— Eu pensava se ele não poderia averiguar com a Biblioteca do Congresso e

conseguir um exemplar original desse negócio.

Bernice agarrou uma caneta e pôs-se a escrever uma nota para si mesma.

— Ligarei para ele. O que exatamente você quer?

— *Descobrindo o Verdadeiro Eu,* um currículo para as quartas séries. Ela anotou aquilo.

— Publicado pelo Centro Ômega...

— Uh... Centro Ômega para Estudos Educacionais, Fairwood, Massachusetts.

— Alguma idéia do ano?

— Nenhuma.

— Está bem. Veremos o que conseguiremos.— Tudo bem. Agora vamos falar da edição de terça-feira. Tire aquela história da lanchonete; John gosta dela, mas a esposa terá um acesso...

Eles falaram de negócios. Bernice tomou notas, tirou arquivos, leu matéria para publicação pelo telefone, e recebeu ordens do chefe.

***

No lado de fora, os negócios do meio da semana, do meio do dia na cidade de Ashton estavam em plena atividade; gente, carrinhos de compras e veículos circulavam pelo estacionamento da Mercearia do Carlucci; os bombeiros lavavam o pátio de manobras da Estação Quinze e davam lustro na bomba; Clyde Sodeberg e seus filhos batiam o concreto ainda fresco de umas formas no novo projeto da Caixa Econômica Centro-Oeste.

Passando por tudo isso, e depois parando no segundo dos quatro sinaleiros ao longo da rua principal, Marv e Cláudia Simpson apresentaram Sally Beth Roe — eles achavam que o nome dela era Betty Smith — à sua cidade.

— É um ótimo lugar para se viver e negociar — disse Marv. — Pelo menos, agora, é. Já tivemos nossa quota de dificuldades, mas as coisas ficaram bem mais tranquilas, e acho que estamos melhorando.

A luz ficou verde e Marv pilotou sua grande caminhonete mais adiante na rua, passando pelas lojinhas, pela loja de ferragens, pelo jornal local...

— Esse é o *Clarim de Ashton* — disse Marv. — Sai às terças e sextas, e o editor é um santo. Acho que ele está fora da cidade faz um tempinho; não sei o que ele tem estado a fazer.

Eles passaram pela escola que abrigava o colegial. Era nova esse ano, porque as matrículas haviam aumentado.

Marv dobrou à esquerda no terceiro sinaleiro e seguiu por uma rua que subia gradualmente numa vizinhança quieta com maciços carvalhos alinhadas na rua, pequenas bicicletas pintadas de cores berrantes encostadas nos carvalhos, e arcos alaranjados de bola ao cesto em quase todas as garagens. Os gramados eram bem cuidados, as calçadas eram limpas, e os carros todos pareciam conhecer bem seu lugar de estacionar.

Marv dobrou à esquerda de novo e chegou a uma fileira de grandes casas do início do século, com revestimento branco chanfrado, grandes chaminés, telhados maciços, águas-furtadas aconchegantes, e largas e amplas varandas. Ele encostou e estacionou na frente da terceira casa à direita, provavelmente a mais convidativa de todas as casas, com um gramado perfeitamente aparado, cercado de plantas coloridas, uma varanda de pilares, e um convidativo balanço na varanda. Na frente, bem ao lado da calçadinha, encontrava-se uma placa pequena, despretensiosa: Pensão Sara Barker.

— Este é o lugar de que lhe falei — informou Marv.— Vai dar certinho, acho eu — comentou Cláudia. — Você terá tempo de analisar as coisas e tirá-las da cabeça.

Sally tomou-lhes as mãos e segurou-as bem apertadas.

— Vocês me fizeram uma maravilhosa caridade. Muito, muito obrigada.

— Não há de quê — retrucou Marv. — Precisamos levá-la à nossa granja uma hora dessas.

— Eu gostaria disso.

— Oh, aí está a Sara agora — exclamou Cláudia.

— Sara é uma boa mulher, vai gostar dela.

Sara era, e Sally gostou. A casa na realidade pertencia a Sara e Floyd, seu marido, mas eles acharam que usar apenas o nome dela na placa seria mais atraente. Floyd era um homem alto, magro, de poucas palavras, que se havia aposentado recentemente do negócio de cereais e tentava agora dar uma de escritor quando não fazia o papel de pau-pra-toda-obra na pensão — que era o que fazia naquele momento. Sally alegrou-se em conhecê-la e apertou-lhe calorosamente a mão. Quanto a Sara, ela impressionou Sally como sendo a idéia que todo o mundo tem da perfeita vovó, uma mulher baixinha com cabelos brancos curtos, pequenos óculos redondos, e uma história engraçadinha a respeito de quase tudo.

— Tínhamos oito filhos, mas agora eles se foram, por isso temos todos esses quartos vazios e prontos para as pessoas certas — explicou ela, mostrando a grande casa a Sally. — Temos tido quase que apenas mulheres solteiras aqui; algumas têm problemas em casa e precisam ficar longe, algumas vão a algum outro lugar — sabe, estão entre duas coisas — e as duas que estão aqui no momento vieram para ficar de vez até se casarem, acho.

A sala de estar era antiga, clássica, com teto alto, revestida de madeira finamente laminada, com mobília convidativa, confortável, antiga, e até mesmo um velho órgão de pedal da primeira igreja pioneira de Ashton. A sala de jantar era ampla e bem apropriada para uma família grande, ou para uma porção de pensionistas.

— Bem, temos um banheiro aqui em baixo, mas trabalhamos nele... Elas estavam no vestíbulo central logo debaixo da grande escada, e podiam ver uma caixa de ferramenta projetando-se no vestíbulo pela porta do banheiro e ouvir as batidas e tinidos do trabalho em andamento.

Sara deu a volta pela caixa de ferramenta e depois saiu da frente a fim de que Sally pudesse espiar lá dentro.

— Quando consertarmos o encanamento, as coisas devem voltar ao normal.

Sally espiou dentro do banheiro. Era espaçoso, e durante as ocasiões normais, provavelmente era muito gostoso. Naquele exato momento, era uma bagunça; o tapete estava enrolado, havia ferramentas e encaixes de canos pelo chão, uma forte lâmpada de serviço pendurada do espelho do toucador e, mais estranho que tudo, um rapaz de macacão ajoelhado na frente do vaso sanitário; ele parecia berrar para dentro do vaso.

— Não — gritou ele — suba de novo! Você vai na direção errada! Uma voz abafada, de Floyd, veio de algum lugar lá em baixo.

— Quem foi que colocou todo este negócio aqui em baixo?

— Foi você, Floyd; não jogue a culpa em mim! Então o rapaz reparou que Sally o observava.

— Oh, oi. — Oi.

Sara inclinou-se para dentro.

— Hank, esta é Betty Smith, nova pensionista. Betty, este é Hank Busche, o nosso pastor.

Ele acenou com uma chave inglesa.

— Prazer em conhecê-la. Terei prazer em apertar-lhe a mão mais tarde. — Dava bem para ver que as mãos dele estavam muito sujas no momento.

Sally ficou fascinada. Esse era um pastor?

— Por que berra para dentro do vaso? Ele achou graça.

— Bem... Floyd está lá em baixo. Você já ficou conhecendo o Floyd? A voz de Floyd veio de baixo do assoalho.

— Sim. É a Betty, certo? Hank berrou de volta. — É.

— Já nos conhecemos.

— Ela está aqui para inspecionar o serviço que você fez com os parafusos.

— Oh, estou em apuros agora! Hank explicou:

— Floyd colocou os parafusos errados ao instalar este vaso quinze anos atrás, e agora não conseguimos soltar as porcas no lado de baixo.

O sorriso de Sally era um sorriso cansado, mas fez-lhe bem. Sara disse:

— Você está cansada. Vamos subir e eu lhe mostrarei o seu quarto. Mas Sally hesitou por apenas um momento.

— Você não parece um pastor.

Hank sorriu, empurrando algumas mechas de cabelo da testa com o antebraço. — Obrigado.

Por que não atacar diretamente? pensou Sally.

— Suponho que conhece a Deus?

— Claro, eu o conheço.

Ele falou com muita naturalidade. Nem mesmo hesitou em responder. Sally tentou uma pergunta mais difícil.

— Pode provar que ele existe?Hank sentou-se à frente do vaso e apenas fitou-a por um momento.

— Tem uma Bíblia?

Sally ia dizer que não, mas Sara se adiantou:

— Tem uma no quarto dela.

Hank pensava. Ele quase parecia escutar.

— Digo-lhe uma coisa. Leia o Salmo 119, e simplesmente peça a Deus que

fale ao seu coração enquanto lê. Veja o que acontece.

— Salmo 119 — repetiu Sally.

— Certo.

— Boa sorte com o vaso.

— Obrigado. E foi um prazer conhecê-la.

Hank sentou-se ali por um momento depois que Sally e Sara se foram. O Senhor lhe tinha falado acerca dessa mulher chamada Betty. A voz de Floyd veio de baixo:

— Salmo 119? Que tipo de passagem é essa para fazer alguém ser salvo? O próprio Hank estava perplexo.

— Não sei. É a passagem que o Senhor me disse para dar a ela.

— O capítulo mais comprido da Bíblia... — resmungou Floyd. Hank orou, ali mesmo.

— Senhor Deus, por favor torna-te real para Betty Smith. Mostra-lhe quanto a amas.

— Amém — disse uma voz vinda de baixo da bacia. — Agora pode me Jogar uma chave menor?

***

No topo da casa, Tal confabulou com os dois príncipes angelicais de Ashton, Krioni e Triskal.

— Sentimo-nos honrados em vê-lo novamente, capitão — disse Krioni. — Sempre nos lembraremos da vitória que conseguimos aqui.

Tal perscrutou o horizonte e pôde ver uma espessa barreira de guerreiros angelicais que rodeava a cidade, vedando-a contra invasão demoníaca. Eles estavam ali a fim de servir aos santos que ficavam dentro dela, em resposta às suas orações, alargando as portas de oportunidade para ministrar. A cidade não era perfeita, não deixava de ter problemas; ainda tinha os seus bares e conflitos, suas enrascadas e seus pecados. Mas o Senhor operava em Ashton, seus santos estavam orando, e para Sally Beth Roe, a cidade era segura.

— Deixo-a nas suas mãos, Krioni. Vejo que Hank já planta as sementes certas.

Triskal sorriu.

— O Espírito de Deus continua a atraí-la.

— Cuidem dela enquanto isso. Assegurem-se de que ela conheça Bernice, mas não deixem que Bernice saiba quem ela é até a hora certa.Krioni olhou Tal de forma significativa.

— Mais uma vez, o senhor tem um plano. Como está se desenrolando? Tal pareceu sombrio.

— De forma contínua, mas miseravelmente. Krioni assentiu com a cabeça.

— Vejo que o senhor e os outros precisarão de tempo para se recuperar.

— Destruidor soube o que fizemos aqui. Ele chegou aos santos primeiro. Ele e seus demônios espalham contenda e divisão como há anos a igreja não vê, e a cada dia a nossa situação fica mais precária. Volto a Baskon a fim de deter a campanha. Nada mais pode prosseguir até que eu faça isso.

O rosto de Triskal enrugou-se de preocupação.

— Mas há tempo, capitão? Tal respondeu simplesmente:

— Não. Teremos apenas de fazer o que pudermos. Se você conseguir usar esta crise para despertar orações especificas por parte dos santos daqui, tanto melhor.

Triskal sorriu.

— Conte com isso. Eles orarão. Krioni acrescentou:

— Mas parece que Sally Roe vai na direção de maior perigo ainda. Tal assentiu com a cabeça, a contragosto.

— Não podemos abreviar o plano, ou poupar a Sally cada último passo. Venceremos tudo... ou perderemos tudo.

Krioni e Triskal o abraçaram.

— Vá com Deus.

Tal puxou a espada a fim de reunir seus guerreiros, e eles arremeteram ao céu, rumando para Baskon.

***

— Perderam? — bramiu Destruidor. — Atrevem-se a dizer-me que a perderam?

Seis espíritos hediondos estavam diante dele no telhado do Prédio Whitcombe na Universidade Bentmore. Eles haviam cravado os olhos no telhado espesso, ondulado, e recusavam-se a erguê-los. Estavam silenciosos, sem palavras

apropriadas de explicação. Destruidor e Corruptor não estavam muito longe de reduzi-los a migalhas naquele exato momento.

Destruidor queria uma explicação naquele mesmo instante. Ele agarrou um demônio pelo cabelo e soqueteou a cabeça dele para cima de forma que seus olhos se encontrassem.

— Eu sabia que *você* jamais a perderia, mas a seguiria até os confins da terra a fim de que pudéssemos escolher a nossa hora, escarnecer do Exército Celestial, apanhar a fruta quando estivesse madura, e agora... você a perdeu? Conte-me como! — Nós a seguimos — explicou a coisa. — E?

— Ela foi para o oeste com o dono da granja. — E?

O espírito olhou para os seus camaradas. Eles nem mesmo lhe devolveram o olhar, temendo que Destruidor pensasse que sabiam alguma coisa.

— O fazendeiro levou-a a Ashton.

Destruidor deu um puxão violento no cabelo do demônio, torcendo lhe o pescoço para trás. — *Ashton?* O demônio fez uma careta de dor.

— Seguimos até onde pudemos, mas nos fizeram voltar. Os olhos de Destruidor queimavam de fúria.

— O Exército Celestial?

O guerreiro estava quase caindo, contorcendo-se no aperto de ferro da mão de Destruidor.

— Eles controlam aquele território, eles e os santos de Deus! Destruidor soltou o cabelo do demônio e o guerreiro caiu sobre o telhado, girando o pescoço para tirar os nós.

Destruidor e Corruptor afastaram-se para confabular em particular.

Destruidor tornava o ar amarelo com seus arquejos desvairados, ansiosos.

— Aquele limboso, escorregadio, sutil Capitão do Exército! Eu deveria ter antecipado isto! Ele a está escondendo numa fortaleza na qual não podemos penetrar!

Corruptor resmungou:

— Ela está livre, e viva, e agora tem *tanto* o anel *quanto* as listas.

— As listas são culpa *sua!* — insistiu Destruidor.

— E o desaparecimento dela? Não é sua culpa?

— Se a perdermos de vista agora...

— Essa não é uma opção.

—... o Homem Forte nos arrancará a cabeça do corpo com as próprias mãos! — Destruidor cuspiu enxofre em nova explosão de raiva. — Nunca! O Capitão do Exército não me derrotará! Não serei humilhado por esses santos medíocres!

Berrou com seus capangas que estavam de guarda ali por perto. Eles se colocaram prontamente em posição de sentido.

— Reúnam suas hordas! Retornamos a Baskon! Terminaremos esse negócio e dizimaremos os santos, silenciando suas orações de uma vez por todas!Claire Johanson desligou o telefone em seu escritório e depois olhou fixamente para o aparelho, profundamente pensativa. Jon conhecia aquela cara.

— O que foi?

— Era o Sr. Goring, do Summit. Sally Roe apareceu em Bentmore. Esteve lá na sala de Samuel Lynch.

Jon ergueu-se da cadeira, antecipando uma resposta de que não iria gostar.

— Ela escapou?

Claire suspirou, deixando a mão cair sobre a escrivaninha com um tapa.

— Escapou. Kholl e seus homens a perseguiram por todo o campus de Bentmore, mas ela conseguiu pegar carona com um estranho e eles a perderam.

Jon jogou as mãos para cima, enraivecido.

— Ótimo. Isso é ótimo! Realmente começo a duvidar desse Kholl. Ele já teve duas oportunidades e apareceu de mãos vazias as duas vezes!

Claire advertiu-o:

— Por favor, fale baixo. Há alguns membros do Círculo Vital pela casa. Jon tentou acalmar-se, mas não conseguiu de jeito nenhum sentar-se ou relaxar.

— Ela tem as listas — acrescentou Claire. Jon olhou-a com curiosidade.

— Que listas?

— As listas de membros do Professor Lynch.

Jon fitou-a com o olhar vazio. Não conseguia acreditar naquilo. Ele meneou a cabeça.

— Ora, isso tem de ser um erro. Alguém está errado. Não é verdade.

— É verdade.

Ele sacudiu a cabeça de novo, com mais força.

— Não, não é verdade! É impensável demais para ser verdade!

— Lynch saiu da sala para apanhar o seu anel e entrar em contato com Kholl. Ela deve tê-las tirado da prateleira enquanto ele estava fora. Ele não percebeu até depois de ela ter saído.

John gritou ao ouvir isso.

— Ela *saiu?*

Claire fez-lhe sinal para abaixar a voz, sentindo-se defensiva com relação a Lynch.

— Ele não podia fazer com que a matassem bem ali na sua sala! Os homens de Kholl deviam cuidar dela em algum outro lugar, secretamente.

Jon esbravejou e bufou e andou à volta do escritório.

— O Professor Lynch ainda vive?

— Claro que sim.

— Por que?Claire desviou o olhar impacientemente.

— Jon, o que isso resolveria?

Jon tinha dificuldade em manter baixa a voz.

— Aquele velho amalucado é um perigo! Devia ser eliminado, e Kholl também!

Claire suspirou e descansou o queixo na mão.

— Talvez sejam, não sei. Não controlo essas coisas.

— E então, quando é a audiência?

— Às nove da manhã, segunda-feira. Jon praguejou.

— Deveríamos ter sabido a esta altura! Há outras forças trabalhando a favor de Roe, opondo-se diretamente a nós. Posso sentir isso. Sem dúvida trabalham contra essa ação judicial também. Poderíamos obter uma decisão contraria do juiz.

Claire estava prestes a discordar, mas então decidiu que não podia.

— Creio que existe uma possibilidade.

Jon se deteve para olhar Claire bem nos olhos.

— Se perdermos nessa audiência, e eles puderem colocar Amber no banco das testemunhas, ou mesmo colher o depoimento dela...

Claire concordou.

— Chamarei os outros.

— E Hemphile também. Eu a quero envolvida nisto. Temos de atacar aquela igreja!

— Já atacamos...

— Falo de atacá-los com mais força! Algo bem visível! Claire pôs-se de pé, o dedo nos lábios.

— Alguém poderia ouvi-lo.

Ele tentou acalmar-se. Eles podiam ouvir uma aula de ioga do Circulo Vital em andamento no segundo andar, bem acima de suas cabeças. Claire tinha outra advertência.

— Você sabe que com qualquer ação pública nos arriscamos a ser expostos...

Jon deu uma risada ao ouvir isso.

— O que é isso? Eles são uns cristãos antiquados, marginais, fanáticos. Quem vai acreditar neles?

Ela aquiesceu.

— Está bem.

— Amaldiçoaremos a igreja, e amaldiçoaremos Sally Roe. Podemos arranjar alguma coisa que lhe pertença?

— Bem, acho que a casa que ela alugava ainda contém todos os seus pertences.

— Alguma coisa viva?

Claire pensou por um momento.— Oh, sim. De fato, acho que ela tinha alguns animais. Jon sorriu e se acalmou um pouquinho.

— Bom. Bom.

30

Tudo era silêncio na casa de Floyd e Sara Barker após o jantar. Floyd e Sara se acomodavam no sofá do primeiro

andar para ler um pouco; Michelle, a jovem estudante de faculdade, estudava em seu quarto; Suzanne, jovem advogada recém-chegada à cidade, saíra para encontrar-se com um possível sócio.

Sally estava alimentada, banhada e segura em seu quartinho de canto, confortavelmente instalada na cama macia debaixo de um dos acolchoados de Sara feitos à mão, as costas apoiadas por amplo suprimento de grandes travesseiros.

Pela primeira vez em um número de anos que Sally tinha dificuldade em calcular — por fim ela achou que tinha de ser em torno de vinte e cinco

— Tinha nas mãos o volume que ela havia culpado pelos sofrimentos do mundo, rebaixado como sobreestimada antologia de mitos, do qual se havia ressentido por suas idéias estreitas a respeito da moralidade, condenado como opressivo e autoritário e ignorado como um peso de chumbo ultrapassado, estagnador em torno do tornozelo intelectual da humanidade.

Era uma das Bíblias de Sara Barker.

Ela encontrou o livro dos Salmos imediatamente. Ficava no meio da Bíblia.

— É só abrir as suas Bíblias bem no meio — veio uma voz do seu passado.

— Os Salmos estão bem ali no meio.

Como era o nome daquela mulher? Oh, Sra. Gunderson, isso mesmo. Ela era uma senhora meio idosa. Era velha desde que Sally a conhecera, como se tivesse atingido o auge em anos e simplesmente ficado ali. Cada manhã de domingo, Sally descia ruidosamente as escadas na igreja com todas as outras crianças de sete e oito anos e se reunia na classe de escola dominical da Sra. Gunderson naquele frio porão da igreja, naquela salinha ecoante com as cadeiras duras de madeira e a lousa que ainda trazia as marcas inapagáveis das lições de semanas antes.

Então a Sra. Gunderson lhes contava uma história, colocando personagens bíblicos de papel no mesmo cenário de grama verde e céu azul do flanelógrafo. Até agora, enquanto estava na cama com a Bíblia no colo, Sally podia lembrar-se daquelas histórias: o homenzinho que subiu no sicômoro, os pescadores que pescaram a noite toda mas não apanharam nenhum peixe, o discípulo — ela achou que era Pedro — que caminhou sobre a água ao encontro de Jesus, o homem

chamado Lázaro a quem Jesus ressuscitou dos mortos, Moisés, Noé, e naturalmente Jonas, que foi engolido por um peixe.

Estranho. Ela tirara essas histórias da cabeça desde o tempo em que estava no fim do primeiro grau, mas agora, aos trinta e seis anos, lembrava-se não apenas dessas histórias, como também dos profundos sentimentos de convicção e moralidade que sempre tinha após cada sessão da escola dominical: quero ser boa. Quero fazer coisas boas e amar a Deus. Quero que Jesus entre no meu coração.

Lembranças tão antigas, sentimentos de tanto tempo atrás. Mas as lembranças eram agradáveis, e os sentimentos que elas evocavam eram cálidos e confortadores, o que fazia com que ela pausasse e refletisse. Quantas lembranças agradáveis ela tinha na realidade? Não muitas. Talvez essas, algumas das mais antigas, fossem as mais felizes.

Salmo 119. Hmm. Era um longo capítulo. Ela leu o primeiro versículo.

"Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na lei do Senhor."

Aquele primeiro versículo foi suficiente para prender-lhe a atenção, e ela continuou lendo.

O versículo 3 dizia: ″Não praticam a iniquidade, e andam nos seus caminhos.″

Os versículos 4, 5 e 6 continuavam o mesmo tema: "Tu ordenaste os teus mandamentos, para que os cumpramos à risca. Oxalá sejam firmes os meus passos, para que eu observe os teus preceitos. Então não terei de que me envergonhar, quando considerar em todos os teus mandamentos."

Como aquele pastor sabia? Ela lhe havia feito a pergunta mais difícil em que podia pensar, mas ele deu-lhe a resposta de que precisava, a que era perfeita para a sua situação, bem aqui e agora, exatamente o próximo passo em seus devaneios.

Ela continuou lendo, e as palavras lhe falaram vez após vez a respeito de algo do qual havia anos tinha fugido, negado, lutado contra e finalmente perdido... mas de que talvez precisasse acima de tudo.

Absolutos. Um certo genuíno e um errado genuíno. Uma cerca, um ponto de referencia, um meio de conhecer algo com certeza.

Ela não podia deixar essas idéias escaparem-lhe. Pulou da cama e foi depressa ao armário em busca da sua mochila. Suas poucas roupas estavam na lavanderia no momento, portanto a mochila estava muito mais vazia, contendo uma ainda assustadora quantidade de notas novinhas, seu caderno, que ela colocou de lado, e... aquelas listas da sala do Professor Lynch.

Ela sentiu-se mal ao dar com elas, como se houvesse um mal ligado a elas, como se um passageiro clandestino invisível, venenoso tivesse vindo junto para assombrá-la. Elas a assustavam; deram-lhe o mesmo medo e repugnância de embrulhar o estômago que a pessoa sente enquanto espera algo horrível pular para fora num desses filmes de horror que passam tarde da noite.

***

Invisíveis a Sally, embora ela pudesse sentir-lhes a presença, o pequeno quarteto de demônios ainda se escondia por ali, observando-a, procurando oportunidades. Eles a haviam seguido por toda a parte em que ela fora, e podiam passar através de qualquer barreira angelical, porque ela os carregava consigo. Desespero gostava cada vez menos do seu trabalho; quanto mais Sally continuava sua busca, menos de seu veneno ele podia semear na mente dela. Medo tinha tido muito o que fazer e tinha-se divertido muito fazendo isso, e se alegrava por ter essas listas ali, mas Morte e Loucura se sentiam frustrados. Sally havia encontrado um novo propósito em algum lugar, o demônio Morte já não era bem-vindo aos seus pensamentos, e seus pensamentos se tornavam demasiado claros e racionais para que Loucura pudesse embaralhá-los.

Todos os quatro estenderam as mãos para ela, mas no momento nada havia para agarrar.

***

Sally fechou a mochila, deixando as listas escondidas e confinadas. Agora não, listas; terei vocês mais tarde. Não quero sentir-me mal, não quero lutar. Dêem-me uma folga. Deixem-me descansar um pouco.

Os demônios retiraram-se furtivamente para esperar. Ela agarrou o caderno e a caneta, e pulou na cama de novo. Sentimentos bons, não vão embora. Deixem-me ficar com vocês por um pouco, estudá-los, entendê-los; deixem-me chegar a alguma conclusão. Ela começou outra carta para Tom Harris.

Estou repassando o Salmo 119, e se compreendo a mensagem corretamente, há pelo menos dois absolutos apresentados, duas coisas que posso saber com certeza:

1) Existe um certo: obedecer às leis de Deus e seguir os seus caminhos.

2) Existe um errado: desobedecer às leis de Deus e não seguir os seus caminhos.

Como me estou saindo até aqui? Espero que você esteja acompanhando, porque agora vai ficar mais difícil

O Salmo 119 fala a respeito de duas condições humanas que são o resultado direto dos dois absolutos:

1) Faça o certo, e será feliz e abençoado.

2) Faça o errado, e será envergonhado.

Ora, isso é simples ou não é? Simples demais, suponho; básico demais para ser acreditado e aceito por gente como eu que insiste em que não existe uma realidade mais alta do que a própria pessoa.

Mas, Tom, acredito de verdade que tenha sido envergonhada. Mesmo os comentários cruéis, cortantes de um inimigo, o Professor Lynch, deixaram isso claro para mim. Ele tentava destruir-me, sei disso, mas não houve nada no que ele dissesse que não fosse verdade. Não pude argumentar com ele. A verdade é que a minha vida está em ruínas.

Mas posso aceitar a explicação que a Bíblia dá para isso? Atrevo-me a confiar nesse Livro? Se a Bíblia é confiável, e se eu escolhesse acreditar nela, então poderia, de uma vez por todas, determinar quem sou e onde estou: no erro, fora do favor de Deus, envergonhada.

Não é um pensamento confortável, mas pelo menos eu teria uma pedra irremovível debaixo dos pés.

***

Desespero caiu pesadamente no chão ao lado da cama, segurando o estômago e gemendo. Morte e Loucura também não se sentiam muito bem, mas descontaram em Desespero.

— Você a está perdendo, sanguessuga! Você é a responsável por esta missão! Faça alguma coisa!

Medo ofereceu:

— Talvez eu possa pensar em algo para assustá-la. Desespero sibilou-lhe:

— Você já fez isso, e a empurrou mais perto da verdade!

***

Enfim, Sally sentiu-se sonolenta. Por enquanto, suas perguntas estavam solucionadas, seus pensamentos registrados, e ela podia descansar Colocou o caderno no criado-mudo, tirou de lado todos os travesseiros menos um, e desligou o

abajur.

Enquanto deitada no escuro, ela percebeu quanta paz sentia. Essa era a primeira noite em muito tempo em que não sentia medo. Em vez disso, sentia... o que era aquilo? Esperança? Sim! tinha de ser esperança. Parecia tão estranho, tão diferente!

Do seu passado distante, ela conseguiu lembrar-se mais uma vez daqueles antigos sentimentos e pensamentos da escola dominical: quero ser boa. Quero fazer coisas boas e amar a Deus. Quero que Jesus entre no meu coração.

Ela afofou o travesseiro e deixou que a cabeça afundasse nele. Hmm. *Jesus. Ora, o que ele tem a ver com tudo isso?*

***

Bem cedinho na manhã de domingo, Ben Cole parou no portão do cercado das cabras de Sally Roe, incrédulo, nauseado, cauteloso no entrar. Isso não podia ser real Coisas como essas simplesmente não aconteciam, não por ali.

Ele olhou para trás na direção do campo que ficava entre a casa dos Potters e a casa de aluguel. A Sra. Potter estava no meio do campo, retorcendo nervosamente as mãos e olhando, recusando-se a chegar mais perto.

Ele olhou de volta ao cercado das cabras. Buff e Bart, os dois filhotes, ainda viviam, mas perturbados e irrequietos. Quanto a Betty, a mãe...

Ben finalmente entrou no cercado, fechando o portão atrás de si, pisando cuidadosamente pela terra e palha, procurando quaisquer pistas no chão. Ele aproximou-se da carcaça morta e retalhada de Betty. Não fazia muito tempo que ela havia sido morta. Tinha de ter sido na noite anterior.

Ele voltou-se e gritou para a Sra. Potter

— A senhora ouviu alguma coisa?

— Não — replicou ela.

Ben olhou em volta da carcaça. Nenhuma pista. Nenhuma pisada. A terra parecia ter sido remexida, mas provavelmente varrida e rastelada para apagar qualquer pista.

A Sra. Potter chegou mais perto mas ainda sem olhar.

— A senhora chamou a polícia? — perguntou Ben.

— Bem, chamei você. Ele sorriu.

— Já não trabalho para o Departamento da Polícia.

— Eu sei. Mas queria que você viesse. Não confio no sargento Mulligan. Não acho que ele faria coisa alguma a respeito.

Ben afastou-se da carcaça de Betty e reuniu-se à Sra. Potter perto da cerca. Ele desejava ter uma câmara para registrar aquilo.

— Bem — disse ele, respirando fundo pela primeira vez — *eu vou* fazer algo a respeito.

Betty estava deitada na palha, a garganta cortada, o corpo totalmente drenado do sangue, e as quatro pernas removidas de maneira limpa e habilidosa, tiradas sem deixar nenhum traço.

O ar matutino estava gelado, mas Ben podia sentir uma friagem que nada tinha a ver com o tempo. Em seu espírito ele podia sentir um mal real a avizinhar-se.

***

Bem, talvez eu devesse ir, pensou Sally. É uma das coisas que ainda não tentei. Poderia fornecer mais informação que completasse a minha perspectiva. Poderia esclarecer algumas das antigas lembranças que não consegui relembrar completamente. Seria um vislumbre interessante da cultura religiosa americana da classe média. Talvez eu pudesse...

— Pegue o seu casaco então — sugeriu Sara Barker. — Floyd está esquentando o carro agora mesmo.

Sally respondeu um tanto tarde:

— Bem, claro, irei. Por que não?

E foi assim que ela se encontrou de pé na frente da branca e diminuta Igreja da Comunidade de Ashton, cerca de oitocentos metros acima pela Ladeira Morgan na Rua Poplar, numa cálida e linda manhã de domingo. Já havia pessoas entrando, conversando, rindo e se abraçando como velhas amigas, levando os filhos pequenos pela mão e chamando os maiores para que se apressassem, que o culto já ia começar.

Sara não poupou esforços para certificar-se de que Sally fosse apresentada a todos.

— Oi, Andy, esta é Betty Smith. Edith, como vai? Gostaria de apresentar-lhe Betty Smith, nossa nova pensionista. Cecil, que bom vê-lo passando melhor. Já ficou conhecendo Betty Smith?

Sally sorria e apertava as mãos que lhe eram estendidas, mas com apenas metade de sua atenção. A visão de uma garotinha de vestido domingueiro, segurando a mão da mãe e carregando uma Bíblia, fez aflorar uma lembrança.

Há trinta anos, essa era eu.

Sally podia-se lembrar de usar um vestido bonito e uma fita da mesma cor nos cabelos. Podia lembrar-se de carregar uma Bíblia também, presente da senhora que lhe segurava a mão naquela época, sua tutora, Tia Bárbara. A mãe de Sally, perdida no álcool, jamais havia exercido muita influência positiva. Tia Bárbara, por outro lado, sempre a levava à escola dominical. Tia Bárbara levava a religião a sério, e, naqueles dias, Sally respeitava isso. Era bom para a Tia Bárbara, e sim, parecia ser o certo para Sally também.

— Bem, é melhor entrarmos — disse Sara, suas palavras arrancando Sally de chofre ao seu devaneio.

Elas subiram os degraus da frente, passaram pelas portas duplas, e entraram num pequeno vestíbulo onde alguns grupos de pessoas — Floyd fazia parte de um grupo — ainda se atualizavam sobre o que acontecera aos outros durante a semana.

Oh, lá estava o rol de comparecimento à escola dominical pregado na parede. Ela se lembrava disso. Lembrava-se também de sempre trazer uma oferta; era importante naqueles dias.

As pessoas que a cercavam eram de todos os tipos. Algumas se vestiam bem, outras usavam calças de brim; havia pessoas idosas e muitos jovens; havia muitas crianças pequenas por ali, sugerindo uma explosão de bebês na classe média protestante.

Sally depressa teve de admitir a si mesma que, a não ser pelo cristianismo em si, pouco motivo havia para se sentir desconfortável naquele lugar. A falta de trajes aceitáveis podia ter sido uma razão — tinha ela apenas as calças e a blusa e não podia usar a jaqueta por causa dos buracos da faca, sem nem falar da manga que faltava — mas agora percebia que os trajes pouco tinham a ver com a aceitação, como tampouco o tinham os antecedentes étnicos ou a posição social.

Bem... acho que não me sentirei mal

Ela acompanhou Floyd e Sara a um lugar num banco de madeira perto dos fundos e sentou-se. Seus pés podiam tocar o chão. A ultima vez em que se sentara num banco, seus pés balançavam. Isso era quando... Tommy Krebs! Sim, agora ela se lembrava dele, aquele molequinho chato, com o cabelo cortado à escovinha e a caneta de ponta de fibra sem tampa. Ela finalmente o havia delatado e isso lhe

trouxe sossego por algum tempo, mas não antes que ele lhe arroxeasse o joelho. Sim, tudo isso havia acontecido num banco exatamente igual a esse, durante as atividades de abertura da escola dominical. Oh! Qual era aquela canção que ela e toda aqueles outros petizes costumavam cantar? "Sei que Jesus me quer bem, pois a Bíblia assim o diz..." Oh, sim. Aquela canção tinha de estar na lista das dez mais populares do protestantismo americano; obviamente *ela* nunca a esquecera.

Ela tentou descontrair-se, e olhou à volta no pequeno templo às nucas de todas aquelas cabeças. Oh, lá estava o pastor, Hank, encerrando uma conversa e ocupando uma cadeira na plataforma. Agora ele parecia mais um pastor, de terno e gravata, mas ela sabia que jamais se esqueceria daquele sujeito às voltas com o vaso sanitário lá na pensão.

Aquilo se tornava uma experiência e tanto. Havia tanta coisa para ver e relembrar, tantos sentimentos a examinar que ela, em vez de sentir-se entediada, sentia-se cativada.

Mas... o que faço aqui, de verdade? quis ela saber. É apenas por que Sara me convidou?

Não, não de verdade. O convite foi um incentivo tão bom quanto qualquer outro, mas não o verdadeiro motivo. Sally havia desejado estar ali, conquanto apenas agora ela se conscientizasse disso.

É uma questão de curiosidade?

Não, mais que isso. Curiosidade era uma coisa, fome era outra.

Fome? De quê — de lembranças queridas? De nostalgia?

Não, mais do que isso. Era mais como uma sensação persistente de que ela havia completado um circulo após trinta anos e encontrado, tão forte quanto antes, a verdade, um tesouro, uma questão especial do coração que ela já havia possuído, mas perdido. Não podia lembrar-se de sua vida ter sido tão instável durante a infância passada na escola dominical quanto havia sido desde então. Havia algo nas convicções dessa cultura, a certeza sólida de tudo.Talvez isso fosse parte da coisa. Talvez essas experiências de tanto tempo atrás fossem o último chão firme em que Sally tivesse caminhado.

Sim, as coisas eram muito diferentes então.

Sally, Sara e Floyd escorregaram para o lado um tantinho a fim de dar lugar para uma moça sentar-se ao lado de Sally.

— Oi — disse ela, oferecendo a mão. — Sou Bernice Krueger.

— Mm... Betty Smith.— Ela tinha de assegurar-se de se lembrar do nome certo.

— Ela é a nossa nova pensionista — disse Sara.

— Ah, ótimo — disse Bernice. — Você é nova na cidade? — Sim.

— O que a trouxe aqui?

— Oh... apenas viajando.

— E então, quanto tempo faz que chegou?

— Umm... cheguei ontem. — Sally esperava que essa não fosse uma longa entrevista. Resolveu desviar o assunto da sua pessoa. — E então, o que você faz?

— Trabalho para o jornal local. Sou repórter e assistente do editor, e também lavo as xícaras de café e tiro o lixo.

— Oh, isso é interessante.

Bernice riu. — Às vezes, é. Bem, é ótimo tê-la aqui.

— Obrigada.

Houve uma breve pausa. Bernice olhou para a frente e Sally pensou que a conversa havia terminado, mas então Bernice voltou-se para Sally com um pensamento adicional.

— Olhe, se eu puder fazer alguma coisa por você, por favor, avise.

A oferta foi um tanto abrupta e inesperada. Fez Sally querer saber o que aquela Bernice Krueger pensava. *Será que pareço tão miserável assim?* Sally deveras apreciou a compaixão, mas sabia que jamais poderia aceitá-la.

— Obrigada. Não me esquecerei disso.

O culto começou, e foi um verdadeiro estudo no fundamentalismo de classe média. Sally resolveu que seria uma observadora objetiva e tomaria notas mentalmente.

O conteúdo das canções era digno de nota: em todos os casos, a letra falava de amor, culto, adoração e reverência por Deus e por Jesus Cristo, e logo ficou claro, como era de esperar, que as pessoas acreditavam e praticavam com grande convicção os sentimentos expressos nas canções.

À medida que o culto continuava através das canções e depois de um momento para o compartilhar de experiências pessoais inspiradoras, Sally percebeu que era fácil deixar-se apanhar no próprio fenômeno que observava. Gostava dele.

Essas pessoas eram felizes, e embora a forma e o processo de culto parecesse um tanto esquisito e estranho para alguém de fora, Sally sabia e relembrou a si mesma que, perto de suas próprias técnicas de ioga e canalização por transe, esse negócio era inofensivo, normal e positivamente ameno.

Chegou a hora da oração, e o Pastor Busche deu a palavra a quem tivesse pedidos de oração. Um senhor idoso tinha problemas com um músculo repuxado e pediu oração, como também o fez uma jovem preocupada com o marido que "não conhecia o Senhor", um jovem pai que precisava de emprego e uma senhora cuja irmã havia tido um nenê que nascera antes da hora.

Então a moça que trabalhava no jornal, Bernice Krueger, falou.

— Lembremo-nos de orar por Marshall e Kate enquanto estão fora. Acho que as coisas se tornam bem difíceis, e eles encontram muita resistência espiritual.

— Certo — concordou o Pastor Hank — temos todos acompanhado o que acontece. Com certeza oraremos a respeito.

E então o pastor conduziu a congregação em oração, glorificando e louvando a Deus, e depois pedindo que Deus respondesse a todos os pedidos que as pessoas haviam feito.

— E lembremo-nos de Marshall e Kate também, envolvidos em conflito espiritual...

Esse tópico prendeu o interesse de Sally. Conflito espiritual. Puxa! Se essa gente apenas soubesse pelo que *ela* passava.

31

"Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados."

Bernice Krueger leu em voz baixa as palavras de sua Bíblia enquanto Sally acompanhava na Bíblia que havia trazido da casa de Sara Barker. Elas estavam sentadas a uma mesinha isolada no Restaurante do Danny, na rua principal, não longe do *Clarim*. Haviam feito o pedido do almoço, que estava a caminho, e agora, enquanto tomavam café, davam uma segunda olhada no texto que Hank usara para o sermão naquela manhã, alguns versículos de Isaías 53.

Bernice leu o versículo seguinte. "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos."

— Pecado e redenção — disse Sally. Bernice ficou impressionada.

— Certo. Então você sabe *alguma coisa* sobre isto.

— Não, não de verdade. É uma frase que ouvi em alguns círculos, aparentemente uma forma rápida de definir a típica opinião cristã das coisas. Sempre detestamos essa idéia. Bernice tomou um golinho do seu café.

— Quem é esse "nós"? Sally livrou-se da pergunta.

— Apenas uns velhos amigos.

— E o que detestavam a respeito disso?

Sally tomou um golinho do seu café. Era um meio eficaz de conseguir tempo a fim de formular uma resposta.

— A noção de pecado, acho. Já é difícil o bastante qualquer pessoa sentir-se bem a seu próprio respeito, e parecia muito negativo e opressivo ensinar que somos todos miseráveis, imprestáveis pecadores. O cristianismo foi a maldição da humanidade, escravizando-nos e impedindo-nos de alcançar o nosso verdadeiro potencial. — Ela sentiu que precisava limitar aquilo. — De qualquer forma, era o que pensávamos.

— Muito bem, então era isso o que você pensava a respeito da parte do pecado. — Bernice sorriu, e deu umas batidinhas na passagem de Isaias 53 que ainda estava aberta debaixo do nariz de Sally. — Mas você captou a parte da

redenção? Deus a ama, e enviou seu Filho para pagar por esse pecado com sua própria morte na cruz.

Agora Sally se lembrava que a Tia Bárbara e a Sra. Gunderson lhe haviam dito isso.

— Foi o que me disseram.

— Mas voltando ao que a Bíblia diz sobre o pecado, desde quando isso é um choque tão grande? Os seres humanos vêm provando por milhares de anos de que tipo de material são feitos. Ouça, os problemas dos homens não são resultado de política ou economia ou ecologia ou níveis de consciência; a ética corrompida do homem é a causa de seus problemas..

Sally ouviu. Aquilo penetrou. Era uma maneira simples de expressar a coisa, e ela não havia demonstrado a veracidade daquelas palavras em sua própria vida?

— Acho que concordo com você nesse ponto. Mas deixe-me confirmar uma coisa: depreendo que a Bíblia é o padrão ético pelo qual definimos o que é "corrompido"?

Bernice assentiu firmemente com a cabeça.

— *E* o que é bom, o que é justo. Sally ponderou aquilo.

— Sendo esse o caso, imagino que esse padrão nos coloca a todos do lado errado da cerca.

— Acho que você descobrirá que essa idéia é aceitável se for honesta consigo mesma. Já viveu o tempo suficiente para saber do que nós, os seres humanos, somos capazes.

Sally chegou a dar uma risada. — Oh, sim, de fato.

— E aqui está a resposta de Deus para isso. — Bernice apontou as frases e as revisou. — Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores... foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades... o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

— Por quê?

Bernice pensou por um momento.

— Bem, vamos falar de justiça. Você faz alguma coisa errada, vai parar na prisão, certo?

Sally concordou definitivamente.

— Certo.

— Agora, no sentido ideal, deixando de lado todos os buracos legais, existem apenas duas maneiras de sair de lá: mudar as regras de modo que o que você fez não seja errado e assim você não seja culpada, ou pagar o preço.

— Tentei mudar as regras — admitiu Sally.

— Bem, no plano de Deus, regras são regras, porque, se não fossem, não teriam muito valor, e certo e errado não teriam significado. Então, o que sobra? O preço. É aí que entra o amor de Deus. Ele sabia que jamais conseguiríamos pagar nós mesmos o preço, por isso ele o fez por nós. Tomou a forma de homem, tomou sobre si todos os nossos pecados, e morreu numa cruz romana há dois mil anos.

Sally examinou de novo a passagem.

— E então, diga-me: funcionou? Bernice inclinou-se para a frente e disse:

— Julgue você mesma. A Bíblia diz que a consequência do pecado é a morte, mas depois que Jesus pagou esse preço, ele ressurgiu dos mortos no terceiro dia, por isso *alguma coisa* ficou diferente. Ele conquistou o pecado, de modo que conseguiu conquistar o preço do pecado. Claro que funcionou. Sempre funciona. Jesus satisfez a justiça divina naquela Cruz. Ele suportou plenamente o castigo, e Deus jamais precisou entortar as regras. É por isso que chamamos a Jesus de nosso Salvador. Ele derramou seu próprio sangue em nosso lugar, e morreu, e depois ressurgiu do túmulo a fim de provar que havia vencido o pecado e que nos podia libertar. — Agora Bernice começava a ficar emocionada. — E sabe o que me faz vibrar com relação a isso? É que significa que somos especiais para ele; ele realmente nos ama, e nós... temos algum *significado,* estamos aqui por um motivo! E sabe o que mais? Não importa quais sejam os seus pecados, não importa onde estivermos ou em que condição estivermos, podemos ser perdoados, libertos e limpos, uma ficha limpa!

O almoço chegou — duas sopas e duas saladas. Sally sentiu-se agradecida pela pausa na conversa. Deu-lhe uma oportunidade de pensar e indagar.Afinal, quem havia dado àquela mocinha o roteiro? Como é que ela podia dizer tantas coisas que falavam tão diretamente à situação de Sally?

Bem, Bernice frequentava a igreja do Pastor Hank Busche, e *ele* tinha um jeito de acertar o prego bem na cabeça. Sua sugestão de que ela lesse o Salmo 119 fora perfeita, e o sermão dessa manhã sobre Isaías 53 fora apenas um pouco mais da mesma mensagem perfeita feita sob medida, exatamente o que ela estava necessitando ouvir.

Mas ainda existia um problema em tudo isso. Sally comeu um pouco de sua

salada enquanto considerava a próxima pergunta, e depois formulou-a como se fosse um comentário.

— Não me sinto perdoada.

Bernice respondeu: — Você já pediu a Deus que a perdoe?

— Nunca cheguei mesmo a acreditar em Deus, pelo menos não no sentido tradicional.

— Bem, ele existe.

— Mas como posso saber isso?

Bernice olhou para Sally e parecia conhecer o seu coração. Ela respondeu simplesmente:

— Você sabe.

— Então...

Sally deteve-se abruptamente, e comeu um pouco mais de salada. Ela não podia fazer a pergunta que tinha em mente. Pareceria tola demais, infantil demais, como uma pergunta idiota que já havia sido respondida. Mas mesmo assim... ela tinha de ouvir uma resposta direta, algo que pudesse levar consigo sem nenhuma dúvida.

— Bem, espero que seja indulgente e me permita uma pergunta...

— Claro.

— É fácil falar em termos confortáveis, generalizados, genéricos...

— Pode ser tão especifica quanto quiser.

— Será... — Ela se deteve novamente. De onde vinha aquela emoção? Ela a empurrou para baixo com outro bocado de salada. Agora sentia-se bem. Parecia seguro perguntar.

— Será que Jesus morreu por *mim?*

Bernice não respondeu leviana ou frivolamente. Ela olhou Sally nos olhos e deu uma resposta firme, serena.

— Sim, ele morreu por você.

— Por mim, por... — Ela teve de lembrar-se do pseudônimo. — Por Betty Smith? Quero dizer, Bernice, você não me conhece...

— Ele morreu por Betty Smith da mesma forma que morreu por Bernice

Krueger.

Bem, ela obteve a sua resposta.

— Está bem.

Esse foi o último item daquele tópico. Bernice percebeu que sua convidada do almoço se sentia pouco à vontade, e não quis piorar as coisas. Sally temia ter-se aberto apenas um pouquinho demais com uma estranha inocente, e não se atrevia a arriscar arrastar aquela moça simpática para dentro das suas dificuldades.

Bernice recorreu a uma conversa puramente social.

— Então, quanto tempo faz que está viajando? Sally ficou com medo até dessa pergunta.

— Oh... um mês mais ou menos, algo assim.

— De onde é, originalmente?

— Isso tem importância?

Depois dessa, a conversa ficou difícil, e ambas o lamentaram. Exceto por prosa fiada e conversa puramente social, o almoço foi mais importante do que quaisquer outras palavras. As saladas desapareceram, as tigelinhas de sopa foram esvaziadas, os minutos passaram suavemente.

— Gostei de conhecê-la — disse Bernice.

— Acho melhor eu voltar para a casa da Sara — disse Sally.

— Mas, escute... por que não passa pelo *Clarim* quando tiver uma oportunidade? Poderíamos almoçar juntas de novo.

O primeiro impulso de Sally foi o de recusar, mas por fim ela se permitiu relaxar, confiar só um pouquinho, e aceitar o convite.

— Bem... claro, gostaria disso. Bernice sorriu.

— Vamos lá, eu a levarei de carro de volta à pensão da Sara.

***

O velho sítio perto de Baskon havia estado deserto por anos, o celeiro vazio ficava cinzento. Desde que o dono havia morrido, nenhum ser humano jamais fora visto no lugar, nem um som ouvido, nenhuma luz brilhado — exceto por algumas noites a respeito da qual ninguém devia saber.

Nessa noite, o brilho opaco alaranjado de velas aparecia através das rachaduras no revestimento de tábuas e através das trincas na porta empenada pelo

tempo do velho e amplo celeiro. Dentro dele, vozes humanas sussurravam, murmuravam e ribombavam em cantilenas e fórmulas cabalísticas ritmadas.

Havia cerca de vinte pessoas ali dentro, todas vestindo roupões pretos exceto por uma mulher de branco, em pé diante de um grande pentagrama sulcado no chão de terra nua. No centro do pentagrama, duas pernas traseiras tiradas de uma cabra jaziam cruzadas formando um X, e uma vela ardia em cada uma das cinco pontas do pentagrama.

À cabeceira do círculo, a mulher de branco conduzia a reunião, falando em tons baixos e claros, um grande cálice de prata nas mãos estendidas.— Assim como desde o princípio, os poderes serão invocados através de sangue, e a restituição por nossa mão equilibrará a balança.

— Assim seja — entoaram os outros.

— Invocamos os poderes e agentes das trevas a fim de testemunharem esta noite a nossa aliança consigo.

— Assim seja!

Asas demoníacas farfalharam nos caibros enquanto espíritos sinistros, destrutivos, puseram-se a reunir, olhando para baixo com brilhantes olhos amarelos e sorrisos dentuços, espojando-se em toda a adoração e atenção.

Na parte mais alta do telhado, agarrado aos caibros e supervisionando aquilo tudo, Destruidor podia formar silenciosamente com a boca as palavras da cerimônia ao mesmo tempo em que as ouvia.

— Possa a sua fúria ser inflamada contra os nossos inimigos, contra todos os que se opõem. Possa o seu favor estar conosco ao lhes dedicarmos esta oferta.

— Assim seja!

— Que a mulher possa ser encontrada!

— Assim seja!

— Assim seja — concordaram os demônios, trocando olhares.

— Será — disse Destruidor. — Será.

— Que ela possa ser retirada do esconderijo, e esmagada como pó — declarou a mulher.

— Assim seja — entoaram os outros.

Os demônios assentiram com as cabeças e cacarejaram sua aprovação, as asas

vibrando de prazer. Outros espíritos chegaram. Os caibros, palheiro, as empenas do telhado enchiam-se com eles.

— Derrota e divisão para os cristãos, má saúde, má vontade.

— Assim seja.

Destruidor falou rapidamente aos demônios que se reuniam, apontando para um e para outro, designando hordas para cada tarefa enquanto os espíritos murmuravam sua aceitação.

— Possam eles conceder uma decisão do tribunal em nosso favor! Damos-lhes o coração e a mente da Juíza Emily Fletcher!

— Assim seja.

Destruidor correu os olhos à volta de seu grupo e finalmente repousou sobre um espírito mais avultado, pesadão, empoleirado num suporte diagonal. Ele já lidara com tribunais; seria responsável por essa parte.

— E agora... — A mulher levou o cálice de prata na direção dos lábios. — Através de sangue selamos o sucesso dos poderes, a morte de Sally Beth Roe, e a derrota dos cristãos!

— Assim seja.

Todos os demônios inclinaram-se para a frente e esticaram os pescoços,querendo ver. Deram risadinhas, babaram, e trocaram tapinhas e cutucões. Destruidor ficou embriagado de alegria.

A mulher puxou o capuz para trás e tomou um gole do cálice. Quando retirou a taça, a mancha de sangue fresco de cabra permaneceu em seus lábios.

Claire Johanson, a suma sacerdotisa do bando, passou a taça a Jon, que bebeu e passou-a à próxima pessoa, e cada bruxo e bruxa bebeu com o fim de selar as maldições.

A seguir, em coro, os braços atirando-se para cima, bruxos e bruxas emitiram um berro lúgubre: — Assim seja!

— Vão! — ordenou Destruidor com uma batida seca de asas e apontando com um gesto do dedo torto.

Os espíritos saqueadores arremeteram do celeiro, despejando do telhado como a fumaça preta de um incêndio, como morcegos de uma caverna. Dispersaram-se em todas as direções, uivando e cacarejando, cheios de voluptuosa e destrutiva maldade.

***

Na manhã da segunda-feira, o dia da audiência em Westhaven, o pastor Mark Howard ficou grato por ter chegado à igreja antes de todos os outros. Tinha esperança de poder limpar a bagunça antes que qualquer criança da escola a visse.

Ele já havia aberto o prédio da escola e aumentado o aquecimento; portanto o local estava pronto, e ainda tinha quarenta e cinco minutos antes que os pais começassem a deixar ali os seus filhos. Ele dirigiu-se apressado ao porão da igreja, abriu o seu gabinete e agarrou o telefone.

Foi com voz baixa e sombria que falou, quase como se tivesse medo de ser ouvido.

— Bom dia, Marshall. Aqui é Mark. Desculpe acordá-lo tão cedo. Por favor, venha até a igreja imediatamente. Vou chamar o Ben e espero tê-lo aqui também. Sim, imediatamente. Obrigado.

Ele abriu o armário de materiais de limpeza que ficava debaixo da escada e agarrou um esfregão e um balde. Estava tão aborrecido que se esqueceu de que precisaria de uma lata de lixo também. Com o coração disparado, subiu correndo e saiu para a varanda da frente da igreja.

O sangue na porta da frente estava seco. Seria preciso esfregar um pouco para tirá-lo.

Oh! Preciso pegar a lata de lixo! Não, ainda não. É melhor eu esperar até Marshall e Ben chegarem. Espero que eles cheguem aqui antes das crianças. Ó Senhor Jesus, oramos para que o seu sangue derramado cubra e proteja este lugar!

Vamos, caras, depressa! Não posso deixar estas coisas aqui!

Aos pés de Mark, cruzados para formar um X e manchando de vermelho os degraus da igreja, estavam as duas pernas dianteiras de um animal, muito provavelmente uma cabra.

***

Às nove horas daquela manhã, representantes da imprensa, da ACAL, da liga Nacional sobre Educação, e mesmo de algumas igrejas convergiram à Sala 412 do Tribunal Federal em Westhaven, o tribunal da Meritíssima Emily R. Hetcher.

Wayne Corrigan e Tom Harris já se encontravam sentados à mesa da defesa; Gordon Jefferson e Wendell Ames, advogados de Lucy Brandon, estavam sentados e prontos para o combate, com Lucy sentada entre os dois. Na primeira fileira da tribuna, o Dr. Mandanhi esperava para depor.

O repórter Chad Davis, do Noticiário do Canal Sete, KB2T, estava presente, rondando por ali em busca de qualquer petisco ou comentário noticioso, enquanto Roberto Gutierrez arrumava a câmara de televisão.

John Ziegler também se encontrava presente, e Paula, a fotomaníaca, já havia tirado algumas fotos — sem ser convidada — de Tom e Corrigan.

A meirinha colocou-se de pé.

— Levantem-se todos. O tribunal está agora reunido, presidido pela Meritíssima Emily R. Fletcher.

A juíza ocupou o seu lugar atrás da bancada.

— Obrigada. Por favor, sentem-se.

Eles se assentaram. Até ali as coisas iam exatamente como da última vez, e da mesma forma que da última vez, a juíza encarapitou seus óculos de leitura sobre o nariz e examinou os documentos que tinha diante de si.

— A defesa requereu a audiência de hoje a fim de ser determinado se a criança neste caso, Amber Brandon, deveria ou não ser isentada de qualquer depoimento ou testemunho. É do conhecimento do tribunal que os advogados de acusação se opõem enfaticamente a qualquer depoimento ou testemunho por parte da criança, e portanto foi requerido que o tribunal se pronuncie sobre a questão.

Ela ergueu os olhos e pareceu apenas um tantinho impaciente com o assunto todo.

— Sr. Corrigan, por favor, prossiga. Corrigan ergueu-se.

— Obrigado, Meritíssima. Nosso pedido é bastante simples, e nada irregular. A queixa contra o meu cliente inclui acusações de perseguição, discriminação e comportamento religioso chocante. Mas permita-me relembrar ao tribunal que até agora, nenhum testemunho relacionado a essas acusações partiu da principal testemunha da acusadora, a própria Amber, mas sim de segunda mão, através da mãe de Amber, Lucy Brandon, e da testemunha perita da acusadora, o Dr. Mandanhi. Solicitamos diversas vezes falar com Amber, fazer com que nosso próprio psicólogo a visite de modo que as opiniões do Dr. Mandanhi possam ser contrabalançadas pelas de outro perito. Mas o advogado da acusadora tem-se recusado terminantemente a cooperar, e estamos preocupados por achar que o direito que meu cliente tem de confrontar o seu acusador esteja sendo infligido. Além disso, sem oportunidade de questionar Amber e ouvir o seu testemunho por nós mesmos, não temos garantia de que o testemunho indireto vindo através da Sra. Brandon e através do Dr. Mandanhi não esteja de alguma forma colorido, modificado ou enfeitado.

— Os advogados acusadores têm insistido que Amber está numa condição delicada demais, numa idade frágil demais para passar pelo depoimento ou por um julgamento no tribunal. Mas podemos assegurar-lhes que não recorreríamos de forma alguma a táticas ríspidas.

— Também o registro mostra claramente que Amber é uma criança voluntariosa e que declarou fatos conflitantes, mesmo para a mãe. Além disso, a mãe de Amber testemunhou no depoimento que existem outras influências afetando a vida de Amber às quais ela foi exposta fora da escola. Apenas a própria Amber pode responder às muitas perguntas não respondidas que afloram nessas áreas.

— Tudo o que estamos solicitando é ser-nos permitido ouvir os detalhes da própria Amber, e que o nosso próprio psicólogo tenha permissão de examinar Amber a fim de confirmar ou refutar as conclusões do Dr. Mandanhi.

Corrigan tomou o seu lugar, e a juíza deu a palavra a Wendell Ames.

Ames não era tão empolgante de observar quanto o mais jovem Jefferson, mas irradiava uma dignidade de experiência que era em si mesma persuasiva.

— Meritíssima, todo este caso está sendo trazido ao tribunal por causa do severo prejuízo causado a uma criança inocente, cuja extensão é claramente mostrada nos depoimentos e nos relatórios do Dr. Mandanhi. Como advogados da acusadora, desejamos corrigir um erro, reparar uma injustiça, e de alguma forma desfazer o dano que foi causado. Nunca foi nossa intenção, como seres humanos responsáveis, apenas aumentar a dor de Amber, fazendo-a passar pelo processo de julgamento, trazendo à tona todas as suas antigas feridas, e tornando públicas as suas dores.

— Apresentamos um parecer adicional do Dr. Mandanhi, detalhando pata o tribunal o atual estado emocional de Amber e estabelecendo que não seria no melhor interesse dela ser obrigada a testemunhar ou prestar um depoimento. Se o tribunal assim o exigir, o Dr. Mandanhi está aqui para testemunhar em pessoa quanto à fragilidade do estado de espírito e das emoções de Amber nesta ocasião.

A juíza Fletcher olhou para o Dr. Mandanhi e depois para Ames.

— O doutor teria outras declarações a fazer que não estão incluídas em seu parecer escrito?— Estou certo de que ele poderia esclarecer para o tribunal quaisquer itens que o tribunal possa precisar que sejam esclarecidos.

A juíza examinou rapidamente o relatório de Mandanhi. — Acho que está bastante claro. Qualquer outro testemunho oral muito provavelmente seria cumulativo.

— Muito bem.

— Alguma coisa mais?

— Sim. Embora existam fortes argumentos nos dois lados, seria a nossa esperança que o bom senso e a decência falem mais alto e mais persuasivamente do que qualquer argumento, e que o tribunal poupe a essa criança inocente a dor e a tristeza de reviver as suas mágoas, de enfrentar o desafio e a duvida da defesa, de ser colocada em exibição, por assim dizer, em tribunal aberto.

— Compreendemos o processo legal, naturalmente. Compreendemos que o acusado realmente tem o direito de confrontar aquela que o acusa. Mas relembramos ao tribunal que estamos diante de um caso de abuso infantil, um fato que os acusados já admitiram.

— Protesto — disse Corrigan. — A defesa não admitiu tal coisa. Ames respondeu:

— Meritíssima, eu simplesmente me referia àquilo que já foi estabelecido, que surras realmente ocorrem na escola, e que a escola realmente ensina doutrinas difusas e inoportunas...

A juíza estava um tanto impaciente.

— Os depoimentos são claros com relação ao que a escola pratica e ensina, Sr. Ames. Se os acusados desejarem defender suas práticas, isso de forma alguma constitui admissão de culpa. Sustento o protesto.

Ames reuniu seus pensamentos e continuou.

— De qualquer forma, Meritíssima, afirmamos que Amber é uma criança de tenra idade que precisa ser protegida. Essa é, afinal, a motivação por trás desta ação judicial em primeiro lugar. Dado isso, devemos pleitear que o tribunal poupe a Amber qualquer outra dor e trauma mediante decisão de que ela não precisa depor e que não precisa testemunhar, nem passar por algum outro exame extenuante por mais outro psicólogo.

Ames sentou-se.

A juíza olhou para Corrigan.

— Alguma coisa mais? Corrigan levantou-se.

— Suponho que poderia ser eficaz apontar o motivo pelo qual nada mais tenho a dizer. Se, conforme argumentam os acusadores, Amber Brandon está num estado de espírito e de emoção tão lamentável que simplesmente deve ser impedida de testemunhar ou participar de um julgamento, só nos resta ter de aceitar a palavra do

senhor advogado a esse respeito, sem ter como descobrir quanto essas alegações são verdadeiras. Amber poderia de fato estar numa condição tão má assim, mas jamais poderíamos confirmar isso. Os acusadores poderiam estar conduzindo uma dissimulação esperta, proposital, mas jamais poderíamos saber isso também. Os advogados da acusadora obviamente acham que sabem tudo o que precisam saber a respeito de Amber e aquilo pelo qual ela alega ter passado nas mãos dos acusados, mas o acusado e seu advogado não sabem virtualmente nada além de boatos filtrados que nos foram fornecidos até agora. Sem Amber, estamos sendo restringidos, responsabilizados pela apresentação de uma defesa persuasiva, mas proibidos de chegar ao verdadeiro cerne da questão, à verdadeira fonte dessas reclamações. Repito mais uma vez, não queremos ferir Amber de forma alguma ou aumentar o seu trauma — se houve algum trauma. Simplesmente desejamos chegar aos fatos de forma que possamos preparar-nos para responder às acusações. A senhora tem o nosso resumo quanto à lei que mostra que Amber tem de ser colocada à disposição.

Corrigan sentou-se, e a juíza olhou para Ames e Jefferson.

— Alguma outra coisa?

— Não, Meritíssima — disse Ames.

— O tribunal entrará em recesso, então, e se reunirá de novo às duas da tarde para a minha decisão.

— Levantem-se todos — disse a meirinha, e todos se levantaram, e lá se foi a juíza.

Tom sussurrou para Corrigan:

— Como acha que nos saímos? Corrigan não se mostrava muito contente.

— Não tenho a menor idéia. Acho que foi o argumento mais fraco que jamais apresentei em favor de alguma coisa. — Ele se irritou, se enfureceu, repassando mentalmente a audiência. — Eu deveria ter enfatizado mais a lei; ela supostamente está do nosso lado... Você viu a reação da juíza ao depoimento de Mandanhi? Aceitou-o como se fosse a absoluta verdade!

— Que tal almoçarmos? — perguntou Tom.

Corrigan acompanhou-o para fora do tribunal, ainda resmungando consigo mesmo.

32

Os espíritos voavam exuberantes, instigados pelo sangue da cabra e pelas blasfêmias, pela fúria e pela conjuração,

pela indignação afoita de Destruidor e pela sede de vitória imediata sobre o sutil Capitão do Exército e seu prêmio, a elusiva Sally Beth Roe.

Infestados por demônios mentirosos, os Warings (Ed e Judy) e os Jessups (Andréa e Wes) se reuniam para o almoço na casa dos Warings para orar e discutir as últimas novidades que haviam acabado de ser transmitidas pela corrente de oração: June Walroth havia acabado de ficar sabendo que Tom surrava regularmente a filha Rute, e que sempre a vestia com mangas compridas a fim de que ninguém descobrisse; outra pessoa — eles não sabiam quem, mas a pessoa tinha de ser confiável — estava preocupada porque o pastor Mark e Cathy tinham alguns problemas conjugais, muito provavelmente porque Mark havia sido infiel anos antes; a escola cristã estava de fato afundada em terrível dívida porque Tom e a Sra. Fields vinham surrupiando parte do dinheiro. Andréa ficou estupefata.

— Você tem certeza disso? Não posso acreditar que a Sra. Fields fizesse uma coisa dessas.

— Bem — disse Judy — você sabe a miséria que ela ganha para dar aula naquela escola? Convenhamos que seria uma verdadeira tentação.

— Mas quem foi que lhes contou sobre isso? Ed mostrou-se relutante em revelar a fonte.

— É .. Bem, deixe-me apenas dizer que é alguém próximo ao conselho da igreja, alguém a quem realmente vim a respeitar, está bem? Mas tudo isto é estritamente confidencial!

Wes ficou zangado imediatamente.

— E por que o conselho não contou ao resto da igreja?

— A pessoa com quem falei está preocupada com a mesma coisa. Ela está num verdadeiro apuro: não deseja violar a confiança do conselho, mas ao mesmo tempo está magoada porque tanta coisa está sendo mantida em segredo.

Judy se manifestou: — Acho que precisamos de uma assembléia da congregação, isso é o que eu acho! Andréa concordou.

— E tirar tudo isso a limpo de uma vez por todas! Ed assentiu com a cabeça.

— Bem, já falei com Ted e June Walroth, e eles estão prontos para uma assembléia.

Wes apenas sacudiu a cabeça e chegou a rir para dar vazão ao nervoso.

— Isso tudo vai ser exposto no julgamento, sabem? De alguma forma, esses sujeitos da ACAL vão desenterrar isso, e vão mover uma ação que deixará a nossa igreja de tanga!

Mexerico, Calúnia e Despeito acharam graça naquilo, e guincharam de tanto rir. No que essa gente não acreditaria?

***

Na escola, a Sra. Fields e Mark haviam terminado de apartar a terceira briga, e agora oito guris — seis que brigavam e dois que os incitavam —haviam ficado retidos no recreio do meio-dia, limpando os quadros-negros, tirando o pó da mobília e varrendo o chão. Havia sido um dia exasperante.

A Sra. Fields deixou-se cair em sua cadeira e soltou um suspiro profundo.

— Pastor, o que está acontecendo por aqui?

Mark queria dizer que estavam sob ataque espiritual, mas esquivou-se a essa resposta por preocupação com a Sra. Fields. Ela era uma mulher sensível, e ficaria aflita ao saber a respeito do que ele havia encontrado nos degraus da frente aquela manhã.

Por fim, apenas pediu-lhe que orasse com ele, e foi assim que passaram sua hora de almoço — entre missões de manutenção da paz no pátio.

***

Sonhando, sonhando... nenezinho... Raquel... rosada e gorducha, rindo...

— Vamos lá, doçura, hora do banho.

A água correndo na banheira, à temperatura exatamente certa. Deixe-a brincar na água corrente.

— Está vendo isso? Não é divertido? Hora de ficar limpinha. Jonas. Ele está chamando.

Agora não. Estou dando banho na Raquel!

Puxando, puxando, arrancando-me do meu corpo... Não, agora não...

Escuridão repentina, flutuando, nenhum sentimento, nenhum som, nenhuma dor, nada além de doce amor, ventura, união... Um longo, longo túnel, uma luz brilhante

no fim, chegando mais perto, mais perto, quase ali, tenho de voltar! O que está acontecendo com Raquel?

PAFT! Uma mão acertou-lhe o rosto!

— Vamos, moça, volte a si! Levante-se!

Água por toda a parte, por todo o chão. Estou sentada nela, estou ensopada. Quem é este sujeito?

— Pode ouvir-me? Levante-se! É um tira! O que está errado?

— Ah, ela está fora, cara, prá lá de Bagdá!

— Onde está Raquel? Onde está o meu nenê?

A banheira, cheia até a borda, transbordando, água por toda a parte, tiras, paramédicos, a senhoria, tudo um borrão.

Um horror agudo, penetrante subindo devagar. O impensável invadiu-lhe a mente.

— Oh, não! Matei o meu nenê!

— Senhora, preciso informá-la dos seus direitos. Tem o direito de nada dizer...

Erguida do chão, segura por braços fortes, as mãos presas atrás de si.

— Onde está o meu nenê?— Tire-a daqui.

— Onde está o meu nenê?

— O seu nenê está morto, Sally. Venha.

A imagem mais rápida, aparecendo apenas por um segundo: um pacotinho sobre a mesa da cozinha, completamente arrodeado por paramédicos, coberto com um pano branco... uma mãozinha cor-de-rosa aparecendo.

— Oh, não! Raquel! Matei o meu nenê! Jonas!

Dor das algemas, os braços retorcendo, ensopada, empurrada para fora da porta.

— Raquel!

— Venha, Sally, vamos embora!

***

AAUU! Sally acordou com um pulo no quarto escuro, quase caindo da cama. Seus quatro companheiros atormentadores a cobriam totalmente.

Para sempre, para sempre, dizia Desespero, será condenada para sempre. Você é o que é, jamais pode mudar isso.

Loucura manifestou-se com vigor renovado: Sabe, tudo está em sua própria mente retorcida. Você é uma mulher muito doente!

A Morte sempre a segue, disse Morte. Tudo o que você toca, tudo o que você ama, simplesmente morrerá.

E vão apanhá-la por isso! disse Medo. Todos os espíritos que você já traiu estão esperando para apanhá-la!

Sally virou de lado e enterrou o rosto no travesseiro.

— Ó Deus, ajude-me!

Ele não pode ajudá-la... você o ofendeu, ele nunca a ouvirá... você é nossa agora...

Sally olhou na direção da janela. A luz do dia ainda era visível em torno das beiradas da cortina fechada. Olhou o relógio ao lado da cama. Quatro da tarde. Deixou-se cair de costas e tentou acalmar-se, fazer o coração estabilizar-se, respirar mais devagar.

Disse a si mesma: Calma, garota, foi tudo um sonho, um pesadelo. Acalme-se.

Seu coração ainda batia com força e o rosto brilhava de suor. *Que beleza de soneca esta acabou sendo; sinto-me pior.*

Ela tentou analisar tudo. Sim, o sonho foi como uma fita de vídeo; foi assim que aconteceu. Não tinha tido uma lembrança tão nítida assim em anos. *Oh, Deus, o que foi que fiz, o que foi que fiz? Como pude permitir que isso acontecesse comigo, com a minha filha?*

Jonas, o meu conselheiro e amigo maravilhoso, meu espírito guia infinitamente sábio!

Pensar naquele espírito deixou-a nauseada.Confiei nele! Dei-lhe a minha vida, meus pensamentos, meu espírito, minha mente, e agora... agora descubro quanto era maléfico. Ou é.

O mal. Bem, aí está outro absoluto. Jonas é um espírito incrivelmente maléfico, e ninguém vai-me convencer do contrário.

O que tinha acabado de ler? Ela rolou devagar da cama, plantou os pés no chão, e foi até a janela. Abriu a cortina e teve de entrefechar os olhos à luz do dia que inundou o quarto. Ali, na mesa debaixo da janela, estava a Bíblia de Sara, ainda

aberta no Evangelho de Marcos. Ela havia apenas começado a ler antes de sentir-se sonolenta e deitar-se. Havia lido algo que lhe falara ao coração e na hora ela mal havia prestado atenção.

Sentou-se à mesa e examinou a passagem novamente. Ali estava, no primeiro capítulo: "Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou:

Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para prender-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!

Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai desse homem.

Então o espírito imundo, agitando-o violentamente, e bradando em alta voz, saiu dele.

Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? uma nova doutrina! com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!...

À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados.

Toda a cidade estava reunida à porta.

E ele curou muitos doentes de toda a sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era"

Demônios. *São demônios*. Sally acreditou. Ela nunca havia dado muito crédito a essa tal Bíblia desde os dias em que frequentava a escola dominical, mas naquele exato momento, sentada naquele quarto, tendo acordado de uma lição tão clara quanto poderia pedir, ela acreditou no que esse livro dizia acerca dessas entidades espirituais. A coisa toda era uma impostura, um logro, uma trapaça. Essas coisas eram tão maléficas quanto o mal podia ser.

Onde está aquele caderno? Preciso escrever para o Tom.

***

Tom, você já sabe isto, e é o motivo pelo qual está em toda essa dificuldade, mas deixe que eu, que já estive no outro lado, lhe assegure de que você está certo. Amber Brandon realmente entrou em contato com um espírito guia, e agora essa coisa lhe está controlando a vida, os pensamentos, o comportamento. Eu tinha Jonas, agora Amber tem Ametista, e se eu não o disse com suficiente clareza antes, deixe-me dizer claramente agora, porque agora sei claramente: esses espíritos são maléficos; estão a fim de nos destruir. Veja só o que Jonas fez comigo. Não o culpo

inteiramente; pedi-lhe que entrasse na minha vida, dei-lhe minha mente e meu corpo. Mas descobri tarde demais qual era a sua verdadeira natureza.

E o que dizer de Amber? Suponho que para ela era tudo divertimento e brincadeiras no começo. Agora tenho quase certeza de que ela está envolvida em algo do qual preferiria estar livre, mas não pode escapar-lhe. Para falar a verdade, eu não estou certa de ter-lhe escapado.

Mas se o Evangelho de Marcos estiver certo, e esse seu Jesus tem autoridade sobre esses espíritos e pode salvar as pessoas do seu poder, então espero que tenha fé suficiente no seu Salvador para obter-lhe ajuda.

E, Tom, quando estiver fazendo isso, por favor, diga uma palavrinha em meu favor.

***

Os espíritos de Destruidor morriam de rir ao adejarem para fora do tribunal.

A juíza levantou-se, todos na sala do tribunal se levantaram, e então ela saiu, deixando os advogados da ACAL sentindo-se bem arrogantes, enquanto Wayne e Tom podiam apenas ficar ali de boca aberta.

Corrigan sentia-se tão chateado que mal pôde manter baixa a voz enquanto resmungava para Tom:

— Vamos definitivamente entrar com recurso. Nunca vi uma violação da justiça ou uma negação do devido processo mais óbvios, mais absurdos na minha carreira!

Tom não sabia se ficava com esperança, ou se se dispunha a lutar, ou se desistia, ou se ia para a casa e morria, ou o quê.

— Está bem. Se você acha que funcionará.

— Não sei se funcionará ou não, do jeito que esses tribunais estão ficando tão parciais, mas poderíamos ter mais sorte com outro juiz. Em última instância, isso não tem influência sobre a decisão de apelar. Eu seria tão negligente quanto a juíza se não entrasse com recurso contra a decisão dela. Venha, vamos dar o fora daqui.

Logo do lado de fora da sala do tribunal, Wendell Ames se deliciava à luz dos holofotes e obsequiava os microfones enquanto proferia uma declaração para a imprensa.

— Sentimo-nos certamente satisfeitos por uma pessoa da estatura da Juíza Fletcher reconhecer que crianças de tenra idade ainda precisam de proteção contra os que delas abusam, mesmo num tribunal de justiça...

— Já basta — disse Corrigan. Com uma raiva súbita, pouco característica, ele forçou passagem até o meio do círculo de repórteres. — Senhores e senhoras, terei uma declaração assim que o Sr. Ames tenha completado a sua.

Isso atraiu a atenção deles imediatamente. Estavam famintos. Inundaram-no de perguntas, muitas delas bem tendenciosas.

Ele se livrou de todas as perguntas e disse o que desejava dizer.

— Em primeiro lugar, corrigindo o Sr. Ames, este caso centraliza-se na liberdade religiosa garantida pela constituição e não em abuso de crianças. Nenhuma admissão de tipo algum foi feita, e tentem contar isso certo quando publicarem suas histórias. Se dar palmadas numa criança constitui abuso, então vamos colocar metade do país na cadeia agorinha mesmo!

— Em segundo lugar, visto que os advogados da acusadora insistem continuamente em levar este caso a julgamento pela imprensa, deixem-me submeter isto à sua consideração: a) Tudo o que ouvi neste caso foi filtrado através da mãe de Amber e do Dr. Mandanhi, o psicólogo infantil nomeado pelos advogados, e insistimos em que temos o direito de confrontar aquela que nos acusa, que é Amber, e apenas chegar à verdade, b) Não pretendemos ser duros para com Amber ou maltratá-la de jeito nenhum. Aceitaremos restrições razoáveis, e para *esse* fim trabalharemos com o juiz e com os advogados da acusadora.

— Agora quanto a essa decisão da Juíza Fletcher: ela é claramente errônea e absolutamente contrária à lei, e não temos outra escolha que não seja apelar no Tribunal de Recursos sem demora. Agora tentem não modificar muito o que eu disse.

Tendo dito isso, e com outras perguntas ainda sendo berradas na sua direção, Corrigan e Tom saíram às pressas pelo corredor rumo aos elevadores.

***

Em Baskon, a pequena Amber Brandon agia de maneira estorvada e rindo muito quando desceu do ônibus escolar, e tinha provocado tanta confusão lá dentro que a motorista esteve a apenas minutos de dar-lhe um bilhete de reclamação para entregar à mãe. Mas o ponto de Amber chegou primeiro, e por isso a motorista ficou satisfeita em apenas fazer Amber e seus coleguinhas saírem do ônibus.

Os coleguinhas estavam acostumados a ver Amber fazendo o papel de pônei, e alguns tinham até aderido à brincadeira. Mas naquele dia Ametista não era um pônei divertido para se brincar. Ela empurrava os amigos, provocava-os, roubava os seus livros e os jogava por ali, pulava, empinava, dava cambalhotas e caçoava deles.

Todos os amigos de Amber foram para a casa muito zangados com ela, jurando nunca mais brincar com ela.

Mas Ametista apenas continuou rindo e empinando, e não ligou nem um pouco.Era definitivamente a hora de reunir a equipe toda. Aquela noite, Mark e Cathy abriram a igreja e o grupo que formava o núcleo reuniu-se — os Howards, Ben e Bev Cole, Marshall e Kate Hogan, Tom Harris e Wayne Corrigan — juntamente com os presbíteros Don Heely, Vic Savan, Jack e Doug Parmenter, e respectivas esposas. A coisa estava preta. Deus se movia no coração deles e todos podiam sentir a ameaça que vinha de fora. Era hora de levar a obra do Senhor a sério.

Eles se sentaram num circulo fechado nos bancos e alguns trouxeram cadeiras da frente do templo, prontos para comparar notas, falar a respeito, orar por aquilo.

— Achei que deveríamos nos reunir aqui esta noite — disse Mark. — Este parece ser o centro da atenção de Satanás no momento, o centro dos seus ataques. Precisamos orar pedindo uma barreira em volta deste lugar.

— Vamos ao encontro do inimigo! — disse Ben.

— Já está mais do que na hora de fazermos isso! — disse Jack. Mark sorriu, encorajado.

— Quero dizer-lhes que a batalha está ficando pesada lá fora!

— E então, como foi o seu depoimento na semana passada? — perguntou Doug Parmenter.

Mark suspirou; Corrigan revirou os olhos um tantinho. Mark respondeu: — Ames e Jefferson estão armando algum tipo de cilada, isso é óbvio. Foram tão bondosos e contudo...

Corrigan completou o pensamento.

— Tentavam tirar qualquer coisa de Mark que pudessem achar para usar contra ele, jogando verde para colher maduro e fazê-lo cair. — Ele olhou para Mark. — Acho, entretanto, que o senhor se saiu bem, pastor. Saiu tinindo de limpo, e eles não gostaram disso.

— Bem, o Senhor seja louvado por isso. "Aquele que anda em integridade não será abalado."

— É isso ai — disse Bev.

Mark voltou-se para Corrigan de novo.

— Wayne, desde que estamos falando no assunto, por que não nos diz o que vem a seguir no processo legal?

Corrigan parecia um tanto cansado e deprimido.

— Bem, naturalmente Tom e a Sra. Fields estão com hora marcada para depor nas próximas semanas. Mas, enquanto isso, vamos apelar a decisão de hoje no Tribunal de Recursos, e depois teremos de esperar e ver o que acontece. Podemos não ganhar ali também, mas pelo menos isso nos dará um pouco mais de tempo. Vejam bem, este é apenas um pequeno detalhe no total da ação, apenas uma pequena escaramuça numa guerra longa e custosa. — Ele olhou para Marshall. — Temos de esperar que alguma outra coisa surja neste caso. Parece que estamos tão perto!

— Que tal aquele currículo? — perguntou Kate. — Estou convencida agora de que o sistema escolar não nos vai permitir vê-lo sem um pouco de pressão legal de verdade. Eles estão tentando ganhar tempo.

Corrigan assentiu com a cabeça.

— Eu não ficaria surpreso se eles estivessem com a esperança de poder sobreviver ao sistema judiciário e esconder aquele currículo até já estarmos no tribunal. Bem, com a decisão de hoje e o processo de apelo começando, vai ser difícil eles fazerem isso. Vou definitivamente emitir uma ultimação para a apresentação daquele currículo amanhã.

— Quanto a alguma outra coisa surgir — disse Marshall — pode apenas ser que a tenhamos, ou tenhamos uma parte dela, ou um vislumbre de como poderíamos descobrir um canto de uma parte dela. Estou falando da maldição que foi colocada na igreja hoje de manhã.

Bob Heely perguntou:

— Vocês deram parte disso na polícia? Ben replicou:

— Você está brincando? Tenho quase 90 por cento de certeza de que Mulligan está metido nisso! Aquelas pernas de cabra vieram da cabra de Sally Roe, e vocês sabem como o Mulligan tem tentado encobrir aquela tentativa de assassiná-la. Ele tem de fazer parte dessa maldição também, ou pelo menos ajudar seja lá quem for que tiver feito isso.

Jack Parmenter precisou perguntar

— Você tem mesmo certeza disso? Marshall interveio.

— Ainda não. Mas o que estou querendo dizer é que agora temos prova concreta de que existe alguma feitiçaria ou satanismo por aqui, alguma forma de

ocultismo organizada, mas pesada, como um bando de bruxos, uma sociedade secreta, seja lá o que for. E isso significa que existem pessoas — e estou falando em pessoas de aparência normal, gente do dia-a-dia de quem jamais se suspeitaria — que pertencem a esse grupo. E numa cidade deste tamanho, eles podem exercer muita influência e intimidar uma porção de pessoas. Mulligan e Parnell, o legista, podem estar sob o controle dessa gente, ou podem pertencer eles mesmos ao grupo.

— Mas não deixem de notar isto: Seja lá quem forem essas pessoas, indicaram claramente que esta igreja e Sally Roe têm algo em comum: somos seus inimigos, e elas querem nos causar danos. Mataram a cabra de Sally e drenaram o sangue, provavelmente para usar nas suas cerimônias. Agora isso é um ponto de contato para elas, algo que pertenceu à pessoa que desejam amaldiçoar. Tiraram as pernas e deixaram as dianteiras aqui na igreja. Isso nos inclui na maldição que foi lançada contra Sally Roe. Estou adivinhando que as pernas traseiras ainda estão com os bruxos em algum lugar como ponto de contato do seu lado.

— Por que as pernas? — perguntou Corrigan. Marshall adivinhou:

— Bem, não se pode correr muito longe sem elas, e neste momento Sally está correndo, disso tenho certeza.

— Então, ai estão as suas toupeiras novamente, Marshall! Eles tentaram colocar Sally Roe e nós debaixo da mesma maldição; portanto, mesmo que não possamos enxergá-la ainda, tem de haver uma conexão: Sally Roe tem algo a ver com a nossa situação, com este caso, e eles sabem disso.

— Você acertou.

Corrigan fechou os punhos e ergueu os olhos para os Céus em pretenso drama.

— Oh, se ao menos eu pudesse provar tudo isso! Se ao menos soubesse quem são essas pessoas esquisitas!

— Não sei quanto a você, mas eu tenho alguns suspeitos — disse Marshall. — Faríamos bem em dar uma segunda olhada cuidadosa no sargento Mulligan e em Joey Parnell. Eles têm estado perto de toda essa coisa da Sally Roe, e sabemos que Parnell está mais do que apavorado no momento.

Ben foi mais direto.

— Parnell está envolvido, sem dúvida.

— E até colocarei no embrulho Irene Bledsoe, a mulher do DPC, como suspeita. Ela está trabalhando com todo o campo Brandon/ACAL, e está sendo tudo menos objetiva.

— Oh, puxa vida, espero que não! — exclamou Tom.

— Como estão os meninos?

— Vi-os na sexta-feira. Estão se aguentando. O lar temporário parece bem duro, mas pelo menos não estão sob os cuidados diários da Bledsoe. Uma bruxa cuidando dos meus filhos, era só o que faltava!

— E poderia haver ainda mais outro suspeito — disse Mark. Eles voltaram-se para ouvir quem era, mas ele ficou quieto e pensativo, trocando um olhar com Cathy. — Como sabemos que um desses bruxos, ou satanistas, ou seja lá o que forem, não veio parar bem dentro desta igreja? Temos tido dificuldades a mais não poder, e jamais vi tanta divisão em todo o tempo que pastoreei aqui.

Cathy acrescentou: — Sinto que temos de fato algum tipo de veneno operando diretamente entre nós, sem dúvida.

— Isso acontece — disse Marshall. — Eles realmente se infiltram nas igrejas; conhecem todo o linguajar cristão, conhecem a Bíblia, fazem um sério esforço de se fazer passar por cristãos e perturbar as coisas no lado de dentro.

Isso fê-los estacar abruptamente. De súbito, encontraram-se olhando uns para os outros como todos os suspeitos num filme de mistério. Foi uma sensação simplesmente arrepiante. Jack perguntou a Mark e Cathy:

— Alguma idéia de quem seja?

Mark sacudiu a cabeça. Cathy respondeu:

— Não... mas ouçam: temos uma. Temos uma toupeira demoníaca nesta igreja. Sinto que o Senhor me está fazendo ver isso.

Marshall assentiu com a cabeça.

— É uma nítida possibilidade.

Eles ponderaram aquilo apenas por um momento, e depois, sem dizer mais nada, Mark escorregou da cadeira e afundou sobre os joelhos ali mesmo. Os outros fizeram o mesmo. Foi espontâneo. Eles sabiam o que tinham de fazer.

— Ó Senhor Deus, tem misericórdia — orou Mark. — Naquilo em que pecamos, perdoa-nos. Dá-nos sabedoria para saber o que estamos fazendo de errado, e arrependimento desse erro. Tem misericórdia de nós, Senhor Deus, e restaura-nos.

Sua oração continuou, e os outros o acompanharam na oração. Lágrimas começaram a cair, choro incontido diante do Senhor.

Ben orou: — Senhor, ajuda-nos a distinguir essa coisa toda. Protege-nos dos

nossos inimigos, e dá-nos a vitória por aquilo que é certo.

— Pedimos por todas as crianças — disse Cathy. — Esta batalha é delas também, talvez mais ainda do que nossa. Satanás quer as nossas crianças, e simplesmente não podemos permitir-lhe tê-las.

Mark declarou: — Apenas oramos agora para que uma barreira de guerreiros angelicais cerquem este lugar e o guardem. Cerca o teu povo, Senhor, e protege-nos de quaisquer maldições que nos tenham sido atiradas. Imploramos o sangue derramado de Jesus sobre nós, nosso ministério, nossos filhos, a escola...

— Protege Rute e Josias — orou Tom. — Ó Senhor, por favor, protege os meus filhos.

— Dá-nos uma resposta, Senhor — disse Marshall. — Temos palpites e teorias o suficiente para encher um depósito, mas precisamos de uma resposta, algo sólido, algo positivo, e precisamos depressa. Por favor, atravessa as muralhas que o inimigo ergueu; atravessa, Senhor Deus, e traz-nos uma resposta.

— E, Senhor — disse Jack — se existir um invasor em nossa igreja, uma toupeira demoníaca, acorrentamos essa pessoa neste instante, atamos os demônios associados a ele ou a ela, e pedimos, Senhor, que essa pessoa seja exposta.

***

Do lado de fora da igreja, Natã e Armoth colocaram uma barreira, um regimento dos melhores guerreiros que havia para a tarefa, todos de pé ombro a ombro em torno da propriedade da igreja, espadas prontas, alertas, prontos para uma briga.

Tal estava contente com aquele tantinho de progresso.

— Isso deverá manter as coisas em um só pedaço por algum tempo. Agora é tratar de expor aquela toupeira!

— Parece que estaremos prontos — disse Natã, considerando as orações das pessoas no templo.

— Naturalmente — disse Tal. — E quanta bondade da parte de Destruidor ter-se tornado tão afoito. Ele expôs a brecha de que precisávamos!

33

Era manha de terça-feira e o *Clarim de Ashton* estava nas bancas, nas mercearias, nas varandas da frente por toda a

cidade. Antigamente, isso significava que as coisas estariam um tanto mais calmas no escritório do *Clarim;* que Cheryl, a repórter novata, podia relaxar e pôr em dia as propagandas dos clientes; Tom, o homem que colava os artigos, podia ir pescar ou trabalhar em casa no seu quintal, e George, o tipógrafo, podia dormir até mais tarde.

Bem, essa terça-feira as coisas estavam um pouco diferentes. O editor durão e exigente do *Clarim* cuidava de uma missão — cuja natureza ele nunca chegou a explicar claramente — mas isso não significava que haveria qualquer tipo de férias. Na realidade, por Marshall ser tão trabalhador, significava que havia mais serviço do que antes, e Bernice Krueger, agora ocupando o lugar de Marshall, podia ser tão dura, exigente e eficiente quando o patrão.

Por isso, a terça-feira rodava num ritmo animado, todos presentes, trabalhando duro, e Bernice nunca parecia estar em uma sala ou cadeira por mais do que dois minutos de cada vez. Com papéis, galeras ou uma xícara de café na mão, ela constantemente corria à frente a fim de verificar a história de revisão do trânsito que Cheryl tentava arrancar da turma responsável por construção de estradas no município, depois dirigindo-se aos fundos com mais matéria para o George tipografar, depois correndo ao escritório fechado a vidro de Marshall para atender telefonemas, depois correndo à recepção a fim de servir um cliente porque Cheryl se ocupava anotando um anúncio pelo telefone.

Eu vou conversar com a Betty Smith, ficava Bernice a dizer-se. Haja o que houver, quando o meu almoço vier, ou durante o cafezinho, ou alguma coisa, vou sentar-me e conversar com ela; ela deve pensar que sou tão sem educação, convidando-a para vir aqui apenas para ignorá-la!Mas até então, a "Betty Smith" não se sentia negligenciada ou humilhada. Sentava-se na sala do teletipo, vendo as noticias chegarem ruidosamente pelos fios telegráficos. Na última meia hora, essa atividade havia sido interessante — nos últimos minutos, havia sido absorvente. Ela agora tinha uma noticia especial na mão, e devorava as novidades.

"WESTHAVEN — A Juíza Federal Regional Emily R. Fletcher decidiu hoje que uma criança de dez anos, a principal testemunha no tão divulgado caso de abuso infantil da Academia do Bom Pastor, não será obrigada a depor ou ser examinada por psicólogos da defesa, concordando com os advogados de acusação que

questionamento e exame suplementares da criança poderiam ser prejudiciais.

"Citando avaliações peritas oferecidas pelo psicólogo Dr. Alan Mandanhi, a Juíza Fletcher concluiu que o estado mental da criança encontra-se em situação muito tenra e vulnerável devido aos supostos abusos, e que qualquer relato suplementar dos mesmos provocariam danos ainda maiores.

"'Estamos aqui para falar pelas crianças', disse ela, 'e protegê-las de abuso. Não podemos justificar ainda outros abusos no esforço de prevenção do mesmo.'"

Diversos diários de todo o país encontravam-se prontos sobre a mesa para o exame de Bernice quando ela tivesse a oportunidade. Sally apanhou o mais de cima na pilha, um grande jornal do Litoral Oeste. Não encontrou nada acerca do caso na primeira página, mas a segunda página trazia uma história, juntamente com uma fotografia nada lisonjeira tirada de Tom Harris e seu advogado no tribunal. A descrição abaixo da fotografia identificava-os como "suposto abusador de crianças Tom Harris e advogado Wayne Corrigan".

Eram só más notícias para a Academia do Bom Pastor.

Ela encontrou um editorial no segundo jornal. A ACAL não podia tê-lo escrito melhor.

"Este será um caso que estabelecerá precedentes, interpretando o Decreto Federal de Assistência a Creches e Escolas Primárias Particulares, e definindo se o estado pode quebrar o muro de separação a fim de proteger crianças inocentes de danos causados em nome da liberdade religiosa.

"A liberdade de religião faz parte da nossa herança, mas liberdade de religião não significa liberdade para abusar. É a nossa esperança que esse caso estabeleça de uma vez por todas um mandato obrigatório legal e social de que a prática religiosa, embora livre, não deve jamais infringir as leis do estado, mas estar sujeita ao estado para o bem de todos."

Parecia tão virtuoso, tão americano, tão certo! Mas o autor nunca havia encontrado Amber Brandon. Nenhum dos jornalistas do país jamais havia olhado dentro daqueles olhos demoníacos e ouvido aquela voz zombeteira, acusadora. Jamais haviam sido vítimas da ira e ruína que os antigos associados de Sally podiam espalhar. Ao contrário, era como se, na hora certa, estivessem escrevendo, reportando, selecionando e interpretando as mesmas idéias e opiniões, como se o mesmo instrutor a todos houvesse ensinado.

Não posso ficar aqui, pensou Sally. Tenho de continuar. Tenho de terminar.

— Ei, Betty! — Era Bernice, parada à porta parecendo um tanto desgastada.

— Desculpe esta loucura que está havendo por aqui, mas acho que consegui pôr as coisas em dia por enquanto. Você arranjou alguma coisa para fazer?

Sally colocou o jornal sobre a mesa.

— Oh, eu lia o jornal e os itens que vinha pelo telégrafo. É interessante. Bernice podia perceber que ela estava perturbada com alguma coisa.

— Como está passando? Sally evadiu a pergunta.

— Acho que existe um ônibus que parte dentro de uma hora. Preciso tomá-lo.

— Indo adiante tão cedo?

— Será que... Tudo bem se eu ficar com seu endereço e número de telefone? Gostaria de poder entrar em contato com você mais tarde.

— Claro que sim. — Bernice escreveu-os num pedaço de papel.

— Oh, e o endereço do *Clarim* também?

Bernice escreveu aquilo também, e entregou-lho. Então ela olhou por um momento a preocupação nos olhos de Sally.

— Alguma outra coisa que eu possa fazer?

Sally pensou por um momento com um sorriso tímido no rosto.

— Bem... você poderia orar por mim. Nunca se sabe, poderia dar certo. Cheryl chamou lá da frente:

— Bernice, é a Oficina do Jake no telefone...

— Ligo para eles depois.

— Ele vai sair em dez minutos. Precisa falar com você agora. Bernice se sentia obviamente frustrada, e olhou para Sally desculpando-se.

— Ouça, depois deste, chamado vamos simplesmente cair fora daqui. Levarei você para almoçar, está bem?

Sally sorriu. Isso foi tudo.

— Humm... existe um Correio por aqui?

— Claro, apenas dois quarteirões subindo a rua no lado direito. Fica no caminho da rodoviária. Posso deixá-la por ali.

— Ótimo.

— Dê-me um segundo, está bem?

Bernice foi às pressas ao escritório de Marshall e atendeu ao chamado da Oficina do Jake. Jake podia falar e falar a respeito da mesma coisa repetidas vezes como se não tivesse nada mais para fazer com seu tempo e ninguém mais também tivesse.

— Está bem, claro, mudaremos aquele anúncio no jornal de domingo, está bem? — Ele voltou ao início e começou a conversa toda de novo, e Bernice movia os lábios acompanhando as palavras. — Não, escute, você já me disse. Cuidaremos disso para a sexta-feira. — Ele pôs-se a grasnar. — Bem, esse número já saiu, é coisa do passado, não podemos mudar isso agora. — Ela deu com o punho na escrivaninha. Aquele sujeito era impossível! — Está bem, escute, Jake, você conhece os nossos prazos tão bem quanto qualquer um; não me venha com essa! Você terá a mudança na sexta. Sim, é uma garantia. Ei, você não disse à Cheryl que tinha de sair em dez minutos? Está atrasado. Até logo.

Ela desligou e saiu correndo do escritório, agarrando o casaco.

— Muito bem, Betty, vamos dar o fora daqui! Betty?

Ela entrou na sala do teletipo. Betty se fora. Ela saiu para o corredor.

— Cheryl? — Oi!

— Onde está a Betty?

— Ela saiu.

Aquela doeu. A primeira pergunta que Bernice fez a si mesma foi: O que foi que fiz? Puxa vida, é o que não fiz! Aquela pobre mulher. Não a culpo. Não devia tê-la convidado a vir a este hospício!

Ela saiu às pressas para a rua, mas Betty Smith não podia ser vista em parte alguma. O pensamento inicial de Bernice foi o de correr atrás dela, ou pegar o carro e tentar encontrá-la, mas depois esse pensamento se esvaiu enquanto um mais prático tomou o seu lugar *Provavelmente é assim que ela quer que seja. É apenas o seu modo de ser, coitadinha. Ora. Talvez ela escreva ou telefone um dia desses.*

Talvez. Bernice sentia-se péssima.

Ela voltou para dentro.

Tom saiu da sala dos fundos.

— Olhe, o que diz daquele anúncio do Jake? Cheryl falou que você conversou com ele.

— Estamos mudando a redação. Cheryl tem o novo anúncio, por isso diga ao

George para fazer a composição imediatamente.

— Está bem. Mas e aquele concurso de latas de alumino? Tem certeza que deseja que ele apareça na página 3?

Bernice continuou andando pelo corredor, a mente ocupada.

— Primeiro mude o anúncio do Jake, e depois eu darei uma olhada na página 3.

— Bem, eu preciso saber...

— Dê-me apenas um segundo, está bem?Tom rodou nos calcanhares e dirigiu-se aos fundos novamente. Bernice entrou depressa na sala do teletipo consciente de que devia a Tom um pedido de desculpas.

Ela deixou-se cair na cadeira em que Betty Smith havia-se sentado, e tirou um momento para orar. *Senhor, eu podia ter-me saído melhor. Poderia ter-lhe dado meu tempo. Devia ter feito mais para lhe falar sobre o Senhor...* Droga! Que modo tão desagradável de isso terminar!

Seu olhar recaiu sobre a cópia do teletipo sobre a mesa, um item de Westhaven...

Westhaven? Ela agarrou a cópia do teletipo e examinou-a. Sim. Era a última notícia a respeito do caso da Academia do Bom Pastor em Baskon!

***

O guerreiro Triskal estava na sala do teletipo com ela, apenas olhando. Ele tinha as suas ordens, e agora era a hora certa. Ele tocou-lhe delicadamente os olhos.

Muito bem, Bernice. Está na hora de você ver.

***

Bernice viu o jornal aberto na página editorial. Ela viu o editorial. Academia do Bom Pastor. Baskon.

Betty tinha estado a ler a respeito daquele caso! Era por isso que ela parecia tão perturbada, tão calada? Uma mulher sozinha, viajando, evasiva...

Era como se uma facada lhe atravessasse o coração. Marshall não lhe havia falado de uma mulher a quem eles tentavam encontrar?

Ela explodiu da sala e correu ao escritório de Marshall.

***

Bev Cole desligou o aspirador e atendeu ao telefone.

— Alô?

Bernice estava frenética.

— É da residência dos Coles?

— É, sim.

— Marshall Hogan está? Aqui é a assistente dele no *Clarim de Ashton,* Bernice Krueger.

— Oh, ele não está no momento. Posso avisá-lo que ligue para você.

— Bem, com quem estou falando?

— Sou Bev Cole.

— Você sabe alguma coisa a respeito do caso da Academia do Bom Pastor?

— Minha nossa, se sei!

— E aquela mulher que havia sumido? Sabe alguma coisa a respeito disso? — Oh, está falando de Sally Roe? Bernice reconheceu o nome.

— Sim! Ela mesma! Sabe que cara ela tem? Bev tropeçou um tanto naquela pergunta.

— Bem... nunca a vimos em pessoa. Tudo o que temos é um pacote de fotos da policia e dos jornais, e não são muito boas...

— Ela tem cabelo comprido, preto?

— Não, acho que é ruiva.

— E a idade?

— Acho que tem em torno de trinta e seis anos agora.

— Você pode me mandar uma dessas fotos?

— Quer que eu as coloque no correio para você?

— Pode mandar pelo fax? Preciso delas *agora* mesmo. Bev ficou agitada.

— Bem, a única máquina de fax da cidade fica lá na Secretaria da Judy, e Ben saiu com o carro.

Bernice deu a Bev o número do fax do *Clarim.*

— Mande-as para mim imediatamente, assim que puder, está bem? Mande-me tudo o que tiver sobre ela. E faça o Marshall ligar para mim.

— Ei, o que está acontecendo por aí?

— Tenho de desligar. Por favor, dê um jeito de me mandar essa foto!

— Está bem, vou dar.

Bernice desligou e correu ao escritório da frente.

— Cheryl, pegue as suas chaves! Temos de encontrar a Betty! Cheryl soergueu-se de sua mesa, ainda sem saber o que acontecia.

— O que...

Bernice agarrou a bolsa e enfiou nela a mão à procura de suas próprias chaves.

— Vá à rodoviária e veja se ela está lá. Eu verificarei o Correio. Se a encontrar, detenha-a e chame o meu bipe.

Cheryl levantou-se e agarrou o casaco. Ela não tinha idéia do que era tudo aquilo, mas Bernice parecia tão desesperada que tinha de ser importante.

***

Lucy Brandon destravou a porta da frente e ficou para trás a fim de certificar-se de que Amber entrasse.

— Entre, Amber. — Nada aconteceu. — Ametista, entre, e trate de ficar quietinha.

Ametista obedeceu, movendo-se um tanto rígida, o rosto amuado. Ela dirigiu-se à escada na entrada da frente e sentou-se no primeiro degrau, o queixo nas mãos. Então ficou olhando furiosa para a mãe de Amber enquanto Lucy fechava a porta e pendurava o casaco.— Como se atreve a trazer-me para casa! — disse ela por fim numa voz baixa, agitada.

Lucy estava zangada o suficiente a essa altura para enfrentar diretamente essa criatura.

— Tive de fazê-lo, e você sabe disso! A Srta. Brewer recusou-se a deixar você continuar na classe.

Ametista arreganhou os dentes de Amber num rosnado animalesco.

— Ela não sabe o que quer! Primeiro, fui convidada, e agora sou rejeitada! A Srta. Brewer é uma traidora e uma tola!

Lucy inclinou-se bastante sobre Ametista e falou-lhe diretamente:

— E você e um diabrete sujo, destrutivo e desrespeitoso! Ametista rosnou para ela.

Lucy esbofeteou-lhe sonoramente o rosto.

— Não rosne comigo, seu monstrinho! Mas Ametista caiu numa risada diabólica.

— Por que está esbofeteando a sua *filha?*

Lucy murchou um pouquinho. Ela não sabia o que fazer.

— Quero que saia da minha filha. Quero que a deixe em paz! Ametista sorriu com insolência.

— Sua filha é minha. Ela me convidou a entrar, e agora a tenho. Ela é minha. — Então ela apontou o dedo bem no rosto de Lucy. — E você também é minha. Fará o que eu mandar!

Lucy sentiu uma fúria terrível e chegou a erguer a mão, mas teve de parar.

Ametista escarneceu dela.

— Vamos. Esbofeteie-a novamente.

— Não! Não vai fazer isso conosco! — Lucy chamou: — Amber! Amber, acorde! Amber, responda-me!

— Ela não a pode ouvir.

Uma fórmula, uma tradição do passado de Lucy, veio-lhe à mente.

— Em nome de Jesus Cristo, eu lhe ordeno que saia dela! Ametista ergueu as sobrancelhas em pretenso horror.

— Oh, agora você está jogando *esse* nome por aí! Ah! O que Jesus é para você?

Lucy não sabia porque agarrou o corpo de Amber. Foi um ato impensado, desesperado. Ela tentava encontrar a filha nalguma parte daquele corpinho.

— Amber!

PLAFT! Lucy tropeçou para trás, a mão no rosto, atordoada. Como um animal selvagem escapando de uma jaula, Ametista disparou da entrada. O sangue pingava do nariz de Lucy; ela enfiou a mão no bolso à procura de um lenço enquanto corria em volta do canto rumo à sala de jantar, bateu de encontro à mesa, recuperou-se, passou pelo umbral da porta da cozinha. Ela podia ouvir talheres retinindo à sua direita.

Ametista havia aberto a gaveta de facas. Amber segurava uma faca contra a própria garganta.

— Pare ou eu...

Mas essa era a mãe de Amber, furiosa de raiva e instinto maternal. Lucy apertou o braço que segurava a faca e deu-lhe um safanão com tanta força que todo o corpo de Amber ergueu-se do chão enquanto Ametista berrava. Lucy foi de encontro ao balcão atrás de si, machucando a coluna. A mão não soltava a faca.

A gaveta abriu-se com força; facões, facas serrilhadas, utensílios, tudo voou através da cozinha e foi bater com estrépito nas portas do armário oposto.

Ametista rosnava, xingava, cuspia no rosto de Lucy. Sua força era incrível.

Lucy conseguiu fazê-la soltar a faca, que caiu, ficou parada no meio do ar, girou, e dirigiu-se de ponta a Lucy.

— Aauu, Mãezinha! — veio a voz de Amber.

Lucy rodopiou, desviando-se, quando a faca passou por ela e foi enterrar-se no tapete da sala de jantar. Ela caiu ao chão com Amber ainda nos braços.

Amber soltou um berro longo, angustiado de terror.

— Mãezinha... Mãezinha!

Lucy apertou-a contra si. O sangue ainda pingava do nariz de Lucy. Ela o limpou com a mão.

— Mãezinha...

— Eu a amo, Amber. — Lucy chorou de dor e medo. — Estou aqui mesmo, meu bem. Você está comigo.

— Mãezinha, por que faço coisas más?

— Não é você, querida. Não é você.

— Não sei por que sou má!

Lucy segurou-a com força. Por enquanto, ela tinha a filha de volta.

— Psssiuu. Não foi você. Não foi você.

***

Bernice e Cheryl retornaram ao escritório duas horas mais tarde sem nada para mostrar por seus esforços frenéticos. Bernice havia verificado no Correio, mas a funcionária de plantão nada sabia a respeito de alguma mulher estranha ter passado por ali; outra funcionária podia tê-la visto, mas havia saído agora para almoçar. Cheryl deu uma busca na rodoviária e até esperou para ver se a misteriosa Betty Smith aparecia, mas não havia nem sinal dela. Houve, contudo, um ônibus que ia

para o leste e que havia partido apenas momentos antes de Cheryl chegar lá. As duas moças procuraram para baixo e para cima nas ruas que ficavam entre o *Clarim* e a rodoviária, mas Betty Smith/Sally Roe se fora.

Assim que Bernice pôs os pés na porta, Tom e George tinham uma porção de perguntas.

Bernice falou enquanto pendurava o casaco.

— Cole o anúncio de Jake na página 4 e empurre um pouco o quadro do Seguro; apenas tire aqueles anúncios pessoais e os coloque ao lado dos classificados desta vez. Passe a doze pontos em vez de dezesseis para aquela notificação, e troque "uiva" por "late", faremos um trocadilho com isso.

— É — disse George — pensei nisso.

Por enquanto, eles estavam satisfeitos. Bernice averiguou a máquina de fax, aninhada contra a parede do escritório da frente, próxima à copiadora. Eles haviam recebido uma transmissão — a longa resma de papel despejava para fora da máquina e revirava em diversas dobras sobre si mesma no chão. Ela a rasgou cuidadosamente e então encontrou a primeira página.

Cheryl também estava ali a fim de ver. Ali, o olhar vazio acima do número de identidade numa foto policial, estava Betty Smith, vulgo Sally Beth Roe.

— É melhor eu chamar o Marshall — disse Bernice numa voz fraca. — Ele vai me amar por isto.

Cheryl perguntou:

— E Sara Barker? Sally Roe ficou na pensão dela. Talvez ela saiba alguma coisa a respeito dos planos de Sally.

— Ligue para ela.

Bernice entrou em contato com a residência dos Coles em Baskon. Dessa vez, Ben Cole estava lá.

— Você recebeu aquele fax? — perguntou ele.

— Sim, Ben, muito obrigada, e agradeça à Bev também. Preciso falar com o Marshall.

— Bem, ele ainda está fora, à caça de informação.

— Bem, tenho uma para ele. Faça com que ele me chame, está bem? Estarei ou no escritório do *Clarim* ou em casa.

***

Na escola de primeiro grau, o Sr. Woodard era todo sorrisos e amabilidade ao entregar o currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu* por cima do balcão do escritório a Kate Hogan.

— Pronto. Na realidade, não era preciso uma ultimação. Sei que o teríamos achado mais cedo ou mais tarde.

— Bem, nunca atrapalha cutucar a memória de alguém um pouquinho — disse Kate. — Muito obrigada.

Ela dirigiu-se apressada ao carro, a grossa pasta debaixo do braço. Era quase impossível crer que verdadeiramente tinha a posse desse documento. Agora a questão era: será que ele responderia a alguma pergunta ou confirmaria algum palpite?

Assim que entrou no carro, ela abriu o currículo na primeira página.

A publicadora: Centro Ômega para Estudos Educacionais, Fairwood, Massachusetts.

O titulo: Encontrando o Verdadeiro Eu: Estudos em Auto-Estima e Satisfação Pessoal para as Quartas Séries.

As autoras: Dee Danworth e Marian Newman.

Ela leu cada palavra da página da frente, e deu uma olhada rápida nas páginas introdutórias em busca de alguma pista, qualquer coisa que pudesse ligar a Sally Roe. Até ali, nada.

Bem... se estivesse em algum lugar, ela a encontraria. Deu partida no carro e dirigiu de volta à casa dos Coles.

***

Quando Bernice ligou para Hank Busche, estava quase em lágrimas.

— Ela esteve bem aqui, Hank, bem debaixo do meu nariz, e eu não percebi; jamais me ocorreu! A vida dela está em perigo, e nós podíamos tê-la ajudado, e eu a deixei escapar!

Hank ficou igualmente chocado e consternado.

— É incrível. Eu conversei com ela quando estive na casa dos Barkers, e pude sentir um toque do Senhor então. Eu simplesmente sabia que ela estava aqui com uma verdadeira necessidade.

— Temos de orar para que a encontremos, que ela me escreva ou ligue ou *alguma coisa!*

— Vou fazer uns chamados. Faremos alguma coisa começar a acontecer.

***

Triskal e Krioni flutuavam bem acima da cidade de Ashton, suas asas agitando-se impetuosamente, vertendo trilhas ondulantes, faiscantes de luz. As orações começavam por toda a cidade, e o Espírito de Deus despertava mais outras.

— Agora sim — disse Krioni. — Isso deverá fazer diferença em Baskon!

— Esperemos apenas que não seja tarde demais! — comentou Triskal.

***

Em toda a cidade de Ashton, com um propósito único, os santos se ajoelharam onde quer que se encontrassem — ao lado das camas, próximos a sofás e cadeiras nas salas de estar, numa garagem perto de um calhambeque, próximos ao televisor que havia sido desligado naquele momento importante, sobre uma pia onde havia pratos de molho em espuma. Alguns visitavam amigos, e todos juntos buscaram o Senhor, as crianças de idade escolar pausaram em suas lições de casa para dar uma palavrinha; avós e parentes por todo o pais uniram-se às orações via telefone.

Oraram por essa mulher, essa estranha desconhecida, misteriosa e atormentada que se chamava Sally Roe. Oraram pela sua segurança e para que ela encontrasse fosse lá o que fosse que procurava.

Acima de tudo, oraram para que ela se voltasse para Deus e encontrasse Jesus Cristo.

Oraram por um lugar do qual nunca tinham ouvido falar antes: Baskon. Buscaram o Senhor em favor dos crentes de lá, e pediram um vitória real em sua hora de assédio e luta. Ataram os espíritos demoníacos em nome de Jesus e por sua autoridade, proibindo-os de fomentar mais discórdias entre aquela gente.

Bernice deixou de jantar a fim de poder jejuar aquela noite. Ela passou o tempo sentada no sofá em seu apartamento, orando e esperando que o telefone tocasse. Finalmente, ele tocou em torno das sete horas.

— Alô?

— Bernie, aqui é Marshall.

— Marshall! — Então Bernice engasgou. — Alô?

Ela disse de sopetão.

— Marshall, ela esteve aqui!

Marshall soube imediatamente do que Bernice falava, mas não quis acreditar.

— Estamos falando de Sally Roe?

— Ela esteve aqui, Marshall, bem aqui em Ashton!

— Onde está ela agora?

Bernice encolheu-se no sofá, profundamente deprimida.

— Não sei. Eu não sabia quem ela era até ela ter saído da cidade de ônibus. Ela estava hospedada na casa de Sara Barker...

Bernice contou a Marshall tudo o que sabia: como havia conhecido Sally Roe na igreja, almoçado com ela, e tentado conversar com ela no *Clarim,* mas ficado simplesmente ocupada demais.

Marshall tinha de ser o homem mais frustrado do mundo naquele momento. Bernice podia ouvi-lo tentando esconder, tentando permanecer calmo e educado.

— Temos de encontrá-la, Bernie. Temos de encontrá-la.

— Eu sei.

— Ela disse alguma coisa a respeito do caso?

— Ela o está acompanhando, Marshall. Estava lendo uma cópia do teletipo que chegou hoje, e algumas histórias dos jornais a respeito dele. Ela pareceu bem perturbada com essa última decisão.

Marshall ficou em silêncio novamente. Bernice podia vê-lo mastigando a lista telefônica.— Bem... ela estava coerente?

— Muito coerente, inteligente, eloquente. E acho que muito faminta espiritualmente. Falamos de Jesus e da Cruz durante o almoço no domingo. Ela não pareceu aceitar, mas compreendeu. — Então ela acrescentou: — Mas foi muito evasiva acerca de si mesma. Reservada. Não quis falar de si de forma alguma.

— Isso se parece com tudo o mais que ouvi a respeito dela. Você recebeu aquelas fotos policiais de Ben?

— Sim, pelo fax. É ela.

— Finalmente vi o currículo *Encontrando o Verdadeiro Eu* hoje.

— Puxa vida, não me diga...

— Não digo. Não há conexão visível. Mas o conteúdo é uma confirmação

sólida do que a Srta. Brewer está fazendo com a criançada na classe, juntamente com todo aquele negócio humanista, cósmico de sempre: coletivismo, consciência global, estados alterados, relativismo...

— Todos os ismos de sempre...

— Mas nenhuma menção em parte alguma de que Sally Roe teve qualquer coisa a ver com ele. Por isso ainda não sabemos a que vem toda essa tentativa de homicídio, ou o que Sally Roe tem a ver com este caso, e gastei uma porção de tempo precioso.

— Ela pegou o número do meu telefone e o meu endereço comigo.

— Fora de piada?

— Por isso ainda há esperança.

— Sim, e temos esperança de muita coisa. Continue orando.

— Oh, estamos todos orando por vocês, Marshall, agora mesmo. O grupo todo de crentes daqui.

— Ótimo! Precisamos que alguma coisa surja, e logo, logo!

34

As preces chegaram aos Céus vindas de Ashton, de Baskon, e de todos os lugares intermediários, e foi como se o Senhor

Deus estivesse esperando por esse exato momento, por esse clamor especial do seu povo. Ele pôs-se a mover sua mão soberana.

***

Tal recebeu o relato de um mensageiro na madrugada da quarta-feira.

— Guilo!

Guilo postou-se ao seu lado num instante. A voz de Tal estava tensa de excitação.

— O Senhor falou! Ela está pronta!

— Louvado seja o Senhor! — disse Guilo. — Onde? Quando?

— Ela saiu de Ashton e está quase chegando em Henderson. Será uma questão de horas. Nós a encontraremos lá com tudo o que pudermos arregimentar! Se a pudermos fazer passar antes que Destruidor e seus lacaios a descubram, pode ser que enfim consigamos fazer pender a balança a nosso favor!

Guilo puxou a espada com um retinir metálico e um raio de luz.

— Um momento decisivo!

— Mota e Signa permanecerão aqui como seus guerreiros em estado de prontidão, esperando essa brecha. — Tal sorriu pela primeira vez em semanas. — Até pode ser que eles consigam um pouco de verdadeira ação hoje!

***

Caro Tom,

Cheguei de ônibus cerca das sete horas desta manhã, e imagino que arrumarei um quarto sem demora. Por enquanto, sinto-me bem confortável apenas sentada no Parque Lakeland perto do centro da cidade. O sol está quente, o banco está seco, e o laguinho aqui perto está plácido e cheio de patos.

Eu diria que a cidade de Henderson é um lugar convidativo, mas ela tem de fato algumas vantagens: é uma cidade grande, metropolitana, e portanto fica fácil de a gente esconder-se nela, e tem uma imensa biblioteca no centro, um lugar excelente onde se encontrar certa informação. Vou lá hoje, ou amanhã, ou quando eu terminar

uma questão mais imediata que reclama a minha atenção.

***

Uma questão mais imediata. Sally surpreendeu-se um tanto com seu tom desapaixonado, prático, como se ela fosse datilografar uma carta ou fazer uma compra. Na realidade, estava por entrar num relacionamento que podia potencialmente alterar o curso de toda a sua vida, reestruturar totalmente seu conceito do mundo, e trazer à consideração cada questão moral, cada ato, cada decisão e cada atitude de todos os seus anos anteriores; suas mais profundas cicatrizes e emoções, as áreas mais pessoais e resguardadas de sua vida, estariam sendo expostas. O relacionamento seria um confronto, talvez devastador.

Pelo menos, era isso o que ela esperava do acordo, e por esse motivo havia ponderado a ação a noite toda, pesando os prós e os contras, considerando os custos, testando e eliminando as opções. Tornou-se claro para ela que teria de pagar um preço enorme em termos de ego e vontade própria, e que o acordo traria consigo implicações assombrosas para o futuro. Mas todas as dúvidas foram examinadas e respondidas, cada objeção foi ouvida com imparcialidade, e entre os debates ferozes e acalorados que Sally travou consigo mesma no tribunal de sua própria consciência, ela dormia pensando neles.

Quando a luz do dia espiou pelas janelas do ônibus, ela já havia resolvido em sua mente que, considerando todas as coisas, esse importante compromisso seria a coisa mais lógica, mais prática e mais desejável que podia fazer, as vantagens excedendo em muito as desvantagens.

Fazia silêncio no parque, com poucas pessoas por ali além de uma matrona que levava o seu *poodle* para dar uma volta e alguns jovens executivos correndo ao trabalho. Ela mudou-se para outro banco mais perto do laguinho, totalmente exposto ao sol matutino, e sentou-se, a mochila ao seu lado.

Então ela deu-se uma boa e longa olhada. Vestida de calças rancheiras e uma jaqueta azul, com um gorro de meia na cabeça e uma mochila ao lado, parecia uma nômade sem lar.

E era.

Parecia solitária e sozinha.

E era.

Também parecia pequena e insignificante num mundo muito grande, e isso tinha mais peso em sua mente do que qualquer outra coisa. Como deveria parecer a um Deus grande o bastante para ter criado esse globo enorme no qual ela se

sentava? Como um micróbio na lâmina de um microscópio? Como chegaria Ele a encontrá-la?

Bem, tudo o que estava ao seu alcance era fazer um pouco de barulho, clamar por ele, criar um distúrbio, enviar alguns foguetes de sinalização verbais. Talvez pudesse fazer com que ele a visse ou ouvisse.

Ela colocou o caderno no colo e voltou as páginas até chegar a uma de notas que havia preparado. Agora... onde começar?

Falou baixinho, mal formando as palavras com os lábios. Sentia-se acanhada e estava disposta a admiti-lo.

— Umm... alô. — Talvez ele a ouvisse, talvez não. Ela falou novamente. — Alô. — Isso seria o suficiente. — Imagino que saiba quem sou, mas me apresentarei assim mesmo. Parece a coisa certa a fazer. Meu nome é Sally Beth Roe, e acho que a gente se refere à sua pessoa como... Deus. Ou talvez Jesus. Já ouvi isso ser feito. Ou... Senhor. Compreendo que atende por diversos títulos, e por isso espero que me permitirá tatear um tantinho. Faz muito tempo desde a última vez em que tentei orar.

— Umm... de qualquer forma, gostaria de encontrar-me com o Senhor hoje, e discutir a minha vida e que possível papel o Senhor poderia desejar desempenhar nela. E obrigada desde já por seu tempo e atenção.

Ela olhou fixamente as anotações. Havia chegado até ali. Acreditando que havia prendido a atenção de Deus, ela prosseguiria com o próximo item.

— Para revisar rapidamente qual o motivo desta reunião, acho que o Senhor se lembra da nossa última visita, há aproximadamente trinta anos, na... Igreja Batista de Monte Sião, em Ireka, na Califórnia. Quero que o

Senhor saiba que eu realmente gostava das horas que passávamos juntos então. Sei que não falei nada a respeito disso em bastante tempo, e peço desculpas. Foram horas preciosas, e agora são minhas recordações favoritas. Alegro-me por tê-las.

— Assim, suponho que o Senhor esteja querendo saber o que aconteceu, e porque eu desfiz o nosso relacionamento. Bem, não me lembro do que aconteceu exatamente. Sei que os tribunais me devolveram à minha mãe, e ela não estava disposta a levar-me à escola dominical como a tia Bárbara fazia, e então fui morar num lar temporário, e depois... Bem, qualquer que fosse o caso, nossos tempos juntos simplesmente não continuaram, e isso é tudo... Bem, acho que isso são águas passadas...

Sally deteve-se. Havia algum tipo de despertar ocorrendo dentro de si? Deus

podia ouvi-la. Ela sentia isso; apenas sabia-o de algum modo. Aquilo era estranho. Era algo novo.

— Bem... — Agora ela havia perdido o fio da meada. — Acho que sinto que o Senhor me está ouvindo, por isso quero agradecer-lhe. — Ela conseguiu retomar os pensamentos. — Oh, de qualquer forma, acho que eu era uma jovem enraivecida, e talvez tenha-o culpado por minhas tristezas, mas... de qualquer forma, resolvi que podia cuidar de mim mesma, e assim foi que aconteceu basicamente a maior parte da minha vida. Estou certa de que o Senhor conhece a história: tentei o ateísmo, e depois o humanismo com uma forte dose de evolução incluída, e isso deixou-me vazia e tornou sem sentido a minha vida; então, em seguida, tentei o humanismo e misticismo cósmicos, e eles serviram para muitos anos de ilusões e tormentos sem objetivo, e, para falar a verdade, para o apuro em que estou metida no momento, inclusive o fato de ter sido condenada como criminosa. O Senhor sabe tudo a respeito disso.

Muito bem, Sally, agora aonde vai? É melhor tratar logo do que realmente importa.

— Bem, de qualquer forma, acho que o que tentava dizer é que Bernice, lá em Ashton, estava certa, pelo menos no que diz respeito a Sally Roe. Eu tenho um problema moral. Li um pouco a Bíblia. Umm... é um bom livro... e um belo trabalho — e vim a perceber que o Senhor é um Deus de moral, de ética, de absolutos. Acho que é isso o que "santo" significa. E estou de fato contente por isso, porque então podemos saber onde ficam os nossos limites; podemos saber qual é a nossa posição...

— Estou enrolando, sei disso.

Sally parou para pensar. Como poderia dizê-lo? Exatamente o que era que desejava de Deus?

— Acho... — *Oh-oh. Emoção. Talvez seja por isso que não consigo chegar ao que preciso dizer.* — Acho que preciso perguntar-lhe a respeito do seu amor. Sei que ele existe; a Sra. Gunderson sempre falava a respeito, e também a minha tia Bárbara, e agora tive um curto vislumbre dele novamente em minhas conversas com Bernice e com aquele pastor, Hank, o Encanador. Preciso saber se o Senhor...

Ela parou. Lágrimas se lhe formavam no canto dos olhos. Ela as enxugou e respirou fundo diversas vezes. Isso deveria ser prático, não alguma experiência emocional, subjetiva da qual ela pudesse duvidar mais tarde.

— Desculpe. Isto é difícil. Há uma porção de anos envolvidos, uma porção de emoções. — Outra respiração profunda. — De qualquer forma, eu tentava dizer

que... eu gostaria muito que o Senhor me aceitasse. — Ela parou e deixou que o aperto na garganta melhorasse. — Porque... me disseram que o Senhor me ama, e que arranjou para que todos os meus erros, minhas transgressões morais, fossem pagos e perdoados. Vim a compreender que Jesus morreu para pagar a minha culpa, para satisfazer a sua justiça santa. Umm... aprecio isso. Obrigada por esse tipo de amor.

— Mas eu... quero entrar nesse tipo de relacionamento com o Senhor. De algum jeito. Eu o ofendi, e ignorei, e tentei ser eu mesma um deus, não importa quanto isso lhe possa parecer estranho. Servi a outros espíritos, e matei minha própria filha, e trabalhei muito a fim de desviar muita gente...

As lágrimas vinham de novo. Ora essa. Considerando o assunto em questão, umas lágrimas não seriam impróprias.

— Mas se o Senhor me quiser... se apenas me aceitar, eu estarei mais que disposta a entregar-lhe tudo o que sou, e tudo o que tenho, valha o quanto valer. — Palavras de trinta anos antes vieram-lhe à mente, e captaram perfeitamente os seus sentimentos: — Jesus...

Dessa vez ela não pôde conter as emoções. O rosto corou, os olhos se encheram, e ela teve medo de continuar.

Mas continuar ela continuou, mesmo enquanto a voz falhava, as lágrimas lhe escorriam pelas faces, enquanto o corpo principiava a tremer.

— Jesus... quero que o Senhor entre no meu coração. Quero que o Senhor me perdoe. Por favor, perdoe-me.

Ela chorava e não conseguia parar. Tinha de sair daquele lugar. Não podia permitir que alguém a visse assim.

Agarrou a mochila e apressou-se para longe do laguinho, saindo da calçada e entrando no meio de umas árvores próximas. Debaixo do abrigo das folhas novas e primaveris, ela encontrou uma pequena clareira e caiu de joelhos sobre o chão fresco, seco. Com uma nova liberdade que esse esconderijo trazia, o coração de pedra tornou-se um coração de carne, os mais profundos clamores daquele coração tornaram-se uma fonte, e ela e o Senhor Deus começaram a falar acerca de coisas enquanto os minutos passavam suavemente, despercebidos, e o mundo ao seu redor perdia a importância.Em cima, como se outro sol acabasse de nascer, as trevas se abriram, e raios puros, brancos, atravessaram as copas das árvores, inundando Sally Beth Roe com uma luz celestial, brilhando através do seu coração, seu espírito mais íntimo, obscurecendo seu vulto com um fogo ofuscante de santidade. Lentamente, sem sentir, sem som, ela acomodou-se para a frente, o rosto no chão, o espírito

transbordando com a presença de Deus.

Em toda a sua volta, como raios de uma roda assombrosa, como raios de luz emanando de um sol, lâminas angelicais descansavam no chão, as pontas voltadas na direção dela, os cabos estendidos para fora, seguros nos punhos fortes de centenas de nobres guerreiros que se ajoelhavam em círculos perfeitos e concêntricos de glória, luz e adoração a Deus, as cabeças no chão, as asas estendidas na direção do céu como um jardim florescente e animado de chamas. Eles mantinham silêncio, os corações cheios de temor santo.

Como em inúmeras vezes no passado, em inúmeros lugares, com assombro maravilhoso, inescrutável, o Cordeiro de Deus estava no meio deles, o Verbo de Deus, e mais: o Verbo final, o fim de todas as discussões e desafios, o Criador e a Verdade que sustenta toda a criação — e mais maravilhoso que tudo, e mais inescrutável de tudo, o *Salvador*; um título que os anjos sempre contemplariam e com o qual sempre se maravilhariam, mas que somente a humanidade podia conhecer e compreender.

Ele havia vindo para ser o Salvador daquela mulher. Ele a conhecia pelo nome; e falando-lhe o nome, ele a tocou.

E os pecados dela desapareceram.

Um farfalhar começou na primeira fileira de anjos, depois na seguinte, e depois, como uma onda arremetendo para fora, as asas sedosas de fileira em fileira de guerreiros arrepanhou o ar, elevando um bramido e soerguendo os anjos sobre seus pés. Os guerreiros seguraram as espadas na direção dos Céus, uma floresta de lâminas chamejantes, e puseram-se a bradar em júbilo tumultuado, as vozes ribombando e sacudindo todo o reino espiritual.

Guilo, tão brilhantemente glorificado como jamais o fora, tomou seu lugar acima de todos eles, e brandiu a espada à volta em arcos chamejantes enquanto bradava:

— Digno é o Cordeiro!

— Digno é o Cordeiro! — trovejaram os guerreiros.

— Digno é o Cordeiro! — bradou Guilo mais alto ainda.

— Digno é o Cordeiro! — responderam todos.

— Pois foi morto!

— Pois foi morto!Guilo apontou a espada a Sally Beth Roe, prostrada, o rosto no chão, ainda em comunhão com o seu recém-descoberto Salvador.

— E com seu sangue ele comprou para Deus a mulher, Sally Beth Roe! As espadas ondularam, e sua luz trespassou as trevas assim como um

relâmpago trespassa a noite.

— Ele comprou Sally Beth Roe!

— Digno é o Cordeiro que foi morto — principiou Guilo, e então todos juntos cantaram essas palavras com vozes que sacudiram a terra — de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor!

Então ouviu-se outro rugido, de vozes e de asas, e outro relampejar de centenas de espadas. As asas se firmaram, e os céus encheram-se com guerreiros, rodopiando, gritando, aclamando, adorando, sua luz inundando a terra por quilômetros ao redor.

***

A quilômetros dali, alguns dos demônios de Destruidor cobriram os olhos contra a luz ofuscante.

— Oh, não! — disse um deles. — Outra alma redimida!

— Um de nossos prisioneiros liberto! — lamentou outro.

Um espia rápido, de olhos penetrantes, retornou depois de ter ido ver mais de perto.

— Quem e desta vez? — perguntaram eles. O espírito respondeu:

— Vocês não vão gostar da notícia!

***

Tal e Guilo se abraçaram, saltando, rodopiando, rindo.

— Salva! Sally Beth Roe está salva! Nosso Deus a tem enfim!

Eles continuaram, juntamente com seus guerreiros, a manter forte e brilhante a barreira em redor dela, assegurando que a comunhão da mulher com o Senhor prosseguisse sem perturbação.

O tempo passou, naturalmente, mas ninguém parecia notar ou importar-se.

Mais tarde — ela não sabia quanto mais tarde — Sally pressionou as palmas das mãos contra a terra e ergueu-se lentamente até sentar-se, limpando folhas secas e húmus das roupas e usando um lenço para enxugar o rosto. Ela havia passado por uma experiência incomum, perfeitamente maravilhosa, e o efeito ainda persistia. Uma mudança, uma restauração profunda, pessoal, moral, havia ocorrido, não apenas

em suas percepções subjetivas, mas de fato. Isso era algo novo, algo verdadeiramente extraordinário.

— Então isto deve ser o que eles querem dizer com "ser salva" — falou ela em voz alta.As coisas estavam diferentes. A Sally Roe que havia-se escondido nesse bosque não era a mesma Sally Roe que estava agora sentada nas folhas, uma bagunça trêmula, pasmada, coberta de lágrimas.

Antes, ela havia-se sentido perdida e sem objetivo. Agora sentia-se segura, resguardada nas mãos de Deus.

Antes, sua vida não tinha significado. Agora tinha, com mais propósito e significado ainda para ser descoberto.

Antes, ela havia estado oprimida e sobrecarregada de culpa. Agora estava limpa. livre. Perdoada.

Antes, ela se sentia muito sozinha. Agora, tinha um Amigo mais íntimo do que qualquer outro.

***

Quanto aos seus velhos amigos, os atormentadores...

Fora da barreira, jogados por ali como lixo num depósito de detritos, Desespero, Morte, Loucura, Suicídio e Medo, amuados, estavam nos arbustos, incapazes de voltar. Eles se entreolharam, prontos para um bate-boca se algum se atrevesse a dizer a primeira palavra.

Estavam fora. Vencidos. Acabados. Sem mais esta nem aquela. De alguma forma, assim que ela se tornou filha de Deus, começou a firmar os direitos e autoridade que tinha como tal. Não disse muito, não fez um discurso rebuscado. Simplesmente ordenou-lhes que saíssem da sua vida.

— Ela aprende depressa — disse Desespero.

Os outros cuspiram nele apenas por ter dito aquilo.

***

— Isto é maravilhoso — disse ela consigo mesma, rindo de espanto e êxtase. — Simplesmente maravilhoso!

Tal e Guilo observavam, gozando cada momento.

— A palavra do testemunho dela e o sangue do Cordeiro — disse Tal. Guilo assentiu com a cabeça. — São os dois.

— Capitão Tal! — veio um chamado. Um mensageiro caiu do céu como um meteoro, abrindo as asas de sopetão bem em tempo de pousar diretamente na frente de Tal. — Mota mandou um aviso de Baskon! As orações ocasionaram uma ruptura! Elas abriram uma brecha, senhor! Eles estão prontos para expor o Vidoeiro Quebrado!

Tal riu de contentamento.

— Está ficando bom! A lenha está amontoada, e — ele olhou para Sally — agora temos o fósforo para dar início à queimada! Natã e Armoth!

— Capitão! — responderam eles.

— Sally está pronta. Sigam-na daqui por diante, e certifiquem-se de que Krioni e Triskal sejam avisados a fim de impedir uma invasão de Ashton.Quando ela der início à queimada, toque o sinal para Mota e Signa em Baskon.

— Feito!

— Cree e Si, disponham suas tropas no Centro Ômega. Quando o fogo chegar lá, faça com que chegue até Bentmore.

Eles se foram imediatamente.

— Chimon e Scion, preparem tropas para Bentmore; fiquem de prontidão para enviar o fogo de lá até o Summit.

Eles alçaram vôo e sumiram. Tal voltou-se para o mensageiro.

— Diga a Mota e Signa que eles têm a cobertura de oração e podem prosseguir com o fechamento da armadilha. Depois disso, eles que esperem pelo sinal de Natã e Armoth.

O mensageiro saiu voando com o recado.

Tal colocou um braço fraternal no ombro de Guilo.

— Guilo, a Força de Muitos, está na hora de posicionar as tropas no Instituto Summit!

— IAHAAA! — rugiu Guilo, erguendo a espada para que os outros guerreiros vissem. — Feito!

Tal desfraldou as asas com o som do esboroar de uma onda do oceano. Ele soergueu bem alto a espada, e todos fizeram o mesmo de modo que o Parque Lakeland foi inundado pela luz tremeluzente.

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro!

***

Mota recebeu o recado de Tal, e nada cedo demais. Ele e Signa se escondiam naquele instante nos tubos de ventilação da Fábrica de Portas Bergen, esperando uma oportunidade de atrapalhar o assalto astuto, invisível de Destruidor aos santos de Baskon.

Signa apontava a supervisora Abby Grayson que se movia entre as bancadas de entalhe com a eterna prancheta nas mãos, apenas mantendo as coisas movendo-se suavemente como havia feito nos últimos vinte anos.

— Eles nunca trouxeram suas intrigas e manipulações aqui dentro, pelo menos não tanto a ponto de serem vistas. Abby não tem a mínima idéia do que tem estado acontecendo.

Naquele exato momento, um rapazinho com o rosto cheio de espinhas veio chegando pela passagem principal que atravessava a fábrica, tornando-se alvo de alguns olhares da parte dos operários e parecendo muito pouco à vontade.

— Muito bem — disse Mota, cá vamos nós. Esperemos que os olhos de Abby sejam abertos.

— Vamos, Abby. Preste atenção.O rapazinho chegou até Abby parecendo hesitante, acanhado mas determinado a ter uma audiência com ela. Nenhuma voz podia ser ouvida acima do rugido das máquinas, mas os lábios de Abby não eram muito difíceis de ler

— E então, o que posso fazer por você, Kyle? *Vamos,* disse Signa. *Diga-lhe.*

Dois anjos postaram-se imediatamente ao lado de Kyle Krantz, vestidos como operários — as pessoas não podiam vê-los, mas algum demônio poderia. Kyle — teimoso, muitas vezes pego pela policia, ex-fumante de maconha — precisava de todo o encorajamento que pudesse arrumar. Ele simplesmente se sentia apavorado.

Vamos... instigou-o Mota.

Kyle inclinou-se perto do ouvido de Abby e disse o que tinha a dizer antes que perdesse completamente a coragem. Abby pareceu um tanto perplexa, talvez até chocada ao ouvir o que ele disse.

— Vamos lá dentro do meu escritório — disse ela.

Os dois anjos ergueram o olhar na direção dos tubos de ventilação e fizeram fortes gestos afirmativos com a cabeça.

— Feito! — disse Mota.

— É melhor cercarmos aquele escritório. Aqueles dois precisam conversar! — acrescentou Signa.

***

Apenas meia hora mais tarde Abby Grayson deu um telefonema para Ben Cole do pequenino cubículo que era seu escritório. Ben ainda conseguia ouvir o ruído abafado da fabrica no fundo.

— Ué, oi, Abby! Que surpresa agradável.

— Oh, este mundo maluco é cheio de surpresas. Ouvi dizer que foi despedido. É verdade?

A pergunta parecia um tanto brusca, mas muito do estilo de Abby.

— Bem, sim, é. É uma história comprida...

— Vou torná-la mais comprida ainda. Acabaram de me contar umas informações que você deveria saber.

Ben sentou-se no sofá.

— Pode falar.

— Acabei de ter uma longa conversa com Kyle Krantz — lembra-se dele? Você o pegou algumas vezes por estar com maconha.

— É, certo.

— Ele trabalhava aqui e saía-se bem até ser despedido ontem. O boato que correu entre os supervisores foi o de que ele traficava drogas na fábrica, e temos regras muito severas a respeito desse tipo de coisa, por isso ele foi botado para fora. Mas ele criou coragem e veio ver-me hoje, e... Bem,normalmente eu não acreditaria nele, mas considerando tudo o mais que vem acontecendo, talvez desta vez eu acredite. — Ela hesitou. Ben achou que era melhor ele facilitar as coisas para ela.

— Ei, não se preocupe. Estou por dentro até aqui.

— Ora, Ben... — Ela teve de arrumar coragem para perguntar. — O que você diria se eu contasse que temos uns bruxos na cidade, e até mesmo alguns trabalhando aqui nesta fabrica?

Ben sentou-se ereto, todo o corpo cheio de atenção.

— Eu estaria muito interessado em saber a respeito.

— Então você não acha que é loucura? Eu falei *bruxos*.

A memória de Ben ainda trazia cenas vividas de uma cabra mutilada e das duas pernas dianteiras cruzadas, sangrando, nos degraus da frente da igreja.

— Não, Abby. Temos visto uma porção de coisas estranhas ultimamente. Não acho que seja loucura de forma alguma.

— Então talvez seja melhor ouvir o que Kyle tem a dizer. Você estará livre às quatro horas?

35

Eram mais ou menos quatro e meia, e um vento frio soprava através dos campos há muito negligenciados e infestados

de pragas do velho sítio dos Bensons. A tinta branca da sede se tornava um cinza granulado e começava a descascar como uma queimadura de sol; as janelas, quebradas; as telhas de madeira no teto começando a lascar com o vento. As macieiras e as pereiras na frente da casa floresciam, mas agora erguiam-se rumo ao céu em selvagem profusão de troncos não podados e parasitas feiosos. O sítio dos Bensons havia estado abandonado por tempo excessivamente longo, e simplesmente não sobrevivia, mas desaparecia de maneira inalterável em podridão e ruína a cada estação que passava.

Pesada corrente bloqueava a entrada, e Marshall não pôde dirigir seu carrão adiante. Uma placa de ENTRADA PROIBIDA, pendurada numa corrente, balançava para a frente e para trás ao vento, logo acima do pára-choque do carro.

— É este o lugar? — perguntou ele.

Kyle Krantz, o jovem delinquente que pelo visto não conseguia manter-se fora de apuros, estava sentado no banco ao seu lado, fazendo que sim com a cabeça e parecendo amedrontado. No banco de trás, Abby Grayson e Ben Cole olharam o lúgubre cenário diante de si, e acharam fácil acreditar o que Kyle lhes havia contado a respeito.

Kyle apontou.

— É aquele celeiro lá no fundo. Foi lá que aconteceu.— Pelo que estou vendo, eles invadiam o local como você o fazia? — perguntou Marshall.

Kyle havia-se tornado insensível a declarações tendenciosas como essa.

— Eles estavam aqui, cara. Marshall olhou para os outros.

— Então, acho que também teremos de invadir a propriedade.

Eles saíram do carro e tiraram um momento a fim de examinar o lugar. Por tudo *o* que podiam ver, eram os únicos seres viventes ali. Não havia som algum exceto pelo vento e o ocasional pipilo das andorinhas aninhadas debaixo do beirai da sede.

Marshall abaixou-se para passar pela corrente e os outros seguiram-no. A entrada dava a volta em torno da casa, passava por uma garagem e barracão de

ferramentas, depois abria-se em ampla área coberta de pedriscos nos fundos — um retorno e acesso para maquinário agrícola, suprimentos e gado que já não estavam ali. Na outra ponta dessa área aberta ficava o velho celeiro cinzento, desgastado pela ação do tempo mas intacto, as portas principais fechadas.

— Afinal, o que exatamente você fazia aqui? — perguntou Marshall ao rapazinho.

— Billy e eu procurávamos um bom lugar para dar uma tragada. Sempre fazemos isso porque encontramos bons lugares que ninguém conhece.

— Então esse celeiro deve ter parecido bem convidativo.

— É, naquela hora parecia. Agora não.

— Como foi que conseguiram chegar tão perto sem que ninguém os visse?

— Estava escuro e nos esgueiramos pelo outro lado da casa. Eles não vigiavam para ver se vinha alguém, de qualquer jeito; estavam ocupados demais com todo o seu negócio esquisito.

Eles chegaram à porta.

— Já foi lá dentro alguma vez?

— De jeito nenhum. Eu e o Billy apenas queríamos dar o fora daqui, só isso.

A grande porta abriu-se com um longo rangido de velhice. O interior do celeiro era fresco, escuro e amplo. Ninguém entrou. Marshall esperou que seus olhos se acostumassem à penumbra.

Finalmente todos eles podiam distinguir o chão de terra. Parecia suficientemente comum — apenas terra lisa. Nada viram de extraordinário. Eles olharam para Kyle. Este ficou imediatamente desassossegado e na defensiva.

— Eu vi, cara. Eles estavam aqui.

— Está bem — disse Marshall — mostre-nos o que viu.

Kyle foi ao centro do chão e voltou-se num círculo, o dedo estendido e apontando para o chão.— Eles tinham um grande circulo recortado na terra bem aqui, e um grande pentagrama no meio dele. — Depois ele apontou para um lugar na direção da parede dos fundos. — Havia um grande banco ali, como um altar, e havia sangue sobre ele, e havia cerca de vinte pessoas em pé ao redor de todo o circulo vestindo roupões e com capuzes sobre as cabeças, e estavam todos entoando e gritando, e havia velas em torno do circulo. Eles tinha velas em todas as pontas do pentagrama.

Marshall olhou à volta do celeiro.

— Através de que fendas você e Billy olharam para ver tudo isso? Kyle apontou para o lado do celeiro.

— Bem ali.

A luz do dia era agora claramente visível através de dois grandes espaços entre umas pranchas soltas. Marshall dirigiu-se até onde se encontravam as fendas, agachou-se até o nível delas, e olhou para trás. Deu-se por satisfeito — as fendas forneciam uma visão ampla e clara da área em questão.

— Você disse que eles tinham capuzes nas cabeças?

— É. Roupões pretos e capuzes, e estavam descalços.

— Então como sabe quem eram?

— Porque alguns deles estavam de frente para este lado. Pude ver os rostos deles virados bem para mim. — Kyle se sentia ofendido e nervoso. — Não sei por que não acredita em mim!

Marshall ergueu a mão para acalmar o garoto.

— Ei, eu não disse que não acreditava em você. Mas ouça: você tem motivos mais que suficientes para querer vingar-se de Mulligan, ou qualquer tira que seja.

— Sem nem falar em conseguir de volta o seu emprego — disse Abby.

— Não estou inventando, cara! Vi Mulligan. Ele estava bem aqui, com um roupão de capuz, e entoando como todos os outros.

Ben inspecionava o local onde Kyle alegara que havia existido um altar.

— Marshall.

Marshall reuniu-se a ele. Ben havia arranhado a terra com o dedo e descoberto algumas manchas marrons. Ele conseguiu apanhar alguns torrões de terra manchada nos dedos.

— Poderia ser sangue. Levarei uma amostra.

— Está vendo? — disse Kyle. Marshall perguntou:

— Conte-me a respeito do sangue que viu. O que faziam com ele?

— Bebiam o sangue de um grande cálice, um grande cálice de prata. Passavam o cálice de mão em mão.

— Como sabe que era sangue?

— A mulher disse que era.

— Que mulher?— Bem, a chefe, acho eu. Ela estava de pé bem ali, e disse alguma coisa a respeito de fazer alguma mulher morrer e surrar todos os cristãos. Umm... ela disse: "Derrota para os cristãos!" E bebeu do cálice e passou-o em volta, e todos eles beberam do cálice. — Então Kyle lembrou-se de outra coisa. — Oh, sim, cara, escute isto: eles tinham as pernas de algum animal bem aqui no meio do círculo.

Kyle podia ver que os havia impressionado com essa. Hogan e Cole olhavam para ele, muito sérios e prontos para ouvir mais.

— Conte-me a respeito das pernas de animal — disse Marshall.

— Elas tinham de ser pernas de cabra. Estavam cruzadas bem aqui, como um X. — Ele viu algo. — Ei!

— Espere! — disse Marshall, tocando Kyle a fim de impedi-lo de remexer a terra a seus pés. — Ben.

Ben agachou-se para olhar mais de perto.

— É. Mais sangue. E aqui estão uns pelos.

— Pelos de cabra — disse Kyle. — É isso o que são.

— Então, eles queriam derrotar os cristãos, hein? — perguntou Marshall.

— É, estavam realmente berrando a respeito. — Outra lembrança. — Oh, e diziam algo sobre um tribunal, ganhar no tribunal.

— E estavam atrás de alguma mulher também?

— Isso.

— Falaram o nome dela?

O nome nada significava para Kyle, mas ele se lembrava de tê-lo ouvido.

— Umm, Sally-alguma-coisa.

Ele acertara em cheio agora. Podia ver escrito por todo o rosto deles. Marshall enfiou a mão no bolso do paletó.

— Você viu o rosto de alguma outra pessoa?

— Claro. A chefe tirou o capuz e pude vê-la.

Marshall puxou de dentro do casaco algumas fotografias coloridas que havia tirado com muito cuidado, dissimulação, e uma lente telefoto. Ele mostrou a Kyle

uma fotografia de Claire Johanson.

— É! Sim, era ela!

— A mulher que chefiou essa coisa toda? — Sim.

Marshall mostrou a Kyle uma foto de Jon Schmidt.

— É! Ele também estava aqui.

Marshall fez aparecer uma fotografia de sua irmã.

— Não. Nunca vi essa ai antes. Uma foto de Irene Bledsoe.

— Umm... não, acho que não. O agente Leonard Johnson. — Não.

Bruce Woodard, o diretor da escola de primeiro grau.— Não, não o Sr. Woodard. Cara, onde foi que tirou todas essas fotos? Marshall guardou as fotografias.

— Kyle, acho que você fala a verdade. Agora escute, não sou um tira, e seja lá o que for que me contar não vou repassar para a policia. Apenas preciso de informação. É importante. Quero que me diga toda a verdade: você levou alguma maconha quando foi trabalhar na Fábrica de Portas Bergen?

Kyle ergueu a mão como se estivesse fazendo um juramento.

— Não, juro. Ei, Cole sabe que já carreguei um pouco aqui e ali, mas não no serviço. Meu velho me mataria, e, além disso, não posso ficar sem o emprego.

Abby interveio.

— Então você diz que foi incriminado para ter de ser despedido?

— Isso mesmo. Não coloquei aquela maconha no meu armário. Marshall olhou para Ben e pôde ver que ele se lembrava de um incidente semelhante envolvendo maconha num armário.

— Alguma idéia de quem a colocou lá?

— Quem você acha? Eu a vi lá, e então abri a boca a respeito no refeitório, e ela deve ter descoberto. Ela me lançou uns olhares bem sujos depois daquilo, e então, bam! Foi *ela* quem disse que deveriam revistar o meu armário, e então encontraram a droga. Muito a calhar, sabem?

Ben acrescentou compreensivamente:

— E considerando a sua reputação, não adiantaria muito negar.

— É isso aí. Abby protestou:

— Mas Donna está na fábrica há quase tanto tempo quanto eu. Não posso acreditar que ela faria uma coisa dessas.

— Ela estava aqui — insistiu Kyle. — Bem do lado de Mulligan. Eu a vi, e ela sabe, e é por isso que fui demitido.

Kyle lembrou-se então amargamente:

— Depois o Mulligan vai lá na fábrica e me diz que deixará a coisa passar dessa vez se eu me comportar e "fizer as escolhas certas", disse ele. Sei o que ele fazia. Ele me dizia que ficasse de boca fechada ou seria arruinado de vez.

Marshall reviu tudo mentalmente.

— Então... parece que poderíamos ter um verdadeiro clube aqui: Claire Johanson, Jon Schmidt, o sargento Mulligan, e... Kyle não gostou da hesitação de Marshall.

— Ela estava aqui! Juro! Marshall completou a sentença.

— Donna Hemphile, supervisora de Kyle na Fábrica de Portas Bergen, e membro ativo da Igreja Comunitária do Bom Pastor!Na tarde de quinta-feira, o Agente Leonardo Jackson teve uns visitantes indesejáveis. Ele estava sentado no carro-patrulha, habilmente escondido nas árvores que ficavam na ponta oeste da Ponte do Rio Snyder, apenas vigiando quem passava com excesso de velocidade e tendo um dia agradável aumentando a sua quota de multas, quando subitamente, sem qualquer notificação prévia, um grande carro marrom saiu da estrada e entrou no meio das árvores, encostando bem ao seu lado.

Ora, quem é que poderia ser? Leonardo sentiu-se invadido. Isso era profanação de um lugar santo.

Um preto bonitão abaixou a janela do lado de passageiros do carrão.

— Ei, Leonardo, como estão as coisas? Ben Cole.

Leonardo tentou ser sociável.

— Tudo bem, acho eu. O que posso fazer por você? Ben olhou na direção do motorista do carro.

— Você já conhece o Marshall Hogan?

Leonardo o havia visto pela cidade e nunca se sentira bem com relação a ele.

— Não, não fomos apresentados. Marshall saudou-o:

— Alô, Agente Jackson. — Alô.

Bendisse:

— Gostaríamos de dar-lhe uma palavrinha.

— Bem, estou de serviço...

— Como está a sua quota até agora?

Leonardo percebeu que Ben saberia tudo a respeito daquele serviço, por isso não seria possível blefar.

— Ora... acho que estou indo bem. Já anotei doze até agora. Ben ficou impressionado.

— Ei, você está bem adiantado! Que tal tirar uma breve folga para uma pequena conferência?

— Prometo que vai achar interessante — disse Marshall.

***

No Summit, cinco mensageiros demoníacos reuniram-se do lado de fora das câmaras escuras, mofadas e secretas do Homem Forte, cada um deles com uma mensagem urgente de Destruidor.

O primeiro demônio disse aos companheiros:

— Trago a notícia de que abriram uma brecha no Vidoeiro Quebrado!

Um segundo demônio assentiu com a cabeça em reconhecimento e acrescentou:— Eu trago a noticia de que Hogan e Cole estão prestes a encostar o agente Jackson na parede!

O terceiro demônio arquejou ao ouvir a notícia e rosnou a sua.

— Trago a noticia de que eles irão ver Joey Parnell de novo e podem assustá-lo a ponto de fazê-lo falar!

O quarto disse:

— Trago a noticia de que o pastor Mark Howard está acabando com a divisão em sua igreja neste mesmo instante, e que o Inimigo está curando todo o dano que causamos!

Disse o quinto:

— Trago a noticia de que Sally Roe se...

Oh. O chão tremeu subitamente com um rugido que veio de dentro da toca do Homem Forte. Aparentemente Destruidor e o Homem Forte já sabiam disso.

***

Destruidor não se atrevia a puxar a espada — um movimento agressivo desses só podia aumentar a fúria do Homem Forte. Portanto, ele se atirava de um lado para o outro, agarrando o ar em movimentos violentos e desesperados das asas, os braços cobrindo-lhe a cabeça e a cara, enquanto o Homem Forte o perseguia com a lâmina voando e o punho socando, a boca espumando de fúria, as bochechas sacudindo, o hálito repugnante deixando o ar amarelo.

— Uma inversão! — berrou o Homem Forte. — Ela era nossa, e agora você lhes permitiu ficar com ela!

— Não permiti nada disso! — contraveio Destruidor. — Esperava o momento.

Contradizer o Homem Forte era uma má idéia. Assegurou ao Destruidor uma violenta pancada na cabeça com a parte chata da lamina do Homem Forte.

— Idiota preguiçoso, imóvel, cego!

— Ela é nossa, meu soberano! — gritou Destruidor acima dos rugidos do Homem Forte. — Tal e suas hordas se enfraquecem a cada dia! — *BAM!* Um punho enorme no pescoço. — Logo eles cairão para longe dela como fruta que passou do ponto — Um pé cheio de garras e escamas no traseiro.

— Cairá da árvore, e a tomaremos! — *UUF!* Um joelho no estômago.

— Você ia tirar a cobertura de oração de Tal! — berrou o Homem Forte. — O que aconteceu com isso?

— Como já tentei dizer-lhe, temos estado desbastando-a aos poucos!

— *Desbastando* quando deveriam ter estado picando, espatifando, retalhando, *trucidando!*

— O senhor o verá!

— Desejo vê-la destruída, espírito cheio de si! Faça juz ao seu nome,gabola! Trespasse-a por uma fresta em sua armadura! Deixe que seus próprios pecados a apodreçam!

— Os pecados dela se foram, meu Ba-al! Ela foi à Cruz...

UHAM! Uma asa dobrada contra o meio do corpo. Destruidor revirou e adejou de lado atravessando o aposento.

— NÃÃÃO! — berrou o Homem Forte. — Não mencione *isso!*

— Mas ainda podemos tomá-la... — insistiu Destruidor, embora um tanto

fracamente.

— Não... voltaremos... atrás! — bramiu o Homem Forte, brandindo a espada num arco chamejante e impetuoso a cada palavra. — Tenho um plano... farei como que se desenrole! Deixe que o sangue do Cordeiro derrote os outros... não me derrotará! Espezinharei esse sangue, marcharei à volta dele, atacarei e enterrarei, mas não me renderei a ele!

— Sei que a *tomaremos!* — insistiu novamente Destruidor.

— IAAAA!— O Homem Forte abaixou a espada com fúria imensurável, deixando uma trilha longa e vermelha de luz.

Destruidor puxou sua própria lâmina num instante e aparou o corte afiado com uma chuveirada de fagulhas. A força do golpe jogou-o contra a parede, e o Homem Forte segurou-o ali como uma tonelada de terra caída.

Agora eles estavam cara a cara, os globos amarelos e brilhantes dos olhos quase se tocando, seus hálitos sulfurosos misturando-se em pútrida nuvem que lhes obscurecia as feições. O braço do Homem Forte não se enfraqueceu; ele não diminuiu o peso que imobilizava Destruidor.

— Você o fará — disse ele enfim, a voz um resfolegar baixo e arquejante — ou eu mesmo o atirarei aos anjos... em migalhas!

Com uma explosão de braços, asas, e uma lâmina que parecia ser muitas, o Homem Forte expulsou Destruidor do aposento, e ele revirou em cima dos cinco demônios que ainda esperavam por ele no lado de fora. Eles se curvaram diante dele — assim que conseguiram sair engatinhando debaixo dele.

— Trazemos notícias, Ba-al! — disseram.

— Que notícias? — perguntou ele. Eles lhe contaram.

Ele os picou em pedacinhos.

***

Tom, estou livre. Pude ver aquela Cruz tão claramente, exatamente como deve ter parecido naquele monte nu, desesperançado há dois mil anos, e caí sobre o rosto diante dela, tão prostrada com os meus erros, minha jactância, minhas escolhas, meu EU, que não podia erguer-me nem um centímetro. Tudo o que podia fazer era ficar deitada ali, admitindo e confessando tudo e tentando alcançar aquele pedaço de madeira grosseiramente esculpido como alguém que se afoga tenta alcançar um salva-vidas, e agarrando-o como se minha própria vida dependesse dele.

E como posso descrever o acontecido? Peço desculpas, mas as palavras não

captarão a experiência: eu nada tinha para oferecer-lhe, nenhum incentivo para que ele me perdoasse, nem mesmo o mais insignificante item de valor com o qual negociar ou persuadir. Tudo o que eu tinha era o que eu era.

Mas ele me aceitou. Fiquei tão surpresa, e depois aliviada, e depois, com a firme percepção do que havia acontecido, extasiada! Minha oferta — nada além de minha pessoa, Sally Beth Roe, miserável, deficiente e instável—foi aceita. Eu era o que ele sempre quis antes de tudo, e ele me recebeu. Ele tirou o peso do meu coração, e pude sentir que se fora; pude simplesmente sentir tudo sendo tirado de mim e precipitando-se para aquela Cruz. Senti-me tão leve que achei que podia ser carregada pela menor brisa.

Consegui erguer a cabeça, e então vi a conclusão da nossa transação: um fio de sangue escorrendo pela madeira e formando uma poça no chão. O pagamento. Uma visão muito medonha, um pensamento muito incômodo, mas realmente, para dizer a verdade, muito apropriado considerando o que Jesus, o Filho de Deus, havia acabado de comprar.

Estou livre. Estou resgatada. Nunca me senti assim antes, como uma escrava que já nasceu na escravidão e jamais conheceu a liberdade, libertada.

Quero conhecer melhor esse Jesus que me resgatou. Acabamos de nos encontrar.

***

Sally descansou a caneta sobre a escrivaninha do pequenino quarto de hotel, e enxugou umas lágrimas. Ela ainda tremia. Bem ao lado do seu caderno, uma Bíblia dos Gideões jazia aberta no Evangelho de Mateus, capítulo 11:

"Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve."

36

Aquela noite, Marshall e Ben encontraram o legista municipal Joey Parnell em casa, em Westhaven. Como sempre, ele não se mostrou contente em vê-los, nem estava disposto a bater um papo.— Agora saiam daqui e não voltem! — ordenou ele através da abertura de uma fresta da porta da frente.

— Mulligan controla você, não? — perguntou Marshall. Ele sabe a respeito daquele atropelamento do qual você fugiu, e tem estado a usar isso a fim de intimidá-lo.

A porta não se fechou.

— Quem lhe contou acerca disso?

— Uma fonte chegada ao Departamento de Policia de Baskon. Você fez um trato com Mulligan, e ele o teve em seu poder desde então. — A porta começou a fechar-se. Marshall falou depressa. — Você atropelou uma aluna do colegial chamada... umm... Kelly Otis, e Mulligan o encontrou, e você naquele momento trabalhava num caso de suspeita de homicídio, uma mulher que estava de passagem por lá, e Mulligan fez um trato com você: se falsificasse a causa da morte daquela mulher, ele deixaria o caso de atropelamento e fuga passar. Estou certo até aqui?

A fresta da porta alargou-se um tantinho mais.

— E o que é que deseja de mim?

Marshall tentou parecer compassivo apesar da urgência que fazia com que sua voz ficasse tensa.

— Quanto tempo mais quer que isso continue? Você pode ser marionete deles pelo resto da vida, ou pode ajudar-nos a dar um basta nisso.

Parnell ficou silencioso por um momento. Então, abriu a porta o suficiente para dar passagem.

— Entrem antes que alguém os veja.

A esposa de Parnell encontrava-se ao lado dele. Era uma mulher de cabelos escuros, corpulenta e parecia tão perturbada quanto o marido.

— Esta é Carol. Podemos falar à vontade na frente dela; contei-lhe tudo.

— Gostariam de um cafezinho? — perguntou ela mecanicamente. Estava claro que ela não sabia que outra coisa fazer.

— Sim, obrigado — disse Marshall, e Ben também aceitou.

— Vamos nos sentar na sala de jantar — disse Parnell, guiando-os pela casa.

Eles se sentaram em torno de uma grande mesa debaixo de um candelabro que produzia uma luz pálida. A iluminação baixa, sombria parecia combinar com a disposição de Parnell; ele parecia desgastado, cansado, no fim das forças.

Sem deixa ou pergunta, ele começou a falar como se tivesse guardado essa história por anos.

— A mulher que estava de passagem tinha trinta e dois anos de idade e se chamava Louise Barnes — não tinha onde morar, era uma gari sem família. Foi encontrada morta no mato que fica ao lado do Rio Snyder, cerca de dez quilômetros ao norte de Baskon. Lembro-me perfeitamente dos detalhes porque desejo muito esquecê-los.Ele se deteve a fim de reunir os pensamentos e controlar as emoções, depois continuou.

— O corpo dela foi encontrado pendurado de um galho de árvore pelos tornozelos, o sangue drenado. Havia sinais abundantes de assassinato bizarro, ritualista, nos quais não me alongarei. Os caçadores que a encontraram haviam aparentemente assustado os assassinos, que fugiram antes de poderem dispor totalmente do corpo.

— Recebi os restos mortais e terminei a autópsia. Descobri que a causa da morte ela homicídio, naturalmente. Mas então... como você já ouviu falar, envolvi-me num infortúnio perto do colégio quando voltava para casa. Não vi a garota, Kelly Otis, até ela sair de trás de uma árvore e chegar à rua, e... atropelei-a. Diminui a velocidade apenas o suficiente para olhar, para ver que ela ainda estava viva, embora machucada. Outras pessoas corriam para ajudá-la. Eu... simplesmente não podia permitir que o incidente prejudicasse a minha carreira. Havia acabado de conseguir o cargo de legista, e vocês sabem como é o mundo da política, quanto uma reputação pode ser frágil. Fugi.

— O sargento Mulligan veio ao meu gabinete no dia seguinte, e tivemos um encontro particular. Esperava que ele me questionasse acerca do atropelamento, mas ele imediatamente perguntou-me sobre o corpo de Louise Barnes e quais eram as minhas conclusões. Eu lhe disse, e foi então que ele fez a oferta de deixar o incidente de atropelamento e fuga passar, ser enterrado, se eu alterasse minhas conclusões e não reportasse a verdadeira causa da morte.

Parnell apenas fixou o olhar na mesa, o rosto sulcado de dor.

— Aceitei a oferta, registrei a causa da morte como acidental, e foi a pior

decisão da minha vida.

— Houve três assassinatos rituais desde então pelo que estou sabendo, e estou certo de que muitos outros dos quais ninguém jamais ficará sabendo. Dos três que me foram trazidos eu me descartei depressa como mortes acidentais. Eram desconhecidos, possíveis fugitivos. Eu tinha esperança de que ninguém desse pela falta deles, mas que fossem simplesmente enterrados e esquecidos, e foi o que aconteceu.

— Mas, vejam, o sargento Mulligan e seus amigos estariam a vigiar-me. Eu sabia que teria de oferecer um desempenho satisfatório, e por isso, a cada assassinato que eu ocultava, caía mais e mais profundamente sob o controle deles, e é assim que as coisas estão no momento.

Marshall perguntou: — E quem são essas pessoas? *O que* são?

Parnell enfiou a mão num armário e tirou uma pasta, depois colocou-a fechada diante de si, as mãos cruzadas descansando sobre ela. Carol trouxe o café e sentou-se ao lado do marido, colocando-lhe a mão no braço e não dizendo nada.

— Se quiser dar-lhes um nome, pode usar o termo Vidoeiro Quebrado.É um rotulo secreto que eles partilham entre si. São um bando de bruxos, satanistas, ocultistas, seja lá o que quiser. Estão ligados a centenas de outros grupos semelhantes por todo o pais. E se as juntar, essas pessoas dispõem de um poder incrível, na maior parte através do terror.

— E elas são responsáveis por esses assassinatos rituais? Parnell olhou para o telefone dependurado na parede.

— Você deveria saber que neste exato momento eu posso apanhar esse telefone, chamar qualquer um de seis números diferentes, e fazer com que vocês dois sejam mortos dentro de vinte e quatro horas. A outra face disso, contudo, é que existem outros interessados que podem fazer o mesmo chamado a meu respeito, e eu poderia estar morto com a mesma rapidez, e pode muito bem ser que esteja se eles descobrirem que conversei com vocês. Desconhecidos e pessoas que estão de passagem são usados para sacrifícios rituais; pessoas conhecidas e cuja falta seria notada são... Bem, arranjam-se acidentes fatais para elas.

— Pode nos dizer quem pertence a esse bando? Parnell sacudiu a cabeça lentamente para enfatizar.

— Antes de tudo, não conheço todos. Depois, não lhe diria mesmo que conhecesse. Posso apenas confirmar o que você já sabe: que o sargento Mulligan está envolvido, e tem estado há anos. Pelo que sei, ele e alguns outros homens da

loja maçônica local examinaram o Vidoeiro e acharam a transição muito fácil. Como ele tem tanto poder na cidade e é o chefe do departamento que faz cumprir a lei, eles estavam muito dispostos a incluí-lo.

— Pode confirmar Claire Johanson? Parnell hesitou, e depois respondeu: — Sim.

— E o namorado dela, Jon Schmidt?

— Sim, ele participa disso. Ben quis saber

— E toda aquela gente envolvida na comunidade do Círculo Vital? Estão ligados a isto?

Parnell sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Não é para eles saberem a respeito da coisa. Toda aquela gente bem intencionada sendo puxada para dentro do Círculo Vital está simplesmente sendo usada e manipulada; não têm a mínima idéia de que no centro dele está o Vidoeiro Quebrado, e não têm a mínima idéia do que seus líderes estão verdadeiramente tramando.

Marshall perguntou: — E Donna Hemphile? Ela faz parte do Vidoeiro Quebrado?

— Creio que sim. É difícil saber ao certo algumas vezes, pois eles escondem muito bem. — Parnell inspirou a fim de mudar de marcha, depois abriu a pasta. — Aqui está o que realmente querem saber, é tudo o que realmente quero contar-lhes.

Ele distribuiu o conteúdo da pasta sobre a mesa à frente de Marshall e Ben. Com grande interesse, os dois homens examinaram diversas fotos policiais e o prontuário de uma jovem e linda mulher de cabelos pretos.

— Não é Sally Roe, obviamente — disse Parnell. Ben reconheceu-a.

— A morta que encontramos no barracão das cabras.

— Fiz uma investigação por conta própria. O nome dela é Alicia Von Bauer, de vinte e sete anos, satanista, membro do Vidoeiro Quebrado. Podem ver o que diz a sua ficha criminal: mutilação de animais, nudez pública e comportamento pervertido, prostituição, pornografia. Eu poderia acrescentar a essa lista assassinato ritualista, mas quem poderia jamais prová-lo?

Marshall perguntou: — Então você acha que este caso da Sally Roe era outro assassinato ritualista, ou pelo menos uma tentativa?

— Exatamente. Está claro para mim que a morte dela foi arranjada, e

supostamente devia parecer ter sido suicídio.

— É assim que foi registrado pelo menos — disse Ben. Parnell assentiu com a cabeça.

— Com um serviço adicional não previsto: a identificação do corpo de Alicia Von Bauer como se fosse o de Sally Roe. Faço o que mandam, Sr. Cole. Mas obviamente, algo deu terrivelmente errado, e tudo o que posso imaginar é que Sally Roe — ou alguma outra coisa — subjugou a Von Bauer, e Roe escapou.

— Essa é a nossa teoria — disse Ben. Ele apanhou a foto mais recente de Alicia Von Bauer para olhar mais de perto. Os profundos olhos negros pareciam olhar fixamente da foto para ele. Era esquisito.

Marshall perguntou: — Onde está o corpo agora?

— Cremado. Fizemos isso assim que foi possível.

— Dando sumiço na evidência?

— Exatamente.

Marshall não sabia se sua próxima pergunta seria respondida.

— Dr. Parnell, temos bastante razão para crer que essa tentativa de homicídio não e apenas um negócio do Vidoeiro Quebrado. Que me diz do pessoal graúdo com quem Claire Johanson e Jon Schmidt estão ligados? Essas pessoas teriam alguma coisa a ganhar?

— Acho que está no caminho certo. Estou certo de que a ordem para o assassinato veio de alguém que está mais acima.

— Como sabe?

Parnell chegou mesmo a sorrir um tantinho.

— Porque foi a primeira vez que vi o sargento Mulligan amedrontado. Não muito depois de eu ter recolhido o corpo, Mulligan me chamou,perguntando se eu havia encontrado algum objeto de uso pessoal no corpo, e eu não tinha. Dava para perceber que ele sofria pressão de alguém muito acima, muito mais poderoso do que ele ou seus amigos do Vidoeiro Quebrado. Estava desesperado o suficiente para me dizer o que deveria procurar, algo que faltava e que deveria estar lá.

— É — relembrou Ben. — Perguntei-lhe sobre isso. Alguém chegou mesmo a revistar a casa de aluguel.

— E o que havia sumido? — perguntou Marshall.

— Um anel de ouro — respondeu Parnell. — Alguém o tirou do dedo da Von Bauer com óleo de cozinha. Encontrei vestígios do óleo ainda no dedo da Von Bauer. A outra coisa que faltava era dez mil dólares em dinheiro.

Marshall e Ben se entreolharam. Os dois pensaram a mesma coisa. Ben expressou o pensamento.

— Alguém a contratou.

— Quem? — perguntou Marshall. Parnell deu de ombros.

— Eu lhe aconselharia a procurar alguém rico, influente, e muito poderoso.

Ben respondeu: — Uma toupeira bem grande, Marshall.

Marshall não fez nenhum comentário. Naquele momento ele sentia-se subjugado por um medo súbito, arrepiante, que não sentia desde uns anos atrás em Ashton, quando parecia que todo o mal do mundo estava para desabar sobre ele. Uma toupeira? De repente, a analogia era inadequada. O que Marshall sentia era mais como um dragão, um monstro — sombrio, insidioso, esperto, e grande o suficiente para encher o céu, com mandíbulas abertas logo acima deles, caindo para a matança, comprimindo como um torno.

***

Bem longe de Baskon, e ainda escondida de seus inimigos, Sally Roe estava sentada entre as estantes que iam do chão até o teto da biblioteca no centro de Henderson, flanqueada de todos os lados por guardas angelicais invisíveis, e folheando uma lista maciça dos advogados que pertenciam à Ordem Nacional dos Advogados. Ela tinha um palpite, apenas uma hipótese, mas em seu pensamento era a mais forte possibilidade.

Perto do seu cotovelo estava o Volume IV das quatro listas que ela havia roubado da sala do professor Samuel W. Lynch, cujo título completo era: *Uma Continuação da História e Rol da Real e Sagrada Ordem da Nação.* Cada um dos quatro volumes continha cerca de duzentas páginas. A maioria das páginas era dedicada a palavrório cerimonial esquisito, esotérico, ritos e iniciações secretos, atas de reuniões e diretrizes. Pelo menos cinquenta páginas em cada volume eram dedicadas aos nomes dos membros. As páginas de nomes atraíam sua atenção por enquanto; ela havia estado a examiná-las atentamente por horas.

Sally tinha agora outro volume atravessado sobre o Volume IV a fim de mantê-lo aberto na página 68, *A 168ª Irmandade de Iniciados*. Como as 167 páginas neste e nos três volumes que vinham antes, essa página enumerava os nomes dos novos membros que entraram para a Ordem da Nação num ano particular, e continha duas

colunas de quinze nomes cada. A coluna da esquerda continha nomes bizarros, esotéricos como Isenstar, Marochia e Pendorrot. A coluna da direita continha nomes verdadeiros, alguns deles até conhecidos. No começo do último terço da coluna da esquerda, ela havia encontrado o nome pelo qual tivera de olhar através das páginas equivalentes a diversos anos: Exetor.

A princípio, Exetor era apenas uma palavra misteriosa que ela encontrara gravada na parte de dentro do anel que ela havia tirado do dedo da que quase fora sua assassina. Até ter roubado e estudado as listas, a gravação não fazia sentido algum. Quando ela finalmente encontrou a página *68* no Volume IV das listas, fez muito mais sentido. Exetor era um nome ou título secreto, nono na lista de quinze. Diretamente oposto ao nome Exetor, na coluna da direita, encontrava-se o verdadeiro nome do homem que havia recebido o título.

"James Everett Bardine."

James Bardine. Ele havia sido iniciado na Sagrada Ordem da Nação juntamente com quatorze outros homens doze anos antes, e ao ser iniciado havia recebido o nome secreto da Irmandade de Exetor e o Anel de Fraternidade que trazia seu nome secreto.

Muito impressionante, fantasmagórico mesmo, e nada de que se caçoar. A Nação podia ter sido apenas outro grupo ou organização fraternal, alguma sociedade ou clube secreto onde todos os velhos amigos podiam se reunir, ter um encontro secreto com seus juramentos, apertos de mão, chapéus e rituais engraçados, e depois mandar para baixo umas cervejas e fazer desordens. Quase toda cidade tinha um grupo ou ordem secreta de algum tipo.

Mas a Nação ia além disso. Ligava entre si uma porção de nomes conhecidos e dava-lhes pelo menos essa sociedade em comum. Ela havia encontrado o nome de Samuel W. Lynch entre os 129 Iniciados da Irmandade — ele havia sido iniciado na Nação cinquenta e um anos antes, e como lhe havia mostrado em sua sala, ainda guardava seu querido Anel de Fraternidade.

O segundo anel que estava com ela — aquele que ela havia escondido dez anos antes debaixo do peitoril de tijolo em Fairwood — trazia outro nome secreto, Gawaine, mas ela já sabia a quem ele pertencia. Ela encontrou depressa o nome na posição sete, oposto ao nome Gawaine, na 146ª Irmandade dos Iniciados: Owen Jefferson Bennett, iniciado trinta e quatro anos antes, quando estava no último ano da Universidade Bentmore.

Caro e velho Owen. Havia muitas coisas que ele jamais lhe havia contado.

Tudo isso era fascinante, naturalmente, mas antes de toda e qualquer coisa na

mente de Sally naquele momento estava o nome de James Everett Bardine. A Nação era uma organização estritamente masculina, mas uma mulher usava o anel dele. Qual era a conexão? Quem era Bardine em primeiro lugar?

Talvez fosse a presente ação judicial que causava tanta onda em Baskon que a fez achar que Bardine podia ser um advogado; talvez fosse o fato de que a Nação parecia não ter gente comum, operários, entre seus membros, mas apenas banqueiros, homens de negócios, educadores, advogados e estadistas — fornecedores de poder.

Qualquer que fosse o caso, ela agora estreitava sua busca na secção "B" dos membros da Ordem dos Advogados, e estava chegando cada vez mais perto.

Barcliff... Barclyde... Barden... Bardetti... Bardine. James Everett Bardine.

Em cima. O sujeito era advogado. A lista era atualizada, publicada aquele ano. Bardine trabalhava para uma grande firma de advocacia em Chicago: Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon. Eles eram membros da Associação dos Cidadãos Americanos em prol da Liberdade.

Sally teve de recostar-se e pensar sobre isso. James Bardine é membro da ACAL... A ACAL está movendo essa ação judicial contra a escola... A assassina usava o anel de Bardine.

Será que isso significava uma conexão entre a ACAL e a quase-assassina? Sally achava que sim. Ela estaria examinando outros nomes, com certeza. Não podia esperar para escrever a Tom e contar-lhe.

Mas quem poderia ser aquela demoníaca mulher de preto?

***

Na manhã de sexta-feira, o pastor Mark Howard conseguiu passar através da ruidosa, movimentada, azafamada Fábrica de Portas Bergen, com óculos e tampões de ouvido protetores no lugar, desviando-se da empilhadeira, dando a volta ao redor de portas sendo empilhadas, lixadas, e movidas de lugar. Ele engajou um supervisor de prancheta na mão numa conversa breve, gritada, e ficou sabendo onde encontrar o cubículo que era o escritório de Donna Hemphile, Supervisora de Acabamento. Mark podia ver Donna através da parede de vidro. Ele adiantou-se e bateu de leve na porta.

— Sim, entre!

Mark entrou.Donna Hemphile girou na cadeira de sua escrivaninha e estendeu a mão.

— Ei, Mark! Que surpresa! O que o traz aqui?

Mark não tinha tempo para frases doces-e-fáceis, para ficar arrodeando.

— Umas questões bem sérias, Donna. Donna olhou pata o relógio.

— Bem, sabe, tenho de sair daqui até...

— Já falei com o Sr. Bergen. Ele pôs outra pessoa para cuidar daquela nova serra de fita. Ele disse que eu podia ter uma hora para conversar com você.

Donna teve de digerir aquilo por um momento, e então relaxou e se recostou na cadeira.

— Muito bem. Sente-se.

Mark girou a única outra cadeira e sentou-se de frente para Donna.

— Tenho estado a correr por toda a cidade desde quarta-feira à noite, tentando descobrir algumas coisas, e não tenho dormido muito. Você sabe o tipo de problemas que temos tido na igreja desde que essa ação judicial surgiu. Tenho-me sentido como um marujo tentando remendar os vazamentos num navio que está afundando antes que ele vá de vez para o fundo.

Donna assentiu com a cabeça.

— É, tem sido duro.

— De qualquer forma, finalmente reuni três famílias para uma conferência: os Warings, os Jessups e os Walroths. Acho que foi uma reunião bem boa. Ed e Judy Waring ainda estão descontentes, mas os Jessups e os Walroths podem estar mudando de idéia. — Mark pausou. Ia mudar de rumo. — Mas eu queria perguntar-lhe a respeito de uma coisa que todos me disseram, e, sabe, sobre a qual nunca pensei antes disto. Você está na corrente de oração, e o seu nome vem antes dos nomes dos Jessups, dos Walroths e dos Warings.

— Mm-hm. — Donna apenas ficou ali sentada, ouvindo. Mark investiu objetivamente.

— Por isso, deixe-me perguntar-lhe francamente: Você disse a June Walroth que Tom Harris surra a filha Rute e é por isso que ele a veste com mangas compridas tantas vezes?

Donna deu uma risada ao ouvir isso.

— Não.

— Você disse a Judy Waring que Cathy e eu temos problemas conjugais porque fui infiel e tive um caso há muitos anos?

Donna sorriu e meneou a cabeça.

— Não.

— Você disse a Ed Waring que a escola estava bastante endividada porque Tom e a Sra. Fields roubavam o dinheiro da escola?

— Não.— Você disse a Andréa Jessup que Tom tem tido sérios problemas com desvios sexuais desde que Cindy morreu?

— Não.

Mark achava as respostas extremamente breves de Donna um tanto chocantes.

— Você não tem nenhum outro comentário sobre tudo isto? Donna sorriu e meneou a cabeça em aparente incredulidade.

— Por que eu deveria dizer alguma coisa, Mark? Essa gente está fofocando. Esse é o tipo de coisa que inventariam.

— Por que você acha que todos eles deram a mesma fonte para a informação que tinham?

Ela jogou as mãos para o alto.

— Sei lá. Devem ter algo contra mim, não sei. Então... o que mais você tem na lista?

— Bem... alguém que nem vai à nossa igreja. Kyle Krantz, o rapazinho que foi despedido terça-feira por estar com maconha no armário.

Ao ouvir isso, Donna rolou os olhos

— Minha nossa!

— Bem, ele tem uma história interessante para contar, e, sabe, muito do que ele tem a dizer foi confirmado. Acho que você conhece o lado dele da história, certo? De que alguém colocou aquele pacote de maconha no armário dele para incriminá-lo?

— Oh, sim, já a ouvi, sim. Ele podia ter arrumado algo mais original. Todos os garotos usam essa desculpa.

— Eu também já a ouvi antes, de Ben Cole. Alguém colocou maconha confiscada no armário dele na delegacia, e Mulligan o demitiu. Naturalmente, foi Mulligan, de acordo com Kyle, que veio à fábrica aqui e fez um trato com Kyle e não o autuou por posse de droga, não foi?

— Essa parte da coisa não me diz respeito. Apenas mandei-o embora seguindo

a política da companhia.

Mark falou mais devagar para dar ênfase

— Kyle diz que Mulligan lhe disse que deixaria a coisa passar se Kyle ficasse de boca fechada com relação a certas coisas que sabia.

Donna ficou um tanto tensa.

— Bem, escute, Mark. O que acontece aqui nesta fábrica é minha responsabilidade, e você nada tem a ver com isso.

Mark não voltou atrás, mas continuou.

— Alguém matou o cachorro de Kyle também; abriram-no e o deixaram no banco da frente do carro dele. Talvez tentassem dar-lhe um pequeno lembrete de que deveria cuidar-se.

Donna apoiou o cotovelo na escrivaninha, colocou a mão debaixo da face, e tentou por todos os modos parecer ser pacientemente indulgente com um ministro infantil, presunçoso e super imaginativo. Mark continuou.

— Isso em si já foi esquisito, e não sei se teria acreditado em Kyle se algo semelhante não nos tivesse acontecido, bem na igreja. Na segunda-feira de manhã, alguém borrifou sangue de cabra na porta da frente e deixou duas pernas de cabra cruzadas sobre a entrada. Foi algum tipo de despacho, ou talvez um aviso, não sei Mas no dia anterior, na manhã de domingo, Ben Cole foi ao sítio dos Potters investigar a morte de uma cabra que pertencia antes a Sally Roe. Todo o sangue havia sido drenado, e as portas haviam sido removidas.

— Então, segundo Kyle, naquele domingo à noite, ele e um amigo estavam no sítio dos Bensons e viram um bando de bruxos conduzindo um ritual no celeiro, e imagine só — os bruxos, ou satanistas, seja lá o que forem, bebiam sangue de cabra, e colocados num círculo feito em torno de duas outras pernas de cabra, clamavam pela derrota dos cristãos e pela morte de Sally Roe.

Isso finalmente evocou pelo menos um pequeno comentário de Donna Hemphile.

— É, isso é bem extravagante. Mark atingiu-a em cheio com a próxima sentença.

— E Kyle diz que *você* estava lá, que fazia parte do grupo que conduzia o ritual, juntamente com o sargento Mulligan, Claire Johanson e Jon Schmidt, provavelmente os piores inimigos de Tom Harris e da nossa igreja no momento.

Donna nada disse. Apenas reclinou-se na cadeira e continuou ouvindo

surpreendentemente desinteressada.

— Também averiguamos a história com o amigo de Kyle e lhe fizemos um teste bem completo com algumas fotos que Marshall tinha das pessoas que Kyle alegava que haviam estado presentes, bem como fotografias de pessoas que não haviam estado lá, e umas informações falsas que alegamos nos ter sido dadas por Kyle. O amigo confirmou todos os detalhes. Estou convencido de que temos duas testemunhas de confiança.

— É uma história bem maluca — relembrou-lhe Donna.

— Bem... depois de tudo pelo que passamos, e tudo que temos visto e aprendido, não é tão maluca assim. É repugnante, é trágica, é chocante, mas neste ponto acho incontrovertida, especialmente visto que Mulligan — e talvez você mesma — se rebaixaram a tais táticas de terror e intimidação a fim de manter os garotos calados a respeito. — Donna não parecia ter qualquer comentário a fazer sobre isso, mas Mark não esperou por um. — Donna, você disse que o que acontece aqui na fábrica é responsabilidade sua, e que nada tenho a ver com isso. Bem, o que acontece na minha igreja é minha responsabilidade, por isso deixe-me apenas fazer uma pergunta direta: Você esteve no sítio dos Bensons na noite de domingo?

— Não — disse ela simplesmente.— Você está envolvida em bruxaria ou ocultismo? — Não.

— Você está tentando destruir a minha igreja com maledicência e divisão?

Ela deu uma risada, e a risada tinha um toque de zombaria.

— Claro que não. Ei, vocês estão passando por tempos difíceis. Se não ficarem unidos, não sobreviverão.

— E que me diz de Sally Roe?

— Nunca ouvi falar dela.

Uma pergunta não planejada ocorreu a Mark.

— E a assistente social do DPC que tomou os filhos de Tom, Irene Bledsoe? Ela está propositadamente trabalhando contra nós, tentando destruir a reputação de Tom?

Donna riu.

— Ei, pelo que sei, ela está apenas fazendo o trabalho dela. Se quer saber, acho que Tom está doente, e acho que ela pode ver isso.

— E aquela vez em que viu Ben Cole fazendo a primeira visita a Abby

Grayson aqui na fábrica? Você contou isso ao sargento Mulligan?

— Você quer saber se o dedei?

— Qualquer coisa assim.

— Eu não conheço realmente Mulligan. Por que me incomodaria em contar-lhe a respeito de um de seus próprios tiras?

Mark olhou para Donna e ela devolveu-lhe o olhar. Não havia mais perguntas pendendo entre eles.

— Donna... você não mente muito bem. Ela sorriu o mesmo sorriso sutil, zombeteiro.

— Ao contrário, Mark: — Você aprovou o meu pedido de tornar-me membro da igreja.

Mark assentiu com a cabeça.

— Foi mesmo. Foi mesmo. — Ele ouvira o bastante. — Bem, eu poderia usar o método bíblico e voltar com algumas testemunhas para passar por tudo isto novamente com você, mas... o que acha? Provavelmente não vale a pena, vale?

Donna apenas continuou a sorrir.

— Não precisa, realmente.

O telefone tocou. Donna o apanhou.

— Sim. Está bem. Já estou indo. — Ela desligou. — Bem, desculpe, mas era o Sr. Bergen. Ele quer ter uma reunião comigo imediatamente.

— Eu sei — disse Mark, erguendo-se da cadeira. Ele mesmo abriu a porta e saiu pelo corredor. Donna o seguiu de perto.

O escritório do Sr. Bergen estava a meio do caminho no andar de cima. Mark olhou pelo vidro; Abby Grayson, Kyle Krantz, Billy, o amigo de Kyle, e Marshall Hogan já haviam estado ali uma porção de tempo. O Sr. Beigen,um homem de aparência severa de seus sessenta e poucos anos de idade, andava de um lado para outro no escritório, esperando impaciente, visivelmente zangado.

Mark abriu a porta um tantinho e enfiou a cabeça pela fresta o tempo suficiente para atrair a atenção do Sr. Bergen. Bergen olhou imediatamente em sua direção; esperava por ele.

— É tudo verdade — disse Mark.

Em seguida, ele fechou a porta e continuou em frente, pausando apenas o

tempo suficiente de olhar para trás e ver Donna Hemphile entrar no escritório do chefe.

37

Lucy Brandon podia sentir o couro cabeludo arrepiando e o estômago formando um nó. Esse era o segundo telefonema desse tipo que havia recebido hoje, interrompendo seu trabalho no Correio e deixando-a morta de susto.

— Não fale com Hogan — disse sua ex-bondosa amiga Claire Johanson. — Não diga nada a ele ou a ninguém daquela gente! Poderia ser muito ruim para você se não proteger qualquer conhecimento que tenha!

Lucy tentou manter baixa a voz a fim de que Debbie não ouvisse. — Claire, o que aconteceu?

— Não aconteceu nada!

— Recebi um chamado de Gordon Jefferson igual ao seu. Ele não foi nada bondoso. Ficou a me dizer que estaria em apuros com a lei se alguma coisa vazasse, e eu nem mesmo sabia do que ele falava...

Claire não respondeu imediatamente. Ela trabalhava numa réplica que fosse segura — ou definitivamente enganadora. — É que a audiência perante o Tribunal Federal de Recursos está chegando, e as coisas estão ficando críticas, só isso. Acho que nos fez ficar nervosos.

— E por que vir para cima de mim?

— Não é só você. Estamos apertando todos, mesmo nós próprios. Muita informação está escapando, e poderia arruinar o nosso caso. Temos de ser cuidadosos. Estou certa de que compreende isso.

— Tudo isto parece muito súbito.

— Bem, apenas parece assim. Não se preocupe. Apenas mantenha-se quieta, e não fale das coisas com ninguém. Tenho de desligar.

Clique.

Vou explodir, pensou Lucy. Vou ficar louca, uma perfeita doida varrida. Não aguento mais nada disto! Tilin! Um freguês estava no balcão. Não, não posso ver ninguém, simples-mente não posso falar com ninguém. Só quero dar o fora daqui Mas aonde eu poderia ir? Como explicaria à minha filha? E o apuro no qual me meti?

Tilin!

Oh, onde está Debbie? Lucy olhou para o relógio. Oh, maravilha! Está no

intervalo de folga, provavelmente do outro lado da rua comprando goma de mascar sem açúcar ou algo assim.

— Já vou.

Ela se concentrou, tentando acalmar-se, e saiu para a frente.

O freguês era Tom Harris.

Ambos imediatamente sentiram-se sem graça e chegaram mesmo a afastar-se um pouquinho.

— Oh, desculpe — disse Tom. — Isto é, não tenho de...

Lucy olhou de um lado para outro. Não havia mais ninguém no saguão.

— Bem, posso servi-lo.

Tom afastou-se do balcão. Ele estendeu os braços a fim de colocar alguns pacotes na frente de Lucy.

— Queria mandar isto para os meus pais.

Lucy puxou os pacotes para perto de si, virou-os, virou-os novamente, leu os endereços, leu-os novamente, e mesmo assim não sabia o que havia lido. Simplesmente não conseguia pensar. Deveria pesar os pacotes? Ela colocou os três juntos na balança e mexeu desajeitada nos pesos deslizantes. Não, não, assim não funcionaria, não os três juntos...

Ela colocou os pacotes no balcão e sem erguer os olhos tentou dizer

— Sinto muito que tudo isso tenha acontecido — mas sua voz estava demasiadamente fraca e trêmula.

Mesmo assim, Tom ouviu-a.

— Claro. Eu também.

Ela tentou concentrar-se nos pacotes.

— Bem, acho que não devíamos falar sobre isso.

— Compreendo.

— Acha que Amber está possuída?

A pergunta não escorregou para fora simplesmente — Lucy a empurrou para fora. Ela queria saber.

Mas Tom Harris sentia-se amordaçado e agia como tal. Embora quisesse responder, ele podia apenas olhar para ela com óbvia frustração.

— Você sabe que não posso falar sobre isso.

— *Eu* preciso saber. Por *mim*.

Ele meneou a cabeça tristemente, dolorosamente. — Não posso falar a respeito. Mas, escute... Ela escutou.

— Umm... Jesus Cristo conquistou as forças espirituais do mal na Cruz. A Bíblia diz que ele as desarmou e as expôs ao público. Ele tem toda a autoridade sobre elas, e deu essa autoridade ao seu povo, aos que verdadeiramente crêem nele. Ele é a resposta. Isso é tudo o que posso dizer.

— Alguma vez já viu alguém possuído? Tom pegou de volta os seus pacotes.

— Gostaria de lhe contar tudo sobre isso. Talvez quando esta ação judicial tiver terminado, hein? Eu... ouça, não se ofenda, está bem? Mandarei estes pacotes mais tarde.

Ele saiu apressado pela porta, deixando Lucy com suas perguntas sem resposta.

***

— Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon — disse a recepcionista.

— O Sr. Bardine, por favor — disse a voz da mulher no outro lado.

A recepcionista hesitou. — Umm... sinto muito informar-lhe, mas o Sr. Bardine faleceu. A senhora tinha algum negócio em andamento com ele? Podemos arranjar para que outra pessoa termine isso.

A pessoa do outro lado da linha ficou compreensivelmente chocada pela notícia. — Você disse que o Sr. Bardine faleceu?

— Sim, sinto muito dizer-lhe isso. Ele morreu num desastre de automóvel há algumas semanas. Foi um grande golpe para todos nós aqui na firma.

— Bem, estou... eu também estou chocada ao saber disso.

— Sinto muito. Talvez queira falar com o Sr. Mahoney, o chefe do Sr. Bardine. Talvez ele possa ajudá-la.

— Oh, não, obrigada. Deixe-me pensar sobre isso primeiro.

— Muito bem. Obrigada por ligar.

— Até logo.

A recepcionista desligou o telefone e voltou a datilografar uma carta numa sofisticada máquina de escrever eletrônica, sentada diante de uma escrivaninha

enorme de nogueira escura e arremates de latão, num luxuoso escritório atapetado, de paredes muito altas forradas de madeira e luminárias enfeitadas, enquanto sócios seniores, sócios juniores vestidos para o sucesso, assistentes legais agressivos, secretárias ambiciosas, e poderosos visitantes incógnitos movimentavam-se com os lábios apertados e os queixos erguidos para cima e para baixo nos corredores, com suas pastas, arquivos legais, ou blocos de papel amarelo.

Os escritórios de Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon em Chicago eram mais do que um palácio; eram uma fortaleza de poder e tecnocracia legal, onde conhecimento e poder eram sinônimos e tempo era dinheiro — muito dinheiro. Ali os czares da lei estabelecida por precedente legal e os arquitetos dos precedentes legais preparavam o futuro desafiando, torcendo, espichando e até mesmo cruzando a lei, voltando-a em seu favor tão longe e tão frequentemente quanto seu dinheiro, habilidade, conexões e poder permitiam.Esses eram os escritórios da elite: os que promoviam os favorecidos e destronavam os dispensáveis, os que garantiam o sucesso e os que instigavam a ruína.

No topo dessa torre de marfim, no pináculo da pirâmide, estava o impiedoso e poderoso Sr. Martinelli.

— Boa tarde, Sr. Santinelli — disse a recepcionista.

— Boa tarde — replicou ele com um sorriso desmaiado, obrigatório, estendendo a mão para receber a carta recém-datilografada. — Estarei conduzindo uma reunião especial na próxima meia hora; não quero nenhum chamado, nenhuma interrupção.

— Sim, senhor.

Santinelli continuou pelo corredor até alcançar uma porta alta e imponente de mogno. Um assistente abriu-a bem em tempo para ele passar, e depois fechou a porta após ele como a laje sobre uma cripta.

Santinelli encontrava-se na sala particular de conferências adjacente ao seu escritório, um lugar à prova de som, secreto, e bastante lúgubre. O madeiramento parecia ainda absorver a luz, e as cortinas de veludo que caíam do teto ao chão ainda estavam fechadas sobre as janelas.

Três homens em pé, num grupo fechado numa das pontas do aposento, falavam em vozes abafadas. Cumprimentaram Santinelli com a cabeça quando ele entrou.

Um deles era Kholl, o homem a quem fora confiada a tarefa de eliminar Sally Beth Roe.

Santinelli fez algumas apresentações rápidas.

— Senhores, permitam-me apresentar-lhes formalmente o Sr. Kholl, que nos ajudara com os assuntos urgentes atuais. Sr. Kholl, apresento-lhe o Sr. Evans, sócio desta firma, por ora dedicando-se em tempo integral aos nossos problemas legais presentes, e o Sr. McCutcheon, nosso diretor de administração e finanças.

— Um prazer — disse Kholl.

— Já falei com o Sr. Goring no Summit e o Sr. Steele no Centro Ômega — relatou Santinelli. — Está claro para todos nós que Sally Roe tenta descobrir o proprietário daquele anel que ela tirou do dedo da Von Bauer, e usa o pagamento da Von Bauer a fim de financiar a investigação que faz por todo o país. Eles concordam conosco que as listas são suficientes para levá-la ao falecido James Bardine, o que significa que ela terá de vir aqui, embora não possamos saber quando. O Sr. Kholl colocou guardas no prédio para essa eventualidade, e, naturalmente, podemos ter a sua garantia, Sr. Kholl, de que o fracasso da Universidade Bentmore não se repetira?

— Da última vez fomos um pouco discretos demais, eu diria - respondeu o Sr. Kholl. — Tenho aqui o dobro do pessoal que coloquei em Bentmore, e nossas técnicas serão muito mais diretas desta vez.— A audiência no Tribunal Federal de Recursos será na segunda-feira — continuou Santinelli, furioso. — Uma decisão em nosso favor não será grande consolo se Roe ainda estiver às soltas. Quando ela vier, pode trazê-la a esta sala e matá-la aqui mesmo, pelo que me diz respeito.

Kholl reprimiu uma risada.

***

Bem no outro lado da mesa de conferência, Destruidor e os doze guerreiros grotescos que o ladeavam não reprimiram suas risadas de forma alguma, mas deleitaram-se plenamente com a idéia da matar aquela mulher.

A risada de Destruidor era, contudo, breve complacência. Ele ainda trazia os ferimentos e a vergonha do seu recente encontro com o Homem Forte, e agora sua animação ao pensar na morte iminente de Sally Roe misturava-se ao desespero.

Você a apanhará desta vez! grunhiu ele, as asas abertas de raiva, o dedo torto apontando ao outro lado da mesa. *Você a apanhará e matará!* Então gritou aos seus guerreiros:

— Cerquem este lugar, e coloquem sentinelas por toda a cidade! Ela não nos fugirá desta vez!

Os guerreiros precipitaram-se para fora da sala com um trovejante brado de guerra, quase loucos de sede por sangue.

Destruidor olhou furioso para Kholl, e resmungou consigo mesmo: Venha a

nós, Sally Roe. Seja qual for a sua condição, com Cruz ou sem Cruz, desta vez nada nos deterá. Nada!

***

Nos arredores de Chicago, Sally Roe encontrava-se sentada no quarto miserável e mofado de um hotel barato, olhando fixamente para o telefone e sem saber o que fazer em seguida. Então James Bardine estava morto! Não era pouco o tempo que ela havia passado preparando-se para confrontá-lo face a face, para fazer tudo culminar, e havia chegado tão perto, mas agora o que podia fazer? Bem, não adiantava nada visitar Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon. O homem que procurava já não estava lá.

Mas, obviamente, Bardine não era o único jogador naquele jogo; havia outros jogadores e estrategistas, desde o policial desajeitado em Baskon aos moldadores de mentes em Ômega, aos mais altos níveis da instituição educacional da Universidade Bentmore, e até além dela. Todos sabiam a respeito dela, todos queriam aquele anel, e todos pareciam muito determinados a matá-la.

Com relutância, ela trouxe de volta à mente um antigo pensamento que havia cogitado diversas vezes nas últimas semanas. Havia um último estratagema que ela podia tentar, uma forma ou-faz-ou-morre de encontrar e identificar as pessoas responsáveis por todo esse pesadelo. Ela havia dito ou-faz-ou-morre? Seria morrer, muito provavelmente, se Deus não houvesse por bem poupá-la.

Engraçado. Antes de ter encontrado Jesus, ela não via razão para viver, mas temia a morte. Agora ela tinha uma razão para viver, mas não temia a morte de forma alguma. Era um tipo estranho de paz, uma sensação fascinante de descanso e tranquilidade no fundo da alma. Algum dia ela teria de analisar aquilo e esclarecer o que exatamente lhe havia acontecido, *se* vivesse o suficiente para tal. Se não... Bem, talvez já tivesse vivido o suficiente.

Ela de novo tirou o caderno, e começou a escrever sua última carta a Tom Harris.

Natã e Armoth mostravam-se tensos de antecipação e preocupados com a estratégia, mas se postavam ali ao lado de Sally quando ela começou aquela carta.

— A palavra do seu testemunho, o sangue do Cordeiro, e ela não ama tanto a vida que se furte à morte — disse Natã.

— São três — disse Armoth.

A caneta de Sally deslizou pelo papel.

***

Tom, esta será minha última carta para você. Já lhe contei tudo o que fiz, e tudo o que sei, e falei-lhe do meu encontro com o Deus e Salvador a quem você serve. O que mais poderia restar além de ver você face a face e finalmente pôr um paradeiro em todas essas dificuldades?

Não existe dúvida em minha mente de que a ACAL mexeu uns pauzinhos importantes, ou vice-versa, e que eles se ligam ao atentado à minha vida, que deve estar ligado com o ataque contra você e a sua escola. Agora tenho o anel de ouro tirado da que quase foi minha assassina bem como os quatro volumes da História e Rol da Ordem Real e Sagrada da Nação que provam ter o anel pertencido ao agora falecido James Everett Bardine, um advogado que gozava de muito boas graças com a ACAL. Tenho também outras informações, muitas das quais já forneci em minhas cartas, que devem vir a ser valiosas para você na defesa contra essa ação judicial

Tudo o que me resta fazer agora é voltar a Baskon para ajudar o seu advogado a montar a defesa, e em última instância depor em tribunal aberto a seu favor.

Acredito ter chegado a hora de você me procurar. Por favor, entre em contato comigo no Hotel Caravana.

***

O jovem funcionário do Correio ensacava a correspondência para o malote da noite quando uma senhora de calças de brim e uma jaqueta azul chegou ao balcão com mais cartas. Ele tinha pressa; o caminhão chegaria a qualquer momento. Atendeu rapidamente a freguesa, colocou o selo necessário, e jogou o resto da correspondência no malote.

Lá estava o caminhão! Ele agarrou o malote e dirigiu-se à porta dos fundos.

A senhora saiu pela porta da frente, contente por ter chegado em tempo.

Na pressa, uma carta caiu do malote, indo parar no chão debaixo do balcão da frente, e ficou ali virada para baixo.

Estava endereçada a Bernice Krueger, aos cuidados do *Clarim de Ashton.*

38

Na manhã de segunda-feira, sem aviso prévio e sem que ninguém esperasse, a máquina de Fax no escritório do

Clarim de Ashton chilreou seu toque eletrônico e mal foi ouvida acima do tumulto pré-publicação que geralmente marcava as manhãs de segunda-feira. Bernice não ouviu nada; ela estava no escritório fechado a vidro de Marshall, tentando convencer a Padaria do Eddy a comprar apenas outros cinco centímetros de coluna para ela não ter de preencher aquele espaço com ditos idiotas de uma linha só.

— Ei, escute — dizia ela — faremos a rosquinha maior, e em seguida aumentaremos a caneca de café, sabe, mostrando mais vapor saindo ou alguma coisa assim. Os leitores vão cair por ele direitinho. Claro que sim!

— Bernice! — gritou Cheryl através do vidro. — Está chegando um fax para você!

Bernice ergueu os olhos para Cheryl.

— O quê?

Cheryl disse algo em resposta, e tudo o que Bernice pôde ouvir através do vidro foi a palavra fax. O resto ficava por conta de quem pudesse ler lábios.

Um fax? De quem? Até ali, ela não podia pensar em nada.

O telefone grasnou em seu ouvido. Ele precisava responder.

— Oh, sim. Bem, pense sobre isso, está bem, Eddy? Farei um desconto para você. Bem, deixe-me pensar sobre *isso.* Está bem, até logo.

Cheryl bateu de leve na porta, abriu uma fresta, e jogou a folha de papel para dentro, ainda quente da máquina de fax.

Bernice agarrou-a antes que ela flutuasse para o chão e deu uma olhada.

Oh! Era de Cliff Bingham, seu contato em Washington, D.C.! Ela se havia esquecido totalmente dele. Ora, ora! Ele havia encontrado o currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu* para as quartas séries na Biblioteca do Congresso e mandado para ela a página do titulo com uma nota rabiscada no topo: "Bernice, era este aqui que você queria? — Cliff."

Ela sorriu. Bem, Cliff, você se saiu bem, mas Marshall já viu o currículo; você chegou tarde demais. Mesmo assim, obrigada.

Ela foi até seu arquivo rolante de telefones para encontrar o número de Cliff, encontrou-o, e apanhou o telefone. Apertou as teclas do número, e deu outra olhada à primeira página enquanto esperava que o telefone tocasse e alguém respondesse.

Foi então que ela o viu. Bateu o telefone no gancho. Correu os olhos pela página de novo a fim de ter certeza. Examinou a data da publicação.

Pegou o telefone e bateu com força as teclas do número da residência dos Coles em Baskon.

— Alô? — Era Bev Cole.

— Alô, Bev. Aqui é Bernice Krueger em Ashton.

— Oh, oi! Quem diria!

— Preciso falar com Marshall imediatamente!

— Hooo, bem, ele não está, e não sei onde está.

— Tenho de — oh, bolas! Ele disse quando estaria de volta?

— Não, ele corre tanto por ai que nunca sei onde está, ele e o Ben.

— Bev, escute, vou mandar uma coisa para o Marshall pelo fax. Ele deveria poder apanhá-lo na Judy, certo?

— Oh, sim, se ela estiver aberta.

— Vou mandar um fax para o Serviço de Secretaria da Judy agora mesmo, e você diz a ele para ir lá imediatamente pegar, está bem?

— Está bem, direi. Ei, você parece excitada.

— Oh, estou um tanto nervosa. Vejo você depois. Tchau!

Ela saiu aos trambolhões do escritório e dirigiu-se diretamente à máquina de fax.

Marshall, onde está você?

***

Lucy Brandon repassava a correspondência da manhã, separando-a, colocando-a em todas as caixas postais e designando-a às quatro rotas diferentes de entrega. Ela estava doente, nervosa, esgotada e exausta, e agora começava a detestar seu trabalho, especialmente quando chegavam cartas de "S. B. Roe".

Como essa ai, acabada de sair do malote, em sua mão ao mesmo tempo em que pensava sobre ela! Quantas eram como essa? Tinham de ser mais de trinta.

Trinta e tantos envelopes, todos estufados com diversas folhas do mesmo papel pautado de caderno, todas escritas com a mesma caligrafia fluída apenas visível através do envelope, e todas endereçadas a Tom Harris.

Então, acho que quando mandar esta aqui adiante, estarei infringindo a lei federal mais de trinta vezes. Que idéia. E se eu a entregasse a Tom Harris? E se eu a introduzisse na caixa do carteiro dele, apenas uma dessas cartas, só uma vez?

— Bom dia, Lucy!

Ela literalmente deu um pulo, derrubando a carta no chão. O sargento Haroldo Mulligan!

— Sargento! O que está fazendo aqui atrás? Quase me matou de susto! Ele se abaixou e apanhou a carta do chão.

— Ah, outra delas, hein? Ela tentou tomá-la dele.

— Sim, muito obrigada — Ele não soltou.

— Não, calma agora, Lucy. Tenho ordens com relação a qualquer outra correspondência da Srta. Você-sabe-quem.

Ela não ligou.

— Devolva-me essa carta, Sargento! É correspondência dos Estados Unidos!

— O quê?

Ele chegou mesmo a agarrar-lhe o braço com força e empurrá-la contra a parede! Ele a machucava, e ela simplesmente não podia acreditar!

Ele lhe disse em voz baixa, ameaçadora, o que ela nunca antes havia ouvido dele.

— E o que é que você acha que vai fazer com ela, hein, Lucy? Pensa que talvez a mande para onde está endereçada? Hein?

— Solte-me!

— Escute o que digo, mocinha! Qualquer outra carta de Roe, você coloca bem na minha mão, bem aqui, entendido? Você não mexe com ela, nem mesmo pensa sobre ela, ou vai ter um grande e horroroso monte de problemas!

Lucy ficou com medo.

— Estou fazendo o que me mandaram fazer, Haroldo, você sabe disso. Por favor, solte-me!

— Apenas quero ter certeza de que estamos entendidos quanto a isto...

— Por favor — veio uma voz lá da frente. Era Marshall Hogan.

Ora, bolas, quanto disto aqui ele viu? Mulligan imediatamente mudou sua postura agressiva para uma que parecia brincar com Lucy, e soltou-a.

— É isso aí, Lucy, cuide-se!

Ele saiu pelos fundos com a carta no bolso.

Debbie dirigiu-se ao balcão para servir o ruivo grandalhão.

Lucy apressou-se à frente.— Eu o atenderei.

Debbie afastou-se, mas podia ver que Lucy não tinha condições de cuidar de ninguém. Tarde demais, todavia. Não podiam falar a respeito de uma coisa dessas na frente de um freguês. Ela voltou à separação de cartas, mas manteve-se de olho na chefe.

— Quero um livrinho de selos — disse Marshall gentilmente.

Ela enfiou a mão na gaveta debaixo do balcão. Suas mãos tremiam visivelmente, e ela não conseguia olhar para cima.

— Está em apuros? — perguntou Marshall.

— Por favor, não posso falar com você — disse ela à beira das lágrimas.

— Então apenas venda-me os selos — disse ele. — Faça isso primeiro. Finalmente ela encontrou um livrinho de selos e os colocou sobre o balcão.

Ele tinha colocado outra coisa sobre o balcão também.

— Este é o relatório do Legista Joey Parnell sobre a mulher que suicidou-se, supostamente Sally Beth Roe. Está vendo a descrição? Cabelos pretos, de vinte e poucos anos. Aqui... olhe isto. — Ele colocou uma fotografia à frente dela e continuou falando em tom baixo, suave. — Esta é uma foto policial dela. Ela era fichada na polícia. Agora, sei que você sabe que cara tem a verdadeira Sally Roe; você identificou uma foto dela no seu depoimento. Mas esta é a mulher que foi encontrada morta. Era membro de um bando secreto de bruxos que se chamam pelo nome de Vidoeiro Quebrado, e quando ela tentou matar Sally Roe, trabalhava para alguém — trazia consigo dez mil dólares.

Lucy baixou os olhos à foto, ainda tremendo mas ouvindo. Marshall continuou:

— Agora, aquele tira que acabou de maltratá-la lá atrás fez tudo o que pôde para encobrir tudo e fazer parecer suicídio, e achamos que sabemos porquê: ele pertence a esse bando; está envolvido na coisa toda. Para falar a verdade, esse bando inclui umas pessoas bem importantes no Circulo Vital — alguns de seus

próprios amigos, inclusive Claire Johanson e Jon Schmidt.

Marshall esperou apenas um momento para aquilo penetrar, e depois concluiu:

— Quanto a Sally Roe, temos boas evidências de que ainda está viva em alguma parte, provavelmente escondida para salvar a vida. Portanto, a questão que gostaria que considerasse é esta: Por que os mesmos amigos que a estão ajudando nessa ação judicial desejariam que Sally Roe fosse morta?

Lucy não disse uma palavra. Podia somente deixar-se ficar ali, completamente imóvel, o olhar fixo nas fotografias enquanto lágrimas inundavam-lhe os olhos.Marshall conseguiu a resposta no rosto dela. Ele apanhou de volta o relatório do legista e as fotos e passou a Lucy um pedaço de papel.

— É neste número que poderá encontrar-me, na casa de Ben e Bev Cole. Chame a qualquer hora.

Ele pagou o livrinho de selos e saiu. Lucy não se moveu, mesmo enquanto o dinheiro que Marshall havia deixado para os selos permanecia no balcão à sua frente.

Debbie viu a coisa toda. Agora chegava de apenas observar. Ela ia fazer algo a respeito.

***

A correspondência... Esqueci-me da correspondência!

Bernice entrou no seu Fusquinha e se mandou para o Correio de Ashton um tanto tarde naquela manhã.Com toda aquela agitação, a tarefa diária de apanhar a correspondência não lhe havia passado pela cabeça.

Ela entrou no saguão, disse alô ao Lou, o jovem funcionário, e abriu a Caixa Postal do *Clarim de Ashton.*

***

Krioni estava ao seu lado, tão interessado na correspondência matutina quanto ela. Ele procurava uma carta importante de Sally Roe.

***

Bernice repassou rapidamente os folhetos não solicitados, as contas, as cartas ao editor... Ah, havia alguns cheques de pagamento dos anúncios e classificados; esses eram sempre bons.

Nada de extraordinário, tudo rotina. Ela deixou cair toda a correspondência em sua grande sacola de plástico e dirigiu-se à porta.

***

Esse era um horrendo acontecimento! Krioni disparou através do teto do Correio e encontrou-se com Triskal bem acima dali.

— Nada! — disse ele.

Triskal não estava pronto para essa noticia.

— Nada? Nenhuma carta?

Eles podiam ver Bernice entrando de volta em seu carrinho, demasiadamente calma e tranquila.

— Não chegou aqui — disse Krioni, agitado, frustrado, e pensando depressa. — Está perdida... Extraviou-se... Não sei! É melhor avisarmos Natã e Armoth. Se não fizermos o fogo começar em tempo, Sally Roe estará praticamente morta!

***

A última carta de Sally para Tom Harris estava aberta sobre a escrivaninha de Claire Johanson, e Claire estava ao telefone.

— O Hotel Caravana — dizia ela. — Acho que a nossa mágica funcionou afinal de contas; esta é a primeira vez que Roe revelou seu paradeiro. Parece que ficará lá por algum tempo; está esperando que Tom Harris entre em contato com ela. — A pessoa no outro lado ficou alvoroçada. — Bem, ficarei mais descansada quando a tivermos, antes que ela escreva para mais alguém. E ficarei tranquila de todo quando ela estiver morta. — Mais grasnados alvoroçados do outro lado. — Sim, estou certa de que o Sr. Santinelli se alegrará. Dê-lhe lembranças nossas.

Claire desligou, descansou o queixo sobre os nós dos dedos, e sorriu ao sargento Harold Mulligan.

— Harold, sirva-se de alguma bebida.

***

Natã disparou através do telhado do Correio perto de Chicago e sobrevoou as cabeças dos ocupados funcionários, olhando de um lado e de outro, curvando-se e deixando-se cair sobre mesas, balcões e carrinhos, em seguida indo parar debaixo das mesas, voando apenas centímetros acima do linóleo, os olhos penetrantes esquadrinhando cada pedaço de papel, cada item de propaganda não solicitada, cada...

Lá! Logo debaixo do balcão da frente, virada para baixo, estava a carta perdida endereçada a Bernice Krueger. Ia ser necessário dar andamento a algumas medidas

especiais para fazê-la chegar a Ashton em tempo. Ele agarrou-a, arqueou-se para cima, e procurou pela sala o malote certo no qual colocá-la.

Arrancada! A carta já não estava em sua mão! Ele rodopiou a tempo de ver um diabrete descarado segurando a carta nas garras, com um sorriso dentuço, pairando no ar com o movimento de asas pretas borradas.

— Ôôô — disse o demônio — o que temos nós aqui?

Natã não tinha tempo para aquilo. A espada estava em sua mão no mesmo instante.

UUF! Um chute de um pé preto, cheio de garras! Outro espírito dirigiu-se a ele vindo do lado, espada pronta!

Natã rebateu a espada do demônio para o lado com a sua, depois devolveu-lhe o chute, arremessando-o através da parede do prédio.

Outro espírito caiu de cima; Natã se atirou para o lado a fim de desviar-se do ataque de uma espada, depois cortou o espírito ao meio.

Onde estava aquele diabrete? Lá! Escondendo-se atrás da bancada de separar a correspondência!

Dois outros espíritos! Deviam ter ouvido que havia uma luta ali. Natã mergulhou na direção do primeiro, a espada em riste, mas o outro espírito agarrou-lhe o tornozelo e deu-lhe um puxão para trás. Sua espada cortouos ares, e isso foi tudo. O primeiro demônio estava pronto agora com sua própria espada, rindo e babando. O agarrador-de-tornozelo ainda puxava, suas garras enterrando-se.

Bem, use o que tem, pensou Natã. Suas asas rugiram com força, puxando-o para diante. Com força incrível e no momento perfeito, ele rodou a perna num chute alto, impetuoso, dando ao agarrador-de-tornozelo uma volta emocionante até que Natã o fez cair com força de rachar o crânio sobre o seu companheiro. Os dois se apagaram.

Lá ia o diabrete com a carta! Natã arremeteu de lado e atingiu-o na barriga. As pernas flutuaram até o chão enquanto o diabrete se dissolvia. Natã agarrou a carta, deu uma busca rápida, depois enfiou-a com força no malote certo. Ela seguiria no próximo caminhão.

Quanto aos demônios, Natã sabia que podia haver encrenca — alguns deles haviam escapado conhecendo a existência dessa carta.

***

Na sala de conferência hermética de Evans, Santinelli, Farnsworth e

McCutcheon, Santinelli desligou seu telefone particular e olhou ao outro lado da mesa ao ansioso Sr. Kholl.

— Sr. Kholl, acabaram de me dar uma boa notícia. É melhor reunir os seus agentes escolhidos.

***

Essa "boa notícia" passou pelas tropas demoníacas como uma onda de choque, e quando Destruidor voou através do telhado do prédio de escritórios dos advogados para reunir as suas hordas, descobriu subitamente que dispunha de todos os amigos e lacaios concordantes de que precisava para terminar o serviço, especialmente os demônios do Vidoeiro Quebrado. Eles vinham como um enxame de todos os setores do céu, dando vivas e berrando, querendo tomar parte nesse momento glorioso.

— Eu sabia! — vangloriou-se ele, como uma boa medida de alívio. — Eu sabia que daria certo! O nosso Judas conseguiu por fim, e agora Sally Roe terá o seu Getsêmani! Nós a tomaremos! — Em seguida, ele acrescentou para si mesmo: — E a jogarei como um presente na cara do Homem Forte!

Os demônios resmungavam, sacudiam a cabeça afirmativamente, e roncavam sua aprovação e admiração pela grande sabedoria de Destruidor, enquanto vinham pousar sobre o telhado; pairavam acima dele, zumbiam em círculos fechados em torno do prédio e tropeçavam mesmo uns nos outros.

Esse enxame heterogêneo, sedento de sangue, precisava entrar na linha. Destruidor alçou vôo ao céu onde cada brilhante olho amarelo podia vê-lo, e abanou sua ardente espada vermelha em amplos círculos para chamar-lhes a atenção. A maioria deles acalmou-se e ouviu. Os outros se ocupavam demais vaiando, berrando e praticando luta.

— Tropas! — bradou Destruidor.

Seus doze capitães convergiram imediatamente.

— Precisamos limpar este jardim e selecionar os melhores! Escolham guerreiros para a nossa missão, e mandem a ralé para o Alto Comando. O Homem Forte que os ponha a trabalhar!

Logo os capitães tinham peneirado meticulosamente os espíritos; os melhores guerreiros estavam prontos, as espadas rebrilhando. Os bagunceiros, diabretes e atormentadores foram enviados ao Alto Comando, e partiram resmungando muito.

Destruidor, satisfeito, dirigiu-se à grande horda.

— Prepararemos o caminho para o Vidoeiro Quebrado! Morte à mulher!

— Morte à mulher! — gritaram unânimes, e com uma explosão de asas, arremeteram ao céu.

***

A quilômetros de distância, Tal, Natã e Armoth viram os demônios, como um enxame de morcegos aos berros, dando vivas, elevarem-se sobre Chicago, dirigindo-se ao sul. Era um exército de morte para Sally Roe, uma nuvem preta de destruição.

Tal havia recebido a notícia de Natã acerca da última carta de Sally.

— Então, vai chegar um dia mais tarde. Nosso fogo estará atrasado, e Sally logo estará nas mãos deles!

— Podemos detê-los? Tal meneou a cabeça.

— Está tudo em movimento agora. Estamos comprometidos.

— Temos guerreiros posicionados para monitorarem tudo — assegurou Natã ao seu capitão.

— Mas Destruidor a tomará — replicou Tal, a voz enfraquecida pela dor que aquilo lhe causava. — E fará o que bem entender com ela...

***

Mal Marshall voltou de sua excursão ao Correio para comprar selos, saiu de novo, desta vez dirigindo-se ao Serviço de Secretaria da Judy, muito curioso e devidamente espicaçado por Bernice e seu enlouquecedor talento para o suspense. Pelo que Bev Cole havia dito, o destino do mundo dependia de Marshall pegar fosse lá o que fosse que Bernice lhe mandava pelo fax.

***

Sally Roe permanecia em seu quartinho mofado no Hotel Caravana, sentada na única cadeira, lendo uma Bíblia dos Gideões."Quem nos separará do amor de Cristo?" leu ela. "... estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor."

Ela fechou os olhos, deu graças, e continuou a ler, apenas esperando hora após hora em seu quartinho.

***

Marshall encostou no pequeno estacionamento à frente do escritório de Judy. Bem, havia alguém lá? As luzes estavam acesas dentro, mas não havia sinal de Judy.

Algo que se parecia com um bilhete estava afixado sobre a placa de ABERTO pendurada na janela. Ele desceu para ir dar uma olhada.

***

Nos arrabaldes de Chicago, dois carros saíram da rodovia principal, desceram um quarteirão, e diminuíram a velocidade o tempo suficiente para que seus ocupantes dessem boa olhada no Hotel Caravana.

— Humm, então este é o Caravana — disse o Sr. Kholl, correndo rapidamente os olhos pelo velho hotel. — O orçamento com o qual a Roe está operando não é grande coisa.

— Que lixo — disse um dos assassinos favoritos de Kholl, uma jovem rija com longos cabelos loiros que podia ter passado por aluna de uma faculdade.

O Hotel Caravana não era daqueles que dá gosto olhar. Muito tempo atrás, antes que as auto-estradas desviassem todo o tráfego interestadual, aquele lugar havia provavelmente sido um negócio lucrativo e respeitável, abrigando viajantes cansados durante a noite. Agora, as coisas haviam mudado, os quatorze quartinhos se encontravam em péssimas condições, o gramado havia dado lugar às ervas daninhas, e a maior parte dos clientes ali eram provavelmente do tipo mal-afamado.

— Em que quarto ela está? — perguntou um homem alto, de aparência jovem. Era quem havia chegado à distancia de uma lamina de faca de Sally Roe no campus da Universidade Bentmore. Ainda tinha sua faca, e aguardava ansiosamente um encontro mais longo, mais satisfatório.

— Quatorze — informou Kholl — bem na ponta, perto da estrada. Não teremos de passar por nenhum dos outros quartos. Ela está facilitando a coisa.

Kholl estacionou o carro logo adiante do hotel, e o outro carro encostou atrás. No total, oito pessoas saíram dos dois carros. Kholl fez um leve movimento afirmativo de cabeça aos quatro homens do segundo carro, e eles se espalharam imediatamente rua acima e rua abaixo, cobrindo cada saída de escape do hotel.

— Muito bem, belezinha — disse Kholl — verifique para ter certeza. A jovem foi à frente deles, encaminhando-se à recepção do hotel. Kholl e os outros dois permaneceram na calçada, conversando e parecendo despreocupados.

Ela saiu de novo, e apontou discretamente para o Número 14.

— Vamos — disse Kholl.

***

— Oh, olá — disse Judy. — Está esperando há muito?

— Não, não muito — disse Marshall. — Cerca de dez minutos, acho. — Ele havia visto o bilhetinho que ela grudara na janela: "VOLTO EM DEZ MINUTOS."

— Tive de ir buscar uma nova fita para a máquina de escrever. Mal consigo ler as minhas últimas cartas. — Ela tinha um saquinho de papel na mão, o que significava que sua missão havia sido bem sucedida.

— Acho que tenho um fax à minha espera.

— Oh, isso mesmo, tem sim.

Judy destravou a porta e deixou-o entrar.

— Ele veio não faz muito tempo. Acho que o coloquei... Deixe-me ver, onde foi que o coloquei?

***

A jovem loura bateu na porta do Número 14.

Sally ficou tensa, fechou os olhos, e fez uma oração rápida. Então, ergueu-se da cadeira e aproximou-se da porta.

— Quem é?

— Arrumadeira — disse a mulher.

***

Por fim, Judy encontrou a folha de papel que havia acabado de sair da máquina de fax.

— Oh, aqui está.

Marshall apanhou-a e agradeceu. Ora, isso parecia familiar. Era mesmo desapontador. Não havia dito a Bernice que já tinha visto o currículo? Por que todo o barulho? Vir até o escritório da Judy para isso?

Mas o que era aquele bilhete de Bernice no topo? Ela havia escrito com grossa caneta de ponta de fibra.

***

— Está bem, um momento — disse Sally, e olhou à volta do quarto uma última vez. Estava pronta. Foi até a porta e colocou a mão na maçaneta."Marshall", dizia o bilhete de Bernice, "você viu isto? ligue-me." Saindo do bilhete, uma enorme flecha desenhada com caneta de ponta grossa escorria pela página a um circulo evidente na parte de baixo.

Dentro do circulo encontrava-se o nome da autora do currículo — a

verdadeira autora.

Sally Beth Roe.

***

BAAM! Aporta escancarou-se de chofre e quase pegou em cheio o rosto de Sally. Kholl estava por cima dela, depois outros dois vultos sombrios. Braços tatearam e a agarraram, o quarto rodopiou à volta dela, ela caiu ao chão, o rosto batendo de encontro ao tapete gasto. Um joelho pontudo enfiou-se nas costas dela, prendendo-a no chão com tanta força que ela achou que suas costelas iriam rebentar. Eles agarraram-lhe os braços e os torceram para trás até ela gritar de dor, depois amarraram-nos com laçada após laçada apertada e cortante de corda.

AAU! Kholl agarrou um punhado de cabelos e, com um safanão, ergueu-lhe a cabeça do tapete. Ela não podia respirar. Ele segurou uma faca prateada, brilhante contra a garganta dela.

— Dê um pio, e isto aqui entra.

Ela fechou a boca bem apertada, tentando conter os gritos de dor e terror que não conseguia evitar.

O quarto estava cheio de gente, rebuscando cada canto, cada gaveta, debaixo do colchão, despejando o conteúdo de sua mochila, revistando tudo o que era seu.

— Você sabe o que estamos procurando — disse Kholl bem no seu ouvido. Ele agarrou-lhe uma das mãos amarradas e forçou o indicador a abrir.

— Diga-nos onde está o anel, e onde estão as listas, ou começo a cortar.

— Se eu contar, você apenas fugirá com elas para si mesmo! — disse Sally. A faca tocou a base do dedo dela. Ela soltou as palavras como uma golfada. — Direi àqueles que o mandaram aqui! Entregue-me a eles!

A faca permaneceu no lugar. Sally exclamou:

— Você quer ser pago, não quer?

A faca ficou onde estava; o aperto que Kholl mantinha no dedo dela não diminuiu. Ela podia sentir o gume daquela faca contra a pele, e orou enquanto uma eternidade se passava.

Destruidor estava no quarto, nada disposto a perder o prêmio uma vez que o havia encontrado.

Leve-a ao Alto Comando, disse ele a Kholl.Kholl inclinou-se sobre Sally, cada fibra do seu ser anelando por enterrar-lhe a faca no coração. Ele hesitou, a

respiração ofegante.

Destruidor colocou a mão na espada. Você a levará ao Alto Comando, ao Homem Forte, e fará isso agora!

Depois do momento mais longo, mais agonizante, sem motivo aparente, Kholl retirou a faca e soltou-lhe o dedo.

Sally achou que iria desmaiar. Quase vomitava.

— Ponham-na de pé!

Ela foi apanhada bruscamente do chão num instante por nada menos do que quatro enormes bandidos, que a seguraram com força, impedindo-a de mover-se. Agora ela podia ver o rosto de Kholl fitando-a furioso, os olhos cheios de ódio. Olhos demoníacos.

PÁÁ! A mão dele parecia de ferro ao acertar-lhe o queixo, face e nariz. Ela quase perdeu os sentidos. Sangue morno começou a pingar-lhe do nariz e escorrer pela boca.

Kholl agarrou-a outra vez pelos cabelos e segurou a faca bem debaixo do nariz dela.

— Vamos levar você aos nossos amigos. Eles vão receber o pacote todo bem no colo, e ouça o que digo agora: é melhor que lhes dê tudo o que quiserem quando quiserem, porque estarei lá, e se eles não conseguirem o que querem, vão entregá-la a mim. A *mim,* entendeu?

— Cooperarei.

— Nem um pio!

— Nem um pio.

Kholl olhou-a com toda a lascívia e desejo assassino do próprio Diabo, e então deu a ordem:

— Vamos.

A jovem loura enfiou tudo o que Sally possuía na mochila e um bandido a apanhou com força.

Em plena luz do dia, como um desfile horripilante, Kholl foi à frente do seu bando de marginais com a prisioneira, amarrada com corda e o nariz ainda sangrando, saindo do Número 14 para a rua. Sally podia ver umas frestas sendo abertas nas cortinas do outro lado do pátio, mas ninguém se atrevia a pôr o rosto para fora. Mesmo a dona do lugar, uma mulher feiosa de seus cinquenta anos que

acendia um cigarro no toco do outro, viu-os de relance e depois voltou-se, tendo o cuidado de cuidar da própria vida.

Eles levaram Sally ao primeiro carro, empurraram-na com força no banco de trás, entre dois homens — um deles era o jovem esfaqueador que ela havia encontrado em Bentmore — e saíram dali sem pressa, desimpedidos e sem contestação.O Hotel Caravana estava quase invisível debaixo de um enxame de espíritos maléficos rastejantes, sibilantes. Cada pessoa em cada prédio era motivada por medo, interesse próprio, e até mesmo auto-engano. Não, ninguém viu nada. Não era o que parecia ser — apenas parecia ser assim. Não tinha nada a ver com eles. Uma porção desse tipo de coisa acontecia em lugares como esse; e daí?

Destruidor e seus doze guerreiros-chave voavam logo acima dos automóveis, cautelosos e preparados para qualquer resistência angelical. A resistência não veio. Eles viram alguns guerreiros angelicais, mas os guerreiros não se mexeram para atacá-los; sem dúvida, se sentiam intimidados pelo grande número de demônios.

— Hááááá! — riu Destruidor, dando uma cotovelada no mais próximo dos seus guerreiros. — O que foi que eu disse? A força deles se foi! Tal não tem mais gente de que se gabar, e... — Ele estava encantado com a própria esperteza. — ... Acredito que os surpreendemos! Antes que possam ajuntar mais forças, arrebatamos a nova santinha deles bem debaixo de seus narizes!

***

Enquanto os dois automóveis dobravam na principal auto-estrada e voavam por ela, muitos dos melhores guerreiros de Natã estavam à mão para vigiar, escondidos nas sombras, agachados atrás de árvores, carros estacionados, e casas. Eles mantinham atenta vigilância, mas não intervieram. O aviso espalhou-se rápida e claramente entre todos eles: Aquele era o momento de Destruidor, e o maior risco que o Capitão Tal jamais correra.

***

Lá na rodovia interestadual, um caminhão do Correio rodava depressa, saindo de Chicago rumo ao sul e dirigindo-se às colinas ondulantes do Meio Oeste e à graciosa cidadezinha universitária de Ashton.

A bordo, num malote, apenas um tanto suja e amassada a essa altura, estava aquela carta endereçada a Bernice Krueger.

39

Marshall estava impaciente, e isso o tornava ansioso, e isso o tornava irritadiço. Ben Cole apenas mantinha-se andando pela casa, tentando pensar no que mais fazer, Kate sentou-se ao lado de Marshall à mesa de jantar, folheando todos os seus arquivos acumulados em busca de qualquer informação de que Marshall pudesse precisar, e Bev Cole apenas se mantinha de olho em tudo aquilo e orando baixinho: — Senhor Jesus, precisamos do Senhor agora!Marshall estava no telefone com John Harrigan, um amigo e contato com o FBI.

— Oh, sim, foi ela quem o escreveu, com certeza. Falei com a minha repórter, e ela já havia falado com esse sujeito Cliff Bingham, e ele certificou que a edição que encontrou é recente, publicada há apenas dois anos.

Marshall revirou os olhos e cerrou os dentes. Essa conversa não trazia resultados com rapidez suficiente.

— Isso quer dizer que o currículo que a escola nos deu estava alterado. O nome de Sally Roe foi tirado e substituído por dois outros nomes, e isso se encaixa direitinho com o modo como encobrem tudo de que lhe falei. Não, ainda não tenho um caso. Achei que vocês é que têm a responsabilidade de investigar essas coisas. Bem, estou perto, bem perto, e acho que e algo para vocês cuidarem. O Centro Ômega fica em Fairwood, Massachusetts, e Sally Roe quase foi assassinada aqui do outro lado em Baskon, faça-me o favor! Ora, isso atravessa as divisas estaduais ou não?

Mais conversa do outro lado.

— Está bem, escute, pode me dar um número onde eu possa encontrá-lo a qualquer hora, isto é, bem no meio da noite se for preciso? Não chamarei a menos que tenha alguma coisa de verdade para você, mas quando eu conseguir o tempo estará tanto mais curto para Sally Roe. — Ele recebeu uma objeção. — Vamos, ficarei lhe devendo um. Lembre-se apenas daquela pista que lhe dei naquela operação de cocaína. — Marshall agarrou a caneta. — Amigão!

Ele obteve diversos números, despediu-se e desligou. Todos na casa convergiram sobre ele.

— E então? O que foi que ele disse?

— Ele estará de prontidão. Consegui números de telefone para falar com ele no trabalho, em casa, na igreja, e também o número do seu bipe, por isso ele não escapa. Mas ele espera mesmo é alguma informação firme que justifique o

envolvimento do FBI.

Ben ficou indignado.

— O que está errado com todo *esse* negócio que você lhe deu?

— Foi o suficiente para fazer com que ficasse interessado, mas não o suficiente para fazer com que ele se arriscasse.

— E Wayne Corrigan? Kate respondeu:

— Deixei um recado no escritório dele. Ele receberá o que temos.

— Oh, Senhor Jesus, proteja a Sally Roe! - exclamou Bev.

***

Guilo havia retornado ao seu posto nas montanhas acima da pitoresca cidade de Summit, e embora as cercanias apresentassem a extraordinária beleza de sempre, o mal invisível estava pior do que nunca. Educadores, estadistas, juristas, artistas, magnatas de companhias e financistas de todo o mundo estavam reunidos a pouco menos de dois quilômetros no vale que subia de Summit, no Instituto Summit para Estudos Humanísticos. Sua conferência semi-anual estava apenas começando, e enquanto esses planejadores globais se reuniam, os príncipes dos demônios e guerreiros da espécie mais conspirado» reuniam-se com eles, enchendo o vale com uma nuvem rodopiante, fuliginosa, cada vez mais espessa de espíritos. Os demônios pairavam, davam vivas, praticavam luta e se acotovelavam, mais numerosos, turbulentos e confiantes do que nunca.

— Eles estão esperando uma verdadeira festa — disse Guilo.

***

Santinelli, chefão da firma de advocacia Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon, Goring, o senhor e administrador do Instituto Summit para Estudos Humanísticos, e Steele, o impiedoso governante do Centro Ômega para Estudos Educacionais, estavam reunidos de novo, saboreando um *brandy* perto do fogo no chalé rústico de Goring no campus do Instituto Summit. Essa reunião trazia à lembrança a sua última reunião no Ômega, quando as coisas não estavam tão cor-de-rosa; podiam lembrar-se da indignidade de ter de suportar a mera presença daquela mais indesejável das personalidades, Kholl, e, naturalmente, naquela ocasião Sally Roe ainda estava às soltas.

Agora eles fizeram tilintar seus copos num brinde à vitória. De fato, com as notícias chegadas mais cedo naquele dia, as coisas estavam definitivamente diferentes.

— Ao futuro! — disse Santinelli.

— Ao futuro! — ecoaram Goring e Steele.

Eles beberam pequenos goles de suas bebidas, estalaram os lábios, e chegaram mesmo a permitir-se uma ou duas risadas.

Enquanto relaxavam no sofá macio e na cadeira preguiçosa de Goring, Santinelli voltou-se para os assuntos prementes diante deles.

— Mandei o nosso jato particular para trazer o Sr. Kholl e sua gente. Devem chegar aqui com o prêmio em questão de horas.

— Você já a viu alguma vez? — perguntou Steele. Goring e Santinelli trocaram olhares.

— Eu não — disse Goring — mas estou esperando ansiosamente o momento.

Santinelli concordou.

— Uma história exagerada sobre um peixe pescado nunca pode ser comparada a ver de fato o peixe sendo puxado da água. Na realidade,estou impressionado em ver que Kholl conseguiu conter-se e entregá-la viva.

Goring falou com grande antecipação.

— Será fascinante conhecê-la. Tenho muitas perguntas, com certeza.

— Oh — disse Santinelli — todos nós temos perguntas para ela — perguntas sérias.

— Disseram alguma coisa a respeito do anel e das listas? — perguntou Steele.

— Nada. Mas com Sally Roe sob nosso domínio, não posso imaginar que seja um problema.

Goring admoestou:

— Mas lembrem-se apenas de que há muitos delegados e visitantes por aí. O nosso negócio atual seria muito desagradável para a maioria deles, com certeza; por isso nossos hóspedes jamais devem saber a respeito dele.

— De acordo. E instruí Kholl para preservar a aparência da Roe, caso ela seja vista por alguém.

— Agora — disse Goring — há aquele outro assunto que discutimos...

— Claro — disse Santinelli — toda a questão de Kholl em particular e do Vidoeiro Quebrado em geral.

— Umm — resmungou Steele, assentindo com a cabeça. — Pensei a respeito disso também. Agora que estão nisto junto conosco, não se deterão enquanto não controlarem tudo.

— Já falei com o Sr. Evans e com o Sr. Farnsworth, e eles colocaram parte de seu melhor pessoal para examinar a coisa. Se nos movermos com cuidado, e estabelecermos um plano meticulosamente estudado, poderemos acumular alguma evidência condenatória contra o Vidoeiro Quebrado ao mesmo tempo que nos mantemos limpos. Evans e Farnsworth têm bastante certeza de que o bando todo deles pode ser preso por crimes totalmente desligados do nosso empreendimento.

Goring sorriu e moveu afirmativamente a cabeça.

— Excelente. Já falei com a minha diretoria, e eles acham que um plano desses seria viável. Conseguiremos resgatar alguns favores de nossas fontes em firmas e no governo, e estou certo de que elas estariam mais do que dispostas a ver o que desejamos que vejam e a desviar o olhar quando... valesse a pena.

— Então, precisamos prosseguir com isso sem delongas — disse Santinelli. — Kholl e o Vidoeiro Quebrado finalmente fizeram o seu trabalho, mas quando nos entregarem Sally Roe, precisamos apagar qualquer associação com eles.

Goring acrescentou:

— Qualquer *lembrança* deles em *quaisquer* círculos, se conseguirmos!Santinelli ergueu o copo. — Bebo em honra disso! E foi o que fizeram.

***

O furgão havia estado a rodar pela rodovia serpeante, ascendente, sinuosa por um tempo que parecia horas, e Sally finalmente cochilou, o queixo contra o peito, sentada entre dois dos quatro carrancudos e corpulentos acompanhantes que haviam vindo com Kholl e com ela no avião. O vôo havia demorado diversas horas, a viagem por terra mais ainda, e agora era noite.

Sua aparência havia melhorado um pouco. Pelo menos Kholl havia achado que ela não podia escapar de um jato em vôo, e, recitando a ordem de Santinelli de "preservar a aparência de Roe", desamarrara-a e permitira-lhe usar o banheirinho apertado para lavar o sangue seco e empastado da boca e do queixo, trocar a blusa manchada de sangue por uma limpa, mas tristemente amassada, e escovar os cabelos. Ela parecia um tanto melhor — para uma fugitiva totalmente exausta, maltratada e prestes a morrer.

Eles se dirigiam às montanhas, através de altas florestas de pinheiros que se

tornaram monótonas depois de algum tempo. Sally dormia intermitentemente, acordando assustada a pequenos intervalos, mas apenas o tempo suficiente para ver mais árvores passando pela janela, e em seguida cochilava de novo.

Algum tempo mais tarde — ela não sabia quanto mais tarde — ela acordou para ver a luz matinal. O furgão ia mais devagar; Kholl e seus asseclas olhavam à volta, tentando orientar-se. Entravam numa cidadezinha.

Kholl, sentado na frente, no banco do passageiro, voltou-se para dizer

— Bem-vinda a Summit.

Sally esfregou os olhos para afugentar o sono e olhou pela janela para uma cidadezinha graciosa cercada de todos os lados por picos pontiagudos cobertos de neve e espessas florestas imaculadas. Fora da janela da esquerda, logo acima dos telhados pontudos de uns pavilhões de esqui, o sol matutino transformava uma cachoeira distante em fios de ouro; fora da janela da direita, através de uma brecha nas pequenas hospedarias e lojas, a encosta das montanhas caía abruptamente até um prado alpino salpicado de flores. Retalhos de neve ainda restavam por toda a parte, pingando e rebrilhando à luz oblíqua do sol.

Por que viemos aqui? quis saber Sally. Dificilmente parecia o cenário para um negócio tão horroroso, e gente como Kholl e seu bando não pareciam encaixar-se ali de forma alguma.

Mas, quem sabe, talvez se encaixassem. Sally começou a notar alguns dos estabelecimentos e instituições na cidadezinha; começou a ler algumas das placas.

Centro de Retiro Taoísta. Projeto e Mosteiro do Vale Tibetano. Templo de Ananta. Biblioteca e Arquivos da Sabedoria Antiga. Escola Americana Nativa de Medicina Tradicional. Karma Triyana Dharmachakra. O Templo de Imbetu Agobo. Ashram Babaji. Santuário do Templo da Mãe Shiva. Os Filhos de Diana. Templo à Divina Mãe Universal. A Casa de Bel. A Ordem Sagrada e Real da Nação.

Ela inclinou-se para a janela. O acompanhante grandalhão colocou-lhe a enorme palma no peito e empurrou-a para trás. Ela retorceu-se e olhou pela janela traseira quando o prédio passou.

A Ordem Sagrada e Real da Nação. O pequenino gárgula rosnou para ela da porta da frente do templo de pedras negras e da fachada do prédio. Ela podia ouvi-lo guinchando: Bem-vinda a Summit!

***

Destruidor havia seguido os caçadores desde Chicago, e agora, enquanto o furgão atravessava o vale e entrava na cidadezinha, ele ia gozar esse momento ao

máximo. Deixou-se cair do céu, pousou no teto do furgão, e ficou ali, a espada erguida bem alto em sinal de vitória, as asas arrastando como flâmulas atrás de si, seus doze capitães formando sua guarda de honra. Dirigir debaixo do espesso manto de espíritos era como entrar num túnel escuro debaixo de uma montanha altíssima; em cada lado, e milhares de metros acima, demônios davam vivas e abanavam as espadas em trovejante demonstração de admiração.

Destruidor se deleitava na vitória e em sua recente fama. Essas hordas desprezíveis o haviam ignorado um dia, zombado dele, sem se importar em conhecer o seu nome. Agora, era escutá-las! Que o *Homem Forte* as escutasse! Um melhor anúncio de sua chegada ele não podia ter pedido.

***

Guilo voltou-se ao ouvir o som de asas atrás de si. O capitão havia chegado.

Os vivas dos demônios ecoando pelo vale poderiam somente ter uma razão de ser.

— Eles a trouxeram — informou Guilo.

Tanto ele quanto Tal mantiveram-se agachados entre as árvores com seus guerreiros. O enxame de demônios lá em baixo não era nada com que se meter antes da hora certa.

Guilo apontou.

— Lá! Aquele furgão azul que acabou de entrar no Instituto Summit! Eles podiam vê-lo apenas intermitentemente, tão diminuto quanto um

grão de areia, aparecendo através das partes mais finas do enxame demoníaco e depois desaparecendo de novo. Ele reapareceu apenas o tempo suficiente para que eles o vissem deixar a fita estreita e cinzenta da rodovia e desaparecer de vista debaixo do manto de espíritos que cobriam o Instituto Summit.

— Bem, agora ela está sozinha — disse Tal. — Não podemos passar por aquilo.

— E o fogo que o senhor ia começar? — perguntou Guilo. — Se jamais precisamos que algo acontecesse, é agora!

Tal meneou a cabeça.

— Estará com um dia de atraso. Por ora, tudo o que podemos fazer é esperar pelo sinal de Natã, e ter esperança de que venha logo.

***

A Conferência da Consciência Global, que se realizava duas vezes ao ano, começava; por isso o motorista do furgão teve de ir de um lado para outro no vasto estacionamento asfaltado diversas vezes antes de conseguir encontrar uma vaga desocupada. Sally passou esse tempo observando o Instituto Summit para Estudos Humanísticos. Ele lhe lembrava bastante o Centro Ômega, exceto pelo fato de ser mais novo e a arquitetura mais moderna. Pedra era um material abundante ali, e por isso foi usada na construção dos escritórios, salas de palestras, passagens e jardins. Fiéis à sua devoção religiosa à Mãe Terra, os arquitetos do campus não suplantaram o ambiente natural, mas deixaram que o campus se incorporasse a ele, quase escondido entre as árvores, as pedras e o terreno montanhoso.

Ainda era cedo, por isso não havia pessoas andando por ali. Que sorte dos captores de Sally!

Kholl voltou-se para Sally, erguendo na mão a faca como um lembrete.

— Tudo o que me pagaram para fazer foi entregar você aqui. Se for picada no estacionamento, é sua culpa e nada tenho com isso, entendeu?

Ela moveu afirmativamente a cabeça.

— Vamos levá-la à casa do Goring.

Um observador que estivesse a certa distancia, teria pensado que um importante dignatário havia chegado e estava agora cercado por agentes do Serviço Secreto. Sally mal aparecia dentro do grupo fechado de corpos que se formou fora da porta lateral do furgão e em seguida começou a subir o caminho na direção do chalé do Sr. Goring.

Sally esforçou-se por todos os modos a fim de enxergar em volta das costas e dos ombros de seus acompanhantes e estudar a disposição daquele lugar. Naquele momento, atravessavam vasto jardim de ervas meticulosamente arranjadas com cercas esculpidas, passagens de pedra, e tanques de reflexão agradáveis à vista. No meio do tapete de musgo, um homem solitário sentava-se quase nu na friagem da madrugada, olhos fechados, pernas cruzadas na posição de lótus, totalmente arrebatado.Deixando o jardim de ervas, eles dobraram uma esquina, seguiram um caminho estreito, natural, de pedra, ladeado por cercas verdes vivas, e depois saíram em campo aberto. À direita, o chão descia a um anfiteatro natural, e além do anfiteatro, num panorama de fazer parar o coração, as montanhas alargavam-se e alteavam-se mais do que o olho podia abranger.

No centro do anfiteatro, um grupo bem grande de pessoas estava de pé em semicírculos ordeiros, concêntricos em torno de uma fogueira, entoando, zoando e jogando flores, grãos e frutas no fogo. Numa pequena plataforma à cabeceira do

círculo, olhando embasbacados o fogo como que hipnotizados por ele, sete deuses de pedra recebiam as oferendas e a adoração desses devotos madrugadores enquanto uma mulher emaciada de cabelos brancos, trajando um roupão amarelo, cantava uma canção obsedante em sânscrito.

Sally lembrava-se da canção e ainda sabia algumas das palavras, embora fizesse dez anos que não a ouvia. Ela não conseguia lembrar-se de todos os nomes dos sete pequenos deuses, mas eram deuses secundários de qualquer jeito. Essa cerimônia tinha o fim de invocar primeiro a benção da Mãe Universal, e em segundo lugar, apaziguar esses sete anões.

Então ela viu de relance alguns dos rostos quando foram erguidos na direção do sol matutino. Não! Lá estava a Sra. Denning do Centro Ômega, e dois dos professores do Ômega! E aquele era o Sr. Blakely, seu conselheiro na Faculdade de Pedagogia Bentmore? Ela achou ter-lhe reconhecido o rosto, e em seguida a voz que grasnava feito taquara rachada identificou-o com certeza. Perto do fogo, o rosto banhado por luz vermelha, encontrava-se Krystalsong, uma bruxa, estudiosa, e mãe de quatro filhos, vinda do Litoral Oeste; ela e Sally haviam trabalhado juntas num programa holístico para a pré-escola.

Um belo regresso ao lar para todos nós, pensou ela.

***

Na rodovia que levava a Ashton, o caminhão do correio continuava rodando, bem dentro do horário. O carregamento matutino de correspondência estaria no Correio de Ashton assim que este abrisse as portas.

— Tem de ser aquele ali! — disse um espírito aos amigos.

Eles vinham zunindo e atirando-se impetuosamente ao longo da rodovia, mantendo a mesma velocidade que o caminhão e olhando-o curiosamente. O espírito que os liderava havia estado numa luta terrível; as asas estavam em farrapos, o vôo estava inseguro e a cara deformada.

— Desta vez — falou ele indistintamente — não permitiremos que qualquer guerreiro celestial nos detenha!

— Destruidor nos recompensará! - disse outro.

— Deteremos o caminhão e pegaremos aquela carta!

Eles jogaram as asas fechando-as com força atrás dos ombros e caíram como torpedos rumo ao caminhão, cortando através das finas camadas da neblina matinal, o vento assobiando-lhes através das asas e dos pêlos. Isso deveria ser muito fácil. Eles podiam encrencar o motor, quebrar o volante, furar um pneu. Podiam...

LUZ! ESPADAS! GUERREIROS! O caminhão estava cheio deles!

Natã atirou-se ao ar e encontrou o demônio estropiado.

— Você de novo? — disseram ambos.

O demônio dissolveu-se em fumaça vermelha. Natã rodopiou para enfrentar outro.

Armoth fez em pedaços três demônios com uma passada da lamina, e depois rodopiou num borrão a fim de despedaçar dois outros com o calcanhar.

Uma dúzia de guerreiros havia explodido para fora do caminhão e agora girava em torno do veículo, golpeando e retalhando.

Seu piquenique estragado, os outros espíritos fugiram como mosquitos e o caminhão continuou a rodar.

40

Os santos estavam ajoelhados. A divisão estava sumindo. Mark havia dedicado múltiplas horas do seu tempo e grandes medidas de seu cuidado pessoal a curar e restaurar os doloridos e feridos dentre seu rebanho, desfazendo firmemente, e com oração, a confusão emaranhada que Destruidor e suas hordas haviam criado na igreja. Havia sido necessário um tanto de verdadeiro quebrantamento, um tanto de arrependimento e um tanto de perdão de todos os lados, mas isso havia acontecido, e ainda estava acontecendo, em um coração de cada vez.

Os Jessups ficaram tão magoados e consternados que foi preciso cuidadosos e amorosos apelos por parte dos Walroths para que eles voltassem à comunhão; Judy Waring estava abrigando bastante amargura contra gente como Donna Hemphile que a havia usado — e à sua boca — para prejudicar o povo de Deus. Mas teve de admitir, afinal, que foram a sua boca e o seu coração, e começou a reviravolta com essas duas áreas de sua vida. Cada um deles precisou reavaliar totalmente sua opinião sobre Tom Harris, e ainda estavam nesse processo enquanto oravam.

Não foi uma restauração fácil para nenhum deles, mas à luz da revelação do seu inimigo, tinham uma escolha clara: voltar ao exército de Deus e lutar contra o mal que estava naquele instante destruindo-os, às suas famílias e à sua fé cristã, ou... continuar a ser destruídos.

Resolveram unir-se no exército divino e lutar fortemente.

***

Os anjos mantinham-se quietos, escondidos, e sem falar muito enquanto secretamente se posicionavam em pontos estratégicos por todo o país, esperando que o "incêndio" de Tal começasse.

Mota, o polinésio, e Signa, o oriental, tinham muitos pontos a cobrir por toda a área de Baskon, mas dispunham agora de guerreiros mais do que suficientes, que cuidadosa e metodicamente os cobriam. Terga, o príncipe da cidade de ego sensível, estava ficando nervoso com a súbita maré de orações que vinha dos santos reunidos, mas até então não havia percebido a atividade que todas aquelas preces estavam precipitando. Ademais, ele tinha ouvido a notícia dos poderes acima dele: a mulher havia sido capturada; o perigo havia terminado.

***

Cree, o índio americano, e Si, do leste indiano, haviam voltado de novo ao Centro Ômega para Estudos Educacionais, e estavam agora postando guerreiros

angelicais como cargas de explosivos nos lugares certos por todo o campus. Era um trabalho entediante, perigoso, sendo a descoberta o maior dos perigos. Enquanto rastejavam por ali ou debaixo do chão, moviam-se por sob a superfície do lago, iam furtivamente de árvore em árvore, ou passavam horas totalmente imóveis debaixo de pedras, barcos ou prédios a fim de evitar serem descobertos. Quase sempre conseguiam ver Barquit, o Príncipe de Ômega, disparando para cá e para lá, seus olhos por toda a parte, rindo e exultando a cada progresso feito nas classes e nas oficinas de trabalho, depois rosnando e cuspindo ante qualquer movimento desajeitado por parte dos seus demônios ou de sua gente-marionete lá em baixo. Ele ainda dominava totalmente e controlava suas hordas demoníacas com pulso de ferro. Agora que a mulher havia sido capturada, ele não sentia qualquer temor ou preocupação, e obviamente tencionava permanecer para sempre em seu posto.

***

Por fora, a Universidade Bentmore parecia a mesma antiga alma mater de tijolos vermelhos permanentemente estabelecida que sempre tinha sido, e as classes iam a todo vapor como sempre.

Na esfera espiritual, entretanto, Corruptor, o rotundo senhor de desinformação e indulgência carnal de Bentmore, movia-se como um dirigível sobre o campus, procurando qualquer dano em que a escola pudesse ter incorrido resultante daquele recente e violento intercâmbio com os guerreiros dos Céus. Ah! Destruidor nada mais era do que um poço de preocupação ansioso para não perder o seu status! Dano? Quase não havia nenhum digno de nota. O professor Lynch havia estado um tanto adoentado ultimamente, mas afinal ele estava ficando velho, e havia muitos outros no lugar de onde ele tinha vindo. Com a mulher capturada, o futuro estava escancarado.Do outro lado do rio, em cima da Companhia Norte-Americana de Latas, Chimon, o europeu, e Scion, das Ilhas Britânicas, estavam de volta, escondidos atrás de uma das muitas chaminés de ventilação da fábrica. As coisas pareciam calmas em Bentmore naquele momento, mas quando o incêndio de Tal tivesse início, haveria barulho o bastante.

Chimon e Scion estavam procurando esconderijos e enviando tropas a ocupá-los. O depósito perto do rio podia abrigar uma miríade mais ou menos; o cais no lado de Bentmore também serviria muito bem, por estar mais perto do campus. As tropas moviam-se silenciosa e rapidamente. Um movimento em falso, uma chispa luminosa fora de hora, podia colocá-los a todos em perigo.

***

A cada ponto ao longo da jornada de Sally, a cada fortaleza de Satanás, os anjos se posicionavam e então esperavam o sinal.

Mas todos eles sabiam que estavam esperando mais tempo do que haviam previsto.

***

Nos picos acima do Summit, Tal e Guilo vigiavam e escutavam a fim de ter alguma indicação do que poderia estar acontecendo lá dentro. Atrás deles, um exército oculto jazia à espera, pronto.

— A qualquer momento — disse Tal mais de uma vez. — A qualquer momento.

***

Num sentido puramente físico, o chalé do Sr. Goring era uma atraente estrutura em formato de A, construída com madeira grosseiramente talhada e uma frente de vidro que ia até o teto e oferecia uma vista maravilhosa das montanhas. Poderia ter servido muito bem como um pavilhão para esquiadores ou um retiro nas montanhas.

Num sentido espiritual, era um ninho de marimbondos, tumultuado, espumante de maldade, e Sally pôde senti-lo mesmo antes que seus captores a conduzissem através da porta da frente. Ela sabia que estava sendo vigiada de cada direção; podia discernir o ódio opressivo, sufocante que cobria o lugar como uma bruma de chumbo.

Destruidor já se encontrava no chalé, forçando passagem à sala de estar, empurrando para o lado os demônios e assistentes do Homem Forte com rude atrevimento. E lá foi ele adentrando o covil do Homem Forte, marchando empertigado pela estreita passagem formada por duas filas alinhadas de senhores demoníacos de todo o mundo, até que enfim se postou na presença do Homem Forte. — Meu Ba-al — disse em voz bem alta, com uma mesura um tanto exibicionista — trago-lhe Sally Beth Roe!

O Homem Forte tinha ouvido a nuvem demoníaca em alvoroço, e agora podia ver Kholl e seus homens trazendo Sally Roe à porta da frente. Ele moveu a cabeça em aprovação cuidadosamente medida.

— Trouxe mesmo. Trouxe mesmo.

Os senhores demoníacos ergueram as espadas para começar a dar vivas. O Homem Forte grunhiu, os braços estendidos:

— Esperem! — Eles se detiveram bruscamente e fitaram-no. — Primeiro veremos se existe alguma coisa para aplaudir.

***

A pesada porta de pranchões fechou-se atrás de Sally e de seus captores. Estavam em pé na espaçosa e confortável sala de estar do Sr. Goring. Num dos lados, havia enorme lareira de pedras; no outro lado, uma parede de vidro trazia as montanhas para dentro; o teto de vigas expostas pairava acima deles até o cume do telhado, e da maciça viga da cumeeira, rústicas luminárias de ferro pendiam de longas correntes.

Três homens ergueram-se de seus lugares perto do fogo. Sally reconheceu Steele, e o sorriso satisfeito deste deixava patente que ele a reconhecia.

Foi Goring quem ordenou.

— Tragam-na aqui e façam-na sentar.

Kholl estava atrás de um pouco de glória. Ele agarrou o braço de Sally e a puxou para diante, mantendo-a constantemente desequilibrada, e depois, com um aperto cruel que lhe machucou o braço, jogou-a sobre o sofá. Com apenas alguns gestos discretos, ele ordenou aos seus quatro capangas que montassem guarda em torno dela.

— Senhores — disse ele com arrogância — trago-lhes Sally Beth Roe.

Os três homens postaram-se diante dela, fitando-a com grande interesse. O homem de cabelos grisalhos com a barba perfeitamente aparada e o colar de osso olhou para o homem alto, de cabelos prateados, com cara de executivo, e então ambos olharam para Steele.

— É ela — disse Steele. — Muito bem, Sr. Kholl. Aceitaremos a nossa conta com o senhor imediatamente. Entretanto, se concordar, poderemos precisar ainda dos seus serviços.

Kholl sorriu, lançando a Sally um malicioso olhar de esguelha.

— Seria um prazer.

— Então, por favor, fique mais um pouco, o senhor e o seu pessoal. Tentaremos resolver este negócio o mais rápido possível.

— Não tem pressa.

Com Sally colocada seguramente no sofá, e debaixo de guarda competente, os três cavalheiros descontraíram-se e tomaram seus assentos, osdois homens mais velhos em outro sofá de frente para Sally, e Steele numa grande cadeira preguiçosa entre os dois sofás, de frente para o fogo. Steele deu inicio à conversa.

— Sally, deixe-me apresentar-lhe meus dois amigos. — Ele indicou o homem com a barba perfeitamente aparada. — Este é o Sr. Emile Goring, presentemente

diretor de finanças da Associação Mannesville, um pensador ambiental e humanitário de renome internacional, e mobilizador de projetos globais. É um dos principais acionistas e diretor em mais de quarenta firmas mundiais de óleo, gás, transportes, exportações, mineração e assim por diante.

Sally olhou na direção de Goring, que lhe fez um movimento de cabeça com expressão sombria, mas ainda fascinada.

Steele queria certificar-se de que Sally ficasse impressionada.

— Consequentemente, o que o Sr. Goring desejar fazer, tem os meios para fazer. Ele e seus associados são importantes contribuidores e agentes para empreendimentos como o Instituto Summit; este instituto é parte de sua visão, e não estaria aqui se não fosse por seus esforços.

— O outro cavalheiro é o Sr. Carl Santinelli, Sócio Sênior na firma de Evans, Santinelli, Farnsworth e McCutcheon, uma das firmas de advocacia mais poderosas no país e, de certo modo, a nau capitania da ACAL. É homem de grandes causas de lei e de jurisprudência, um ativista judicial da mais alta ordem, e definitivamente não um homem com quem se intrometer.

Sally olhou para Santinelli, e recebeu um olhar fixo, frio e perscrutador, de volta.

Então Steele voltou-se para Goring e Santinelli.

— Sr. Goring e Sr. Santinelli, apresento-lhes a Srta. Sally Beth Roe, antiga Diretora dos Recursos para Currículos Primários do Centro Ômega para Estudos Educacionais, condenada por homicídio, ex-detenta, operária de produção na Fábrica de Portas Bergen, e, mais recentemente, nômade.

Goring e Santinelli continuaram a estudá-la como se estivessem olhando para uma verdadeira raridade.

Steele relaxou em sua cadeira e a estudou por si mesmo.

— Tem sido uma aventura e tanto, não?

— Tem, sim — respondeu ela.

— Estou vendo que as raízes do seu cabelo estão começando a aparecer. Realmente sinto falta de ver seu chame jante cabelo ruivo. E desde quando você usa óculos coloridos?

Ela suspirou e tirou-os, esfregando os olhos cansados. — Tudo um disfarce, naturalmente. — Depois ela admitiu com amargura. — E muito inútil.

— Muito inútil — concordou Steele. — Mas você compreende, não é mesmo, por que precisamos capturá-la? A pergunta enraiveceu-a.

— É minha impressão, Sr. Steele, que o senhor e seus associados me querem morta, e eu gostaria de saber porquê.

— Ora, vamos! Uma pessoa tão brilhante e experiente quanto você deveria saber o quanto nos atrapalha. Quanto àquele atentado inicial contra a sua vida, direi sem rodeios. Foi erro crasso, um fiasco infeliz perpetrado por uns incompetentes que acharam que nos agradariam. Não gostamos. Matá-la dessa forma nunca foi a nossa intenção original.

— Então qual era a sua intenção original? Santinelli sorriu.

— Nossa intenção original era a ação judicial contra a Academia do Bom Pastor em Baskon, a cidade em que atualmente reside. O fato de você ter tropeçado no meio do nosso projeto foi surpresa total para nós.

Sally precisava confirmar aquilo de que desconfiava.

— *Vocês* são, em última instância, os responsáveis pela ação judicial contra a escola cristã?

Santinelli assentiu com a cabeça.

— Lucy Brandon primeiro entrou em contato com a nossa filial local da ACAL, a filial entrou em contato com a associação estadual, a associação estadual entrou em contato conosco, e resolvemos que o caso poderia vir a ser proveitoso. Imediatamente, colocamos nossa força e influência por trás dele.

— Mas não por causa da criança, Amber, naturalmente?

Santinelli trocou um olhar com os outros. Essa mulher era tão esperta quanto Steele havia dito que era.

— Obviamente, você não tem ilusões sobre a nossa preocupação com a segurança, os direitos e o bem-estar das crianças, especialmente visto que a ACAL defende com regularidade os interesses dos pornógrafos e abusadores de crianças. — Ele se recostou no sofá com o queixo levantado, batendo de leve com as pontas dos dedos umas nas outras, observando-lhe os olhos à espera de uma reação.

Ele forçou um canto da boca a se espichar para cima e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Como bem pode imaginar, o verdadeiro objetivo da ação judicial não é a concessão de indenização à acusadora, mas o de abrir um precedente legal, o de moldar e ajustar a lei, até reescrever a lei, através de um caso ideal para o

estabelecimento de um precedente.

Steele contribuiu:

— A Srta. Roe está bastante familiarizada com a nossa pauta para transformação social através de educação pública controlada pelo estado. Ela foi importante contribuidora para esse esforço em certa época.

Santinelli assentiu com a cabeça, impressionado.

— Portanto, você percebe que grande impedimento à nossa causa os cristãos representam enquanto lhes for permitido criar e educar seus próprios filhos segundo suas crenças bíblicas. Mesmo antes de seus anos no Ômega, estávamos procurando legislação e precedente legal que pudesse ser usado a fim de sufocar esse impedimento. Demorou todo esse tempo para que isso ocorresse.

— Mas ocorreu! — exclamou Goring com um sorriso triunfante. Santinelli permitiu-se o mesmo sorriso e continuou:

— A última legislação para nosso uso foi o Decreto Federal de Assistência a Creches e a Escolas Primárias Particulares, e o Decreto de Direitos Civis Munson-Ross, cada um deles uma pilha bastante confusa de leis que, como havíamos esperado, teria de ser testada e esclarecida pelos tribunais. O caso da Academia do Bom Pastor parecia feito sob medida para esse propósito. Não apenas envolvia fundos federais gastos numa escola cristã, e daí a intervenção e controle do governo, como também incluía o ângulo útil, inflamatório de abuso infantil, algo que podíamos usar a fim de incitar o apoio da imprensa e da mentalidade pública, fazendo com que todos eles passassem para o nosso lado independente das verdadeiras questões. Com o público chocado e preocupado com a proteção de crianças inocentes, seríamos vistos como nada menos do que defensores das crianças ao estabelecer através da abertura de precedentes o direito e o dever de o estado controlar a educação religiosa.

Ele não pôde resistir a uma risada de prazer, antes de prosseguir.

— Mesmo após o trauma inicial, real ou forjado, contra a criança ter-se desvanecido no passado e sido esquecido, as leis ainda estarão nos livros, e o governo firmemente plantado dentro das paredes da igreja.

— Conforme você mesma ensinou e aprendeu — continuou Santinelli — uma vez que *esse* controle da instrução religiosa seja estabelecido, a eliminação metódica e gradual de toda instrução religiosa é apenas questão de tempo. E então pessoas como você foi terão tremendo poder, de longo alcance, para controlar e moldar, sem resistência, cada segmento da próxima geração.

Sally assentiu com a cabeça. Ela havia aprendido esse catecismo. Goring apanhou o fio da narrativa.

— Bem, parecia prometedor, naturalmente. Mas isso foi antes de você surgir por acaso. Pode imaginar o choque que foi ficar sabendo que você havia saído da prisão e que morava na própria cidade onde havíamos movido a ação judicial. Pior do que isso foi a maneira pela qual descobrimos: O nosso pequenino troféu, a própria criança em questão, supostamente a pura, totalmente inocente vítima de fanáticos e violentadores cristãos, de súbito escolheu exibir sua verdadeira natureza certo dia no Correio local. Ah! Vejo que se lembra do incidente! De todas as pessoas que poderiam presenciar a explosão, tinha de ser você!

— Quando a Sra. Brandon levou o incidente ao conhecimento de seus advogados, eles nos avisaram, e, sabendo quem você era, vimos um risco substancioso de que você reconhecesse a condição da criança, especialmente visto que você havia escrito o currículo que a causara. Percebemos que você poderia prejudicar severamente o nosso caso se resolvesse apresentar-se.

Santinelli permitiu-se uma risada pesarosa.

— Mas realmente, ainda não havíamos decidido qual seria o nosso curso de ação quando um membro mal orientado — ex-membro agora — de nossa equipe tomou as rédeas na questão e contratou os serviços de uma assassina.

— Com essa parte você está bem familiarizada — afirmou Goring.

— Oh, sim.

— E isso — disse Santinelli — nos traz ao motivo pelo qual temos todos estado envolvidos nessa bela perseguição. Srta. Roe, se você tivesse morrido então, poderíamos ter absorvido o erro e continuado com nosso plano, em nada prejudicado pela impulsividade do nosso amigo. — Ele suspirou. — Mas sendo a pessoa impressionante que é, você não apenas viveu, mas matou a assassina e a deixou lá a fim de criar todo o tipo de pergunta se fosse encontrada, e escapou com o anel que a assassina usava no dedo, um anel que podia eventualmente ligar todo o negócio malvado a nós.

Sally nada disse, e tentou evitar que seu rosto dissesse alguma coisa.

— A assassina era espertinha. Era amante daquele ex-membro de nossa equipe, e surrupiou o anel dele, acreditamos, com o propósito de chantagem e manipulação. Aquele anel poderia ter contado a qualquer um quem era seu verdadeiro dono, tudo o que seria necessário era a obtenção das listas de membros da Nação nos quais todos os nomes codificados estão enumerados. Os dois itens

estão agora, acreditamos, em sua posse?

— Estou preparada para negociar — replicou ela. Todos eles sufocaram uma risada e trocaram olhares.

Steele aventurou uma pergunta que todos achavam desnecessária.

— Então... está disposta a renunciar às listas e ao anel em troca de alguma coisa? E o que seria essa coisa?

Sally olhou todos eles nos olhos e falou claramente.

— Que vocês abandonem a ação judicial, deixem a escola cristã em paz, e permitam que Tom Harris possa reaver os filhos.

Dessa vez eles não sufocaram a risada de forma alguma, mas deliciaram-se plenamente com o apelo dela.

— E depois - disse Goring — você nos devolverá as listas e o anel para dispormos deles?

— Podemos certamente conversar sobre isso; estou certa de que poderemos chegar a um acordo.

Santinelli inclinou-se para diante.— É uma corrente o que vejo em torno do seu pescoço?

Kholl certificou-se de que era. Ele forçou a cabeça dela para o lado e agarrou a corrente, puxando-a com força de sob a blusa.

Um anel de ouro pendia na ponta.

Com um safanão cruel que a ergueu do sofá e penetrou-lhe no pescoço, ele agarrou de súbito a corrente e arrancou-a. Sally foi parar no tapete com um grito de dor, apenas para ser erguida pelos capangas e atirada sobre o sofá novamente.

— Ei, parem com isso! — ordenou Goring. Depois ele apontou o pescoço dela que sangrava. — Coloquem um pano sobre isso. Não quero que manche o sofá.

Um dos homens de Kholl colocou um lenço em torno do pescoço de Sally.

Kholl balançou o anel acima da palma de Santinelli, e em seguida deixou-o cair.

Santinelli examinou o anel.

— Mm-hm. O Anel de Fraternidade na Ordem Real e Sagrada da Nação. Um objeto sagrado, é certo. — Ele olhou enraivecido para Sally. — Sagrado demais para estar em sua posse... ou continuar em sua posse.

Sally segurou o lenço de encontro ao pescoço, atordoada e esvaziada em seu espírito, e estremecendo pela dor causticante do ferimento.

— Estou vendo que pertence a esse grupo.

Santinelli olhou para o Anel de Fraternidade em sua própria mão.

— Oh, a Nação consiste de muitos irmãos, todos em lugares vitais: no governo, nos bancos, nos tribunais federais, nos colegiados e conselhos das universidades. Você conheceu bem o Owen Bennett, claro, e estou certa de que já leu uma quantidade impressionante de nomes nessas listas que roubou. Como qualquer outra sociedade secreta, ajudamos todos os nossos iniciados a se estabelecerem nos lugares certos, e cuidamos dos interesses uns dos outros, contanto, naturalmente, que o interesse de cada homem se conforme aos interesses da sociedade.

— Aparentemente, os interesses de James Bardine não se conformaram. Santinelli sorriu.

— Ah, sim, aquele "ex-membro de nossa equipe" tem um nome. Então foi você que ligou para o nosso escritório? Soube que a nossa recepcionista recentemente informou uma interlocutora anônima sobre a sua morte prematura. — Ele deixou o anel ficar caindo de uma mão para a outra. — Fraternidade é uma coisa; violação de sagrados votos de sangue de manter segredo é outra.

Ela olhou pelas janelas na direção das montanhas.

— Há algumas coisas que é melhor manter lacradas, Srta. Roe. Se pudesse ter dado uma volta pelos arredores, ou caminhado pela cidade de Summit e encontrado algumas das pessoas que estão aqui esta semana,teria encontrado muitas diferentes organizações esotéricas representadas, e alguns... indivíduos... bem... singulares. Somos todos uma família global, como sabe; esse é o brado unificador de cada coração. Proclamamos essa idéia aqui e em toda a parte, da mesma forma que você própria a proclamou, e ensinamos que todos são iguais. — Ele pausou para causar efeito. — Mas não revelamos a mais ninguém o fato de que alguns são superiores a outros, e muito mais capazes de governar.

Ele colocou o anel sobre a mesinha de centro e depois olhou para ela diretamente.

— Confio que agora você avalia plenamente o que está em jogo aqui, quão implacáveis e determinados somos, e quanto a sua situação é desesperadora. Não estamos aqui para negociar, Srta. Roe, mas para pôr um fim na ameaça que você representa para nós. Exatamente que processo será necessário para conseguir isso

dependerá em grande parte de você mesma.

— Ele olhou para Kholl. — Estou certo de que pouco conforto lhe trará saber que o Sr. Kholl e seus quatro comparsas são membros da mesma ordem secreta à qual pertencia a sua assassina, uma seita satânica conhecida como Vidoeiro Quebrado. São um bando implacável que viceja com derramamento de sangue, tortura, sacrifício humano. Muito repugnante.

— Ele voltou o olhar a Sally. — Srta. Roe, somos decentes, e não lhe desejamos mais desconforto do que você possa tornar necessário. Para falar às claras, seu destino depende de seu desempenho.

***

Natã, o árabe, e seu pequeno bando de sentinelas continuava defendendo o caminhão do correio à medida que este se aproximava mais e mais de Ashton. Armoth, o africano, havia voado adiante a fim de avisar Krioni e Triskal, os anjos de guarda da cidade. Era apenas uma questão de tempo antes que Destruidor soubesse da carta que aquele caminhão transportava.

***

No jardim de ervas que não ficava longe do chalé de Goring, um grupo de mais ou menos trinta participantes se reunia ao ar fresco e perfumado para um período de trabalho matinal, conduzido por um famoso cantor. O jovem de cabelos loiros havia trazido seu violão, e havia umas canções planejadas para antes de sua palestra sobre "Ecologia: A Fusão da Terra e do Espírito."

Havia certa euforia no grupo. Essas pessoas jamais haviam estado tão perto assim de alguém tão famoso, e ele não era a única pessoa famosa sentada ali entre o alecrim, o tomilho e as orelhas de burro. Dois ministros de estatura mundial que apareciam nos noticiários também estavam presentes, bem como o diretor de filmes místicos de ficção científica cujo nome era conhecido por todos, e cujos personagens dos filmes eram agora brinquedos de plástico no quarto de cada criança no pais e lá fora.

O cantor loiro dedilhou o violão, e todos se puseram a cantar uma de suas conhecidas baladas. O momento era mágico.

Os demônios entre eles também estavam se deleitando. Adoração e atenção tais como as que estavam agora recebendo eram como uma boa massagem nas costas, e eles chegavam mesmo a se contorcer e remexer de gozo a cada compasso do sentido duplo cuidadosamente disfarçado da música.

Huh? O que foi aquilo? Os demônios viraram as cabeças a fim de olhar na

direção do distúrbio.

Dois guerreiros demoníacos chegavam, deslizando por cima do topo do Pavilhão Goring, aparentemente rumando para o chalé de Goring. Levavam entre si o vulto murcho, lasso de um demônio estropiado, ainda ganindo e berrando de agonia. Com um som suave, farfalhante, eles passaram bem acima do jardim de ervas e em seguida desapareceram por trás da alta cerca viva.

Os demônios no jardim de ervas se remexeram, alvoroçaram e resmungaram uns para os outros. *O que foi aquilo? O que foi aquilo? O que aconteceu?*

Alguns médiuns haviam comparecido, e os demônios grudados em seus cérebros ficaram tão alvoroçados quanto os outros. Os médiuns puderam sentir imediatamente.

O jovem loiro chegou a parar a música.

— O que é?

— Um distúrbio — informou uma advogada que era médium.

— Sim — confirmou um professor de quinta série, os olhos fechados. — Algum tipo de má energia. Há algo errado em algum lugar.

***

No chalé, Destruidor se deliciava com toda a conversa, o mesmo ocorrendo com o Homem Forte, embora esse último se impacientasse.

Por que esperar tanto? rosnou ele. Faça-a falar, e depois dê cabo dela! O Plano está esperando!

— Destruidor! — veio uma voz áspera do lado de fora do prédio. Era um dos capangas de Destruidor. — Um guerreiro traz notícias!

— Agora não! — vociferou Destruidor, querendo ver o que aconteceria à mulher.

— Vá! — disse o Homem Forte.

Ele foi, saindo para fora do chalé a fim de escutar um espírito de aparência lastimável.

— O que aconteceu com você?

O demônio sentou-se sobre as ancas no chão, as asas estendidas como lonas negras e esfarrapadas, amassadas, flácidas e cheias de buracos. Sua cabeça estava toda machucada, e ele se apoiava a fim de evitar cair.

— Atacamos um caminhão do correio que ia para Ashton. Destruidor abaixou-se bastante.

— Você disse *Ashton?*

O demônio começou a tombar.

Destruidor agarrou-o pelo pescoço e fê-lo ficar ereto com um safanão.

— Você disse *Ashton?*

O demônio deu uma resposta indistinta e fraca.

— Ashton. A carta está indo para Ashton, e os Exércitos Celestiais a guardam.

Destruidor disparou uma olhada para dentro do chalé. O Homem Forte ainda observava o interrogatório de Sally Roe. Ainda estava impaciente. Ele queria resultados. Se não obtivesse resultados, e depressa, certas cabeças iriam rolar.

Destruidor quase podia sentir sua cabeça rolando. Ele deixou o demônio cair pesadamente ao chão, depois fez sinal aos seus capitães que se reuniram em torno dele.

— Há uma carta destinada a Ashton, guardada pelo Exército Celestial. Eles não a guardam a troco de nada! — Seu rosto enrugou-se grotescamente ao pensar nisso. — Sally Roe pode ter escrito a alguém lá.

Os capitães se entreolharam boquiabertos.

— Então? — exigiu Destruidor. — Vocês me ouviram?

— Ashton! — exclamou um deles.

— Não podemos voltar lá! — disse outro. Destruidor pediu silêncio com um gesto rápido.

— Apenas dêem uma olhada, e façam-no na surdina. Estou certo de que não é nada com que nos preocuparmos, apenas uma cartinha.

Eles olharam uns para os outros.

— Qual de nós deveria ir? — perguntaram-se. Destruidor reteve um berro e, em vez disso, sibilou:

— Que tal *todos* vocês? E levem alguns guerreiros a mais.

Todos foram, reunindo tantos demônios desordeiros quantos quisessem ir.

Destruidor apressou-se de volta ao chalé de Goring. O Homem Forte ouvia atentamente o interrogatório de Sally e não perguntou o motivo da interrupção.

Destruidor não tinha nenhuma intenção de contar-lhe.

***

Em Ashton, Krioni e Triskal podiam ver o caminhão do correio entrando nos limites da cidade, bem no horário. Infelizmente, a preciosa carta que trazia estava com um dia de atraso.Triskal olhou pata o oeste.

— Até agora, nenhum problema. Krioni não se mostrava otimista.

— Eles virão aqui.

41

Santinelli reclinou-se, descontraído, e com um olhar de instrução a Goring e Steele, encorajou-os a fazer o mesmo.

Em seguida, olhou para Sally e tornou-se duvidosamente cordial.

— Sally, sempre me considerei um cavalheiro, um homem de dignidade e honra, e respeitador da dignidade feminina. Desejo sinceramente um dialogo inteligente e produtivo com você, e estou certo de que, dada a alternativa, você deseja o mesmo.

— Eu preferiria que fosse assim — admitiu Sally. Santinelli assentiu com a cabeça.

— Então, tendo concordado sobre isso, faríamos bem em considerar sua credibilidade como testemunha contra nós. Parece que se esqueceu do que é.

Sally respondeu simples e diretamente.

— Sou uma adúltera, uma assassina de nenê, e uma criminosa condenada. — Eles pareceram pouco à vontade. Ela respondera àquela pergunta um tanto facilmente demais. — Tenho sido relembrada sobre isso constantemente desde o dia em que aconteceu, por sete anos de prisão, por espíritos atormentadores, e pela minha própria consciência.

Steele disse:

— Sally, esse é um conjunto de rótulos vergonhoso e repugnante. Ela sorriu, o que chegou a surpreendê-la.

— Na realidade, esses rótulos são maravilhosos e lindos por causa... — Ela hesitou.

Goring completou a sentença.

— Por causa da Cruz?

Ela animou-se ao ouvir a pergunta.

— Sim, Sr. Goring. Surpreende-me que o senhor saiba a respeito disso. Goring deu uma risadinha sarcástica.

— Sabemos a respeito de uma porção de coisas, Srta. Roe.

Sally não reagiu de forma alguma a essa declaração, mas continuou.

— Estou longe de ser competente em teologia cristã, mas sei que encontrei esse Jesus pessoalmente, e sei que fui perdoada. Considerando quais foram os meus atos, acho esse fato animador, inspirador.

Eles não gostaram nem um pouquinho daquela resposta.

***

O Homem Forte também não gostou, e soltou um rugido que encheu o prédio e inquietou os demônios. Ele deu uma olhada de esguelha para Destruidor, que olhou para o outro lado.

***

Santinelli tentou manter-se frio, mas seu rosto estava ficando um tanto rosado.

— Então, devemos entender que voltou-se para a religião antiquada numa tentativa final de obliterar o passado? — Ele riu zombeteiramente. — Essa, Sally, é uma ilusão maravilhosa para os fracos de coração e mente. A idéia de que seus pecados são perdoados é uma fábula tanto quanto os próprios pecados. Você é deus, Sally; não tem de prestar contas a ninguém.

— Então, eu deveria estar livre para ir embora, não deveria?

— Essa é uma questão secundária — disse Goring, com um aceno da mão — e não tem relação com o nosso propósito atual. Sally, permita-me ser franco: Mesmo que os pecados fossem reais e que esse Jesus pudesse salvá-la deles, o que precisa enfrentar neste momento é que ele não pode salvá-la de *nós*.

— Eu não presumiria que ele devesse fazê-lo. Agora Santinelli chegou a erguer a voz.

— Srta. Roe, estou certo de que sabe que esta sua conversa a colocou em maior perigo ainda. Não poderia ter feito nada melhor para garantir inimizade entre nós, e mesmo a sua própria morte, do que se tornando cristã! — Ele inclinou-se para diante e com raiva controlada apontou um dedo ao rosto dela. — Você se estabeleceu como uma inimiga suprema neste empreendimento, merecendo o nosso ódio!

Igualzinho à Amber, pensou Sally. Steele, Santinelli e Goring estão mostrando os mesmos olhos de demônios, o mesmo ódio diabólico. Ela tomou conhecimento das palavras de Santinelli.

— Eu sei.

***

O Homem Forte podia ver a paz nos olhos dela, e isso o enfureceu. *Bata-lhe!*

***

Santinelli esbofeteou-lhe o rosto.

— Vai nos dizer onde estão as listas! O que fez com elas?

***

Krioni e Triskal saudaram Natã e seus guerreiros quando o caminhão de correspondência chegou ao Correio de Ashton.

— Então, tiveram dificuldades? — perguntou Krioni.

— Um pouquinho — disse Natã.— Bem, estamos esperando mais outras — disse Triskal.

Armoth seguiu o motorista para dentro do prédio e observou atentamente enquanto ele colocava o malote com alguns outros num carrinho de recebimento. Logo a correspondência seria removida e separada, e aquele seria o momento mais crítico de todos.

***

Um fuliginoso, heterogêneo bando de diabretes e desordeiros, liderados pelos abomináveis doze repugnantes guerreiros de Destruidor, abriram caminho até Ashton, voando baixo sobre o chão, atingindo grande velocidade, as espadas desembainhadas, os olhos saltados de ansiedade. Essa batalha seria a sua última, pensavam os doze. Seria bom que fosse a melhor.

***

No *Clarim de Ashton,* estava na hora de ir buscar a correspondência matutina; Bernice havia colocado o casaco e tinha as chaves do carro na mão, mas não era previsível? Mal ela tinha colocado a mão na maçaneta da porta da frente, o telefone tocou, e era o Eddy, da Padaria do Eddy. O sujeito era a exigência personificada!

— Sim, Eddy, posso dar-lhe esses cinco centímetros. Bem, sim, de graça, mas apenas um mês para você experimentar. — Outras perguntas. — Para decidir se você gosta assim e se nós gostamos assim. Nunca fizemos isso antes, e achei que devíamos tentar. — Ele continuou falando. Ela fez um gesto na direção da porta da frente. — Não, acho que podemos aumentar aquela caneca de café um pouco mais e dará muito certo. Isso, não precisará mudar o seu logotipo. — Ela fez uma careta e revirou os olhos. — Escute, por que não fala com Cheryl sobre isso? Sim, ela sabe tudo a respeito.

Ele não queria falar com Cheryl.

***

ATACAR! Os espíritos negros atiraram medo e cautela ao vento e desceram sobre Ashton numa torrente de caos e maldade, asas rugindo, enxofre formando trilhas, obscurecendo a luz, entrechocando-se com guerreiros angelicais por toda a cidade. Acima e abaixo nas ruas eles se atiravam, revirando, entrechocando-se, atacando os guerreiros dos Céus com espadas de fogo e ardor, disparando pelo meio do transito, ficando de emboscada nas esquinas, voando através de prédios e criando confusão, guinchando seus brados de guerra, totalmente entregues à tarefa de manter os anjos ansiosos, batalhando, independente do custo, independente da perda. Enquanto os diabretes, atormentadores e desordeiros agitavam a cidade como um turbilhão, os doze de Destruidor partiram atrás daquela carta.

***

Até que enfim Bernice chegou ao seu fusquinha, mas a porta não se abria. A chave nem chegava a virar na fechadura.

VUPT! Uma faixa de luz atravessou o demônio que havia estragado a fechadura. Ele se dissolveu.

A chave virou por fim. Bernice entrou.

Na rua, o sinal encrencou no vermelho e os carros começaram a enfileirar-se.

Um pequeno sedan foi parando devagar ao lado do carro de Bernice, e imediatamente uma caminhonete bateu-lhe atrás. Os dois motoristas saíram de seus veículos e puseram-se a debater numa longa batalha de desculpas.

Seis anjos voaram ombro a ombro pela Sexta Avenida enquanto quatro outros mergulharam do céu e arremeteram pela Rua Miller. Eles convergiram num choque explosivo logo acima d*o* sinaleiro, arremessando demônios sabotadores a dissolver-se em altos arcos que formaram uma samambaia de trilhas de fumaça vermelha.

A luz ficou verde.

Mas o trânsito ainda não se movia, devido ao acidente. Bernice resolveu caminhar.

***

Sally tentou afundar-se mais no sofá, mas não havia jeito de diminuir a dor do aperto contundente e esmagador que o capanga grandalhão exercia sobre os ombros dela. Ele a estava machucando e deliciando-se com isso.

Steele estava falando baixo e deliberadamente a fim de certificar-se de que ela o ouvisse; naquele momento ela parecia bem preocupada com sua agonia.

— Estou certo de que está familiarizada com os rituais satânicos, por isso eu não deveria ter de dar os detalhes. Sally, não queremos ver isso acontecer; mas se for preciso, entregaremos você ao Sr. Kholl e sua gente, e deixaremos que eles façam o pior com você até que nos diga aquilo que queremos saber.

Sally estava prestes a responder, prestes a dizer que eles iam matá-la de qualquer forma, mas foi detida quando algo aconteceu-lhe aos olhos, como se eles se tivessem aberto pela primeira vez, como se uma escuta cortina tivesse sido puxada para o lado. Talvez a dor estivesse fazendo com que ela alucinasse.

Ela podia ver os espíritos por trás desses homens. Eram umas coisas enormes, verrugosas, feias, olhando-a furiosamente com ódio assassino.Em todas as suas experiências com o oculto, ela jamais os havia visto tão claramente; jamais havia discernido tanto mal ou tanto ódio.

Mas ela via que o ódio deles não lhe era dirigido. Era dirigido ao Salvador que ela trazia dentro de si.

E então ela soube. Simplesmente soube, e falou, se em voz alta no mundo presente ou se em espírito em outra dimensão, ela não poderia dizer.

— Vocês estiveram lá! Todos vocês estiveram lá! Fizeram o pior que podiam com ele... vocês o mataram!

Aquilo perturbou os espíritos. Eles se entreolharam, indignidade e ultraje enrugando-lhe as caras.

— E ele os derrotou ao morrer! Ele venceu! — O espírito brutamontes que pairava no alto arreganhou os dentes e rugiu maldições indiscerníveis contra ela, as asas inflando. Ela olhou dentro daqueles ardentes olhos amarelos, e para grande surpresa sua, viu medo. Em seu espírito, ela riu. — E façam o que fizerem comigo, *eu já* venci!

Ela gritou. Podia sentir toda a dor novamente. O capanga estava prestes a quebrar-lhe o pescoço. Os espíritos se desvaneceram com o resto do mundo. Ela já não ouvia, ela já não via. Estava mergulhando num sonho, numa escuridão sem fim. Santinelli berrou algo, e o capanga a soltou. Ela pensou que flutuaria do sofá para cima. A dor diminuiu.

Num momento pôde ver e ouvir de novo, e percebeu que estava quase caindo para a frente. Seus ombros latejavam. Santinelli estava dizendo algo a respeito de matá-la.

Então Goring disse:

— O dia da conferência vai começar; vai ter gente passando pelas janelas. É melhor continuarmos isto lá em baixo.

— Esperem! — disse Sally, e todos se imobilizaram. Ela tinha a atenção deles. Erguendo a cabeça, ela reuniu as forças e a coragem, e murmurou debilmente: — Ainda tenho mais um trunfo com que jogar. Vocês precisam saber que me correspondi regularmente com Tom Harris de Baskon. Contei-lhe tudo o que sei e tudo o que fiz. Se alguma coisa me acontecer, existe alguém que saberá.

Goring sorriu, e enfiou a mão dentro de uma maleta ao lado do sofá.

— Oh, deve estar-se referindo a estas. — A mancheias, três de cada vez, quatro de cada vez, uma de cada vez, Goring tirou as cartas da maleta e as colocou empilhadas sobre a mesinha de centro, danto a Sally uma revelação lenta, torturante. Quando ela havia adquirido um tom satisfatório de palidez, ele continuou: — Dedicamos grande quantidade de preparação ao nosso plano, e felizmente conseguimos exercer influência suficiente sobre a acusadora na ação judicial, que é também a chefe do correio local. Ela nos tem mandado todas as suas cartas; portanto, nem é preciso dizer, Tom Harris e seus amigos jamais as receberam. Eles não têm idéia do seu paradeiro ou do que você poderia saber. Santinelli acrescentou:

— E, sim, temos estado a observá-los, e é óbvio que têm pouca informação a seu respeito e que estão atirando no escuro. Eu diria que estão ficando um tanto desesperados. Mas isso não importa agora, não é? Temos você, e trataremos com você da maneira que acharmos melhor, que acharmos necessária.

Goring apontou para a mesinha de centro:

— Portanto, temos você, temos todas as suas cartas, temos o anel denunciador; está na hora de tratarmos firmemente dessas listas roubadas. Senhores?

De repente, ela estava dependurada pelos braços. Ela empurrou com os pés a fim de diminuiu a dor, e ficou em pé por conta própria.

— Por aqui — disse Goring.

Os homens do Vidoeiro Quebrado forçaram-na adiante, levando-a na direção de uma escada que levava para dentro do frio ventre de concreto do chalé. Goring foi à frente, acendendo as luzes e guiando-os pelas escadas em caracol.

Steele seguia atrás, e depois dele vinha Santinelli. Kholl seguia no fim da procissão, enfiando a mão no casaco para pegar a faca.

Então Kholl hesitou.

— Vou-me certificar de que a porta da frente esteja trancada — disse ele.

Subiu novamente, mas passou pela mesinha de centro a fim de dar uma boa olhada em todas aquelas cartas. *Hmmm. Excelente!*

***

Pronto, consegui! Bernice olhou o relógio e descobriu que havia levado apenas dez minutos para caminhar até o Correio. Não era tão mau assim. Agora era pegar aquela correspondência.

***

Bem ao alto, os doze asseclas de Destruidor a viram. Também viram o dossel de anjos sobre o prédio. Eles soltaram um brado e mergulharam para a batalha, as asas guinchando, as narinas soltando trilhas de enxofre.

UUXX! Três deles varreram cinco guerreiros angelicais do telhado do Correio e os atacaram, revirando, arremetendo, rodopiando, retalhando. Estariam ocupados por algum tempo.

Dois capangas se atiraram através da parede norte. Natã e Armoth se abaixaram quando eles passaram, rebateram-nos com firmeza, e mandaram-nos através da parede sul.

UFA! Quatro outros deixaram-se cair pelo telhado e golpearam os anjos com garras à mostra. Os demônios levaram em pleno rosto as asas flamejantes e somente viram as lâminas brandidas tarde demais. Fumaça vermelha.

***

O jovem funcionário esvaziou cuidadosamente o malote, separando os pacotes, envelopes, propaganda não solicitada, revistas.

— Oi, Al! — veio uma saudação do saguão.

— Oi, Bernice! A correspondência está um pouco atrasada.

— Oh, tudo certo, eu também estou.

Ah, ali estava alguma correspondência para o *Clarim.* Ele a fez escorregar para a caixa do *Clarim,* e depois olhou para ver se havia mais.

***

Quatro capangas explodiram através da parede, asas formando um borrão, Krioni e Triskal encarniçados em seus calcanhares. Uma espada vermelha abaixou-se com ímpeto.

***

A carta adejou para o chão.

***

Bernice retirou toda a correspondência da caixa do *Clarim* e deixou-a cair numa sacola de compras. Ela olhou através da abertura e bradou:

— É só isso?

Al examinou a nova correspondência que havia chegado.

— É, acho que você pegou tudo.

— Está bem.

Bernice fechou a porta da caixa e voltou-se para sair.

***

Krioni pegou um espírito pelo calcanhar, mas o bicho era tão forte que o arrastou através da parede do Correio e ele teve de soltá-lo.

***

Triskal levou um violento sopapo de um monstro, deu uma estocada em outro, e chutou um terceiro para fora por cima do balcão.

***

Bernice não viu o espírito passar voando por ela quando estendeu a mão para abrir a porta.

***

Natã abaixou-se para apanhar a carta.

Um pé preto, cheio de garras, pegou-o no peito e arremessou-o até o teto. Outros dois espíritos o cercaram. Ele rodopiou, a espada estendida, dividindo um, aparando o golpe do outro com uma explosão de fagulhas.

Krioni voltou, viu a carta e foi atrás dela. Armoth o cobriu, empurrando para trás dois espíritos, bem em cima da lamina de Natã.

Krioni fez a espada deslizar por baixo da carta e a atirou para o ar.

***

Al não viu Krioni socando dois demônios a fim de tirá-los da frente do funcionário postal, mas viu a carta quando ela pousou no chão, com o endereço para

cima.

— Oh, ei, Bernice!

A porta estava para fechar-se atrás dela. Ela ouviu-o chamando e voltou, abrindo novamente a porta e entrando de novo no saguão.

***

Bom! Agora os guerreiros podiam concentrar-se nos demônios. Não devia haver muitos mais — apenas os maiores e mais fortes.

***

Al entregou a carta a Bernice por cima do balcão.

— Meio grossa. Talvez um cartão aí dentro ou algo assim.

O coração de Bernice quase parou quando ela viu a remetente: S. B. Roe.

***

Em Baskon, Kate entregou o telefone a Marshall.

— Fique alerta, Marshall — sussurrou ela. Ben e Bev ouviram isso e se aproximaram.

— Quem é?

Marshall falou no aparelho:

— Sim, aqui fala Marshall Hogan.

— Sr. Hogan — disse a voz no outro lado — aqui é Debbie Aronson. Trabalho no Correio com Lucy Brandon. Preciso falar com o senhor.

***

O saguão do Correio encheu-se de fumaça vermelha quando Triskal arremeteu de espada em riste através de dois espíritos e através da parede até o lado de fora, sacudindo de seus ombros e asas espíritos que se dissolviam.

Bernice abriu a carta impetuosamente e encontrou a chave de uma caixa postal ali dentro. Caixa 203. Ali? Naquela agência? Ela deu uma passada rápida de olhos pela carta de Sally Roe.

Talvez Bernice nem tivesse notado, mas começou a balançar para cima e para baixo sobre os dedos dos pés.Marshall agarrou uma caneta enquanto Kate lhe trouxe papel, e ele sentou-se à mesa da sala de jantar de Ben e Bev.

— Que bom você ter chamado, Debbie. Gostaria muito de conversar com

você.

— Bem, não tenho tanta coisa assim para dizer. Estou no meu horário de folga, no Restaurante do Don.

— Podemos nos encontrar em algum lugar, alguma hora?

— Não, não quero me arriscar a ser vista com o senhor. Escute, deixe-me apenas contar-lhe o que sei e depois faremos de conta que nunca conversei consigo, está bem?

— Está bem.

***

Bernice encontrou a Caixa 203. Podia ver uma grande pilha de correspondência através do painel de vidro. Ela enfiou a chave na fechadura, e esta serviu perfeitamente, girando a lingueta.

***

— Lucy tem estado a interceptar correspondência; está mandando para outro endereço cartas que tenho a certeza de que não deveriam ser mandadas. Faz semanas que a vejo fazendo isso, e acho que o sargento Mulligan a está amedrontando para que faça isso.

Puxa vida, puxa vida, puxa vida. Senhor Deus, é esta a solução? Marshall tentou manter calma a voz.

— Muito bem. Você sabe a quem as cartas eram endereçadas e de quem eram?

***

Bernice abriu a portinha da caixa postal. O que era tudo isso? Envelopes amarelos, envelopes menores, um pacote marrom simples, uma caixinha embrulhada em papel.

***

— Eram todos endereçadas a Tom Harris... Marshall podia sentir seus olhos ficando grandes.

— ... E eram todas daquela mulher que supostamente está morta... Marshall evitou dizer o nome. Debbie tinha de dizê-lo ela mesma.

— Que mulher, Debbie? Você sabe o nome?

— Humm, aquela mulher Roe. Sally Roe.

***

As mãos de Bernice tremiam enquanto ela removia até o último ítemda caixa postal e enfiava tudo em sua sacola de compras. Não podia esperar para voltar ao escritório.

***

Natã abaixou-se para escapar da violenta arremetida da espada da fera que sobrara, depois devolveu o ataque forte e rapidamente com sua própria lamina. A coisa afastou-se através da parede, e Krioni a encontrou no lado de fora.

Fumaça vermelha. Era o último deles.

O resto de Ashton também estava garantido. O ataque, concentrado no Correio, havia sido enfrentado e derrotado.

***

Marshall desligou o telefone suavemente, depois reclinou-se na cadeira, jogou a cabeça para trás e soltou um rugido que fez tremer as janelas. Ele não sabia o que dizer, o que fazer, como expressar como se sentia, por isso somente berrou enquanto Kate, Ben e Bev tentavam fazê-lo falar.

— Marshall! — insistiu Kate. — O que é?

Ele apenas berrou de novo, erguendo as mãos aos Céus. O telefone tocou novamente. Marshall apanhou-o com mãos trêmulas. — Sim?

A voz no outro lado mal podia falar; estava tão fina e espremida que quase sumia.

— Marshall, aqui é Bernice! Faça o que fizer, sente-se!

***

Até que enfim, Sally havia ateado fogo ao cerrado.

Natã foi o primeiro a ficar com as mãos livres. Ele arremeteu aos céus acima de Ashton, abrindo um brilhante espaço através da fumaça desvanecente da batalha que ora se findava, e levou uma trombeta de ouro aos lábios.

O toque foi transmitido por sobre as plantações, sobre os prados, de um lado ao outro do céu; cada guerreiro angelical podia ouvi-lo e sabia o que significava.

Ainda assim, eles esperavam. Ainda não. Primeiro Baskon, depois o resto. Eles puseram-se de novo à escuta. O toque de Baskon viria logo.

***

No Instituto Summit, os demônios ouviram o toque distante, e foi enervante, como uma lembrança muito enterrada, horrível demais para se enfrentar. Um número demasiadamente elevado deles havia ouvido aquele som antes e agora trazia as cicatrizes que vieram logo após tê-lo ouvido.

O Homem Forte inclinou a cabeça ao redor por um momento.

— Esperem! Fiquem quietos!Destruidor ouviu, mas não queria admiti-lo. Ele pensou imediatamente em seus doze capangas e as hordas que eles haviam conduzido a Ashton. Não era dessa direção que o som estava vindo? Oh, não.

Lá fora, no jardim das ervas, os médiuns estavam arquejando de medo.

— Não... não! — disse o demônio em cima da advogada.

— Não... não! — ecoou a mulher.

— O que e? — disse o cantor loiro.

O demônio que estava em cima do professor de quinta série inventou uma resposta em que ele mesmo não acreditava. O professor ecoou:

— É medo e ignorância, fanatismo e ódio, ainda abundantes no país! Os ventos de mudança precisam soprá-los para longe; precisamos postar-nos diante deles e prevalecer!

— Sim, sim! — replicaram todos. O cantor dedilhou seu violão, e eles puseram-se a balançar com a melodia de ainda outra canção de paz e perfeição globais.

***

Em Baskon, Mota e Signa explodiram do esconderijo com um grito, espadas refulgindo, asas abrindo-se como o rebentar de ondas, luz branca ofuscando como o sol.

— Pelos santos de Deus e pelo Cordeiro! — gritaram eles enquanto os milharais, os silos, os depósitos, os celeiros, as florestas, as estradas por toda a volta de Baskon explodiam com a luz branca das legiões dos Céus.

Mota gritou, com um toque de júbilo:

— Preparem-se! Começaremos com Ametista!

42

O som da trombeta de Natã ainda ressoava aos ouvidos do Homem Forte. Ele sabia que alguma coisa tinha dado errado em algum lugar. Prossigam com isso! Cortem-na, queimem-na, façam o que for preciso, mas não se demorem mais!

Kholl falou baixinho aos homens dignificados, honrados, respeitáveis que lhe estavam pagando pelos serviços.

— Podemos fazê-la cantar alto e durante muito tempo. É só mandarem. Santinelli deu apenas uma olhadela furtiva, de soslaio a Sally, agora amarrada e presa numa cadeira dura de madeira no meio do porão, enfraquecida pela exaustão, dor e medo. Ela estava cercada por Kholl e seus quatro assassinos, que agora brandiam seus instrumentos de tortura ritualista e estavam mais que ansiosos por começar.

— Sally, pensar que chegaria a isto! — murmurou Santinelli. — Você jamais devia ter mencionado aquele Nome; jamais devia ter-se colocado ao lado de nossos inimigos!Goring relembrou Santinelli:

— Temos muito em jogo aqui, Carl. Eu diria que a situação nos força a isto.

Santinelli replicou em uma voz sufocada pela repugnância que sentia:

— Por isso, agora nos tornamos carniceiros! Kholl sorriu. Quase deu uma risada.

— Não, Sr. Santinelli. Vocês *me* pagam para fazer isso. Não sou tão dignificado e respeitável quanto os senhores. Sou apenas um simples e reles satanistazinho.

O Homem Forte deu um empurrão em Destruidor, e este falou depressa à mente de Steele. Steele ofereceu:

— Estamos falando aqui de uma mercadoria. O único valor de Sally Roe e no que nos poderá servir. Vamos extrair-lhe essa informação e nos livrar dela.

Kholl, dessa vez, caiu mesmo na risada.

— Que tal, Sr. Santinelli? A decisão e sua: quer que ela seja torturada? Santinelli fitou Kholl furioso.

— Se *eu* quero que ela seja torturada?

Kholl sorriu. Ele gostava muito de ver um homem da estatura de Santinelli contorcendo-se.

— Está bem, escute isto: Acrescente outros dois mil ao meu pagamento e farei de conta que não foi o senhor quem me contratou. — Então ele inclinou a cabeça para o outro lado, os olhos cheios de zombaria. — Talvez ainda seja um tanto cristão demais, hein?

Faça-o! gritou o Homem Forte. *Apenas faça-o!* Sally fechou os olhos e orou.

***

— Não posso ir trabalhar! — gritou Lucy no telefone. — É Amber de novo! Ela está fora de si! Ligarei mais tarde!

Bateu com força o aparelho e foi atrás da filhinha furiosa, seguindo uma trilha de caos e destruição: na cozinha, as gavetas haviam sido escancaradas e o conteúdo estava espalhado por todo o chão, inclusive as facas que Lucy havia tentado esconder, na sala de jantar, a toalha havia sido arrancada da mesa e o enfeite de azaléia do centro da mesa jazia quebrado agora no chão, a terra do vaso espalhada por todos os lados.

Da frente da casa, a voz estridente do pônei Ametista continuava a arengar e a vituperar contra inimigos invisíveis.

— Não! Não! Deixem-me em paz! Meu senhor os destruirá! Deixem-me em paz!

Lucy correu à sala de estar. A mesinha de centro estava de pernas para cima, os livros e revistas atirados por toda a parte.A voz de Ametista veio da entrada da frente.

— Ela é minha! Tenho o direito de estar aqui! Vão embora!

Lucy correu e encontrou a filha encolhida no canto do chão, os braços cobrindo a cabeça, berrando de susto.

— Deixem-me em paz, deixem-me em paz! — berrava o pônei.

Lucy estacou bruscamente e observou por um momento. Alguma vez já tinha visto Ametista amedrontada?

***

Mota e Signa postavam-se na entrada perto de Lucy, espadas desembainhadas, em plena glória, sua luz diluindo qualquer escuridão ao seu redor. Ao longe, a trovoada surda de asas angelicais foi ficando cada vez mais alta, e a luz dos Exércitos Celestiais começou a jorrar pelas janelas.

Eles perseguiram e encurralaram o diabrete, o arreliador, o mentiroso chamado

Ametista, e Ametista não era um pônei engraçadinho. Era uma lagartixa pequena, enrugada, verrugosa, com braços e pernas que pareciam palitos e uma cara de dragão, encolhida no mesmo canto, seu corpo sobrepondo-se ao de Amber, os braços cobrindo-lhe a cabeça.

— Ela é minha — insistiu e até implorou Ametista. — Ela me convidou a entrar!

Mota segurou a espada bem debaixo das ventas infladas de Ametista que bufavam.

— Os santos de Deus estão vindo, e eles cuidarão de você.

— Não... por favor...

A campainha tocou. O primeiro pensamento de Lucy foi: Não! Não bem numa hora destas! Deus, como pode ser tão cruel comigo?

Mas ela podia ver as silhuetas de seus visitantes através do vidro fosco da porta da frente. E escancarou a porta.

Marshall e Kate Hogan.

— Oi — cumprimentou Marshall — estamos... Ametista berrou:

— Não, vão embora! Vão embora! — Em seguida ela pôs-se a praguejar. Lucy afastou-se da porta e fez um gesto indicando-lhes que entrassem.

— É melhor que saibam de tudo! Eles passaram pela porta.

Ao vê-los, Ametista colocou-se de pé num canto, as costas grudadas na parede, os olhos saltando de terror.

— Fiquem longe de mim! Eu os matarei! Eu *a* matarei!

Foi preciso apenas uma fração de segundo para que o Espírito de Deus lhes dissesse o que confrontavam.

— Fique quieta! — ordenou Marshall.

A cabeça de Ametista bateu contra a parede como se ela tivesse levado um murro. Ela os fitou furiosa através de olhos esbugalhados, embaciados,sibilando através de dentes muito cerrados como um cão raivoso através da focinheira.

— Apenas fique aí agora, e fique quieta!

Kate colocou-se ao lado de Lucy e segurou-a. Lucy agarrou-se a ela sem reservas.

— Ametista? — perguntou Kate. Lucy assentiu com a cabeça.

Marshall e Kate não podiam deixar de fixar nela o olhar. Essa era a causa inicial daquilo tudo; a ação judicial, o sofrimento, o mistério, as fofocas e divisão, *todo* o problema começou com esse diabrete que agora tremia e se encolhia diante deles. Era como isolar um vírus, ou encurralar um rato.

— Ametista — disse Marshall — acabou-se. Ametista devolveu-lhe um olhar furioso.

— Ela é minha. Eu não a soltarei! Marshall falou com serenidade e firmeza.

— Espírito, meu Mestre derrotou o seu mestre. Ele desarmou todos os poderes e autoridades, certo?

Ametista babou em silêncio desafiador.

— O sangue vertido de Jesus Cristo tirou a sua autoridade, certo?

— Sim! — sibilou Ametista.

— E o meu Mestre, o Senhor Jesus Cristo, me concedeu a autoridade que ele tem sobre você, não concedeu?

— Sim!

— E *você* está derrotada, não está?

Ametista colocou a mão cheia de garras sobre sua própria boca e recusou-se a responder.

Mota empurrou-lhe a mão para longe.

— Responda-lhe!

Ametista podia ouvir anjos por toda a parte, podia sentir o calor da lamina de Mota, e não podia afastar-se da autoridade desse crente em Jesus. Não adiantava resistir.

***

— AUUU! — gritou Ametista. — Odeio vocês! Odeio todos vocês!

— Saia dela. — Não!

— Estou amarrando você agora mesmo, em nome de Jesus! Ametista gritou, retorcendo-se, lutando contra grilhões invisíveis que seguravam seus braços e pernas. Ela não se podia mover.

— Solte essa garotinha. Saia, e vá para onde Jesus lhe manda ir.

Uma garra de cada vez, Ametista começou a soltar a garotinha, os olhos

disparando de um lado para outro, de Marshall aos anjos e de volta novamente. Mota e Signa principiaram a fechar o cerco.Com um berro angustiado, ela deixou cair a menina e tentou escapar, arremetendo pelo telhado da casa. Mota e Signa não fizeram nenhuma tentativa de persegui-la.

Não era necessário. Mal Ametista havia passado pelo telhado da casa, viu a chegada de uma onda de fogo branco rolando pela cidade, vindo em sua direção.

Os Exércitos Celestiais!

Ela soltou um guincho e precipitou-se pela cidade, dirigindo-se ao casarão branco. *Os espíritos do Círculo Vital! Eles me meteram nisto!*

***

Amber caiu para a frente na direção do chão como que desmaiada, mas Marshall a apanhou. Lucy e Kate ajoelharam-se ao lado deles.

— Mãezinha... — disse a menina, aturdida e exausta. Marshall entregou a menina à mãe.

— Ela está bem, mas teremos de orar a respeito. Teremos de falar de algumas coisas.

Amber caiu nos braços da mãe, e depois aninhou-se neles sem o menor desejo de deixá-los. Para Lucy, estava bem. Ela tinha a filha de volta, e não estava disposta a soltá-la.

Com olhos lacrimosos, cansados, Lucy olhou para esses dois salvadores e sussurrou:

— Sinto muito.

Marshall e Kate estavam com muita pressa, mas tinham de ser delicados.

Kate começou.

— Pode ajudar-nos?

Lucy não conseguia responder. Ela estava dividida e confusa, puxada em todas as direções.

Marshall disse com gentileza, mas rapidamente.

— Ouça-me, Lucy. Sabemos que Sally Roe está viva, que tem estado a escrever cartas, e que você tem interceptado essas cartas e as enviado para algumas pessoas que querem livrar-se dela. A última carta que ela escreveu indicava onde ela podia ser encontrada. Se já não estiver morta a esta altura, eles logo a matarão se

você não nos ajudar.

Lucy baixou o olhar à filha, tranquila embora abalada.

— Tem sido simplesmente horrível. Kate perguntou:

— Para onde você mandou aquelas cartas, Lucy? Por favor, diga-nos. A vida de Sally Roe pode depender disso.

Lucy olhou para eles, e depois para a filha. Sua mente estava muito confusa; era muito difícil saber o que fazer ultimamente.Destruidor enchia a cabeça de Kholl com inspirações "maravilhosas", enquanto Kholl segurava a faca bem à vista, sempre assegurando-se de que Sally pudesse ver seu gume liso, afiado.

— É melhor enfrentarmos a coisa, *cavalheiros*. Somos todos feitos do mesmo barro. Todas as nossas mãos estão sujas, e somos todos assassinos no coração. Vocês querem poder, nós queremos poder, e caminhamos sobre as pessoas dispensáveis a fim de obtê-lo. É essa a essência do que fazemos.

Santinelli olhou para Sally. O rosto dela ainda estava vermelho no lugar em que ele a havia esbofeteado.

— Não quero saber do seu sangue nas minhas mãos, Srta. Roe. O que se segue é culpa sua, não minha.

Sally falou pela primeira vez desde que a haviam amarrado na cadeira.

— A responsabilidade é *sua,* senhor. Apelo ao senhor em nome da própria decência, em nome de tudo o que é certo.

— A lei deriva do poder, Srta. Roe, não da moralidade. Poupe-me a crença que acabou de encontrar.

— As listas, Srta. Roe — instigou Goring. — *Matem-na!* — disse o Homem Forte.

***

— Ela deporá a favor da promotoria, John. Sim, e ela tem muita coisa a lhe contar.

Marshall estava sentado à mesa da sala de jantar de Lucy Brandon, no telefone com John Harrigan, seu amigo do FBI. Lucy, Kate e Amber estavam sentadas na sala de estar; Lucy ainda segurava Amber, que não havia emitido som algum. O pastor Mark Howard também se encontrava lá, a convite de Lucy.

— Já ouviu falar alguma vez no Instituto Summit? Bem, deixe-me dar-lhe a localização. As cartas de Sally Roe foram para lá, e agora ela provavelmente está lá

também, se ainda estiver viva.

Lucy falou do sofá da sala de estar.

— Eles a matarão. Eles a querem por apenas esse motivo. Marshall gostou do que ouvia de Harrigan:

— É, certo, esses agentes não devem estar muito longe de lá agora. Isso é bom. Bem, mande-os para lá, e estou dizendo já!

— Sim, certo.

Lucy contou a Kate e a Mark baixinho e amarguradamente:

— O Círculo Vital! Eles me meteram nisto! A ação judicial toda foi idéia deles! Claire Johanson e Jon Schmidt, o bando todo! Eles nada fizeram além de ameaçar-me e coagir-me desde que toda essa encrenca começou, eagora onde estão? Bem, não vou afundar sozinha! — Ela gritou para Marshall: — Diga-lhes que estou pronta agora mesmo.

Marshall ouviu-a.

— John, pode mandar alguém aqui agora mesmo. Ela está pronta para falar.

***

Era isso ai! O incêndio se firmava. Dali em diante ele se ergueria para o alto, quente, faminto, inextinguível!

Mota tomou uma trombeta de ouro na mão e disparou através do telhado da casa, arremetendo pela luz branca de seus guerreiros que ainda rolava impetuosa sobre a cidade. Para o alto, para o céus, volteando lentamente, asas em chamas, ele levou a trombeta à boca.

***

Nas montanhas acima do Instituto Summit, o toque chegou alto e claro aos ouvidos de Tal.

— Pronto! — bradou ele, colocando-se de pé num salto. — Eles iniciaram o incêndio em Baskon!

— Antes tarde do que nunca — comentou Guilo dando de ombros.

— Ele chegará ao Summit cedo o suficiente — afirmou Tal, desembainhando a espada. — Preparem-se para atacar!

***

Ametista estava chegando perto do casarão branco, o lar do Círculo Vital. O

rugido das asas dos Céus trovoavam-lhe aos ouvidos. Ela choramingou, chorou, e fugiu diante deles. *Meus senhores no Círculo Vital! Eles me salvarão!*

***

Santinelli deu um sorriso amargo ao olhar firmemente e por longo tempo o Sr. Kholl, ainda brandindo a faca.

— Creio que tem razão, Sr. Kholl. Começo a ver isto. — Ele olhou para Sally. — Poder é poder, quer seja exercido mediante decisões judiciais, quer... pelo gume de uma faca. Quanto aos nossos gentis seguidores... — Ele olhou para cima, pensando nas centenas de delegados que buscavam a paz e agora se reuniam, vindos de todas as partes do globo. — *Somos* iguais. Todos somos diabos, todos.

Afastou-se e tomou seu lugar próximo à parede, onde não atrapalharia. Goring e Steele se juntaram a ele. Ele cruzou os braços e com o queixo projetando-se para fora resolutamente, disse:

— Ensine-nos, Sr. Kholl. Aprenderemos.

Destruidor bateu suas garras, e os espíritos do Vidoeiro Quebrado moveram os cinco satanistas como marionetes.Kholl sorriu com prazer diabólico e fez um sinal afirmativo de cabeça aos seus homens. Dois deles imediatamente passaram uma corrente por uma viga e amarraram um gancho nela. Os outros dois soltaram Sally da cadeira e com um safanão colocaram-na de pé.

O Homem Forte, Destruidor, e todos os seus perversos senhores e comandantes ajuntaram-se, chegando mais perto, prontos para o triunfo.

Sally viu que não havia mais tempo.

— As listas estão em Ashton!

— Tarde demais — lamentou Goring. — Por favor, prossigam, *cavalheiros!*

Eles lhe amarraram as mãos à frente do corpo.

— As listas estão em Ashton!

— *Onde?* — rosnou o Homem Forte.

— *Onde,* em Ashton? — exigiu Santinelli.

— Enviei-as a uma Caixa Postal!

Santinelli ergueu a mão. Kholl pareceu desapontado, mas fez um gesto indicando a seus homens que parassem. Santinelli adiantou-se um passo.

— Que Caixa Postal?

Sally tentou de verdade, mas ...

— Não consigo lembrar-me do número.

— Prossigam, cavalheiros.

Eles agarraram-lhe os braços e começaram a erguê-la.

— Escrevi todas aquelas cartas executando um plano!

Santinelli ergueu a mão novamente, e os homens de Kholl a colocaram no chão. Santinelli trocou olhares animados com Goring e Steele.

— Nossa, como as revelações estão começando a fluir! Destruidor não gostou do assunto. Ele cutucou Steele.

— Ela está mentindo — disse Steele.

— Eu me lembro da sala de correspondência, Sr. Steele! — bradou Sally com voz tremula.

Steele apenas encarou-a maldosamente. Não sabia do que ela falava.

— Eu costumava trabalhar na sala de correspondência do Centro Ômega, lembra-se?

Dessa vez, Steele não a encarou maldosamente. Ele se lembrava. Sally soltou tudo, depressa, desesperadamente.

— O senhor me disse como interceptar correspondência que não desejava que sua equipe lesse. Disse que não era errado porque isso protegia os nossos objetivos. Disse que o seu pessoal fazia aquilo o tempo todo! Lembra-se, Sr. Steele?

Goring e Santinelli olharam para Steele. Ele estava silencioso porque de fato se lembrava.O Homem Forte repentinamente agarrou Destruidor pelo pescoço, mas não começou a apertar. Ainda não. Ele esperava para ouvir o resto.

— Continue — ordenou Santinelli.

— Era a única maneira de encontrar vocês. Achei que fosse lá quem fosse que havia tentado matar-me teria de impedir qualquer um de descobrir que eu ainda vivia, por isso teriam de interceptar as minhas cartas; e eu sabia pelos jornais que vocês usavam a chefe do correio de Baskon para a ação judicial, por isso foi para lá que as enviei, e...

— E você endereçou-as todas ao acusado na ação judicial, Tom Harris...

— Eu sabia que não podiam permitir que *ele* visse as cartas. Santinelli sorriu. Estava impressionado.

— Portanto, suas cartas deveriam ser uma trilha que conduzisse às pessoas que em última instância eram responsáveis pela sua... suposta morte!

— O professor Lynch sabia a respeito da minha preocupação com Tom Harris, e Kholl sabia exatamente onde me encontrar, e todos vocês sabiam sem que eu lhes contasse que eu havia abraçado o cristianismo. Isso já era confirmação suficiente de que haviam roubado as minhas cartas, mas naturalmente... agora já mas mostraram. Vocês as têm. Todas elas.

Destruidor tentou forçar um sorriso maldoso, atrevido, enquanto engasgava e gorgolejava: — E daí? Goring interveio.

— Maravilhoso! Sim, as cartas estão todas aqui, e você também. Agora você tem a satisfação de saber quem são os que tencionaram assassiná-la. Mas como deve-se lembrar, ninguém mais viu essas cartas, e o mundo a perdeu totalmente de vista.

— Foi por isso que fiz cópias.

Houve um estranho atraso, como se aquela sentença demorasse alguns segundos para chegar-lhes aos ouvidos e registrar-se em suas mentes. Todos a fitaram apalermados.

Ela respirou fundo e deu a última cartada.

— As cópias também estão na Caixa Postal, juntamente com as listas e o anel de James Bardine, o que tirei do dedo da mulher que tentou matar-me. O anel que me tiraram do pescoço é um que consegui muitos anos atrás de Owen Bennett. Podem verificar seu nome de código, Gawaine, dentro do anel se quiserem.

Santinelli aproximou-se, e estava mesmo tremendo um pouquinho.

— Que Caixa Postal, Srta. Roe?

— A esta altura vai estar vazia, de qualquer forma. Mandei uma carta à senhora que trabalha no *Clarim de Ashton,* e incluí a chave.

***

Agora o Homem Forte aplicou pressão, e Destruidor teve de lutar para respirar.

— Jamais ouvi falar dessa carta! O que *você* sabe sobre ela?

Destruidor tentou responder. — Mandei os doze capitães a Ashton para averiguar...

O Homem Forte pôs-se a sacudi-lo, fazendo com que os olhos de Destruidor

parecessem borrões horizontais, amarelos.

— Onde estão esses doze?

— Eles... eles...

— Não foi *sua* a idéia de interceptar essas cartas?

De súbito, Destruidor achou que estava revivendo seus primeiros sentimentos de perdição; estava ouvindo o toque de uma trombeta novamente, exatamente como antes. Mas desta vez estava mais alto. Estava reverberando em toda a sua volta. E tão alto que ele não podia estar imaginando.

Não estava. O Homem Forte também o ouviu, e soltou um rosnado que sacudiu o recinto.

Então eles ouviram um grito retumbante de tantas vozes que parecia como as ondas do oceano.

— Pelos santos de Deus, e pelo Cordeiro!

O Homem Forte rosnou novamente e jogou Destruidor ao chão.

— O inimigo! Fomos descobertos!

As centenas de demônios no aposento — os auxiliares do Homem Forte, os assassinos manchados de sangue do Vidoeiro Quebrado, os altivos e convencidos enganadores que controlavam Santinelli, Goring e Steele — fugiram em pânico, em busca de suas espadas, empurrando-se, gritando e ganindo.

O chão e as paredes começaram a tremer com o ribombar de asas celestiais desabando como uma tempestade violenta.

***

Era esfuziante, vibrante, revivificante, recompensador — a razão de ser de um guerreiro angelical!

O Exército Celestial havia esperado tanto tempo e erigido tanto fervor, que quando o toque finalmente veio, ele rebentou por sobre as cristas das montanhas por todos os lados como uma onda do oceano, violenta, tremeluzente, e choveu como granizo sobre a escura nuvem de demônios no vale, espalhando-os como poeira diante do vento, expondo, batalhando, golpeando e empurrando para baixo, para baixo, para baixo na direção do Instituto Summit.

Tal, na crista da onda, mergulhou como um falcão, as asas retas para trás, a espada uma agulha de luz na ponta de seu braço estendido. Seu brado de guerra podia ser ouvido acima do tumulto, e sua espada foi a primeira a golpear.

Eles mergulharam no coração da nuvem negra, como que trespassando um negro e fervilhante cúmulo de trovoada. As espadas dos espíritos se chocaram, asas esbofetearam e adejaram, fumaça vermelha enevoou o ar. Tal chutava, cortava, rodopiava como uma foice, e lutando abriu caminho para baixo, para baixo. Ele podia ouvir o rugido de Guilo, a Força de Muitos, logo acima e para a esquerda, rebatendo demônios e exterminando-os, virando-os de lado a fim de enfrentar outras lâminas, chutando e agarrando os couros que podia encontrar, abrindo uma clareira cada vez mais ampla, destripando a nuvem em seu cerne.

***

O Homem Forte chutou seus príncipes demoníacos pelo aposento a fim de fazê-los recobrar o juízo.

— Vocês são comandantes ou não? A seus postos! Defendam-nos!

Os demônios espalharam-se a seus postos, deixando o aposento quase vazio exceto pelos demônios do Vidoeiro Quebrado. O Homem Forte fitou furioso Destruidor.

— A mulher acendeu um fogo que nos consumirá. Não há nada mais que precisemos da parte dela. Extermine-a antes que *nós* sejamos exterminados.

Destruidor disparou um olhar aos demônios de Kholl.

***

Kholl ergueu a faca.

— Sr. Goring! — veio um grito do andar superior. — Sr. Goring! Algo terrível está acontecendo!

Passos! Havia gente no chalé!

Kholl agarrou Sally por trás, tapou-lhe a boca com a mão, e encostou-lhe a faca à garganta. Sua mensagem era clara.

— Sr. Goring! — veio o grito de novo. Santinelli empurrou Goring.

— Responda! Detenha-os antes que nos encontrem!

— Minha nossa — disse Goring. — Aquelas cartas! Estão bem lá em cima da mesa!

Ele dirigiu-se apressado às escadas, desligando as luzes do porão.

— Sr. Goring, está aí?

Ele subiu correndo as escadas.

— Sim, estou aqui! O que há?

***

Ametista abriu as asas em concha e conseguiu deter-se bruscamente antes de chegar ao casarão branco. O Círculo Vital estava sob ataque! Havia anjos por toda a parte! Os espíritos de lá, seus senhores, estavam fugindo!

***

Claire e Jon disparavam pelo escritório, em busca de documentos, papéis, qualquer coisa e tudo o que pudesse ligá-los a essa miserável ação judicial e tudo a ela vinculado. Negariam a coisa toda, naturalmente. Era tudo o que podiam fazer. Talvez se safassem bem, talvez não — eles não sabiam, não podiam pensar a respeito, mal podiam pensar de forma alguma; estavam apavorados demais.

Haviam recebido o aviso: Lucy estava falando; havia cópias das cartas de Roe em mãos erradas. A tampa estava sendo tirada!

Jon enfiou papéis numa lata de lixo até ela ficar cheia, resmungando raivosamente:

— Eu sabia que devia ter saído disto há muito tempo! Fomos mais longe do que podíamos! — Ele saiu correndo a fim de encontrar outro recipiente.

Claire tinha o telefone apoiado ao ombro. Ela estava falando com a Senhorita Brewer, a professora da quarta série de Amber Brandon.

— Isso mesmo. É melhor você arranjar uma boa explicação para o que aconteceu a Amber. Lucy Brandon deu uma reviravolta e está pondo toda a culpa em você. Ei, não ponha a culpa em *nós!* Você não precisava selecionar aquele currículo; foi inteiramente sua própria escolha, e nada tivemos a ver com ela! Não, nunca ouvi falar de nenhuma Sally Roe; isso é com você, não conosco!

Bateu o telefone no gancho no momento em que Jon ia entrando apressado na sala com uma lata de lixo.

— Jon, e aquele currículo? Pode ser ligado ao Círculo Vital?

Jon encontrou alguns documentos e ergueu-os para que Claire visse.

— Não depois que eu queimar estes aqui!

***

Acima, o enxame dos que sobreviveram à debandada do Círculo Vital viraram as costas e fugiram diante da muralha de anjos. Eles fugiram na direção da escola primária. Ango, o Terrível, estaria lá com todas as suas hordas poderosas! Ele

saberia o que fazer!

***

Goring chegou ao andar de cima e encontrou dois médiuns do grupo matutino de discussão muito agitados.

— Ei, olhem — disse ele — qual é o motivo de toda essa agitação?

— Má energia — disse a advogada. — Não posso explicar, mas toda a energia psíquica por aqui está terrivelmente perturbada!O professor de quinta série fez um gesto de aquiescência com a cabeça, os olhos arregalados de horror.

— Estamos sendo invadidos! Essa é a única palavra em que posso pensar para descrevê-lo!

***

No porão, Sally, Kholl e os outros postavam-se no escuro, escutando a conversa. Sally tentou não se mexer; podia sentir a lâmina de Kholl contra sua garganta.

Goring estava tentando acalmá-los.

— Bem, apenas acalmem-se. Deixem-me encorajá-los a combinar a sua percepção com outros à volta do campus. Talvez todos possamos aprender e nos beneficiar com essa experiência.

— É apavorante! — disse a mulher.

— Estou desorientado — disse o homem.

***

Kholl puxou a cabeça de Sally para trás com tanta força que ela achou que seu pescoço se arrebentaria. Ele soprou-lhe no ouvido:

— Eles estão sentido *você,* moça! Você e o imundo do seu Jesus!

***

A nuvem de espíritos malignos se uniu e fechou-se, espadas prontas, enquanto à volta toda os guerreiros angelicais continuavam a trovejar pelas encostas das montanhas como uma avalanche e rodopiar ao seu redor como um ciclone. O Exército Celestial atacou a nuvem na base, e ela fechou-se para baixo a fim de encher o buraco; ele assaltou o pináculo e ela murchou, sangrando uma chuva de demônios esfolados; ele atirou-se como balas fatais através do centro, e a massa da nuvem começou a afinar. Ele a assolou, golpeou, retalhou em segmentos mais

fracos. A nuvem era espessa, dura e tenaz, mas estava começando a enfraquecer.

Tal retalhou um atacante, cortou quatro outros, rodopiou e chutou outro espírito para o lado, e depois divisou uma lacuna súbita, instantânea no manto demoníaco logo acima do chalé de Goring. Ele fechou as asas acima da cabeça e deixou-se cair por ela.

***

Sally e os outros podiam ouvir que Goring estava tendo um pouco de trabalho com seus médiuns agitados.

— Agora, se me dão licença — disse Goring — tenho uns negócios urgentes dos quais preciso cuidar.

— O que poderia ser mais urgente do que isto? — disse o homem, sua voz chegando perto da escada do porão.— Por favor! — disse Goring, indo atrás dele. — Use a porta da frente! Saiam por onde entraram!

Talvez, somente talvez, aquele homem pudesse ouvi-la. Sally encheu firmemente os pulmões.

— Puxa! — disse a mulher. — O que são todas estas cartas? Correspondência de admiradores?

***

Sally berrou, empurrando o som contra a mão de Kholl com toda a força que seu diafragma conseguiu reunir. O grito atravessou a mão grossa de Kholl como um gemido insignificante, abafado. Ninguém o ouviu.

Kholl tinha a sua desculpa. Enterrou a faca.

— AUUU!

— Kholl! — disse Santinelli. — O que é? Kholl apenas gemeu algo ininteligível.

— Acendam a luz!

— Onde fica o interruptor?

Pragas, esbarrões no escuro, tropeções, batidas, Kholl rosnando, xingando, dando encontrão com coisas, a cadeira de madeira revirando.

***

— O que foi isso? — disse o homem lá em cima.

— Fora! — disse Goring. — Dêem o fora desta casa!

***

Steele encontrou o interruptor.

— Kholl! — disse um dos homens de Kholl.

Kholl estava segurando o peito; sua camisa estava retalhada, vermelha de sangue. Ele havia feito um profundo corte sobre seu próprio tórax.

— Onde está a mulher? — gritou ele, os olhos selvagens de fúria.

***

O Homem Forte e Destruidor ficaram cegos por um instante. Algo os havia atingido. Eles piscaram e entrecerraram os olhos, tentando recobrar-se.

— Onde está a mulher? — uivou o Homem Forte.

Destruidor fitou horrorizado os espíritos do Vidoeiro Quebrado; estavam jogados pelo recinto como se pela explosão de uma bomba, tontos, desorientados. Os auxiliares do Homem Forte olhavam de um lado para outro, mas nada viam.

— Ali — gritou um espírito.

***

A luz do dia feria os olhos de Sally. Ela estava fora, ao ar matinal. Podia ver o jardim das ervas e as pessoas reunidas ali.

Um homem enorme a segurava, seu rosto como bronze, seus cabelos como ouro. Ele a colocou sobre o chão e apontou na direção das montanhas.

— Corra, Sally! CORRA!

Novas forças fluíram por suas pernas, e ela correu.

***

Os demônios atiraram-se contra Tal com abandono suicida, os olhos enlouquecidos pela sede de sangue. Ele disparou, desviou-se, negaceou, aparando-lhes as espadas com a sua, chutando a quem podia, girando, arrojando-se, espetando, mandando-os para trás.

— *IAHAAA!* veio a voz de Guilo atrás dele. Agora Tal tinha certa ajuda. Demônios golpeados começaram a atravessar voando o seu campo de visão, murchos e dissolvendo-se.

Ele podia ver Sally Roe, ainda desimpedida, ainda correndo. *Corra, menina! CORRA!*

43

Sally correu como uma gazela assustada, os pensamentos concentrados naquele portão de entrada, sua velocidade

nunca diminuindo. Ela saltou dentro do jardim de ervas e passou correndo bem ao lado do cantor loiro e seu grupinho.

— Ei, quem é aquela? — perguntou alguém. Então veio a voz de Sybil Denning.

— Ora...! Sally! Sally Roe! Sally, é você?

Sally não olhou para trás, não diminuiu a velocidade; somente continuou a correr, seus longos cabelos voando ao vento atrás de si, os braços balançando vigorosamente, as pernas engolindo a distância. Ela atirou-se para fora do jardim de ervas, atravessou o gramado, desceu uma passagem de pedregulhos, e chegou ao estacionamento principal. Dava para ver o portão principal.

***

Goring estava acabando de conduzir os dois médiuns porta afora apesar de seus protestos, quando outra pessoa chegou correndo, cheia de perguntas.

— Ei, quem era que vimos correndo? O que está acontecendo por aqui? Goring perguntou diretamente:

— Era uma mulher?

— Sim. Nossa, ela parecia apavorada ...— Para que lado ela foi?

— Estamos *todos* apavorados! O que está acontecendo?

— Para que lado ela foi?

— Bem, na direção do portão da frente. Ela estava dando o fora daqui!

— Verificarei o que está acontecendo.

Goring fechou a porta bem na cara deles e gritou para os homens de Kholl.

— Ela está lá fora, dirigindo-se ao portão da frente!

Os quatro desordeiros estavam acabando de trazer Kholl para cima. Goring ficou indignado.

— Não o tragam aqui! Vão pingar sangue no meu tapete!

— Peguem a mulher! — disse o Homem Forte.

Destruidor empurrou e socou os espíritos do Vidoeiro Quebrado em ação.

— Vocês ouviram-no! Peguem a mulher!

***

Kholl ordenou aos seus homens:

— Peguem-na! Tragam-me os pedaços!

Eles arremeteram rumo à porta dos fundos.

***

Ametista era apenas uma numa turba de demônios histéricos que convergiram sobre a Escola de Primeiro Grau de Baskon, mas tampouco ali havia socorro. O Exército Celestial já havia atacado o lugar, e havia demônios espalhando-se do telhado, do pátio, de toda a parte em volta da escola, como marimbondos deixando um enxame incendiado.

Ango, o orgulhoso senhor da escola, estava adejando pelo céu com metade de uma asa faltando, lastimando-se, xingando, cuspindo seu ódio e berrando por ajuda; mas todas as suas hordas o haviam abandonado e fugido. Descontrolado, ele adernou loucamente rumo a um grupo de guerreiros brilhantes, encontrou suas espadas, e explodiu em diversas direções, desvanecendo-se em trilhas de fumaça vermelha.

***

Na diretoria da escola, a Senhorita Brewer estava tendo uma confrontação cara-a-cara com o Sr. Woodard, o diretor da escola.

— De jeito nenhum! — exclamou ela numa voz pouco mais baixa que um berro. — Não sou responsável pela escolha daquele currículo, não importa o que qualquer pessoa diga! O senhor me disse para ensiná-lo! O senhor e aquele bando do Círculo Vital estavam por trás dessa coisa toda, e contarei a quem quiser saber! Não vou assumir a responsabilidade por isto, nem por ninguém! *O senhor* é o diretor! O *senhor* é o responsável!Pode me despedir se quiser, mas não vou pagar o pato por vocês. Está claro?

— Averiguarei a questão — informou o Sr. Woodard, parecendo pálido.

A senhorita Brewer voltou à sua classe. O Sr. Woodard apanhou o telefone e discou para Betty Hanover, a detentora de poder Número Um no conselho escolar.

— Betty? Bruce Woodard. Escute, não sei o que está acontecendo por aqui,

mas quero que você e o resto do conselho escolar estejam bem esclarecidos quanto à minha posição nessas questões. *Não* ficarei com essa coisa na mão, compreendeu? Posso usar de brutalidade se precisar...

***

Os demônios do Círculo Vital e agora os sobrevivente da escola primária voltaram-se e fugiram diante dos anjos que os perseguiam. Terga, o Príncipe de Baskon! Ele controlava o conselho escolar! Certamente *ele* conseguiria deter essa maré e ficar firme contra esse ataque!

Ametista não fugiu depressa, mas ficou indecisa. Onde estava Ango?

Os demônios dispararam para longe, deixando-a para trás. Ela procurou Ango. Onde estava ele?

PICADA! Uma espada angélica apanhou-a debaixo do braço e ela saiu rodopiando, mergulhando na direção da escola. Dirigiu-se ao telhado de pixe preto, chegando mesmo a empurrar-se na direção dele com a força de suas asas. Era um lugar seguro. Ela havia vicejado nessas classes antes. Talvez alguém lá em baixo pudesse ajudá-la, escondê-la...

O telhado preto passou por ela com força, depois as vigas, o material isolante, o teto, a classe cheia de crianças.

PANCADA! Um guerreiro acabou com ela, e ela caiu dissolvendo-se ao chão, um monte fumegante logo atrás da Senhorita Brewer, logo abaixo de um desenho a crayon na parede, um maravilhoso quadro de um pônei roxo alado debaixo de um arco-íris.

***

Sally correu rumo ao enorme portão de pedras. Naquele momento, o portão parecia a entrada do próprio Inferno, mas ela estava *saindo,* estava escapando, estava se libertando! *Vamos, menina, atravesse aquela coisa!*

Os homens de Kholl correram através das sebes e desceram uma passagem obscura na direção da rodovia a fim de interceptá-la. Até então não haviam sido vistos por nenhum dos delegados, mas isso se devia mais à sorte do que à cautela.

***

— A mulher! — gritaram os espíritos, sua atenção desviada da batalha acima de suas cabeças para o vulto que fugia no chão. Aquela desatenção custou a muitos a sua presença neste mundo. Os anjos estavam lá, espadas coruscando, e ninguém pôde deter Sally Roe.

***

Ela chegou ao portão. Não havia nenhuma barreira invisível, nenhum capanga pesadão para detê-la, nenhuma mão suja agarrando-a. Ela passou por ele como um pássaro sai da gaiola. *Oh, Senhor Deus, meu Salvador Jesus, o Senhor me salva? Está correndo comigo agora?*

Ela atravessou a rodovia e meteu-se floresta adentro no outro lado. Primeiro colocaria certa distância atrás de si, depois talvez retornasse à cidadezinha, conseguisse uma carona, saísse caminhando, qualquer coisa. *Apenas fique viva, Sally, apenas fique viva! Continue firme!*

***

Os homens de Kholl viram-na atravessar a rodovia. Eles se espalharam. Os demônios do Vidoeiro Quebrado mantiveram-se perto do chão e os seguiram, espicaçando-os a continuarem, enchendo suas mentes enegrecidas com pensamentos de sangue e assassinato.

***

A nuvem de espíritos começou a mudar de formato. A base principiou a desviar-se para o lado, rastejando encosta acima, espalhando um manto sobre o caminho daquele vulto solitário que fugia.

***

Tal bradou a seus comandantes:

— Mantenham-na coberta, mas deixem que a sigam!

Eles compreenderam e afastaram-se diante do avanço das hordas demoníacas.

O espesso manto sobre o Instituto Summit começou a afastar-se, deixando-o exposto e vulnerável.

***

No que tange aos demônios, o Círculo Vital era uma ruína desolada, a escola primária havia sido tomada pelos anjos, e agora, enquanto as sobras murchas e sangrando dessas duas derrotas fugiam para os lares e os escritórios dos membros do conselho escolar de Baskon, descobriram Terga, seu poderoso príncipe, sozinho, voando em círculos doidos sobre a cidade, berrando de raiva.

— Covardes! — gania ele. — Desertores! Voltem e fiquem firmes!

Os senhores demoníacos sob seu comando não podiam ser vistos de forma alguma, mas haviam fugido diante do avanço da inundação dos exércitos celestiais.

Signa, o oriental, estava bem nos calcanhares de Terga. Terga estava praticamente acabado e logo ficou doido.Mota já havia conduzido um poderoso contingente de guerreiros numa audaz repassada pela casa da presidente do conselho escolar, Betty Hanover, expulsando os demônios que governavam aquela casa e deixando a Sra. Hanover insegura de si, especialmente agora, quando um agente postal federal estava no telefone.

— Estamos tentando seguir a pista de certa informação — dizia ele. — Sabemos que sua escola primária usava um currículo escrito pela mulher em questão, uma tal Sally Beth Roe.

— Umm... bem, nada sei a respeito disso.

— Ficamos sabendo que Sally Roe morava bem na sua área.

— É mesmo? — Betty tentou aparentar surpresa, mas nunca havia sido boa atriz.

— Bem, estamos apenas tentando encontrá-la. Temos que investigar uma queixa.

— Queixa?

— Interferência na correspondência, entre outras coisas.

— Bem... você podia tentar falar com Claire Johanson. — Já falei. Ela me disse que falasse com a senhora.

— Ela... — Betty mordeu os lábios, mas mentalmente amaldiçoou Claire com todas as letras.

— Um momento — pediu o agente. — Tenho o nome do currículo aqui mesmo... Isso... *Descobrindo o Verdadeiro Eu,* Ele lhe faz lembrar alguma coisa?

— O Centro Ômega!

— Como é mesmo?

— O Centro Ômega para Estudos Educacionais em Fairwood, Massachusetts! Foram eles que publicaram este currículo! Eles conheceriam a autora, com certeza. Não sabemos nada sobre a autora. Tudo o que fizemos foi comprar o currículo do Ômega. É com eles que você devia falar. Não sabemos nada.

— Está bem. A senhora tem o telefone deles, o endereço, todas essas coisas boas?

— Um momentinho só.

Ela lhe deu a informação e desligou o aparelho, incapaz de deixar de tremer.

O telefone tocou novamente. Era John Kendall, membro do conselho escolar.

— Betty, estou ligando para avisá-la...

— Tarde demais — lamentou ela.

Jerry Mason, membro do conselho escolar, chamou assim que ela desligou de John Kendall. Ele queria saber o que ela sabia a respeito desse negócio de Sally Roe/ interferência na correspondência/ação judicial/currículo, e que não ela a Sally Roe quem se havia suicidado pouco tempo atrás? Ela queria saber o que ele sabia, ambos queriam saber o que Claire Johanson sabia, e ambos concordaram que nenhum deles sabia muita coisa e que todos queriam saber muito mais, especialmente o que os *agentes federais* sabiam.

***

Os poderes e autoridades demoníacos de Baskon estavam espalhados. Os melhores guerreiros de Terga fugiam para outras bandas a fim de encontrar um novo lar para as suas malfeitorias; Terga, sozinho exceto pelos desertores que se juntaram a ele pelo caminho, rumou para o Centro Ômega. Talvez houvesse tempo para avisar Barquit, o príncipe de Ômega. Talvez Barquit tivesse força para salvá-los e pôr um paradeiro nessa carnificina.

***

Longe de tudo aquilo, na cidade de Westhaven, o Tribunal de Recursos, com todos os envolvidos alheios à confusão espiritual que crescia e se espalhava continuamente para fora de Baskon, se reuniu às duas horas da tarde. Wayne Corrigan e Tom Harris tomaram seus lugares à mesa da defesa, no lado direito do tribunal, enquanto os advogados Ames e Jefferson tomaram seus lugares à esquerda.

— Levantem-se todos — disse o meirinho, e todos se levantaram, e para dentro da sala entraram três juizes de recursos, um homem mais moço, um mais velho, e uma mulher curvada. Eles se sentaram, os três advogados se sentaram, o funcionário e o meirinho se sentaram, e a taquígrafa do tribunal posicionou os dedos sobre as pequeninas teclas.

Tom olhou à volta do tribunal. Afora um repórter que havia aparecido e que parecia um tanto entediado com a tarefa que lhe fora confiada, a galeria estava vazia. Claro. O público estava esperando pelo verdadeiro espetáculo, o julgamento.

— Ah, bem — sussurrou Corrigan — vai ser um dia curto de qualquer forma.

— Nenhuma surpresa de sacudir a terra? — perguntou Tom.

— Para falar a verdade, não estou esperando nenhuma.

O juiz mais velho colocou seus óculos de leitura e consultou os seus papéis.

— Este é o caso de *Brandon contra a Academia do Bom Pastor,* e o acusado está apelando a decisão do tribunal inferior quanto a forçar uma testemunha infantil a ser examinada pelos peritos da defesa e a depor neste caso... Corrigan deu uma olhada de soslaio a Ames e Jefferson. Eles pareciam entediados. Puxa, isso é que era confiança!

***

Em Fairwood, Massachusetts, o Centro Ômega estava em plena atividade, com classes em progresso, tempo agradável no campus, e, por seus padrões, nada estranho ou extraordinário acontecendo. Um bando de jovens adultos continuava seu jogo amistoso de futebol no campo de esportes; na praça Tai Chi, duas dúzias de praticantes moviam-se lentamente através do tempo, espaço e espírito; nas classes, meninada de colegial, adultos, e até mesmo pessoas idosas aprendiam a última versão ocidentalizada do misticismo hindu; e nas salas de meditação, silenciosas e forradas de almofadas, jovens transcendentalistas assistiam com olhos fechados enquanto demônios passavam filmes cósmicos em seus cérebros.

***

Cree e Si, com seus exércitos em posição, estavam prontos e esperando. A qualquer momento ...

***

Barquit, o Príncipe de Ômega, ficou inquieto quando começou a ouvir o zumbido e assobio de asas rasgadas e depois os gemidos e os lamentos angustiados dos espíritos distantes. Ele alçou aos ares e pairou sobre o Prédio da Administração de Ômega, espiando rumo ao oeste até que viu os espíritos de Baskon aproximando-se, berrando com alarme.

Alguma coisa estava acontecendo.

— Tropas!

FUOOOM! Ele cobriu a cabeça, ofuscado pela luz brilhante que explodiu por todos os lados, obliterando as florestas e as montanhas, empalidecendo o azul do céu, fazendo sumir as cores do Centro. Rodopiando no lugar, em pânico, ele desembainhou a espada, mas ela lhe foi tirada da mão antes mesmo que ele visse seu atacante.

Ele fugiu pelo céu, sentindo a luz ardente dos Céus em seus calcanhares.

***

Telefones começaram a tocar em cada quarto do campus, e cada professor, cada líder de grupo, cada facilitador, recebeu o aviso: o jogo de futebol acabara, as aulas estavam canceladas, e qualquer pessoa que estivesse fora numa viagem astral teria de aterrisar. O Sr. Tisen, o chefe do corpo docente de Ômega, havia recebido um telefonema zangado de Betty Hanover, um chamado ameaçador de Claire Johanson, e por último mas não menos importante, um chamado intrometido e intimidador do FBI. Ele estava evacuando o campus, e isso queria dizer todo o mundo.Cree e Si conduziram suas tropas através do campus como uma enchente repentina, disparando através e ao redor de prédios, expulsando demônios dos quartos, perseguindo-os pelos bosques das cercanias, arrancando-os do céu. Os enganadores demoníacos estavam assoberbados e confusos. Ele clamaram por Barquit, o esperto do seu líder, mas ele já se fora havia muito. Pouco tempo tiveram para lamentar isso antes que eles também se fossem.

Barquit olhou somente uma vez para trás, apenas o tempo suficiente para saber que Ômega, o seu império, havia caído.

Ó Homem Forte! Esta é sua derrota!

***

— As aulas estão canceladas — comunicou Tisen pelos alto-falantes. — Todos para os seus dormitórios. Coloquem suas coisas nos ônibus e estejam prontos para rodar!

As aulas terminaram tão abruptamente e os alunos foram mandados para fora com tamanha rapidez que muitos acharam que era treinamento para incêndio, ou mesmo para um ataque aéreo. Alguns ainda estavam colocando seus casacos enquanto saíam apressados; outros, ainda meio hipnotizados, tinham de ser levados pela mão. Os professores estavam apanhando seus casacos, agarrando suas maletas, material extra a ser distribuído, e currículos, apagando as luzes e trancando as salas.

O jogo de futebol foi interrompido, e os jogadores correram de volta a seus dormitórios cheios de perguntas.

Dentro de uma hora, os ônibus começaram a rolar pela entrada que levava à estrada principal, levando embora professores, alunos, o pessoal da manutenção, todos tagarelando e querendo saber o estava ocorrendo.

Somente alguns notaram um sedan simples verde-oliva estacionado na frente do Prédio da Administração. Não fazia muito tempo que ele estava ali.

***

— Sinto muito — lamentou Tisen aos dois agentes federais agora de pé em seu escritório. — Vocês vieram numa época de correria. Estamos acabando de fechar para o intervalo de meados da primavera. Não há quase ninguém aqui agora.

Os dois homens trocaram olhares.

— Intervalo de *meados da primavera?* — perguntou um deles. Tisen sorriu.

— Seguimos um calendário diferente aqui, senhores.

— Daremos uma olhada nele. O outro agente observou:— Vimos os ônibus indo embora. Parecia uma evacuação. Tisen deu um sorrisozinho encabulado.

— Bem, a maioria tem de tomar avião... Os agentes não perderam tempo.

— Conforme lhe perguntei pelo telefone, este aqui e o mesmo Centro Ômega que publicou o currículo *Descobrindo o Verdadeiro Eu?*

— Bem... sim, é.

— Então você deve conhecer a autora, Sally Beth Roe?

— Quer dizer eu, pessoalmente?

— Quero dizer você, pessoalmente ou de qualquer outra forma.

— Bem, claro que conheço o nome...

— Onde podemos entrar em contato com ela?

— Umm... Ora, temo que ela tenha falecido.

— Como sabe isso?

— Bem, eu...

Um agente consultou algumas notas.

— E uma instrutora aqui, uma senhora chamada Sybil Denning? Ainda está no campus?

Tisen meneou a cabeça com um pouco de tristeza.

— Não, temo que ela tenha partido.

— Você tem visto Owen Bennett muitas vezes ultimamente? Tisen pareceu chocado com a pergunta.

— Owen Bennett?

— Ele fazia parte do conselho consultivo do Ômega, certo?

— Isso foi há muito tempo.

— E o diretor deste lugar... umm... Steele?

— Ele não está.

— O *diretor* não está?

— Ele está fora, numa conferência.

— Que conferência, e onde?

— Bem, uhm... Preciso de fato responder a todas essas perguntas?

— Agora talvez, mais tarde com certeza. Faça como quiser. Aqueles sujeitos era intimidantes.

— Ele... ele e outras pessoas do nosso corpo docente estão no Instituto Summit.

Os dois homens fizeram sinal afirmativo de cabeça um ao outro. Aparentemente já tinham ouvido falar daquele lugar.

***

Goring, Steele e Santinelli formavam um grupo fechado perto da grande lareira, tentando formular um plano para aquela emergência. Pouca atenção prestavam a Kholl, ainda sentado no topo da escada do porão, tentando fechar seu corte com gaze, algodão e qualquer outra coisa que encontrasse no estojo de primeiros socorros de Goring. Até então, estava apenas fazendo uma bagunça.

— Você sabe o que ela disse nessas cartas! — exclamou Goring. — Ela não deixou de mencionar nada!

Steele perguntou a Santinelli:

— Que chances teríamos no tribunal?

Santinelli estava sombrio, mas determinado, e falou num resmungo baixo.

— Há muitas variáveis e contingências. Deveríamos inventariar e eliminar quaisquer riscos imediatamente. — Goring e Steele não puderam evitar uma olhadela rápida de soslaio a Kholl. Santinelli pigarreou a fim de corrigi-los. — Qualquer conexão que seja com o caso em Baskon precisa ser erradicada. Posso ligar ao meu escritório para isso. Quanto à evidência material... — Ele disparou uma olhada à mesinha de centro. — Sugiro enfaticamente que queimemos essas cartas!

Kholl fingiu nada ter ouvido.

O telefone tocou. Goring praguejou, mas resolveu atender na cozinha. Ele saiu

do aposento.

— Poder nos lugares certos também será um fator crucial — continuou Santinelli. — Este será um teste de quanto realmente temos.

— Sr. Steele! — chamou Goring. — É o chefe do seu corpo docente, o Sr. Tisen!

Steele fez sinal a Santinelli para que o acompanhasse, e eles se reuniram a Goring na cozinha.

— Parece urgente — sussurrou Goring.

Kholl viu sua oportunidade, e levantou-se com esforço.

***

Um sedan azul, lustroso, encostou no estacionamento, e três homens vestindo terno e gravata saíram, dando uma boa olhada no lugar e parecendo um tanto confusos.

— Eles vão achar que somos loucos — sugeriu um deles.

— Vamos depressa — disse outro. — Quero voltar em tempo de ver o jogo de futebol.

Eles encontraram uma linda mulher loira que acabava de sair do seu Mercedes.

— Com licença, senhora — disse o líder do grupo. — Estamos procurando... umm... — Ele perdeu o fio da meada.

O segundo homem interveio.

— Precisamos falar com o pessoal responsável por este lugar.

— Oh — disse a mulher. — Por que não tentam falar com o Sr. Goring? O chalé dele fica bem daquele lado lá, depois do jardim de ervas, estão vendo?Ela lhes deu apenas algumas outras indicações e depois foi embora. Um dos homens estava pronto para dirigir-se ao chalé, mas os outros dois ficaram olhando fixamente a mulher que se afastava.

— Venham — disse o primeiro — vamos lá.

— Você sabe quem ela era?

— Vamos!

— Era... você sabe, a Como-se-chama, daquele programa da televisão...

***

A queimada de Tal continuava a arder furiosamente.

Bem longe, no campus da Universidade Bentmore, havia muito zunzum sobre o fato de a Faculdade de Educação fechar-se tão de repente. Havia pouca informação. Havia conversas isoladas aqui e ali a respeito da morte repentina do Professor Samuel W. Lynch. Ninguém parecia saber como ele tinha morrido, ou pelos menos ninguém estava disposto a falar sobre o assunto. A única notícia continuamente repetida entre os professores e os alunos era a de que ele fora encontrado morto em sua sala e que a Faculdade de Educação estava suspendendo as aulas indefinidamente. Havia boatos, naturalmente: Lynch podia ter sido assassinado, e podia haver algum tipo de escândalo em ação. Poderia haver uma investigação. Os alunos de jornalismo do *Bentmore Register* estavam com esperança que surgisse uma revelação comprometedora.

***

Corruptor, o inchado demônio Príncipe da Universidade Bentmore, foi destronado enfim, e foi Chimon, o europeu, e seu amigo britânico, Scion, que o rebateram de sua posição como uma bola de praia por cima da cerca. As tropas angelicais haviam feito seu trabalho depressa, e agora demônios desabrigados encontravam-se a flutuar, lamentando-se, a maioria dirigindo-se ao Summit. Logo, desabariam sobre o Homem Forte com todos os outros espíritos despejados e destronados, exigindo salvamento, respostas, lenitivo.

***

Imediatamente, com a batida do telefone no gancho, Goring, Santinelli e Steele saíram correndo da cozinha e voltaram à sala de estar com um objetivo em mente.

Mas um enorme choque os aguardava: a mesinha de centro estava vazia, e nada do Sr. Kholl.

— As cartas! — exclamou Goring.

— Kholl! — gritou Steele.

— Aquele diabo! — praguejou Santinelli, atirando-se porta afora.

44

O coração de Sally martelava e doía em seu peito enquanto ela corria e tropeçava sobre as úmidas folhas pontiagudas de pinheiro e rodelas de neve endurecida, se agarrava e tateava por espinhentos galhos mortos, e tentava com toda a força que rapidamente se esvaia manter-se adiante dos estalidos, dos bufos, do farfalhar e das passadas dos demônios que a perseguiam.

Dois deles estavam diretamente abaixo, mas invisíveis por trás de troncos e do mato cerrado; um terceiro estava à sua esquerda, e ela já o tinha visto duas vezes, tão perto que ela podia ver o demônio em seus olhos. O quarto estava silencioso e invisível a não ser pelo assobio sinistro, intermitente, que permitia aos outros saber onde ele estava.

Estavam chegando mais perto. Ó Senhor Jesus, ajude-me a correr!

***

— Ei, quem é aquele lá? — perguntou um dos três visitantes.

Seus amigos esperavam ver outra celebridade. O que viram foi um homem de cabelos prateados, de terno e gravata, correndo como um louco através do jardim das ervas.

— Caras, estou apenas com uma impressão...

***

Kholl, o peito ainda avermelhado do corte, tinha a maleta de Goring cheia com as cartas de Sally numa das mãos e as chaves do furgão na outra. Ele estava em pé ao lado do furgão, incapaz de encontrar a chave certa para abri-lo. Podia ver a chave da porta, mas ela ficava a cair de seus dedos e balançando da argola do chaveiro.

Guilo estava ao lado dele, dando piparotes nas chaves com a ponta do dedo, fazendo-as dançar, escorregar, revirar, e voltar-se em todas as direções menos na que Kholl queria que fossem.

Tal precipitou-se numa rasante sobre o estacionamento com uma mensagem:

— Eles estão vindo!

— Esplêndido! — exclamou Guilo.

***

Santinelli estava arquejante e quase perdendo os sentidos quando chegou ao

estacionamento, mas a visão de Kholl segurando a maleta de Goring alimentou-lhe a fúria e sua fúria o fez continuar em frente. Ele chegou ao furgão em questão de segundos, apontando seu dedo trêmulo.

— Ficarei... com... elas! — arquejou ele. Kholl sorriu zombeteiro.

— Huh? Está falando *destas?* — Era uma grande piada para ele.Santinelli estava perdendo a aparência de dignidade.

— Seu diabo! Como se atreve a nos trair? Kholl ergueu a mão.

— Ei, quem é que ia trair quem? Somos todos diabos, certo? O senhor mesmo o disse. Estou levando estas como garantia: número um, para garantir que serei pago, e número dois, para garantir que o senhor e eu permaneçamos sempre amigos íntimos, de confiança!

Santinelli estava com mais fúria que juízo, e agarrou a maleta. Kholl não estava disposto a soltá-la.

***

Guilo deixou que continuassem em frente e se atracassem. Estava esperando o momento certo.

— Muito bem. Já bastava.

Com a rebatida de sua mão enorme, ele soltou a maleta. Ela bateu no asfalto, revirou duas vezes, depois escancarou-se, atirando as cartas por toda a parte.

Santinelli, o advogado dignificado, honrado, distinto e muito poderoso, agachou-se a fim da agarrar as cartas, mas o mesmo fez o assassino Kholl, sedento de sangue, endemoninhado, satanista. Eles caíram de joelhos, jogando um contra o outro, empunhando mais depressa, empunhando mais, empurrando, acotovelando, agarrando, rasgando...

Até que chegaram aos pés. Três pares de pés. Sapatos bonitos. Ternos bonitos. Três homens.

Um dos homens estendeu seu distintivo. FBI.

***

Destruidor preparou-se para ouvir, mas dessa vez o Homem Forte não rugiu. Nem mesmo esmurrou Destruidor pelo aposento. Em vez disso, com a derrota nos olhos, ele olhou para cima e por toda a volta, apenas observando seu império ruir.

A nuvem de demônios estava tão esfacelada a essa altura que a luz dos Céus estava recaindo sobre o Instituto Summit em manchas alarmantemente grandes,

transformando a Conferência de Consciência Global em um desastre. Os médiuns não estavam conseguindo fazer nenhuma leitura, as entidades espirituais dos canalizadores não estavam falando, os cartomantes não se lembravam do que suas cartas estavam dizendo, e cada "eu superior" no campus estava almoçando fora e não atendia.

Enquanto isso, a notícia corria pelo campus de que três agentes federais haviam acabado de prender alguém e ainda estavam examinando os arredores. Algo grande estava caindo, e poucos delegados tinham as mentes voltadas para seu próprio potencial oculto e sua divindade, um encorajamento que os demônios podiam ter usado.Tudo isso já era suficientemente inquietante, mas então outros espíritos começaram a chegar de Baskon, do Centro Ômega, da Universidade Bentmore, e de outros centros de poder demoníaco desintegrados pelas ondas espirituais de choque. Um a um, em várias fases de desmembramento e machucadura, eles reviraram adentro do porão do chalé, berrando, arranhando, usando as garras em busca de socorro, respostas, alguém a quem culpar.

Terga, o Príncipe de Baskon, estava murchando lentamente, e apontou ao Homem Forte com a mão que ainda prestava.

— Você trouxe isso sobre nós. Você e o seu Plano ridículo! Corruptor, com apenas metade do tamanho original, rolou pelo chão como um rato manco e proferiu sua acusação.

— Será que construímos nosso império em Bentmore apenas para entregá-lo ao Exército dos Céus?

Barquit mantinha as asas apertadas em torno de si, humilhado pela derrota e agora desarmado.

— Seu Plano! Sempre o *seu* Plano! É por isso que jamais me avisaram de que a mulher viria aqui, *ou* que havia uma emboscada armada contra meu principado?

Então, de toda a volta, das bocas colmilhadas que babavam e cuspiam, veio a grande pergunta:

— Que providência tomou com relação à mulher?

O Homem Forte tinha uma resposta simples para todas as perguntas. Ele apontou Destruidor.

— *Aí* está o seu traidor! Se ele a tivesse matado quando devia, não estaríamos nesta condição hoje! Foi *dele* a idéia de capturar suas cartas, e agora o testemunho dela está *por escrito* e nos derrota! Ele é o autor das perseguições que não a destruíram, mas empurraram-na à Cruz.

A Cruz! Era tudo o que os espíritos precisavam ouvir. Espadas apareceram.

— Você pagará por isto!

Destruidor encontrou seus olhos assassinos com os olhos deles, desembainhou sua espada chamejante, e retalhou o ar com fitas de luz vermelha.

— Então são melhores do que eu? Mostrem-no agora!

Eles se deixaram ficar em seus lugares, cuspindo nele e xingando-o de uma distância segura.

Ele esbravejou contra eles enraivecido.

— Ao Abismo com todos vocês! Eu terminarei o que comecei! O Homem Forte meneou a cabeça.

— Não vai, não, Destruidor. Ela pertence ao Cordeiro. Ele a redimiu de nossas garras!

Destruidor cerrou os dentes e rosnou:

— *Terminarei!*O Homem Forte estendeu as asas à frente de Destruidor.

— Estamos nos retirando, Destruidor, e os capangas de Kholl não irão com você. Sem homens para matar por você, a *mulher* terá poder sobre *você!*

— Ela não sabe disso! — Destruidor apontou a espada bem ao ventre do Homem Forte. — Terminarei o que comecei!

O Homem Forte estudou Destruidor com olhos perscrutadores, e depois deu um passo para o lado. O demônio endoidecido de ódio disparou para fora do chalé.

— Não o veremos mais — disse o Homem Forte. Ele voltou-se para o ajuntamento ferido, esfarrapado.— Príncipes, estamos restringidos! Aguardaremos uma ocasião melhor.

Numa explosão de asas negras, jatos de enxofre e trilhas de fumaça vermelha, o Homem Forte e seus príncipes espalharam-se em todas as direções saindo do Instituto Summit, abandonando-o como um navio que afundava, deixando o clamor e a fumaça se encolherem na distância atrás de si.

***

Sigam a mulher, sigam a mulher, peguem-na! Os espíritos do Vidoeiro Quebrado só pensavam na mulher e mantinham-se perto do chão em perseguição encarniçada, guiando e dando forças aos quatro assassinos que agora caminhavam debatendo-se e agarrando-se pela floresta à procura de sua presa fugitiva.

Lá! Os assassinos descobriram-na, subindo com esforço um íngrime aterro, perdendo as forças, tropeçando, caindo.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Sally; sua camisa estava grudada às costas, ensopada de suor. Ela trepou por sobre umas pedras e depois deixou-se cair no chão, os pulmões arfando. Cada músculo em seu corpo tremia e estremecia; suas pernas e braços já não conseguiam mover-se. Ela não podia ver, não podia pensar; sentiu que estava sonhando.

***

Os demônios pularam nas costas dos assassinos. *Matem-na! Matem-na! Piquem-na em pedacinhos!*

Um som fragoroso fez-se ouvir atrás deles. A floresta estava inundada de luz.

Atrás deles?

Alguns olharam para trás. Berraram, e os outros também olharam para trás.

Eles já não podiam ver o Instituto Summit, seu abrigo, sua fortaleza, tudo o que podiam ver era o Exército Celestial!

Isolados! Presos numa cilada!— Peguem-nos! — ordenou Tal.

Fumaça vermelha.

***

O assassino Número Um desmoronou ao chão, sem poder respirar. Não podia continuar subindo a montanha.

O assassino Número Dois, pouco mais acima na subida, voltou-se ao ouvir o Número Um bater no chão.

— Ei, vamos lá!

O Número Um não respondeu. Apenas queria respirar. O Número Três havia acabado de chegar a uma clareira e podia ver o Instituto. Ele assobiou para os outros.

— Olhem! Parecem os agentes federais lá embaixo! Eles pegaram Kholl! O Número Quatro viu a mulher cair atrás de umas pedras. Ele tomou a

faca na mão. Estava quase lá. Pausou apenas um momento para olhar para trás, e então praguejou. *É* Kholl mesmo!

Dali de cima, o Instituto Summit parecia um modelo de si próprio, com fileiras certinhas de carros de brinquedo alinhados no estacionamento de asfalto e telhados

rústicos de fasquias de madeira aninhados entre as árvores. Kholl não era difícil de reconhecer, cambaleando entre dois homens de terno, com a frente da camisa toda vermelha e as mãos às costas. Aquele sujeito atrás dele tinha de ser Santinelli, sendo empurrado pelo terceiro homem. Não havia sinal de Goring, mas só ver aquilo já era o suficiente.

— Até logo — disse o Número Três, voltando a descer a montanha. O Número Um seguiu-o.

— Vamos à cidade. Roubarei um carro. Houve acordo imediato.

Sally não os ouviu partir. Ela ficou deitada entre as pedras num desmaio total. Os satanistas haviam chegado a apenas um metro e pouco do seu esconderijo antes de voltar.

***

Em Claytonville, o ex-sargento de polícia Haroldo Mulligan trancou a porta da frente da casa do legista Joey Parnell e colocou as chaves da casa de Parnell no bolso. Ele havia apenas passado pela residência de Parnell numa visita de negócios, mas não de negócios da policia. Mulligan estava vestido à paisana, e dirigia seu veículo particular, um Ford meio velho. Ele não se demorou por ali, mas entrou naquele Ford, saiu de ré pela entrada de carro, e afastou-se daquela vizinhança, daquela cidade, e, para todos os fins práticos, da existência. Jamais seria visto de novo.

Dentro de alguns dias, os jornais noticiariam as misteriosas mortes a tiros de Parnell e sua esposa, ambos encontrados mortos na residência Parnell, aparentemente de um pacto mútuo de suicídio. literatura satânica seria encontrada na casa, juntamente com evidência que ligava Parnell a diversos assassinatos não solucionados naquela parte do estado.

***

Sally despertou sobressaltada e ficou rígida. *Não se mova! Eles podem estar perto de você!* Ela sufocou a respiração e permaneceu imóvel, ouvindo.

Não havia som algum exceto o da brisa fria. As sombras estavam mais longas. Era a única maneira pela qual ela podia saber que algum tempo se havia passado. Estava deitada entre umas grandes pedras, as costas no chão. Ergueu a cabeça um tantinho. Estava com frio.

Então sentiu medo. Inflexível. Triturante. Crescente. Como passos atrás de si no escuro, como alguma... alguma *coisa* escondida atrás da próxima curva fechada, como um monstro rastejante, impossível de ser detido, que se aproximava enquanto

ela era incapaz de mover-se.

Ela sussurrou tão baixinho que apenas os lábios formaram as palavras:

— Quem está aí?

OLHOS! Escamas! Negror, poder, enxofre, *ódio!*

Ele postou-se alto diante dela, um pesadelo tornado realidade, uma silhueta preta, muito elevada contra um céu surrealista vermelho-sangue, os olhos amarelos esbugalhados olhando-a maliciosamente, sem jamais piscar, sem jamais vacilar.

Ela sabia que ele estava ali. Não era material, e olhos físicos não o podiam ver, mas ela havia recebido visitações como essa antes, e sabia que era real. Ficou tensa, ergueu-se sobre os cotovelos, elevando o olhar para ele enquanto ele baixava o olhar para ela, o enxofre soprando em mechas sedosas de suas ventas, as presas à mostra enquanto ele ria com deleite diabólico.

Ele falou com ela em sua mente. *Você me conhece.*

Ela conhecia, e agora tinha boa razão para estar aterrorizada. Ela empurrou-se para longe, contorcendo-se para trás, usando as mãos e os cotovelos, muda, tremendo.

As palavras da coisa latejavam-lhe na cabeça. *Você me conhece, Sally Roe, e não escapará!*

A enorme espada vermelha desceu como um cutelo de açougueiro.

***

Tal ouviu o berro de Sally acima da batalha e gritou: — Guilo!

— *IAHHH!* veio a resposta de Guilo enquanto ele arremetia do centro da nuvem desvanescente. Ele também o ouvira.

Lado a lado, com asas totalmente desfraldadas e deixando um rasto luminoso, eles mergulharam como meteoros na montanha, rolaram abruptamente à direita, e então deixaram-se cair dentro da floresta, iluminando os topos das árvores.

***

Sally revirou por cima das pedras e foi rolando pela encosta íngreme, os braços se debatendo, mandando para o alto folhas de pinheiro, terra e pedregulhos. O chão estava banhado de vermelho com a luz daquela enorme espada enquanto a coisa deslizava pela encosta atrás dela, asas abertas como um dossel. Ela podia ouvir seu resfolegar, o ondular de suas asas secas.

Ela parou, detida por uma árvore.

VUUUPT! A espada cortou os ares mais uma vez. Sally desviou-se, foi as trambolhões pela montanha, caiu e rolou novamente.

***

Tal inclinou-se à esquerda, Guilo à direita; eles golpeariam de lados opostos. Tal arremeteu encosta acima, o peito logo acima das pedras e do matagal, depois pôs as asas em concha, estirou os pés para diante à sua frente, e voltou atrás.

Ele podia ver Sally revirando pela encosta com o espírito negro atacando-a como um abutre assassino, a espada vermelha rebrilhando vez após vez. Além do espírito, ele viu Guilo como uma bola de luz aproximando-se à toda. Tal içou a espada para trás, pronto para atacar.

O espírito odioso os viu chegando e ficou firme, pronto para o encontro. Eles vieram sobre ele como dois trens em colisão. Com força incrível, ele os rebateu para o lado. Guilo foi revirando encosta acima, tentado sair de um rodopio, enquanto Tal desceu a montanha como uma bala de canhão, passando através de pinheiros e entre eles, desaparecendo na espessa floresta lá em baixo.

Você é minha, disse o espírito, e terminarei o que comecei!

— Não! — implorou Sally. Era a única palavra que lhe vinha à mente.

ZING! A espada apanhou-a na perna. Ela caiu contra uma árvore e depois ao chão. A espada desceu novamente, passando pertinho do seu ombro.

Luz brilhante! Dois cometas! Guilo, vindo de cima, e Tal, vindo de baixo, chegando de novo!

Guilo golpeou primeiro. O espírito rebateu-o para o lado, mas levou nas costas uma pancada estonteante da espada de Tal e oscilou para diante antes de rodopiar e aparar a espada de Tal com um golpe violento que mandou Tal adejando para dentro da floresta novamente.

Guilo mergulhou e atingiu o pescoço da coisa. Ela deu-lhe uma cotovelada que o mandou a diversos quilômetros de distância.Tal endireitou-se, agarrou com força a espada, e gritou: *Sally Roe! Enfrente-o! Mande-o embora!*

Sally não pareceu ouvir. Estava gritando, tentando colocar-se de pé. A coisa saltou sobre ela, enterrando nela as garras. Ela podia senti-las dilacerando-lhe a carne. Estava engasgando com o hálito fétido. A coisa ergueu a espada de novo.

UUF! Um raio de luz passou por cima, e a coisa caiu para a frente. Guilo volteou num círculo fechado e deu outra passada, e lá vinha Tal, descendo do alto

em linha reta.

O espírito colocou-se de pé e enfrentou-os de cabeça, olhos desvairados, espada pronta. Guilo veio por baixo; a coisa chutou-o para o lado. Tal caiu de cima; ela rebateu-o para dentro dos topos das árvores.

Manifeste-se, Sally! disse Tal.

— Saia da frente — rugiu a coisa. — A mulher *me* pertence!

Dito isso, ele pisoteou com seu pé preto, escamoso, a perna da mulher que fugia, prendendo-o ali.

Tal gritou:

— Ela é *nossa* — e mergulhou em cima do demônio de novo, pelo menos para mantê-lo distraído.

Dessa vez suas espadas se encontraram numa chuva de fagulhas. O choque fez Tal sair rodopiando.

Assuma a autoridade! disse Tal.

Você é minha, Sally Roe! disse o demônio.

— Não! — disse Sally. Ela havia encontrado algumas palavras. — Eu pertenço a Jesus, o Filho de Deus!

Isso mesmo, isso mesmo, isso mesmo! rugiu Guilo, arremetendo através das árvores com fúria incrível.

Seu golpe derrubou o demônio para trás. A coisa brandiu a espada ao redor, mas Guilo tirou o pé bem a tempo e escapou.

Você não pertence a Jesus! berrou o monstro. Ele jamais poderia amá-la!

Sally estava agitada, tateando em busca das palavras certas.

— Jesus me ama! A Bíblia assim o diz! — Um corinho infantil da escola dominical. Era tudo o que ela sabia.

Tal marcou um ponto e mandou o demônio revirando para dentro das árvores.

Sally saiu correndo para salvar a vida, clamando:

— Jesus, ajude-me! Ajude-me!

O demônio recuperou-se e rugiu atrás dela, as asas trovejando. *Você arderá no Inferno comigo! Eu mesmo a arrastarei para lá!* Ele girou a espada para atingi-la, mas não conseguiu alcançá-la.

Ela caiu, retorceu-se, ergueu o olhar para aqueles olhos amarelos.Ele aterrissou sobre ela, fazendo-a estirar-se no chão com os joelhos, prendendo-a.

Seus olhos se encontraram

— Jonas! — berrou ela.

Ele abriu-se em um sorriso amplo, hediondo, as presas pingando, a fronte enrugada com risada maldosa. A espada ergueu-se bem alto sobre a sua cabeça.

— Jonas — disse ela, estendendo a mão aberta na direção da cara retorcida — PARE!

A espada permaneceu acima da cabeça do demônio. Os olhos se estreitaram. *Você é minha!*

Ela ergueu-se sobre um cotovelo. Estava adquirindo nova coragem.

— *Não* sou sua! Pertenço a Jesus! Não... *não, Sally Roe!*

Ela ficou pasmada. A espada oscilou acima da cabeça do demônio. Ele não conseguia abaixá-la. Ela falou novamente.

— Eu pertenço a Jesus agora; ele pagou por meus pecados com o seu sangue, e você já não pode atormentar-me!

Farei o que quiser! Vou matá-la! De repente, o demônio não parecia muito convincente.

— O meu Senhor o derrotou!

Destruidor colocou-se de pé num tropeção, segurando frouxamente a espada, seus olhos perdendo o seu fogo.

— Saia da minha vida, Jonas! Para sempre! Está ouvindo?

BUM! Tal veio com um golpe que fez Destruidor sair rodopiando. O demônio negro endireitou-se e segurou a espada de prontidão. Guilo veio do lado e atacou-o novamente com um choque de lâminas e explosões de luz.

— A mulher *me* pertence! — rugiu Destruidor.

— Ela e *nossa!* — disse Tal.

A voz de Sally veio num berro desesperado, cortando a distancia:

— Eu pertenço a Jesus! Jonas, eu *renuncio* a você! Você não tem direitos sobre mim! Saia da minha vida!

As palavras atingiram Destruidor como setas envenenadas. Então uma

revelação o atingiu como uma salva de artilharia, e Destruidor ficou imóvel, enfrentando seu arquiinimigo, o Capitão do Exército.

— Você *sabia,* Capitão do Exército! Sabia que ela faria isso comigo, *conosco!*

Tal segurou a espada de prontidão, mas respondeu:

— Eu sabia o que você faria com *ela;* que você fora designado para destruí-la.

A boca de Destruidor escancarou-se, e as presas se secaram.

— *Você* a colocou lá, em Baskon?— E você tentou matá-la, como sempre! Destruidor começou a murchar.

— Ela... era *minha,* desde a sua juventude!

— Nossa, do nosso Senhor — disse Tal — desde o ventre de sua mãe.

— Saia da minha vida, Jonas! — bradou Sally. — Jesus o venceu — portanto, dê o fora!

A espada tremeu na mão de Destruidor.

— Ela me tomou o nome!

Com um rugido agoniado e uma última explosão de fúria, o demônio enfraquecido mergulhou sobre Tal, trazendo a espada para baixo num arco flamejante. Tal aparou o golpe, espetou, deixou que ele continuasse vindo. A espada vermelha arqueou pelo lado, veio novamente, cortou os ares. Tal desviou-se, golpeou-a para o lado com força suficiente para desequilibrar o demônio. Então atirou um chute estonteante ao flanco do demônio, sacudindo-o, derrubando-o. O demônio retorceu-se no lugar, atacou-o; Tal revidou aquele ataque desajeitado facilmente, depois abaixou sua própria lâmina num arco fulgurante.

O ar encheu-se de fumaça vermelha. Destruidor gemeu como uma sirene lúgubre, agarrando a abertura em seu lado, flutuando, murchando, sumindo. Ele empurrou-se para trás com um pé, pairando sobre asas erráticas. Tal voltou-se para mais um golpe, mas não seria necessário. Enquanto os olhos do demônio se fixavam sobre ele, vermelhos-rubi, esbugalhados de ódio, as asas silenciaram-se.

Com os lábios moribundos, tateantes, formando uma maldição silenciosa, a coisa caiu para a frente, expirando enxofre, e deslizou para o esquecimento.

A floresta estava subitamente quieta. Agora Tal podia ouvir o choro sufocado de Sally Roe. Ele embainhou a espada.

***

Ela estava ali perto, deitada de bruços na terra, chorando, fisicamente exausta e emocionalmente esgotada. Guilo estava sentado ao seu lado, as asas abertas sobre ela, acariciando-lhe a cabeça e falando-lhe palavras tranquilizantes à alma. Tal aproximou-se em silêncio, ajoelhou-se ao lado deles, e abriu bem as asas ao alto, unindo-as às de Guilo a fim de formar um dossel para manter o mundo fora por algum tempo.

— Mais uma era de restrição — disse ele. — Ela a conseguiu por todos nós. — Ele tocou-lhe a cabeça, agora arranhada e suja, e disse suavemente: *Acabou, Sally. Você venceu.*

No vale abaixo, os sons de batalha continuavam — roncos, guinchos, choques, raios de luz como relâmpagos distantes. Mas eventualmente se acalmariam. O resultado era certo e apenas uma questão de tempo. No momento, eles permaneceram com ela.

45

Em Westhaven, no tribunal quieto e apático, Wayne Corrigan concluía sua réplica aos argumentos de Gordon Jefferson.

— E assim, esperamos que o tribunal tenha o cuidado de proteger o direito constitucional do Sr. Harris ao devido processo e seu direito de defrontar seu acusador. Confirmamos mais uma vez que não temos intenção de prejudicar Amber Brandon ou causar nenhum outro trauma. Apenas desejamos chegar à verdade, e cremos ser esse o mínimo que nosso sistema judicial deva permitir a qualquer acusado. Obrigado.

Ele tomou o seu lugar ao lado de Tom Harris. Tom havia estado olhando para o relógio. Eram quase quatro horas da tarde.

Os três juizes também haviam estado a olhar para o relógio. O do meio, o mais velho, ajuntou seus papeis.

— Obrigado, Sr. Corrigan, e obrigado, Sr. Jefferson e Sr. Ames. Os argumentos foram completos e bem apresentados. O tribunal entrará em recesso por hoje. Teremos uma decisão para os senhores até quinta-feira, depois de amanhã.

BAM! O meirinho bateu o martelo e ordenou:

— Levantem-se todos! — e todos se levantaram, e os juizes saíram. Ames e Jefferson pareciam um pouco sombrios, raivosos mesmo; ao se levantarem, fuzilaram Corrigan e Tom com um olhar cuidadosamente esculpido, e deixaram o tribunal.

— Hum — murmurou Corrigan. — Não achei que me saí tão bem assim.

— Achei que se saiu otimamente — comentou Tom. Corrigan deu de ombros.

— Bem... temos estado orando. Está nas mãos do Senhor. — Ele deu um sorriso amarelo, olhou para o chão, e admitiu: — Mas não sei, Tom. Às vezes ponho-me a pensar se sou apenas uma porcaria de advogado ou se Deus prefere ficar fora dos tribunais. Não tenho tido muitos motivos para me sentir bem ultimamente.

O sorriso de Tom veio lá de dentro.

— Oh, aconteça o que acontecer, não se zomba de Deus. Ele é Senhor, Wayne. Seja como for que ele queira que isto seja resolvido, aceitarei. — Ele deu um tapa nas costas de Corrigan. — Vamos comer alguma coisa.

Corrigan remexeu-se um pouco.

— Espero que tenha algum dinheiro com você.

— Umm... tenho três dólares, eu acho.

— Está bem. Acho que esse tanto eu tenho.

— Iremos ao McDonald's!

***

O lago estava calmo, como um espelho, refletindo as árvores da margem com linhas distintas, sólidas e as cores vívidas da primavera,enquanto logo acima da superfície da água miríades de insetos dançavam ao sol como minúsculas faíscas douradas. O pescador solitário sentava-se em seu barco de alumínio, contente com o silêncio, contente por estar a sós. Ele tinha seus cinquenta e tantos anos, cabelos pretos salpicados de branco e um rosto jovem; usava calças de brim e camisa de flanela, e um chapéu mole de pescador que tinha de ter sido o seu predileto por anos. Os peixes não estavam mordendo muito a isca, mas ele estava tendo a paz que havia ido buscar, e estava satisfeito. No momento, reclinava-se preguiçosamente contra uma almofada do barco, apenas flutuando, relaxando, e não pensando muito.

Lá pelo meio do dia, ele ouviu um ruído e as suaves batidas de remos, e espiou por baixo da aba do chapéu. Sim, vinha vindo alguém na sua direção num pequeno bote de madeira.

Quando o visitante chegou mais perto, o pescador sentou-se ereto. Ele conhecia aquele homem levemente rotundo, de óculos e de chapéu de palha. Não eram exatamente amigos, mas já se haviam cruzado em diversas ocasiões. O que estava ele fazendo ali? Este era supostamente um esconderijo de pescadores.

O visitante olhou por cima do ombro, sorriu, e continuou a remar para aproximar-se, sem dizer palavra alguma.

O pescador teve uma sensação sinistra a respeito desse encontro. Se o visitante não ia falar, então *ele* falaria.

— Jim?

Jim olhou por cima do ombro.

— Ei, Owen. — Com umas últimas pancadas dos remos, ele fez o botezinho encostar ao lado do outro. Owen usou um curto pedaço de corda para unir os dois barcos. — Ah, muito obrigado.

— A que devo esta visita? — perguntou Owen Bennett. — Espero que não

sejam negócios. Estou fora do escritório no momento.

— Oh, achei que este seria um ótimo lugar para termos uma conversinha, só eu e você. — Jim voltou o olhar na direção do balneário. Algumas famílias faziam piquenique perto da margem do lago. — Mas falarei baixinho, Owen. O som está realmente se propagando hoje.

Owen abaixou a voz e falou:

— Então, diga a que veio. Estou muito ocupado fazendo nada hoje e gostaria de voltar a essa atividade.

Jim arrancou do peito um profundo suspiro, descansou os braços sobre os joelhos, e apenas ficou olhando para Owen por um momento.

— Irei direto ao assunto, mas mesmo isso levará algum tempo. Suponho que você tem-se mantido informado a respeito daquele caso em Baskon?

Owen fitou-o com olhar perplexo e depois meneou a cabeça.

— Nunca ouviu falar do lugar?

— Não, sinto muito.— Bem... Eu também nunca tinha ouvido falar dele. Nem queria, exceto que a ACAL iniciou uma ação judiciai lá, e sei que estavam pensando em procurar você a respeito. Eles estavam indo atrás de uma escola cristã novamente, e acharam que tinham todos os seus patos enfileirados, inclusive você.

— Bem, se é um caso que está pendente, obviamente não posso discuti-lo...

Jim ergueu a mão.

— Oh, não, não... não se preocupe com isso. Não precisamos discutir o caso, não senhor. Podemos falar a respeito de outras coisas.

— Está bem.

Jim olhou através do lago, reunindo seus pensamentos. — Podemos falar a respeito de alguns itens pessoais, suponho... como uma sociedade secreta em particular, a Ordem Real e Secreta da Nação? Owen sorriu.

— Ora essa, se eu falasse a respeito dela, não permaneceria secreta, não é mesmo?

Jim assentiu com a cabeça.

— É o que entendi. Sabe, estou abismado em ver quantos dos meus supostos amigos sabem tudo acerca desse bando, menos o que quero descobrir.

— É apenas uma sociedade, Jim. Nada com que se preocupar. Jim não estava

disposto a deixar o assunto passar.

— Ehhhh... você tem de entender, um homem na minha posição fica meio assustado quando homens na sua posição começam a proteger-se mutuamente e manter pequenos segredos entre si. Bem, eu *disse pequenos* segredos, mas não sei de que tamanho eles são, sei?

Owen manteve os lábios firmemente fechados. Essa reunião era de Jim; ele que se incumbisse da conversa. Foi o que Jim fez.

— Ouvi dizer que Carl Santinelli é membro, e *isso* me preocuparia, pelo tanto que o nome dele é mencionado em Washington. Pensar que vocês dois são amigos do peito na mesma sociedade secreta me arrepia um pouquinho os cabelos.

Owen ficou um tanto tenso, e sua voz adquiriu certa aspereza.

— Isso para mim levanta uma pergunta óbvia, embora eu duvide que venha a obter uma resposta: Como foi que descobriu?

— Estive lendo umas cartas, Owen. Uma porção de cartas. — Jim fitou-o diretamente.

— Cartas escritas por Sally Beth Roe.

Acertou em cheio. Jim podia ver uma reação inegável em todo o rosto de Owen. Owen abaixou a cabeça e resmungou:

— Caramba.— Ora, todos nós temos alguns esqueletos nos armários, Owen. Você sabe isso a meu respeito, e sei isso a seu respeito.

Owen não conseguiu conter a curiosidade.

— O quê... Ela escreveu a *você?*

— Oh, não. Escreveu ao diretor daquela escola cristã — acho que para dar-lhe umas informações confidenciais e ajudá-lo.

— Bem... espero que você possa reconhecer a diferença entre a verdade e mentiras vingativas.

— Mmmm... uma das primeiras coisas que ela escreveu foi que não estava morta, e fiquei impressionado com a sua veracidade.

— Jim, acho que você está falando por enigmas!

— Ora, está bem, faça-me parar se já tiver ouvido esta: Sally Roe escreveu toda uma pilha de cartas ao diretor daquela escola, acho que para ajudá-lo. O único problema foi que ele jamais recebeu as cartas porque alguém se intrometeu na

correspondência dos Estados Unidos e surrupiou todas elas. E quem fez isso foi a chefe do correio local, que era também a acusadora na ação judicial, mas ela concordou em cooperar e nos disse aonde mandou todas as cartas. Você nem pode imaginar: o Instituto Summit! Alguns agentes do FBI foram lá e encontraram cada uma das cartas nas mãos de — está pronto para isto? — Carl Santinelli, o próprio Sr. ACAL. Ele está metido em grandes apuros no momento.

— Isso nada tem a ver comigo. Jim ficou um tanto chocado.

— Onde está o velho espírito de equipe, Owen? Achei que vocês dois eram irmãos na sociedade secreta.

— Não quer dizer nada.

— Está bem, está bem, tentaremos não culpar ninguém por associação.

— Eu apreciaria muito.

— Mas apenas para minha informação, todos vocês, sócios da Nação, não têm algum tipo de anel de membro, um anel de ouro esquisito com uma cara feia desenhada em cima dela, e com o seu nome secreto de código dentro?

— Eu não tenho nenhum anel desses.

— Ora, sei que não está com o seu. Sally Roe está com ele. Bem, *estava* com ela. Agora está conosco.

Owen apenas ficou olhando.

— Sim, é o seu mesmo. Verificamos seu nome secreto contra as listas oficiais dos membros da Nação. "Gawaine", não é verdade?

O rosto de Owen era como pedra fria.

— Que jogo está jogando aqui?

— O jogo que todos jogamos, Owen. Sally diz que o aprendeu com você. É por isso que ela guardou o anel todos esses anos. É um ás muito bom para ela jogar, e torna crível a sua história, especialmente visto que outroanel lhe caiu nas mãos, um que pertencia a um seu irmão mais novo na Nação, James Bardine, um advogado noviço metido a importante da firma de Santinelli. O anel de Bardine apareceu no dedo de uma satanista. — Jim acrescentou com um toque apropriado, sinistro. — Uma mulher que foi contratada para matar Sally Roe. — Ele acrescentou depressa: — A assassina deu-se mal. Ela própria foi morta, e agora temos esse anel também.

— Portanto, isso mais ou menos une vocês quatro nessa coisa: você, Carl Santinelli, James Bardine, e aquela senhora satanista.... pode dizer mulher, ou como

a quiser chamar.

Jim tirou o chapéu e enxugou a testa.

— Owen, estou disposto a apostar que você já sabe o resto, toda a ação judicial a respeito de aquela garotinha ter tido algum tipo de colapso psicótico ou de personalidade, e da ACAL culpar a escola cristã apenas para meter o governo pela porta da escola, e... Bem, foi um belo plano, sim senhor. — Jim olhou diretamente para Owen ao fazer seu próximo comentário. — Para proteger esse plano valia a pena matar Sally Roe ... para proteger esse plano valia a pena encobrir o fato de que alguém tentou matar Sally Roe. Para proteger esse plano valia a pena intrometer-se na correspondência e sair caçando Sally Roe por aí.

Owen ocupou-se com sua vara de pescar, e não olhou para cima. — Jim, creio que estou ficando cansado da sua companhia.

— O nenê era seu, não era?

Owen ficou rígido por um momento. Se Jim estava tentando chocá-lo, a tentativa foi bem sucedida. Ele abaixou a mão e começou a desamarrar a corda que unia os dois barcos.

— Acho melhor você ir embora.

Jim colocou sua mão sobre a de Owen a fim de detê-lo.

— Você estava no conselho consultivo do Centro Ômega, e conseguiu-lhe aquela posição no Centro depois que ela se formou em Bentmore. Você passava uma porção de tempo com ela, não é mesmo, todas as vezes que voava até lá para reuniões com Steele e os outros?

— Até que ela teve aquele nenê em vez de abortar. Ora, essa era uma encrenca no meio da sua carreira! Ela podia ter movido uma ação contra você para obter sustento para a criança, exposto a coisa toda ao público, certo? Que jeito melhor de resolver o problema do que removendo o único elo tangente entre vocês dois — e destruir a mulher ao fazer isso?

Owen endireitou-se desafiadoramente.

— Você realmente pretende argumentar que *sou eu* o culpado pelas incríveis ilusões de Sally Roe?

— *Você* acredita nesse negócio de espíritos, não acredita?

— Isso é coisa pessoal minha.

— E naquela época, *ela* acreditava neles — com bastante ajuda sua e daquele

bando lá do Ômega.— Isso nada prova.

— Quem disse que os jornais e a televisão alguma vez precisaram provar algo tão suculento quanto isto? Eles publicarão agora e provarão mais tarde. Você mesmo lhes passou uns petiscos de tempos em tempos, você sabe disso.

— E podíamos passar-lhes outros mais — *você* devia saber *disso!* Jim assentiu com a cabeça.

— É, isso mesmo. Poderíamos tornar a vida bem difícil um para o outro, sem dúvida. — Então ele deu uma risada. — Mas realmente me divirto com o quadro que me vem à cabeça de você ouvindo um caso trazido pelos seus companheiros de irmandade na ACAL, sabendo que eles tentaram proteger seu caso matando uma mulher com quem já teve um caso. Veja se consegue algo melhor que isso, Owen!

Owen Bennett olhou através do lago e pensou por um momento.

— Então, o que quer? Jim sorriu.

— Será que consegui, Owen? Será que realmente tenho uma alavanca para mexer com você?

Owen retorquiu rispidamente:

— O que quer?

— Lembre-se de que o som se propaga. — Jim deteve-se a pensar por um momento. — Owen, acho que tenho sido um Ministro da Justiça bem bom, e acho que poderia fazer um trabalho melhor ainda se certas pessoas pegassem toda a sua influência e a fossem usar em outras partes. Quero tirar essa trela do meu pescoço.

Owen parecia sombrio.

— Não fui eu que a coloquei aí.

— Mas você tem influência com o pessoal que colocou. É um de seus melhores jogadores.

— Não posso traí-los, Jim. Você sabe disso. Jim deu de ombros.

— Bem, suponho que sempre poderia demitir-se.

— Também não posso fazer isso. Jim estava resoluto.

— Estou-lhe dando uma escolha, Owen.

***

Tom Harris agarrou o jornal *Estrela do Condado de Hampton* na varanda da frente da sua casa e voltou para dentro saudado pelo aroma de pãezinhos quentes,

ovos, fritada de batatas, toicinho defumado, uma refeição daquelas.

— O que há de novo? — perguntou Marshall.— Oh, muita coisa — disse Tom, examinando atentamente a primeira página.

Era a manhã de sexta-feira; tinha sido uma semana como nenhuma outra, e o grupo central, os jogadores principais, estavam reunidos na casa de Tom para um grande café da manhã, apenas para estarem juntos: Ben e Bev Cole, Mark e Cathy Howard, Marshall e Kate Hogan, e Tom. Apenas Tom. Se a assistente social Irene Bledsoe tinha ouvido falar de toda essas mudanças, não estava admitindo, e até então não estava atendendo aos chamados de Tom.

Ben perguntou:

— Algum discurso dos rapazes da ACAL a respeito da decisão do tribunal?

— Uma questão meio irrelevante agora, de qualquer maneira — disse Mark. — A ação judicial foi cancelada. Está tudo encerrado de vez.

— Que pena — brincou Tom. — Eu estava com hora marcada para depor na semana que vem. Agora perderei essa experiência maravilhosa.

— Mas ainda não está terminado, pelo menos por enquanto — disse Bev. — Isto é, estamos falando de uma grande investigação aqui. Estamos falando de algumas pessoas irem parar na cadeia!

Marshall sorriu um sorrisinho amarelo e meneou a cabeça.

— Provavelmente não.

— Você está louco?

— Às vezes, fico sem saber... Mark perguntou:

— Ora, as autoridades *irão* examinar isso?

— Meu amigo do FBI, John Harrigan, acha que não. Existem casos e casos. Alguns você investiga, outros, não. Uma coisa como esta... bem, uma embrulhada muito complexa; existe muita coisa relacionada a ela ocorrendo em muitos lugares, e não se pode prender *todo o mundo*.

— Ei, escutem isto — disse Tom. — Aqui está uma declaração de Gordon Jefferson. Tem até uma foto dele aqui, de pé no lado de fora do tribunal...

— Espere — disse Ben. — Quero sentar. Tom leu a declaração do advogado da ACAL.

— Sinceramente lamentamos esta monumental falha da justiça e dos direitos

das crianças em toda a parte. O relógio do progresso foi atrasado severamente por essa decisão. Se o tribunal tivesse decidido em favor da criança, esta ação judicial poderia ter continuado, e poderíamos ter lutado contra o flagelo do fanatismo e da intolerância religiosa contra nossos filhos. A Sra. Brandon deseja que eu expresse seu profundo pesar e seus agradecimentos a todos os que a apoiaram em toda a parte, e seu sonho querido de que a luta por nossos filhos continue. No momento, ela pediu, e concordamos, que a ação seja cancelada, que apanhemos o que sobrou, e que continuemos com nossas vidas da melhor maneira possível.Kate ficou abismada.

— Que monte de *mentiras!*

— Mas que golpe publicitário! — disse Marshall. — Política oficial da ACAL: Não importa o que aconteça, dê uma de herói!

— Deixe-me ver isso — veio uma voz lá da cozinha. Tom entregou o jornal à própria Lucy Brandon quando ela chegou à sala. Ela examinou atentamente a história e apenas meneou a cabeça. — Cancelei aquela ação na terça-feira, *antes* da audiência! — Ela passou o jornal para Ben e disse enraivecida: — Mas eles jamais contarão isso, não é mesmo?

Tom comentou:

— Wayne Corrigan e eu estávamos sem saber porque Ames e Jefferson nos fuzilaram com o olhar. Eles *sabiam* que a ação havia sido cancelada!

— Mas mesmo assim queriam aquela decisão — disse Marshall. — Cada passinho ajuda.

— Bem, para falar a verdade — disse Mark — acho que eles se saíram muito bem. Os juizes passaram umas diretrizes bem restritas.

Ben vasculhou o jornal sombriamente.

— Nada mais a respeito de Joey e Carol Parnell. Bev colocou a mão no ombro de Ben.

— Ben, você acabou de conseguir seu emprego de volta. Não vá sair atrás de outro suicídio falso. Deixe isso para os tiras de Claytonville.

Mas Ben estava obviamente frustrado.

— É que estou achando muito difícil ser paciente com toda essa falta de ação que estou vendo!

— Eu deveria tê-lo avisado sobre essa parte — disse Marshall. — É difícil fazer as autoridades agirem quando o caso é tão vago e inexplicável... e quando as autoridades fazem parte do problema.

Ben passou o jornal para Marshall, ainda furioso.

— Ora, este é policial que vai fazer por merecer o que ganha. Tem de haver uma forma de detê-los!

Marshall examinou rapidamente as primeiras páginas e então sorriu.

— Acho que conseguimos.

— Conseguimos, coisa nenhuma! Não houve investigação, nenhuma prisão, nem mesmo a história verdadeira nos jornais acerca do que de fato aconteceu. Todos nós sabemos o tipo de coisa com que essa gente se está safando!

— Oh... nós os ferimos, Ben. Nós os ferimos. Ganhamos esta rodada. — Marshall passou o jornal para Kate. — E... bem, acho que temos uma boa chance de recuperar os nossos prisioneiros de guerra também.

— Josias e Rute? — perguntou Tom.

Marshall fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Se socar uma toupeira em seu quintal, terá matado a toupeira do quintal do seu vizinho também. Veremos.— E a nossa desaparecida em ação? — perguntou Kate.

— Sally... — disse Marshall. O pensamento era doloroso.

— O que Harrigan disse?

Marshall hesitou um pouco antes de responder a essa pergunta.

— É uma situação difícil. Kholl e sua gente aparentemente estavam no meio de um ritual satânico no porão de Goring quando os agentes federais chegaram lá. Eles precisavam ter tido uma vítima, mas não havia sinal de Sally, e Kholl não está falando. A única coisa que encontraram foram as cartas de Sally. Ela podia ter escapado, ou talvez os satanistas — Kholl e seu bando — a tivessem matado e dado um sumiço no corpo antes que os agentes federais chegassem. Simplesmente não sabemos.

Tom ficou muito sombrio.

— Devemos-lhe tudo. Ela tem de estar viva em algum lugar.

— Vamos estar orando por aquela garota, com toda a certeza — disse Bev.

— E quero vê-la — disse Tom. — Depois de ler todas as suas cartas, sinto-me como se a conhecesse. Não. *De fato* a conheço.

— Uma mulher incrível — disse Kate.

— Era mesmo — disse Marshall.

***

Nos arredores de Claytonville, um pintor de paredes encostou seu furgão amassado e carregado de escadas no acostamento da rodovia e saltou alguém que lhe havia pedido carona.

— Está certa de que não quer que eu a leve mais adiante? Não tem nada aqui por perto.

— Não, obrigada — disse Sally Roe.

Ela ficou ali no acostamento, uma nômade muito cansada, suja, manchada, de calças de brim, jaqueta azul enodoada, e lenço xadrez, vendo o velho furgão afastar-se, fazendo ruído, o escapamento soltando fumaça, as molas curvando-se debaixo de todas as escadas e latas de tinta.

Sentia-se exatamente como o furgão. Seus rosto estava sulcado com os quilômetros, sua alma estava exausta de dor, seu corpo estava contundido e amolgado pelos maus tratos. Mas... ela ainda estava rodando, ainda resfolegando pelo caminho, e pelo menos agora sabia que tinha um bom motivo.

Atravessou a rodovia assim que teve uma chance e meteu-se no mato, seguindo a velha estrada sulcada dos topógrafos que ela havia percorrido na escuridão da noite... Quando tinha sido isso? Parecia que fazia anos. Quase duvidou que fosse a mesma estrada, pois tinha um aspecto muito diferente à luz do dia — convidativa, tranquila, debaixo de um dossel formado pelas folhas frescas, recém-nascidas da primavera, e de forma alguma o inferno horripilante, infestado de demônios que tinha sido na última vez em que ali estivera.

Ela andou certa distância, seguindo a estrada sinuosa pelas subidas e baixadas que a trilha fazia através da espessa floresta, da galharia emaranhada e dos galhos baixos. Não se lembrava de ter sido tão longe assim. Talvez tivesse perdido uma volta em algum lugar. Talvez tivesse escondido aquela caminhonete um pouco bem demais.

Oh! Ali, através dos galhos e das folhas, ela entreviu uma tinta azul conhecida. Bem! Ainda estava ali!

***

Mota e Signa postavam-se perto da velha caminhonete Chevrolet, as mãos nas espadas, olhos alertas, esperando a chegada de Sally. Seus guerreiros haviam guardado de perto aquela máquina desde que Sally a deixara ali. A criançada nas bicicletas sujas, os caminhantes, os que praticavam a equitação, e quaisquer

pretensos vândalos tinham todos passado por ela sem a ver, por isso o veículo permanecia intocado, levemente fechado no meio do mato crescido, mas pronto para rodar.

***

Sally afastou as plantas novas para passar, tirando as chaves do bolso da jaqueta. A porta abriu-se com o conhecido rangido; o cheiro da cabine era o mesmo; ela ainda se lembrava de evitar aquele pequeno rasgo no banco para que ele não ficasse maior. Seu coração dançou um tantinho. Essa velha caminhonete era uma bênção porque era familiar, era sua, era um pedaço de sua casa.

O motor gemeu um pouco, hesitou, girou algumas vezes, e então, com a bombada bem acostumada de Sally no acelerador — algo que tinha de ser feito bem certinho — ele pôs-se a funcionar!

Mota e Signa deram-lhe um empurrão, e com pouca dificuldade, ela fez a caminhonete virar na direção oposta. Os dois guerreiros pularam na rabeira, e puseram-se todos a caminho de Baskon.

46

— Gostaria de saber o verdadeiro motivo pelo qual sou despedida — exigiu Irene Bledsoe.

Sua supervisora era uma mulher idosa com cabelos brancos esticados com força para a parte de trás da cabeça e presos ali como inumeráveis grampos; seus cabelos estavam esticados, sua expressão estava esticada, e devido à obesidade, suas roupas estavam esticadas. Tudo a respeito da mulher estava esticado, especialmente a sua paciência.

— Você conhece a sua ficha de motorista melhor do que eu — disse ela bruscamente, mal erguendo os olhos do serviço sobre a sua escrivaninha. — Tamanha irresponsabilidade na estrada, especialmente quando transportando crianças, é um risco para esta organização e não pode ser tolerado. Bledsoe tentou manter a sua dignidade profissional, mas estava definitivamente indignada.

— Srta. Blaire, tenho aqui em mãos as fichas de motoristas de nada menos do que uma dúzia de outros funcionários do Departamento de Proteção à Criança; tenho até os resultados de alguns testes de aptidão...

— Já vi todos eles, e não quero vê-los novamente.

— Srta. Blaire, você se mete com a pessoa errada!

SLAM! A Srta. Blaire jogou com força os papéis e os lápis sobre a escrivaninha e perfurou a Bledsoe com olhos de frio aço.

— Acabou de *dizer* isso à pessoa errada, Sra. Bledsoe, está-se dirigindo, em essência, ao Estado. Não nos "metemos" com ninguém; estabelecemos a nossa pauta de atividades e julgamos nossos empregados pela eficiência com que as desempenham. A verdade e que você foi considerada um perigo para este departamento, e, como tal, foi despedida.

— É por causa do caso Harris, não é? Esse *é* o verdadeiro motivo? A Srta. Blaire respondeu fria e mecanicamente:

— É por causa da sua ficha de motorista, Sra. Bledsoe. A senhora...

— Eu estava apenas cumprindo as ordens que recebi!

— Simplesmente não se pode confiar na senhora para transportar crianças com segurança, e essa é a última coisa que vou dizer a respeito do assunto. Agora termine seus deveres apropriadamente, ou farei com que deixe de receber seu último

pagamento!

— Não... não pode fazer isso!

A Srta. Blaire apenas deu o seu sorriso frio, calculista. Oh, sim, podia, e Bledsoe sabia.

— Está bem. Está bem. Já limpei a minha escrivaninha e entreguei os meus casos a Julie e Betty. O que falta ainda?

— Levar os filhos de Harris de volta a Baskon.

***

Ed e Mose ainda estavam sentados em seu posto na frente da Barbearia do Max, apenas observando qualquer coisa que passasse diante deles na rodovia Toe Springs-Claytonville.

Ed corria os olhos pelo último exemplar do *Estrela do Condado de Hampton,* assegurando-se de que Mose ficasse a par de tudo, quer Mose estivesse interessado, quer não.

— O Casarão Branco está à venda — avisou ele.

Mose observava uma poça de lama no outro lado da rua e pensava que talvez a Mercearia precisasse de novas calhas.

— Hein?— Eu disse que o Casarão Branco está à venda. Aquele casal que vivia em pecado finalmente decidiu mudar-se.

— O que? Separaram-se?

— É apenas o anúncio de venda da casa, Mose. Não fala nada a respeito disso.

Mose tirou um momento para dar uma cuspida na rua.

— É, provavelmente não diz nada a respeito do sargento Mullingan também. Ele também vivia em pecado, ouvi dizer, ele e aquela supervisora da fabrica de portas.

— Quer dizer um com o outro? — quis saber Ed.

— Os dois se foram, não é? Ambos se mandaram ao mesmo tempo. Alguém os viu juntos. Eu não nasci ontem, Ed.

Ed pensou por um momento.

— Eh... não me importo que se tenham ido. Eram um bando estranho, ele e seus amigos.

— Não era um tira muito bom também. — Jon Schmidt era um tira?

Mose ficou abismado com a burrice de Ed naquele dia.

— Não, amigo, *Mulligan!*

— Bem, alegro-me em vê-lo ir embora também.

— É, e aquele bando do Casarão Branco, estou contente de ver que se foram.

— *Todo o mundo* está indo embora. Parece que a cidade inteira se demite.

— Quem se demite?

Ed entregou o jornal a Mose, e Mose ajustou os óculos.

— Está vendo aqui? Temos... umm... estes três fulanos do conselho escolar, umm, a Sra. Hanover, e John Kendall...

— John Kendall? Aquele teimoso! Quem finalmente o convenceu?

— E olhe aqui: Jerry Mason. Isso dá três. Mose estava pasmado.

— Bem... não foi ontem mesmo que Elvira disse que a escola primária ficou sem a professora de quarta série, a Srta. Beer?

— Brewer.

— Dá na mesma. Ela e aquele tal Woodard se meteram num bate-boca. — Woodard está ficando velho, esse é que é o problema. Ele se aposenta.

— O que foi que disse?

— Ele vai-se aposentar no fim deste mês.

— Ele não parecia tão velho assim.

— Você tem olhado demais no espelho, Mose. Mose empurrou o chapéu para trás.

— Ora essa. Você tem razão. Todo o mundo se demite! Talvez eles saibam alguma coisa que não sabemos! Ei! Ei, espere um minuto!— O quê?

— Ora, vire para a segunda página ali. Olhe aí.

— Bem, dê-me umas asas e me chame de anjo...

— Tem alguma coisa dando a volta por ai, Ed. Alguma coisa dando a volta.

Eles liam uma notícia:

JUIZ DO SUPREMO TRIBUNAL DEIXA O CARGO. Ed inclinou a cabeça

para trás a fim de conseguir ler através de suas lentes bifocais.

— Quem é esse Owen Bennett?

— O último homem no Supremo Tribunal. Não faz muito tempo que foi nomeado.

— "Bennett atribui seu pedido de demissão a problemas de saúde e motivos pessoais." Mas ele parece bem moço, não acha?

— Você também tem estado olhando demais no espelho, Ed.

— Ora essa, pode ser... Mose caiu na risada.

— Ei, sabe de uma coisa, Ed? Talvez a gente também devesse pedir demissão.

Ed pensou a respeito por um momento e replicou com grande seriedade:

— Mose, onde é que o mundo estaria sem a gente aqui para ficar de olho nele?

Então os dois caíram na risada, golpeando-se e cutucando-se mutuamente e divertindo-se para valer; podia-se ouvi-los por diversos quarteirões de distância.

***

Sally continuou dirigindo rumo a Baskon, revirando vez após vez na cabeça como exatamente ela ia apresentar-se diante da Sra. Potter, como que voltando dos mortos, e pedir para continuar alugando a antiga sede do sítio. Isso, naturalmente, dependia de ela conseguir de volta seu emprego na fábrica de portas, e isso provavelmente dependia de eles aceitarem ou não sua desculpa para ter ficado fora tanto tempo sem ter dito nada, e isso levantava toda a questão do que ela ia dizer a todos eles, e isso dependeria de se ela poderia ou não falar sobre o assunto em público durante o decorrer da investigação, mas então, ela não sabia ainda se chegaria a haver uma investigação.

Ela diminuiu a velocidade ao aproximar-se da intersecção que ficava bem no meio dos milharais. Sentiu leve tensão no estômago. Essa era a mesma intersecção na qual aquela mulher Bledsoe quase se chocara contra ela com os filhos de Tom Harris no carro.

De qualquer forma, a primeira coisa era descobrir o que acontecia em Baskon, e como a ação judicial prosseguia, ou se ainda prosseguia. Bernice Krueger devia ter recebido aquela última carta a essa altura, e deve ter mandado todo aquele material a Tom Harris, por isso *alguma coisa* devia estar sendo tramada. Ela não tinha visto nenhum jornal nos últimos dias.

Bem! O que era isso, um tipo de retro-visão? Ela tinha de estar vendo coisas!

Lá estava aquele mesmo carro verde!

***

Irene Bledsoe assegurou-se de parar cuidadosa e seguramente no notório cruzamento que lhe havia custado o emprego. Josias e Rute estavam bem presos com os cintos dessa vez. O cruzamento parecia o mesmo, exceto que o milho estava mais alto. Era quase como tornar a ver algo já visto antes, sentar-se ali esperando por aquela... aquela caminhonete azul... dirigida pela mulher de lenço xadrez na cabeça...!

***

Sally ficou a olhar petrificada. Não podia evitar. Aquela era Irene Bledsoe novamente! E lá estavam os dois filhos de Harris!

***

Da traseira da caminhonete de Sally, Mota e Signa acenaram para seus dois camaradas, Chimon e Scion, que iam em cima do carro verde. Que bom esse encontro ter dado tão certo!

***

Irene hesitou. Ela estava no veículo à direita, por isso devia atravessar a intersecção primeiro, mas simplesmente não conseguia mover-se. Não podia acontecer!

Josias também viu a mulher e ficou maravilhado.

— Ei, olhe! Lá está aquela senhora da caminhonete azul!

— Isso mesmo — disse Rute. — Lembro-me dela!

Então não era alucinação! Irene pressionou o acelerador suavemente e começou a rastejar pelo cruzamento, apenas encarando a mulher.

— Ei — disse Josias, também encarando — ela está chorando.

***

Sally viu o carro verde passar em sua frente e aumentar a velocidade, e então enxugou os olhos.

Senhor, isto veio do Senhor! O Senhor usou isto para me contar!

Agora ela sabia. Esse encontro, essa cena diante dela, disse tudo: Em algum lugar, de alguma forma, as trevas haviam sido trespassadas; estavam desfeitas, caídas, seu poder se fora!

As crianças iam para casa.Bem do alto, Baskon parecia verdadeiramente prazenteira, cálida, convidativa, como a cidadezinha de um modelo de ferrovia, seus telhados marrons, vermelhos e pretos destacando-se contra a verde colcha de retalhos dos campos, e seus silos prateados esticando-se para o céu, brilhando ao sol.

O céu estava limpo, tanto de nuvens quanto de imundície espiritual, banhado com a luz dos Céus, refrescado com preces e louvores ao Criador de tudo aquilo. Era bom voltar, bom ver o lugar tão limpo. Essa era a recompensa da batalha.

Tal e Guilo iniciaram uma descida suave, as asas bem abertas e imóveis a fim de carregá-los preguiçosamente sobre a cidade, passando bem alto sobre a Rua Fronte com seus carros e caminhonetes se encontrando no único cruzamento, acima da Mercearia com sua chaminé fumegante e suas enxadas rotativas expostas na calçada, acima do pequeno agrupamento de casas e garagens no Círculo do Morango, logo acima do topo da grande torre prateada da caixa d' água com a luz vermelha na ponta, cada vez mais baixos sobre alguns pequenos sítios — dali de cima as galinhas pareciam pequeninos triângulos brancos, pretos e vermelhos — e por fim, a nível dos telhados, atravessando a Estrada do Lago e ao topo da casa de Tom Harris.

Eles chegaram sobre o jardim da frente de Tom, deram uma puxada para cima, detiveram-se logo acima do cume do telhado, pousando sobre ele. Podiam ouvir o café da manhã em andamento lá embaixo; muita conversa, muito compartilhamento, muito regozijo. Ótimo. Os outros chegariam a qualquer momento, e então aquela reunião quase feliz lá embaixo estaria completa.

Guilo apontou para o nordeste. Duas faixas de luz estavam descendo rapidamente do céu. Natã e Armoth, acabando de voltar de Ashton!

Outras duas trilhas de luz apareceram no céu ao ocidente; Cree e Si estavam voltando da debandada no Centro Ômega.

Dentro de minutos, Natã e Armoth passaram sobre a casa como duas águias fulgurantes, acenando com as espadas à guisa de saudação. Tal puxou sua espada coruscante e indicou-lhes que pousassem no lado esquerdo do jardim.

Cree e Si caíram perpendicularmente de cima e usaram as asas como conchas a fim de frear o mergulho, assentando como pára-quedistas ao lado da direita do jardim conforme Tal lhes indicava.

Então, esperaram, cada guerreiro em seu lugar.

— Ah, aí vêm eles — disse Tal, olhando pela Estrada do Lago na direção da

cidade.

Era o carro verde, com Chimon e Scion ainda sentados na capota, suas asas arrastando-se como flâmulas cintilantes, tremeluzentes. Eles abanaram as espadas aos companheiros, que devolveram o gesto.

***

Irene Bledsoe foi encostando devagarinho até parar na estrada defronte da casa. Ela estava prestes a estender a mão para trás a fim de ajudar as crianças a soltar os cintos e apanhar suas coisas, mas não foi preciso; Josias e Rute jorraram para fora do carro como crianças saindo da escola e dispararam pela calçadinha da frente sem olhar para trás.

Bledsoe virou o nariz pontiagudo para diante, pisou no acelerador, e deu o fora dali. Chimon e Scion abriram as asas, ergueram-se da capota e deixaram que o carro disparasse de sob eles. Então, pousaram sobre o chão nos dois lados do portão de entrada.

As crianças não bateram para anunciar sua chegada, mas simplesmente abriram de sopetão a porta da frente e explodiram pela casa adentro, suscitando tamanha reação do pessoal que estava ali dentro que Tal e Guilo podiam sentir o barulho através dos pés.

Os guerreiros no jardim podiam enxergar através da porta da frente. Tom estava de joelhos, agarrado aos filhos, chorando de alegria. Seus amigos se reuniam ao redor, tocando-o, tocando as crianças, murmurando preces de gratidão e louvor, perguntando mas não recebendo nenhuma resposta em toda a confusão, e não se importando nem um pouco.

As asas dos anjos se elevaram com suas emoções, chegando ao alto, abrindo-se amplamente, brilhando com o gozo fulgurante que enchia a casa naquele dia. Eles se puseram a adorar.

***

— Podemos ficar em casa agora, paizinho? — perguntou Rute através das lágrimas.

Tom hesitou. Estava com medo de responder. Marshall tocou-o.

— Pode dizer que sim.

Os olhos de Tom brilharam com profundo gozo e certeza.

— *Realmente* vencemos, não foi mesmo?

Marshall indicou os garotos com os olhos. De que outras provas precisavam? Tom disse:

— Podem crer! Jamais vamos ficar separados novamente! Mais abraços. Mais lágrimas.

Um rangido baixinho de breque. Pneus nos pedriscos. Um lampejo azul.

Tom não percebeu, por motivos óbvios, mas Marshall percebeu. Ele olhou através da janela aberta.Não podia ter certeza. Não podia acreditar. Ele se dirigiu à porta enquanto os outros permaneciam em seu pequeno e jubiloso ajuntamento.

Havia uma mulher lá fora, estacionada do outro lado da rua em uma caminhonete azul.

***

Sally tentava manter-se despercebida, tentava não parecer óbvia ao examinar a casa de Tom. Ela escutava, e podia ouvir o regozijo através da porta da frente que estava aberta. Tinha visto Irene Bledsoe indo embora, e tinha visto as crianças correrem para dentro. Estavam todos tendo um reencontro muito maravilhoso lá. Ela não sentiu que pertencia àquele grupo. Não sabia o que fazer.

Mota e Signa pularam da traseira e postaram-se ao lado da cabine, falando-lhe com urgência. *Eles não vão machucá-la, Sally.*

Ei, não se importarão com a sua aparência.

Estou horrível, pensou ela. Estou cheirando mal. E se eles nâo souberem quem sou? E se for a casa errada?

Vamos lá. Eles ficarão contentes em vê-la!

Ela desligou o motor e sentou-se ali por mais uns momentos, apenas olhando fixamente à frente e pensando. Suas mãos tremiam; ela estava tão nervosa que seu estômago doía.

Eles parecem tão felizes lá dentro! Parecem um bando amigável. Tenho de saber o que aconteceu. Podem rejeitar-me, suponho, mas tenho de saber.

Ela abriu a porta da caminhonete e desceu para o acostamento. Caminhou na direção da traseira do veículo; desse angulo podia espiar pela porta da frente e ver o que acontecia lá dentro.

Ora, bolas! Eles também me poderão ver! Acho que aquele grandalhão me viu!

***

Com aquele único, rápido vislumbre, Marshall achou que iria sair voando pelo telhado direto aos Céus! Isso era coisa do Senhor, sem dúvida! Oh, ele faz todas as coisas tão bem!

Ele saiu cuidadosamente à varanda como aproximando-se de um veado tímido, com medo de afugentá-lo.

Tal deixou-se cair na varanda e ficou ao lado dele. *É ela, Marshall. Não a deixe fugir.*

***

Sally apressou-se a voltar à cabine da caminhonete e começou a entrar. Ela ia desistir daquela idéia. Talvez pudesse escrever outra carta para Tom; aquilo era simplesmente desajeitado demais! — Sally!

Imobilizou-se, a mão no trinco da porta, o pé direito no estribo. Ela não sabia se devia ser Sally Roe ou não. Quem era aquele sujeito?

— Sally Roe?

Ela continuou imóvel, apenas olhando fixamente para a frente. *Se eu virar a cabeça, ele saberá. Quem é ele?*

De dentro da casa, ela ouvia as crianças rindo.

— Puxa — dizia o garotinho — minha própria cama de novo! *Estou a salvo? Chega de correr?*

— Obrigada, Jesus — veio a voz de uma mulher negra. — Oh, obrigada, Jesus!

Você está a salvo, Sally.

Ela voltou a cabeça e olhou para o ruivo grandalhão na varanda. Os olhos dele eram meigos.

— Sim — afirmou ela, não muito alto. Tendo dito isso uma vez, ela disse alto o bastante para ele escutar. — Sim! Sou eu!

De repente, havia uma multidão naquela varanda, todos olhando para ela, uma encantadora ruiva, um bonito casal negro, um homem grisalho de aparência bondosa e sua esposa loira, e...

Sally encarou aquele homem tanto quanto ele a encarou. Ela havia visto a foto dele.

Tom também havia visto as fotos dela.

Podia-se cortar o silêncio com uma faca.

Marshall quebrou o silêncio com um convite.

— Sally, Tom Harris — e todos nós — gostaríamos muito de conhecê-la. Não quer entrar?

Ela se descontraiu apenas um pouquinho, mas tentou esconder-se atrás da porta aberta da caminhonete.

— Eu... não estou apresentável... Tom replicou:

— Você está entre amigos!

***

Tal teve de rir. Não estava apresentável! Não era estranho o modo como os seres humanos se viam pelos olhos da carne e não pelos do espírito? Era certo que aquela querida mulher havia passado por lama e sujeira de todo o tipo; estava marcada, exausta, esfarrapada e suja.

Mas aos anjos, ela aparecia da forma como o próprio Deus a via, exatamente como qualquer outro santo remido do Deus vivo: pura, refulgente, limpa, trajando vestes tão brancas quanto a neve.

***

Com um empurrãozinho amoroso de Mota e Signa, Sally atravessou a estrada, uma nômade cansada, vestida de brim, vindo para a casa. Ela passou pelo portão da frente, aproximou-se da varanda, e então, enquanto tanto anjos quanto santos observavam com tremenda reverência, estendeu a mão ao homem sozinho entre seus dois filhos felizes.

— Tom Harris? — Sim.

— Sou Sally Beth Roe.

***

Tal bateu as asas apenas o suficiente para voltar ao telhado, depois acomodou-se ali, sentando-se numa posição confortável, a espada descansando ao seu lado.

Guilo fez a pergunta por todos eles.

— E agora, capitão?

Tal olhou para o grupo que ria e louvava abaixo deles.

— Acho que ficaremos mais um pouco.

Os guerreiros alegraram-se ao ouvir isso, e se aproximaram a fim de ouvir toda aquela maravilhosa conversa, todo o compartilhamento e atualização.

Tal sorriu e meneou a cabeça maravilhado.

— A redenção. Ela jamais deixará de emocionar-me.

FIM